J. R. R. TOLKIEN

CONTOS INACABADOS
De Númenor e da Terra-média

J. R. R. TOLKIEN

CONTOS INACABADOS
De Númenor e da Terra-média

Editado por Christopher Tolkien

TRADUÇÃO
RONALD EDUARD KYRMSE

Membro da Tolkien Society e do grupo lingüístico – Quendili -

Martins Fontes
São Paulo 2002

Nota

Foi necessário distinguir o autor do editor de diferentes maneiras em várias partes deste livro, visto que a incidência de comentários é muito diversificada. O autor aparece em tipo maior nos textos primários em toda parte; quando o editor interfere em algum desses textos, ele aparece em tipo menor, recuado da margem . No entanto, em A história de Galadriel e Celeborn, onde o texto editorial predomina, emprega-se o recuo inverso.

Nos apêndices (e também em O desenrolar posterior da narrativa de "Aldarion e Erendis", tanto o autor quanto o editor estão no tipo menor, e as citações do autor são recuadas.

As notas aos textos dos apêndices são dadas como notas de rodapé, e não como referências numeradas; e a anotação de um texto pelo próprio autor, em algum ponto particular, é indicada em toda parte com as palavras "[Nota do Autor]".

Introdução

Os problemas com que depara alguém que recebe a responsabilidade pelas obras de um autor falecido são difíceis de resolver. Algumas pessoas, nessa posição, podem decidir que não tornarão disponível para publicação nenhum material, exceto talvez as obras que à época da morte do autor se encontravam em estado praticamente acabado. No caso dos escritos inéditos de J. R. R. Tolkien, esse poderia a primeira vista parecer o caminho adequado, uma vez que ele mesmo, peculiarmente crítico e exigente corn sua própria obra, não sonharia permitir que fossem publicadas nem mesmo as narrativas mais completas deste livro sem uma elaboração muito maior.

Por outro lado, a natureza e a amplitude de sua invenção, ao que me parece, colocam até mesmo suas historias abandonadas em posição singular. Para mim estava fora de questão que O Silmarillion permanecesse desconhecido, a despeito de seu estado desordenado, e a despeito das intenções, conhecidas porém em sua maioria irrealizadas, que meu pai tinha de transformá-lo; e nesse caso ousei, após longa hesitação, apresentar a obra não em forma de estudo histórico, um complexo de textos divergentes interligados por comentários, mas sim como entidade completa e coesa. As narrativas deste livro repousam, de fato, sobre uma base totalmente diferente: juntas, não constituem uma unidade, e o livro nada mais é que uma coletânea de escritos, díspares na forma, na intenção, no acabamento e na data de composição (e no tratamento que eu próprio lhes dei), que tratam de Númenor e da Terra-média. Mas o argumento a favor de sua publicação não é de natureza diversa daquele com que justifiquei a publicação do Silmarillion, embora sejam menos fortes. Aqueles que não renunciariam às imagens de Melkor e Ungoliant olhando, do cimo de Hyarmentir, - os campos e as pastagens de Yavanna, dourados abaixo do alto trigo dos deuses; das sombras das hostes de Fingolfin, lançadas pelo primeiro nascer da lua no Ocidente; de Beren, esgueirando-se em forma de lobo sob o trono de Morgoth; ou da luz do Silmaril subitamente revelada na escuridão) da Floresta de Neldoreth - esses descobrirão, creio, que as imperfeições da forma destes contos são de longe compensadas pela voz (agora ouvida pela ultima vez) de Gandalf, provocando o altivo Saruman na reunião do Conselho Branco no ano de 2851, ou descrevendo em Minas Tirith, após o término da Guerra do Anel, como havia enviado os

anões a célebre festa no Bolsão; pelo surgimento de Ulmo, Senhor das Águas, do oceano em Vinyamar; por Mablung de Doriath escondendo-se “como um rato silvestre” sob as ruínas da ponte em Nargothrond; ou pela morte de lsildur ao sair chapinhando da lama do Anduin.

Muitos textos desta coleção são elaborações de assuntos tratados corn maior brevidade, ou pelo menos mencionados, em outos lugares; e deve-se dizer logo que muito do que existe neste livro não será considerado gratif'icante por leitores do Senhor dos Anéis que, afirmando que a estrutura histórica da Terra-média é um meio e não um fim, e o modo da narrativa e não o seu propósito, pouco desejam continuar explorando pela exploração em si, não querem saber como se organizavarn os Cavaleiros da Terra de Rohan, e deixariam os Homens Selvagens da Floresta de Druadan exatamente onde os encontraram. Meu pai certamente não lhes tiraria a razão. Ele disse em uma carta escrita em maio de 1955, antes da publicação do volume 3 do Senhor dos Anéis:

> 'Desejaria agora que não tivesse sido prometido nenhum apêndice! Pois acho que sua publicação em forma truncada e comprimida não satisfará a ninguém: sem dúvida não a mim; certamente, a julgar pelas cartas (em quantidade estarrecedora) que recebo, não àquelas pessoas - espantosamente numerosas - que gostam desse tipo de coisa; enguanto agueles que apreciam o livro apenas como “romance heróico”, e consideram os “panoramas inexplicados” parte do efeito literário, desprezando os apêndices, e farão muito bem.
>
> Agora não tenho muita certeza de que seja realmente boa a tendência de tratar tudo isso como uma espécie de vasto jogo - certamente não para mim, que considero esse tipo de coisa de uma sedução fatal. O fato de tantos clamarem por simples “informações”, ou “tradições”, é, suponho, um tributo ao curioso efeito que tem as histórias, quando se baseiam em elaborações muito detalhadas de geografia, cronologia e língua.'

Em uma carta no ano seguinte, ele escreveu:

> ... enquanto muitos como voce pedem mapas, outros desejam indicações geológicas e não lugares; muitos querem gramáticas, fonologia e espécimes élficos; alguns querem métricas e prosódios .... Os músicos querem rnelodias, e notação musical; os arqueólogos querem cenâmicas e metalurgias; os botânicos querem uma descrição mais precisa do mallorn, de elanor, niphredil, alfirin, mallos e symbelmynê, os historiadores querem mais detalhes sobre a estrutura social e política de Gondor; pesquisadores em geral querem informações sobre os Carroceiros, o Harad, as origens dos anões, os Homens Mortos, os Beomings, e os dois magos faltantes (de um total de cinco).

Mas, qualquer que seja a visão que tenhamos desta questão, para alguns, como eu mesmo, existe um valor maior que a mera descoberta de detalhes curiosos em saber que Veantur, o Numenoriano, conduziu sua nau Entulesse, o “Retorno”, até os Portos Cinzentos com os ventos primaveris do sexingentésimo ano da Segunda Era, que o túmulo de Elendil, o Alto, foi construido por seu filho Isildur no topo da colina do farol de Halifirien, que o Cavaleiro Negro que os hobbits viram no escuridão nevoenta do outro lado da Balsa de Buqueburgo era Khamul, chefe dos Espectros do Anel de Dol Guldur - ou até mesmo que o fato de Tarannon, décimo segundo Rei de Gondor, não ter filhos (fato registrado em um apêndice do Senhor dos Anéis) estava associado aos gatos, até agora totalmente misteriosos, da Rainha Berúthiel.

A construção do livro foi dificil, e resultou um tanto complexa. Todas as narrativas estão “inacabadas”, porém em maior ou menor grau, e em diferentes sentidos da palavra,

e exigiram tratamentos diferentes; mais abaixo direi algo sobre cada uma delas, e aqui apenas destacarei algumas características gerais.

A mais importante é a questão da "consistência", mais bem ilustrada pelo trecho intitulado "A história de Galadriel e Celeborn". Esse é um Conto inacabado no sentido mais amplo: não uma narrativa que se interrompe abruptamente, como "De Tuor e sua chegada a Gondolin", nem uma série de fragmentos, como "Cirion e Eorl", mas sim um fio fundamental na história da Terra-média que nunca recebeu definição conclusiva, muito menos uma forma escrita final. A inclusão das narrativas e dos esboços de narrativa inéditos sobre este tema, portanto, implica imediatamente a aceitação da história não como realidade fixa, como existência independente, que o autor "relata" (em sua persona como tradutor e redator), e sim como uma concepção crescente e cambiante em sua mente. Quando o autor não mais publica ele mesmo as suas obras, tendo-as sujeitado a sua própria crítica e comparação detalhadas, o conhecimento adicional sobre a Terra-média que se pode encontrar em seus textos inéditos muitas vezes conflitará com o que já se "sabe"; e, em tais casos, novos elementos encaixados na estrutura existente tenderão a contribuir menos para a história do mundo inventado em si do que para a história de sua invenção. Neste livro aceitei desde o inicio que assim devia ser; e, exceto detalhes insignificantes, como mudanças de nomenclatura (onde a retenção da forma dos originais geraria despropositada confusão ou um despropositado espaço ocupado pelas explicações), não fiz alterações em prol da consistência com obras publicadas; mas, sim, chamei sempre a atenção para conflitos e variações. Portanto, sob este ponto de vista, os Contos inacabados diferem essencialmente do Silmarillion, onde um objetivo primordial, porém não exclusivo, da edição era obter coesão tanto interna quanta externa; e, a exceção de alguns casos especificados, de fato tratei a forma publicada do Silmarillion como ponto fixo de referência da mesma ordem que as obras publicadas por meu pai, ele próprio, sem considerar as inúmeras decisões "não-autorizadas" entre variantes e versões rivais que influenciaram sua produção.

Em termos de conteúdo o livro é inteiramente narrativo (ou descritivo): exclui todos os escritos sobre a Terra-média e Aman que fossem de natureza essencialmente filosófica ou especulativa, e nos trechos em que tais assuntos surgem, de tanto em tanto, não lhes dediquei mais atenção. Impus uma estrutura simples e conveniente ao dividir os textos em partes que correspondem as primeiras Três Eras do Mundo, o que inevitavelmente gerou alguma sobreposição, como no caso da lenda de Amroth e sua discussão em "A história de Galadriel e Celeborn". A quarta parte é um apêndice, e pode exigir alguma explicação em um livro chamado Contos inacabados, pois os textos que contém são ensaios generalizados e discursivos com poucos elementos de "história" ou nenhum. A seção sobre os Drúedain, de fato, deve sua inclusão original a história de "A pedra fiel", que constitui pequena parte dela; e essa seção levou-me a incluir as que tratam dos Istari e dos Palantíri, pois esses (em especial os primeiros) são temas sobre os quais muitas pessoas expressaram curiosidade, e este livro pareceu um lugar adequado para expor o que há para ser contado.

As notas poderão parecer um tanto excessivas, em alguns trechos, mas ver-se-a que, lá onde estão mais aglomeradas, são devidas menos ao editor que ao autor, que nas suas obras tardias tendia a compor dessa maneira, avançando vários assuntos por meio de notas entrelaçadas. Em toda parte procurei deixar claro o que é editorial e o que não é. E, por causa dessa abundancia de materias originais que constam em notas e apendices, preferi não limitar as referências de páginas do Glossário aos textos propriamente ditos, mas sim abranger todas as partes do livro, exceto a Introdução.

Em toda parte, supus que o leitor tivesse um razoável conhecimento de obras publicadas de meu pai (mais especialmente O Senhor dos Anéis), pois agir de outro modo teria ampliado excessivamente o elemento editorial, que com certeza já seria considerado bem sufciente. No entanto, incluí em quase todos os verbetes principais do Glossário definições curtas, esperando poupar ao leitor as constantes referências a outras obras. Se minhas explicações forem insuficientes ou se tiver sido involuntariamente obscuro, o Complete Guide to Middle-earth de Robert Foster representa, como descobri pelo uso frequente, uma admirável obra de refêrencia.

As referências em O Silmarillion são feitas em geral apenas às páginas; em O Senhor dos Anéis, ao título do volume, livro e capítulo.

Seguem-se notas essencialmente bibliográficas sobre cada um dos textos.

***

PRIMEIRA PARTE

I

De Tuor e sua chegada a Gondolin

Meu pai disse mais de uma vez que “A queda de Gondolin” foi o primeiro conto da Primeira Era a ser composto, e não há evidências que contradigam sua lembrança. Em uma carta de 1964, declarou que o escreveu - 'da minha cabeça' durante uma licença por enfermidade no exército, em 1917”, e em outras ocasiões indicou a data como 1916 ou 1916-17. Em uma carta que me escreveu em 1944, disse: “Comecei a escrever O Silmarillion em barracas de campanha do exército, apinhadas, cheias do barulho dos gramofones”: e de fato alguns versos onde constam os Sete Nomes de Gondolin foram rabiscados atrás de uma folha de papel que estipula “a cadeia de responsabilidades em um batalhão”. 0 manuscrito mais antigo ainda existe, e ocupa dois pequenos cadernos de exercícios escolares; foi escrito rapidamente, a lápis, e depois, em grande parte de sua extensão, foi recoberto com escrita a tinta, e intensamente revisado. Com base nesse texto minha mãe, ao que parece em 1917, fez uma cópia a limpo; mas essa, por sua vez, continuou a ser substancialmente revisada, em época que não consigo determinar, mas provavelmente em 1919-20, quando meu pai estava em Oxford na equipe do Dicionário, então ainda incompleto. Na primavera de 1920, foi convidado a ler um trabalho perante o Essay Club do seu college (Exeter); e leu “A queda de Gondolin”. Ainda sobrevivem as anotações do que pretendia dizer à guisa de introdução no “ensaio”. Nelas, desculpava-se por não ter conseguido produzir um trahalho crítico, e prosseguia: “Portanto tenho de ler algo que já está escrito, e em meu desespero recorri a este Conto. Naturafmente nunca antes viu a luz do dia (...) Um ciclo completo de eventos num Mundo Élfico que eu próprio imaginei vem crescendo (melhor, sendo construído) há algum tempo em minha mente. Alguns dos episódios foram rascunhados (...) Este conto não é o melhor deles, mas é o único que até agora chegou a ser revisado, e que, por insuficiente que seja essa revisão, ouso ler em voz alta.”

A história de Tuor e dos Exilados de Gondolin (como “A queda de Gondolin” está intitulada nos primeiros manuscritos) permaneceu intocada por muitos anos, apesar de meu pai em certa etapa, provavelmente entre 1926 e 1930, ter escrito uma versão curta, comprimida da história, para que fizesse parte do Silmarillion (um título que, aliás, apareceu pela primeira vez em sua carta a The Observer em 20 de fevereiro de 1938); e essa versão foi em seguida alterada para que se harmonizasse com conceitos modificados em outras partes do livro. Muito mais tarde, ele começou a trabalhar em um relato totalmente remodelado, intitulado “De Tuor e da queda de Gondolin”. Parece muito provável que este tenha sido escrito em 1951, quando O Senhor dos Anéis estava acabado, mas sua publicação era duvidosa. Profundamente alterada em estilo e perspectivas, e no entanto mantendo muitos dos pontos essenciais da história escrita em sua juventude, “De Tuor e da queda de Gondolin” teria contado com detalhes precisos toda a lenda que constitui o breve capítulo XXIII do Silmarillion publicado; mas desafortunadamente ele não foi além da chegada de Tuor e Voronwe ao último portão, e da visão que Tuor teve de Gondolin do outro lado da planície de Tumladen. Não há pista sobre as razões que o fizeram abandoná-la nesse ponto.

Esse é o texto que consta aqui. Para evitar confusão renomeei-o “De Tuor e sua Chegada a Gondolin”, pois nada conta sobre a queda da cidade. Como sempre acontece nos escritos de meu pai, há leituras variantes, e em uma curta seção (a aproximação de Tuor e Voronwe ao rio Sirion, e sua passagem por ele) há várias formas concorrentes; portanto foi necessário algum trabalho editorial de pequena monta.

Assim, persiste o fato notável de que o único relato completo que meu pai jamais chegou a escrever sobre a história da estada de Tuor em Gondolin, sua união com Idril Celebrindal, o nascimento de Earendil, a traição de Maeglin, o saque da cidade e a escapada dos fugitivos - uma história que era um elemento central na sua imaginação da Primeira Era - foi a narrativa composta na juventude. Não se discute, no entanto, que essa narrativa (deveras notável) não é adequada para ser incluída neste livro. Está escrita no estilo extremamente arcaico que meu pai usava na época, e inevitavelmente incorpora conceitos desalinhados com o mundo do Senhor dos Anéis e do Silmarillion como foi publicado. Pertence ao restante da fase mais primitiva da mitologia, “a Livro dos cantos perdidos”: obra em si muito substancial, do maximo interesse para quem se ocupa das origens da Terra-média, mas que precisa ser apresentada, se é que pode se-la, em um estudo longo e complexo.

II

O canto dos filhos de Húrin

A evolução da lenda de Turin Turambar é, sob alguns aspectos, a mais emaranhada e complexa dentre todos os elementos narrativos da história da Primeira Era. Como a história de Tuor e da queda de Gondolin, remonta aos verdadeiros primórdios, e existe como uma primitiva narração em prosa (um dos “Contos perdidos”) e como um longo poema inacabado em versos alterativos. No entanto, embora a “versão longa” posterior de Tuor jamais tenha ido muito longe, meu pai chegou muito mais perto de completar a “versão longa” posterior de Turin. Foi chamada Narn i Hín Húrin; e essa é a narrativa apresentada neste livro.

Há, porém, grandes diferenças no decurso do Narn longo, referentes ao grau em que a narrativa se aproxima de uma forma aperfeiçoada ao final. A última seção (desde O Retorno de Turin a Dor-lómin ate A Morte de Turin) sofreu alterações editoriais tão somente marginais; porém a primeira seção (até o firn de Turin em Doriath) exigiu grande esforço de revisão e seleção e, em alguns pontos, uma leve condensação, pois os textos originais eram fragmentários e desconexos. Mas a seção central da narrativa (Turin entre os proscritos, Mim, o anão-pequeno, a terra de Dor-Cúarthol, a morte de Beleg pelas mãos de Turin e a vida de Turin em Nargothrond) constituiu um problema editorial muito mais difícil. Aqui o Narn está menos acabado e, em alguns trechos, reduz-se a esboços de possíveis evoluções da história. Meu pai ainda estava elaborando essa parte quando parou de trabalhar nela; e a versão mais curta para O Silmarillion devia esperar pelo desenvolvimento final do Narn. Ao preparar o texto do Silmarillion para ser publicado, necessariamente tive de derivar boa parte dessa seção da história de Turin a partir desses mesmos materiais, que são de complexidade extraordinária em sua variedade e seus interrelacionamentos.

Para a primeira parte dessa seção central, até o início da estada de Turin na habitação de Mim em Amon Rúdh, construí uma narrativa, de escala comensurável com outras partes do Narn, a partir dos materiais existentes (com uma lacuna); mas desse ponto em diante, até a chegada de Turin a Ivrin após a queda de Nargothrond, não considerei vantajoso tentar o mesmo procedimento. Aí as lacunas do Narn são grandes demais, e só puderam ser preenchidas com o texto publicado do Silmarillion; mas em um Apêndice citei fragmentos isolados dessa parte da narrativa projetada, mais ampla.

Na terceira seção do Narn (começando em O Retorno de Túrin a Dor-lómin), uma comparação com O Silmarillion mostrara muitas correspondências próximas, e até mesmo identidades de expressão; embora na primeira seção haja dois extensos trechos que exclui do presente texto, vista que são variantes próximas de trechos que aparecem em outros lugares e foram incluídos no Silmarillion publicado. Essa sobreposição e interrelação entre uma e outra obra podem ser explicadas de diversos modos, a partir de diversos pontos de vista. Meu pai deleitava-se em recontar em escalas diferentes; mas alguns trechos não exigiam tratamento mais extenso em uma versão mais ampla, e não havia necessidade de reformulá-los por essa razão. Por outro lado, quando tudo ainda estava indefinido, e a organização final das diferentes narrativas ainda estava muito longe, o mesmo trecho podia ser experimentalmente colocado em qualquer delas. Pode-se, porém, encontrar uma explicação em outro nível. Lendas como a de Turin Turambar haviam recebido uma determinada forma poética muito tempo atras - nesse cubo, o Narn i Hîn Húrin do poeta Dírhavel - e frases, ou mesmo trechos inteiros, dessa obra (especialmente em momentos de grande intensidade retórica, como a fala de Turin a sua espada, antes de morrer) seriam preservadas intatas por aqueles que mais tarde fizeram condensações da historia dos Dias Antigos (como me concebe que O Silmarillion seja).

SEGUNDA PARTE

I

Uma descrição de ilha de Númenor

Apesar de serem descritivas, e não narrativas, incluí seleções do relato que meu pai fez sobre Númenor, muito especialmente no que concerne a natureza fisica da ilha, pois esse relato esclarece e acompanha naturalmente a história de Aldarion e Erendis. Certamente esse relato existia por volta de 1965, e provavelmente não foi escrito muito antes dessa época.

Redesenhei o mapa a partir de um pequeno esboço rápido, só que parece o único que. meu pai jamais fez de Númenor. Apenas os nomes ou traços que se encontram no original foram registrados no redesenho. Adicionalmente, o original mostra outro porto na baía de Andúnie, um pouco a oeste da própria Andúnie. O nome é difícil de ler, mas é quase certo que seja Almaida. Ao que eu saiba, esse nome não ocorre em outra parte.

II

Aldarion e Erendis

Essa história foi abandonada no estado menos desenvolvido de todos os textos desta coletânea, e em alguns lugares exigiu um grau de remontagem editorial que me fez duvidar se seria adequado incluí-la. No entanto, seu enorme interesse, por ser a única história (ao contrário dos registros e anais) que sobreviveu das longas eras da Númenor antes da narrativa do seu fim (o Akallabêth), e o fato de ser uma história de conteúdo singular entre os escritos de meu pai persuadiram-me de que seria errado omití-la desta coletânea de Contos inacabados.

Para se dar o devido valor a essa necessidade de tratamento editorial, é necessário explicar que meu pai usou frequentemente, ao compor as narratives, de "esboços de enredo", atentando meticulosamente à datação dos eventos, de modo que esses esboços se parecem um pouco com registros de anais em uma crônica. No caso em questão há não menos de cinco esquemas desse tipo, que variam constantemente na sua plenitude relativa em diferentes pontos, e com frequência estão em desacordo entre si, em geral e nos detalhes. No entanto, tais esquemas sempre tinham a tendência a transformar-se em pura narrativa, especialmente através da introdução de curtos trechos de diálogo; e, no quinto e último esboço para a história de Aldarion e Erendis, o elemento narrativo é tão pronunciado que o texto se estende por cerca de sessenta páginas manuscritas.

Esse movimento, que se afasta de um estilo staccato no tempo presente caracteristico de anais até uma narrativa plena, era no entanto muito gradativo, a medida que progredia a composição do esboço; e nos trechos iniciais da história reescrevi grande parte do material, tentando conferir-lhe um certo grau de homogeneidade estilística em toda sua extensão. Essa reescritura é sempre uma questão de fraseado, e jamais altera o significado nem introduz elementos não-autênticos.

O mais recente "esquema", o texto que segui essencialmente, intitula-se A sombra

da sombra: o Conto da esposa do marinheiro; e o Conto da rainha pastora. O manuscrito termina abruptamente, e não consigo dar uma explicação certa do motivo pelo qual meu pai o abandonou. Um texto datilografado, que chegava até esse ponto, foi completado em janeiro de 1965. Existe também um texto datilografado de duas páginas que julgo ser o útimo de todos esses materiais; trata-se evidentemente do início de algo que deveria se tornar a versão acabada de toda a história, e deriva daí o texto deste livro (onde os esboços de enredo são mais escassos). Chama-se Indis i Kiryamo "A esposa do marinheiro": um conto da antiga Númenóre, que relata o primeiro rumor da Sombra.

Ao final dessa narrativa expus as escassas indicações que é possível dar sobre o curso subsequente da história.

III

A linhagem de Elros: Reis de Númenor

Apesar de ser na forma um registro puramente dinástico, incluí esse texto porque é um documento importante para a história da Segunda Era, e grande parte do material existente acerca dessa Era encontra seu lugar entre os textos e comentários deste livro. É um belo manuscrito no qual as datas dos Reis e das Rainhas de Númenor, e dos seus reinados, foram revisadas extensamente e as vezes de modo obscuro: esforcei-me por dar a formulação mais recente. O texto apresenta alguns enigmas cronológicos de pequena monta, mas também permite esclarecer alguns aparentes erros dos Apêndices do Senhor dos Anéis.

A tabela genealógica das primeiras gerações da Linhagem de Elros provém de diversas tabelas, estreitamente relacionadas entre si, que derivam do mesmo período que a discussão sobre as leis de sucessão em Númenor. Há algumas pequenas variações em nomes de menor importância: assim, Vardilme também aparece como Vardilye, e Yavien corno Yavie. As formas dadas em minha tabela são as que creio serem mais tardias.

IV

A história de Galadriel e Celeborn

Essa seção do livro difere dos demais (exceto as da Quarta Parte) pelo fato de que aqui não há um texto único, e sim um ensaio que incorpora citações. Esse tratamento tornou-se necessário pela natureza dos materiais. Como se esclarece no decorrer do ensaio, uma história de Galadriel só pode ser uma história dos conceitos cambiantes de meu pai, e a natureza "inacabada" do conto não é, nesse caso, a de um determinado texto escrito. Limitei-me a apresentar seus escritos inéditos sobre o assunto, e me abstive de qualquer discussão das questões mais amplas subjacentes ao desenvolvimento; pois isso implicaria levar em consideração todo o relacionamento entre os Valor e os élfos, desde a decisão inicial (descrita no Silmarillion) de convocar os elfos a Valinor, e muitos outros assuntos além desse, acerca dos quais meu pai escreveu muito que escapa ao ambito deste

livro.

A história de Galadriel e Celeborn está tão entretecida com outras lendas e histórias - de Lothlórien e dos élfos silvestres, de Amroth e Nimrodel, de Celebrimbor e da fabricação dos Anéis do Poder, da guerra contra Sauron e da intervenção númenoriana - que não pode ser tratada isoladamente, e portanto essa seção do livro, junto com meus cinco Apêndices, reúne praticamente todos os materiais inéditos sobre a história da Segunda Era na Terra-média (e em alguns lugares a discussão inevitavelmente me estende à Terceira). Está dito no Conto dos Anos que consta do Apendice B do Senhor dos Anéis: "Estes foram os tempos sombrios para os homens da Terra-média, mas os anos de glória de Númenor. Sobre eventos na Terra-média os registros são raros e breves, e as datas são frequentemente duvidosas." Mas mesmo o pouco que sobreviveu dos "tempos sombrios" mudou a medida que crescia e mudava a contemplação de meu pai a esse respeito; e não tentei disfarçar a inconsistência, mas sim exibi-la e chamar a atenção para ela.

Versões divergentes, de fato, nem sempre precisam ser tratadas apenas com o fim de estabelecer a prioridade da composição; e meu pai, como "autor" ou "inventor", nesses casos nem sempre pode ser diferenciado do "registrador" de antigas tradições transmitidas em diversas formas entre diversos povos por longas eras (quando Frodo encontrou Galadriel em Lórien, mais de sessenta séculos se haviam passado desde que ela viera para o leste, atravessando as Montanhas Azuis, vinda da destruição de Beleriand). "A respeito dela contam-se duas histórias, embora somente aqueles Sábios, que agora se foram, pudessem dizer qual é a verdadeira."

Em seus últimos anos meu pai muito escreveu acerca da etimologia dos nomes na Terra-média. Nesses ensaio altamente discursivos estão incluídas muitas histórias e lendas; mas estas, como são subsidiárias ao propósito filológico principal, e por assim dizer apresentadas de passagem, tiveram de ser extraídas. É por esse motivo que essa parte do livro se compõe em larga medida de citações curtas, com mais material da mesma espécie colocado nos Apêndices.

TERCEIRA PARTE

I

O desastre dos Campos de Lís

Essa é uma narrativa "tardia" - com isso nada mais quero dizer, na ausência de alguma indicação de data precisa, senão que pertence ao período final dos escritos de meu pai sobre a Terra-média, juntamente com "Cirion e Eorl", "As batalhas dos Vaus do Isen", "os Drúedain" e os ensaios filológicos cujos excertos aparecem em "A história de Galadriel e Celeborn", e não à época da publicação do Senhor dos Anéis ou aos anos seguintes. Há duas versões: um rascunho datilografado de todo o texto (claramente a primeira etapa da composição) e um texto datilografado cuidadosamente que incorpora muitas alterações e se interrompe no ponto em que Elendur instou com Isildur para que fugisse. Aqui houve pouco a fazer em termos editoriais.

II

Cirion e Eorl e a amizade entre Gondor e Rohan

Julgo que estes fragmentos pertencem ao mesmo período de "O desastre dos campos de Lis", quando meu pai estava vivamente interessado na história antiga de Gondor e Rohan. Sem dúvida estava previsto que fizessem parte de uma história substancial, que desenvolveria com detalhes os relatos sumários apresentados no Apêndice A do Senhor dos Anéis. O material está em estágio primitivo de composição, muito desordenado, cheio de variantes, deteriorando-se em rabiscos apresentados que são em parte ilegíveis.

III

A busca de Erebor

Em uma carta escrita em 1964 meu pai disse:

> Há, é claro, muitos vínculos entre O Hobbit e O Senhor dos Anéis que não estão claramente expostos. Foram em sua maior parte escritos ou esboçados , mas foram cortados para aliviar o barco: como, por exemplo, as viagens exploratórias de Gandalf, suas relações com Aragorn e Gondor; todos os movimentos de Gollum até ele se refugiar em Moria, e assim por diante. De fato, escrevi um relato completo do que realmente aconteceu antes da visita de Gandalf a Bilbo e da subsequente "Festa Inesperada", tal como o próprio Gandalf a viu. Ele deveria ter sido incluído numa conversa retrospectiva em Minas Tirith; mas teve de ser eliminado, e só está representado brevemente, apesar de estarem omitidas as dificuldades que Gandalf teve com Thorin.

Esse relato de Gandalf é apresentado aqui. A complexa situação textual é descrita no Apêndice da narrativa, onde forneci excertos substanciais de uma versão mais antiga.

IV

A caçada ao Anel

Há muitos escritos sobre os eventos do ano 3018 da Terceira Era, que de outro modo são conhecidos através do Conto dos Anos e dos relatos de Gandalf e outros ao Conselho de Elrond; e esses escritos são evidentemente aqueles mencionados como "esboçados" na carta que acabo de citar. Dei-lhes o título de "A Caçada ao Anel". Os manuscritos propriamente ditos, em confusão grande, mas nem por isso excepcional, estão suficientemente descritos; mas a questão da sua data (pois creio que todos, e também os de "Acerca de Gandalf, de Saruman e do Condado", dado como terceiro elemento desta seção, derivam da mesma época) pode ser mencionada aqui. Foram escritos após a publicação do Senhor dos Anéis, pois há referências à paginação do texto

impresso; mas diferem, nas datas que dão a certos eventos, daquelas do Conto dos Anos no Apendice 13. É clara a explicação de que foram escritos após a publicação do primeiro volume, mas antes da do terceiro, que contém os Apêndices.

V

As batalhas dos Vaus do Isen

Esse trecho, juntamente com o relato da organização militar dos Rohirrim e a história de Isengard que são apresentados em um Apêndice do texto, pertence a um grupo de outros escritos tardios de severa análise histórica; apresentou relativamente poucas dificuldades de natureza textual, e está inacabado apenas no sentido mais óbvio.

QUARTA PARTE

I

Os Drúedain

Ao final de sua vida, meu pai revelou muito mais acerca dos Homens Selvagens da Floresta de Drúadan em Anórien e as estátuas dos Homens-Púkel na estrada que subia para o Templo da Colina. O relato aqui apresentado, falando sohre os Drúedain em Beleriand na Primeira Era e contendo a historia de "A Pedra Fiel", foi extraido de um longo ensaio, discursivo e inacabado, que se ocupa principalmente das inter-relações das línguas da Terra-média. Como se verá, os Drúedain deveriam ser incluídos na história das primeiras Eras; mas não há necessariamente vestígio disso no Silmarillion publicado.

II

Os Istari

Logo depois que O Senhor dos Anéis foi aceito para publicação, propôs-se que deveria haver um índice no fim do terceiro volume, e meu pai parece ter começado a trabalhar nele no verão de 1954, após os dois primeiros volumes terem ido ao prelo.

Escreveu sobre o assunto em uma carta de 1956: "Um índice de nomes tinha de ser criado, que por interpretação etimológica também forneceria um vocabulário élfico bastante grande ... Trahalhei nisso durante meses e indexei os dois primeiros volumes (foi a principal causa do atraso do Volume 3), até que se tornou claro que o tamanho e o custo

eram exorbitantes.”

Acabou não havendo índice do Senhor dos Anéis até a segunda edição, de 1966, mas conservou-se o rascunho original de meu pai. Dele derivei o plano de meu glossário para O Silmarillion, com tradição dos nomes, breves textos explicativos e, tanto lá quanto no Glossário deste livro, algumas das traduções bem como o fraseado de algumas das definições. Daí vem também o ensaio sobre os Istari com o qual se inicia essa seção de livro - um verbete atípico do Glossário original em termos de comprimento, apesar de característico do modo como meu pai costumava trabalhar.

Para as outras citações dessa seção, forneci no próprio texto as indicações de data que foi possível dar.

I I I

Os Palantíri

Para a segunda edição do Senhor dos Anéis (1966) meu pai realizou substanciais revisões em um trecho de As Duas Torres, III, XI, “O palantír”, e em alguns outros, relacionados ao mesmo tema, em O Retorno do Rei, V, VII, “A Pira de Denethor”, embora essas revisões somente tenham sido incorporadas ao texto na segunda impressão da edição revisada (1967). Essa seção deste livro deriva-se de escritos sobre os palantíri associados a essa revisão; nada mais fiz que montá-los em um ensaio contínuo.

***

O mapa da Terra-média

Minha primeira intenção era incluir neste livro o mapa que acompanha O Senhor dos Anéis, acrescentando nomes adicionais; mas pareceu-me, após reflexão, que seria melhor copiar meu mapa original e aproveitar a oportunidade para corrigir alguns dos seus defeitos menores (corrigir os maiores estaria além da minha capacidade). Portanto, redesenhei-o com bastante exatidão em uma escala cinquenta por cento maior (isso quer dizer que o novo mapa, tal como foi desenhado, tem dimensões cinquenta por cento maiores que as do mapa antigo em suas dimensões publicadas). A área mostrada é menor, mas os únicos acidentes que se perderam foram Portos de Umbar e o Cabo de Forochel* Assim foi possível empregar letras diferentes, com grande ganho de clareza.

Estão incluídos todos os topônimos mais importantes que ocorrem neste livro, mas não no Senhor dos Anéis, tais como Lond Daer, Drúwaith Iaur, Edhellond, os Meandros, Cinzalin; e alguns outros que poderiam, ou deveriam, ter sido mostrados no mapa original, tais como os rios Harnen e Carnen, Annúminas, Folde Oriental, Folde Ocidental, as Montanhas de Angmar. A inclusão errônea de Rhudaur (apenas) foi corrigida pela adição de Cardolan e Arthedain, e mostrei a pequena ilha de Himling, ao largo da costa extrema noroeste, que aparece em um dos mapas esboçados por meu pai e em meu

próprio primeiro rascunho. Himling era a forma primitiva de Himring (a grande colina sobre a qual Maedhros, filho de Feanor, tinha sua fortaleza em O Silmarillion), e apesar de o fato não estar referido em nenhum lugar fica claro que o topo de Himring erguia-se por sobre as águas que cobriam a Beleriand afundada. A alguma distância a oeste dali havia uma ilha maior chamada Tol Fuin, que deve ser a parte mais alta de Taur-nu-Fuin. Em geral, mas não em todos os casos, preferi o nome em sindarin (caso fosse conhecido), mas usualmente indiquei também o nome traduzido quando esse é usado com frequência. Note-se que "Ermos do Norte", escrito na parte superior do meu mapa original, parece, de fato, ser um equivalente de Forodwaith**.

Julguei desejável desenhar toda a extensão da Grande Estrada que liga Amor a Gondor, embora seu traçado entre Edoras e os Vaus do Isen seja conjetural (assim como a localização precisa de Lond Daer e Edhellond).

Por firn, gostaria de salientar que a conservação exata do estilo e dos detalhes (além da nomenclatura e das letras) do mapa que fiz às pressas 25 anos atrás não representa a crença na excelência de sua concepção ou execução. Há muito tempo lamento que meu pai nunca o tivesse substituido por outro de seu próprio punho. No entanto, as coisas acabaram acontecendo de tal maneira que ele, apesar de todos os defeitos e excentricidades, se tornou "o Mapa", e meu próprio pai passou a usá-lo sempre como base (sem deixar de frequentemente reparar em suas insuficiências). Os vários mapas que esboçou, e dos quais se derivou o meu, fazem agora parte da história da redação do Senhor dos Anéis. Portanto, julguei melhor manter meu desenho original, na medida em que eu próprio contribuí com estes assuntos, pois ao menos representa a estrutura dos conceitos de meu pai com tolerável fidelidade.

C. T.

* Agora tenho poucas dúvidas de que o corpo de água denominado em meu mapa original como "baía de Gelo de Forochel" era de fato apenas uma pequena parte da baía (mencionada no Senhor dos Anéis, Apêndice A, I, iii como "imensa") que se estendia muito além para o nordeste; suas costas norte e oeste eram formadas pelo grande Cabo de Forochel, cuja ponte, sem nome, aparece em meu mapa original. Em um dos esboços de mapas do meu pai o litoral norte da Terra-média é mostrado a estender-se numa grande curva a és-nordeste do Cabo, ficando o seu ponto mais setentrional a cerca de 700 milhas ao norte de Cam Dûm.

**Forodwaith ocorre apenas uma vez em O Senhor dos Anéis (Apêndice A, I, iii), e lá refere-se a antigos habitantes das Terras do Norte, dos quais os Homens das Neves de Forochel eram um remanescente; mas a palavra sindarin (g)waith usava-se tanto para regiões como para os povos que as habitavam (ct.Eneduwaith). Em um dos mapas esboçados por meu pai, Forodwaith parece ser o equivalente explícito de "Ermos do Norte", e em outro está traduzido por "Terra do Norte".

PRIMEIRA PARTE
A Primeira Era

CAPÍTULO I

De Tuor e sua chegada a Gondolin

Rían, esposa de Huor, morava com o povo da Casa de Hador; mas quando chegaram a Dor-lómin rumores das Nirnaeth Arnoediad, e ainda assim ela não recebia notícias do seu senhor, ficou desnorteada e saiu sozinha a vagar nos ermos. Lá teria perecido, não fosse pelos elfos-cinzentos que vieram em seu socorro. Pois havia uma habitação desse povo nas montanhas a oeste do Lago Mithrim; e para lá a conduziram, e lá deu à luz um filho antes do fim do Ano da Lamentação.

E Rían disse aos elfos: - Que se chame Tuor, pois esse nome seu pai escolheu antes que a guerra se colocasse entre nós. E peço-lhes que o criem e que o mantenham oculto a seus cuidados; pois pressinto que um grande bem, para os elfos e para os homens, dele há de vir. Mas preciso partir em busca de Huor, meu senhor.

Então os elfos se apiedaram dela; mas um certo Annael, o único daquele povo que fora à guerra e retornara das Nirnaeth, disse-lhe: - Ai, senhora, sabe-se agora que Huor tombou ao lado de seu irmão Húrin; e jaz, creio eu, no grande monte de mortos que os orcs ergueram no campo da batalha.

Assim, Rían ergueu-se e deixou a morada dos elfos, passou pela terra de Mithrim e finalmente chegou ao Haudh-en-Ndengin no deserto de Anfauglith, e lá se deitou e morreu. Mas os elfos cuidaram do filhinho de Huor, e Tuor cresceu entre eles; e era belo de rosto, e tinha cabelos dourados à maneira da família de seu pai, e se tornou forte, alto e valente; e, sendo criado pelos elfos, não tinha menos saber e habilidade que os príncipes dos edain, antes que a ruína se abatesse sobre o norte.

Com o passar dos anos, porém, a vida do antigo povo de Hithlum, os que ainda permaneciam, elfos ou homens, tornou-se cada vez mais dura e perigosa. Pois, como se relatou em outra parte, Morgoth quebrou os juramentos que fizera aos Orientais que o serviram, negou-lhes as ricas terras de Beleriand que desejavam e expulsou esse povo perverso para Hithlum, com ordens de que lá morassem. E, embora não mais amassem a Morgoth, eles ainda o serviam com temor e odiavam todo o povo dos elfos. Desprezavam o remanescente da Casa de Hador (os velhos, as mulheres e as crianças, em sua maioria), e os oprimiam; casavam-se à força com suas mulheres, tomavam suas terras e seus bens, e escravizavam seus filhos. Os orcs iam e vinham pela terra como queriam, perseguindo os elfos que restavam até os refúgios nas montanhas e levando muitos prisioneiros às minas de Angband, para trabalharem como servos de Morgoth. Annael, pois, conduziu seu minguado povo até as cavernas de Androth, e lá levavam uma vida difícil e vigilante, até que Tuor atingiu a idade de dezesseis anos, tendo-se tornado forte e capaz de empunhar armas, o machado e o arco dos elfos-cinzentos; e seu coração inflamou-se ao ouvir a história dos pesares de seu povo, e ele quis partir para vingá-los atacando os orcs e os Orientais. Mas Annael proibiu-o.

- Creio que muito longe daqui está seu destino, Tuor, filho de Huor - disse. - E esta terra não há de ser libertada da sombra de Morgoth antes que a própria Thangorodrim seja derrubada. Portanto, resolvemos abandoná-la por fim e partir para o sul; e você virá

conosco.

- Mas como havemos de escapar à rede de nossos inimigos? - perguntou Tuor. - Pois a marcha de tanta gente junta certamente será percebida.

- Nossa marcha não atravessará a terra abertamente - disse Annael - e, se tivermos sorte, chegaremos ao caminho secreto que chamamos Annon-in-Gelydh, o Portão dos Noldor; pois foi feito pela habilidade dessa gente, muito tempo atrás, nos dias de Turgon.

Ao ouvir esse nome, Tuor agitou-se, apesar de não saber por que; e questionou Annael a respeito de Turgon. - É um filho de Fingolfin - disse Annael - e agora considerado Rei Supremo dos Noldor, desde a queda de Fingon. Pois vive, ainda, o mais temido dos inimigos de Morgoth, e escapou da ruína das Nirnaeth, quando Húrin de Dor-lómin e Huor, seu pai, defenderiam as passagens de Sirion atrás dele.

- Então irei à busca de Turgon - disse Tuor -, pois não é certo que ele me auxiliará em consideração a meu pai?

- Isso você não pode fazer - disse Annael. - Pois sua fortaleza está oculta dos olhos dos elfos e dos homens, e não sabemos onde ela se encontra. Alguns dentre os noldor, talvez, saibam o caminho para lá, mas não falam sobre isso com ninguém. Porém, se quiser conversar com eles, venha comigo como lhe peço; pois nos distantes portos do sul poderá encontrar errantes vindos do Reino Oculto.

Assim foi que os elfos abandonaram as cavernas de Androth, e Tuor seguiu com eles. Mas seus inimigos vigiavam suas habitações, e logo estavam cientes da marcha. Não haviam os elfos avançado muito, das colinas para a planície, quando foram assaltados por grande número de orcs e Orientais, fugindo em debandada na noite que caía. O coração de Tuor inflamou-se com o fogo da batalha, e não quis fugir, mas menino que era empunhou o machado como seu pai fizera antes, e ele por muito tempo manteve seu posto, matando muitos que o atacaram; mas por fim foi dominado e feito prisioneiro, sendo conduzido à presença de Lorgan, o Oriental. Esse Lorgan era considerado chefe dos Orientais e afirmava ter sob seu jugo Dor-lómin inteira como feudo sob as ordens de Morgoth; e tomou Tuor por escravo. Dura e amarga foi sua vida então; pois aprazia a Lorgan dar a Tuor o tratamento mais cruel por pertencer ele à família dos antigos senhores. E Logan buscava quebrar, se possível, o orgulho da Casa de Hador. Mas Tuor agia com sabedoria, e suportava todas as dores e provocações com paciência vigilante. Assim, após algum tempo sua carga foi reduzida um pouco, e ele pelo menos não passava fome como muitos dos infelizes servos de Lorgan. Pois era forte e hábil, e Lorgan alimentava bem suas bestas de carga enquanto eram jovens e conseguiam trabalhar.

No entanto, após três anos de servidão, Tuor finalmente viu uma chance de escapar. Já havia chegado quase à sua plena estatura, sendo mais alto e mais veloz que qualquer Oriental. E, tendo sido enviado com outros servos a trabalhar na floresta, voltou-se de repente contra os guardas e os matou com um machado antes de fugir para as colinas. Os Orientais o caçaram com cães, mas em vão; pois praticamente todos os sabujos de Lorgan eram seus amigos e o adulavam ao alcançá-lo, voltando depois correndo para casa ao seu comando. Assim ele finalmente voltou às cavernas de Androth e lá viveu sozinho. E durante quatro anos foi um proscrito na terra de seus pais, implacável e solitário; e seu nome era temido, pois costumava sair ao largo e matava muitos dos Orientais com que topava. Então ofereceram um grande prêmio por sua cabeça; mas não ousavam vir a seu esconderijo, mesmo com grande número de homens, pois temiam o povo élfico e evitavam as cavernas onde ele havia morado. Diz-se, porém, que as viagens de Tuor não tinham o propósito de vingança; em verdade buscava ele sempre o Portão dos Noldor, do qual falara Annael. Mas não o encontrava, pois não sabia onde buscá-lo, e os poucos elfos que ainda permaneciam nas montanhas não haviam

ouvido falar dele.

Mas Tuor sabia que, embora ainda favorecido pela sorte, no final os dias de um proscrito estão contados e sempre são poucos e sem esperança. Nem estava ele disposto a viver sempre desse modo, um selvagem nas colinas inóspitas; e seu coração o impelia sempre a grandes feitos. Nisso, diz-se, mostrou-se o poder de Ulmo. Pois ele recolhia notícias de tudo que ocorria em Beleriand, e cada torrente que corria da Terra-média para o Grande Mar era um seu mensageiro, para levar e trazer; e mantinha também a amizade, como outrora, com Círdan e os Armadores nas Fozes do Sirion. E nessa época Ulmo atentava mais do que tudo para os destinos da Casa de Hador, pois em suas profundas deliberações pretendia que desempenhassem um importante papel em seus desígnios para o auxílio aos Exilados; e bem conhecia ele os apuros de Tuor, pois Annael e muitos de seu povo de fato haviam escapado de Dor-lómin e chegado por fim até Círdan no extremo sul.

Assim aconteceu que, certo dia no início do ano (vinte e três desde as Nirnaeth), Tuor estava sentado junto a uma nascente que brotava perto da entrada da caverna onde habitava; e observava no oeste o pôr-do-sol coberto de nuvens. Sentiu então de repente no coração o desejo de não mais esperar, mas de erguer-se e partir. - Deixarei agora a cinzenta terra de minha família que não mais existe - exclamou - e irei à busca de meu destino! Mas para onde me voltarei? Há muito tempo procuro o Portão sem encontrá-lo.

Tomou então a harpa que sempre carregava consigo, pois era hábil em tanger suas cordas, e, sem se importar com o perigo de sua clara voz sozinha nos ermos, entoou uma canção élfica do norte destinada a animar os corações. E, à medida que cantava, a nascente a seus pés começou a borbulhar com grande volume de água, transbordou e um regato passou a descer ruidoso pela encosta rochosa à sua frente. E, considerando que ela era um sinal, Tuor ergueu-se de pronto e a seguiu. Assim desceu das altas colinas de Mithrim e saiu para a planície de Dor-lómin ao norte. E a torrente crescia sempre enquanto ele a seguia para o oeste, até que ao final de três dias ele pôde descortinar no Ocidente as longas cristas cinzentas de Ered Lómin, que naquela região avançavam para o norte e para o sul, cercando as distantes costas das Praias Ocidentais. Em todas as suas viagens Tuor jamais chegara àquelas colinas.

O terreno voltava agora a se tornar mais irregular e pedregoso, à medida que se aproximava das colinas, e logo começou a subir diante dos pés de Tuor, enquanto a torrente seguia por um leito escavado. No entanto, exatamente quando caía o entardecer sombrio no terceiro dia da viagem, Tuor viu diante de si uma parede de rocha, e nela havia uma abertura semelhante a um grande arco; e a torrente por ali entrava e se perdia. Tuor afligiu-se então.

- E assim sou traído pela minha esperança! O sinal nas colinas só me conduziu a um obscuro fim no meio da terra de meus inimigos. - E, em desalento, sentou-se entre os rochedos na alta margem da torrente, vigilante por toda a noite, amarga e sem fogo; pois era ainda o mês de Súlimë, não chegara nenhum sinal da primavera àquela distante terra setentrional, e soprava um ruidoso vento do leste.

Mas, com a própria luz do sol que se avizinhava brilhando pálida nas distantes névoas de Mithrim, Tuor ouviu vozes, e baixando o olhar, espantado, viu dois elfos que vadeavam a água rasa; e, quando subiram por degraus escavados na margem, Tuor pôs-se de pé e os chamou. Imediatamente sacaram as espadas brilhantes e saltaram em direção a ele. Viu então que portavam mantos cinzentos, mas por baixo usavam cotas de malha; e ficou maravilhado, pois eram mais belos e mais ferozes de aparência, em virtude da luz de seus olhos, do que quaisquer outros que já conhecera do povo élfico. Ergueu-se em toda a sua estatura e esperou por eles; porém, quando viram que ele não empunhara arma mas

estava só e os saudava na língua élfica, embainharam as espadas e lhe falaram com cortesia.

- Gelmir e Arminas somos nós, do povo de Finarfin - disse um deles. - Você não é um dos edain de outrora, que moravam nestas terras antes das Nirnaeth? E de fato creio que seja da família de Hador e Húrin; pois assim o declara o ouro de sua cabeça.

- Sim, sou Tuor, filho de Huor, filho de Galdor, filho de Hador; mas agora desejo por fim deixar esta terra onde sou proscrito e sem família.

- Então - disse Gelmir - se quiser escapar e buscar os portos do sul, seus pés já foram dirigidos para o caminho certo.

- Assim pensei - disse Tuor. - Pois segui uma súbita nascente d'água nas colinas, até que se juntasse a esta torrente traiçoeira. Mas agora não sei para onde me voltar, pois ela desapareceu nas trevas.

- Pelas trevas pode-se chegar à luz - disse Gelmir.

- Porém andar-se-á ao sol enquanto for possível - disse Tuor. - Mas, como vocês pertencem a esse povo, digam-me, se puderem, onde fica o Portão dos Noldor. Pois durante muito tempo o busquei, desde que meu pai adotivo Annael, dos elfos-cinzentos, dele me falou.

Riram-se então os elfos.

- Sua busca terminou; pois nós mesmos acabamos de passar por esse Portão. Lá está à sua frente! - e apontaram para o arco aonde fluía a água. - Venha agora! Pelas trevas chegará à luz. Nós lhe mostraremos o caminho, mas não podemos guiá-lo longe; pois fomos enviados de volta às terras de onde fugimos, com missão urgente.

- Mas não tema - disse Gelmir -: um grande destino está escrito sobre sua fronte, e ele o conduzirá para longe destas terras, na verdade para longe da Terra-média, segundo creio.

Tuor então seguiu os noldor, descendo os degraus e vadeando na água fria, até chegarem às sombras do outro lado do arco de pedra. E então Gelmir tirou uma daquelas lanternas pelas quais eram renomados os noldor; pois haviam sido feitas outrora em Valinor, nem o vento nem a água podiam apagá-las e, quando se removia sua capa, emitiam uma clara luz azul, vinda de uma chama aprisionada em cristal branco. Agora, à luz que Gelmir suspendia sobre a cabeça, Tuor viu que o rio começava repentinamente a descer por um suave declive, entrando em um grande túnel, mas ao lado de seu curso escavado na rocha havia longas escadarias, que se estendiam em descida para uma treva profunda fora do alcance do facho da lanterna.

Quando haviam alcançado a base da corredeira, encontravam-se sob uma grande cúpula de pedra, e ali o rio se precipitava em íngreme cascata, com intenso ruído que ecoava na abóbada, para depois mais uma vez passar por um grande arco e entrar em outro túnel. Os noldor se detiveram ao lado da cascata e disseram adeus a Tuor.

- Agora devemos retornar e seguir nossos caminhos a toda a pressa - disse Gelmir -; pois questões de grande perigo estão em avanço em Beleriand.

- Chegou então a hora em que Turgon há de se mostrar? - perguntou Tuor.

Os elfos então olharam para ele com espanto.

- Esse é um assunto que diz respeito aos noldor, e não aos filhos dos homens - disse Arminas. - O que sabe de Turgon?

- Pouco - disse Tuor -; exceto que meu pai o ajudou a escapar das Nirnaeth, e que reside em sua fortaleza oculta a esperança dos noldor. Porém, não sei por quê, seu nome sempre agita meu coração e me vem aos lábios. E, se eu pudesse fazer o que desejo, iria em sua busca, em vez de trilhar este escuro caminho de terror. A não ser que, talvez, esta estrada secreta seja o caminho até sua morada?

- Quem há de dizer? - respondeu o elfo. - Pois, uma vez que a morada de Turgon está escondida, também os caminhos até lá são secretos. Não os conheço, apesar de tê-los buscado por muito tempo. Mas, se os conhecesse, não os revelaria a você, nem a nenhum dentre os homens.

- No entanto - disse Gelmir -, ouvi dizer que sua Casa tem o favor do Senhor das Águas. E, se o conselho dele o conduzir a Turgon, então certamente a ele você há de chegar, não importa para onde se volte. Siga agora a estrada à qual a água o trouxe, desde as colinas, e não tema! Você não há de caminhar nas trevas por muito tempo. Adeus! E não pense que nosso encontro foi por acaso; pois o Habitante das Profundezas ainda movimenta muitas coisas nesta terra. Anar kaluva tielyanna!

Com essas palavras os noldor deram a volta e retornaram, subindo pela longa escadaria; mas Tuor se manteve imóvel, até que a luz de sua lanterna se perdesse, e ficou sozinho em trevas mais profundas que a noite, em meio aos bramidos da cascata. Então, armando-se de coragem, encostou a mão esquerda na parede de pedra, e avançou tateando, devagar no começo, e depois mais depressa, à medida que se acostumava mais à escuridão e nada encontrava que o impedisse. E depois de muito tempo, conforme lhe pareceu, sentindo-se exausto e no entanto sem querer descansar no negro túnel, enxergou uma luz longínqua à sua frente. Apressando-se chegou a uma fenda alta e estreita e seguiu a ruidosa torrente entre as paredes inclinadas, saindo para um entardecer dourado. Pois havia chegado a uma profunda ravina com paredes altas e escarpadas, que se estendia em linha reta para oeste; e diante dele o sol poente, descendo por um céu límpido, iluminava a ravina e inflamava suas paredes com um fogo amarelo, e as águas do rio reluziam como ouro, quebrando e espumando sobre muitas pedras brilhantes.

Naquele lugar profundo Tuor foi avançando, maravilhado e com grande esperança, tendo encontrado uma trilha por baixo da parede meridional, onde havia uma praia longa e estreita. E, quando chegou a noite e o rio prosseguiu invisível, a não ser por um brilho de altas estrelas refletidas em poças escuras, ele descansou e dormiu; pois não sentia medo ao lado daquela água onde corria o poder de Ulmo.

Ao chegar o dia, voltou a avançar sem pressa. O sol erguia-se às suas costas e se punha diante do seu rosto; e lá onde a água espumava entre os rochedos ou se precipitava em súbitas cascatas, pela manhã e ao entardecer teciam-se arco-íris de um lado a outro da torrente. Por esse motivo, chamou aquela ravina de Cirith Ninniach.

Assim Tuor viajou lentamente por três dias, bebendo a água fria, mas sem desejar comida, embora houvesse muitos peixes que brilhavam como ouro e prata, ou reluziam com cores semelhantes às dos arco-íris na névoa acima. E no quarto dia o canal tornou-se mais largo, e suas paredes mais baixas e menos íngremes; mas o rio corria mais profundo e caudaloso, pois agora altas colinas o acompanhavam de ambos os lados, e delas se derramavam águas frescas no Cirith Ninniach em cascatas cintilantes. Ali Tuor sentou-se por muito tempo, observando a turbulência da torrente e escutando sua voz infindável, até que voltou a noite e as estrelas brilharam frias e brancas na escura faixa de céu lá no alto.

Então ele ergueu a voz e tangeu as cordas de sua harpa. E mais alto que o ruído da água o som de sua canção e os doces acordes da harpa ecoavam na pedra e se multiplicavam, saindo a soar nas colinas envoltas no manto da noite, até que toda a região deserta se encontrou repleta de música sob as estrelas. Pois, apesar de não sabê-lo, Tuor havia chegado às Montanhas Ressoantes de Lammoth em torno do Estuário de Drengist. Lá, certa vez no passado distante, Fëanor aportara vindo do mar, e as vozes de seu povo cresceram em poderoso clamor nas costas do norte, antes que a Lua se erguesse.

Com isso Tuor encheu-se de espanto e interrompeu a canção. E aos poucos a música morreu nas colinas, e se fez silêncio. Então, em meio ao silêncio, ele ouviu no ar

lá no alto um estranho grito; e não sabia de que criatura provinha tal grito. Ora dizia: - É a voz de um espírito - ora: - Não, é um pequeno animal que geme de dor nos ermos - e depois, escutando-o de novo, disse: - Certamente é o grito de alguma ave noturna que não conheço. - Pareceu-lhe um som triste e, no entanto, desejava escutá-lo e segui-lo, pois ele o chamava não sabia para onde.

Na manhã seguinte escutou a mesma voz sobre sua cabeça, e erguendo o olhar viu três grandes aves brancas descendo pela ravina contra o vento oeste; e suas fortes asas reluziam ao sol que acabara de nascer. E, ao passarem acima dele, gritavam alto. Assim Tuor divisou pela primeira vez as grandes gaivotas, amadas pelos Teleri. Então ergueu-se para segui-las; e, para melhor perceber aonde voavam, escalou um penhasco à sua esquerda, pôs-se de pé no cimo e sentiu um forte vento vindo do oeste que lhe batia no rosto e fazia seu cabelo tremular. E respirou fundo aquele ar novo, e disse: - Isso eleva o coração como beber vinho fresco! - Mas não sabia ele que o vento vinha direto do Grande Mar.

Tuor então seguiu caminho mais uma vez, buscando as gaivotas, altas sobre o rio; e, à medida que andava, as margens da ravina voltaram a se aproximar, e ele chegou a um canal estreito, e este estava repleto de grande ruído d'água. E baixando os olhos Tuor viu algo que lhe pareceu um extremo assombro; pois uma maré incontrolável subia pelo estreito e lutava contra o rio que ainda desejava prosseguir; e uma onda se ergueu como uma parede, chegando quase ao topo do penhasco, coroada de cristas de espuma voando ao vento. O rio foi então forçado a recuar, e a maré entrou, subindo o canal com um rugido, afogando-o em águas profundas, e o rolar das pedras era como trovão à medida que ela passava. Assim, pelo chamado das aves marinhas, Tuor foi salvo da morte na maré enchente; e esta era imensa por causa da estação do ano e do forte vento vindo do mar.

Mas Tuor agora estava amedrontado com a fúria das águas estranhas, mudou de direção desfiando-se para o sul e assim não chegou às longas praias do Estuário de Drengist, mas passou ainda alguns dias vagando em uma região acidentada, desprovida de árvores. Era varrida por um vento do mar, e tudo que lá crescia, capim ou touceira, inclinava-se sempre para o nascente por causa da preponderância daquele vento oeste. Dessa forma Tuor cruzou as fronteiras de Nevrast, onde outrora habitara Turgon; e por fim, desprevenido (pois os topos dos penhascos na beira daquela região eram mais altos que as encostas que levavam a eles), chegou de repente à negra borda da Terra-média, e divisou o Grande Mar, Belegaer, o Sem Margens. E naquela hora o sol se pôs além da beirada do mundo, como um fogo poderoso; e Tuor estava de pé, sozinho sobre o penhasco, de braços abertos, e um grande anseio lhe encheu o coração. Diz-se que foi o primeiro dos homens a alcançar o Grande Mar, e que ninguém exceto os eldar chegou a sentir mais a fundo a saudade que ele traz.

Tuor demorou-se muitos dias em Nevrast, e isso lhe pareceu bom, pois aquela terra, protegida do norte e do leste por montanhas e próxima ao mar, era mais amena e benfazeja que as planícies de Hithlum. Acostumara-se a viver como caçador, sozinho em regiões inóspitas, e não encontrou ali escassez de alimento; pois a primavera estava em curso em Nevrast, e o ar estava pleno do barulho das aves, tanto as que viviam em multidões nas praias quanto as que apinhavam os pântanos de Linaewen nas partes baixas da região; mas naqueles tempos não se escutava voz de elfos ou homens em todo aquele ermo.

Tuor chegou às margens do grande lago, mas as águas estavam fora do seu alcance, em virtude dos vastos charcos e dos bosques de caniços, sem qualquer trilha, que existiam a toda a volta; e logo virou-se e retornou à costa, pois o Mar o atraía e Tuor não

desejava permanecer muito tempo onde não pudesse ouvir o som de suas ondas. E foi nas terras costeiras que Tuor primeiro encontrou vestígios dos noldor de outrora. Pois entre os altos penhascos escavados pelo mar, ao sul de Drengist, havia muitas baías e enseadas protegidas, com praias de areia branca entre as negras rochas reluzentes, e Tuor muitas vezes encontrou escadas tortuosas, esculpidas na própria pedra, que desciam a esses lugares; e na margem da água havia cais em ruínas, construídos com grandes blocos retirados dos penhascos, onde outrora navios élficos haviam atracado. Naquelas partes Tuor muito se demorou, observando o mar sempre cambiante, enquanto o ano se estendia preguiçoso pela primavera e pelo verão, as trevas se aprofundavam em Beleriand, e o outono do destino de Nargothrond se aproximava.

E talvez as aves tenham visto de longe o cruel inverno que estava por vir; pois aquelas que costumavam ir para o sul se agruparam para partir cedo, e outras, que normalmente viviam no norte, vieram de seus lares para Nevrast. E certo dia, quando Tuor estava sentado à praia, ouviu a batida e o uivo de grandes asas, e, erguendo os olhos, viu sete cisnes brancos voando velozes para o sul, em formação de cunha. Quando passaram acima dele, porém, fizeram uma curva e mergulharam repentinamente, pousando com grande impacto e redemoinho na água.

Acontece que Tuor amava os cisnes, que conhecera nos lagos cinzentos de Mithrim; e ademais o cisne fora o emblema de Annael e de seu povo adotivo. Ergueu-se portanto para saudar as aves, e chamou-as, espantando-se em ver que eram maiores e mais altivas que quaisquer outras da mesma espécie que jamais vira; mas elas bateram as asas e emitiram gritos roucos, como se estivessem irritadas com ele e quisessem expulsá-lo da praia. Então, com grande ruído, ergueram-se de novo da água e voaram acima dele, de modo que o ar das suas asas o atingisse como um vento uivante; e, descrevendo um amplo círculo, subiram às alturas e se foram para o sul.

- Eis que me chega outro sinal de que me demorei demasiado! - exclamou, então, em voz alta. E imediatamente subiu ao topo do penhasco, e lá divisou os cisnes, ainda girando na altitude. No entanto, quando se voltou para o sul e se pôs a segui-los, eles se afastaram voando velozes.

Tuor, pois, viajou para o sul pelo litoral ao longo de sete dias inteiros, e a cada manhã era despertado pelo bater de asas lá no alto, no amanhecer, e a cada dia os cisnes continuavam voando enquanto ele os seguia. E, à medida que avançava, os grandes penhascos tornaram-se mais baixos, e seus cimos se cobriam com espessa relva florida; e mais para leste havia florestas que amarelavam enquanto findava o ano. Mas diante dele, aproximando-se mais e mais, viu uma linha de grandes morros que lhe barravam o caminho, estendendo-se para oeste até terminarem em um alto monte: uma torre escura e coroada de nuvens, erguida sobre faldas vigorosas acima de um grande cabo verde que entrava mar adentro.

Esses morros cinzentos eram de fato os contrafortes ocidentais de Ered Wethrin, o muro setentrional de Beleriand, e a montanha era o Monte Taras, a mais ocidental de todas as torres daquela região, cujo topo um marujo divisaria primeiro por sobre as milhas do mar, à medida que se aproximasse das praias mortais. Sob suas longas encostas, em dias passados, Turgon habitara nos salões de Vinyamar, a mais antiga de todas as obras de pedra que os noldor construíram nas terras de seu exílio. Lá se erguia ainda, desolada mas resistente, alta sobre os grandes terraços que se voltavam para o mar. Os anos não a tinham abalado, e os servos de Morgoth a haviam deixado de lado; mas o vento, a chuva e a geada deixaram-lhe marcas, e sobre a cimalha de seus muros e as grandes telhas de seu teto haviam crescido abundantes plantas verdes-acinzentadas que, alimentando-se do ar salgado, se multiplicavam até mesmo nas fendas da pedra nua.

Tuor, pois, chegou às ruínas de uma estrada perdida, passou por morros verdes e pedras inclinadas, e assim chegou, quando o dia terminava, ao antigo palácio e seus pátios altos e varridos pelo vento. Lá não espreitava sombra de medo ou malefício, mas um temor se abateu sobre ele, enquanto pensava nos que lá haviam vivido e desaparecido, sem que ninguém soubesse para onde: a gente altiva, imortal mas condenada, de muito além do Mar. E se voltou e dirigiu o olhar, assim como muitas vezes aquele povo havia voltado os olhos para o rebrilhar das águas inquietas até onde a visão não mais alcançava. Então virou-se outra vez e viu que os cisnes haviam pousado no mais alto terraço e estavam diante da porta oeste da construção. Batiam as asas, e lhe pareceu que o convidavam a entrar. Tuor então subiu a ampla escadaria, agora meio oculta em ervas e plantas, e passou sob o majestoso portal e entrou nas sombras da casa de Turgon, chegando por fim a um salão de altas colunas. Se por fora seu tamanho era impressionante, por dentro agora o palácio parecia a Tuor vasto e maravilhoso, e ele, cheio de reverência, não desejava despertar os ecos do seu vazio. Nada conseguia ver ali, a não ser um alto assento sobre uma plataforma, no extremo leste, e caminhou naquela direção com o maior cuidado possível; mas o som de seus pés ressoava no revestimento do piso como os passos do destino, e os ecos seguiam à sua frente pelos corredores de colunas.

Quando se pôs diante do grande assento na penumbra, e viu que era esculpido de uma só pedra e trazia inscrições de estranhos sinais, o sol poente alinhou-se com uma alta janela sob a cumeeira oeste, e um facho de luz atingiu a parede à sua frente, rebrilhando como em metal polido. Então Tuor, maravilhado, viu que na parede atrás do trono estavam suspensos um escudo e uma grande cota de malha, um elmo e um montante em sua bainha. A cota reluzia como se fosse feita de prata sem mancha, e o raio do sol a guarnecia de faíscas de ouro. Mas o escudo era de uma forma estranha aos olhos de Tuor, pois era comprido e afilado; e seu campo era azul, em cujo meio estava aplicado um emblema de uma asa branca de cisne. Então Tuor falou, e sua voz ressoou no teto como um desafio.

- Por este sinal tomo estas armas para mim, e aceito qualquer destino que possam carregar. - E arriou o escudo, descobrindo-o muito mais leve e manejável do que cria; pois parecia fabricado de madeira, mas guarnecido pela arte dos ferreiros élficos com chapas de metal, fortes e no entanto finas como folhas, que o haviam preservado dos insetos e do tempo.

Tuor então armou-se com a cota de malha, colocou o elmo sobre a cabeça e cingiu a espada. Negros eram a bainha e o cinto, com fivelas de prata. Armado desta maneira, saiu do salão de Turgon e parou nos altos terraços de Taras à luz vermelha do sol. Ninguém lá havia para vê-lo, a contemplar o oeste, reluzente de prata e ouro, e ele não sabia que naquela hora sua aparência era a de um dos Poderosos do Oeste, apto para ser o pai dos reis dos Reis dos homens além do Mar, como de fato era seu destino tornar-se; mas quando Tuor, filho de Huor, se apossou daquelas armas, uma mudança dominou-o e o coração cresceu em seu peito. E, quando desceu das portas, os cisnes lhe fizeram reverência, cada um arrancou uma grande pena das asas e a ofereceu a Tuor deitando os longos pescoços sobre a pedra a seus pés. E ele tomou as sete penas e as pôs no cimo do elmo; e imediatamente os cisnes se ergueram e voaram para o norte ao pôr-do-sol, e Tuor não os viu mais.

Agora Tuor sentia os pés atraídos pela beira-mar, e desceu por longas escadas até uma ampla praia do lado norte de Tarasness; e, enquanto caminhava, viu que o sol mergulhava em uma grande nuvem negra que se erguia da borda do mar que se escurecia. E fazia frio, e havia uma agitação e um murmúrio como de uma tempestade chegando. E

Tuor se deteve na praia, e o sol era como um fogo fumacento por trás da ameaça dos céus; e pareceu-lhe que uma grande onda se levantava ao longe e rolava para a terra, mas o espanto o paralisou e ele lá ficou imóvel. E a onda veio em sua direção, e sobre ela havia uma névoa de sombra. Então subitamente, ao se aproximar, ela se enrolou, arrebentou e se precipitou para a frente em longos braços de espuma; mas onde ela arrebentara achava-se de pé, escuro em contraste com a tempestade nascente, um vulto vivo de grande estatura e majestade.

Tuor então curvou-se em reverência, pois lhe parecia que contemplava um poderoso rei. Ele usava uma alta coroa como de prata, da qual caíam seus longos cabelos como espuma brilhando no ocaso; e, quando lançou para trás o manto cinzento que pendia sobre ele como uma névoa, eis que trajava uma cota reluzente, justa como as escamas de um peixe enorme, e uma túnica de um verde-escuro que brilhava e tremeluzia com fogo do mar, à medida que ele caminhava devagar em direção à terra. Dessa maneira o Habitante das Profundezas, que os noldor chamam de Ulmo, Senhor das Águas, mostrou-se a Tuor, filho de Huor, da Casa de Hador, defronte de Vinyamar.

Não pisou na praia, mas falou a Tuor de pé, até os joelhos, no mar sombrio, e então, pela luz de seus olhos e pelo som de sua profunda voz que vinha, segundo parecia, dos fundamentos do mundo, o temor se apoderou de Tuor, e ele se prostrou na areia.

- Ergue-te, Tuor, filho de Huor! - disse Ulmo. - Não temas minha ira embora eu muito tenha te chamado sem ser escutado; e por fim, partindo, ainda te demoraste na viagem para cá. Na Primavera devias ter estado de pé aqui; mas agora um inverno cruel logo chegará da terra do Inimigo. Precisas aprender a te apressares, e a estrada agradável que te projetei precisa ser mudada. Pois meus conselhos foram desprezados, um grande mal se arrasta sobre o Vale do Sirion, e já se interpôs uma hoste de adversários entre ti e tua meta.

- Mas qual é minha meta, Senhor? - perguntou Tuor.

- Aquilo que teu coração sempre buscou - respondeu Ulmo -: encontrar Turgon e contemplar a cidade oculta. Pois estás assim armado para seres meu mensageiro, nas próprias armas que outrora decretei para ti. Agora, porém, terás de atravessar o perigo sob a sombra. Envolve-te portanto nesta capa, e jamais a ponhas de lado até chegares ao fim da jornada.

Pareceu então a Tuor que Ulmo partiu seu manto cinzento, e dele lhe lançou um pedaço, que, ao cair sobre ele, era como uma grande capa na qual podia enrolar-se totalmente, dos pés à cabeça.

- Assim caminharás sob minha sombra - disse Ulmo. - Mas não te detenhas mais; pois nas terras de Anar e nos fogos de Melkor ela não resistirá. Assumirás minha missão?

- Assumirei, Senhor - disse Tuor.

- Então porei palavras em tua boca para serem ditas a Turgon - disse Ulmo. - Mas primeiro te instruirei, e ouvirás algumas coisas que nenhum outro homem ouviu, nem mesmo os poderosos entre os eldar. - E Ulmo falou a Tuor de Valinor e seu ocaso, e do Exílio dos noldor, e da Condenação de Mandos, e da ocultação do Reino Abençoado. - Mas vê! - disse - na armadura do Destino (como os Filhos da Terra o chamam) há sempre uma fenda, e nas da Condenação uma brecha, até a plenitude que chamais de Fim. Assim há de ser enquanto eu durar, uma voz secreta que contradiz, e uma luz onde a escuridão foi decretada. Portanto, embora nestes dias de trevas eu pareça me opor à vontade de meus irmãos, os Senhores do Oeste, esse é meu papel entre eles, ao qual fui designado antes que fosse feito o Mundo. No entanto o Destino é forte, e a sombra do Inimigo cresce; e eu diminuo, até que agora na Terra-média me tornei nada mais que um sussurro secreto. As águas que correm para o oeste fenecem, suas fontes estão envenenadas, e meu

poder se retrai da terra; pois os elfos e os homens se tornam cegos e surdos para mim por causa do poderio de Melkor. E agora a Maldição de Mandos corre para seu cumprimento, e todas as obras dos noldor hão de perecer, e todas as esperanças que eles construírem hão de se esboroar. Resta apenas a última esperança, a esperança que não buscaram e não prepararam. E essa esperança jaz em ti; pois assim decidi.

- Então Turgon não há de se opor a Morgoth, como todos os eldar ainda esperam? - perguntou Tuor. - E o que desejas de mim, Senhor, se agora eu chegar até Turgon? Pois apesar de eu querer de fato fazer como fez meu pai, e auxiliar esse rei no que necessitar, ainda assim de pouca valia serei, um homem mortal sozinho, entre tantos e tão valorosos do Alto Povo do Oeste.

- Se decidi enviar-te, Tuor, filho de Huor, então não creias que tua única espada não vale o envio. Pois o valor dos edain sempre será lembrado pelos elfos à medida que as eras se estenderem, com o assombro de terem dado com tanta generosidade aquela vida da qual tiveram tão pouco na terra. Mas não é apenas por teu valor que te envio, mas sim para trazeres ao mundo uma esperança além da tua visão e uma luz que há de penetrar as trevas.

E, enquanto Ulmo falava, o murmúrio da tempestade se alçou em grande grito, o vento cresceu, e o céu enegreceu; e o manto do Senhor das Águas drapejava como uma nuvem em vôo.

- Agora vai - disse Ulmo - para que não te devore o Mar! Pois Ossë obedece à vontade de Mandos, e está irado, sendo servo da Condenação.

- Conforme comandares - disse Tuor. - Mas, se eu escapar à Condenação, que palavras hei de dizer a Turgon?

- Se chegares até ele - respondeu Ulmo -, então as palavras hão de surgir em tua mente, e tua boca há de falar como eu falaria. Fala e não temas! E depois faze conforme teu coração e valor te conduzirem. Não te apartes de meu manto, pois assim hás de estar protegido. E te enviarei alguém, a partir da ira de Ossë, e assim hás de ser guiado: sim, o último marujo do último navio que há de buscar o oeste até que se erga a Estrela. Agora retorna à terra!

Então ouviu-se um estrondo de trovão, e raios iluminaram o mar; e Tuor contemplou Ulmo de pé entre as ondas, como uma torre de prata reluzindo com chamas dardejantes; e exclamou contra o vento:

- Eu me vou, Senhor! Porém agora meu coração na verdade anseia pelo Mar.

A estas palavras Ulmo ergueu uma enorme trompa, e nela tocou uma única e poderosa nota, diante da qual o rugido da tempestade era tão somente um arrepio na superfície de um lago. E ao ouvir aquela nota, sendo envolto e preenchido por ela, pareceu a Tuor que a costa da Terra-média desaparecia, e que ele divisava todas as águas do mundo em uma grande visão: dos veios das terras até as fozes dos rios, e das praias e dos estuários até as profundezas. Enxergou o Grande Mar através de suas regiões inquietas pululando de formas estranhas, até seus abismos sem luz, onde em meio à treva eterna ecoavam vozes terríveis aos ouvidos mortais. Divisou suas planícies imensas com a veloz visão dos Valar, jazendo sem vento sob o olho de Anar, ou rebrilhando sob a Lua com seus cornos, ou erguidas em colinas de ira que arrebentavam nas Ilhas Sombrias, até que, no limite remoto da visão, e além da contagem das léguas, entreviu uma montanha, erguendo-se além do alcance da sua mente para uma nuvem luminosa, e no seu sopé uma longa arrebentação bruxuleante. E, enquanto se esforçava por escutar o som daquelas ondas longínquas, e por ver mais claramente aquela luz distante, a nota chegou ao fim, e ele estava de pé sob o trovão da tempestade, e raios multifurcados rasgavam o céu lá no alto. E Ulmo se fora, e o mar estava em tumulto, e as selvagens ondas de Ossë quebravam

contra as muralhas de Nevrast.

Tuor então fugiu da fúria do mar e com esforço encaminhou-se de volta aos altos terraços; pois o vento o impelia contra o penhasco, e o pôs de joelhos quando ele saiu no topo. Portanto, para abrigar-se, entrou de novo, no salão escuro e vazio, e passou a noite sentado no assento de pedra de Turgon. As próprias colunas tremiam na violência da tempestade, e pareceu a Tuor que o vento estava pleno de lamentos e gritos selvagens. No entanto, como estava exausto, cochilou algumas vezes, e seu sono foi perturbado por muitos sonhos, dos quais ao despertar nenhum permaneceu na memória, exceto um: uma visão de uma ilha, e em seu meio havia uma montanha escarpada, e atrás dela o sol se punha, e sombras saltavam para o céu; mas acima dela brilhava uma única estrela ofuscante.

Após esse sonho, Tuor caiu em sono profundo pois, antes que a noite terminasse, a tempestade passou, impelindo as nuvens negras para o leste do mundo. Despertou por fim na luz cinzenta, levantou-se, deixou o alto assento e, ao percorrer o salão sombrio, viu que este estava cheio de aves marinhas que a tempestade espantara para lá. E saiu quando as últimas estrelas desapareciam no oeste diante do dia que chegava. Viu então que as grandes ondas tinham durante a noite subido alto pela terra, e haviam lançado suas cristas sobre os cimos dos penhascos; e algas e pedregulhos haviam sido lançados mesmo sobre os terraços diante das portas. E Tuor olhou para baixo, do terraço inferior, e viu, encostado ao seu muro entre as pedras e os destroços marinhos, um elfo trajando um manto cinza ensopado de água do mar. Estava sentado em silêncio, olhando além da ruína das praias, por sobre os longos dorsos das ondas. Tudo estava quieto, e não se ouvia som algum, exceto o rugido das vagas lá embaixo.

Enquanto estava ali de pé, fitando o silencioso vulto cinzento, Tuor lembrou-se das palavras de Ulmo, um nome que não aprendera veio-lhe aos lábios, e exclamou em voz alta:

- Bem-vindo, Voronwë! Eu o aguardo.

Voltou-se então o elfo, erguendo o olhar, e Tuor enfrentou a visão penetrante dos seus olhos cinza-marinhos, e soube que esse pertencia ao alto povo dos noldor. Mas o temor e o espanto cresceram em seu olhar quando ele viu Tuor de pé, alto sobre a muralha mais acima, trajando seu grande manto como uma sombra de dentro da qual a malha élfica reluzia em seu peito.

Ficaram assim por um momento, cada um examinando o rosto do outro, e então o elfo se levantou e se inclinou profundamente diante dos pés de Tuor.

- Quem é você, senhor? - perguntou. - Por muito tempo labutei no mar implacável. Diga-me: ocorreram grandes novas desde que eu pisava a terra firme? A Sombra foi derrotada? O Povo Oculto saiu de seu esconderijo?

- Não - respondeu Tuor. - A Sombra cresce, e os Ocultos permanecem escondidos.

Então, por muito tempo, Voronwë o fitou em silêncio - Mas quem é você? - perguntou de novo. - Pois muitos anos atrás minha gente abandonou esta terra, e desde então ninguém morou aqui. E agora percebo que, a despeito dos seus trajes, você não é um deles, como eu cria, e sim da espécie dos homens.

- Sou - disse Tuor. - E não é você o último marujo do último navio que buscou o oeste desde os Portos de Círdan?

- Sou - disse o elfo. - Voronwë, filho de Aranwë, eu sou. Mas não compreendo como você conhece meu nome e meu destino.

- Eu sei, pois o Senhor das Águas falou comigo na tarde passada - respondeu Tuor - e ele disse que o salvaria da ira de Ossë e o enviaria para cá para ser meu guia.

- Você falou com Ulmo, o Poderoso? - exclamou, então Voronwë com temor e

espanto. - Então devem ser grandiosos de fato seu valor e seu destino! Mas aonde haveria de guiá-lo, senhor? Pois em verdade você deve ser um rei dos homens, e muitos devem obedecer à sua palavra.

- Não, sou um servo fugido - disse Tuor - e sou um proscrito sozinho numa terra deserta. Mas tenho um mandado para Turgon, o Rei Oculto. Sabe por qual estrada posso encontrá-lo?

- Muitos que são proscritos e servos, nestes dias perversos, não nasceram assim - respondeu Voronwë. - Um senhor dos homens, creio, você é por direito. Mas, mesmo que fosse o mais nobre de todo o seu povo, não teria o direito de buscar Turgon, e vã seria sua demanda. Pois, ainda que eu o conduzisse aos seus portões, você não poderia entrar.

- Não lhe peço para me conduzir além do portão - disse Tuor. - Lá a Condenação há de competir com o Conselho de Ulmo. E, se Turgon não me receber, então minha missão estará encerrada, e a Condenação há de prevalecer. Mas no que tange ao meu direito de buscar Turgon: sou Tuor, filho de Huor, e parente de Húrin, cujos nomes Turgon não esquecerá. E busco também pelo comando de Ulmo. Turgon esquecerá o que ele lhe disse outrora: Lembre-se de que a última esperança dos noldor vem do Mar? Ou, ainda: Quando o perigo estiver próximo, virá alguém de Nevrast para alertá-lo?. Eu sou aquele que haveria de vir e assim estou portando o traje que foi preparado para mim.

Tuor espantou-se de se ouvir falar desse modo, pois as palavras de Ulmo a Turgon, quando este partiu de Nevrast, nem ele nem ninguém as conhecia antes, a não ser o Povo Oculto. Portanto Voronwë assombrou-se ainda mais; mas virou-lhe as costas, contemplou o Mar e deu um suspiro.

- Ai! - disse. - Desejo nunca mais voltar. E muitas vezes jurei, nas profundezas do mar, que se alguma vez voltasse a pôr os pés em terra firme habitaria em tranqüilidade longe da Sombra no norte, perto dos Portos de Círdan ou quem sabe nos belos campos de Nan-tathren, onde a primavera é mais doce do que se pode desejar. Mas se o mal cresceu enquanto eu viajava, e o último perigo se aproxima deles, então tenho de ir ter com meu povo. - Virou-se de volta para Tuor. - Vou conduzi-lo aos portões ocultos - disse -; pois os sábios não contradizem os conselhos de Ulmo.

- Então iremos juntos, como nos foi aconselhado - disse Tuor. - Mas não se lamente, Voronwë! Pois meu coração lhe diz que sua longa estrada há de conduzi-lo para longe da Sombra, e sua esperança há de retornar ao Mar.

- E a sua também - disse Voronwë. - Mas agora devemos afastar-nos dele, e partir com pressa.

- Sim - disse Tuor. - Mas aonde me conduzirá, e até que distância? Não deveríamos primeiro refletir como viveremos nos ermos, ou, se o caminho for longo, como passaremos o inverno que não oferece abrigo?

Mas Voronwë nada quis dizer com clareza acerca do caminho.

- Você conhece a força dos homens - disse. - Quanto a mim, sou um dos noldor, e terá de ser longa a fome e frio o inverno que abaterão um parente daqueles que atravessaram o Gelo Excruciante. Mas como pensa que conseguimos labutar por dias intermináveis nos ermos salgados do mar? Ou você não ouviu falar do pão-de-viagem dos elfos? E ainda conservo aquilo que todos os marujos mantêm até o fim. - Mostrou então, debaixo do manto, uma bolsa selada presa ao cinto. - Nem a água nem as intempéries lhe farão mal enquanto estiver selada. Mas precisamos guardá-la até que a necessidade seja premente; e sem dúvida um proscrito e caçador conseguirá encontrar outros alimentos antes que o ano piore.

- Talvez - disse Tuor. - Mas não é em todas as terras que se pode caçar com segurança, por muito que a caça seja abundante. E os caçadores se demoram no caminho.

Assim Tuor e Voronwë se aprontaram para partir. Tuor levou consigo o pequeno arco e as flechas que trouxera, além das armas que tirara do salão; mas sua lança, na qual seu nome estava escrito nas runas élficas do norte, ele afixou na parede como sinal de que passara por ali. Voronwë não tinha outra arma além de uma espada curta.

Antes que o dia tivesse avançado, deixaram a antiga morada de Turgon, e Voronwë conduziu Tuor para longe, a oeste das íngremes encostas de Taras para atravessar o grande cabo. Lá outrora passara a estrada de Nevrast para Brithombar, que agora se tornara uma trilha verde entre antigos diques cobertos de relva. Assim entraram em Beleriand, e na região setentrional do Falas; e voltando-se para o leste buscaram as fraldas escuras de Ered Wethrin, e lá se mantiveram ocultos, descansando até que o dia tivesse terminado no ocaso. Pois, embora Brithombar e Eglarest, as antigas moradias dos Falathrim, ainda estivessem muito distantes, agora lá viviam orcs e toda a terra estava infestada pelos espiões de Morgoth: ele temia os navios de Círdan que às vezes vinham atacar a costa e se uniam às incursões enviadas de Nargothrond.

Agora, sentados ocultos em seus mantos, como sombras sob as colinas, Tuor e Voronwë muito falaram entre si. E Tuor questionou Voronwë a respeito de Turgon, mas Voronwë pouco contava de tais assuntos, e preferia falar das habitações na Ilha de Balar, e do Lisgardh, a terra dos juncos nas Fozes do Sirion.

- Lá se multiplicam agora os eldar - disse -, pois um número cada vez maior de ambas as famílias foge para lá por temor de Morgoth, exaustos da guerra. Mas não foi por escolha própria que abandonei minha gente. Pois após a Bragollach e o rompimento do Cerco de Angband, Turgon começou a crer em seu coração que o poderio de Morgoth haveria de se revelar forte demais. Naquele ano enviou os primeiros do seu povo que chegaram a sair por seus portões: apenas alguns, com uma missão secreta. Desceram o Sirion até a costa acima das Fozes, e lá construíram navios. Mas isso de nada lhes valeu, exceto para alcançarem a grande Ilha de Balar e lá estabelecerem moradias solitárias, longe do alcance de Morgoth. Pois os noldor não possuem a arte de construir navios que suportem por muito tempo as ondas de Belegaer, o Grande.

- Porém mais tarde, quando ouviu falar da destruição do Falas e do saque dos antigos Portos dos Armadores que estão lá longe à nossa frente, e se disse que Círdan havia salvo um remanescente de seu povo e navegado para o sul até a Baía de Balar, então Turgon voltou a enviar mensageiros. Isso foi há pouco tempo apenas, porém na lembrança parece a porção mais longa de minha vida. Pois eu fui um dos que ele enviou, visto que era jovem em anos entre os eldar. Nasci aqui na Terra-média, na região de Nevrast. Minha mãe pertencia aos elfos-cinzentos do Falas, e era parenta do próprio Círdan - havia muitas uniões entre os povos de Nevrast nos primeiros dias do reinado de Turgon - e tenho o coração marinho da gente de minha mãe. Portanto, fui um dos escolhidos, visto que nossa missão era chegar a Círdan, para buscar seu auxílio na construção de nossos navios, para que alguma mensagem e pedido de ajuda pudesse chegar aos Senhores do Oeste antes que estivesse tudo perdido. Mas me demorei no caminho. Pois eu pouco vira das regiões da Terra-média, e chegamos a Nan-tathren na primavera do ano. Aquela terra é aprazível de encantar o coração, Tuor, como você descobrirá se alguma vez seus pés pisarem as estradas que vão para o sul, descendo o Sirion. Lá está a cura para todos os anseios pelo mar, exceto para aqueles a quem a Condenação não liberta. Lá, Ulmo é apenas servo de Yavanna, e a terra deu vida a uma infinidade de coisas belas que ultrapassa o pensamento dos corações nas duras colinas do norte. Naquela terra o Narog se une ao Sirion, e os dois não mais se apressam, mas seguem largos e silenciosos através de prados cheios de vida; e em toda a volta do rio reluzente há lírios como um bosque em flor, e a relva é repleta de flores, como pedras

preciosas, como sinos, como chamas de vermelho e ouro, como uma extensão de estrelas multicoloridas em um firmamento verde. Porém o mais belo de tudo são os salgueiros de Nan-tathren, de um verde-pálido, ou prateados ao vento, e o farfalhar de suas inúmeras folhas é um encanto de música: o dia e a noite passavam palpitando, sem conta, enquanto eu ainda me detinha, submerso em relva até os joelhos, a escutar. Lá fui encantado, e esqueci o Mar em meu coração. Lá vagava, dando nomes a flores novas, ou me deitava sonhando entre os cantos dos pássaros, e o zumbido das abelhas e das moscas; e lá poderia ainda estar deliciado, abandonando toda a minha gente, fossem os navios dos Teleri, fossem as espadas dos noldor, mas meu destino não quis assim. Ou o próprio Senhor das Águas, talvez; pois ele era forte naquela terra.

- Assim veio ao meu coração a idéia de fazer uma jangada de ramos de salgueiro para navegar no luminoso seio do Sirion. Assim o fiz, e assim fui levado. Pois certo dia, quando estava no meio do rio, veio um vento repentino que me apanhou e me levou da Terra dos Salgueiros, descendo até o Mar. Assim cheguei, último dos mensageiros a Círdan; e, dos sete navios que ele construiu a pedido de Turgon, todos estavam prontos então, exceto um. E, um a um, partiram para o oeste, sem que nenhum tenha voltado desde então, nem qualquer notícia deles tenha sido ouvida.

- Mas o ar salgado do mar voltou então a reavivar dentro de mim o coração da família de minha mãe; e eu me comprazia nas ondas, aprendendo toda a sabedoria dos navios, como se já estivesse guardada em minha mente. Assim, quando o último navio, o maior de todos, foi concluído, eu estava ansioso por partir, dizendo em pensamento: 'Se forem verdadeiras as palavras dos noldor, então há no oeste prados aos quais a Terra dos Salgueiros não se pode comparar. Lá nada fenece, nem a Primavera tem fim. E quem sabe até eu, Voronwë, possa chegar lá. E em último caso vagar sobre as águas é muito melhor que a Sombra no norte.' E eu não sentia medo, pois não existe água que afunde os navios dos Teleri.

- Mas o Grande Mar é terrível, Tuor, filho de Huor; e odeia os noldor, pois é instrumento da Condenação dos Valar. Reserva coisas piores do que afundar no abismo e assim perecer: abominação, solidão e loucura; terror do vento e tumulto, silêncio e sombras onde toda a esperança se perde e todas as formas vivas desaparecem. E banha muitas costas perversas e estranhas, e muitas ilhas de perigo e medo o infestam. Não entristecerei seu coração, filho da Terra-média, com a história de meus sete anos de labuta no Grande Mar, do norte até o sul, mas nunca ao oeste. Pois este nos está barrado.

- Por fim, em negro desespero, cansados de todo o mundo, voltamo-nos e fugimos do destino que nos poupara por tanto tempo só para nos golpear com crueldade ainda maior. Pois, no instante em que divisávamos uma montanha de longe, e eu exclamava: 'Eis que surge Taras, e minha terra natal', o vento despertou, e grandes nuvens carregadas de trovões subiram do oeste. As ondas então nos caçaram como se tivessem vida, repletas de malignidade, e os raios se abateram sobre nós; e, quando havíamos sido reduzidos a um casco indefeso, as ondas saltaram sobre nós com fúria. Mas, como vê, fui poupado; pois pareceu-me que veio uma onda, maior e no entanto mais tranqüila que todas as demais, que me levou e me ergueu do navio, conduziu-me alto sobre seus ombros e, rolando em direção à terra, lançou-me sobre a relva para então recolher-se, derramando-se de volta penhasco abaixo como uma grande cascata. Não fazia mais de uma hora que eu lá estava sentado quando você topou comigo, ainda atordoado do mar. E ainda sinto o medo dele, e a amarga perda de todos os meus amigos que por tanto tempo e tão longe me acompanharam, além da visão das terras mortais.

Voronwë suspirou, e então falou baixinho, como que para si mesmo.

- Mas eram muito brilhantes as estrelas na margem do mundo, quando às vezes se

afastavam as nuvens em torno do oeste. Porém, se vimos apenas nuvens ainda mais remotas, ou divisamos de fato, como afirmaram alguns, as Montanhas dos Pelóri perto das praias perdidas de nosso lar ancestral, isso não sei. Estão longe, muito longe, e ninguém mais das terras mortais há de voltar para lá, segundo creio. - Então Voronwë silenciou; pois chegara a noite e as estrelas brilhavam brancas e frias.

Logo depois Tuor e Voronwë se ergueram, deram as costas ao mar e partiram em sua longa jornada nas trevas; pouco há que contar dela, pois a sombra de Ulmo estava sobre Tuor, e ninguém os viu passar, pelos bosques ou pelas pedras, pelos campos ou pântanos, entre o pôr-do-sol e o amanhecer. Mas iam sempre com cuidado, evitando os caçadores de olhos noturnos de Morgoth, e desistindo dos caminhos trilhados por elfos e homens. Voronwë escolhia a trilha, e Tuor o seguia. Não fazia perguntas vãs, mas reparou muito bem que iam sempre para o leste ao longo da linha das montanhas que cresciam, e nunca se voltavam para o sul, o que lhe causou espanto, pois cria, como quase todos os elfos e homens, que Turgon morava longe das batalhas do norte.

Lenta foi sua caminhada, na penumbra ou de noite nos ermos sem trilha, e o inverno cruel desceu depressa do reino de Morgoth. A despeito da proteção das colinas, os ventos eram fortes e implacáveis, e logo a neve estava funda sobre os morros, ou rodopiava através das passagens, e caía sobre os bosques de Núath antes que estes perdessem todas as suas folhas murchas. Assim, apesar de terem partido antes de meados de Narquelië, Hísimë chegou com frio cortante forte quando se aproximavam das Fontes do Narog.

Lá se detiveram no amanhecer cinzento, ao final de uma noite exaustiva; e Voronwë se desesperou, olhando em volta com tristeza e temor. Onde estivera outrora o belo lago de Ivrin em sua grande bacia de pedra escavada pelas águas que caíam, e onde fora em toda a volta uma grota repleta de árvores sob as colinas, ele via agora uma terra profanada e desolada. As árvores estavam queimadas ou desenraizadas; e as margens de pedra do lago estavam rompidas, de modo que as águas de Ivrin se espalhavam e formavam um grande pântano estéril em meio à ruína. Agora tudo era apenas uma confusão de charco congelado, e um odor de decomposição pairava sobre o chão como uma névoa imunda.

- Ai! O mal chegou mesmo até aqui? - exclamou Voronwë. - Outrora este lugar era distante da ameaça de Angband; mas os dedos de Morgoth tateiam cada vez mais longe.

- É exatamente como Ulmo me falou - disse Tuor: - As fontes estão envenenadas, e meu poder se retrai das águas da terra.

- No entanto - disse Voronwë -, aqui esteve uma malignidade com força maior que a dos orcs. O temor permanece neste lugar. - E buscou em torno das bordas do charco, até que subitamente se deteve e exclamou de novo: - Sim, um grande mal! - E acenou para Tuor, e Tuor ao chegar viu uma fenda, como um enorme sulco que se estendia para o sul, e de ambos os lados, ora indistintos, ora solidificados com nitidez pela geada, havia sinais de grandes pés com garras. - Veja! - disse Voronwë, e tinha o rosto pálido de pavor e repugnância. - Não faz muito tempo que esteve aqui o Grande Lagarto de Angband, a mais feroz de todas as criaturas do Inimigo! Já tarda nossa missão para Turgon. Precisamos nos apressar.

Enquanto dizia isto, ouviram um grito no bosque e pararam imóveis como pedras cinzentas, escutando. Mas a voz era uma voz bela, embora repleta de tristeza, e parecia que chamava sempre um nome, como alguém que busca outro que está perdido. E enquanto esperavam veio alguém através das árvores, e viram que era um homem alto, armado, trajado de negro, com uma longa espada desembainhada; e se espantaram, pois a lâmina da espada era também negra, mas as bordas brilhavam luminosas e frias. O pesar

estava gravado em seu rosto; e, quando contemplou a ruína de Ivrin, exclamou triste, em alta voz, dizendo: - Ivrin, Faelivrin! Gwindor e Beleg! Aqui certa vez fui curado. Mas agora nunca mais hei de beber o gole da paz.

Então partiu célere para o norte, como alguém em perseguição, ou em missão de grande pressa, e o ouviram gritar Faelivrin, Finduilas! até que sua voz se perdesse no bosque. Mas não sabiam que Nargothrond havia caído, e que esse era Túrin, filho de Húrin, o Espada-Negra. Assim, apenas por um momento e nunca mais, juntaram-se os caminhos desses parentes, Túrin e Tuor.

Quando se fora o Espada-Negra, Tuor e Voronwë continuaram um pouco em seu caminho, apesar de ter chegado o dia; pois a lembrança de sua tristeza lhes pesava muito, e não podiam suportar ficar ao lado da profanação de Ivrin. Mas logo procuraram um esconderijo, pois agora toda a região estava plena de um presságio maligno. Dormiram pouco e inquietos; e, com o passar do dia, escureceu e caiu uma grande nevasca; e a noite trouxe um gelo esmagador. Depois disso a neve e o gelo não deram mais descanso, e por cinco meses o Inverno Mortal, lembrado por muito tempo, manteve o norte em seus grilhões. Agora Tuor e Voronwë eram atormentados pelo frio, e temiam ser revelados pela neve aos inimigos caçadores, ou cair em perigos ocultos de modo traiçoeiro. Por nove dias persistiram, de forma cada vez mais lenta e dolorosa, e Voronwë se voltou um pouco para o norte, até que tivessem atravessado as três nascentes do Teiglin; e depois seguiu novamente para o leste, deixando as montanhas, e avançou cauteloso, até passarem o Glithui e chegarem à torrente do Malduin, e ela estava congelada e negra.

- Cruel é este gelo, e a morte se aproxima de mim, se não de você - disse Tuor então a Voronwë. Pois estavam agora em má situação: fazia tempo que não encontravam alimento nos ermos, e o pão-de-viagem chegava ao fim; e estavam enregelados e exaustos.

- É terrível ser apanhado entre a Condenação dos Valar e a Malícia do Inimigo - disse Voronwë. - Escapei às bocas do mar apenas para jazer debaixo da neve?

- Que distância ainda temos que percorrer? - perguntou Tuor. - Pois finalmente, Voronwë, você precisa renunciar ao segredo diante mim. Você está me conduzindo em linha reta, e para onde? Pois, se eu tiver de gastar minhas últimas forças, gostaria de saber para quê.

- Eu o conduzi tão direto quanto a segurança me permitiu - respondeu Voronwë. - Agora saiba, pois, que Turgon ainda habita no norte da terra dos eldar, apesar de poucos acreditarem nisso. Já estamos nos aproximando dele. No entanto, ainda resta percorrer muitas léguas, mesmo a vôo de pássaro; e ainda precisamos atravessar o Sirion, e quem sabe se não encontraremos um grande mal daqui até lá? Pois logo devemos chegar à Estrada que outrora descia do Minas do Rei Finrod até Nargothrond. Lá sem dúvida os servos do Inimigo caminham e espreitam.

- Eu me considerava o mais resistente dos homens - disse Tuor - e resisti ao tormento de muitos invernos nas montanhas; mas então eu tinha uma caverna às costas e fogo, e agora duvido que tenha forças para avançar muito mais, assim faminto, em meio a esse tempo feroz. Mas vamos prosseguir até onde conseguirmos antes que a esperança se desfaça.

- Só nos resta essa escolha - disse Voronwë -, a não ser que nos deitemos aqui e busquemos o sono da neve.

Portanto, foram em frente, com dificuldade, durante todo aquele dia cruel, considerando menor o perigo dos inimigos que o do inverno; mas, ao prosseguirem, encontraram menos neve, pois agora iam de novo para o sul, descendo ao Vale do Sirion, e as Montanhas de Dor-lómin já estavam muito atrás. Na penumbra cada vez mais densa

do anoitecer chegaram à Estrada, no sopé de uma alta encosta coberta de árvores. De repente perceberam vozes e, espreitando cautelosos pelas árvores, viram lá embaixo uma luz vermelha. Uma companhia de orcs estava acampada no meio da estrada, encolhida em torno de uma grande fogueira.

- Gurth an Glamhoth! - murmurou Tuor. - Agora a espada há de surgir de baixo do manto. Arriscarei a morte para conseguir aquele fogo, e até mesmo a carne dos orcs seria boa presa.

- Não! - disse Voronwë. - Nesta busca só o manto servirá. Você deve desistir do fogo, ou então de Turgon. Esse bando não está sozinho no ermo: sua visão mortal não consegue enxergar a chama distante de outros postos ao norte e ao sul? Um tumulto trará um exército sobre nós. Escute-me, Tuor! É contra a lei do Reino Oculto que qualquer um se aproxime dos portões com inimigos em seu encalço; e não desrespeitarei essa lei, nem a pedido de Ulmo, nem para escapar à morte. Alvoroce os orcs e eu o abandonarei.

- Então vamos deixá-los - disse Tuor. - Mas tomara que eu viva para ver o dia em que não tenha de me esgueirar diante de um punhado de orcs como um cão assustado.

- Venha então! - disse Voronwë. - Não discuta mais, ou nos farejarão. Siga-me!

Partiu então, sorrateiro, entre as árvores, para o sul, seguindo o vento, até que estivessem a meio caminho entre aquela fogueira dos orcs e a próxima na estrada. Lá ficou imóvel por muito tempo, escutando.

- Não ouço nenhum movimento na estrada - disse - mas não sabemos o que pode estar à espreita nas sombras. - Espiou para diante, na escuridão, e tremeu. - O ar é maligno - murmurou. - Ai! Lá adiante está a terra de nossa busca e da esperança de vida, mas a morte caminha no meio.

- A morte está em toda a nossa volta - disse Tuor. - Mas me restam forças apenas para o caminho mais curto. Aqui preciso atravessar ou perecer. Confiarei no manto de Ulmo, e também a você ele há de cobrir. Agora irei conduzir!

Assim dizendo, aproximou-se furtivo da até a beira da estrada. Então, segurando Voronwë junto a si, lançou sobre ambos as pregas do manto cinzento do Senhor das Águas, e avançou.

Tudo estava em silêncio. O vento frio gemia ao descer veloz pela antiga estrada. Então, de repente, também ele se calou. Na pausa, Tuor sentiu uma mudança no ar, como se o hálito da terra de Morgoth tivesse se interrompido um instante; e, débil como uma lembrança do Mar, veio uma brisa do oeste. Como uma névoa cinzenta ao vento, os dois passaram sobre o caminho de pedras e entraram em um capão na sua borda leste.

Subitamente, bem de perto ouviu-se um grito selvagem, e muitos outros ao longo das margens da estrada lhe responderam. Uma trompa rouca tocou, e soaram pés a correr. Mas Tuor manteve-se firme. Aprendera o bastante da língua dos orcs, no cativeiro, para saber o significado daqueles gritos: os vigias os haviam farejado e escutado, mas eles não haviam sido vistos. A caça começara. Em desespero, esgueirou-se, trôpego, em frente, com Voronwë ao seu lado, subindo uma longa encosta com urzes e arandos espessos entre tufos de sorvas e bétulas baixas. No topo da colina pararam, escutando os gritos lá atrás e o barulho dos orcs nas moitas embaixo.

Ao lado deles havia um rochedo que erguia a cabeça a partir de um emaranhado de urzes e sarças, e debaixo dele havia um covil que um animal selvagem poderia procurar para lá ter esperança de escapar à perseguição, ou pelo menos vender caro sua vida com a pedra às costas. Ali para baixo Tuor puxou Voronwë, entrando na sombra profunda; e, lado a lado, sob o manto cinzento, deitaram-se ofegantes como raposas exaustas. Não disseram palavra; toda a sua atenção estava nos ouvidos.

Os gritos dos caçadores enfraqueceram, pois os orcs não penetravam muito nas

terras selvagens de cada lado, mas percorriam a estrada para cima e para baixo. Pouco se importavam com fugitivos desgarrados, mas temiam espiões e batedores de inimigos armados, pois Morgoth havia posto uma guarda na estrada, não para aprisionar Tuor e Voronwë (dos quais ainda nada sabia), nem ninguém que viesse do oeste, mas para espreitar o Espada-Negra, para que não escapasse e perseguisse os cativos de Nargothrond, trazendo auxílio, talvez, vindo de Doriath.

A noite passou, e o silêncio soturno se abateu de novo sobre as terras vazias. Exausto e esgotado, Tuor dormiu sob o manto de Ulmo; mas Voronwë saiu sorrateiro e parou de pé como uma pedra, silencioso, imóvel, penetrando as sombras com seus olhos élficos. Ao romper do dia, ele despertou Tuor, que se arrastou para sair e viu que o tempo de fato melhorara um pouco, e que as nuvens negras haviam se afastado. A aurora era vermelha, e longe à sua frente ele conseguia ver os cimos de estranhas montanhas, reluzindo diante do fogo do leste.

- Alae! Ered en Echoriath, ered embar nín! - disse então Voronwë em voz baixa. Pois sabia que divisava as Montanhas Circundantes e as muralhas do reino de Turgon. Abaixo deles, a leste, corria em um vale fundo e sombrio o belo Sirion, renomado em canções; e mais além, envolta em névoa, erguia-se uma terra cinzenta do rio até as colinas escarpadas no sopé das montanhas. - Lá longe fica Dimbar - disse Voronwë. - Oxalá estivéssemos lá! Pois lá nossos inimigos raramente ousam caminhar. Ou assim era enquanto o poder de Ulmo tinha força no Sirion. Mas agora tudo pode estar mudado - exceto o perigo do rio: ele já é profundo e caudaloso, e perigoso de atravessar mesmo para os eldar. Mas eu o conduzi bem; pois ali brilha o Vau de Brithiach, ainda um pouco ao sul, onde a Estrada Leste, que antigamente vinha desde Taras no oeste, fazia a passagem do rio. Agora ninguém ousa usá-lo, salvo em necessidade desesperada, nem elfo, nem homem, nem orc, pois essa estrada conduz a Dungortheb e à região do terror entre Gorgoroth e o Cinturão de Melian; e há muito desapareceu na mata, ou se reduziu a uma trilha entre ervas daninhas e espinhos rastejantes.

Então Tuor olhou para onde Voronwë apontava, e muito longe divisou um brilho, como de águas abertas sob a breve luz da aurora; mas além assomava uma escuridão, lá onde a grande floresta de Brethil subia para um distante planalto ao sul. Cautelosos, então, seguiram caminho descendo pelo lado do vale, até que finalmente chegaram à antiga estrada que descia do encontro dos caminhos nas fronteiras de Brethil, onde ela cruzava a estrada vinda de Nargothrond. Tuor viu então que haviam chegado perto do Sirion. As margens de seu profundo canal tornavam-se mais baixas naquele lugar, e suas águas, estranguladas por grande profusão de pedras, espalhavam-se em amplos baixios, cheios do murmúrio de impacientes riachos. Pouco diante dali, o rio voltava a se estreitar e, escavando um novo leito, corria em direção à floresta para desaparecer ao longe numa névoa espessa que seus olhos não conseguiam penetrar; pois lá ficava, sem que ele o soubesse, o limite norte de Doriath dentro da sombra do Cinturão de Melian.
Tuor teria corrido logo para o vau, mas Voronwë o reteve.

- Sobre o Brithiach não podemos passar à luz do dia, nem enquanto restar qualquer suspeita de perseguição.

- Então temos de sentar aqui e apodrecer? - perguntou Tuor. - Pois tal suspeita restará enquanto durar o reino de Morgoth. Venha! Sob a sombra do manto de Ulmo teremos de avançar.

Voronwë ainda hesitava e voltou o olhar na direção do oeste; mas a trilha atrás deles estava deserta, e tudo era silencioso em volta, a não ser pelo barulho da água. Ergueu os olhos, e o céu estava cinzento e vazio, pois nem mesmo uma ave se movia. Então de repente seu rosto se iluminou de alegria, e ele exclamou em alta voz:

- Está bem! O Brithiach ainda é vigiado pelos inimigos do Inimigo. Os orcs não nos seguirão aqui; e sob a proteção do manto poderemos agora passar sem mais dúvidas.

- O que você viu de diferente? - perguntou Tuor.

- Curta é a visão dos Homens Mortais! - disse Voronwë. - Vejo as Águias do Crissaegrim; e estão vindo para cá. Observe um pouco!

Tuor então pôs-se a observar; e logo, alto no ar, viu três vultos batendo fortes asas, descendo dos distantes picos das montanhas que agora estavam novamente envoltos em nuvens. Lentamente desceram, em grandes círculos, e então mergulharam de repente sobre os viandantes; mas, antes que Voronwë pudesse chamá-los, fizeram a volta, em uma ampla curva precipitada, e voaram para o norte ao longo da linha do rio.

- Agora vamos - disse Voronwë. - Se houver algum orc por perto, ficará deitado encolhido, com o nariz no chão, até que as águias estejam bem longe.

Desceram rápido por uma longa encosta, e passaram sobre o Brithiach, muitas vezes caminhando a seco sobre plataformas de seixos, ou vadeando nos baixios, com água não além dos joelhos. A água era límpida e muito fria, e aqui havia gelo sobre as poças rasas, onde os riachos errantes haviam se perdido entre as pedras; mas nunca, nem mesmo no Inverno Mortal da Queda de Nargothrond, o hálito fatal do norte conseguiu congelar a correnteza principal do Sirion.

Do outro lado do vau, chegaram a uma ravina, como se fosse o leito de um antigo rio, onde já não corria água; porém outrora uma torrente havia escavado seu fundo canal, descendo do norte, vinda das montanhas de Echoriath, e trazendo de lá todas as pedras do Brithiach para o Sirion.

- Finalmente o encontramos quando não havia mais esperança! - exclamou Voronwë. - Veja! Aqui está a foz do Rio Seco, e aquele é o caminho que temos de trilhar.

Então seguiram pela ravina e, à medida que esta se voltava para o norte e as encostas da região subiam íngremes, também suas margens se erguiam de ambos os lados, e Tuor seguia trôpego na luz débil entre as pedras que atulhavam seu leito irregular.

- Se isto é um caminho - disse -, é um péssimo caminho para os exaustos.

- No entanto é o caminho para Turgon - disse Voronwë.

- Então espanta-me ainda mais - disse Tuor - que sua entrada esteja aberta e sem vigia. Esperava encontrar um portão imponente e forte guarda.

- Isso você há de ver ainda - disse Voronwë. - Este é apenas o acesso. Chamei-o de caminho; mas por ele ninguém passa há mais de trezentos anos, exceto raros e secretos mensageiros; e toda a arte dos noldor foi gasta em escondê-lo, desde que o Povo Oculto entrou. Está aberto? Você o conheceria, se não tivesse alguém do Reino Oculto por guia? Ou teria imaginado que era apenas obra das intempéries e das águas do ermo? E ainda não há as Águias, como você viu? São o povo de Thorondor, que outrora habitava nos próprios Thangorodrim antes que Morgoth se tornasse tão poderoso, e que agora mora nas Montanhas de Turgon desde a queda de Fingolfin. Apenas elas, além dos noldor, conhecem o Reino Oculto e guardam os céus acima dele, se bem que até agora nenhum servo do Inimigo tenha ousado voar nas alturas do ar; e trazem muitas notícias ao Rei sobre tudo que se move nas terras de fora. Se fôssemos orcs, não duvide de que teríamos sido agarrados e lançados de grande altura sobre os rochedos impiedosos.

- Não duvido - disse Tuor. - Mas o que gostaria de saber é se as notícias de nossa aproximação agora não chegarão a Turgon mais depressa que nós. E se isso é bom ou mau, apenas você pode dizer.

- Nem bom nem mau - disse Voronwë. - Pois não podemos passar pelo Portão Vigiado sem sermos percebidos, quer nos procurem, quer não; e, se lá chegarmos, os Guardas não precisarão de relatórios de que não somos orcs. Mas, para passarmos,

necessitaremos de um apelo maior que esse. Pois você não imagina, Tuor, o perigo que havemos de enfrentar nessa hora. Não me culpe, como se não tivesse sido alertado, pelo que poderá acontecer então. Tomara que o poderio do Senhor das Águas se mostre de fato! Pois foi apenas com essa esperança que me dispus a guiá-lo; e, se ela falhar, é mais certo que encontremos a morte que por todos os perigos dos ermos e do inverno.

- Chega de agouros - disse Tuor. - A morte nos ermos é certa; e a morte no Portão ainda me é duvidosa, apesar de todas as suas palavras. Conduza-me ainda em frente!

Por muitas milhas avançaram penosamente nas pedras do Rio Seco, até que não conseguiram mais prosseguir, e a tardinha trouxe as trevas à profunda fissura. Aí saíram, escalando a margem leste, e haviam então chegado às colinas desordenadas que ficavam no sopé das montanhas. E, erguendo os olhos, Tuor viu que elas se erguiam de modo diverso de quaisquer outras montanhas que vira; pois seus flancos eram como muralhas escarpadas, cada um empilhado acima e atrás do mais baixo, como se fossem grandes torres de precipícios com muitos andares. Mas o dia se fora, enquanto todas as terras estavam cinzentas e nebulosas, e o Vale do Sirion estava envolto em sombras. Então Voronwë o levou a uma caverna rasa em uma encosta que dava para as solitárias vertentes de Dimbar. Ali entraram, sorrateiros, e permaneceram escondidos. Comeram suas últimas migalhas, e sentiam frio e cansaço extremo, mas não dormiram. Assim Tuor e Voronwë chegaram, ao escurecer do décimo oitavo dia de Hísimë, o trigésimo sétimo da sua jornada, às torres dos Echoriath e à soleira de Turgon, tendo pelo poderio de Ulmo escapado tanto à Condenação quanto à Malícia.

Quando o primeiro brilho do dia se infiltrou, cinzento, pelas névoas de Dimbar, esgueiraram-se de volta para o Rio Seco, que logo depois voltou seu curso para o leste, subindo tortuoso até as próprias muralhas das montanhas; e bem defronte deles assomou um enorme paredão, erguendo-se escarpado e repentino de uma encosta íngreme na qual crescia uma emaranhada moita de espinheiros. Nessa moita entrava o canal pedregoso, e lá ainda estava escuro como a noite. E os dois pararam, pois os espinhos se estendiam muito descendo pelos lados da ravina, e seus galhos entrelaçados formavam um teto denso por cima, tão baixo que muitas vezes Tuor e Voronwë tinham de se arrastar para passar por baixo, como animais voltando furtivamente ao covil.

Mas por fim, tendo chegado com grande esforço ao próprio sopé do penhasco, encontraram uma abertura, como se fosse a boca de um túnel escavado na dura rocha por águas que tivessem fluído do coração das montanhas. Entraram, e lá dentro não havia luz, mas Voronwë avançava com constância, enquanto Tuor seguia com a mão em seu ombro, um pouco encurvado, pois o teto era baixo. Assim, durante algum tempo prosseguiram às cegas, passo a passo, até que finalmente sentiram o chão sob seus pés tornar-se plano e livre de pedras soltas. Detiveram-se então e respiraram fundo, parados a escutar. O ar parecia fresco e saudável, e eles se deram conta de um grande espaço à sua volta e acima deles. Mas o silêncio era total, e nem mesmo o pingar da água se podia ouvir. Pareceu a Tuor que Voronwë estava inquieto e inseguro.

- Então onde está o Portão Vigiado? - sussurrou. Ou será que agora já passamos por ele?

- Não - disse Voronwë. - Porém me espanto, pois é estranho que qualquer intruso consiga se esgueirar tão longe sem ser interpelado. Temo um golpe no escuro.

Mas seus sussurros despertaram os ecos adormecidos, e aumentaram e se multiplicaram, percorrendo o teto e as paredes invisíveis, aos silvos e murmúrios como o som de muitas vozes furtivas. E, justamente quando os ecos morriam na pedra, Tuor escutou, do coração das trevas, uma voz falando nas línguas élficas: primeiro na Alta Fala dos noldor, que ele não conhecia; e depois na língua de Beleriand, porém de maneira um

tanto estranha a seus ouvidos, como de um povo há muito separado dos seus parentes.

- Parem! - disse. - Não se movam! Ou morrerão, sejam inimigos ou amigos.

- Somos amigos - disse Voronwë.

- Então façam o que mandamos - disse a voz.

O eco das suas vozes desfez-se em silêncio. Voronwë e Tuor ficaram imóveis, e pareceu a Tuor que muitos longos minutos se passaram, enquanto um temor penetrava seu coração como nenhum outro perigo de seu caminho lhe trouxera. Ouviu-se, então, o ruído de passos, crescendo para um tropel alto como a marcha de trolls naquele lugar oco. De repente uma lanterna élfica foi destapada, e seu raio luminoso se voltou sobre Voronwë diante dele, mas Tuor nada conseguia ver senão uma estrela ofuscante na escuridão; e sabia que, enquanto aquele facho estivesse sobre ele, não poderia se mexer, nem para fugir nem para correr adiante.

Por um momento ficaram assim retidos no olho da luz, e então a voz falou outra vez.

- Mostrem seus rostos! - E Voronwë afastou o manto, e seu rosto brilhou no raio, duro e claro, como se fosse esculpido em pedra; e Tuor se maravilhou de ver sua beleza.

- Não sabem a quem vêem? - perguntou Voronwë, altivo. - Sou Voronwë, filho de Aranwë, da Casa de Fingolfin. Ou estou esquecido em minha própria terra depois de alguns anos? Vaguei muito além de onde alcança o pensamento da Terra-média, no entanto me recordo de sua voz, Elemmakil.

- Então Voronwë se recordará também das leis da sua terra - disse a voz. - Já que partiu sob comando, tem o direito a retornar. Mas não a trazer nenhum estranho para cá. Por esse feito, seu direito é nulo, e deve ser conduzido como prisioneiro ao julgamento do rei. Quanto ao estrangeiro, há de ser morto ou mantido em cativeiro conforme o julgamento da Guarda. Traga-o aqui para que eu possa julgar.

Então Voronwë conduziu Tuor até a luz; e, ao se aproximarem, muitos noldor, trajando cota de malha e armados, saíram da escuridão e os cercaram com espadas desembainhadas. E Elemmakil, capitão da Guarda, que trazia a lanterna luminosa, os olhou longamente e de perto.

- É estranha sua atitude, Voronwë - disse. - Fomos amigos por muito tempo. Então por que me coloca de modo tão cruel entre a lei e a amizade? Se tivesse trazido para cá, sem autorização, alguém das outras casas dos noldor, já seria bastante. Mas trouxe ao conhecimento do Caminho um homem mortal - pois pelos seus olhos detecto sua espécie. Ele, porém, nunca mais poderá seguir livre, conhecendo o segredo; e, por ser alguém de espécie alheia que ousou entrar, eu deveria matá-lo por muito que seja seu amigo, e lhe seja caro.

- Na vastidão do mundo lá fora, Elemmakil, podem acontecer-nos muitas coisas estranhas, e podemos ser incumbidos de tarefas inesperadas - respondeu Voronwë. - O viandante retorna diverso do que partiu. O que fiz foi feito sob um comando maior que a lei da Guarda. Só o Rei deveria julgar a mim e àquele que vem comigo.

Então Tuor falou, e não temeu mais.

- Venho com Voronwë, filho de Aranwë, porque ele foi designado pelo Senhor das Águas para ser meu guia. Com esse fim, foi salvo da ira do Mar e da Condenação dos Valar. Pois trago um mandado de Ulmo para o filho de Fingolfin, e a ele o direi.

A essas palavras Elemmakil fitou Tuor com espanto.

- Então quem é você? - perguntou. - E de onde vem?

- Sou Tuor, filho de Huor da Casa de Hador e da família de Húrin, e estes nomes, segundo me dizem, não são desconhecidos no Reino Oculto. De Nevrast eu vim, e muitos perigos atravessei para buscá-lo.

- De Nevrast? - perguntou Elemmakil. - Dizem que ninguém mora lá desde que nossa gente partiu.

- Dizem a verdade - respondeu Tuor. - Desertos e frios estão os pátios de Vinyamar. No entanto, é de lá que venho. Leve-me agora ao que outrora construiu aqueles salões.

- Em assuntos de tal magnitude, o julgamento não é meu - disse Elemmakil. - Portanto vou levá-los à luz onde mais poderá ser revelado, e os entregarei ao Guardião do Grande Portão.

Deu então um comando, e Tuor e Voronwë foram postos entre altos guardas, dois à frente e três atrás deles; e seu capitão os levou da caverna da Guarda Externa. E pareceu que entraram em um corredor estreito, e nele caminharam muito tempo sobre um chão plano, até que uma luz pálida reluziu à frente. Assim chegaram finalmente a um amplo arco, com colunas altas de ambos os lados, esculpidas na rocha, e entre elas estava suspenso um grande portão corrediço de barras de madeira cruzadas, maravilhosamente entalhado e guarnecido de pregos de ferro.

Quando Elemmakil o tocou, ele se ergueu sem ruído, e a comitiva passou. Tuor viu que estavam na extremidade de uma ravina, tal como nunca antes contemplara nem imaginara, embora muito tivesse caminhado nas montanhas selvagens do norte; pois, comparado com o Orfalch Echor, o Cirith Ninniach era apenas um sulco na rocha. Aqui as mãos dos próprios Valar, nas antigas guerras do princípio do mundo, haviam apartado à força os grandes montes, e as laterais da fenda eram escarpadas como se cortadas a machado, e se erguiam a alturas inimagináveis. No alto, bem longe, corria uma faixa de firmamento, e com seu azul profundo contrastavam picos negros e píncaros recortados, remotos mas duros, cruéis como lanças. Aquelas muralhas enormes eram demasiado altas para que o sol do inverno lhes espiasse por cima, e, embora já fosse dia claro, estrelas brilhavam pálidas sobre os cimos das montanhas, e lá embaixo tudo era penumbra, a não ser pela luz fraca das lanternas colocadas ao longo da estrada ascendente. Pois o piso da ravina apresentava um aclive pronunciado, na direção leste, e à esquerda Tuor viu, ao lado do leito do rio, um caminho largo, calçado e pavimentado com pedras, subindo sinuoso até se perder na sombra.

- Acabam de passar pelo Primeiro Portão, o Portão de Madeira - disse Elemmakil. - Lá está o caminho. Precisamos nos apressar.

Tuor não conseguia imaginar a que distância aquela estrada profunda levava, e, enquanto olhava à frente, uma grande exaustão se abateu sobre ele como uma nuvem. Um vento gélido assobiava sobre as faces das pedras, e ele se enrolou mais no manto. - Sopra frio o vento do Reino Oculto! - disse.

- Sim, de fato - disse Voronwë - a um estrangeiro poderia parecer que o orgulho tornou impiedosos os servos de Turgon. Longas e árduas parecem as léguas dos Sete Portões aos famintos e extenuados.

- Se nossa lei fosse menos rigorosa, há muito a astúcia e o ódio teriam entrado e nos destruído. Isso você sabe bem - disse Elemmakil. - Mas não somos impiedosos. Aqui não há comida, e o desconhecido não pode voltar por um portão que tenha atravessado. Suporte um pouco, pois, e no Segundo Portão receberá alimento.

- Está bem - disse Tuor, e prosseguiu conforme lhe mandaram. Pouco depois virou-se e viu que Elemmakil seguia sozinho com Voronwë.

- Não há mais necessidade de guardas - disse Elemmakil, lendo seus pensamentos. - Do Orfalch não há como elfo ou homem escapar, e não há retorno.

Assim continuaram subindo o caminho íngreme, às vezes por longas escadarias, às vezes por aclives sinuosos, sob a sombra intimidante do penhasco, até que, a cerca de

meia légua do Portão de Madeira, Tuor viu que o caminho estava barrado por um grande muro construído de lado a lado da ravina, com robustas torres de pedra de ambos os flancos. No muro havia um grande arco sobre a estrada, mas parecia que pedreiros o haviam bloqueado com uma única pedra enorme. À medida que se aproximavam, sua superfície escura e polida reluzia à luz de uma lâmpada branca suspensa sobre o meio do arco.

- Aqui está o Segundo Portão, o Portão de Pedra - disse Elemmakil; e, aproximando-se dele, empurrou-o de leve. Ele girou sobre um eixo invisível até passar com a borda voltada para eles, e o caminho se abriu de ambos os lados. Passaram, entrando em um pátio onde estavam de pé muitos guardas armados, trajados de cinza. Nenhuma palavra se pronunciou, mas Elemmakil levou os que vigiava até uma câmara debaixo da torre setentrional; e lá lhes trouxeram comida e vinho, e lhes permitiram descansar um pouco.

- O alimento pode parecer escasso - disse Elemmakil a Tuor. - Mas, se for provado o que afirma, no futuro há de ser ricamente compensado.

- É suficiente - disse Tuor. - Fraco seria o coração que necessitasse de melhor cura. - E de fato a bebida e comida dos noldor o restauraram de tal modo que logo estava ansioso por prosseguir.

Pouco adiante chegaram a uma muralha ainda mais alta e forte do que antes, e nela estava instalado o Terceiro Portão, o Portão de Bronze: uma grande porta dupla adornada com escudos e placas de bronze, nos quais havia gravados muitas figuras e sinais estranhos. Na muralha acima da verga existia três torres quadradas, com telhados e revestimentos de cobre, que através de algum estratagema da arte de forjar estavam sempre brilhantes e reluziam como fogo aos raios das lâmpadas vermelhas alinhadas como tochas ao longo da muralha. Mais uma vez passaram pelo portão em silêncio e viram no pátio do outro lado uma companhia ainda maior de guardas, em cota de malha que refulgia pálida como fogo baço; e as lâminas de seus machados eram vermelhas. Os que vigiavam este portão eram em sua maior parte do povo dos Sindar de Nevrast.

Chegaram então ao caminho mais cansativo, pois no meio do Orfalch o aclive era o mais íngreme; e, enquanto subiam, Tuor viu a maior de todas as muralhas assomando sombria acima dele. Assim aproximaram-se por fim do Quarto Portão, o Portão de Ferro Forjado. Alta e negra era a muralha, e nenhuma lâmpada a iluminava. Quatro torres de ferro estavam assentadas sobre ela, e entre as duas torres internas estava colocada a figura de uma grande águia, trabalhada em ferro, a própria imagem do Rei Thorondor, como pousaria em uma montanha vindo das alturas. Mas quando Tuor parou diante do portão, pareceu a seus olhos maravilhados que olhava, através de ramos e troncos de árvores imperecíveis, para dentro de uma pálida clareira da Lua. Pois passava uma luz pelas filigranas do portão, que eram forjadas e marteladas em forma de árvores com raízes contorcidas e ramos entrelaçados carregados de folhas e flores. E, ao atravessar, viu como isso podia acontecer; pois a muralha era de grande espessura, e não havia uma grade, e sim três alinhadas, dispostas de forma que, para quem se aproximasse no meio do caminho, cada uma formasse parte do desenho; mas a luz do outro lado era a luz do dia.

Pois agora haviam subido a grande altura acima das terras baixas de onde haviam partido, e para além do Portão de Ferro a estrada seguia quase nivelada. Ademais, tinham passado pelo cimo e coração dos Echoriath, e as torres das montanhas agora desciam rapidamente em direção das colinas internas, enquanto a ravina se abria mais, e suas paredes se tornavam menos íngremes. Suas longas margens estavam recobertas de neve branca, e a luz do firmamento, espelhada pela neve, passava branca como o luar através de uma névoa tremeluzente que enchia o ar.

Passaram então pelas fileiras dos Guardas de Ferro que estavam atrás do Portão; negros eram seus mantos bem como sua malha e seus longos escudos, e seu rosto mascarado por viseiras que ostentavam cada uma um bico de águia. Então Elemmakil andou à sua frente e eles o seguiram, entrando na luz pálida; e Tuor viu ao lado do caminho um gramado, onde cresciam como estrelas as flores brancas de uilos, a Sempre-em-Mente que não conhece estação e não murcha; e assim, maravilhado e de coração leve, foi conduzido ao Portão de Prata.

O muro do Quinto Portão era construído de mármore branco, e era baixo e largo; seu parapeito era uma treliça de prata entre cinco grandes globos de mármore; e lá estavam postados muitos arqueiros de vestes brancas. O portão tinha a forma de três quartos de círculo, e era trabalhado em prata e pérolas de Nevrast com imagens da Lua; mas acima do Portão, sobre o globo central, havia uma imagem da Árvore Branca Telperion, lavrada em prata e malaquita, com flores feitas de grandes pérolas de Balar. E além do Portão, em um amplo pátio calçado de mármore, verde e branco, estavam parados arqueiros em cota de malha de prata e elmos de cristas brancas, cem de cada flanco. Então Elemmakil conduziu Tuor e Voronwë por suas fileiras silenciosas, e os três entraram numa longa estrada branca que seguia reto para o Sexto Portão; e, à medida que avançavam, o gramado se tornava mais largo, e entre as estrelas brancas de uilos abriam-se muitas florezinhas como olhos de ouro.

Assim chegaram ao Portão Dourado, o último dos antigos portões de Turgon que foram feitos antes das Nirnaeth; e era muito semelhante ao Portão de Prata, exceto que o muro era construído de mármore amarelo, e os globos e o parapeito eram de ouro vermelho. Eram seis globos e, no meio, sobre uma pirâmide dourada, estava fixada uma imagem de Laurelin, a Árvore do Sol, com flores feitas de topázio, em longos cachos em correntes de ouro. E o próprio Portão era adornado com discos de ouro, de muitos raios, à semelhança do Sol, engastados entre desenhos de granadas, topázios e diamantes amarelos. No pátio do outro lado estavam perfilados trezentos arqueiros com arcos longos e sua malha era coberta de ouro; altas plumas douradas erguiam-se de seus elmos, e seus grandes escudos redondos eram vermelhos como chamas. Agora caía a luz do sol sobre o restante da estrada pois as muralhas das colinas eram baixas de ambos os lados e verdes, exceto pela neve nos cimos; e Elemmakil apressou-se em prosseguir, pois era curto o caminho até o Sétimo Portão, chamado o Grande, o Portão de Aço atravessado na ampla entrada do Orfalch Echor que Maeglin construiu após o retorno das Nirnaeth.

Lá não havia muro, mas dos dois lados havia torres redondas de grande altura, com muitas janelas, que, em sete andares, se afilavam em torreões de aço brilhante; e entre as torres erguia-se uma enorme cerca de aço que não enferrujava, mas rebrilhava fria e branca. Sete grandes colunas de aço lá havia, esguias, da altura e diâmetro de árvores jovens e fortes, mas encimadas por pontas acres que subiam aguçadas como agulhas; e entre as colunas havia sete barras transversais de aço, e em cada espaço sete vezes sete hastes de aço verticais, com cabeças como as lâminas largas de lanças. Mas no centro, sobre a coluna do meio, a maior, erguia-se uma enorme imagem do elmo real de Turgon, a Coroa do Reino Oculto, cravejada de diamantes.

Tuor não conseguia ver portão ou porta naquela enorme sebe de aço, mas, à medida que se aproximava, parecia-lhe que saía pelos espaços entre as barras uma luz ofuscante; e cobriu os olhos, permanecendo imóvel de temor e espanto. Mas Elemmakil avançou, e nenhum portão se abriu ao seu toque; ele tangeu uma barra, e a cerca ressoou como uma harpa de muitas cordas, emitindo notas nítidas em harmonia, que correram de uma torre à outra.

De pronto saíram cavaleiros das torres, mas à frente dos da torre norte vinha um

montado num cavalo branco. Apeou e veio caminhando em direção deles. Por alto e nobre que fosse Elemmakil, maior e mais soberbo era Ecthelion, Senhor das Fontes, naquela época Guardião do Grande Portão. Estava trajado todo de prata, e em seu elmo brilhante estava fixada uma ponta de aço encimada por um diamante; e, quando seu escudeiro lhe tomou o escudo, este cintilou como se estivesse orvalhado de gotas de chuva, que eram na verdade mil pinos de cristal.

- Trago aqui Voronwë Aranwion, de retorno de Balar - disse Elemmakil depois de saudá-lo -, e eis o estrangeiro que ele conduziu para cá, que exige ver o Rei.

Então Ecthelion se voltou para Tuor, mas este se enrolou no manto e permaneceu em silêncio, encarando-o. Pareceu a Voronwë que uma névoa envolvia Tuor e que sua estatura aumentava, de modo que o cimo do seu alto capuz sobrepujou o elmo do senhor élfico, como se fosse a crista de uma onda cinzenta do mar, rolando para terra. Mas Ecthelion voltou seu olhar luzidio para Tuor, e depois de uma pausa falou com gravidade:

- Você chegou ao Último Portão. Saiba, pois, que qualquer estranho que o atravesse jamais há de sair outra vez, exceto pela porta da morte.

- Não pronuncie maus agouros! Se o mensageiro do Senhor das Águas passar por essa porta, então todos os que aqui habitam o seguirão. Senhor das Fontes, não impeça o mensageiro do Senhor das Águas!

Então Voronwë e todos os que estavam por perto outra vez fitaram Tuor com assombro, maravilhando-se com suas palavras e sua voz. E pareceu a Voronwë que ouvia uma alta voz, mas como se fosse de alguém que chamasse de muito longe. Mas a Tuor parecia que ouvia a si próprio falando como se outro falasse por sua boca.

Por algum tempo, Ecthelion quedou-se em silêncio, olhando para Tuor, e lentamente seu rosto se encheu de pasmo, como se na sombra cinzenta do manto de Tuor enxergasse visões de muito longe. Então fez uma reverência, foi à cerca e pôs as mãos sobre ela; e se abriram portões para dentro, de ambos os lados da coluna da Coroa. Tuor passou então e, chegando a um alto gramado de onde se divisava o vale mais além, contemplou uma visão de Gondolin em meio à branca neve. E ficou tão encantado que por muito tempo não conseguiu olhar para nada mais; pois diante de si via afinal a visão do seu desejo, saída de sonhos de aspiração.

Assim ficou parado e não disse palavra. Em silêncio, de ambos os lados, estava postada uma hoste do exército de Gondolin; lá estavam representados todos os sete grupos dos Sete Portões; mas seus capitães e comandantes montavam cavalos, brancos e cinzentos. Então, enquanto fitavam Tuor com espanto, seu manto caiu e lá estava ele diante deles na possante farda de Nevrast. E muitos que estavam ali haviam visto o próprio Turgon pendurar aqueles objetos na parede por trás do Alto Assento de Vinyamar.

- Agora não é necessária mais nenhuma prova - disse Erthelion por fim -, e mesmo o nome que afirma ter, como filho de Huor, importa menos que a clara verdade de que ele vem do próprio Ulmo.

CAPÍTULO II

Narn i Hîn Húrin
O conto dos filhos de Húrin

A infância de Túrin

Hador Cabeça-dourada era um senhor dos edain, e muito amado pelos eldar. Viveu, enquanto duraram seus dias, sob o senhorio de Fingolfin, que lhe deu amplas terras naquela região de Hithlum que se chamava Dor-lómin. Sua filha Glóredhel casou-se com Haldir, filho de Halmir, senhor dos homens de Brethil; e na mesma festa seu filho Galdor, o Alto, casou-se com Hareth, filha de Halmir.

Galdor e Hareth tiveram dois filhos, Húrin e Huor. Húrin era três anos mais velho, mas era de estatura menor que outros homens de sua família; nisso puxou ao povo de sua mãe, mas em todas as outras coisas era como seu avô Hador, belo de rosto e de cabelos dourados, de corpo forte e natureza belicosa. Mas o fogo ardia constantemente dentro dele, e sua vontade possuía enorme determinação. De todos os homens do norte era ele quem mais conhecia os desígnios dos noldor. Seu irmão Huor era alto, o mais alto de todos os edain, à única exceção de seu próprio filho Tuor, e era um corredor veloz; mas, se a corrida fosse longa e dura, Húrin era o primeiro a chegar, pois corria com tanta força no fim da carreira quanto no início. Havia grande amor entre os irmãos, e eles raramente se apartavam na juventude.

Húrin casou-se com Morwen, a filha de Baragund, filho de Bregolas da Casa de Beor; e assim ela era parenta próxima de Beren Maneta. Morwen tinha cabelos escuros e era alta; e, pela luz de seu olhar e a beleza de seu rosto, os homens a chamavam Eledhwen, bela como os elfos; mas era altiva e tinha um humor um tanto severo. Os pesares da Casa de Béor entristeciam-lhe o coração; pois chegara a Dor-lómin como exilada de Dorthonion, após a destruição da Bragollach.

Túrin era o nome do filho mais velho de Húrin e Morwen, e nasceu naquele ano em que Beren chegou a Doriath e encontrou Lúthien Tinúviel, filha de Thingol. Morwen também deu a Húrin uma filha, e ela recebeu o nome de Urwen; mas era chamada de Lalaith, que é Riso, por todos que a conheceram em sua breve vida.

Huor casou-se com Rían, prima de Morwen. Rían era filha de Belegund, filho de Bregolas. Por cruel destino nasceu ela naquela época, pois era suave de coração e não gostava de caçadas nem de guerra. Seu amor era dedicado às árvores e às flores dos ermos, e era cantora e compunha canções. Só havia dois meses que estava casada com Huor quando ele foi com o irmão às Nirnaeth Arnoediad, e nunca mais ela o viu.

Nos anos posteriores à Dagor Bragollach e à queda de Fingolfin, a sombra do temor de Morgoth aumentou. Mas no quadringentésimo sexagésimo nono ano após o retorno dos noldor à Terra-média, começou a brotar a esperança entre os elfos e os homens; pois correu entre eles o rumor dos feitos de Beren e Lúthien, e de como Morgoth havia sido envergonhado sobre seu próprio trono em Angband, e alguns diziam que Beren e Lúthien viviam ainda, ou haviam ressurgido dos Mortos. Também naquele ano estavam quase concluídos os grandes conselhos de Maedhros, e, com a força renovada dos eldar e dos edain, o avanço de Morgoth foi detido, e os orcs foram rechaçados de Beleriand. Então, alguns começaram a falar de vitórias vindouras, e da reparação da Batalha de Bragollach, quando Maedhros haveria de liderar as hostes unidas, expulsar Morgoth para baixo da terra e selar as Portas de Angband.

No entanto, os mais sábios estavam ainda apreensivos, temendo que Maedhros revelasse sua força crescente cedo demais, e que Morgoth dispusesse de tempo bastante para deliberar contra ele. - Algum novo mal sempre será tramado em Angband, além do que podem imaginar os elfos e os homens - diziam. E, no outono daquele ano, para confirmar suas palavras, veio um vento malévolo do norte sob céus de chumbo. Chamavam-no Hálito Maligno, pois era pestilento; e muitos adoeceram e morreram no outono, nas terras do norte que faziam limite com Anfauglith, e eram em sua maioria crianças ou jovens que cresciam nas casas dos homens.

Naquele ano Túrin, filho de Húrin, ainda tinha apenas cinco anos de idade, e sua irmã, Urwen, fez três anos no início da primavera. O cabelo de Urulen era como os lírios amarelos na grama, quando ela corria nos campos, e seu riso era como o som do alegre riacho que vinha cantando das colinas e passava pelos muros da casa de seu pai. Chamava-se o riacho Nen Lalaith, e por esse motivo todas as pessoas da casa chamavam a criança de Lalaith, e seus corações se alegravam enquanto ela estava entre eles.

Mas Túrin era menos amado que ela. Tinha os cabelos escuros de sua mãe, e prometia ser como ela também em humor; pois não era alegre e pouco falava, apesar de ter aprendido a falar cedo e sempre parecer mais velho do que era. Túrin dificilmente se esquecia de alguma injustiça ou escárnio; mas o fogo de seu pai também estava nele, e Túrin podia ser impetuoso e feroz. No entanto, rapidamente se apiedava, e os ferimentos ou tristezas dos seres viventes podiam levá-lo às lágrimas. Também nesse aspecto era como seu pai, pois Morwen era tão severa com os demais como consigo mesma. Ele amava a mãe pois as palavras que ela lhe dirigia eram diretas e claras; mas pouco via o pai pois Húrin costumava passar muito tempo longe de casa, com o exército de Fingon que vigiava os limites orientais de Hithlum; e, quando voltava, sua fala rápida, cheia de insinuações, palavras e chistes estranhos confundia Túrin e o constrangia. Naquela época, todo o afeto de seu coração ia para sua irmã Lalaith; mas raramente brincava com ela, preferindo vigiá-la sem ser visto e vê-la caminhar sobre a grama ou sob as árvores, cantando canções como as que os filhos dos edain compunham muito tempo atrás, quando a linguagem dos elfos ainda estava recente em seus lábios.

- Bela como uma criança élfica é Lalaith - dizia Húrin a Morwen -; porém mais efêmera. Que pena! E assim mais bela, talvez, ou mais cara. - E Túrin, ouvindo essas palavras, refletiu sobre elas, mas não as conseguiu compreender. Pois nunca vira crianças élficas. Nenhum dos eldar vivia naquela época nas terras de seu pai, e apenas uma vez ele os vira, quando o Rei Fingon e muitos dos seus senhores haviam atravessado Dor-lómin a cavalo e passado pela ponte de Nen Lalaith, rebrilhando em prata e branco.

Antes, porém, que o ano terminasse demonstrou-se a verdade das palavras de seu pai; pois o Hálito Maligno chegou a Dor-lómin, e Túrin adoeceu, jazendo por muito tempo em febre e sonhos obscuros. E, quando estava curado, pois tais eram seu destino e a força vital que tinha em si, perguntou por Lalaith

- Não fale mais de Lalaith, filho de Húrin - respondeu-lhe sua ama -, mas deve pedir notícias de sua irmã Urwen a sua mãe.

E, quando Morwen veio ter com ele, Túrin lhe disse: - Não estou mais doente e desejo ver Urwen; mas por que não devo mais dizer Lalaith?

- Porque Urwen está morta, e o riso calou-se nesta casa - respondeu ela. - Mas você vive, filho de Morwen; e vive também o Inimigo que nos causou isto.

Ela não procurou consolá-lo, nem a si mesma; pois enfrentava o pesar em silêncio e com frieza de coração. Já Húrin pranteou a filha abertamente, tomou sua harpa e teria composto uma canção de lamento; mas não conseguiu, quebrou a harpa e, saindo, ergueu a mão para o norte

- Desfigurador da Terra-média - exclamou -, queria ver-te face a face, e desfigurar-te como fez meu senhor Fingolfin!

Túrin, no entanto, chorou amargamente, sozinho na noite, embora diante de Morwen nunca mais pronunciasse o nome da irmã. Para um amigo apenas voltou-se naqueles dias, e a ele falou do seu pesar e do vazio da casa. Esse amigo chamava-se Sador, um criado a serviço de Húrin. Era manco e de pouca importância. Fora lenhador e, por má sorte ou manejo errado do machado, havia cortado o pé direito, fazendo com que a perna sem pé se atrofiasse; e Túrin o chamava de Labadal, que é "Manquitola", mas o nome não desagradava a Sador, pois fora dado por pena e não por escárnio. Sador trabalhava nas construções anexas, fazendo ou consertando coisas de pouco valor que eram necessárias na casa, pois tinha algum talento para trabalhar a madeira. E Túrin lhe trazia o que lhe faltasse, para lhe poupar a perna, e às vezes se apoderava em segredo de alguma ferramenta ou pedaço de madeira que ninguém estivesse vigiando, se pensasse que seu amigo podia usá-los. Então Sador sorria, mas lhe pedia para devolver os presentes aos seus lugares.

- Seja generoso ao dar, mas dê só o que for seu - dizia. Recompensava como podia a bondade da criança, e lhe esculpia figuras de homens e animais; mas Túrin deliciava-se mais com as histórias de Sador, pois ele fora rapaz nos tempos da Bragollach, e agora gostava de se alongar sobre os curtos dias de sua plena maturidade, antes de aleijar-se.

- Dizem que essa foi uma grande batalha, filho de Húrin. Fui chamado dos meus afazeres pela floresta, na necessidade daquele ano; mas não estive na Bragollach, ou teria sido ferido com mais honra. Pois chegamos tarde demais, exceto para trazermos de volta o ataúde do velho senhor, Hador, que tombou na guarda do Rei Fingolfin. Fui soldado depois disso, e estive em Eithel Sirion, a grande fortaleza dos reis élficos, por muitos anos; ou assim agora me parece, e os anos monótonos desde então pouco têm a marcá-los. Em Eithel Sirion eu estava quando o Rei Negro a atacou, e Galdor, pai de seu pai, lá era o capitão em lugar do Rei. Ele foi morto naquele ataque; e vi seu pai assumir seu senhorio e comando, apesar de recém-chegado à maioridade. Havia nele um fogo que tornava a espada quente em sua mão, diziam. Sob sua liderança, expulsamos os orcs para a areia; e eles não se atreveram a voltar à vista das muralhas desde aquele dia. Mas ai! Meu amor pela batalha estava saciado, pois havia visto o suficiente de sangue derramado e ferimentos; e consegui uma licença para voltar à floresta pela qual ansiava. E lá me feri; pois um homem que foge de seu medo pode descobrir que apenas pegou um atalho para encontrá-lo. Desse forma Sador falava a Túrin à medida que este ia crescendo; e Túrin começou a fazer muitas perguntas que Sador considerava difíceis de responder, pensando que outros mais próximos deveriam se encarregar de ensiná-lo.

- Lalaith era de fato semelhante a uma criança élfica, como disse meu pai? - perguntou-lhe Túrin um dia. - E o que queria dizer quando disse que ela era mais efêmera?

- Muito semelhante - disse Sador -, pois na primeira infância os filhos dos homens e dos elfos são muito parecidos. Mas os filhos dos homens crescem mais depressa, e sua juventude logo passa; tal é nosso destino.

- O que é destino? - perguntou-lhe então Túrin.

- Quanto ao destino dos homens - disse Sador -, você precisa perguntar aos que são mais sábios que Labadal. Mas, como todos podem ver, logo nos cansamos e morremos; e por infortúnio muitos encontram a morte ainda mais cedo. Mas os elfos não se cansam, e não morrem exceto por grandes ferimentos. De feridas e pesares que matariam os homens eles podem se curar; e, mesmo quando seus corpos são desfigurados, eles retornam, dizem alguns. Conosco não é assim.

- Então Lalaith não voltará? - perguntou Túrin. - Aonde foi ela?

- Não voltará - disse Sador. - Mas aonde foi nenhum homem sabe; ou eu não sei.

- Sempre foi assim? Ou sofremos alguma maldição do Rei malévolo, quem sabe, como o Hálito Maligno?

- Não sei. Uma escuridão jaz atrás de nós, e dela poucas histórias nos chegaram. Os pais de nossos pais podem ter sabido de coisas para contar, mas não as contaram. Até mesmo seus nomes foram esquecidos. As Montanhas ficam entre nós e a vida da qual vieram, fugindo não se sabe do quê.

- Estavam com medo? - perguntou Túrin.

- Pode ser - disse Sador. - Pode ser que tenhamos fugido do medo das Trevas, apenas para o encontrarmos aqui à nossa frente, e sem lugar para fugirmos senão o Mar.

- Não temos mais medo - disse Túrin -, não todos nós. Meu pai não tem medo, e eu não terei; ou, pelo menos, como minha mãe, terei medo e não o demonstrarei.

Então pareceu a Sador que os olhos de Túrin não eram como os de uma criança, e pensou: - O pesar afia as mentes duras.

Mas em voz alta disse: - Filho de Húrin e Morwen, como será com seu coração Labadal não pode imaginar; mas raramente e a poucos você mostrará o que ele contém.

- Talvez seja melhor não dizer o que se deseja se não se pode tê-lo - disse Túrin. - Mas desejo, Labadal, que eu fosse um dos eldar. Nesse caso Lalaith poderia voltar, e eu ainda estaria aqui, mesmo que ela se fosse por muito tempo. Servirei a um rei élfico como soldado assim que for capaz, como você fez, Labadal.

- Você poderá aprender muito com eles - disse Sador, e suspirou. - São um povo belo e maravilhoso, e têm um poder sobre o coração dos homens. E no entanto às vezes penso que teria sido melhor se nunca os tivéssemos encontrado, mas tivéssemos caminhado por trilhas mais modestas. Pois eles já são antigos em saber; e são altivos e resistentes. À sua luz perdemos nosso brilho, ou queimamos com uma chama demasiado rápida, e o peso de nosso destino nos parece ainda maior.

- Mas meu pai os ama - disse Túrin - e não é feliz sem eles. Diz que aprendemos com eles quase tudo o que sabemos e nos tornamos um povo mais nobre; e diz que os homens que ultimamente atravessaram as Montanhas quase não são melhores que orcs.

- Isso é verdade - respondeu Sador -, verdade quanto a alguns de nós, pelo menos. Mas a ascensão é dolorosa, e cie lugares altos é fácil despencar.

Nessa época Túrin tinha quase oito anos de idade, no mês de Gwaeron pela contagem dos edain, no ano que não pode ser esquecido. Já havia rumores entre os anciãos de grande recrutamento e acumulação de armas, de que Túrin nada soube; e Húrin, conhecendo a coragem de Morwen e sua língua prudente. muitas vezes lhe falava dos planos dos reis élficos, e do que poderia ocorrer se dessem certo ou errado. Seu coração estava pleno de esperança, e pouco temia o resultado da batalha; pois não lhe parecia que força alguma na Terra-média pudesse sobrepujar o poderio e o esplendor dos eldar.

- Eles viram a Luz no Oeste - dizia -, e no fim as Trevas terão de fugir diante de seus rostos.

Morwen não o contradizia; pois em companhia de Húrin aquilo que se esperava sempre parecia o mais provável. Mas também em sua família havia conhecimentos da sabedoria élfica, e ela dizia para si mesma: - E no entanto não abandonaram a Luz, e agora não estão excluídos dela? Pode ser que os Senhores do Oeste os tenham afastado de seus pensamentos; e então como poderão mesmo os Filhos Mais Velhos sobrepujar um dos Poderes?

Nenhuma sombra de tal dúvida parecia pesar sobre Húrin Thalion. No entanto,

certa manhã na primavera daquele ano. despertou como que de um sono inquieto, e uma nuvem se abateu sobre sua vivacidade naquele dia; e à tardinha disse de repente: - Quando eu for convocado, Morwen Eledhwen, hei de deixar a seu cargo o herdeiro da Casa de Hador. As vidas dos homens são curtas, e nelas há muitos infortúnios, mesmo em tempos de paz.

- Isso sempre foi assim - respondeu ela. - Mas o que há por trás de suas palavras?

- A prudência, não a dúvida - disse Húrin; e no entanto parecia perturbado. - Mas alguém que olha para diante tem de ver isto: que as coisas não permanecerão como foram. Esta será uma grande jogada, e um dos lados terá de cair mais baixo do que está agora. Se forem os reis élficos a cair, então será péssimo para os edain; e somos os que habitam mais perto do Inimigo. Mas se as coisas forem mal, não lhe direi: *Não tema!* Pois você teme o que deve ser temido, e somente isso; e o temor não a desalenta. Mas digo: *Não aguarde! Voltarei* para você como puder, mas não aguarde! Vá para o sul o mais rápido possível; e hei de segui-la, e hei de encontrá-la, mesmo que tenha de buscar por toda a Beleriand.

- Beleriand é ampla, e inóspita para exilados - disse Morwen. - Para onde hei de fugir, com poucos ou com muitos?

Então Húrin pensou um pouco em silêncio.

- Há a família de minha mãe em Brethil - disse. - São umas trinta léguas, a vôo de águia.

- Se de fato chegar um tempo tão terrível, que ajuda haverá nos homens? - perguntou Morwen. - A Casa de Béor caiu. Se cair a grande Casa de Hador, para que tocas se arrastará o pequeno Povo de Haleth?

- São poucos e ignorantes, mas não duvide de seu valor - disse Húrin. - Onde mais há esperança?

- Você não fala de Gondolin - disse Morwen.

- Não. pois esse nome nunca me passou pelos lábios - disse Húrin. - No entanto, é verdadeiro o que você ouviu: eu estive lá. Mas agora lhe digo em verdade, como não contei a ninguém mais, nem contarei: não sei onde fica.

- Mas tem uma idéia, e bem próxima, imagino - disse Morwen.

- Pode ser - disse Húrin. - Mas, a menos que o próprio Turgon me liberasse de meu juramento, eu não poderia contar, nem mesmo a você; e, portanto, sua busca seria em vão. Mas, se eu falasse, para minha vergonha, no máximo você apenas chegaria a um portão fechado; pois a não ser que Turgon saia para a guerra (e disso não se ouviu palavra, nem disso se tem esperança) ninguém entrará.

- Então, se sua família não tem esperança e seus amigos o renegam - disse Morwen -. tenho de me aconselhar comigo mesma; e agora me ocorre o pensamento de Doriath. Creio que a última das defesas a ser rompida será o Cinturão de Melian: e a Casa de Béor não será desprezada em Doriath. Agora não sou parente do rei? Pois Beren, filho de Barahir, foi neto de Bregor, como também foi meu pai.

- Meu coração não se inclina para Thingol - disse Húrin.

- Dele não virá auxílio para o Rei Fingon; e não sei que sombra me cai sobre o espírito à menção de Doriath.

- À menção de Brethil também se obscurece meu coração - disse Morwen.

Então Húrin riu de repente, e disse: - Estamos aqui sentados debatendo sobre o que está fora de nosso alcance e sombras que vêm de sonhos. As coisas não irão tão mal assim; mas, se forem, então tudo está entregue a sua coragem e julgamento. Faça, pois, o que lhe mandar o coração; mas faça-o depressa. E, se conseguirmos nossos intentos, os reis élficos estão resolvidos a restaurar todos os feudos da casa de Béor a seus herdeiros; e

uma importante herança caberá a nosso filho.

Naquela noite Túrin despertou sonolento, e lhe pareceu que seu pai e sua mãe estavam de pé ao lado do seu leito, e o fitavam à luz das velas que seguravam; mas ele não conseguia lhes ver o rosto.

Na manhã do aniversário de Túrin, Húrin deu ao filho um presente, uma faca feita pelos elfos, e o cabo e a bainha eram prata e negros.

- Herdeiro da Casa de Hador, eis um presente pelo dia. Mas tome cuidado! É uma lâmina cruel, e o aço só serve aos que sabem manejá-lo. Está tão pronta a cortar sua mão quanto qualquer outra coisa. - E, colocando Túrin sobre uma mesa, beijou o filho e disse: - Você já está mais alto que eu, filho de Morwen; logo será tão alto sobre seus próprios pés. Que nesse dia muitos temam sua lâmina.

Então Túrin saiu correndo do recinto e se afastou sozinho; e em seu coração havia um calor como o calor do sol sobre a terra fria que faz brotar a vida. Repetia para si as palavras do pai, Herdeiro da Casa de Hador; mas também lhe vinham à mente outras palavras: Seja generoso ao dar, mas dê só o que for seu. E foi ter com Sador.

- Labadal, é meu aniversário, o aniversário do herdeiro da Casa de Hador! - exclamou. - E eu lhe trouxe um presente para comemorar o dia. Eis uma faca, exatamente como você precisa; cortará tudo que quiser, fino como um fio de cabelo.

Perturbou-se então Sador, pois bem sabia que o próprio Túrin recebera a faca naquele dia; mas os homens consideravam ofensa recusar um presente dado espontaneamente por qualquer mão. Então lhe falou com gravidade.

- Você vem de uma família generosa, Túrin, filho de Húrin. Nada fiz para igualar seu presente, e nos dias que me restam não tenho esperança de fazer melhor; mas o que puder fazer farei. - E, quando Sador tirou a faca da bainha, disse: - Este é um presente de verdade: uma lâmina de aço élfico. Há muito tempo me faz falta a sensação cie tocar nesse metal.

Húrin logo reparou que Túrin não usava a faca, e lhe perguntou se sua advertência fizera com que a temesse.

- Não, mas dei a faca a Sador, o entalhador - respondeu Túrin.

- Então você despreza o presente de seu pai? - perguntou Morwen.

- Não - respondeu Túrin mais uma vez -, mas amo Sador e sinto pena dele.

- Todos os três presentes eram seus para dar, Túrin: o amor, a pena e a faca menos que tudo - disse Húrin.

- No entanto, duvido que Sador os mereça - disse Morwen. - Ele se aleijou por sua própria inabilidade e é lento em suas tarefas, pois gasta muito tempo em miudezas que não lhe foram pedidas.

- Dê-lhe a piedade ainda assim - disse Húrin. - Uma mão honesta e um coração fiel podem errar no golpe; e o dano pode ser mais difícil de suportar que a obra de um inimigo.

- Mas agora você precisará esperar por outra lâmina - disse Morwen. - Assim o presente será verdadeiro e à sua própria custa.

No entanto, Túrin viu que Sador passou a ser tratado com mais bondade daí em diante, e logo foi mandado fazer uma grande cadeira na qual o senhor se sentaria em seu salão.

Chegou uma manhã luminosa no mês de Lothron quando Túrin foi acordado por trombetas repentinas; e, correndo até as portas, viu no pátio grande multidão de homens a pé e a cavalo, e todos totalmente armados como se fossem à guerra. Também Húrin lá estava, e falava aos homens, dando comandos; e Túrin soube que naquele dia estavam partindo para Barad Eithel. Aqueles eram os guardas e os homens do domicílio de Húrin;

mas todos os homens de suas terras haviam sido chamados. Alguns já haviam ido com Huor, irmão de seu pai; e muitos outros se uniriam ao Senhor de Dor-lómin na estrada, e seguiriam seu estandarte à grande convocação do Rei.

Despediu-se então Morwen de Húrin sem lágrimas.

- Guardarei o que deixa aos meus cuidados - disse ela. - Tanto o que é quanto o que será.

- Adeus, Senhora de Dor-lómin - respondeu-lhe Húrin -; agora cavalgamos com maior esperança do que jamais conhecemos antes. Vamos pensar que neste solstício de inverno a festa será mais alegre que em todos os nossos anos até agora, seguida de uma primavera sem medo! - Então levantou Túrin no ombro e exclamou para seus homens: - Que o herdeiro da Casa de Hador veja suas espadas! - E o sol reluziu em cinqüenta lâminas que saltaram, e o pátio ressoou com o grito de batalha dos edain do norte: *Lacho calad! Drego morn!* Fulgure a Luz! Fuja a Noite!

Então por fim Húrin saltou para a sela, e seu estandarte dourado foi desenrolado, e as trombetas cantaram novamente na manhã; e assim Húrin Thalion partiu a cavalo para as Nirnaeth Arnoediad.

Mas Morwen e Túrin se quedaram em silêncio às portas, até ouvirem de muito longe o débil chamado de uma única trompa ao vento: Húrin passara sobre o topo da colina, além da qual não podia mais ver sua casa.

As palavras de Húrin e Morgoth

Muitas canções são cantadas e muitas histórias são contadas pelos elfos sobre as Nirnaeth Arnoediad, a Batalha das Lágrimas Sem Conta, onde caiu Fingon e a flor dos eldar feneceu. Se tudo fosse recontado, a vida de um homem não bastaria para escutar; mas agora contar-se-á o que ocorreu a Húrin, filho de Galdor, Senhor de Dor-lómin, quando ao lado da correnteza de Rivil acabou sendo apanhado vivo por ordem de Morgoth, e levado a Angband.

Húrin foi levado à presença de Morgoth, pois Morgoth sabia por suas artes e seus espiões que Húrin possuía a amizade do Rei de Gondolin; e procurou intimidá-lo com seus olhos.

Mas Húrin ainda não podia ser intimidado, e desafiou Morgoth. Portanto, Morgoth o fez acorrentar e torturar lentamente; mas daí a algum tempo veio a ele e lhe ofereceu a escolha de partir livre para onde quisesse, ou receber poder e graduação como o maior dos capitães de Morgoth, se apenas revelasse onde Turgon tinha sua fortaleza e qualquer outra coisa que soubesse dos desígnios do Rei. Mas Húrin, o Inabalável, escarneceu dele.

- Você é cego, Morgoth Bauglir, e cego sempre será, pois enxerga apenas as trevas. Não sabe o que governa os corações dos homens; e, se soubesse, não poderia dá-lo. Mas é tolo quem aceita o que Morgoth oferece. Você primeiro receberá o preço e depois reterá a promessa; e eu receberia apenas a morte se lhe contasse o que pede.

- Você ainda ansiará pela morte como obséquio meu - disse Morgoth, rindo. E levou Húrin ao Haudh-en-Nirnaeth, que na época estava recém-erguido, e o odor da morte pairava sobre ele; e Morgoth colocou Húrin em seu topo, e o mandou olhar para o oeste, em direção a Hithlum, e pensar em sua esposa, seu filho e seus demais parentes. - Pois moram agora em meu reino - disse Morgoth - e estão à minha mercê.

- Isso você não tem - respondeu Húrin. - Mas não chegará a Turgon através deles,

pois não conhecem os segredos.

- No entanto posso chegar a você e a toda a sua casa amaldiçoada - disse Morgoth, dominado pela ira -, e serão quebrados por minha vontade, mesmo que sejam todos feitos de aço. - E tomou um montante que jazia lá e o quebrou diante dos olhos de Húrin, e uma lasca lhe feriu o rosto; mas Húrin não se esquivou. Então Morgoth, estendendo o longo braço para Dor-lómin, amaldiçoou Húrin, Morwen e seus descendentes: - Olhe! A sombra de meu pensamento pesará sobre eles aonde quer que vão, e meu ódio há de persegui-los até os confins do mundo.

- Você fala em vão - retrucou Húrin. - Pois não pode vê-los nem governá-los de longe; não enquanto mantiver essa forma e desejar ainda ser um Rei visível sobre a terra.

- Tolo, pequeno entre os homens, e eles são os menores de todos os que falam! - disse Morgoth voltando-se para Húrin.

- Você viu os Valar, ou mediu o poder de Manwe e Varda? Conhece o alcance do pensamento deles? Ou crê, quem sabe, que o pensamento deles esteja sobre você, e que podem protegê-lo de longe?

- Não sei - respondeu Húrin. - Porém assim pode ser, se quiserem. Pois o Rei Mais Velho não há de ser destronado enquanto Arda durar.

- Você o diz - afirmou Morgoth. - Eu sou o Rei Mais Velho: Melkor, primeiro e mais poderoso de todos os Valar, que era antes do mundo, e o fez. A sombra de meu propósito paira sobre Arda, e tudo que nela está se curva lenta e seguramente à minha vontade. Mas sobre todos os que você ama meu pensamento há de pesar como uma nuvem do destino, e há de afundá-los em trevas e desespero. Aonde quer que vão, o mal surgirá. Quando quer que falem, suas palavras hão de trazer mau conselho. O que quer que façam há de se voltar contra eles. Hão de morrer sem esperança, amaldiçoando tanto a vida quanto a morte.

- Esquece a quem fala? Tudo isso você disse muito tempo atrás a nossos antepassados; mas escapamos da sua sombra. E agora temos conhecimento de você, pois contemplamos os rostos que viram a Luz, e escutamos as vozes que falaram com Manwe. Antes de Arda você era, mas outros também; e você não a fez. Nem é o mais poderoso, pois exauriu sua força consigo mesmo e a gastou em seu próprio vazio. Agora não é mais que um servo fugido dos Valar, e a corrente deles ainda o aguarda.

- Aprendeu de cor as lições de seus mestres - disse Morgoth. - Mas tais histórias infantis não o ajudarão, agora que eles fugiram todos.

- Então lhe direi esta última coisa, servo Morgoth - disse Húrin -, e ela não vem das histórias dos eldar, mas foi posta em meu coração nesta hora. Você não é o Senhor dos Homens, e nem há de ser, mesmo que toda a Arda e Menel caiam sob seu domínio. Além dos Círculos do Mundo, você não há de perseguir os que o renegam.

- Além dos Círculos do Mundo não os perseguirei - disse Morgoth. - Pois, além dos Círculos do Mundo, Nada existe. Mas dentro deles não hão de me escapar, até que entrem no Nada.

- Você mente - disse Húrin.

- Você há de ver e há de confessar que não minto - disse Morgoth. E, levando Húrin de volta a Angband, colocou-o em um assento de pedra em um lugar alto de Thangorodrim, de onde podia ver ao longe a terra de Hithlum no oeste e as terras de Beleriand ao sul. Lá foi atado pelo poder de Morgoth; e Morgoth, de pé ao seu lado, o amaldiçoou novamente e pôs seu poder sobre ele, de forma que não podia se mexer daquele lugar, nem morrer, enquanto Morgoth não o libertasse.

- Agora fique aí sentado - disse Morgoth - e contemple as terras onde o mal e o desespero hão de acometer os que você me entregou. Pois ousou zombar de mim e

questionou o poder de Melkor, Mestre dos destinos de Arda. Portanto, você há de ver com meus olhos e ouvir com meus ouvidos, e nada lhe será ocultado.

A partida de Túrin

Apenas três homens finalmente acharam o caminho de volta para Brethil através de Taur-nu-Fuin, uma estrada maligna; e quando Glóredhel, filha de Hador, soube da queda de Haldir, ela se desgostou e morreu.

A Dor-lómin não chegaram notícias. Rían, esposa de Huor, fugiu atormentada para os ermos; mas foi ajudada pelos elfos-cinzentos das colinas de Mithrim; e, quando nasceu seu filho Tuor, eles o criaram. Mas Rían foi ao Haudh-en-Nirnaeth, lá deitou-se e morreu.

Morwen Eledhwen permaneceu em Hithlum, calada em seu sofrimento. Seu filho Túrin tinha apenas nove anos, e ela estava grávida novamente. Seus dias eram terríveis. Os Orientais entraram na região em grandes números, trataram com crueldade o povo de Hador, roubaram tudo o que possuíam e os escravizaram. Todo o povo das terras natais de Húrin que podia trabalhar ou servir a qualquer propósito foi levado, mesmo moças e rapazes, e os velhos foram mortos ou expulsos para morrerem de fome. No entanto, ainda não ousavam pôr as mãos na Senhora de Dor-lómin, ou expulsá-la de sua casa; pois corria entre eles q|ue era perigosa, uma bruxa que tratava com os demônios-brancos: pois assim chamavam os elfos, odiando-os, porém temendo-os mais. Por essa razão também temiam e evitavam as montanhas, onde muitos dos eldar se haviam refugiado, em especial no sul da região; e, depois de saquearem e devastarem, os Orientais se retiraram para o norte. Pois a casa de Húrin ficava no sudeste de Dor-lómin, e as montanhas eram próximas. Nen Lalaith descia de fato de uma nascente sob a sombra de Amon Darthir, sobre cujo espinhaço havia uma passagem íngreme. Por esse caminho os intrépidos podiam cruzar Ered Wethrin e descer a Beleriand pelos poços de Glithui. Mas isso não era do conhecimento dos Orientais, nem ainda de Morgoth; pois toda aquela região, enquanto perdurava a Casa de Fingolfin, estava a salvo dele, e nenhum de seus servos jamais chegara lá. Ele confiava em ser Ered Wethrin uma muralha intransponível, tanto contra fugas do norte quanto contra ataques do sul; e de fato não havia outra passagem, para quem carecesse de asas. entre Serech e um ponto muito a oeste, onde Dor-lómin fazia limite com Nevrast.

Assim ocorreu que, após as primeiras incursões, Morwen foi deixada em paz, embora houvesse homens à espreita nos bosques em volta e fosse perigoso sair para muito longe. Sob a proteção de Morwen ainda estavam Sador, o entalhador, alguns velhos e velhas e Túrin, a quem ela mantinha confinado ao pátio. Mas a propriedade de Húrin logo se deteriorou, e Morwen era pobre, apesar de trabalhar muito, e teria passado fome não fosse pelo auxílio que em segredo lhe mandava Aerin, parenta de Húrin; pois um tal Brodda, um dos Orientais, a levara à força para ser sua esposa. Esmolas eram amargas a Morwen; mas aceitava essa ajuda pelo bem de Túrin e da criança por nascer; e porque, conforme dizia, vinha dos seus próprios bens. Pois era esse Brodda quem se apoderara das pessoas, dos bens e do gado das propriedades de Húrin, e os levara para sua própria morada. Era um homem audacioso, mas de pouca importância entre seu próprio povo antes de chegarem a Hithlum; e assim, em busca de riqueza, estava disposto a dominar terras que outros da sua espécie não desejavam. Vira Morwen uma vez, quando cavalgou até sua casa numa incursão; mas fora presa de um grande temor dela. Pensou que olhara

nos olhos cruéis de um demônio-branco, e foi tomado por um medo mortal de que algum mal o acometesse; e não pilhou sua casa, nem descobriu Túrin, pois, do contrário, a vida do herdeiro do senhor legítimo teria sido breve.

Brodda escravizou os Cabeças de Palha, como chamava o povo de Hador, e os pôs a construir para ele um solar de madeira na terra ao norte da casa de Húrin; e dentro de uma paliçada seus escravos eram arrebanhados como gado num estábulo, mas mal vigiados. Alguns dentre eles ainda não estavam amedrontados e se dispunham a ajudar a Senhora de Dor-lómin, mesmo correndo perigo; e deles chegavam a Morwen informações secretas da região, apesar de pouca esperança haver nas notícias que traziam. Mas Brodda tomou Aerin por esposa e não por escrava, pois havia poucas mulheres entre seus próprios seguidores, e nenhuma que se comparasse com as filhas dos edain. E esperava tornar-se senhor naquela região, e ter um herdeiro para mantê-la depois dele.

Do que havia acontecido e do que poderia acontecer nos dias vindouros pouco Morwen dizia a Túrin; e ele temia romper seu silêncio com perguntas.

- Quando voltará meu pai, para expulsar esses feios ladrões? Por que não vem? - perguntou à mãe, quando os Orientais chegaram pela primeira vez a Dor-lómin.

- Não sei - respondeu Morwen. - Pode ser que tenha sido morto, ou que esteja prisioneiro; ou ainda pode ser que tenha sido levado para muito longe, e ainda não possa voltar através dos inimigos que nos cercam.

- Então penso que está morto - disse Túrin, e diante da mãe controlou as lágrimas -, pois ninguém poderia impedi-lo de voltar para nos socorrer, se estivesse vivo.

- Não creio que seja verdade nem uma coisa nem outra, meu filho - disse Morwen.

À medida que o tempo passava, o coração de Morwen se tornava mais sombrio de temor por seu filho Túrin, herdeiro de Dor-lómin e Ladros; pois para ele não via esperança melhor que tornar-se escravo dos homens Orientais antes que crescesse muito mais. Portanto, lembrou-se de suas palavras com Húrin, e seu pensamento se voltou outra vez para Doriath. Resolveu por fim mandar Túrin embora em segredo, caso pudesse, e implorar ao Rei Thingol que o acolhesse. E sentada, ponderando como isso poderia ser feito, ouvia claramente em pensamento a voz de Húrin que lhe dizia: *Vá depressa! Não me aguarde!* Mas o nascimento de seu bebê se aproximava, e a estrada seria árdua e arriscada; quanto mais pessoas fossem, menor seria a esperança de escapar. E seu coração ainda a enganava com esperança inconfessa; seu pensamento mais íntimo pressentia que Húrin não estava morto e procurava escutar suas passadas nas vigílias insones da noite, ou despertava pensando que ouvira no pátio o relinchar de seu cavalo Arroch. Ademais, apesar de querer que seu filho fosse criado nos salões de outro, como era costume naquela época, ainda não se dispunha a humilhar seu orgulho a ponto de se tornar hóspede por esmola, nem mesmo de um rei. Portanto, foi repudiada a voz de Húrin, ou a lembrança de sua voz, e se teceu a primeira meada do destino de Túrin.

O Outono do Ano da Lamentação já estava avançando antes que Morwen tomasse sua decisão, e quando o fez foi às pressas; pois o tempo para viajar era curto, mas temia que Túrin fosse apanhado caso ela esperasse até o final do inverno. Orientais rondavam o pátio e espionavam a casa.

- Seu pai não vem - disse, portanto, a Túrin de repente. - Assim você deve partir, e partir logo. É o que ele desejaria.

- Partir? - exclamou Túrin. - Aonde havemos de ir? Para o outro lado das Montanhas?

- Sim - disse Morwen -, para o outro lado das Montanhas, longe para o sul. O sul... naquela direção pode haver esperança. Mas eu não disse *nós,* meu filho. Você precisa ir, mas eu devo ficar.

- Não posso ir sozinho! - retrucou Túrin. - Não vou abandoná-la. Por que não haveríamos de ir juntos?

- Não posso ir - explicou Morwen. - Mas você não irá sozinho. Hei de mandar Gethron com você, e Grithnir também, quem sabe.

- Não vai mandar Labadal? - perguntou Túrin.

- Não, pois Sador é manco - disse Morwen - e será uma estrada difícil. E, já que você é meu filho e os tempos são sinistros, não falarei com brandura: você poderá morrer nessa estrada. O ano avança. Mas, se você ficar, terá pior fim: o de ser um servo. Se quiser ser um homem quando chegar à idade de um homem, fará o que peço, com coragem.

- Mas vou deixá-la apenas com Sador, com o cego Ragnir e as velhas. Meu pai não disse que sou o herdeiro de Hador? O herdeiro deve ficar na casa de Hador para defendê-la. Agora queria ainda ter minha faca!

- O herdeiro deveria ficar, mas não pode - disse Morwen. - Mas poderá retornar algum dia. Agora coragem! Eu o seguirei se as coisas piorarem, se eu conseguir.

- Mas como vai encontrar-me, perdido nos ermos? - perguntou Túrin; e subitamente seu coração o traiu, e ele chorou abertamente.

- Se você gemer, outras coisas o encontrarão primeiro - avisou-o Morwen. - Mas sei aonde você vai e, se lá chegar e lá permanecer, lá o encontrarei, se puder. Pois estou mandando-o ao Rei Thingol em Doriath. Não prefere ser hóspede de um rei a ser um servo?

- Não sei - disse Túrin. - Não sei o que é um servo.

- Estou mandando-o embora para que não tenha de aprender isso - respondeu Morwen. Então pôs Túrin diante dela e olhou-o nos olhos, como se lá tentasse ler algum enigma. - É duro, Túrin, meu filho - disse por fim. - Duro não apenas para você. Para mim é um peso julgar o que é melhor fazer nos dias difíceis. Mas faço o que considero certo; pois por qual outra razão me afastaria da coisa mais preciosa que me resta?

Não falaram mais sobre isso entre si, e Túrin ficou pesaroso e confuso. Pela manhã, foi encontrar Sador, que estivera cortando gravetos para fazer fogo, que eram escassos, pois não ousavam se aventurar no bosque; e então ele apoiou-se na muleta e olhou para a grande cadeira de Húrin, que fora lançada em um canto, inacabada.

- Chegou a vez dela - disse - pois apenas as necessidades básicas podem ser atendidas nestes dias.

- Não a quebre ainda - disse Túrin. - Quem sabe ele volte para casa, e então não ficará contente em ver o que você fez para ele enquanto ele estava longe?

- Falsas esperanças são mais perigosas que temores - disse Sador - e não nos manterão aquecidos neste inverno. - Passou os dedos pelo entalhe da cadeira e suspirou. - Perdi meu tempo, embora as horas tenham sido agradáveis. Mas todas essas coisas têm vida curta; e o prazer de fazer é seu único fim verdadeiro, acho. E agora eu bem que poderia lhe devolver seu presente.

Túrin estendeu a mão e a retirou depressa.

- Um homem não toma seus presentes de volta - disse.

- Mas, se me pertence, não posso dá-la conforme desejo? - perguntou Sador.

- Sim - respondeu Túrin -, a qualquer homem, exceto a mim. Mas por que desejaria dá-la?

- Não tenho esperança de usá-la para tarefas de valia - explicou Sador. - Não haverá trabalho para Labadal nos dias vindouros, a não ser trabalho de servo.

- O que é um servo? - perguntou Túrin.

- Um homem que era homem, mas é tratado como animal - respondeu Sador. -

Alimentado só para se manter vivo, mantido vivo só para labutar, labutando só por medo da dor ou da morte. E desses saqueadores poderá receber a dor ou a morte só para o prazer deles. Ouvi dizer que escolhem alguns velozes e os caçam com cães. Aprenderam mais depressa com os orcs do que nós aprendemos com o Belo Povo.

- Agora compreendo melhor as coisas - disse Túrin.

- É pena que tenha de compreender tais coisas tão cedo - disse Sador; então, vendo a estranha expressão no rosto de Túrin: - O que compreende agora?

- Por que minha mãe está me mandando embora - disse Túrin, e as lágrimas lhe encheram os olhos.

- Ah! - disse Sador, e murmurou consigo: - Mas por que tanta demora? - Então, voltando-se para Túrin, disse: - Essa não me parece notícia para tristeza. Mas você não devia falar dos desígnios de sua mãe em voz alta, nem para Labadal nem para ninguém. Todos os muros e cercas têm ouvidos nestes dias, ouvidos que não pertencem a belas cabeças.

- Mas preciso falar com alguém! - disse Túrin. - Sempre lhe contei as coisas. Não quero deixá-lo, Labadal. Não quero deixar esta casa nem minha mãe.

- Mas se não o fizer - disse Sador -, logo a Casa de Hador se acabará para sempre, como agora você deve compreender. Labadal não quer que você vá; mas Sador, serviçal de Húrin, ficará mais feliz quando o filho de Húrin estiver fora do alcance dos Orientais. Ora, ora, não há jeito: temos de dizer adeus. Agora não quer aceitar minha faca como presente de despedida?

- Não! - disse Túrin. - Vou ter com os elfos, com o Rei de Doriath, diz minha mãe. Lá poderei obter outras coisas semelhantes. Mas não poderei lhe mandar nenhum presente, Labadal. Estarei longe e sozinho. - Então Túrin chorou.

- Ei, vamos lá! - disse-lhe Sador. - Onde está o filho de Húrin? Pois eu o ouvi dizer, não faz muito tempo: *Servirei a um rei élfico como soldado, assim que for capaz.*

- Muito bem - disse Túrin, dominando as lágrimas -, se essas foram as palavras do filho de Húrin, ele deve honrá-las e partir. Mas sempre que digo que farei isso ou aquilo, parece muito diferente quando chega a hora. Agora não quero. Preciso tomar cuidado para não voltar a dizer coisas desse tipo.

- Seria o melhor, de fato - disse Sador. - É o que a maioria dos homens ensina, e poucos homens aprendem. Deixemos estar os dias que não podemos ver. Hoje é mais que suficiente.

Então Túrin foi preparado para a viagem, deu adeus à mãe e partiu em segredo com seus dois acompanhantes. Mas quando pediram a Túrin para se voltar e olhar a casa de seu pai, a angústia da partida o atingiu como uma espada, e ele exclamou: - Morwen, Morwen, quando hei de vê-la outra vez? - Mas Morwen, de pé na soleira, escutou o eco desse grito nas colinas cheias de árvores, e agarrou-se à moldura da porta de modo que feriu os dedos. Esse foi o primeiro dos tormentos de Túrin.

No início do ano, depois da partida de Túrin, Morwen deu à luz sua filha, e chamou-a Nienor, que é Luto; mas Túrin já estava bem longe quando ela nasceu. Longo e maligno foi seu caminho, pois o poder de Morgoth se estendia a grande distância; mas tinha por guias Gethron e Grithnir, que haviam sido jovens nos dias de Hador e, apesar de agora idosos, eram valorosos e conheciam bem as terras, pois costumavam viajar por Beleriand em tempos idos. Assim, pelo destino e pela coragem, passaram sobre as Montanhas da Sombra e, descendo no Vale do Sirion, entraram na Floresta de Brethil; e por fim, exaustos e esfarrapados, alcançaram os confins de Doriath. Mas lá ficaram desnorteados e se enredaram nos labirintos da Rainha, vagando perdidos entre as árvores sem trilha, até que se acabassem todas as suas provisões. Lá chegaram perto da morte,

pois o inverno veio frio do norte; mas o destino de Túrin não era tão leve. No instante em que se deitavam em desespero, ouviram o soar de uma trompa. Beleg, o Arcoforte, caçava naquela região, pois vivia sempre nos limites de Doriath, e era o mais famoso habitante da floresta naqueles dias. Ouviu seus gritos e foi até eles; e, depois de lhes dar comida e bebida, soube dos seus nomes e de onde haviam vindo, e se encheu de espanto e pena. E olhou com apreço para Túrin, pois este tinha a beleza da mãe e os olhos do pai, e era robusto e forte.

- Que favor desejam do Rei Thingol? - perguntou Beleg ao menino.

- Gostaria de ser um dos seus cavaleiros, para atacar Morgoth e vingar meu pai - disse Túrin.

- Isso bem poderá acontecer quando os anos o tiverem feito crescer - disse Beleg. - Pois, embora ainda pequeno, você tem os predicados de um homem valoroso, digno de ser filho de Húrin, o Inabalável, se isso fosse possível. - Pois o nome de Húrin era honrado em todas as terras dos elfos. Portanto, Beleg de bom grado tornou-se guia dos viandantes e os levou a uma cabana onde naquela época morava com outros caçadores, e lá foram alojados enquanto um mensageiro ia a Menegroth. E. quando voltou a mensagem de que Thingol e Melian iriam receber o filho de Húrin e seus guardiães, Beleg os conduziu por caminhos secretos para dentro do Reino Oculto.

Assim Túrin chegou à grande ponte sobre o Esgalduin, e atravessou os portões do palácio de Thingol; e em criança contemplou as maravilhas de Menegroth, que nenhum homem mortal vira antes, à única exceção de Beren. Então Gethron disse a mensagem de Morwen diante de Thingol e Melian; e Thingol os recebeu com simpatia, e colocou Túrin em seus joelhos em homenagem a Húrin, o mais poderoso dos homens, e a seu parente Beren. E assombraram-se aqueles que viram a cena, pois era um sinal de que Thingol tomara Túrin como filho de criação; e nessa época isso não era costume dos reis, nem jamais voltou a ocorrer tratamento semelhante por um senhor élfico a um homem.

- Aqui, filho de Húrin, há de ser seu lar - disse-lhe então Thingol -, e por toda a sua vida há de ser tido por meu filho, apesar de ser homem. Há de lhe ser dada sabedoria além da medida dos homens mortais, e as armas dos elfos hão de lhe ser postas nas mãos. Talvez chegue o tempo em que você recupere as terras de seu pai em Hithlum; mas agora habite aqui com amor.

Assim começou a estada de Túrin em Doriath. Permaneceram com ele durante algum tempo Gethron e Grithnir, seus guardiães, apesar de ansiarem por retornar à sua senhora em Dor-lómin. Então a idade e a doença se apossaram de Grithnir, e ele permaneceu ao lado de Túrin até morrer; mas Gethron partiu, e Thingol mandou com ele uma escolta para guiá-lo e protegê-lo, e levavam mensagens de Thingol a Morwen. Chegaram finalmente à casa de Húrin e, quando Morwen soube que Túrin fora recebido com honras nos salões de Thingol, seu pesar se aliviou; e os elfos também traziam ricos presentes de Melian e uma mensagem com um convite para retornar a Doriath com a gente de Thingol. Pois Melian era sábia e previdente, e assim esperava desviar o mal que fora preparado na mente de Morgoth. Mas Morwen não quis deixar a casa. pois seu coração ainda estava inalterado e seu orgulho, intenso. Ademais Nienor era um bebê de colo. Dispensou, portanto, os elfos de Doriath com agradecimentos e lhes deu como presente os últimos pequenos objetos de ouro que lhe restavam, escondendo sua pobreza. Pediu-lhes ainda que levassem de volta a Thingol o Elmo de Hador. Mas Túrin aguardava sempre o retorno dos mensageiros de Thingol; e, quando retornaram sozinhos, ele fugiu para a floresta e chorou, pois sabia do convite de Melian e esperava que Morwen viesse. Esse foi o segundo tormento de Túrin.

Quando os mensageiros trouxeram a resposta de Morwen, Melian encheu-se de

compaixão, percebendo o que lhe ia na mente; e viu que o destino que previa não poderia ser afastado facilmente.

O Elmo de Hador foi entregue às mãos de Thingol. Esse elmo era feito de aço cinzento adornado de ouro, e nele estavam gravadas runas de vitória. Havia nele um poder que protegia quem quer que o usasse de ferimentos ou morte, pois a espada que o golpeasse se partiria, e a flecha que o atingisse saltaria para o lado. Fora fabricado por Telchar, o ferreiro de No-grod, cujas obras eram renomadas. Tinha uma viseira (à maneira das que os anões usavam em suas forjas, para proteger os olhos), e o rosto de quem o usasse infundia temor no coração de todos que o vissem, mas esse mesmo rosto estava protegido contra flechas e fogo. Sobre sua crista estava posta, como desafio, uma imagem dourada da cabeça de Glaurung, o dragão; pois fora feito pouco depois de ele sair pela primeira vez pelos portões de Morgoth, Muitas vezes Hador e, depois dele, Galdor o haviam usado na guerra; e os corações do exército de Hithlum se exaltavam quando o viam, elevando-se alto em meio à batalha, e exclamavam: - Mais valor tem o Dragão de Dor-lómin que o lagarto dourado de Angband!

No entanto, na verdade esse elmo não fora feito para homens, e sim para Azaghâl, Senhor de Belegost, o mesmo que fora morto por Glaurung no Ano da Lamentação. Foi dado por Azaghâl a Maedhros, como galardão por este salvar sua vida e seu tesouro quando Azaghâl foi emboscado por orcs na estrada dos anões em Beleriand Oriental. Posteriormente Maedhros o enviou como presente a Fingon, com quem costumava trocar sinais de amizade, em lembranças de como Fingon rechaçara Glaurung de volta para Angband. Mas em Hithlum inteira não se encontravam cabeça nem ombros suficientemente robustos para suportar sem dificuldade o elmo dos anões, exceto os de Hador e seu filho Galdor. Fingon, portanto, deu-o a Hador quando este recebeu o domínio de Dor-lómin. Por má sorte Galdor não o usava quando defendeu Eithel Sirion, pois o ataque foi repentino; ele correu para as muralhas, de cabeça descoberta, e uma flecha de orc perfurou seu olho. Mas Húrin não agüentava sem esforço o Elmo-de-Dragão e de qualquer modo se recusava a usá-lo, pois dizia: - Prefiro enfrentar meus inimigos com meu rosto verdadeiro. - Não obstante, considerava o elmo uma das maiores heranças de sua casa.

Ora, Thingol tinha em Menegroth fundos arsenais repletos de grande variedade de armas: metal trabalhado como escamas de peixe e brilhante como a água ao luar; espadas e machados, escudos e elmos, feitos pelo próprio Telchar, por seu mestre Gamil Zirak, o velho, ou por artesãos élficos ainda mais habilidosos. Pois recebera como presentes alguns objetos que vinham de Valinor e foram feitos por Fêanor em seu apogeu, ele que não foi superado por nenhum artesão em todos os tempos do mundo. No entanto, Thingol segurou o Elmo de Hador como se fosse escasso seu tesouro e pronunciou palavras corteses, dizendo: - Altiva é a cabeça que usar este elmo, que foi usado pelos antepassados de Húrin.

Ocorreu-lhe então uma idéia. Mandou chamar Túrin, e lhe disse que Morwen mandara ao filho um objeto poderoso, a herança de seus pais.

- Tome agora a Cabeça de Dragão do norte - disse - e, quando chegar a hora, use-a bem. - Mas Túrin ainda era muito pequeno para erguer o elmo, e não lhe deu atenção em virtude do pesar em seu coração.

Túrin em Doriath

Nos anos de sua infância no reino de Doriath, Túrin era vigiado por Melian, embora raramente a visse. Mas havia uma jovem chamada Nellas, que vivia nos bosques; e, a pedido de Melian, ela seguia Túrin caso ele vagasse na floresta, e muitas vezes lá o encontrava como se fosse por acaso. Com Nellas Túrin muito aprendeu acerca dos costumes e dos seres da mata de Doriath. Ela o ensinou a falar o idioma sindarin à maneira do reino de outrora, mais antigo, mais cortês e mais rico em belas palavras. Assim, por algum tempo, ele teve sua melancolia amenizada, até que mais uma vez caísse em sombras, e essa amizade se foi como uma manhã de primavera. Pois Nellas não ia a Menegroth, e sempre se esquivava de caminhar sob tetos de pedra; assim, à medida que ia passando a infância de Túrin e ele voltava seus pensamentos para os feitos dos homens, ele a via cada vez com menor freqüência, e por fim não chamava mais por ela. Mas ela ainda o vigiava, apesar de agora permanecer escondida.

Por nove anos, Túrin morou nos salões de Menegroth. Seu coração e seu pensamento sempre se voltavam para sua própria família, e às vezes tinha notícias dela para seu alívio. Pois Thingol enviava mensageiros a Morwen tantas vezes quanto podia, e ela mandava de volta palavras destinadas ao filho; assim Túrin soube que sua irmã Nienor crescia cada vez mais bela, uma flor no norte cinzento, e que os apuros de Morwen estavam abrandados. E Túrin cresceu em estatura até se tornar alto entre os homens, e sua força e resistência eram renomadas no reino de Thingol. Naqueles anos aprendeu muitas tradições, escutando avidamente as histórias dos dias antigos; e se tornou pensativo e taciturno. Muitas vezes Beleg Arcoforte vinha buscá-lo em Menegroth, e o levava para longe, ensinando-lhe a sabedoria das florestas, a arte de manejar o arco e (o que mais lhe agradava) o uso da espada; mas nas artes de fazer objetos tinha menos habilidade, pois era lento em aprender sua própria força e muitas vezes estragava o que fizera com algum golpe súbito. Também em outros assuntos parecia que a sorte lhe era contraria, de forma que freqüentemente o que ele planejava não dava certo, e não obtinha o que desejava. Tampouco fazia amigos com facilidade, pois não era alegre e raramente ria, e uma sombra pairava sobre sua juventude. Não obstante, era amado e estimado pelos que o conheciam bem, e tinha honra como filho de criação do Rei.

Contudo havia alguém que lhe invejava essa condição, e tanto mais quanto mais Túrin se aproximava da maioridade: Saeros, filho de Ithilbor, era seu nome. Era um dos nandor, e pertencia àqueles que se refugiaram em Doriath após a queda de seu senhor Denethor sobre Amon Ereb, na primeira batalha de Beleriand. Esses elfos habitavam mormente em Arthórien, entre o Aros e o Celon no leste de Doriath, e às vezes atravessavam o Celon para as terras selvagens além dele; e não eram amigos dos edain desde que estes haviam passado por Ossiriand e se estabelecido em Estolad. Mas Saeros vivia principalmente em Menegroth, e ganhou a estima do rei; e era orgulhoso, tratando altivamente os que considerava terem menos honra e valor que ele. Tornou-se amigo de Daeron, o menestrel, pois era também ele hábil cantor; e não tinha apreço pelos homens, e menos ainda por qualquer parente de Beren Erchamion. - Não é estranho - dizia - que esta terra seja aberta a mais outro da infeliz raça? O outro não fez estragos bastantes em Doriath? - Portanto, encarava com maus olhos Túrin e tudo o que fazia, criticando seus feitos o quanto pudesse; mas suas palavras eram astuciosas e sua malícia, velada. Caso se encontrasse a sós com Túrin, dirigia-se a ele de modo altivo e mostrava seu desprezo claramente; e Túrin cansou-se dele, apesar de durante muito tempo responder às palavras malévolas com silêncio, pois Saeros era grande entre o povo de Doriath e conselheiro do

Rei. Mas o silêncio de Túrin desagradava a Saeros tanto quanto suas palavras.

No ano em que Túrin fez dezessete anos, renovou-se seu pesar; pois naquela época cessaram todas as notícias de seu lar. O poder de Morgoth crescera ano a ano, e Hithlum inteira agora estava sob sua sombra. Sem dúvida ele sabia muito sobre os feitos da família de Húrin, e não os molestara por algum tempo, para que seu plano pudesse se realizar. Agora, porém, em busca de seu propósito, colocou todas as passagens das Montanhas da Sombra sob vigilância estrita, para que ninguém pudesse sair de Hithlum nem ali entrar, exceto correndo grande risco, e os orcs fervilhavam em torno das nascentes do Narog e do Teiglin bem como do curso superior do Sirion. Assim chegou uma época em que os mensageiros de Thingol não retornaram, e ele não quis enviar outros. Sempre relutara em deixar qualquer pessoa vagar além dos limites vigiados, e em nenhum aspecto mostrara maior boa vontade com Húrin e sua família que ao enviar sua gente pelas perigosas estradas que levavam a Morwen em Dor-lómin.

Desalentou-se Túrin então, pois não sabia que novo mal estava a caminho, e temia que um destino maligno tivesse acometido Morwen e Nienor. Permaneceu em silêncio muitos dias, meditando sobre a queda da Casa de Hador e dos homens do norte. Ergueu-se então e foi à procura de Thingol, encontrando-o sentado com Melian à sombra de Hírilorn, a grande faia de Menegroth.

Thingol fitou Túrin com espanto, ao ver subitamente diante de si, em lugar de seu filho de criação, um homem e um estranho, alto, de cabelos escuros, que o observava com olhos profundos em um rosto branco. Então Túrin pediu a Thingol uma cota de malha, uma espada e um escudo, e reclamou então o Elmo-de-dragão de Dor-lómin; e o rei lhe concedeu o que pedia.

- Designar-lhe-ei um lugar entre meus cavaleiros da espada, pois a espada será sempre a sua arma. Com eles poderá exercitar-se em guerra nas fronteiras, se esse for seu desejo.

- Para além dos limites de Doriath meu coração me impele - disse Túrin -, anseio mais por atacar o Inimigo que por defender os confins.

- Então terá de ir sozinho - disse Thingol. - O papel de meu povo na guerra contra Angband eu regulo de acordo com minha sabedoria, Túrin, filho de Húrin. Nenhuma força d'armas de Doriath mandarei sair neste momento nem em qualquer momento que consigo prever.

- No entanto, você é livre para partir como quiser, filho de Morwen - disse Melian. - O Cinturão de Melian não impede a saída daqueles que entraram com nossa permissão.

- A não ser que um conselho sábio o retenha - disse Thingol.

- Qual é seu conselho, senhor? - perguntou Túrin.

- Você se assemelha a um homem em estatura - Thingol respondeu -, mas. mesmo assim, não atingiu a plenitude da maioridade que há de ser. Quando chegar essa época, então talvez você possa se lembrar de sua família; mas há pouca esperança de que um homem sozinho possa fazer mais contra o Senhor do Escuro do que auxiliar os senhores élficos em sua defesa, por mais que ela se prolongue.

- Beren, meu parente, fez mais - retrucou Túrin.

- Beren e Lúthien - disse Melian. - Mas é muita ousadia sua falar desse modo ao pai de Lúthien. Seu destino não é tão elevado, segundo penso, Túrin, filho de Morwen, embora esteja enredado com o do povo élfico, para o bem ou para o mal. Cuide de si, para que não seja para o mal. - Então, após uma pausa, mais uma vez lhe falou. - Vá agora, filho de criação, e observe o conselho do rei. No entanto, não creio que por muito tempo habitará conosco em Doriath depois que alcançar a maioridade. Se você em dias vindouros recordar as palavras de Melian, será para seu bem: tema tanto o calor quanto o

frio de seu coração.

Túrin curvou-se então diante deles e se foi. E logo depois envergou o Elmo-de-dragão, armou-se, partiu para as fronteiras do norte e se juntou aos guerreiros élficos que lá travavam combate constante contra os orcs e todos os servos e criaturas de Morgoth. Assim, mal saído da infância, demonstrou sua força e coragem; e, lembrando as injustiças sofridas por sua família, estava sempre à frente nos feitos ousados, tendo recebido muitos ferimentos de lanças, flechas ou das lâminas recurvas dos orcs. Mas seu destino o livrava da morte; e se dizia pelas florestas, e se ouvia dizer muito longe de Doriath, que o Elmo-de-dragão de Dor-lómin estava novamente à vista. Muitos então se espantaram, dizendo: - Pode o espírito de Hador ou de Galdor, o Alto, retornar da morte? Ou Húrin de Hithlum escapou de fato dos calabouços de Angband?

Um apenas era mais valoroso em armas do que Túrin entre os guardiães dos limites de Thingol naquela época, e esse era Beleg Cúthalion; e Beleg e Túrin eram companheiros em todos os perigos, e caminhavam juntos por toda parte nas florestas bravias.

Assim se passaram três anos, e nesse período Túrin raramente vinha aos salões de Thingol; e não cuidava mais de seu aspecto ou seus trajes, e seu cabelo estava sempre despentea-do, e sua malha coberta com ura manto cinzento manchado pelas intempéries. Aconteceu, porém, que no terceiro verão, quando Túrin tinha vinte anos de idade, desejoso de repouso e necessitando reparos em suas armas, chegou a Menegroth inesperadamente ao entardecer; e entrou no salão. Thingol não estava lá, pois saíra para a floresta frondosa com Melian, como se aprazia em fazer às vezes no alto verão. Túrin ocupou um assento sem se preocupar, pois estava exausto do caminho e repleto de pensamentos; e por má sorte sentou-se à mesa entre os anciãos do reino, e no próprio lugar onde Saeros costumava se sentar. Saeros, entrando atrasado, irritou-se, crendo que Túrin fizera isso por altivez, e com a intenção de afrontá-lo; e sua ira não se aplacou ao descobrir que Túrin não era censurado pelos que lá estavam, mas era bem-vindo entre eles.

Por algum tempo, portanto, Saeros fingiu concordar, e tomou outro assento, defronte de Túrin do lado oposto da mesa.

- Raramente o guardião das fronteiras nos favorece com sua companhia - disse - e de bom grado cedo meu assento de costume pela oportunidade de conversar com ele. - E muitas outras coisas disse a Túrin, questionando-o acerca das notícias dos limites, e de seus feitos nos ermos; mas, apesar de suas palavras parecerem belas, a zombaria em sua voz não podia ser ignorada. Então Túrin cansou-se, olhou em volta e conheceu o amargor do exílio; e apesar de toda a luz e do riso nos salões dos elfos, seu pensamento se voltou para Beleg e a vida que levavam na floresta, e de lá foi para muito longe, até Morwen em Dor-lómin na casa de seu pai; e franziu o cenho, por causa da escuridão de seus pensamentos, e não deu resposta a Saeros. Diante disso, crendo que a carranca lhe era dirigida, Saeros não refreou mais sua ira, sacou um pente dourado e o lançou na mesa diante de Túrin.

- Sem dúvida, homem de Hithlum, você chegou às pressas a esta mesa, e pode ser desculpado por seu manto esfarrapado; mas não precisa deixar sua cabeça desgrenhada como uma moita de sarças. E talvez, se suas orelhas estivessem descobertas, ouvisse melhor o que lhe dizem.

Túrin nada disse, mas voltou os olhos para Saeros, e havia um rebrilhar no escuro deles. Mas Saeros não atentou para o aviso, e devolveu o olhar com desprezo, dizendo para que todos ouvissem: - Se os homens de Hithlum são tão selvagens e cruéis, de que espécie são as mulheres daquela terra? Correm como corças, vestidas apenas com seus

cabelos?

Então Túrin tomou uma taça de bebida e a lançou no rosto de Saeros, que caiu para trás com grande dor; e Túrin puxou a espada e o teria atacado, se Mablung, o Caçador, que estava sentado a seu lado, não o tivesse refreado. Então Saeros, levantando-se, cuspiu sangue na mesa, e falou com a boca quebrada: - Por quanto tempo havemos de abrigar este wose da floresta? Quem manda aqui esta noite? A justiça do rei é pesada para os que ferem seus vassalos no salão; e para os que aqui sacam espadas o menor destino é se tornarem proscritos. Fora do salão eu poderia responder-lhe, Wose da Floresta!

Mas, quando Túrin viu o sangue sobre a mesa, seu humor se tornou gélido; e, soltando-se das mãos de Mablung, deixou o salão sem nada dizer.

- O que o incomoda hoje à noite? - perguntou Mablung a Saeros. - Por este mal eu o considero culpado; e pode ser que a justiça do Rei julgue que uma boca quebrada é uma justa retribuição por seu escárnio.

- Se o filhote tem alguma queixa, ele que a traga ao julgamento do Rei - respondeu Saeros. - Mas nenhuma causa semelhante pode servir de desculpa para sacar a espada aqui. Fora do salão, se o wose da floresta sacar contra mim, eu o matarei.

- Disso tenho menos certeza - disse Mablung -; mas se algum dos dois for morto será um feito maligno, mais apropriado a Angband que a Doriath, e maiores males virão daí. De fato, creio que alguma sombra do norte se estendeu para nos tocar hoje à noite. Tome cuidado, Saeros, filho de Ithilbor, para em seu orgulho não fazer a vontade de Morgoth, e lembre-se de que é um dos eldar.

- Isso eu não esqueço - disse Saeros; mas não reprimiu sua ira. e durante a noite sua malícia cresceu, acalentando sua afronta.

Pela manhã, quando Túrin deixou Menegroth para voltar às fronteiras do norte, Saeros o emboscou, investindo contra ele pelas costas, com a espada desembainhada e o escudo no braço. Mas Túrin, treinado em cautela nos ermos, o viu com o canto do olho e, saltando de lado, sacou veloz a espada e se voltou para seu inimigo.

- Morwen! - exclamou -, agora quem zombou de você há de pagar pelo escárnio! - E partiu o escudo de Saeros, e então lutaram com lâminas ligeiras. Mas Túrin passara muito tempo em uma dura escola e se tornara tão ágil como qualquer elfo, porém mais forte. Logo dominou a situação e, ferindo o braço da espada de Saeros, o pôs à sua mercê. Então colocou o pé sobre a espada que Saeros largara. - Saeros - disse -, há uma longa corrida à sua frente, e as roupas serão um estorvo; o cabelo terá de bastar. - E de repente, lançando-o ao chão, ele o desnudou; e Saeros, sentindo a grande força de Túrin, teve medo. Mas Túrin deixou-o levantar-se. - Corra! - gritou. - Corra! E, a menos que seja tão ligeiro quanto uma corça, eu vou aguilhoá-lo por trás. - E Saeros fugiu mata adentro, gritando enlouquecido por ajuda; mas Túrin o perseguia como um cão; e, por mais que corresse ou se esquivasse, ainda assim a espada estava atrás para incitá-lo.

Os gritos de Saeros trouxeram ao lugar da perseguição muitos outros, que correram atrás deles, mas somente os mais velozes conseguiam acompanhar os corredores. Mablung estava na dianteira deles e estava perturbado, pois, apesar de a provocação lhe ter parecido malévola, a malícia que desperta pela manhã é a diversão de Morgoth antes da noite; e ademais era considerado grave ofensa envergonhar qualquer um dos elfos, por vontade própria, sem que o assunto fosse levado a julgamento. Ninguém sabia naquele momento que Túrin fora atacado primeiro por Saeros, que o teria matado.

- Pare, pare, Túrin! - gritou. - Isto é serviço de orc na floresta!

- Serviço de orc na floresta por palavras de orc no salão! - gritou Túrin em resposta e saltou outra vez atrás de Saeros. Este, desesperançado de ajuda e crendo que a morte estava próxima em seu encalço, continuou correndo desvairado, até chegar subitamente a

uma ribanceira onde um riacho que alimentava o Esgalduin corria em numa fenda profunda entre altos rochedos, e sua largura dava para um salto de corça. Lá Saeros, em seu grande pavor, tentou saltar; mas seu pé resvalou na margem oposta e ele caiu para trás com um grito, arrebentando-se numa grande pedra na água. Assim terminou sua vida em Doriath; e por muito tempo Mandos iria mantê-lo.

Túrin contemplou lá embaixo o corpo jazendo no riacho, e pensou: - Tolo infeliz! Daqui eu o teria deixado voltar caminhando para Menegroth. Agora ele lançou sobre mim uma culpa imerecida. - E virou-se, e encarou sinistro Mablung e seus companheiros, que agora se aproximaram e pararam perto dele na borda.

- Triste fim! - disse Mablung, após um instante de silêncio.

- Mas agora volte conosco, Túrin, pois o Rei terá de julgar estes feitos.

- Se o Rei fosse justo, julgar-me-ia inocente - disse Túrin.

- Mas não era este um dos seus conselheiros? Por que um rei justo escolheria para amigo um coração cheio de malícia? Abjuro sua lei e seu julgamento.

- Suas palavras são imprudentes - disse Mablung. embora no fundo sentisse pena de Túrin. - Você não há de se tornar um fugitivo. Peço-lhe que volte comigo como amigo. E há outras testemunhas. Quando o Rei souber da verdade, você poderá esperar seu perdão.

Mas Túrin estava cansado dos salões dos elfos. e temia ser mantido prisioneiro.

- Rejeito seu convite, Mablung. Não buscarei o perdão do Rei Thingol por nada; e agora irei aonde sua sentença não poderá me encontrar. Vocês têm apenas duas escolhas: deixar-me ir em liberdade ou matar-me, se isso convier à sua lei. Pois são muito poucos para me prenderem vivo.

Eles viram nos olhos dele que isso era verdade, e o deixaram passar.

- Uma morte é suficiente - disse Mablung.

- Não foi por minha vontade, mas não a pranteio - disse Túrin. - Que Mandos o julgue com justiça; e, se ele alguma vez voltar às terras dos vivos, que seja mais sábio. Adeus!

- Siga livre! - disse Mablung -; pois esse é seu desejo. Mas não acho que irá bem, se for desta maneira. Há uma sombra sobre seu coração. Quando nos encontrarmos outra vez, que ela não esteja mais escura.

A isso Túrin não deu resposta, mas deixou-os e se afastou veloz, ninguém soube para onde.

Conta-se que, como Túrin não retornava às fronteiras do norte de Doriath e não se ouviam novas dele, o próprio Beleg Arcoforte foi a Menegroth procurá-lo; e com um peso no coração colheu notícias dos atos de Túrin e de sua fuga. Logo depois Thingol e Melian voltaram ao palácio, pois o verão estava terminando; e, quando o Rei ouviu um relato do que ocorrera, sentou-se em seu trono no grande salão em Menegroth, e estavam em torno dele todos os senhores e conselheiros de Doriath.

Tudo foi então investigado e contado, chegando até as palavras de despedida de Túrin; e por fim Thingol suspirou.

- Ai! Como essa sombra foi penetrar sorrateira em meu reino? Eu considerava Saeros fiel e sábio; mas, se estivesse vivo, sentiria minha ira, pois foi malévola sua zombaria, e o considero culpado de tudo o que ocorreu no salão. Até esse ponto, Túrin tem meu perdão. Mas envergonhar Saeros e persegui-lo até a morte foram injúrias maiores que a ofensa, e não posso deixar passar esses atos. Eles demonstram um coração duro e orgulhoso. - Então Thingol silenciou, mas finalmente voltou a falar com tristeza. - Esse é um filho de criação ingrato e um homem demasiado orgulhoso para sua condição. Como hei de acolher alguém que despreza a mim e a minha lei, ou perdoar alguém que

não se arrepende? Portanto, banirei Túrin, filho de Húrin, do reino de Doriath. Se solicitar entrada, será trazido a julgamento diante de mim; e enquanto não pleitear perdão aos meus pés não é mais meu filho. Se alguém aqui considerar isso injusto, que fale.

Fez-se então silêncio no salão, e Thingol ergueu a mão para pronunciar seu julgamento. Mas naquele momento Beleg entrou apressado.

- Senhor, posso falar ainda?

- Chegou tarde - disse Thingol. - Não o mandaram vir com os demais?

- É verdade, senhor - respondeu Beleg -, mas fui retido; procurava alguém que eu conhecia. Agora, por fim, trago uma testemunha que deveria ser ouvida antes que seja pronunciado seu julgamento.

- Foram convocados todos que tinham algo a dizer - disse o Rei. - O que poderá ele contar agora, que pese mais do que os que escutei?

- Há de julgar quando tiver ouvido - disse Beleg. - Conceda-me isso, se alguma vez mereci sua graça.

- A você concedo-o - disse Thingol. Então Beleg saiu, e trouxe pela mão a jovem Nellas, que habitava na floresta, e nunca vinha a Menegroth; e estava temerosa, tanto pelo grande salão com colunas e teto de pedra quanto pela multidão, de muitos olhos, que a observava.

- Senhor, eu estava sentada numa árvore - disse ela quando Thingol lhe ordenou que falasse, mas então vacilou, aterrada diante do Rei, e nada mais pôde dizer. Diante disso o Rei sorriu.

- Outros também fizeram isso mas não sentiram a necessidade de me contar a respeito.

- Outros, de fato - disse ela, ganhando coragem com seu sorriso. - A própria Lúthien! E era nela que eu pensava naquela manhã, e no homem Beren.

Thingol nada respondeu a isso, e não estava mais sorrindo, mas esperou que Nellas falasse de novo.

- Pois Túrin lembrava-me Beren - disse ela afinal. - São aparentados, segundo me contaram, e seu parentesco pode ser visto por alguns: por alguns que olham de perto.

- Isso pode ser - disse Thingol, então, impacientando-se.

- Mas Túrin, filho de Húrin, partiu de mim com desdém, e você não mais o verá para ler seu parentesco. Pois agora pronunciarei meu julgamento.

- Senhor Rei! - exclamou ela então. - Tenha paciência, e deixe-me falar primeiro. Eu estava sentada numa árvore para vigiar Túrin quando ele partia; e vi Saeros sair da floresta com espada e escudo e saltar sobre Túrin sem aviso.

A essas palavras, ouviu-se um murmúrio no salão; e o Rei ergueu a mão.

- Você traz aos meus ouvidos notícias mais graves do que parecia provável. Agora atente bem para tudo que disser, pois este é um tribunal de julgamento.

- Assim Beleg me disse - respondeu ela - e só por isso ousei vir aqui. para que Túrin seja julgado com justiça. Ele é valente, mas é misericordioso. Lutaram, senhor, aqueles dois, até que Túrin despojou Saeros do escudo e da espada; mas não o matou. Portanto, não creio que ele quisesse sua morte no fim. Se Saeros foi envergonhado, era a vergonha que ele merecia.

- O julgamento é meu - disse Thingol. - Mas o que você contou há de influenciá-lo.

Então interrogou Nellas detalhadamente; e por fim voltou-se para Mablung, dizendo: - É estranho para mim que Túrin nada lhe tenha falado sobre isso.

- No entanto não falou - disse Mablung. - E, se tivesse mencionado esse fato, outras teriam sido as palavras que lhe dirigi quando partiu.

- E outro há de ser agora meu julgamento - disse Thingol.

- Ouçam-me! A culpa que possa ser encontrada em Túrin eu agora perdoo, considerando-o insultado e provocado. E como foi de fato, como ele disse, um membro de meu conselho que assim o destratou, ele não há de buscar este perdão, mas eu o enviarei até ele, onde quer que possa ser encontrado; e o chamarei com honra ao palácio.

Mas quando o julgamento foi pronunciado Nellas de repente começou a chorar.

- Onde ele pode ser encontrado? - perguntou. - Túrin abandonou nossa terra, e o mundo é enorme.

- Há de ser procurado - disse Thingol. Ergueu-se então, e Beleg levou Nellas para fora de Menegroth.

- Não chore - disse-lhe Beleg - pois. se Túrin vive ou ainda caminha pelo mundo, hei de encontrá-lo, por muito que falhem todos os demais.

No dia seguinte Beleg apresentou-se diante de Thingol e Melian.

- Aconselhe-me, Beleg; pois estou aflito - disse-lhe o Rei.

- Tomei o filho de Húrin como filho meu, e assim há de permanecer, a não ser que o próprio Húrin retorne das sombras para reclamar o que lhe pertence. Não gostaria que ninguém dissesse que Túrin foi expulso injustamente para os ermos, e de bom grado lhe daria as boas-vindas caso voltasse, pois eu o amava muito.

- Buscarei Túrin até encontrá-lo - respondeu Beleg - e o trarei de volta para Menegroth, se puder; pois também o amo.

- Então partiu; e, nos quatro cantos de Beleriand, procurou em vão por notícias de Túrin, em meio a muitos perigos; e aquele inverno terminou, e a primavera depois dele.

Túrin entre os proscritos

Agora a história volta-se outra vez para Túrin. Ele, que se cria proscrito, perseguido pelo rei, não voltou a Beleg nas fronteiras do norte de Doriath, mas fugiu para o oeste e, abandonando em segredo o Reino Protegido, chegou aos bosques ao sul do Teiglin. Lá muitos homens haviam vivido, antes das Nirnaeth, em propriedades rurais esparsas: eram na maior parte do povo de Haleth, mas não possuíam senhor e viviam da caça e do cultivo, criando porcos nas terras de ceva, e lavrando clareiras na floresta que eram protegidas da mata por cercas. Mas a maioria estava agora destruída, ou os moradores haviam fugido para Brethil, e toda aquela região vivia com medo dos orcs e dos proscritos. Pois, naquele tempo de ruína, os homens sem morada e sem esperança se desencaminhavam: remanescentes de batalhas e derrotas, e de terras devastadas; e alguns eram homens expulsos para o ermo por atos nocivos. Caçavam e recolhiam a comida que conseguiam; mas no inverno, quando a fome os impelia, eram temidos como lobos, e Gaurwaith, os Homens-Lobos, era como os chamavam aqueles que ainda defendiam seus lares. Uns cinquenta desses homens juntaram-se num bando, vagando nas florestas além dos limites ocidentais de Doriath; e eram odiados pouco menos que os orcs, pois havia entre eles proscritos de coração duro, ressentidos contra sua própria gente. O mais feroz deles era um tal Andróg, caçado desde Dor-lómin pelo assassinato de uma mulher; e também outros vinham daquela terra: o velho Algund, o mais idoso da confraria, que fugira das Nirnaeth, e Forweg, como se chamava, o capitão do bando, um homem de cabelos claros e olhos instáveis e reluzentes, grande e audacioso, mas muito decaído dos modos dos edain do povo de Hador. Haviam se tornado muito cautelosos, e se cercavam de batedores ou vigias, quer se movessem quer repousassem; e assim logo se deram conta

de Túrin quando este penetrou nos seus domínios. Seguiram-no e o cercaram. E de repente, ao sair para uma clareira ao lado de um riacho, Túrin viu-se dentro de um círculo de homens com arcos tendidos e espadas desembainhadas.

Então Túrin se deteve, mas não demonstrou temor.

- Quem são vocês? - perguntou. - Pensei que somente os orcs emboscavam os homens, mas vejo que estou enganado.

- Poderá se arrepender desse engano - disse Forweg -, pois estes são nossos domínios, e não permitimos que outros homens caminhem nele. Tiramo-lhes a vida como castigo, a não ser que possam resgatá-las.

- Não obterão resgate de mim - disse Túrin, rindo -, proscrito e fora-da-lei que sou. Podem revistar-me quando eu estiver morto, mas pagarão caro para testarem se minhas palavras são verdadeiras.

Ainda assim sua morte parecia próxima, pois muitas flechas estavam assentadas à corda, aguardando a palavra do capitão; e nenhum de seus inimigos estava ao alcance de um salto com a espada desembainhada. Mas Túrin, vendo algumas pedras na margem do riacho diante de seus pés, agachou-se de repente; e naquele instante um dos homens, irritado com suas palavras, disparou uma flecha. Mas ela passou sobre Túrin, e ele, de um salto, lançou uma pedra no arqueiro com grande força e mira certeira; e ele caiu ao chão com o crânio partido.

- Eu poderia servi-los melhor vivo, no lugar desse homem sem sorte - disse Túrin; e voltou-se para Forweg: - Se você é o capitão aqui, não deve permitir que seus homens atirem sem comando.

- Não o permito - disse Forweg -, mas ele foi corrigido bem depressa. Fico com você no lugar dele, se você atentar melhor para minhas palavras.

Então dois proscritos gritaram contra ele; e um era amigo do homem que tombara, Ulrad era seu nome.

- Maneira estranha de entrar para uma confraria - disse -, matando um dos melhores homens.

- Não sem ser desafiado - disse Túrin. - Mas vamos lá! Vou enfrentá-los a ambos juntos, com armas ou só com minha força; e então hão de ver se sou apto para substituir um de seus melhores homens. - Então caminhou na direção deles; mas Ulrad desistiu e não quis lutar. O outro jogou o arco por terra e mediu Túrin dos pés à cabeça; e esse homem era Andróg de Dor-lómin.

- Não sou páreo para você - disse por fim, balançando a cabeça. - Aqui não há quem seja, creio eu. Pode juntar-se a nós, no que me diz respeito. Mas você tem algo de estranho; você é um homem perigoso. Qual é seu nome?

- Neithan, o Injustiçado, é como me chamo - disse Túrin, e daí em diante foi sempre chamado Neithan pelos proscritos; mas, embora lhes contasse que havia sofrido uma injustiça (e estivesse sempre ávido por ouvir a história de qualquer um que afirmasse o mesmo), nada mais revelou acerca de sua vida ou seu lar. No entanto, era evidente que havia caído de alguma alta condição, e que, apesar de nada ter além de suas armas, essas haviam sido feitas por ferreiros élficos. Logo conquistou o louvor dos outros, pois era forte e valente, e tinha mais habilidade na floresta do que eles. E confiavam nele, pois não era ganancioso, e pouco se importava consigo mesmo; mas o temiam, por causa de suas iras súbitas, que raramente compreendiam. A Doriath, Túrin não podia retornar, ou em seu orgulho não queria fazê-lo; em Nargothrond ninguém era admitido desde a queda de Felagund. À gente menor de Haleth em Brethil, não se dignava a ir; e a Dor-lómin não ousava, pois estava cercada de perto, e naqueles dias, segundo cria, um homem sozinho não podia ter esperança de atravessar as passagens das Montanhas da Sombra. Portanto,

Túrin permaneceu com os proscritos, visto que a companhia de homens tornava as agruras do ermo mais fáceis de suportar; e, como queria viver e não podia estar sempre em desavenças com eles, pouco fez para refrear seus atos criminosos. No entanto, às vezes, a compaixão e a vergonha despertavam nele, e nessas ocasiões ele se tornava perigoso em sua ira. Dessa forma viveu até o fim daquele ano, superando a necessidade e a fome do inverno, até que veio a Agitação* e depois uma bela primavera.

* A estação entre o inverno e a primavera, chamada *coirê* em quenya e echuir *em* sindarin. [X. do T.]

Havia ainda nas florestas ao sul do Teiglin, como foi dito, algumas propriedades rurais de homens, robustos e desconfiados, apesar de agora serem apenas poucos. Embora não gostassem e menos ainda sentissem pena deles, no rigor do inverno costumavam deixar alimentos dos quais pudessem dispor em lugares onde os Gaurwaith conseguissem achá-los; e assim esperavam evitar os ataques em bando dos famintos. Mas desse modo obtinham menos gratidão dos proscritos que dos animais e pássaros, e eram na verdade seus cães e suas cercas que os salvavam. Pois cada propriedade cercara as terras desmatadas com grandes sebes, em volta das casas havia fossos e paliçadas; trilhas ligavam uma propriedade à outra, e os homens obtinham auxílio e o que necessitassem com toques de trompa.

No entanto, chegada a primavera, era perigoso para os Gaurwaith permanecer tão perto das casas dos Homens da Floresta, que poderiam se juntar para caçá-los; e Túrin espantou-se, portanto, por Forweg não os levar dali. Havia mais comida e caça, e menos perigo, para as bandas do sul, onde não restavam homens. Certo dia, então, Túrin deu por falta de Forweg e também de seu amigo Andróg, e perguntou onde estavam, mas seus companheiros riram.

- Foram tratar de assuntos lá deles, acho - disse Ulrad. - Não tardarão em voltar, e então vamos nos deslocar. Às pressas, talvez, pois teremos sorte se não trouxerem as abelhas da colmeia em seu encalço.

O sol brilhava e as folhas jovens estavam verdes. Como o incomodava o esquálido acampamento dos proscritos, Túrin saiu vagando sozinho e se embrenhou na floresta. Contra sua vontade, lembrou-se do Reino Oculto, e parecia ouvir os nomes das flores de Doriath como ecos de um antigo idioma quase esquecido. Mas de repente ouviu gritos, e de uma moita de aveleiras saiu correndo uma jovem. Com as vestes rasgadas pelos espinhos, ela parecia estar apavorada e, tropeçando, caiu ao chão ofegante. Então Túrin, saltando na direção da moita de espada desembainhada, abateu um homem que irrompeu das aveleiras em perseguição a ela; e somente no momento do próprio golpe viu que era Forweg.

Mas enquanto fitava, atônito, o sangue sobre a relva, surgiu Andróg, e também se deteve espantado.

- Péssimo trabalho, Neithan! - exclamou, e puxou a espada, mas o humor de Túrin gelou.

- Onde estão os orcs então? Você os ultrapassou para ajudá-la? - perguntou a Andróg.

- Orcs? - disse Andróg. - Tolo! Você se diz proscrito. Os proscritos não conhecem lei senão suas necessidades. Cuide das suas, Neithan, e deixe que cuidemos nossas.

- É o que farei - disse Túrin. - Mas hoje nossos caminhos se cruzaram. Você deixará a mulher comigo, ou se unirá a Forweg.

- Se é assim que as coisas são, esteja à vontade - disse Andróg, rindo. - Sozinho

não me arvoro em páreo para você; mas nossos companheiros poderão levar a mal esta morte.

Então a mulher se pôs de pé e colocou a mão no braço de Túrin. Olhou para o sangue e olhou para Túrin, e havia deleite em seus olhos.

- Mate-o, senhor! - disse. - Mate-o também! E depois venha comigo. Se trouxer as cabeças deles, Larnach, meu pai, não se desagradará. Por duas "cabeças de lobo" ele já deu boas recompensas.

- É longe daqui à casa dela? - perguntou Túrin a Andróg.

- Uma milha mais ou menos - respondeu -, em uma propriedade cercada naquela direção. Ela estava vagando do lado de fora.

- Então vá depressa - disse Túrin, voltando-se para a mulher. - Diga a seu pai para cuidar melhor de você. Mas não cortarei as cabeças de meus companheiros para comprar o favor dele, nem qualquer outra coisa. - Embainhou então a espada. - Venha! - disse a Andróg. - Vamos voltar. Mas, se quiser sepultar seu capitão, você mesmo terá de fazê-lo. Apresse-se, pois poderá haver um alarme. Traga as armas dele!

Túrin seguiu caminho sem mais palavra, enquanto Andróg o viu partir e franziu o cenho como quem medita sobre um enigma.

Quando Túrin voltou ao acampamento dos proscritos, encontrou-os inquietos e preocupados, pois já tinham se demorado demasiado em um só lugar, perto de propriedades bem vigiadas, e murmuravam contra Forweg.

- Corre riscos à nossa custa - diziam -, e outros poderão ter de pagar pelos seus prazeres.

- Então escolham um novo capitão! - disse Túrin, de pé diante deles. - Forweg não pode mais liderá-los, pois está morto.

- Como sabe disso? - perguntou Ulrad. - Você buscou mel da mesma colmeia? As abelhas o picaram?

- Não - disse Túrin. - Uma picada bastou. Eu o matei. Mas poupei Andróg, e ele logo voltará. - Então contou tudo o que acontecera, repreendendo os que cometiam tais atos; e, enquanto ainda falava, Andróg voltou trazendo as armas de Forweg.

- Veja, Neithan! - exclamou. - Não houve alarme. Quem sabe ela espere encontrá-lo de novo.

- Se brincar comigo - disse Túrin -, hei de me arrepender de ter negado a ela sua cabeça. Agora conte sua história e seja breve.

Então Andróg contou com bastante fidelidade tudo o que ocorrera.

- Agora me pergunto que afazeres Neithan tinha por lá - disse. - Não os nossos, ao que parece. Pois, quando cheguei, ele já matara Forweg. A mulher se agradou disso e se ofereceu para acompanhá-lo, pedindo nossas cabeças como preço. Mas ele não a quis, e a mandou embora. Por isso, não consigo imaginar que rancor tinha ele do capitão. Deixou minha cabeça sobre os ombros, pelo que sou grato, apesar de estar muito perplexo.

- Então nego sua pretensão de descender do Povo de Hador - disse Túrin. - A Uldor, o Amaldiçoado, é que você pertence, e deveria buscar serviço em Angband. Mas ouçam-me agora! - exclamou a todos eles. - Estas opções eu lhes dou. Devem tomar-me por capitão no lugar de Forweg, ou então deixar-me ir. Comandarei esta confraria agora, ou a abandonarei. Mas, se quiserem me matar, avancem! Lutarei contra todos até morrer, ou até que vocês morram.

Nessa hora, muitos homens pegaram em armas, mas Andróg deu um grito.

- Não! A cabeça que ele poupou não é sem juízo. Se lutarmos, mais do que um morrerá sem necessidade, antes que matemos o melhor homem dentre nós. - Então riu-se. - Assim como foi quando se uniu a nós, assim é outra vez. Ele mata para criar espaço. Se

antes isso demonstrou ser bom, tomara que se repita; e ele poderá conduzir-nos a melhor sorte que rondar as esterqueiras de outros homens.

- O melhor homem dentre nós - disse então o velho Algund. - Houve época em que teríamos feito o mesmo, se ousássemos, mas esquecemos muito. Ele poderá no fim conduzir-nos para casa.

A essas palavras, Túrin teve a idéia de que, a partir daquele pequeno bando, poderia chegar a fazer seu próprio senhorio livre. Mas olhou para Algund e Andróg.

- Para casa, diz você? Altas e frias erguem-se as Montanhas da Sombra no meio do caminho. Atrás delas está o povo de Uldor, e em volta delas as legiões de Angband. Se tais coisas não os assustam, sete vezes sete homens, então poderei conduzi-los para casa. Mas até onde antes de morrermos?

Todos fizeram silêncio. Túrin voltou a falar. - Aceitam-me como seu capitão? Então primeiro vou conduzi-los para os ermos, longe dos lares dos homens. Lá poderemos encontrar melhor sorte, ou não; mas pelo menos havemos de merecer menos ódio da nossa própria espécie.

Então todos os que pertenciam ao Povo de Hador se juntaram a ele, e o aceitaram como capitão; e os demais concordaram com menor boa vontade. E imediatamente ele os levou para longe daquela região.

Muitos mensageiros tinham sido enviados por Thingol em busca de Túrin em Doriath e nas terras próximas às suas fronteiras; mas no ano de sua fuga procuraram-no em vão, pois ninguém sabia ou podia adivinhar que ele estava com os proscritos e inimigos dos homens. Quando chegou o inverno, retornaram ao rei, à exceção de Beleg. Depois que todos os demais tinham partido, ele ainda seguia sozinho.

Em Dimbar, no entanto, e ao longo das fronteiras setentrionais de Doriath, as coisas haviam piorado. O Elmo-de-dragão não era mais visto em combate, e também sentiam falta do Arcoforte; e os servos de Morgoth se animavam e aumentavam cada vez mais em número e em ousadia. O inverno veio e passou, e na primavera seus ataques foram retomados: Dimbar foi invadida, e os homens de Brethil temiam, pois o mal agora rondava todas as suas fronteiras, salvo o sul.

Fazia já quase um ano que Túrin fugira, e ainda Beleg o buscava, com esperança cada vez menor. Passou ao norte em suas andanças até as Travessias do Teiglin, e lá, ouvindo más notícias sobre uma nova incursão de orcs vindos de Taurnu-Fuin, deu meia-volta e acabou chegando aos lares dos Homens da Floresta logo depois que Túrin deixara aquela região. Lá escutou uma estranha história que circulava entre eles. Um homem alto e soberbo, ou um guerreiro élfico, diziam alguns, surgira na floresta, e matara um dos Gaurwaith, para salvar a filha de Larnach que eles perseguiam.

- Era muito altivo - disse a filha de Larnach a Beleg -, de olhos brilhantes que mal se dignaram olhar-me. Porém chamava os Homens-Lobos de companheiros, e não quis matar outro que estava por perto, e sabia seu nome. Neithan, este o chamou.

- Consegue interpretar este enigma? - perguntou Larnach ao elfo.

- Consigo, infelizmente - disse Beleg. - O homem de quem falam é o que procuro. - Nada mais falou aos Homens da Floresta sobre Túrin; mas alertou-os contra o mal que se concentrava ao norte. - Logo os orcs virão rapinar nesta região, em bandos demasiado grandes para que vocês possam detê-los - disse. - Pelo menos este ano vocês devem desistir da sua liberdade ou das suas vidas. Vão para Brethil enquanto é tempo!

Beleg então seguiu caminho apressado para procurar os covis dos proscritos e sinais que pudessem lhe mostrar aonde haviam ido. Logo encontrou os sinais; mas Túrin estava agora vários dias à frente, e se movimentava depressa, temendo a perseguição dos Homens da Floresta. Usava todas as artes que conhecia para derrotar ou confundir quem

quer que tentasse segui-los. Raramente ficavam duas noites no mesmo acampamento, e poucos vestígios deixavam por onde passavam ou permaneciam. Dessa forma, o próprio Beleg os caçou em vão. Guiado por sinais que conseguia ler, ou pelo rumor da passagem dos homens entre as criaturas selvagens com que podia falar, muitas vezes chegou perto, mas sempre o covil estava deserto quando ele lá chegava; pois mantinham vigias a postos dia e noite e, a qualquer suspeita de aproximação, depressa se levantavam e partiam.

- Ai! - lamentou-se Beleg. - Ensinei bem demais a esse filho dos homens as habilidades da floresta e do campo! Quase se poderia pensar que esse é um bando de elfos. - Mas eles, por sua vez, deram-se conta de que estavam sendo seguidos por um perseguidor incansável, a quem não podiam ver e, no entanto, não conseguiam despistar; e começaram a se sentir inseguros.

Pouco tempo depois, como Beleg temera, os orcs atravessaram o Brithiach, e, como Handir de Brethil lhes resistisse com todas as forças que conseguira recrutar, passaram ao sul sobre as Travessias do Teiglin, em busca de pilhagem. Muitos dos Homens da Floresta haviam seguido o conselho de Beleg e mandaram suas mulheres e crianças pedir refúgio em Brethil. Estas e sua escolta escaparam, passando a tempo sobre as Travessias; mas os homens armados que seguiam atrás foram atacados pelos orcs, e os homens foram derrotados. Alguns abriram caminho lutando e chegaram a Brethil. Muitos, porém, foram mortos ou capturados; e os orcs avançaram até as propriedades, saquearam-nas e as incendiaram. Voltaram-se então de imediato para o oeste, em demanda da Estrada, pois agora queriam voltar ao norte com a máxima rapidez possível, com seu saque e seus prisioneiros.

Mas os batedores dos proscritos logo os perceberam; e, apesar de bem pouco se importarem com os cativos, a pilhagem dos Homens da Floresta inflamou sua cobiça. A Túrin parecia perigoso revelarem-se aos orcs, enquanto não soubessem quantos eram; mas os proscritos não lhe deram atenção, pois nos ermos necessitavam de muitas coisas, e alguns começavam já a lamentar sua liderança. Portanto, tomando por único companheiro um certo Orleg, Túrin saiu para espionar os orcs; e, dando o comando do bando a Andróg, encarregou-o de ficar quieto e bem escondido enquanto estivessem fora.

O exército de orcs era muito maior que o bando de proscritos, mas estavam em terras às quais raramente os orcs ousaram ir, e sabiam também que além da Estrada ficava a Talath Dirnen, a Planície Protegida, que era vigiada pelos batedores e espiões de Nargothrond. Temendo o perigo, estavam cautelosos, e seus batedores esgueiravam-se pelas árvores de ambos os lados das fileiras em marcha. Assim foi que Túrin e Orleg foram descobertos, pois três batedores toparam com eles, que estavam deitados escondidos; e, apesar de matarem dois, o terceiro escapou, gritando *Golug! Golug!* enquanto corria. Esse era um nome pelo qual os orcs se referiam aos noldor. A floresta logo se encheu de orcs, que se espalharam em silêncio, caçando por toda parte. Vendo que havia pouca esperança de escaparem, Túrin imaginou que poderia ao menos enganá-los e afastá-los do esconderijo de seus homens; e, percebendo pelo grito de *Golug!* que temiam os espiões de Nargothrond, fugiu com Orleg para o oeste. Os perseguidores vinham ligeiros atrás deles, até que, por mais que se voltassem e se desviassem, foram finalmente levados a sair da floresta, sendo, então, avistados; e, enquanto procuravam atravessar a Estrada, Orleg foi atingido por muitas flechas. Mas Túrin foi salvo por sua cota de malha élfica e escapou sozinho para os ermos mais além; e com velocidade e habilidade enganou seus inimigos, fugindo para longe em terras que lhe eram estranhas. Então os orcs, temendo despertar a atenção dos elfos de Nargothrond, mataram os prisioneiros e voltaram apressados para o norte.

Quando três dias haviam passado, e Túrin e Orleg não haviam retornado, alguns

dos proscritos quiseram partir da caverna onde estavam escondidos; mas Andróg se opôs a isso. E, enquanto estavam no meio desse debate, de repente um vulto cinzento apareceu de pé diante deles. Beleg os encontrara finalmente. Adiantou-se sem arma nas mãos e com as palmas voltadas na direção deles; mas eles se levantaram de um salto, com medo. e Andróg, vindo por trás, jogou um laço sobre ele, e o puxou de modo a atar-lhe os braços.

- Se não querem hóspedes, deviam vigiar melhor - disse Beleg. - Por que me recebem assim? Venho como amigo, e apenas busco um amigo. Neithan é como ouvi que você o chamam.

- Não está aqui - disse Ulrad. - Mas, a não ser que venha nos espionando há muito tempo, como conhece esse nome?

- Há muito tempo ele nos vigia - disse Andróg. - Esta é a sombra que nos perseguiu. Agora talvez saibamos seu verdadeiro propósito. - Então mandou que amarrassem Beleg a uma árvore ao lado da caverna; e, quando estava firmemente amarrado de mãos e pés, interrogaram-no. Mas a todas as perguntas Beleg dava somente uma resposta.

- Sou amigo desse Neithan desde que o encontrei pela primeira vez na floresta, e na época ele era apenas uma criança. Busco-o apenas por amor e para trazer-lhe boas novas.

- Vamos matá-lo, e estaremos livres da sua espionagem - disse Andróg, irado; e olhava para o grande arco de Beleg com cobiça, pois era arqueiro. Mas alguns de melhor coração mostraram-se contrários.

- O capitão ainda poderá voltar - disse-lhe Algund - e então você se arrependerá, se ele descobrir que lhe roubaram ao mesmo tempo um amigo e boas novas.

- Não acredito na história desse elfo - disse Andróg. - É um espião do Rei de Doriath. Mas, se de fato tem notícias, ele as contará a nós; e julgaremos se nos dão motivo para deixá-lo viver.

- Hei de esperar por seu capitão - disse Beleg.

- Você há de ficar aí em pé até falar - disse Andróg.

Então, por insistência de Andróg, deixaram Beleg amarrado à árvore sem alimento nem água, e sentaram-se por perto comendo e bebendo; mas ele nada mais lhes disse. Quando dois dias e noites haviam passado dessa maneira, eles se irritaram, sentiram medo e estavam ansiosos por partir. Agora a maioria estava disposta a matar o elfo. Ao cair da noite reuniram-se todos em torno dele, e Ulrad trouxe um tição da pequena fogueira que ardia na boca da caverna. Mas naquele momento Túrin voltou. Chegando em silêncio, como era seu costume, parou na sombra fora do círculo de homens, e viu o rosto abatido de Beleg à luz do tição.

Foi como se tivesse sido atingido por uma seta; e como ao repentino derreter da geada, as lágrimas, havia muito represadas, lhe encheram os olhos. Avançou de um salto e correu até a árvore.

- Beleg! Beleg! - exclamou. - Como chegou até aqui? E por que está em pé dessa maneira? - Imediatamente cortou as cordas que atavam o amigo, e Beleg caiu para a frente em seus braços.

Quando Túrin ouviu tudo que os homens estavam dispostos a contar, sentiu raiva e consternação; mas inicialmente ocupou-se apenas de Beleg. Enquanto o tratava com as habilidades que possuía, pensava em sua vida na floresta, e sua ira se voltou contra ele mesmo. Pois muitas vezes estrangeiros haviam sido mortos quando foram apanhados perto dos covis dos proscritos, ou haviam sido alvo de emboscadas, e ele não o impedira; e muitas vezes ele próprio falara mal do Rei Thingol e dos elfos-cinzentos, de modo que

tinha de compartilhar a culpa se eles eram tratados como inimigos. Então, em tom amargo, voltou-se para os homens.

- Vocês foram cruéis - disse -, e cruéis sem necessidade. Nunca até agora torturamos um prisioneiro; mas a tal serviço de orcs nos conduziu a vida que levamos. Sem lei e sem frutos têm sido todos os nossos atos, servindo apenas a nós mesmos, e alimentando o ódio em nosso coração.

- A quem havemos de servir, senão a nós mesmos? - perguntou Andróg. - A quem havemos de amar, se todos nos odeiam?

- Minhas mãos, pelo menos, não hão de se levantar de novo contra elfos ou homens - disse Túrin. - Angband tem servos bastantes. Se outros não fizerem esse juramento comigo, seguirei sozinho.

Beleg abriu, então, os olhos e ergueu a cabeça.

- Sozinho, não! - disse. - Agora finalmente posso contar-lhe minhas novas. Você não é proscrito, e Neithan é um nome inadequado. A culpa que encontraram em você está perdoada. Há um ano você é procurado, para ser reconduzido à honra e ao serviço do rei. Já sentimos falta demais do Elmo-de-dragão.

Mas Túrin não demonstrou alegria diante dessa notícia, e por muito tempo ficou sentado em silêncio; pois às palavras de Beleg uma sombra caiu outra vez sobre ele.

- Que passe esta noite - disse por fim. - Então escolherei. Seja como for, temos de abandonar este covil amanhã, pois nem todos que nos procuram nos querem bem.

- Não, nenhum - disse Andróg, e lançou um olhar malévolo a Beleg.

Pela manhã Beleg, que se curara depressa de suas dores à maneira do antigo povo élfico, falou reservadamente com Túrin.

- Esperava mais alegria diante de minhas notícias - disse - Certamente você agora voltará a Doriath? - E implorou de todas as maneiras possíveis que Túrin fizesse isso; porém quanto mais insistia, mais Túrin hesitava. Ainda assim, questionou Beleg detalhadamente acerca do julgamento de Thingol. Então Beleg lhe contou tudo o que sabia.

- Então Mablung demonstrou ser meu amigo, como parecia outrora? - disse Túrin, por fim.

- O amigo da verdade, isso sim - disse Beleg -, e isso foi melhor afinal. Mas por que, Túrin, você não lhe falou do ataque de Saeros contra você? As coisas poderiam ter saído de forma bem diversa. E - disse, olhando os homens esparramados perto da boca da caverna - você ainda poderia ter mantido seu elmo no alto, e não teria decaído assim.

- Pode ser, se você o chama de decair - disse Túrin. - Pode ser. Mas assim foi; e as palavras ficaram presas em minha garganta. Antes que me fizesse uma pergunta sequer havia censura em seus olhos por um ato que eu não cometera. Meu coração de homem era orgulhoso, como disse o rei élfico. E ainda é, Beleg Cúthalion. Ele ainda não me permite retornar a Menegroth e suportar olhares de piedade e perdão, como os dirigidos a um menino desobediente que se corrigiu. Sou eu quem deveria conceder o perdão, não recebê-lo. E não sou mais um menino, mas um homem, conforme minha espécie; e um homem duro por meu destino.

- O que fará então? - perguntou Beleg, já aflito.

- Irei livre - disse Túrin. - Esse voto Mablung me deu quando nos separamos. A graça de Thingol não se estenderá para receber estes companheiros de minha decadência, creio; mas não me afastarei deles agora, se não quiserem se afastar de mim. Gosto deles à minha maneira, até do pior deles um pouco. São da minha própria espécie, e em cada um existe algo de bom que poderia crescer. Creio que vão ficar ao meu lado.

- Você enxerga com olhos diferentes dos meus - disse Beleg. - Se tentar curá-los

do mal, eles o trairão. Desconfio deles, e de um deles mais que de todos.

- Como um elfo há de julgar os homens? - perguntou Túrin.

- Assim como julga todos os atos, por quem quer que sejam praticados - respondeu Beleg, mas nada mais disse, e não falou da malícia de Andróg, à qual se devia principalmente seu mau tratamento; pois, percebendo a disposição de Túrin, temia que ele não acreditasse em suas palavras e que sua antiga amizade fosse prejudicada, impelindo Túrin de volta ao caminho do mal.

- Ir livre, você diz, meu amigo Túrin - falou. - O que isso significa?

- Prefiro liderar meus próprios homens e guerrear à minha própria maneira - Túrin respondeu. - Mas ao menos nisso meu coração mudou: arrependo-me de cada golpe, exceto os que desferi contra o Inimigo dos homens e elfos. E acima de tudo gostaria de tê-lo ao meu lado. Fique comigo!

- Se ficasse com você, o amor me guiaria, não a sabedoria - disse Beleg. - Meu coração me avisa que deveríamos voltar a Doriath.

- Ainda assim lá não irei - disse Túrin.

Beleg então esforçou-se mais uma vez para persuadi-lo a retornar ao serviço do Rei Thingol, dizendo que havia grande necessidade de sua força e valor nas fronteiras norte de Doriath e falou das novas incursões dos orcs, que desciam até Dimbar vindos de Taurnu-Fuin pela Passagem de Anach. Mas todas as suas palavras de nada valeram.

- Você se chamou de homem duro, Túrin - disse por fim.

- Duro você é, e teimoso. Agora é minha vez. Se de fato quiser o Arcoforte ao seu lado, procure-me em Dimbar, pois para lá voltarei.

Túrin ficou sentado em silêncio, em luta com seu orgulho, que não o deixava voltar atrás, e meditou sobre os anos que tinha atrás de si. Mas, de repente, ocorreu-lhe uma idéia.

- A jovem elfa que você mencionou: muito lhe devo pelo seu testemunho a tempo; no entanto não consigo lembrar-me dela. Por que observava o que eu fazia?

- Por quê, de fato? - perguntou Beleg, contemplando-o de modo estranho. - Túrin, você sempre viveu com o coração e metade da mente muito longe? Pois caminhava com Nellas nas florestas de Doriath quando era menino.

- Isso faz muito tempo - disse Túrin. - Ou assim agora parece minha infância, e há uma névoa sobre ela, a não ser pela lembrança da casa de meu pai em Dor-lómin. Mas por que haveria de ter caminhado com uma jovem elfa?

- Para aprender o que ela pudesse ensinar, talvez - disse Beleg. - Ai. filho dos homens! Há outras desgraças na Terra-média além das suas, e ferimentos que nenhuma arma provocou. De fato, começo a pensar que os elfos e os homens não deveriam se encontrar nem interagir.

Túrin nada disse, mas por longo tempo fitou o rosto de Beleg, como se nele quisesse decifrar o enigma de suas palavras. Mas Nellas de Doriath nunca mais o viu. e a sombra de Túrin desapareceu de sua lembrança.

Do anão Mîm

Após a partida de Beleg (e isso ocorreu no segundo verão depois que Túrin fugiu de Doriath), as coisas andaram mal para os proscritos. Houve chuvas fora de estação, e orcs mais numerosos do que antes desceram do norte e ao longo da antiga Estrada do Sul, sobre o Teiglin, assolando toda a floresta na borda oeste de Doriath. Havia pouca segurança ou descanso, e era mais freqüente que a companhia fosse caça que caçadores.

Certa noite, quando se escondiam deitados na escuridão sem fogueira, Túrin contemplou sua vida, e pareceu-lhe que ela bem poderia melhorar.

- Preciso achar algum refúgio seguro - pensou - e fazer provisões contra o inverno e a fome.

E no dia seguinte levou embora seus homens, mais longe do que jamais haviam se afastado do Teiglin e das fronteiras de Doriath. Após três dias de jornada, detiveram-se na borda oeste da floresta do Vale do Sirion. Lá a terra era mais seca e mais desnuda, à medida que ia subindo para as charnecas.

Logo depois aconteceu que, ao apagar-se a luz cinzenta de um dia chuvoso, Túrin e seus homens estavam abrigados em uma moita de azevinho; e mais além estava um espaço sem árvores, onde havia muitas pedras enormes, inclinadas ou amontoadas. Tudo estava quieto, à exceção da chuva gotejando das folhas. De repente um vigia deu o alerta e, pondo-se de pé com um salto, eles viram três vultos encapuzados, trajando cinza, esgueirando-se furtivos entre as pedras. Cada um deles carregava um grande saco, mas apesar disso andavam depressa.

Túrin gritou para que parassem, e os homens saíram como cães para persegui-los; mas eles não se arredaram do caminho e, apesar de Andróg disparar flechas atrás deles, dois sumiram na penumbra. Um ficou para trás, por ser mais lento ou estar mais carregado; e logo foi agarrado, lançado ao chão e seguro por muitas mãos rudes, apesar de se debater e morder como uma fera. Mas Túrin aproximou-se, e repreendeu seus homens.

- O que têm aí? - disse. - Qual a necessidade de tanta violência? É velho e pequeno. Que dano pode causar?

- Ele morde - disse Andróg, mostrando a mão que sangrava. - É um orc, ou da espécie dos orcs. Mate-o!

- Não merece outra coisa por iludir nossa esperança - disse outro, que havia tomado o saco. - Aqui não há nada senão raízes e pedrinhas.

- Não - disse Túrin -, ele tem barba. É apenas um anão, creio. Deixem que se levante e fale.

Assim foi que Mîm entrou na História dos Filhos de Húrin. Pois colocou-se de joelhos, cambaleante, diante dos pés de Túrin, e implorou por sua vida.

- Sou velho - disse - e pobre. Apenas um anão, como diz, e não um orc. Mîm é meu nome. Não permita que me matem, senhor, por nenhum motivo, como os orcs fariam.

Então Túrin apiedou-se dele em seu coração, mas disse: - Pobre você parece, Mîm, apesar de isso ser estranho para um anão - disse Túrin, embora no fundo se apiedasse dele -, mas nós somos mais pobres, creio: homens sem casa e sem amigos. Se eu dissesse que não poupamos somente por piedade, pois enfrentamos grave necessidade, o que ofereceria como resgate?

- Não sei o que deseja, senhor - disse Mîm cauteloso.

- Neste momento, bem pouco - disse Túrin, olhando em torno amargamente com a chuva nos olhos. - Um lugar seguro para dormir, longe da floresta úmida. Sem dúvida você tem um lugar assim.

- Tenho - disse Mîm -, mas não posso dá-lo como resgate. Sou velho demais para morar sob o firmamento.

- Não precisa envelhecer mais - disse Andróg, aproximando-se com uma faca na mão ilesa. - Posso poupá-lo disso.

- Senhor! - exclamou Mîm, então, muito assustado. - Se eu perder a vida, perderão a habitação; pois não a encontrarão sem Mîm. Não posso dá-la a vocês, mas vou compartilhá-la. Nela há mais espaço do que havia outrora: tantos se foram para sempre - e começou a chorar.

- Sua vida foi poupada, Mîm - disse Túrin.

- Até que cheguemos ao seu covil, pelo menos - disse Andróg. Mas Túrin voltou-se contra ele.

- Se Mîm nos levar ao seu lar sem traição, e for um bom lar, então sua vida estará resgatada; e não há de ser morto por qualquer homem que me segue. Assim juro.

- Mîm será seu amigo, senhor - disse Mim, então, abraçando os joelhos de Túrin. - Primeiro pensei que fosse um elfo, por sua fala e sua voz; mas se for um homem é melhor. Mim não gosta dos elfos.

- Onde fica essa sua casa? - perguntou Andróg. - Deve ser boa de fato se Andróg for compartilhá-la com um anão. Pois Andróg não gosta de anões. Seu povo trouxe do leste poucas histórias boas sobre essa raça.

- Julgue meu lar quando o vir - disse Mim. - Mas precisarão de luz no caminho, homens trôpegos. Voltarei logo e os conduzirei.

- Não, não! - disse Andróg. - Certamente não permitirá isso, capitão? Nunca voltaria a ver o velho trapaceiro.

- Está escurecendo - disse Túrin. - Que ele nos deixe alguma garantia. Devemos ficar com seu saco e o conteúdo, Mim?

Mas a essas palavras o anão caiu outra vez de joelhos, extremamente perturbado.

- Se Mim não pretendesse voltar, não voltaria por um velho saco de raízes - disse. - Eu voltarei. Deixe-me ir!

- Não deixarei - disse Túrin. - Se não quer se separar do seu saco, terá de ficar junto com ele. Uma noite sob as folhas talvez faça com que tenha pena de nós por sua vez. - Mas notou, e outros também, que Mîm dava mais valor à sua carga do que esta parecia ter à primeira vista.

Levaram o velho anão ao acampamento miserável; e, ao caminhar, ele murmurava numa língua estranha que parecia rude com antigo ódio; mas quando puseram amarras em suas pernas ele silenciou de repente. E os que estavam de vigia viram-no sentado durante toda a noite, silencioso e imóvel como uma pedra, exceto pelos olhos insones que reluziam enquanto percorriam a escuridão.

Antes de chegar a manhã, a chuva cessou, e o vento agitou-se nas árvores. A aurora veio mais clara que em muitos dias antes, e ares leves do sul abriram o firmamento, pálido e límpido em torno do nascer do sol. Mim continuava sentado imóvel, e parecia morto; pois agora estavam fechadas suas pesadas pálpebras, e a luz da manhã o mostrava enrugado e encolhido pela idade. Túrin, de pé, olhou para ele.

- Agora há luz suficiente - disse.

Então Mîm abriu os olhos e apontou suas amarras; e quando foi libertado falou feroz.

- Aprendam isso, tolos! - disse. - Não ponham amarras num anão! Ele não o perdoará. Não desejo morrer, mas meu coração está quente pelo que fizeram. Arrependo-me de minha promessa.

- Mas eu não - disse Túrin. - Vai levar-me ao seu lar. Até esse momento não

falaremos de morte. Essa é *minha* vontade. - Olhou firme nos olhos do anão, e Mîm não conseguiu suportá-lo; poucos na verdade podiam desafiar os olhos de Túrin firmes pela vontade ou pela ira. Logo desviou a cabeça e se levantou.

- Siga-me, senhor! - disse.

- Bom! - disse Túrin. - Mas agora acrescentarei o seguinte. Compreendo seu orgulho. Você poderá morrer, mas não será amarrado outra vez.

Então Mîm levou-os de volta ao lugar onde fora capturado e apontou para o oeste. - Lá fica meu lar! - disse. - Vocês o viram muitas vezes, imagino, pois é alto. Sharbhund nós o chamávamos, antes que os elfos mudassem todos os nomes. - Então viram que apontava para Amon Rûdh, o Morro Calvo, cuja cabeça descoberta vigiava muitas léguas do ermo.

- Nós o vimos, mas nunca de perto - disse Andróg. - Pois que covil seguro pode haver lá, ou água, ou qualquer outra coisa de que precisamos? Imaginei que houvesse algum truque. Homens escondem-se no topo de um morro?

- A visão a distância pode ser mais segura que o esconderijo - disse Túrin. - Amon Rûdh espia muito longe. Bem, Mîm, irei para ver o que você tem para mostrar. Quanto tempo levaremos nós, homens trôpegos, para chegar lá?

- Todo este dia até o anoitecer - Mîm respondeu.

A companhia partiu para o oeste, e Túrin ia à frente com Mîm a seu lado. Caminhavam cautelosos quando saíram da floresta, mas toda a terra estava vazia e quieta. Passaram sobre as pedras amontoadas e começaram a subir; pois Amon Rûdh ficava na borda oriental das altas charnecas que se erguiam entre os vales do Sirion e do Narog, e mesmo acima do urzal pedregoso em seu sopé o cimo se levantava a mais de mil pés. Do lado leste uma região acidentada subia lentamente até as altas cristas, entre capões de bétulas e sorvas, e antigas espinheiras enraizadas na rocha. Em volta das encostas inferiores de Amon Rûdh cresciam moitas de *aeglos;* mas sua íngreme cabeça cinzenta era pelada, exceto pelo *seregon* vermelho que recobria a pedra.

À medida que a tarde caía, os proscritos se aproximaram das raízes do morro. Vinham agora do norte, pois assim Mîm os conduzira; a luz do sol poente caía sobre o cimo de Amon Rûdh, e o *seregon* estava todo em flor.

- Vejam! Há sangue no alto do morro - disse Andróg.

- Ainda não - disse Túrin.

O sol se punha, e a luz desfalecia nas grotas. O morro agora se erguia diante e acima deles, e se perguntaram que necessidade teriam de um guia para chegar a um local tão evidente. Mas à medida que Mîm os conduzia, e eles começavam a escalar as últimas encostas íngremes, perceberam que ele seguia alguma trilha por sinais secretos ou por antigo costume. Agora seu percurso virava-se para lá e para cá e, quando desviavam os olhos, viam que de ambos os lados se abriam escuros vales e cumeadas, ou que o terreno descia em trechos desbarrancados com grandes pedras, com quedas e buracos encobertos por sarças e espinhos. Sem guia, lá teriam labutado e escalado dias a fio para achar o caminho.

Por fim, chegaram a um terreno mais íngreme, porém mais liso. Passaram sob as sombras de antigas sorvas, entrando por corredores de *aeglos* pernaltas: uma penumbra impregnada de um doce aroma. Então de repente surgiu uma parede de rocha diante deles, de face plana e escarpada, erguendo-se alto acima deles no lusco-fusco.

- Esta é a porta de sua casa? - perguntou Túrin. - Os anões, dizem, amam a pedra. - Aproximou-se de Mîm, para que este não lhes pregasse alguma peça no fim.

- Não é a porta da casa, mas o portão do pátio - disse Mîm. Então virou à direita, acompanhando o pé da escarpa e, após vinte passos, deteve-se de repente; e Túrin viu que

por obra de mãos ou das intempéries havia uma fenda conformada de modo que duas faces do paredão se sobrepunham, e uma abertura se estendia para trás, à esquerda entre elas. Sua entrada estava encoberta por longas trepadeiras enraizadas nas fissuras no alto, mas no interior havia uma trilha íngreme e pedregosa que subia na escuridão.

A água escorria por ali, e havia muita umidade. Subiram em fila, um a um. No topo, a trilha virou-se para a direita e outra vez para o sul, e os fez sair através de uma moita de espinhos para uma área plana e verde, através da qual se estendia até penetrar nas sombras. Haviam chegado à casa de Mîm, Bar-en-Nibin-noeg, que somente as antigas histórias em Doriath e Nargothrond recordavam, e que nenhum homem vira. Mas a noite caía, e o leste estava estrelado, e eles ainda não conseguiam ver qual era a forma daquele estranho lugar.

Amon Rûdh tinha uma coroa: uma grande massa semelhante a um íngreme chapéu de pedra, com um topo pelado e plano. Do lado norte saía dele uma plataforma, horizontal e quase quadrada, que não podia ser vista de baixo; pois atrás dela erguia-se a coroa do morro como uma muralha, e a oeste e leste caíam de sua borda penhascos íngremes. Somente do norte, do lado por onde haviam chegado, ela podia ser alcançada facilmente por quem soubesse o caminho. Da fenda vinha uma trilha, que logo passava por um pequeno capão de bétulas anãs que cresciam à margem de uma lagoa límpida em bacia escavada na rocha. Essa lagoa era alimentada por uma nascente ao pé da muralha posterior, e por uma canaleta a água se derramava como um filete branco pela borda oeste da plataforma. Por trás da parede de árvores perto da nascente, entre dois altos contra-fortes de rocha, havia uma caverna. Não parecia ser mais que uma gruta rasa com um arco baixo e irregular; mas no interior tinha sido aprofundada e escavada, penetrando longe no morro, pelas lentas mãos dos anões-pequenos, nos longos anos em que lá moraram, sem serem perturbados pelos elfos-cinzentos da floresta.

Mîm os conduziu através da penumbra profunda, passando pela lagoa, onde agora as débeis estrelas se espelhavam entre as sombras dos ramos de bétula. Na boca da caverna vi-rou-se e se inclinou para Túrin.

- Entre - disse - Bar-en-Danwedh, a Casa do Resgate; pois assim há de se chamar.

- Isso pode ser - disse Túrin. - Olharei primeiro. - Então entrou com Mîm, e os demais, vendo-o destemido, seguiram atrás, até mesmo Andróg, que mais desconfiava do anão. Logo estavam em uma negra escuridão; mas Mîm bateu palmas, e uma luzinha surgiu dando a volta numa esquina: de uma passagem nos fundos da gruta externa apareceu outro anão, carregando uma pequena tocha.

- Ah! Errei o alvo, como temia! - disse Andróg. Mas Mîm falou rapidamente com o outro na sua própria língua rude e, parecendo perturbado ou irado pelo que ouvira, correu passagem adentro e desapareceu. Então Andróg insistiu em avançar. - Ataquem primeiro! - disse. - Pode haver uma colmeia deles, mas são pequenos.

- Três apenas, creio - disse Túrin; e foi à frente, enquanto atrás dele os proscritos seguiam pela passagem às apalpade-las, tateando suas paredes ásperas. Muitas vezes ela se curvou para lá e para cá em ângulos agudos; mas finalmente surgiu à frente uma luz fraca, e eles chegaram a uma sala pequena, porém alta, tenuemente iluminada por lâmpadas suspensas das sombras do teto por correntes finas. Mîm não estava lá, mas sua voz podia ser ouvida; e, guiado por ela, Túrin alcançou a porta de um quarto que se abria nos fundos da sala. Olhando para dentro, viu Mîm de joelhos no chão. A seu lado estava em pé, silencioso, o anão com a tocha; mas sobre um leito de pedra, na parede traseira, jazia outro.

- Khîm, Khîm, Khîm! - soluçava o velho anão, puxando a barba.

- Nem todas as suas flechas foram perdidas - disse Túrin a Andróg. - Mas este tiro

certeiro pode ter resultado ruim. Você atira de modo muito leviano; mas poderá não viver o bastante para ganhar sabedoria. Então, entrando sem barulho, Túrin parou atrás de Mîm e lhe falou.

- Qual é o problema, Mîm? - perguntou. - Tenho algumas habilidades de cura. Posso auxiliá-lo?

Mîm voltou a cabeça, e havia uma luz vermelha em seus olhos.

- Não, a não ser que consiga reverter o tempo, e cortar as mãos cruéis de seus homens - respondeu. - Este é meu filho, ferido por uma flecha. Agora está além da fala. Morreu ao pôr-do-sol. Suas amarras me impediram de curá-lo.

Outra vez a compaixão por muito tempo endurecida brotou no coração de Túrin como água da rocha.

- Ai! - disse. - Eu traria de volta aquela flecha, se pudesse. Agora esta há de ser chamada Bar-en-Danwedh, Casa do Resgate, em verdade. Pois, quer moremos aqui quer não, considerar-me-ei como seu devedor; e, se algum dia conseguir riqueza, eu lhe pagarei um pesado resgate de ouro por seu filho, em sinal de luto, por muito que isso não mais alegre seu coração.

Então Mîm ergueu-se e olhou longamente para Túrin.

- Eu o ouço - disse. - Você fala como um senhor dos anões de outrora, e me espanto com isso. Agora meu coração esfriou, apesar de não estar contente. Portanto pagarei meu próprio resgate: podem morar aqui se quiserem. Mas acrescentarei o seguinte: aquele que atirou a seta há de partir seu arco e suas flechas, e depositá-los aos pés de meu filho; e jamais há de tomar uma flecha nem portar um arco de novo. Se o fizer, há de morrer por isso. Esta maldição rogo contra ele.

Andróg ficou temeroso quando ouviu falar da maldição; e. apesar de fazê-lo muito a contragosto, quebrou seu arco e suas flechas e os depositou aos pés do anão morto. Mas ao sair do quarto lançou um olhar malévolo a Mîm.

- A maldição de um anão nunca morre, ao que dizem - murmurou -, mas a de um homem também pode atingir o alvo. Que morra com uma flecha na garganta!

Naquela noite deitaram-se na sala e dormiram inquietos por causa do choro de Mîm e de Ibun, seu outro filho. Não perceberam quando o choro cessou; mas, quando por fim despertaram, os anões haviam ido embora, e o quarto estava fechado com uma pedra. O dia estava claro outra vez, e ao sol da manhã os proscritos lavaram-se na lagoa e prepararam a comida que tinham. Enquanto comiam, Mîm parou diante deles.

- Foi-se, e tudo está feito - disse, curvando-se diante de Túrin. - Ele jaz com seus antepassados. Agora voltamo-nos para a vida que nos resta, embora os dias vindouros possam ser breves. O lar de Mîm lhes agrada? O resgate está pago e aceito?

- Está - disse Túrin.

- Então tudo é seu, para arranjarem sua moradia aqui como quiserem, com a seguinte exceção: o quarto que está fechado, ninguém há de abri-lo senão eu.

- Nós o escutamos - disse Túrin. - Mas, quanto à nossa vida aqui, estamos em segurança, ou assim parece; mas ainda assim precisamos de comida e outras coisas. Como havemos de sair; ou, mais ainda, como havemos de voltar?

Para inquietação dos proscritos, Mím deu uma risada gutural.

- Temem terem seguido uma aranha até o núcleo da sua teia? - perguntou. - Mím não come homens! E uma aranha dificilmente poderia enfrentar trinta vespas de uma vez. Vejam, vocês estão armados, e eu estou aqui desprovido. Não. Nós precisamos compartilhar, vocês e eu: casa, comida e fogo, e quem sabe outros ganhos. A casa, penso, vocês a vigiarão e manterão secreta pelo seu próprio bem, mesmo quando conhecerem os caminhos de entrada e saída. Com o tempo vão aprendê-los. Mas por enquanto Mím terá

de guiá-los, ou seu filho Ibun.

Com isso Túrin concordou, e agradeceu a Mîm, e a maioria dos seus homens estava contente; pois sob o sol da manhã, enquanto o verão ainda andava alto, parecia um belo lugar para morar. Somente Andróg estava descontente.

- Quanto mais cedo formos senhores de nossas idas e vindas, melhor - disse. - Nunca antes levamos para lá e para cá em nossas andanças um prisioneiro ressentido.

Nesse dia descansaram, limparam as armas e consertaram suas vestes; pois tinham ainda comida para um dia ou dois, e Mím acrescentou ao que tinham. Emprestou-lhes três grandes caldeirões e também o que queimar, além de lhes trazer um saco.

- Refugo - disse. - Nada que valha a pena roubar. Só raízes silvestres.

Mas, quando cozidas, essas raízes demonstraram ser boas de comer, um pouco como pão; e os proscritos contentaram-se com elas, pois durante muito tempo lhes faltara o pão, exceto quando conseguiam roubá-lo.

- Os elfos selvagens não as conhecem; os elfos-cinzentos não as encontraram; os altivos de além-mar são altivos demais para cavar - disse Mîm.

- Como se chamam? - perguntou Túrin.

- Não têm nome, exceto na língua dos anões, que não ensinamos - disse Mîm olhando-o de soslaio. - E não ensinamos os homens a encontrá-las, pois os homens são gananciosos e esbanjadores. e não as poupariam até que todas as plantas tivessem perecido, enquanto agora eles passam por elas quando andam às tontas nos ermos. Não saberão mais de Mîm, mas poderão receber bastante por minha generosidade, contanto que falem com justiça e não espionem nem roubem. - Então outra vez deu um riso gutural. - São de grande valia - disse. -Mais do que ouro no inverno faminto, pois podem ser armazenadas como as nozes de um esquilo, e já estávamos fazendo nosso estoque das primeiras que estão maduras. Mas vocês são tolos se pensam que eu não me apartaria de uma pequena carga, mesmo para salvar minha vida.

- Eu o ouço - disse Ulrad, que olhara no saco quando Mím fora apanhado. - No entanto, não queria apartar-se, e suas palavras só me espantam ainda mais.

Mím voltou-se e o olhou com ar sinistro.

- Você é um dos tolos que a primavera não lamentaria se perecesse no inverno - disse. - Eu tinha dado minha palavra, e portanto teria de voltar, quisesse ou não, com o saco ou sem ele, pense o que quiser um homem sem lei e sem fé! Mas não gosto de me separar do que é meu pela força dos maus, nem que seja somente uma correia de sapato. Então não recordo que suas mãos estavam entre as que me amarraram e de tal forma me seguraram que não falei mais com meu filho? Sempre que eu distribuir o pão-da-terra do meu estoque, você será excluído da contagem, e se o comer há de ser pela generosidade de seus companheiros, não pela minha.

Então Mím se foi; mas Ulrad, que se acovardara ante sua ira, falou dele pelas costas.

- Grandes palavras! No entanto o velho patife tinha outras coisas no saco, de forma semelhante, porém mais duras e pesadas. Quem sabe não haja outras coisas além do pão-da-terra nos ermos, que os elfos não encontraram e os homens não devem conhecer!

- Isso pode ser - disse Túrin. - Ainda assim o anão falou a verdade pelo menos em um ponto: quando o chamou de tolo. Por que precisa falar o que pensa? O silêncio, caso as palavras justas lhe engasguem a garganta, melhor serviria a todos os nossos propósitos.

O dia passou em paz, e nenhum dos proscritos desejou sair. Túrin caminhou muito na verde relva da plataforma, de uma beira à outra; e espiou para leste, oeste e norte, e espantou-se de perceber como se via longe no ar límpido. Para o norte olhou e divisou a Floresta de Brethil subindo verde em volta de Amon Obel no seu meio, e para lá seus

olhos eram atraídos sempre, não sabia por quê; pois seu coração estava voltado mais para o noroeste, onde a léguas e léguas de distância, no sopé do firmamento, parecia que podia entrever as Montanhas da Sombra, as muralhas de seu lar. Mas à tardinha Túrin olhou para oeste. para o ocaso, quando o sol descia nas névoas sobre as costas distantes, e o Vale do Narog jazia nas profundas sombras à sua frente.

Assim teve início a morada de Túrin, filho de Húrin, nos salões de Mím, em Bar-en-Danwedh, a Casa do Resgate.

Para a história de Túrin desde sua chegada a Bar-en-Danwedh até a queda de Nargothrond, vide O Silmarillion, *e o Apêndice do Narn i Hín Húrin.*

O retorno de Túrin a Dor-lómin

Por fim, exausto pela pressa e pela longa estrada (pois quarenta léguas e mais *viajará* sem descanso), Túrin chegou com o primeiro gelo do inverno às Lagoas de Ivrin, onde antes fora curado. Mas eram agora apenas um charco congelado, e ele não podia mais beber ali.

De lá alcançou as passagens que levavam a Dor-lómin. A neve chegava implacável do norte, e os caminhos eram arriscados e frios. Apesar de haverem se passado 23 anos desde que pisara aquela trilha, ela estava gravada em seu coração, tão grande fora o pesar de cada passo ao separar-se de Morwen. Assim chegou por fim à terra de sua infância. Estava árida e deserta. Ali as pessoas eram escassas e rudes, e falavam o áspero idioma dos Orientais enquanto o idioma antigo se tornara a língua dos servos, ou dos inimigos.

Túrin caminhava, portanto, com cautela, encapuzado em silêncio, e chegou por fim à casa que buscava. Estava vazia e às escuras, e nenhum ser vivo morava por perto; pois Morwen se fora, e Brodda, o Forasteiro (o mesmo que tomou por esposa à força Aerin, parenta de Húrin), havia saqueado sua casa, e levara tudo o que lhe restara de bens ou de criados. A casa de Brodda era a mais próxima da antiga casa de Húrin, e para lá

Túrin foi, exausto da caminhada e de tristeza, implorando abrigo; e este lhe foi concedido, pois alguns dos modos mais gentis de outrora lá ainda eram mantidos por Aerin. Deram-lhe um lugar perto do fogo, entre os criados, na companhia de alguns errantes tão sinistros e esgotados quanto ele; e perguntou por notícias da terra.

A essas palavras, o grupo silenciou, e alguns recuaram, olhando o estrangeiro de soslaio.

- Se precisa falar a língua antiga, rapaz - disse-lhe um velho errante -, fale-a mais baixo e não pergunte por notícias. Gostaria de ser espancado como delinqüente ou enforcado como espião? Pois você pode ser ambos, a julgar por sua aparência. O que significa apenas - disse, aproximando-se e falando baixo no ouvido de Túrin - alguém da gente bondosa de antigamente, que veio com Hador nos dias de ouro, antes que as cabeças usassem pêlo de lobo. Alguns daqui são dessa espécie, apesar de terem se tornado mendigos e escravos; e, não fosse pela Senhora Aerin, não ganhariam nem este fogo nem este caldo. De onde é você, e que notícias deseja?

- Havia uma senhora chamada Morwen - respondeu Túrin - e há muito tempo eu vivia em sua casa. Lá cheguei após muito vagar, para buscar as boas-vindas, mas agora não há ali nem fogo nem gente.

- Nem houve há mais de um longo ano - respondeu o velho. - Mas eram escassos o fogo e a gente naquela casa desde a guerra mortal; pois ela pertencia à antiga gente, como

você sem dúvida sabe, e era viúva de nosso senhor Húrin, filho de Galdor. Não ousavam tocá-la, no entanto, pois a temiam; altiva e bela como uma rainha, antes que o pesar a desfigurasse. Chamavam-na Mulher-Bruxa, e a evitavam. Mulher-Bruxa: é somente "amiga-dos-elfos" na nova língua. Contudo, roubavam dela. Em muitas ocasiões ela e a filha teriam passado fome, não fosse pela Senhora Aerin, que as ajudava em segredo, dizem, e por isso muitas vezes foi espancada pelo canalha Brodda, seu marido por necessidade.

- E o que houve há mais de um longo ano? - perguntou Túrin. - Estão mortas ou escravizadas? Ou os orcs a atacaram?

- Não se sabe ao certo - disse o velho. - Mas ela se foi com a filha; e esse Brodda a saqueou e arrancou o que restava. Não sobrou nem um cachorro, e a pouca gente dela foi escravizada por ele; à exceção de alguns que foram mendigar, assim como eu. Eu, Sador Perneta, a servi por muitos anos, e antes ao grande Senhor. Não fosse um maldito machado na floresta há muito tempo, eu estaria agora deitado no Grande Túmulo. Lembro-me bem do dia em que o menino de Húrin foi mandado embora, e de como ele chorava; e ela, quando ele se fora. Foi ao Reino Oculto, dizem.

Com essas palavras o velho calou-se, e olhou para Túrin desconfiado.

- Sou velho e tagarela - disse. - Não me dê atenção! Mas, apesar de ser agradável falar a antiga língua com alguém que a fala bela como em tempos idos, os dias são maus, e é preciso ter cautela. Nem todos que falam a bela língua são belos no coração.

- É verdade - disse Túrin. - Meu coração é sombrio. Mas se você teme que eu seja espião do norte ou do leste, então tem pouca sabedoria a mais do que tinha há muito tempo, Sador Labadal.

O velho o encarou boquiaberto; então, trêmulo, falou: -Venha para fora! É mais frio, porém mais seguro. Você fala muito alto, e eu falo demais para uma sala de Oriental.

Quando haviam chegado ao pátio, ele agarrou o manto de Túrin. - Muito tempo atrás você morou naquela casa, diz você. Senhor Túrin, filho de Húrin, por que voltou? Meus olhos estão abertos, e meus ouvidos por fim; você tem a voz de seu pai. Mas somente o jovem Túrin me chamava assim, Labadal. Não tinha má intenção: éramos amigos brincalhões naquela época. O que ele busca aqui agora? Somos poucos que restam; e somos velhos e desarmados. Mais felizes são os do Grande Túmulo.

- Não vim com intenção de guerrear - disse Túrin -, apesar de suas palavras agora terem despertado em mim esse pensamento, Labadal. Mas isso tem de esperar. Vim em busca da Senhora Morwen e de Nienor. O que pode me dizer, e depressa?

- Pouco, senhor - disse Sador. - Foram-se em segredo. Sussurrava-se entre nós que foram convocadas pelo Senhor Túrin; pois não duvidávamos de que ele crescera ao longo dos anos, rei ou senhor em algum país do sul. Mas parece que não é assim.

- Não é - respondeu Túrin. - Fui senhor em um país do sul, apesar de agora ser errante. Mas não as convoquei.

- Então não sei o que lhe dizer - disse Sador. - Mas a Senhora Aerin saberá, não duvido. Ela conhecia todos os pensamentos de sua mãe.

- Como posso chegar até ela?

- Isso não sei. Custaria a ela muita dor caso fosse apanhada cochichando à porta com um coitado vagante da gente espezinhada, mesmo que alguma mensagem pudesse trazê-la. E um mendigo como você não avança muito pelo salão, em direção à mesa principal, antes que os Orientais o agarrem e espanquem, ou pior.

- Não posso andar pelo salão de Brodda? - perguntou Túrin, irado - E vão espancar-me? Venha ver!

Com isso, entrou no salão, tirou o capuz, e, empurrando para o lado todos que

estavam em seu caminho, dirigiu-se para a mesa onde estavam sentados o dono da casa e sua esposa, e outros senhores Orientais. Então alguns correram para agarrá-lo, mas ele os lançou ao chão.

- Ninguém comanda esta casa, ou é ela uma toca de orcs? - gritou - Onde está o dono?

- Eu comando esta casa - disse Brodda, erguendo-se furioso.

Mas, antes que pudesse dizer mais, Túrin falou.

- Então não aprendeu a cortesia que havia nesta terra antes de você. Agora os homens têm o costume de deixar os lacaios maltratarem os parentes das esposas? Sou um deles, e tenho um mandado para a Senhora Aerin. Devo vir em liberdade, ou devo vir como quero?

- Venha! - disse Brodda, e franziu o cenho; mas Aerin empalideceu.

Então Túrin caminhou até a mesa principal, parou diante dela e inclinou-se.

- Perdoe-me, Senhora Aerin - disse -,. por invadir assim sua casa; mas minha missão é urgente e me trouxe de longe. Busco Morwen, Senhora de Dor-lómin, e sua filha Nienor. Mas a casa dela está vazia e saqueada. O que pode contar-me?

- Nada - disse Aerin apavorada, pois Brodda a observava de perto. - Nada, exceto que se foi.

- Isso não creio - disse Túrin.

Brodda deu então um salto, e estava vermelho de raiva e embriaguez. - Basta! - gritou. - Minha esposa há de ser desmentida diante de mim por um mendigo que fala a língua dos servos? Não há Senhora de Dor-lómin. Mas quanto a Morwen, ela pertencia ao povo dos escravos, e fugiu como fogem os escravos. Faça o mesmo, e depressa, ou mandarei enforcá-lo numa árvore!

Então Túrin pulou sobre ele, sacou a espada negra e agarrou Brodda pelos cabelos, puxando sua cabeça para trás. - Que ninguém se mova - disse - ou esta cabeça abandonará seus ombros! Senhora Aerin, mais uma vez eu pediria seu perdão, se eu pensasse que este canalha alguma vez lhe fez algo que não fosse o mal. Mas fale agora, e não me negue nada! Não sou Túrin, Senhor de Dor-lómin? Devo ordenar-lhe?

- Ordene-me - respondeu ela.

- Quem saqueou a casa de Morwen?

- Brodda - respondeu ela.

- Quando ela fugiu, e para onde?

- Um ano e três meses atrás - disse Aerin. - O Senhor Brodda e outros Forasteiros do leste por aqui a oprimiram cruelmente. Há muito tempo fora convidada a ir para o Reino Oculto; e por fim partiu. Pois as terras daqui até lá estavam então livres do mal, por algum tempo, graças à bravura do Espada-Negra das terras do sul, ao que dizem; mas agora isso acabou. Ela imaginava lá encontrar o filho à sua espera. Mas, se você é ele, então temo que tudo tenha dado errado.

Riu-se Túrin, então, amargamente. - Errado, errado? - exclamou. - Sim, sempre errado: tão tortuoso como Morgoth! - E subitamente uma ira negra o sacudiu; pois seus olhos se abriram, o feitiço de Glaurung soltou suas últimas amarras e ele reconheceu as mentiras com que fora ludibriado. - Fui burlado para vir e aqui morrer desonrado, eu que poderia ao menos ter tido um fim valoroso ante as Portas de Nargothrond? - E da noite em torno do salão lhe parecia ouvir os gritos de Finduilas.

- Não serei o primeiro a morrer aqui! - gritou. E agarrou Brodda, e com a força de sua grande angústia e ira ergueu-o bem alto. sacudindo-o como se fosse um cão. - Morwen do povo dos escravos, disse você? Seu filho de covardes, ladrão, escravo de escravos! - Com isso lançou Brodda de cabeça por cima da própria mesa, bem no rosto de

um Oriental que se levantou para atacar Túrin.

Nessa queda o pescoço de Brodda partiu-se; e Túrin saltou atrás de seu arremesso, matando mais três que lá estavam agachados, pois os apanhou desarmados. Houve um tumulto no salão. Os Orientais que lá estavam sentados teriam atacado Túrin, mas muitos outros dentre os anciãos de Dor-lómin estavam lá reunidos. Por muito tempo haviam sido mansos criados, mas agora se levantaram em rebelião, aos gritos. Logo começou uma luta ferrenha no salão, e, embora os servos tivessem contra adagas e espadas apenas facas de carne e objetos semelhantes de que puderam se apossar, rapidamente muitos foram mortos de ambos os lados, antes que Túrin saltasse entre eles e matasse o último dos Orientais que ali restava.

Então descansou, encostado a uma coluna, e o fogo de sua ira era como cinzas. Mas o velho Sador arrastou-se para seu lado e o agarrou pelos joelhos, pois estava mortalmente ferido.

- Três vezes sete anos e mais, foi longa a espera por esta hora - disse. - Mas agora vá, vá, senhor! Vá e não volte, senão com maior força. Levantarão a região contra você. Muitos correram do salão. Vá, ou se acabará aqui. Adeus! - Então escorregou até o chão e morreu.

- Ele fala com a verdade da morte - disse Aerin. - Você ficou sabendo o que queria. Agora vá depressa! Mas antes vá até Morwen e a console, ou considerarei difícil perdoar toda a ruína que provocou aqui. Pois, por pior que fosse minha vida, você me trouxe a morte com sua violência. Os Forasteiros se vingarão desta noite, em todos os que estavam aqui. Temerários são seus atos, filho de Húrin, como se ainda fosse apenas a criança que conheci.

- E fraco é seu coração, Aerin, filha de Indor, como quando eu a chamava de tia, e um cachorro turbulento lhe metia medo - disse Túrin. - Você foi feita para um mundo mais amável. Mas vamos embora! Vou levá-la a Morwen.

- A neve jaz sobre a terra, porém mais funda sobre minha cabeça - respondeu ela. - Eu morreria nos ermos com você, do mesmo modo que com os brutos Orientais. Você não pode consertar o que fez. Vá! Ficar piorará tudo e despojará Morwen sem propósito. Vá, eu lhe imploro!

Túrin inclinou-se profundamente diante dela, virou-se e deixou o salão de Brodda; mas todos os rebeldes que tinham forças o seguiram. Fugiram para as montanhas, pois alguns deles conheciam bem os caminhos dos ermos e abençoaram a neve que caía atrás deles e lhes cobria os rastros. Assim, apesar de a caçada logo se iniciar, com muitos homens, cães e relinchar de cavalos, eles escaparam para o sul em direção das colinas. Então, olhando para trás, viram uma luz vermelha ao longe, na região que haviam abandonado.

- Eles incendiaram o salão - disse Túrin. - Com que finalidade?

- Eles? Não, senhor: ela, imagino - disse um deles, de nome Asgon. - Muitos homens de armas interpretam mal a paciência e o silêncio. Ela fez muito bem entre nós a muito custo. Seu coração não era fraco, e a paciência acaba por se partir.

Agora alguns dos mais robustos, capazes de resistir ao inverno, ficaram com Túrin e o conduziram por estranhas trilhas até um refúgio nas montanhas, uma caverna conhecida de proscritos e fugitivos; e lá havia escondido um estoque de comida. Lá esperaram até que a neve cessou, e então lhe deram alimento e o levaram a uma passagem pouco usada, que conduzia ao sul, ao Vale do Sirion, aonde a neve não chegara. No caminho que descia, separaram-se.

- Agora adeus, Senhor de Dor-lómin - disse Asgon. - Mas não se esqueça de nós. Agora seremos homens perseguidos; e o Povo-Lobo será mais cruel por causa de sua

vinda. Portanto vá, e não volte, a não ser que venha com força bastante para nos libertar. Adeus!

A chegada de Túrin a Brethil

Agora Túrin descia em direção ao Sirion, e tinha a mente dividida. Pois lhe parecia que, ao passo que antes tinha duas alternativas amargas, agora havia três; e sua gente oprimida o chamava, aqueles a quem trouxera apenas um aumento de desgosto. Tinha apenas este consolo: o de que sem dúvida Morwen e Nienor há muito tempo haviam chegado a Doriath, e somente pela bravura do Espada-Negra de Nargothrond seu caminho se tornara seguro. E disse em pensamento: - Em que outro lugar melhor eu poderia tê-las guardado, se de fato tivesse chegado antes? Se o Cinturão de Melian for rompido, então tudo estará acabado. Não, é melhor do modo como as coisas estão; pois por minha ira e meus atos impetuosos lanço uma sombra onde quer que eu viva. Que Melian as guarde! Eu as deixarei em paz, sem sombra, por um tempo.

Mas agora era tarde demais para Túrin buscar Finduilas, vagando pela floresta sob as encostas de Ered Wethrin, selvagem e cauteloso como um animal; e espreitou todas as estradas que levavam ao norte, à Passagem do Sirion. Tarde demais. Pois todos os rastros haviam sido levados pela chuva e pela neve. Mas foi assim que Túrin, descendo o Teiglin, topou com algumas pessoas do Povo de Haleth da Floresta de Brethil. Agora a guerra os havia reduzido a um grupo diminuto, e habitavam do modo mais secreto possível dentro de uma paliçada sobre Amon Obel, nas profundezas da floresta. Ephel Brandir era chamado aquele lugar; pois Brandir, filho de Handir, era agora seu senhor, desde que seu pai fora morto. E Brandir não era guerreiro, pois fora aleijado por uma perna quebrada num infortúnio ocorrido na infância; e ademais era de modos gentis, gostando mais da madeira que do metal, e do conhecimento das coisas que crescem na terra mais do que de outra ciência.

No entanto, alguns dos homens da floresta ainda caçavam os orcs em suas fronteiras; e foi assim que, quando lá chegou, Túrin ouviu um barulho de tumulto. Correu naquela direção e, atravessando as árvores cautelosamente, viu um pequeno bando de homens cercado por orcs. Defendiam-se desesperadamente, de costas para um grupo de árvores que cresciam à parte, numa clareira; mas os orcs eram muito numerosos, e havia pouca esperança de escaparem, a não ser que viesse ajuda. Portanto, escondido na vegetação rasteira, Túrin fez um grande ruído de passos pesados e batidas, e então gritou em voz alta, como se liderasse muitos homens: - Ah! Aqui os encontramos! Sigam-me todos! Agora saiam e matem!

Ante essas palavras, muitos orcs olharam para trás consternados, e em seguida Túrin surgiu de um salto, acenando como que para homens atrás dele, e os gumes de Gurthang tremeluziam como uma chama em sua mão. Aquela lâmina era demasiado conhecida dos orcs; e, mesmo antes que ele saltasse entre eles, muitos se dispersaram e fugiram. Então os homens da floresta correram para se unir a ele, e juntos perseguiram seus inimigos para dentro do rio: poucos atravessaram.

Por fim detiveram-se na margem, e Dorlas, líder dos homens da floresta, disse: - É rápido na caça, senhor; mas seus homens o seguem devagar.

- Não - disse Túrin -, todos corremos juntos como um só homem, e não podem nos apartar.

Então os homens de Brethil riram e disseram: - Bem, um assim vale por muitos. E nós lhe devemos uma grande gratidão. Mas quem é você, e o que faz aqui?

- Apenas sigo meu ofício, que é matança de orcs - disse Túrin. - E moro lá onde meu ofício estiver. Sou o Homem Selvagem dos Bosques.

- Então venha morar conosco - disseram. - Pois habitamos na floresta, e temos necessidade de tais artesãos. Você seria bem-vindo!

- Então restaram alguns que me permitirão pôr os pés em suas casas? - perguntou Túrin, com um olhar estranho. - Mas, amigos, tenho ainda uma missão dolorosa: encontrar Finduilas, filha de Orodreth de Nargothrond, ou pelo menos saber notícias dela. Ai! Faz muitas semanas que ela foi levada de Nargothrond, mas ainda devo buscá-la.

Então olharam-no com dó. - Não busque mais - disse Dorlas. - Pois um exército de orcs subiu de Nargothrond em direção das Travessias do Teiglin, e tínhamos sido alertados com muita antecedência: marchava muito devagar, por causa do número de cativos que levava. Então pensamos em desferir nosso pequeno golpe na guerra, e emboscamos os orcs com todos os arqueiros que pudemos reunir, e esperávamos salvar alguns dos prisioneiros. Mas ai! Assim que foram atacados, os orcs imundos mataram primeiro as mulheres entre seus cativos; e a filha de Orodreth foi presa a uma árvore com uma lança.

- Como sabem isso? - perguntou Túrin, como alguém ferido de morte.

- Porque ela falou comigo antes de morrer - disse Dorlas. - Olhou-nos como se procurasse alguém que esperava, e disse: “Mormegil. Diga ao Mormegil que Finduilas está aqui”. Nada mais falou. Mas, por causa de suas últimas palavras, nós a sepultamos onde morreu. Ela jaz em um túmulo à margem do Teiglin. Foi um mês atrás.

- Levem-me até lá - disse Túrin; e o conduziram a um outeiro perto das Travessias do Teiglin. Lá ele se deitou, e caiu sobre ele uma treva, de forma que pensaram que tivesse morrido. Mas Dorlas o olhou deitado, e então voltou-se para seus homens.

- Tarde demais! Que triste acaso! Mas vejam: aqui jaz o Mormegil em pessoa, o grande capitão de Nargothrond. Por sua espada devíamos tê-lo conhecido, assim como os orcs. - Pois a fama do Espada-Negra do sul se espalhara longe, até as profundezas da floresta.

Ergueram-no, pois, com reverência, e o levaram a Ephel Brandir; e Brandir, saindo para encontrá-los, espantou-se com a maca que traziam. Então, tirando a coberta, divisou o rosto de Túrin, filho de Húrin; e uma sombra escura se abateu sobre seu coração.

- Ó cruéis homens de Haleth! - exclamou. - Por que afastaram a morte deste homem? Com grande esforço trouxeram para cá a última perdição de nosso povo.

- Não - retrucaram os homens da floresta -, é o Mormegil de Nargothrond, um valoroso matador de orcs, e há de nos ser de muita ajuda se viver. E. não fosse assim, deveríamos deixar um homem abatido pelo pesar deitado como carniça à beira do caminho?

- De fato não deveriam - disse Brandir. - O destino não quis assim. - E trouxe Túrin para sua casa e cuidou dele com esmero.

Mas, quando por fim Túrin se livrou da treva, a primavera estava retornando; e ele despertou e viu o sol sobre os brotos verdes. Então a coragem da Casa de Hador despertou nele também, e ele ergueu-se e disse em seu coração: - Todos os meus atos e dias passados foram escuros e cheios de mal. Mas chegou um novo dia. Aqui ficarei em paz, e renunciarei ao nome e à família; e assim deixarei minha sombra para trás ou ao menos não a lançarei sobre os que amo.

Adotou, portanto, um novo nome, chamando-se de Turambar, que na língua dos altos-elfos significava Senhor do Destino; e habitou entre os homens da floresta, sendo

amado por eles, e os encarregou de esquecerem seu antigo nome e de o considerarem nascido em Brethil. No entanto, com a mudança de nome, não conseguiu mudar inteiramente seu temperamento, nem esquecer inteiramente seus velhos agravos contra com os servos de Morgoth; e saía a caçar orcs com alguns da mesma opinião, apesar de isso desagradar a Brandir. Pois este esperava preservar seu povo pelo silêncio e segredo.

- O Mormegil não existe mais - disse -, porém cuidem-se para que a valentia de Turambar não traga uma vingança semelhante sobre Brethil!

Portanto, Turambar guardou sua espada negra, e não a levava mais ao combate, e em seu lugar usava o arco e a lança. Mas não permitia que os orcs usassem as Travessias do Teiglin ou se aproximassem do túmulo onde Finduilas jazia. Haudh-en-Elleth o chamavam, o Túmulo da Donzela-elfo, e logo os orcs aprenderam a temer aquele lugar e o evitavam.

- Você renunciou ao nome - disse Dorlas a Turambar -, mas ainda é o Espada-Negra; e não dizem a verdade os rumores. que ele era filho de Húrin de Dor-lómin, senhor da Casa de Hador?

- Assim ouvi dizer - respondeu Turambar. - Mas não espalhe isso, peço-lhe, se for meu amigo.

A viagem de Morwen e Nienor a Nargothrond

Quando o Inverno Mortal se retirou, chegaram a Doriath novas notícias de Nargothrond. Pois alguns que haviam escapado do saque, e sobrevivido ao inverno nos ermos, vieram afinal buscar refúgio com Thingol, e os guardas das fronteiras os trouxeram ao Rei. E alguns diziam que todos os inimigos se haviam retirado para o norte, e outros que Glaurung morava ainda nos salões de Felagund; e alguns diziam que o Mormegil estava morto, e outros que estava sob o efeito de um feitiço do Dragão e ainda vivia lá, como alguém transformado em pedra. Mas todos declaravam que se soube em Nargothrond, antes do fim, que o Espada-Negra não era outro senão Túrin, filho de Húrin de Dor-lómin.

Então foi grande o temor e o pesar de Morwen e de Nienor.

- Tal dúvida é a própria obra de Morgoth! - disse Morwen. - Não podemos saber a verdade, e conhecer com certeza o pior que temos de suportar?

Agora o próprio Thingol sentia enorme desejo de conhecer mais sobre o destino de Nargothrond, e já tinha em mente enviar alguns que pudessem com grande cautela ir até lã, mas cria que Túrin estava morto de fato ou fora do alcance da salvação, e temia ver a hora em que Morwen soubesse disso com clareza.

- Este é um assunto arriscado, Senhora de Dor-lómin - disse-lhe -, e precisa ser ponderado. Tal dúvida pode verdadeiramente ser obra de Morgoth, para nos atrair para alguma temeridade.

- Temeridade, senhor! - exclamou Morwen, perturbada. - Se meu filho se esconde faminto na floresta, se definha amarrado, se seu corpo jaz insepulto, então prefiro ser temerária. Não quero perder uma hora para ir procurá-lo.

- Senhora de Dor-lómin - disse Thingol -, isso certamente o filho de Húrin não desejaria. Ele acreditaria que você estaria mais bem guardada aqui do que em qualquer outra terra que resta: sob os cuidados de Melian. Por amor de Húrin e de Túrin, não permitirei que você vagueie longe, no negro perigo destes dias.

- Você não manteve Túrin longe do perigo, mas a mim quer manter longe dele! - exclamou Morwen. - Sob os cuidados de Melian! Sim, uma prisioneira do Cinturão. Por muito tempo hesitei antes de entrar nele, e agora me arrependo.

- Não, se falar assim, Senhora de Dor-lómin - disse Thingol - saiba o seguinte: o Cinturão está aberto. Livre você veio para cá; livre há de ficar... ou partir.

- Não parta daqui, Morwen - disse então Melian, que permanecera em silêncio. - Uma palavra verdadeira você disse: esta dúvida é de Morgoth. Se partir, partirá por vontade dele.

- O temor de Morgoth não me reterá do chamado da minha família - respondeu Morwen. - Mas se teme por mim, senhor, então ceda-me alguns da sua gente.

- Não a comando - disse Thingol. - Mas minha gente é minha para comandar. Eu os mandarei segundo meu próprio julgamento.

Então Morwen nada mais disse, mas chorou; e deixou a presença do Rei. Thingol tinha o coração pesado, pois lhe parecia que a disposição de Morwen era tresloucada; e perguntou a Melian se não poderia refreá-la com seu poder.

- Contra a entrada do mal muito posso fazer - respondeu. - Mas contra a saída dos que desejam ir-se, nada. Essa é sua parte. Se ela deve ser mantida aqui, você precisa segurá-la à força. Porém assim talvez você arruine sua mente.

Então Morwen foi ter com Nienor. - Adeus, filha de Húrin. Vou em busca de meu filho, ou de notícias verdadeiras dele, já que aqui ninguém fará nada a não ser esperar até que seja tarde demais. Aguarde-me aqui até que por acaso eu retorne.

Então Nienor, temerosa e aflita, quis retê-la, mas Morwen nada respondeu e foi para seu aposento. E, quando chegou a manhã, ela montou um cavalo e partiu.

Agora, Thingol dera ordem de que ninguém deveria detê-la, nem parecer espreitá-la. Mas, assim que ela partiu, ele reuniu uma companhia dos mais resistentes e habilidosos de seus guardas fronteiriços, e pôs Mablung no comando.

- Agora sigam depressa - disse -, porém não a deixem percebê-los. Quando ela chegar ao ermo, no entanto, se houver ameaça de perigo, então apareçam; e, se ela não quiser voltar, protejam-na como puderem. Mas quero que alguns de vocês avancem o quanto puderem e descubram tudo o que for possível.

Assim foi que Thingol enviou uma companhia maior do que inicialmente pretendera, e havia entre eles dez cavaleiros com cavalos de reserva. Seguiram atrás de Morwen, que tinha ido para o sul através de Region, e assim chegou às margens do Sirion acima dos Brejos do Crepúsculo. Ali ela se deteve, pois o Sirion era largo e veloz, e ela não conhecia o caminho. Portanto os guardas então tiveram de se mostrar.

- Thingol pretende deter-me? - perguntou Morwen. - Ou envia-me tarde o auxílio que negou?

- Ambas as coisas - disse Mablung. - Não vai retornar?

- Não! - disse ela.

- Então tenho de ajudá-la - disse Mablung -, embora isso contrarie minha própria vontade. O Sirion aqui é largo e fundo, e nadar nele é perigoso para animais ou homens.

- Então leve-me para o outro lado por qualquer meio que o povo élfico use para atravessar - disse Morwen -; do contrário tentarei nadar.

Portanto, Mablung conduziu-a aos Brejos do Crepúsculo. Lá, entre os riachos e os juncos, havia balsas escondidas e protegidas na margem leste; pois por aquele caminho passavam os mensageiros em ambos os sentidos entre Thingol e seus parentes em Nargothrond. Então esperaram até que fosse tarde da noite estrelada, e atravessaram nas névoas brancas antes do amanhecer. E justamente quando o sol se erguia vermelho acima das Montanhas Azuis, e um forte vento matutino soprava e dissipava as névoas, os

guardas subiram na margem oeste e deixaram o Cinturão de Melian. Eram elfos altos de Doriath, trajando cinza e usando mantos sobre as cotas de malha. Da balsa, Morwen os observou passando em silêncio e então de repente soltou um grito, apontando para o último da companhia que passava.

- De onde veio ele? - perguntou. - Três vezes dez vocês vieram a mim. Três vezes dez e um vocês chegam à margem!

Então os outros se voltaram, e viram que o sol brilhava sobre uma cabeça de ouro; pois era Nienor, e seu capuz fora afastado pelo vento. Assim revelou-se que ela seguira a companhia, e se unira a eles no escuro antes de atravessarem o rio. Ficaram consternados, e ninguém mais que Morwen.

- Volte, volte! Eu lhe ordeno! - exclamou.

- Se a esposa de Húrin pode partir contra todos os conselhos ao chamado da família - disse Nienor -, então a filha de Húrin pode fazer o mesmo. Luto você me chamou, mas não ficarei enlutada sozinha, pelo pai, pelo irmão e pela mãe. Mas dentre esses somente conheci a você e a amo acima de tudo. E não temo nada que você não tema.

Na verdade via-se pouco temor em seu rosto ou sua atitude. Parecia alta e forte; pois eram de grande estatura os da Casa de Hador, e assim, trajada em roupas élficas, ela combinava bem com os guardas, e era mais baixa apenas que o mais alto deles.

- O que pretende fazer? - perguntou Morwen.

- Ir aonde você for - disse Nienor. - Esta opção trago de fato. Levar-me de volta e deixar-me em segurança aos cuidados de Melian; pois não é sábio recusar seu conselho. Ou saber que irei para o perigo, se você for. - Pois em verdade Nienor fora mais na esperança de que a mãe retornasse por temor e por amor a ela; e Morwen de fato estava em dúvida.

- É uma coisa recusar conselhos - disse. - É muito diferente recusar o comando de sua mãe. Agora volte!

- Não - disse Nienor. - Faz tempo que não sou mais criança. Tenho minha própria vontade e sabedoria, embora até agora ela não tenha se chocado com a sua. Irei com você. De preferência a Doriath, por respeito àqueles que lá governam; mas do contrário para o oeste. De fato, se alguma de nós prosseguir, deverei ser eu, na plenitude do vigor.

Então Morwen viu nos olhos cinzentos de Nienor a natureza inabalável de Húrin; e hesitou, mas não conseguia vencer o orgulho, e não queria aparentar (exceto pelas belas palavras) estar sendo levada de volta pela filha, como alguém velho e senil.

- Prosseguirei, como pretendo - disse. - Venha você também, mas contra minha vontade.

- Que assim seja - disse Nienor.

- É em verdade por falta de julgamento, e não de coragem, que a gente de Húrin traz desgraça aos outros! - disse então Mablung à sua companhia. - É bem assim com Túrin; porém não com seus antepassados. Mas agora estão todos desesperados, e isso não me agrada. Mais temo esta missão do Rei que a caça ao Lobo. O que se há de fazer?

Mas Morwen, que viera para a margem e agora se aproximava, ouviu suas últimas palavras.

- Faça o que o Rei lhe mandou - disse. - Procure notícias de Nargothrond, e de Túrin. Com esse propósito viemos todos juntos.

- O caminho ainda é longo e perigoso - disse Mablung. -Se forem além, hão de estar ambas montadas e no meio dos cavaleiros, e não se afastarão deles nem um pé.

Assim foi que partiram com dia claro, e com lentidão e cautela saíram da região dos juncos e dos salgueiros baixos, chegando à floresta cinzenta que cobria grande parte

da planície meridional diante de Nargothrond. Por todo o dia foram direto para o oeste, sem nada ver além de desolação, e nada ouviram; pois as terras estavam em silêncio, e parecia a Mablung que um temor presente pesava sobre eles. Pelo mesmo caminho Beren andara anos antes, e naquela época a floresta estava cheia dos olhos ocultos dos caçadores; mas agora todo o povo do Narog se fora, e os orcs, como parecia, ainda não perambulavam tão longe para o sul. Naquela noite acamparam na floresta cinzenta sem fogueira ou luz.

Prosseguiram pelos dois dias seguintes e, à tardinha do terceiro dia a partir do Sirion, haviam atravessado a planície e se aproximavam da margem leste do Narog. Então abateu-se sobre Mablung um mal-estar tão grande que ele implorou a Morwen que não avançassem mais. Mas ela riu-se.

- Logo se alegrará de se livrar de nós, como é bem provável. Mas tem de nos suportar um pouco mais. Agora estamos perto muito para voltarmos por medo.

- São vocês duas desesperadas e imprudentes! - exclamou Mablung. - Não ajudam a obter notícias, mas atrapalham. Agora ouçam-me! Pediram-me para não detê-las à força; mas pediram-me também para protegê-las como pudesse. Nesta situação, só uma coisa posso fazer. E vou protegê-las. Amanhã vou levá-las a Amon Ethir, o Morro dos Espiões, que fica perto; e lá ficarão sob guarda, e não seguirão adiante enquanto eu comandar aqui.

Amon Ethir era uma elevação do tamanho de um morro que Felagund há muito tempo mandara erguer com grande esforço, na planície diante de suas Portas, uma légua a leste do Narog. Era coberta de árvores, exceto no topo, onde se podia enxergar, longe em todas as direções, as estradas que levavam à grande ponte de Nargothrond e as terras em toda a volta. A esse morro chegaram no fim da manhã, e o escalaram pelo leste. Então, olhando na direção dos Altos Faroth, pardos e pelados do outro lado do rio, Mablung avistou com visão élfica os terraços de Nargothrond na íngreme margem oeste e, como um pequeno buraco negro na parede da colina, as Portas de Felagund, escancaradas. Mas não conseguia ouvir nenhum som, nem ver vestígio de nenhum inimigo, nem qualquer sinal do Dragão senão a queimada em torno das Portas que ele fizera no dia do saque. Tudo estava quieto sob um sol pálido.

Portanto, como havia dito, Mablung mandou que seus dez cavaleiros mantivessem Morwen e Nienor no alto da colina, e que não se afastassem de lá até que ele voltasse, a não ser que surgisse algum grande perigo. E, se isso acontecesse, os cavaleiros deveriam colocar Morwen e Nienor em seu meio e fugir com a rapidez possível, para o leste em direção a Doriath, mandando um à frente para trazer notícias e buscar auxílio.

Então Mablung, com a vintena remanescente de sua companhia, esgueirou-se morro abaixo; e, passando para os campos a oeste, onde havia poucas árvores, dispersaram-se e seguiram cada um por seu caminho, ousados mas furtivos, até a margem do Narog. O próprio Mablung tomou o caminho do meio, avançando para a ponte, e assim chegou à sua extremidade próxima, e a encontrou toda destruída. O rio em seu leito fundo, com a correnteza violenta depois das chuvas longínquas no norte, espumava e rugia entre as pedras caídas.

Mas Glaurung estava deitado lá, logo no início da sombra do grande corredor que conduzia para o interior a partir das Portas arruinadas, e por muito tempo estivera consciente dos espiões, apesar de que poucos outros olhos na Terra-média os teriam discernido. Mas a visão de seus olhos ferozes era mais penetrante que a das águias, e alcançava mais longe que a prodigiosa visão dos elfos. E na realidade ele também sabia que alguns haviam ficado para trás, sentados sobre o topo pelado de Amon Ethir.

Assim, justo quando Mablung se esgueirava entre os rochedos, procurando ver se conseguiria vadear o rio caudaloso por cima das pedras caídas da ponte, de repente

Glaurung surgiu com um forte sopro de fogo e desceu rastejando para dentro da correnteza. Então imediatamente houve um violento chiado, e levantaram-se enormes nuvens de vapor. E Mablung e seus seguidores que espreitavam por perto foram tragados por um vapor cegante e fedor imundo; e a maioria fugiu como melhor conseguiu adivinhar na direção do Morro dos Espiões. Mas, quando Glaurung passava sobre o Narog, Mablung afastou-se de lado, deitou-se sob uma rocha, e lá ficou; pois lhe parecia que ainda tinha uma missão a cumprir. De fato, agora sabia que Glaurung habitava em Nargothrond, mas também lhe haviam pedido para descobrir, se pudesse, a verdade a respeito do filho de Húrin; e portanto, no arrojo de seu coração, propôs-se a cruzar o rio assim que Glaurung tivesse ido embora, e a buscar nos salões de Felagund. Pois pensava que todo o possível fora feito para a guarda de Morwen e Nienor: a chegada de Glaurung teria sido observada, e naquele momento os cavaleiros deveriam estar correndo para Doriath.

Glaurung, um enorme vulto na névoa, não levou Mablung em conta; e andava depressa, pois era um Lagarto enorme e no entanto ágil. Então Mablung às suas costas vadeou o Narog com grande risco; mas os vigias sobre Amon Ethir observaram a saída do Dragão e ficaram consternados. Imediatamente mandaram Morwen e Nienor montar, sem debate, e se prepararam para fugir para o leste como lhes havia sido comandado. Mas, justo quando desciam do morro para a planície, um vento maligno soprou sobre eles os grandes vapores, trazendo um fedor que nenhum cavalo podia suportar. Então, cegados pela neblina e loucos de pavor do odor do dragão, os cavalos logo ficaram incontroláveis e corriam desvairados para lá e para cá; e os guardas se dispersaram, sendo arrojados com violência contra as árvores ou procurando em vão uns pelos outros. Os relinchos dos cavalos e os gritos dos cavaleiros chegaram aos ouvidos de Glaurung; e ele se regozijou.

Um dos cavaleiros élficos, lutando com seu cavalo na neblina, viu a Senhora Morwen passar por perto, um espectro cinzento numa montaria enlouquecida; mas ela desapareceu na névoa, gritando *Nienor,* e não a viram mais.

Mas, quando o terror cego acometeu os cavaleiros, o cavalo de Nienor, correndo ao léu, tropeçou, e ela foi ao chão. Tendo caído de leve na relva, não se feriu; mas quando se pôs de pé estava só: perdida na névoa sem cavalo ou companhia. Seu coração não a traiu, e ela se pôs a pensar. Pareceu-lhe inútil ir na direção de um grito ou de outro, pois havia gritos em toda a sua volta, que soavam, porém, cada vez mais fracos. Pareceu-lhe melhor, nesse caso, procurar o morro outra vez: sem dúvida Mablung iria para lá antes de partir, nem que fosse apenas para se certificar de que nenhum da sua companhia lá ficara.

Portanto, caminhando por suposição, ela encontrou o morro, que de fato estava próximo, seguindo o aclive do solo diante de seus pés; e lentamente subiu a trilha que vinha do leste. E, à medida que subia, a névoa tornou-se mais rala, até que por fim saiu para a luz do sol no cume pelado. Então avançou e olhou para o oeste. E lá, bem à sua frente, estava a grande cabeça de Glaurung, que naquele momento acabava de subir rastejando pelo lado oposto; e, antes que se desse conta, os olhos dela fitaram os dele, e estes eram terríveis, plenos do espírito cruel de Morgoth, seu mestre.

Nienor resistiu, então, a Glaurung, pois era de vontade forte; mas ele aplicou seu poder contra ela.

- O que busca aqui? - perguntou.

- Busco apenas um certo Túrin que por algum tempo morou aqui - disse ela forçada a responder. - Mas ele está morto, talvez.

- Não sei - disse Glaurung. - Foi deixado aqui para defender as mulheres e os fracos; mas, quando cheguei, ele os abandonou e fugiu. Um fanfarrão, mas covarde, ao que parece. Por que busca alguém assim?

- Você mente - disse Nienor. - Os filhos de Húrin, pelo menos, não são covardes. Nós não o tememos.

Riu-se então Glaurung, pois assim a filha de Húrin se revelou à sua malícia.

- Então são tolos, tanto você quanto seu irmão - disse. - E sua fanfarronice há de ser em vão. Pois eu sou Glaurung!

Então ele atraiu os olhos dela para os seus, e a vontade de Nienor se apagou. Pareceu-lhe que o sol adoeceu e tudo se obscureceu à sua volta. Lentamente uma grande treva se abateu sobre ela, e nessa treva havia um vazio; ela nada soube, nada ouviu e nada lembrou.

Por muito tempo Mablung explorou os salões de Nargothrond, na medida do possível tendo em vista a escuridão e o fedor; mas não encontrou lá nenhum ser vivo: nada se mexia entre os ossos, e ninguém respondia a seus gritos. Por fim, oprimido pelo horror do lugar e temendo o retorno de Glaurung, voltou às Portas. O sol estava se pondo no oeste, e as sombras dos Faroth atrás dele caíam escuras sobre os terraços e o rio violento lá embaixo. Ao longe, porém, abaixo de Amon Ethir, pareceu-lhe divisar a forma maligna do Dragão. Foi mais difícil e arriscada a volta sobre o Narog com tanta pressa e medo; e ele mal havia alcançado a margem leste, e se esgueirado para baixo da ribanceira, quando Glaurung se aproximou. Mas estava agora lento e furtivo; pois todos os fogos em seu interior estavam reduzidos: um grande poder emanara dele, e agora ele queria descansar e dormir no escuro. Assim atravessou a água e se esgueirou até as Portas como uma enorme serpente, cor de cinza, deixando o chão viscoso com a barriga.

Mas virou-se antes de entrar, olhou para trás, para o leste, e saiu dele o riso de Morgoth, obscuro mas horrível, como um eco de maldade vindo das longínquas profundezas negras. E uma voz, fria e baixa, se seguiu: - Lá está você deitado como um rato silvestre sob a ribanceira, poderoso Mablung! Você executa mal as missões de Thingol. Corra agora ao morro, e veja o que aconteceu com sua tutelada!

Glaurung entrou então em seu covil, o sol se pôs, e uma tarde cinzenta chegou gelada àquela região. Mas Mablung voltou correndo a Amon Ethir; e, ao chegar ao topo, surgiram as estrelas no leste. À frente delas ele viu ali, de pé, escuro e imóvel, um vulto semelhante a uma imagem de pedra. Assim estava Nienor, sem nada ouvir do que ele dizia e sem lhe responder. Mas, quando por fim ele a tomou pela mão, ela se mexeu e permitiu que ele a levasse embora. E enquanto ele a segurava ela o seguia; mas, se a soltasse, ela parava imóvel.

Enormes foram então o pesar e a confusão de Mablung; mas não lhe restava outra escolha senão conduzir Nienor dessa forma no longo caminho para o leste, sem auxílio nem companhia. Assim se foram, caminhando como quem sonha, para entrar na planície imersa na noite. E. quando retornou a manhã. Nienor tropeçou e caiu, ficando deitada imóvel; e Mablung sentou-se ao seu lado, desesperado.

- Não foi à toa que temi esta missão - disse. - Pois será minha última, ao que parece. Com essa infeliz filha dos homens, hei de perecer nos ermos, e meu nome há de ser desprezado em Doriath: caso alguma notícia de nosso destino de fato chegue um dia a seus ouvidos. Todos os demais sem dúvida foram mortos, e só ela foi poupada, mas não por compaixão.

Assim foram encontrados por três membros da companhia que haviam fugido do Narog à chegada de Glaurung e, após muito errarem, quando desaparecera a névoa, haviam voltado ao morro; e, encontrando-o deserto, haviam começado a buscar o caminho de casa. Então a esperança voltou a Mablung; e seguiram juntos, tomando o rumo do norte e do leste, pois não havia estrada de volta para Doriath no sul, e desde a queda de Nargothrond os vigias das balsas estavam proibidos de atravessar qualquer

pessoa, exceto as que viessem de dentro.

Lenta foi sua viagem, como a dos que conduzem uma criança exausta. Mas à medida que se afastavam de Nargothrond e se aproximavam de Doriath, pouco a pouco as forças retornaram a Nienor, que caminhava hora após hora obediente, levada pela mão. No entanto, seus olhos arregalados nada viam, seus ouvidos nenhuma palavra escutavam, e seus lábios nenhuma palavra pronunciavam.

Por fim, após muitos dias. chegaram perto do limite oeste de Doriath, um pouco ao sul do Teiglin; pois pretendiam atravessar as fronteiras da pequena terra de Thingol além do Sirion, alcançando assim a ponte vigiada perto da confluência do Esgalduin. Lá pararam um pouco; e deitaram Nienor num banco de relva. Ela fechou os olhos como não os fechara ainda, e parecia que dormia. Então os elfos também descansaram, e de tanta exaustão relaxaram a vigilância. Assim foram atacados inesperadamente por um bando de orcs caçadores, tais como então costumavam vagar por aquela região, o mais perto das fronteiras de Doriath que ousavam ir. No meio do tumulto, subitamente Nienor com um salto levantou-se do banco, como alguém que desperta do sono com um alarme noturno, e dando um grito saiu correndo para a floresta. Então os orcs se voltaram e a perseguiram, e os elfos atrás deles. Mas uma estranha transformação ocorreu com Nienor, que agora corria mais depressa que todos, voando como uma corça entre as árvores, com o cabelo esvoaçando no vento de sua velocidade. De fato, Mablung e seus companheiros depressa alcançaram os orcs, mataram todos eles e seguiram às pressas. Mas a essa altura Nienor havia desaparecido como um espectro; e nem visão nem pista dela puderam encontrar, apesar de buscarem por muitos dias.

Então finalmente Mablung voltou a Doriath, curvado de pesar e vergonha.

- Escolha um novo líder dos caçadores, senhor - disse ele ao Rei -, pois estou desonrado.

- Não é assim, Mablung - disse-lhe, porém, Melian. - Você fez tudo o que podia, e nenhum outro entre os servidores do Rei teria feito tanto. Porém por má sorte teve de enfrentar um poder demasiado grande para você; na verdade, demasiado grande para todos os que agora habitam na Terra-média.

- Enviei-o para obter notícias, e você as obteve - disse Thingol. - Não é sua culpa que aqueles mais afetados pelas notícias estejam agora impossibilitados de escutá-las. Lamentável de fato é este fim de toda a família de Húrin, mas você não pode ser responsabilizado por ele.

Pois agora não apenas Nienor havia fugido, insensata, para os ermos, mas também Morwen estava perdida. E, do destino desta, nem naquela época, nem depois, qualquer notícia certa chegou a Doriath ou a Dor-lómin. Não obstante, Mablung não quis descansar e, com uma pequena companhia, saiu para os ermos. Durante três anos vagou longe, de Ered Wethrin mesmo até as Fozes do Sirion, buscando sinal ou notícia das desgarradas.

Nienor em Brethil

Quanto a Nienor, porém, ela continuou correndo floresta adentro, ouvindo os gritos da perseguição logo atrás; e arrancou suas roupas, jogando longe suas vestes, até ficar nua. E aquele dia inteiro ainda correu como um animal que é caçado à exaustão e não ousa parar ou tomar fôlego. Mas à tardinha subitamente passou sua loucura. Ela se deteve por um momento, como que assombrada, e então, num desmaio de profundo cansaço,

caiu numa moita de samambaias como quem foi abatido. E lá, entre as folhas velhas e os jovens ramos da primavera, ficou deitada e adormeceu, descuidada de tudo.

Pela manhã despertou e se regozijou com a luz como alguém recém-chamado à vida. Todas as coisas que via lhe pareciam novas e estranhas, e não tinha nomes para elas. Pois para trás havia apenas uma treva vazia, através da qual não vinha lembrança de nada que jamais conhecera, nem eco de qualquer palavra. Só se recordava de uma sombra de medo. Acautelava-se, portanto, e sempre procurava esconderijos: subia em árvores ou se esgueirava para dentro do mato cerrado, rápida como um esquilo ou uma raposa, caso algum ruído ou sombra a assustasse; e de lá espiava muito tempo pelas folhas antes de seguir caminho outra vez.

Avançando desse modo pelo caminho que antes atravessara correndo, chegou ao rio Teiglin, e saciou a sede; mas não encontrou alimento, nem sabia como procurá-lo, e estava faminta e com frio. E, uma vez que as árvores do outro lado da água pareciam mais densas e escuras (como eram de fato, pois eram as beiras da floresta de Brethil), atravessou por fim, chegou a um outeiro verde e se lançou ao solo; estava exausta, e lhe parecia que a treva que deixara para trás a estava alcançando mais uma vez, e que o sol se escurecia.

Mas era na verdade uma negra tempestade que se avizinhava do sul, carregada de raios e chuva intensa; e ficou lá deitada, encolhida de pavor do trovão, enquanto a chuva escura golpeava sua nudez.

Mas aconteceu que alguns dos homens da floresta de Brethil chegassem naquela hora, vindos de uma incursão contra os orcs. passando às pressas pelas Travessias do Teiglin para um refúgio próximo; e veio o forte clarão de um raio, de forma que o Haudh-en-Elleth se iluminou como que por uma chama branca. Então Turambar, que liderava os homens, sobressaltou-se, recuou, cobriu os olhos, e tremeu; pois pareceu-lhe ver o espectro de uma donzela morta jazendo sobre o túmulo de Finduilas.

Mas um dos homens correu até o outeiro, e gritou para ele: - Venha cá, senhor! Eis uma jovem deitada, e está viva! - E Turambar veio e a ergueu, e a água escorria do cabelo encharcado, mas ela fechou os olhos, estremeceu e não lutou mais. Então, assombrado por ela estar assim nua, Turambar envolveu-a com seu manto e a carregou para o alojamento dos caçadores na floresta. Lá fizeram uma fogueira e a enrolaram em cobertores; e ela abriu os olhos e os fitou. E, quando seu olhar caiu sobre Turambar, seu rosto se iluminou e ela lhe estendeu a mão. pois lhe pareceu que finalmente encontrara algo que buscava nas trevas, e consolou-se. Mas Turambar tomou-lhe a mão, e sorriu.

- Agora, senhora, não vai nos dizer seu nome e de sua família, e que mal a acometeu?

Então ela balançou a cabeça, e nada disse, mas começou a chorar; e não a perturbaram mais até que tivesse comido voraz a comida que lhe puderam dar. E quando terminou de comer deu um suspiro, e pôs a mão na de Turambar.

- Está a salvo conosco. Pode descansar aqui hoje à noite, e pela manhã vamos conduzi-la a nosso lar na alta floresta. Mas gostaríamos de saber seu nome e sua família, para que possamos achá-los, quem sabe, e lhes levar notícias suas. Não quer nos contar?

Porém mais uma vez ela não deu resposta.

- Não se aflija! - disse Turambar. - Quem sabe a história seja ainda triste demais para contar. Mas vou dar-lhe um nome, e chamá-la de Níniel, Donzela das Lágrimas. - E diante daquele nome ela ergueu os olhos, e abanou a cabeça, mas disse: Níniel. E essa foi a primeira palavra que falou após sua treva, e esse passou a ser seu nome entre os homens da floresta.

Pela manhã carregaram Níniel em direção a Ephel Brandir, e a estrada subia

íngreme para Amon Obel, chegando a um lugar onde tinha de atravessar a correnteza turbulenta do Celebros. Lá fora construída uma ponte de madeira, e sob ela o rio passava por cima de uma borda gasta de pedra, e em muitos degraus espumantes caía numa bacia rochosa muito abaixo; e um borrifo semelhante à chuva impregnava o ar. Na cabeceira da cascata havia um amplo gramado, e cresciam bétulas em sua volta, mas de cima da ponte tinha-se uma vista abrangente das Ravinas do Teiglin, umas duas milhas a oeste. Lá o ar era fresco, e no verão os viandantes descansavam e bebiam a água fria. Dimrost, a Escada Chuvosa, chamava-se aquela cascata, mas após aquele dia passou a ser Nen Girith, as Águas Trêmulas; pois Turambar e seus homens ali se detiveram, mas assim que Níniel chegou àquele lugar ela sentiu frio e tremeu, e não conseguiam aquecê-la ou confortá-la. Portanto, apressaram-se em seguir caminho; mas, antes de chegarem a Ephel Brandir, Níniel já delirava em febre.

Muito tempo esteve doente, e Brandir empregou toda a sua habilidade para curá-la enquanto as mulheres dos homens da floresta a velavam noite e dia. Mas, somente quando Turambar estava perto, ela ficava em paz, ou dormia sem gemer. E todos os que a vigiavam observaram o seguinte: durante toda a sua febre, embora estivesse freqüentemente muito perturbada, jamais murmurou palavra alguma, em qualquer língua dos elfos ou dos homens. E quando a saúde lentamente lhe voltou, e ela caminhava e começava a comer de novo, então as mulheres de Brethil tiveram de ensiná-la a falar, como se faz com uma criança, palavra por palavra. Mas nesse aprendizado ela era rápida, e muito lhe agradava, como acontece com quem reencontra tesouros, grandes e pequenos, que estavam perdidos; e, quando finalmente aprendera o bastante para falar com os amigos, dizia: - Qual é o nome desta coisa? Pois em minha treva eu o perdi. - E, quando foi novamente capaz de sair, procurava a casa de Brandir; pois estava avidíssima por aprender os nomes de todos os seres vivos, e ele entendia muito de tais assuntos; e caminhavam juntos nos jardins e nas clareiras.

Então Brandir apaixonou-se por ela; e ela, quando se fortaleceu, dava-lhe o braço para compensar sua manqueira, e o chamava de irmão. Mas seu coração pertencia a Turambar, e ela só sorria quando ele vinha, e só ria quando ele falava com alegria.

Certa tardinha, no outono dourado, estavam sentados juntos, e o sol fazia brilhar a encosta e as casas de Ephel Brandir, em meio a um silêncio profundo. - Já perguntei os nomes de todas as coisas - disse-lhe Níniel - exceto o seu. Como se chama?

- Turambar - respondeu ele.

Então ela fez uma pausa, como se procurasse ouvir um eco.

- E o que isso quer dizer, ou é apenas um nome só para você?

- Significa - disse ele - Mestre da Sombra Escura. Pois também eu, Níniel, tive minha treva, onde as coisas caras se perderam; mas agora, creio, isso já passou.

- E você também fugiu dela, correndo, até chegar a esta bela floresta? - disse ela. - E quando foi que escapou, Turambar?

- Sim - respondeu ele. - Fugi por muitos anos. E escapei quando você escapou. Pois estava escuro quando você chegou, Níniel, mas houve luz desde então. E me parece que chegou a mim o que por muito tempo busquei em vão. - E ao voltar para casa, no crepúsculo, ele disse consigo: - Haudh-en-Elleth! Do verde túmulo ela veio. Isso será um sinal, e como hei de interpretá-lo?

Aconteceu que aquele ano dourado terminou e passou a um inverno clemente, seguido de outro ano luminoso. Havia paz em Brethil, e os homens da floresta se mantiveram quietos, sem se afastar da região, e não tiveram notícia das terras ao redor. Pois os orcs que naquela época vinham para o sul, ao obscuro reino de Glaurung, ou eram mandados espionar as fronteiras de Doriath, evitavam as Travessias do Teiglin e

passavam a oeste, muito além do rio.

E Níniel estava agora plenamente curada, tendo se tornado bela e forte; e Turambar não se conteve mais, e pediu-a em casamento. Então Níniel alegrou-se; mas, quando Brandir soube, seu coração afligiu-se.

- Não se apresse! Não creia que sou cruel se a aconselho a esperar.

- Nada que você faz é com crueldade - disse ela. - Mas então por que me dá tal conselho, sábio irmão?

- Sábio irmão? - respondeu ele. - Manco irmão, isso sim, mal-amado e mal-ajeitado. E mal sei por quê. No entanto uma sombra paira sobre esse homem, e tenho medo.

- Havia uma sombra - disse Níniel -, pois assim ele me contou. Mas escapou dela, do mesmo modo que eu. E ele não merece amor? Apesar de agora manter-se em paz, não foi ele outrora o maior capitão, do qual fugiam todos os nossos inimigos quando o viam?

- Quem lhe contou isso? - perguntou Brandir.

- Foi Dorlas - respondeu ela. - Não disse a verdade?

- A verdade, de fato - disse Brandir, mas isso lhe desagradava, pois Dorlas era o chefe da facção que desejava a guerra contra os orcs. E no entanto ainda buscava razões para fazer com que Níniel protelasse a decisão. - A verdade, mas não toda a verdade; pois ele foi o Capitão de Nargothrond, e antes disso veio do norte, e era (dizem) filho de Húrin de Dor-lómin da combativa Casa de Hador. - E Brandir, vendo a sombra que lhe passava pelo rosto diante daquele nome, interpretou-a mal, e disse mais: - De fato, Níniel, bem pode você pensar que um homem desses provavelmente logo volte à guerra, talvez longe desta região. E, se for assim, como você o suportará? Tome cuidado, pois prevejo que, se Turambar voltar à batalha, então pode ser que não ele, e sim a Sombra haverá de prevalecer.

- Eu o suportaria mal - respondeu ela -, mas solteira não seria melhor que casada. E uma esposa talvez possa controlá-lo melhor, e manter a sombra à distância. - No entanto ela ficou perturbada com as palavras de Brandir, e pediu a Turambar que ainda esperasse um pouco. E ele ficou intrigado e abatido; mas, quando soube de Níniel que Brandir a aconselhara a esperar, contrariou-se.

Quando chegou a primavera seguinte, porém, ele disse a Níniel: - O tempo passa. Já esperamos, e agora não esperarei mais. Faça o que seu coração mandar, caríssima Níniel, mas veja: estas são as opções que tenho. Agora retornarei à guerra nos ermos; ou a desposarei, e nunca mais voltarei à guerra, a não ser para defendê-la, caso algum mal assalte nosso lar.

Então ela se alegrou de fato, empenhou sua palavra, e no solstício de verão casaram-se. Os homens da floresta fizeram um grande banquete e lhes deram uma bela casa que lhes haviam construído sobre Amon Obel. Lá habitaram felizes, mas Brandir estava perturbado, e a sombra em seu coração se aprofundava.

A chegada de Glaurung

Nessa época o poder e a perversidade de Glaurung cresciam depressa, e ele muito engordou, reuniu orcs em torno de si e governou como um Rei-dragão. Todo o reino de Nargothrond que existira estava sob seu domínio. E antes que terminasse aquele ano, o terceiro da estada de Turambar entre os homens da floresta, Glaurung começou a atacar a terra deles, que por algum tempo conhecera a paz; pois de fato era de perfeito conhecimento de Glaurung e seu Senhor que em Brethil vivia ainda um remanescente dos homens livres, os últimos das Três Casas a desafiarem o poderio do norte. E isso não queriam tolerar; pois o propósito de Morgoth era subjugar Beleriand inteira e vasculhar cada um de seus cantos, para que não vivesse ninguém, em nenhuma toca ou esconderijo, que não fosse seu servo. Assim, quer Glaurung adivinhasse onde Túrin se escondia, quer (como afirmam alguns) este na época tivesse de fato escapado ao olho do Mal que o perseguia, pouco importa. Pois ao fim os conselhos de Brandir deviam revelar-se vãos, e só poderiam restar duas opções a Turambar: sentar-se inerte até ser encontrado, acossado como um rato; ou partir logo para a batalha, e revelar-se.

No entanto, quando as notícias da investida dos orcs chegaram pela primeira vez a Ephel Brandir, ele não saiu, e acedeu aos pedidos de Níniel.

- Nossos lares ainda não foram assaltados, e foi essa a palavra que você me deu - disse-lhe ela. - Dizem que os orcs não são numerosos. E Dorlas contou-me que, antes que você viesse para cá, não eram raros tais tumultos, e os homens da floresta os mantinham à distância.

Mas os homens da floresta foram derrotados, pois aqueles orcs eram de raça cruel, feroz e astuciosa; e vinham na verdade com o fim de invadir a Floresta de Brethil, e não, como antes, de passar pelas suas fronteiras com outros destinos, ou de caçar em bandos pequenos. Portanto Dorlas e seus homens foram rechaçados com perdas, e os orcs atravessaram o Teiglin e vagaram longe na floresta. E Dorlas veio a Turambar para mostrar seus ferimentos.

- Veja, senhor, agora nossa hora de necessidade nos alcançou, após uma falsa paz, exatamente como eu previa. Você não pediu para ser considerado um do nosso povo, e não um estrangeiro? Este risco não é seu também? Pois nossos lares não permanecerão ocultos, se os orcs penetrarem mais em nossa terra.

Portanto Turambar ergueu-se, tomou outra vez sua espada Gurthang e foi ao combate; e, quando os homens da floresta ouviram falar disso, muito se encorajaram, e se juntaram a ele até que ele dispunha de um grupo de muitas centenas. Então caçaram por toda a floresta e mataram todos os orcs que se esgueiravam ali, e os penduraram em árvores perto das Travessias do Teiglin. E, quando um novo exército veio atacá-los, eles o capturaram; e os orcs, surpresos tanto pelo número de homens da floresta quanto pelo terror do Espada-Negra que retornara, foram arrasados e mortos em grande quantidade. Então os homens da floresta fizeram grandes piras e queimaram às pilhas os corpos dos soldados de Morgoth; e a fumaça de sua vingança ergueu-se negra ao céu, e o vento a levou para o oeste. Mas poucos sobreviventes voltaram a Nargothrond com essas novas.

Então Glaurung enfureceu-se de fato; mas durante algum tempo permaneceu quieto e ponderou o que ouvira. Assim o inverno passou em paz, e os homens diziam: - Grande é o Espada-Negra de Brethil, pois todos os nossos inimigos foram derrotados. - E Níniel consolou-se, e ficou contente com o renome de Turambar; mas ele permanecia pensativo, dizendo em seu coração: - O dado está lançado. Agora virá a prova em que minha jactância será confirmada ou falhará por completo. Não fugirei mais. Serei

Turambar de fato, e pela minha própria vontade e valentia sobrepujarei meu destino, ou cairei. Mas, caindo ou prevalecendo, ao menos matarei Glaurung.

Estava, porém, inquieto, e enviou homens ousados para muito longe, como batedores. Pois na verdade, apesar de nenhuma palavra ser dita, agora ele organizava as coisas conforme queria, como se fosse senhor de Brethil, e ninguém dava atenção a Brandir.

A primavera chegou esperançosa, e os homens cantavam enquanto trabalhavam. Mas naquela primavera Níniel concebeu, tornou-se pálida e abatida, e toda a sua felicidade se nublou. E logo chegaram estranhas notícias, dos homens que haviam avançado além do Teiglin, de que havia uma grande queimada
ao longe, nos bosques da planície para o lado de Nargothrond, e os homens se perguntavam o que seria.

Breve chegaram outros relatos: de que o fogo se espalhava cada vez mais para o norte, e de que na verdade Glaurung em pessoa o provocava. Pois ele deixara Nargothrond e estava outra vez ao largo em alguma missão. Então os mais tolos ou mais esperançosos diziam: - Seu exército foi destruído, e agora finalmente ele tomou juízo e está voltando ao lugar de onde veio. - E outros diziam: - Esperemos que nos deixe de lado. - Mas Turambar não tinha tais esperanças, e sabia que Glaurung vinha procurar por ele. Portanto, apesar de disfarçar seus pensamentos em consideração a Níniel, ponderava sempre, dia e noite, que decisão deveria tomar; e a primavera se transformava em verão.

Chegou um dia em que dois homens voltaram a Ephel Brandir aterrorizados, pois haviam visto o Grande Lagarto em pessoa.

- Em verdade, senhor - disseram a Turambar -, aproxima-se agora do Teiglin, e não se desvia. Estava deitado no meio de uma grande queimada, e as árvores fumegavam em sua volta. Seu fedor mal pode ser suportado. E sua trilha imunda se estende por todas as longas léguas desde Nargothrond, segundo cremos, em uma linha que não se desvia, mas aponta direto para nós. O que se há de fazer?

- Pouco - disse Turambar -, mas sobre esse pouco já pensei. As notícias que trazem dão-me esperança em vez de temor; pois se de fato ele anda em linha reta, como dizem, e não se desvia, então tenho alguns conselhos para os corações intrépidos. - Os homens espantaram-se, pois naquela hora nada mais ele disse; mas encorajaram-se com sua atitude inabalável.

O rio Teiglin corria do seguinte modo. Descia de Ered Wethrin rápido como o Narog, mas inicialmente entre margens baixas, até que, após as Travessias, acumulando força de outras correntezas, abria caminho pelos sopés do planalto sobre o qual ficava a Floresta de Brethil. Depois corria em ravinas profundas, cujas grandes laterais eram como muralhas de rocha, mas as águas, confinadas ao fundo, fluíam com grande força e ruído. E bem na trajetória de Glaurung ficava agora uma dessas gargantas, não a mais profunda, mas a mais estreita, logo ao norte da confluência do Celebros. Portanto Turambar enviou três homens intrépidos para vigiarem os movimentos do Dragão desde a beirada; mas ele próprio cavalgaria até a alta cascata de Nen Girith, onde as notícias poderiam alcançá-lo depressa, e de onde ele mesmo poderia olhar ao longe por sobre as terras.

Mas primeiro reuniu os homens da floresta em Ephel Brandir e lhes falou:

- Homens de Brethil, abate-se sobre nós um perigo mortal, que somente grande bravura poderá desviar. Mas neste caso os números de pouco adiantarão; temos de usar astúcia e esperar por sorte propícia. Se enfrentássemos o Dragão com todas as nossas forças, como faríamos contra um exército de orcs, estaríamos apenas nos oferecendo a todos para morrer, e assim deixaríamos sem defesa nossas esposas e famílias. Portanto digo que devem permanecer aqui e se preparar para a fuga. Pois, se Glaurung vier, devem

abandonar este lugar e se dispersar. Desse modo, alguns poderão escapar e viver. Pois certamente, se puder, ele virá à nossa fortificação e morada para destruir a ela e a tudo o que avistar; mas depois não permanecerá aqui. Em Nargothrond está todo o seu tesouro, e lá estão os fundos salões onde pode se deitar em segurança e crescer.

Então os homens se afligiram, e ficaram totalmente desanimados, pois confiavam em Turambar e esperavam palavras mais esperançosas.

- Não, isso é o pior - disse ele. - E não há de acontecer, se meu julgamento e minha sorte forem bons. Pois não creio que esse Dragão seja invencível, apesar de crescer em força e malícia com o passar dos anos. Sei algumas coisas sobre ele. Seu poder está mais no espírito maligno que mora nele do que no vigor de seu corpo, por enorme que este seja. Pois ouçam agora esta história que ouvi de alguns que combateram no ano das Nirnaeth, quando eu e a maioria dos que me ouvem éramos crianças. Naquele campo os anões lhe resistiram e Azaghâl de Belegost feriu-o tão fundo que ele fugiu de volta para Angband.

Mas existe um espinho mais afiado e mais longo que a faca de Azaghâl.

E Turambar puxou Gurthang da bainha e deu uma estocada para cima, sobre sua cabeça, e aos que observavam parecia que uma chama saltava muitos pés no ar, da mão de Turambar. Então exclamaram em alta voz: - O Espinho Negro de Brethil!

- O Espinho Negro de Brethil - disse Turambar -, Glaurung fará bem em temê-lo. Pois saibam isto: é o destino deste Dragão (e de toda a sua prole, dizem) que, por maior que seja sua armadura córnea, mais resistente que o ferro, por baixo ele tem de andar com o ventre de uma serpente. Portanto, homens de Brethil, agora devo ir buscar o ventre de Glaurung, por qualquer meio que possa. Quem virá comigo? Preciso apenas de alguns, de braços fortes e coração mais forte ainda.

- Irei com você, senhor, pois prefiro sempre avançar a esperar por um inimigo - disse então Dorlas, apresentando-se.

Mas nenhum outro respondeu tão depressa ao chamado, pois o temor de Glaurung pesava sobre eles, e a história dos batedores que o tinham visto espalhara-se e crescera ao ser contada.

- Escutem, homens de Brethil - exclamou Dorlas -, agora bem se vê que para o mal de nossos tempos foram vãos os conselhos de Brandir. Não há como escapar escondendo-se. Nenhum de vocês tomará o lugar do filho de Handir, para que não seja envergonhada a Casa de Haleth? - Assim foi desdenhado Brandir, que de fato estava sentado na cadeira principal, do chefe da assembléia, porém sem receber atenção, e seu coração se amargurou; pois Turambar não repreendeu Dorlas. Mas um certo Hunthor, parente de Brandir, levantou-se.

- Você faz mal, Dorlas - disse ele -, em falar assim para vergonha de seu senhor, cujos membros por má sorte não podem fazer o que seu coração deseja. Cuide-se para que em algum momento não se veja o contrário em você! E como se pode dizer que seus conselhos foram vãos, se nunca foram aceitos? Você, seu vassalo, nunca lhes deu valor. Digo-lhe que Glaurung agora vem a nós, como antes a Nargothrond, porque nossos atos nos delataram, como ele temia. Mas, já que agora chegou esta aflição, com sua permissão, filho de Handir, irei em nome da casa de Haleth.

- Três é o bastante! - disse Turambar. - Levarei vocês dois. Mas, senhor, não o desdenho. Veja! Temos de ir com grande pressa, e nossa tarefa necessitará de membros fortes. Julgo que seu lugar é com seu povo. Pois você é sábio, e tem o poder da cura; e pode ser que haja grande necessidade de sabedoria e cura antes que passe muito tempo. - Mas essas palavras, embora ditas com justiça, apenas amarguraram Brandir ainda mais. - Vá então - disse ele a Hunthor -, mas não com minha permissão. Pois uma sombra paira

sobre esse homem, e ela os conduzirá ao mal.

Agora Turambar estava com pressa de partir; mas, quando se aproximou de Níniel para despedir-se dela, ela se agarrou a ele. em choro angustiado. - Não vá embora, Turambar, eu imploro! - disse ela. - Não desafie a sombra da qual fugiu! Não, não, fuja ainda uma vez, e leve-me com você, para bem longe!

- Caríssima Níniel - respondeu ele -, não podemos fugir para mais longe, você e eu. Estamos confinados nesta terra. E mesmo que eu fosse, desertando o povo que foi nosso amigo, eu poderia somente levá-la para os ermos sem casa, à sua morte e à morte de nosso filho. Cem léguas ficam entre nós e qualquer terra que ainda esteja fora do alcance da Sombra. Mas tenha coragem, Níniel. Pois eu lhe digo: nem você nem eu havemos de ser mortos por este Dragão, nem por qualquer inimigo do norte. - Então Níniel parou de chorar e silenciou, mas seu beijo foi frio quando se separaram.

Então Turambar, com Dorlas e Hunthor, partiu a toda para Nen Girith; e, quando lá chegaram, o sol se aproximava do oeste e as sombras eram compridas; e os dois últimos batedores lá os aguardavam.

- Não está chegando cedo demais, senhor - disseram. - Pois o Dragão avançou e, quando partimos, já havia alcançado a margem do Teiglin e espiado por sobre a água. Move-se sempre à noite, e assim podemos esperar algum golpe antes da aurora de amanhã.

Turambar olhou por sobre a cascata do Celebros e viu o sol descendo para se pôr, e negras espirais de fumaça subindo às margens do rio.

- Não há tempo a perder - disse -; e no entanto essas são boas notícias. Pois eu temia que ele buscasse em volta; e, se fosse para o norte e chegasse às Travessias, e depois à antiga estrada na baixada, então não haveria mais esperança. Mas agora alguma fúria de orgulho e malevolência o impele com precipitação. - Mas fazia-se perguntas mesmo enquanto falava, e meditava em seu íntimo: - Ou pode ser que alguém tão maligno e feroz evite as Travessias, exatamente como os orcs? Haudh-en-Elleth! Finduilas ainda jaz entre mim e meu destino?

Então voltou-se para os companheiros. - Agora esta tarefa está diante de nós. Precisamos ainda esperar um pouco; pois neste caso cedo demais é tão ruim quanto tarde demais. Quando cair a penumbra, teremos de nos arrastar e descer com toda a cautela até o Teiglin. Mas tenham cuidado! Pois os ouvidos de Glaurung são tão aguçados quanto seus olhos; e são mortíferos. Se alcançarmos o rio sem sermos percebidos, então teremos de descer à ravina, atravessar a água e assim chegar à trilha que ele tomará quando se mover.

- Mas como poderá avançar assim? - perguntou Dorlas. - Pode ser ágil, mas é um grande Dragão, e como há de descer por um penhasco e subir pelo outro, quando uma parte tem de estar subindo outra vez enquanto a traseira ainda estiver descendo? E, se puder fazê-lo, de que nos adiantará estar lá embaixo, na água bravia?

- Talvez ele possa fazer isso - respondeu Turambar -, e de fato, se o fizer, será ruim para nós. Mas é minha esperança, pelo que sabemos dele e pelo lugar onde agora está deitado, que é outro seu propósito. Ele chegou à beira de Cabed-en-Aras, sobre a qual, como vocês contam, um cervo certa vez saltou fugindo dos caçadores de Haleth. Ele agora está tão grande que penso que tentará atravessar ali lançando-se por cima. Essa é toda a nossa esperança, e temos de confiar nela.

A essas palavras Dorlas desanimou; pois conhecia melhor que os demais toda a terra de Brethil, e Cabed-en-Aras era de fato um lugar sinistro. Do lado leste havia um penhasco escarpado de uns quarenta pés sem vegetação mas com árvores no topo; do outro lado havia uma margem, um pouco menos escarpada e mais baixa, coberta de

árvores e moitas pendentes; mas no meio a água corria violenta entre as rochas, e, embora um homem intrépido e confiante conseguisse vadeá-la de dia, era arriscado ousar fazê-lo à noite. Mas era essa a decisão de Turambar, e era inútil contradizê-lo.

Portanto partiram ao anoitecer, e não foram diretamente em direção do Dragão, mas tomaram primeiro o caminho para as Travessias; então, antes de chegarem lá, voltaram-se para o sul por uma trilha estreita e entraram na penumbra da floresta acima do Teiglin. E, enquanto se aproximavam de Cabed-en-Aras, passo a passo, parando freqüentemente para escutar, chegaram até eles as emanações da queimada, e um fedor que os enojou. Mas tudo estava em silêncio mortal, e não soprava a menor brisa. As primeiras estrelas tremeluziam no leste atrás deles, e tênues espirais de fumaça subiam retas e firmes em contraste com a última luz no oeste.

Ora, quando Turambar se foi, Níniel ficou muda como uma pedra; mas Brandir veio ter com ela.

- Níniel, não tema o pior enquanto não for necessário. Mas eu não a aconselhei a esperar?

- Aconselhou - respondeu ela. - Mas de que isso me adiantaria agora? Pois o amor pode conformar e sofrer sem estar casado.

- Isso eu sei - disse Brandir. - Porém o casamento não é para nada.

- Carrego o filho dele há dois meses - disse Níniel. - Mas não me parece que meu temor da perda seja por isso mais pesado de suportar. Não o compreendo.

- Nem eu a mim mesmo - disse ele. - E no entanto tenho medo.

- Belo consolo você me traz! - exclamou ela. - Mas Brandir, amigo: casada ou solteira, mãe ou donzela, meu pavor é maior do que minhas forças. O Senhor do Destino partiu para desafiar seu destino longe daqui, e como hei de ficar aqui e esperar a lenta chegada de notícias, boas ou más? Hoje à noite pode ser que ele enfrente o Dragão, e como hei de passar em pé ou sentada as horas terríveis?

- Não sei - disse ele -, mas de algum modo as horas terão de passar, para você e para as esposas dos que foram com ele.

- Elas que façam o que seu coração mandar! - exclamou ela. - Mas, quanto a mim, hei de ir-me. As milhas não hão de permanecer entre mim e o risco de meu senhor. Vou ao encontro das notícias!

Enegreceu então o pavor de Brandir diante das palavras dela.

- Isso você não há de fazer, se eu puder impedir. Pois assim porá em risco toda a prudência. As milhas que nos separaram de lá poderão nos dar tempo de escapar, se o pior acontecer.

- Se o pior acontecer, não hei de querer escapar - disse ela. - E agora sua sabedoria é inútil, e você não há de impedir-me. - E adiantou-se à frente do povo que ainda estava reunido no largo da Ephel, e gritou: - Homens de Brethil! Não esperarei aqui. Se meu senhor fracassar, então toda esperança será falsa. Sua terra e seus bosques serão totalmente queimados, e todas as suas casas transformadas em cinzas, e ninguém, ninguém, há de escapar. Portanto, por que demorar-se aqui? Agora vou ao encontro das notícias e do que quer que envie o destino. Que todos aqueles que concordam venham comigo!

Então muitos quiseram ir com ela: as esposas de Dorlas e Hunthor, porque os que elas amavam haviam partido com Turambar; outros por pena de Níniel e desejo de serem seus amigos; e muitos mais que eram atraídos pelo próprio rumor do Dragão, esperando por valentia ou por tolice (pouco sabendo do mal) ver feitos estranhos e gloriosos. Pois na verdade em suas mentes tão grande se tornara o Espada-Negra que poucos podiam crer que até mesmo Glaurung conseguisse derrotá-lo. Portanto partiram às pressas, uma

grande companhia, na direção de um perigo que não compreendiam; e, caminhando com pouco descanso, por fim chegaram exaustos, bem ao cair da noite, a Nen Girith, muito pouco depois que Turambar dali partira. Mas a noite é um frio conselheiro, e agora muitos estavam espantados com sua própria temeridade; e, quando ouviram dos batedores que lá restavam o quanto Glaurung se aproximara, e o propósito desesperado de Turambar, o coração lhes congelou no peito, e não ousaram ir adiante. Alguns espiavam na direção de Cabed-en-Aras com olhos ansiosos, mas nada podiam ver, e nada ouviam senão a fria voz da cascata. E Níniel sentou-se afastada, e um grande tremor se apossou dela.

Quando Níniel e sua companhia haviam partido, Brandir dirigiu-se aos que permaneciam.

- Vejam como sou desprezado, e desdenhados todos os meus conselhos! Que Turambar seja seu senhor no nome, visto que já tomou toda a minha autoridade. Pois aqui renuncio tanto ao domínio quanto ao povo. Que ninguém nunca mais me peça conselho ou cura! - E partiu seu cajado. Em seu íntimo, pensou: - Agora nada me resta, a não ser meu amor por Níniel: portanto, aonde ela for, com prudência ou loucura, aí devo ir. Nesta hora escura nada pode ser previsto; mas pode bem ser que até mesmo eu possa afastar dela algum mal, se estiver por perto.

Armou-se portanto com uma espada curta, como poucas vezes fizera antes, tomou sua muleta e se foi com a rapidez possível porta afora da Ephel, mancando atrás dos demais, descendo a longa trilha para a fronteira oeste de Brethil.

A morte de Glaurung

Por fim, à medida que a noite alta se fechava sobre a terra, Turambar e seus companheiros chegaram a Cabed-en-Aras, e ficaram contentes com o grande ruído das águas; pois, embora prometesse um risco mais abaixo, *abafava* todos os outros sons. Então Dorlas conduziu-os um pouco para o lado, para o sul, e desceram por uma fenda até o sopé do penhasco; mas lá seu coração fraquejou, pois havia muitos rochedos e grandes pedras no rio; e, em torno deles, a correnteza forte rangia os dentes.

- Este é um caminho seguro para a morte - disse Dorlas.

- É o único caminho, para a morte ou para a vida - disse Turambar -, e o atraso não o fará parecer mais esperançoso. Portanto sigam-me! - E avançou à frente deles. E, fosse por habilidade, bravura, fosse pelo destino, atravessou, e na profunda escuridão virou-se para ver quem vinha atrás. Um vulto escuro estava de pé ao seu lado. - Dorlas? - perguntou ele.

- Não, sou eu - disse Hunthor. - Dorlas desistiu na travessia. Pois um homem pode gostar da guerra e ainda assim temer muitas coisas. Está sentado na margem, tiritando, imagino eu; e que a vergonha o domine pelas palavras que disse ao meu parente.

Agora, Turambar e Hunthor descansaram um pouco, mas logo a noite os enregelou, pois estavam ambos ensopados de água. Começaram então a procurar um caminho ao longo do rio, para o norte, em direção à posição ocupada por Glaurung. Lá o abismo ficava mais escuro e mais estreito, e à medida que avançavam às apalpadelas podiam ver acima deles um tremeluzir como que de fogo em brasa, e ouviam o rosnado do Grande Lagarto em seu sono vigilante. Procuraram tateando um caminho de subida, para se aproximarem sob a beira; pois nisso residia toda a sua esperança de chegar ao inimigo por baixo da sua guarda. Mas agora o fedor era tão violento que ficaram tontos, e

escorregavam ao escalar, agarravam-se aos troncos das árvores e vomitavam, esquecendo em sua aflição todo o medo, salvo o pavor de caírem nos dentes do Teiglin.

- Estamos gastando nossas forças minguantes sem motivo - disse então Turambar a Hunthor. - Pois, enquanto não soubermos onde o Dragão passará, escalar será em vão.

- Mas quando o soubermos - disse Hunthor -, então não haverá tempo de achar um caminho para sair do abismo.

- É verdade - disse Turambar. - Mas, quando tudo depende da sorte, é na sorte que devemos confiar. - Pararam, portanto, e esperaram, e da ravina escura observaram uma estrela branca, muito alta, arrastar-se de um lado ao outro da tênue faixa de céu; e então Turambar lentamente caiu em um sonho onde toda a sua força de vontade era dedicada a se agarrar, por muito que uma maré negra sugasse e roesse seus membros.

De repente houve um grande barulho, e as paredes do abismo tremeram e ecoaram. Turambar despertou e disse a Hunthor: - Ele se mexe. Chegou a hora. Golpeie fundo, pois agora dois terão de golpear por três!

E com isso Glaurung começou seu ataque a Brethil; e tudo se passou bem como Turambar esperara. Pois agora o Dragão arrastou-se lento e pesado até a beira do penhasco e não se desviou, mas aprontou-se para saltar sobre o abismo com as enormes patas dianteiras para depois puxar o corpanzil. O terror vinha com ele; pois não começou sua passagem bem por cima deles, mas um pouco ao norte, e os que observavam de baixo podiam ver a enorme sombra de sua cabeça diante das estrelas; e suas mandíbulas estavam escancaradas, e tinha sete línguas de fogo. Então soltou um sopro, de forma que toda a ravina se encheu de uma luz vermelha, e de sombras negras voando entre as rochas; mas as árvores diante dele murchavam e se consumiam em fumaça, e pedras caíam no rio com estrondo. E em seguida ele se lançou para diante, agarrou o penhasco oposto com as garras enormes, e começou a se içar para o outro lado.

Agora era preciso ser temerário e rápido, pois, embora Turambar e Hunthor tivessem escapado ao sopro, visto que não estavam exatamente na trajetória de Glaurung, ainda assim tinham de se aproximar dele antes que atravessasse, ou teria sido inútil toda a sua esperança. Indiferente ao perigo, Turambar escalou pela beira da água para se postar debaixo dele; mas tão mortíferos eram lá o calor e o fedor que cambaleou e teria caído se Hunthor, seguindo-o resoluto, não o tivesse segurado pelo braço para equilibrá-lo.

- Coragem admirável! - disse Turambar. - Feliz foi a escolha que o tomou por ajudante! - Mas, no exato instante em que falava, uma grande pedra despencou de cima, atingindo Hunthor na cabeça, e ele caiu na água, e dessa forma faleceu: não o menos valoroso da Casa de Haleth. Então Turambar exclamou: - Ai! É uma desgraça caminhar na minha sombra! Por que busquei auxílio? Pois agora você está só, ó Senhor do Destino, como deveria saber que estaria. Agora vença sozinho!

Então chamou para si toda a sua força de vontade, e todo o seu ódio do Dragão e de seu Senhor, e pareceu que de repente encontrou uma força do coração e do corpo que antes não conhecera; e escalou o penhasco, de pedra em pedra, e de raiz em raiz, até que por fim agarrou uma árvore delgada que crescia um pouco abaixo da beira do abismo, e que ainda estava firmemente enraizada, apesar de ter o topo queimado. E, enquanto ele se equilibrava em uma forquilha dos seus galhos, passou acima dele a parte mediana do Dragão, descendo a oscilar quase sobre sua cabeça, de tão pesada, antes que Glaurung conseguisse erguê-la. Pálido e enrugado era o lado inferior, e todo úmido com uma substância cinzenta e viscosa, à qual estava aderida toda espécie de imundície do solo; e recendia à morte. Então Turambar puxou a Espada Negra de Beleg e desferiu um golpe para cima, com toda a força de seu braço e de seu ódio, e a lâmina mortífera, longa e ávida, entrou no ventre até o punho.

Então Glaurung, sentindo os estertores da morte, soltou um urro que sacudiu toda a floresta, e os vigias em Nen Girith ficaram apavorados. Turambar cambaleou como quem foi golpeado e caiu escorregando; e a espada foi-lhe arrancada da mão e permaneceu enfiada no ventre do Dragão. Pois Glaurung, em um grande espasmo, ergueu todo o corpanzil trêmulo e o lançou sobre a ravina, e lá, na margem oposta, contorceu-se, urrando, debatendo-se e se enrolando em agonia, até destruir uma grande área em seu redor, e finalmente ficou deitado em fumaça e ruína, e não se moveu mais.

Agora Turambar estava agarrado às raízes da árvore, atordoado e quase desmaiado. Mas lutou consigo mesmo e se forçou a avançar; e meio deslizando, meio escalando desceu ao rio, e empreendeu outra vez a perigosa travessia, agora engatinhando em mãos e pés, agarrando-se, cego com os borrifos, até que finalmente passou, e subiu exausto pela fenda por onde haviam descido. Assim chegou afinal ao lugar do Dragão moribundo, fitou seu inimigo abatido sem compaixão e ficou contente.

Lá jazia agora Glaurung com as mandíbulas escancaradas; mas todos os seus fogos estavam extintos, e seus olhos malignos estavam fechados. Estava estendido de comprido e rolara sobre um lado; e o punho de Gurthang estava enfiado em seu ventre. Encheu-se então de alegria o coração de Turambar e, apesar de o Dragão ainda respirar, quis recuperar sua espada, que, se antes lhe era cara, agora valia para ele todo o tesouro de Nargothrond. Demonstraram ser verdadeiras as palavras ditas quando foi forjada, de que nada, grande ou pequeno, que ela mordesse haveria de viver.

Portanto, chegando-se ao inimigo, pôs o pé sobre seu ventre, e agarrando o punho de Gurthang aplicou sua força em puxá-la. E exclamou, zombando das palavras de Glaurung em Nargothrond: - Salve, Lagarto de Morgoth! Mais uma vez feliz encontro! Morra agora, e que as trevas o tenham! Assim está vingado Túrin, filho de Húrin. - Então extraiu a espada com toda a força, e, no instante em que o fez, saiu com ela um esguicho de sangue negro, que lhe caiu na mão, e sua carne queimou-se com o veneno, de forma que gritou alto de dor. Com isso Glaurung mexeu-se, abriu os olhos maléficos e encarou Turambar com tanto rancor que lhe pareceu ter sido atingido por uma flecha; e por essa causa e pelo tormento da mão desmaiou, jazendo por cima da espada, como morto ao lado do Dragão.

Então, os urros de Glaurung chegaram aos ouvidos das pessoas em Nen Girith, e elas se encheram de pavor; e, quando os vigias contemplaram de longe a grande ruína e queimada que o Dragão provocara em sua agonia, acreditaram que estava pisoteando e destruindo aqueles que o haviam atacado. Então de fato desejaram que fossem mais longas as milhas até lá; mas não se atreviam a sair da elevação onde se reuniam, pois lembravam-se das palavras de Turambar de que, se Glaurung vencesse, iria primeiro para Ephel Brandir. Portanto, esperaram temerosos por algum sinal de movimento seu, mas nenhum deles era tão intrépido para descer e buscar notícias no lugar da batalha. E Níniel permaneceu sentada, imóvel, exceto pelo fato de que tremia e não conseguia apaziguar os membros; pois, quando ouviu a voz de Glaurung, o coração morreu em seu peito, e ela sentiu que a treva a assolava outra vez.

Assim Brandir a encontrou. Pois chegou finalmente à ponte sobre o Celebros, lento e exausto. Todo o longo caminho, viera mancando sozinho com a muleta, e eram pelo menos cinco léguas de sua casa até ali. O medo por Níniel o impelira, e agora as notícias que ouviu não eram piores do que temera. - O Dragão atravessou o rio - disseram-lhe os homens - e o Espada-Negra certamente está morto, bem como os que foram com ele. - Então Brandir pôs-se ao lado de Níniel, adivinhou-lhe a angústia e enterneceu-se por ela; mas ainda assim pensou: - O Espada-Negra está morto, e Níniel vive. - E estremeceu, pois de repente parecia fazer frio junto às águas de Nen Girith; e lançou seu manto em torno

de Níniel. Mas não achou palavras para dizer; e ela não falou.

O tempo passou, e Brandir ainda estava em pé a seu lado, em silêncio, espiando a noite e escutando; mas nada podia ver, e não ouvia nenhum som, exceto a queda das águas de Nen Girith, e pensou; - Agora certamente Glaurung se foi e passou para Brethil. - Mas não sentia mais pena de seu povo, tolos que haviam desprezado seu conselho e dele haviam zombado. - Que o dragão vá a Amon Obel, e então haverá tempo para escapar, para levar Níniel para longe. - Mal sabia para onde, pois jamais viajara para fora de Brethil.

Por fim inclinou-se e tocou o braço de Níniel. - O tempo passa, Níniel! Venha! É hora de partir. Se me deixar, vou conduzi-la.

Então ela se levantou em silêncio, tomou-lhe a mão, e os dois passaram sobre a ponte, descendo a trilha que levava às Travessias do Teiglin. Mas quem os viu movendo-se como sombras no escuro não sabia quem eram, e não se importava. E, quando haviam caminhado um pouco através das árvores silenciosas, a lua nasceu além de Amon Obel, e as clareiras da floresta encheram-se de uma luz cinzenta. Então Níniel parou e perguntou a Brandir: - É este o caminho?

- Qual é o caminho? - respondeu ele. - Pois toda a nossa esperança em Brethil acabou-se. Não temos caminho, exceto para escapar do Dragão, e fugir para longe dele enquanto ainda é tempo.

- Você não se ofereceu para levar-me até ele? - disse Níniel, fitando-o com espanto. - Ou pretende enganar-me? O Espada-Negra era meu amado e meu marido, e só vou para encontrá-lo. Que outra coisa você poderia pensar? Agora faça o que quiser, mas eu preciso apressar-me.

E, enquanto Brandir se detinha estupefato por um momento, ela se afastou dele correndo; e ele a chamou para si, aos gritos.

- Espere, Níniel! Não vá sozinha! Você não sabe o que irá encontrar. Irei com você! - Mas ela não lhe dava atenção, e agora corria como se o sangue a queimasse, aquele que antes estivera frio; e, apesar de ele segui-la como podia, logo não conseguia mais vê-la. Amaldiçoou então seu destino e sua debilidade, mas não retornou.

Agora a lua se erguia branca no firmamento e estava quase cheia; e, quando Níniel desceu do planalto para a região próxima ao rio, pareceu-lhe que se recordava dela e a temia. Pois chegara às Travessias do Teiglin, e Haudh-en-Elleth lá se erguia diante dela, pálido ao luar, com uma sombra negra lançada sobre ele de lado a lado; e do túmulo emanava um grande pavor.

Então ela voltou-se com um grito, e fugiu para o sul, seguindo o rio. Lançou longe o manto ao correr, como se lançasse fora uma treva que aderia a ela; e por baixo estava toda trajada de branco, e reluzia ao luar enquanto esvoaçava por entre as árvores. Assim Brandir, acima dela na encosta, a viu, e desviou-se para cruzar sua trajetória, se conseguisse. Encontrou por sorte a estreita senda que Turambar usara, pois esta saía do caminho mais trilhado e descia íngreme para o rio ao sul, e por fim ele a alcançou outra vez por trás. No entanto, por mais que chamasse, ela não o atendia ou não o ouvia, e logo ganhou distância mais uma vez. Assim se aproximaram da floresta ao lado de Cabed-en-Aras, o lugar da agonia de Glaurung.

A lua navegava então ao sul, descoberta de nuvens, e a luz era fria e límpida. Chegando à borda da ruína que Glaurung fizera, Níniel viu seu corpo ali estendido, e seu ventre cinzento ao clarão da lua; mas a seu lado jazia um homem. Então, esquecendo o medo, ela continuou correndo por entre os destroços fumegantes. e assim chegou até Turambar. Ele caíra de lado. e sua espada estava por baixo dele, mas à luz branca tinha o rosto lívido como a morte. Então ela se lançou ao seu lado, chorando, e o beijou. Pareceu-

lhe que sua respiração era muito fraca, mas acreditou que era apenas uma ilusão de falsa esperança, pois ele estava frio, não se movia, nem lhe respondia. E, enquanto o acariciava, descobriu que tinha a mão enegrecida como se tivesse sido chamuscada. Lavou-a com suas lágrimas e, arrancando uma faixa das vestes, enfaixou-a. Mas ele ainda não se movia ao seu toque, e ela o beijou mais uma vez, e gritou em voz alta: - Turambar. Turambar, volte! Ouça-me! Desperte! Pois é Níniel. O Dragão está morto, morto, e só eu estou aqui com você. - Mas ele nada respondeu.

Seu grito foi ouvido por Brandir, pois ele chegara à beira da ruína; mas, no momento em que deu um passo à frente na direção de Níniel, foi detido e permaneceu imóvel. Pois, ao grito de Níniel, Glaurung mexeu-se pela última vez, e um tremor percorreu todo o seu corpo. Ele entreabriu os olhos malignos como fendas, e a lua brilhava neles quando ele falou arfando:

- Salve, Nienor, filha de Húrin. Mais uma vez nos encontramos antes do fim. Concedo-te alegria por teres encontrado teu irmão afinal. E agora o conhecerás: o que apunhala no escuro, traiçoeiro com os inimigos, desleal com os amigos, e uma maldição para sua família, Túrin, filho de Húrin! Mas o pior de todos os seus feitos hás de sentir em ti mesma.

Sentou-se então Nienor como que atordoada, mas Glaurung morreu; e com sua morte o véu de sua maldade desprendeu-se dela, e todas as suas lembranças se aclararam, dia após dia. Nem esquecera nada do que lhe havia acontecido desde que se deitara no Haudh-en-Elleth. E todo o seu corpo estremeceu de horror e angústia. Mas Brandir, que tudo ouvira, ficou estupefato e encostou-se a uma árvore.

Subitamente Nienor pôs-se de pé de um salto, parou pálida como um espectro à luz da lua e baixou os olhos para Túrin.

- Adeus, ó duas vezes amado! - gritou. - *A Túrin Turambar turún' ambartanem* senhor do destino pelo destino assenhoreado! Ó, feliz por estar morto! - Então, desesperada de pesar e com o horror que dela se apossara, fugiu tresloucada daquele lugar; e Brandir seguiu atrás dela trôpego.

- Espere! Espere. Níniel! - gritou ele.

Por um momento ela se deteve, olhando para trás com olhos arregalados. - Esperar? - gritou. - Esperar? Sempre foi esse seu conselho. Oxalá o tivesse seguido! Mas agora é tarde demais. E agora não esperarei mais na face da Terra-média. - E continuou correndo diante dele.

Chegou rápida à borda de Cabed-en-Aras, e lá parou, olhando para a água ruidosa.

- Água, água! Leve agora Níniel Nienor, filha de Húrin; Luto, Luto, filha de Morwen! Leve-me e carregue-me até o mar! - Com essas palavras, lançou-se sobre a borda: um clarão branco tragado no abismo escuro, um grito perdido no rugir do rio.

As águas do Teiglin seguiram seu curso, mas Cabed-en-Aras não mais existia. Cabed Naeramarth os homens o chamaram depois disso; pois nenhum cervo jamais saltaria ali outra vez. e todas as criaturas vivas o evitavam, e nenhum homem caminhava na sua margem. O último dos homens que olhou pela sua escuridão abaixo foi Brandir, filho de Handir; e afastou-se horrorizado, pois seu coração fraquejou; e, apesar de agora detestar a vida, não pôde buscar lá a morte que desejava. Então seu pensamento voltou-se para Túrin Turambar.

- Odeio-o ou tenho pena de você? - perguntou. - Mas você está morto. Não lhe devo gratidão, a você que tomou tudo o que eu tinha ou desejava ter. Mas meu povo tem uma dívida com você. É adequado que ouçam a história por mim.

E assim começou a voltar coxeando para Nen Girith, evitando com um estremecimento o lugar do Dragão; e ao escalar novamente a trilha íngreme deu com um

homem que espiava através das árvores, e recuou à vista dele. Mas percebera seu rosto em um clarão do sol poente.

- Ah, Dorlas! - exclamou. - Que novas pode me dar? Como escapou com vida? E que é de meu parente?

- Não sei - respondeu Dorlas, soturno.

- Então isso é estranho - disse Brandir.

- Se deseja saber - disse Dorlas -, o Espada-Negra queria que vadeássemos as corredeiras do Teiglin no escuro. É estranho que eu não tenha conseguido? Sou mais hábil com o machado do que alguns, mas não tenho pés de cabra.

- Então prosseguiram sem você para atacar o Dragão? - perguntou Brandir. - Mas como foi quando ele passou por cima? Pelo menos você estaria por perto e veria o que aconteceu.

Mas Dorlas não deu resposta e só encarou Brandir com ódio nos olhos. Então Brandir compreendeu, percebendo de repente que aquele homem desertara seus companheiros e então, acovardado pela vergonha, escondera-se na floresta.

- Que vergonha, Dorlas! - disse. - Você é o gerador de nossos pesares: incitando o Espada-Negra, trazendo o Dragão sobre nós, entregando-me ao desdém, levando Hunthor à morte, e depois foge para acovardar-se na floresta! - E, enquanto falava, outro pensamento lhe veio à mente. Disse, então, com grande ira: - Por que não trouxe notícias? Seria a mínima penitência que poderia fazer. Se as tivesse trazido, a Senhora Níniel não teria precisado buscá-las por si. Jamais precisaria ter visto o Dragão. Poderia ter vivido. Dorlas, eu o odeio!

- Guarde seu ódio! - disse Dorlas. - É tão débil quanto todos os seus conselhos. Não fosse por mim. os orcs teriam vindo pendurá-lo como espantalho em seu próprio jardim. Tome para si o nome de covarde! - E com essas palavras, mais disposto à cólera por estar envergonhado, desferiu um golpe em Brandir com seu punho enorme, e assim terminou sua vida, antes que a expressão de espanto deixasse seus olhos: pois Brandir puxou a espada e lhe aplicou o golpe de morte. Então por um momento ficou ali de pé, tremendo, nauseado com o sangue; e, lançando a espada ao chão, virou-se e seguiu caminho, curvado sobre a muleta.

Quando Brandir chegou a Nen Girith, a pálida lua já se havia posto, e a noite terminava; a manhã se abria no leste. As pessoas que ainda estavam encolhidas ali, perto da ponte, viram-no chegar como uma sombra cinzenta na aurora, e alguns lhe gritaram espantados: - Onde esteve? Você a viu? Pois a Senhora Níniel se foi.

- Sim, foi-se - disse. - Foi-se, foi-se, para nunca mais voltar! Mas eu vim trazer-lhes notícias. Ouça agora, povo de Brethil, e diga se alguma vez existiu história como a que lhes trago! O
Dragão está morto, mas morto está também Turambar a seu lado. E essas são boas notícias: sim, ambas são boas de fato.

Então o povo murmurou, espantado com sua fala, e alguns disseram que estava louco; mas Brandir exclamou: - Ouçam-me até o fim! Níniel também está morta, Níniel, a bela, que vocês amavam, que eu amava mais do que ninguém. Saltou da borda do Salto do Cervo, e os dentes do Teiglin a levaram. Foi-se, odiando a luz do dia. Pois foi o seguinte o que ela soube antes de fugir: eram ambos filhos de Húrin, irmã e irmão. Ele era chamado o Mormegil, Turambar chamava-se a si mesmo, escondendo seu passado: Túrin, filho de Húrin. Níniel a chamávamos, sem conhecermos seu passado: Nienor ela era, filha de Húrin. A Brethil trouxeram a sombra de seu negro destino. Aqui seu destino caiu, e do desgosto esta terra nunca há de se livrar. Não a chamem Brethil, não terra dos Halethrim, mas *Sarch nia Hîn Húrin,* Túmulo dos Filhos de Húrin!

Então, apesar de ainda não compreenderem como aquele mal chegara a acontecer, o povo chorou no lugar onde estava, e alguns disseram: - Há um túmulo no Teiglin para Níniel, a amada; um túmulo há de haver para Turambar, mais valoroso dos homens. Nosso libertador não há de ficar deitado sob o céu. Vamos até ele.

A morte de Túrin

Ora, no momento em que Níniel fugiu, Túrin mexeu-se, e pareceu-lhe que desde sua treva profunda ele a ouvia chamando por ele, muito longe; mas, quando Glaurung morreu, o desmaio negro o abandonou, e ele outra vez respirou fundo, suspirou e caiu num sono de grande exaustão. Antes do amanhecer, porém, o frio tornou-se excessivo. Túrin virou-se no sono, e o punho de Gurthang machucou-lhe o flanco, o que o despertou subitamente. A noite estava acabando, e havia um sopro de manhã no ar. Ele pôs-se de pé com um salto, recordando sua vitória e o veneno ardente em sua mão. Ergueu-a, olhou para ela e espantou-se. Pois estava enfaixada com uma tira de pano branco, porém estava úmida e portanto não lhe acusava desconforto.

- Por que alguém me trataria assim - perguntou a si mesmo - e no entanto me deixaria aqui para jazer frio entre a destruição e o fedor do dragão? Que estranhas coisas ocorreram?

Então gritou em voz alta, mas não veio resposta. Tudo estava negro e lúgubre à sua volta, e havia um odor de morte. Agachou-se, levantou a espada, e ela estava inteira sem que a luz de seus gumes tivesse sido turvada.

- Imundo era o veneno de Glaurung - disse -, mas você é mais forte que eu, Gurthang! Todo sangue você bebe. É sua a vitória. Mas vamos! Preciso ir em busca de ajuda. Meu corpo está exausto, e há gelo em meus ossos.

Então deu as costas a Glaurung e deixou-o apodrecer; mas, enquanto se afastava daquele lugar, cada passo parecia mais pesado. - Em Nen Girith, quem sabe, encontrarei um dos batedores à minha espera - pensou. - Mas preferia estar logo em minha própria casa, sentindo as mãos suaves de Níniel, e as habilidades benfazejas de Brandir! - E assim, caminhando com cansaço, apoiando-se em Gurthang, chegou por fim a Nen Girith através da luz cinzenta do amanhecer, e, no momento em que os homens saíam para procurar seu corpo, eis que estava de pé diante do povo.

Então recuaram de terror, crendo que era seu espírito atormentado, e as mulheres gemiam e tapavam os olhos. Mas ele disse: - Não, não chorem, mas alegrem-se! Vejam! Não estou vivo? E não matei o Dragão que vocês temiam?

Então voltaram-se para Brandir, aos gritos: - Tolo, com suas histórias falsas, dizendo que ele jazia morto. Não dissemos que você estava louco? - Mas Brandir estava horrorizado e fitava Túrin com temor nos olhos, sem nada conseguir dizer.

- Então foi você que esteve lá, e tratou minha mão? - perguntou-lhe Túrin. - Agradeço-lhe. Mas sua habilidade está diminuindo, se não é capaz de distinguir um desmaio da morte. - Então voltou-se para o povo: - Não falem assim com ele, tolos, todos vocês. Qual de vocês teria feito melhor? Pelo menos teve a coragem de descer ao lugar do combate, enquanto vocês estavam sentados gemendo!

- Mas agora venha, filho de Handir! Há outras coisas que desejo saber. Por que está aqui, e todo este povo, que deixei na Ephel? Se eu posso assumir risco de morte por vocês, não posso ser obedecido quando partir? E onde está Níniel? Ao menos espero que

não a tenham trazido aqui, mas que a tenham deixado onde a guardei, em minha casa, com homens fiéis a vigiá-la? - E quando ninguém lhe respondia: - Vamos, digam, onde está Níniel? - perguntou. - Pois quero vê-la primeiro; e a ela contarei primeiro a história dos feitos na noite.

Mas viraram-lhe o rosto, e Brandir disse finalmente: - Níniel não está aqui.

- Está bem - disse ele. - Então irei para casa. Há um cavalo para levar-me? Ou uma maca seria melhor. Estou fraco de tanto esforço.

- Não, não! - disse Brandir angustiado. - Sua casa está vazia. Níniel não está lá. Está morta.

Mas uma das mulheres, a esposa de Dorlas, que não gostava de Brandir, gritou com estridência.

- Não lhe dê atenção, senhor! Pois está transtornado. Veio gritando que você estava morto, e disse que eram boas notícias. Mas você vive. Por que então haveria de ser verdadeira sua história sobre Níniel: que está morta, e ainda pior?

- Então minha morte era boa notícia? - gritou Túrin, avançando na direção de Brandir. - Sim, você sempre se ressentiu de que ela fosse minha, isso eu sabia. Agora está morta, diz você. E ainda pior? Que mentira gerou em sua malícia, Coxo? Então pretende assassinar-nos com palavras imundas, já que não consegue empunhar outra arma?

Então a ira expulsou a pena do coração de Brandir. - Transtornado? - gritou ele. - Não, transtornado está você, Espada-Negra do negro destino! E todo esse povo caduco. Não minto! Níniel está morta, morta, morta! Procure-a no Teiglin!

Túrin ficou então imóvel e gelado. - Como sabe? - perguntou baixinho. - Como maquinou isso?

- Sei porque a vi saltar - respondeu Brandir. - Mas a maquinação foi sua. Fugiu de você, Túrin, filho de Húrin, e lançou-se em Cabed-en-Aras, para nunca mais vê-lo. Níniel! Níniel? Não, Nienor, filha de Húrin.

Então Túrin o agarrou e o sacudiu; pois naquelas palavras ouvia as passadas de seu destino a alcançá-lo, mas em horror e fúria seu coração não as aceitava, como um animal ferido de morte que antes de morrer quer machucar todos os que estão por perto.

- Sim, sou Túrin, filho de Húrin - gritou. - Isso você adivinhou há muito. Mas nada sabe de Nienor, minha irmã. Nada! Ela mora no Reino Oculto e está em segurança. É uma mentira da sua própria mente vil, para ensandecer minha esposa, e agora a mim. Seu manco desgraçado, pretende perseguir-nos até a morte?

Mas Brandir desvencilhou-se dele. - Não me toque! - disse. - Cesse seus desvarios. Aquela que você chama de esposa foi até você e o tratou, e você não respondeu ao seu chamado. Mas alguém respondeu por você. Glaurung, o Dragão, que, segundo creio, enfeitiçou a ambos para que cumprissem seu destino. Assim falou antes de se acabar: "Nienor, filha de Húrin, eis teu irmão: traiçoeiro com os inimigos, desleal com os amigos, uma maldição para sua família, Túrin, filho de Húrin". - Então subitamente um riso desesperado apossou-se de Brandir. - No leito de morte os homens falam a verdade, dizem - gargalhou. - E até mesmo um Dragão, ao que parece! Túrin, filho de Húrin, uma maldição para tua família e para todos os que te abrigam!

Então Túrin agarrou Gurthang, e havia uma luz feroz em seus olhos. - E o que se há de dizer de você, Coxo? - perguntou devagar. - Quem disse a ela meu nome verdadeiro, em segredo, pelas minhas costas? Quem a levou à maldade do Dragão? Quem ficou por perto e a deixou morrer? Quem veio aqui para publicar esse horror o mais depressa possível? Quem agora pretende regozijar-se com meu mal? Os homens falam a verdade antes de morrer? Então fale a verdade agora, depressa.

Então Brandir, vendo sua morte no rosto de Túrin, ficou imóvel e não fraquejou,

apesar de não ter arma senão a muleta. - Tudo o que ocorreu é uma história longa de se contar, e estou cansado de você. Mas você me calunia, filho de Húrin. Será que Glaurung o caluniou? Se me matar, então todos verão que não. No entanto não temo a morte, pois então irei procurar Níniel, que eu amava, e talvez possa encontrá-la de novo além do Mar.

- Procurar Níniel! - gritou Túrin. - Não, é Glaurung que você há de encontrar, e inventar mentiras juntos. Há de dormir com o Lagarto, sua alma gêmea, e de apodrecer na mesma escuridão! - Então ergueu Gurthang e abateu Brandir. E o golpeou até a morte. Mas o povo tapou os olhos diante daquele feito e, quando ele se virou e partiu de Nen Girith, eles fugiram dele aterrorizados.

Então Túrin andou pela floresta selvagem como quem está ensandecido, ora amaldiçoando a Terra-média e toda a vida dos homens, ora clamando por Níniel. Mas, quando por fim a loucura do seu pesar o deixou, sentou-se um pouco, ponderou todos os seus atos, e ouviu-se gritando: - Mora no Reino Oculto, e está em segurança! - E pensou que agora, apesar de toda a sua vida estar arruinada, devia ir para lá; pois todas as mentiras de Glaurung sempre o haviam extraviado. Portanto levantou-se, foi até as Travessias do Teiglin e, ao passar pelo Haudh-en-Elleth, lamentou-se: - Paguei amargamente, ó Finduilas, por ter um dia dado atenção ao Dragão. Envie-me agora um conselho!

Mas, no exato instante em que se lamentava, viu doze caçadores bem armados que passavam pelas Travessias, e eram elfos. E, quando se aproximaram, reconheceu um deles, pois era Mablung, o principal caçador de Thingol.

- Túrin! - exclamou Mablung, saudando-o. - Que felicidade encontrá-lo por fim! Procuro-o e estou contente em vê-lo vivo, embora os anos tenham sido pesados para você.

- Pesados! - disse Túrin. - Sim, como os pés de Morgoth. Mas, se está contente em ver-me vivo, é o último na Terra-média. Por que isso?

- Porque era honrado entre nós - respondeu Mablung - e, apesar de você ter escapado a muitos perigos, eu temia por você no fim. Observei o surgimento de Glaurung, e pensei que ele realizara seu malévolo propósito e voltava a seu Senhor. Mas voltou-se para Brethil, e ao mesmo tempo eu soube de errantes da região que o Espada-Negra de Nargothrond lá aparecera de novo, e os orcs evitavam suas fronteiras como a morte. Então enchi-me de temor, e disse: “Ai! Glaurung vai aonde seus orcs não se atrevem, para procurar Túrin”. Portanto, vim para cá o mais depressa que pude, para alertá-lo e auxiliá-lo.

- Depressa, mas não depressa o bastante - disse Túrin. - Glaurung está morto.

Então os elfos o contemplaram com assombro. - Matou o Grande Lagarto! Para sempre louvado há de ser seu nome entre os elfos e os homens!

- Não me importo - disse Túrin. - Pois meu coração também está morto. Mas, já que vêm de Doriath, dêem-me notícias de minha família. Pois disseram-me em Dor-lómin que haviam fugido para o Reino Oculto.

Os elfos não deram resposta, mas por fim Mablung falou.

- De fato fizeram isso, no ano antes da chegada do Dragão. Mas agora não estão lá, infelizmente! - Deteve-se então o coração de Túrin, ouvindo as passadas do destino que o perseguiam até o fim.

- Continue! - gritou. - E seja rápido!

- Saíram para os ermos à sua procura - disse Mablung. - Isso, contra todos os conselhos; mas insistiam em ir a Nargoth-rond, quando se soube que você era o Espada-Negra; e Glaurung surgiu, e toda a guarda delas foi dispersada. Ninguém mais viu Morwen desde aquele dia. Mas Nienor tinha sobre si um feitiço de mudez, fugiu para o norte, para a floresta, como uma corça selvagem, e perdeu-se.

Então, para espanto dos elfos, Túrin riu alto e estridente.

- Isso não é uma piada? - gritou. - Ó, bela Nienor! Assim correu de Doriath para o Dragão, e do Dragão para mim. Que doce graça da sorte! Morena como uma frutinha era ela, escuro era seu cabelo; pequena e esbelta como uma criança élfica, ninguém poderia confundi-la!

- Mas aqui há algum engano - disse então Mablung, pasmo. - Não era assim sua irmã. Era alta, e tinha os olhos azuis, o cabelo de fino ouro, a própria imagem em forma de mulher de seu pai Húrin. Você não pode tê-la visto!

- Não posso, não posso, Mablung? - gritou Túrin. - Mas por que não! Pois veja, sou cego! Você não sabia? Cego, cego, tateando desde a infância em uma negra névoa criada por Morgoth! Portanto deixe-me! Vá, vá! Vá de volta a Doriath, e que o inverno a faça mirrar! Uma maldição sobre Menegroth! E uma maldição sobre a sua missão! Só faltava isso. Agora vem a noite!

Então fugiu deles, como o vento; e eles encheram-se de espanto e temor. Mas Mablung disse: - Aconteceu alguma coisa estranha e terrível que não sabemos. Vamos segui-lo e ajudá-lo, se pudermos, pois agora está desesperado e ensandecido.

Túrin, porém, corria longe à frente deles, chegou a Cabed-en-Aras e ali parou. Escutou o rugido da água, e viu que todas as árvores, perto e longe, estavam murchas, e suas folhas crestadas caíam pesarosamente, como se o inverno houvesse chegado nos primeiros dias do verão.

- Cabed-en-Aras, Cabed Naeramarth! - gritou. - Não macularei suas águas onde Níniel foi lavada. Pois todos os meus atos foram maus, e o mais recente foi o pior.

Puxou então a espada e disse: - Salve, Gurthang. ferro cia morte, somente tu restas agora! Mas que senhor ou lealdade conheces, senão a mão que te empunha? A nenhum sangue te negas! Tomarás Túrin Turambar? Matar-me-ás depressa?

E da lâmina ressoou em resposta uma fria voz: - Sim, beberei teu sangue, para que eu possa esquecer o sangue de Beleg, meu dono, e o sangue de Brandir, morto injustamente. Matar-te-ei depressa.

Então Túrin pôs o punho da espada no solo, e lançou-se sobre a ponta de Gurthang; e a lâmina negra tomou-lhe a vida.

Mas Mablung veio, e contemplou o pavoroso vulto de Glaurung jazendo morto; e olhou para Túrin e se entristeceu, pensando em Húrin tal como o vira nas Nirnaeth Arnoediad, e no terrível destino de sua família. Com os elfos parados ali, desceram homens de Nen Girith para ver o Dragão, e choraram quando viram a que fim chegara a vida de Túrin Turambar. Os elfos, conhecendo por fim a razão das palavras que Túrin lhes dirigira, ficaram perplexos. Então Mablung comentou em tom amargo: - Também eu fui enredado no destino dos Filhos de Húrin, e assim matei com palavras alguém que amava.

Então ergueram Túrin e viram que sua espada se havia partido. Assim acabou tudo o que ele possuíra.

Com o labor de muitas mãos, juntaram madeira, empilharam-na alto, fizeram uma grande fogueira, e destruíram o corpo do Dragão até ele se transformar apenas em cinza negra e ossos reduzidos a pó. E o lugar dessa queimada ficou nu e estéril para sempre. Mas Túrin foi deitado em um alto túmulo, lá onde tombara, e os cacos de Gurthang foram postos ao seu lado. E quando tudo estava pronto, e os menestréis dos elfos e dos homens haviam entoado seus lamentos, contando o valor de Turambar e a beleza de Níniel, uma grande pedra cinzenta foi trazida e colocada sobre o túmulo; e nela os elfos gravaram em Runas de Doriath:

TÚRIN TURAMBAR DAGNIR GLAURUNGA e mais abaixo escreveram também:

NIENOR NÍNIEL

Mas ela não estava lá, nem jamais se soube aonde as frias águas do Teiglin a levaram.

Assim termina o Conto dos Filhos de Húrin, a mais longa de todas as baladas de Beleriand.

APÊNDICE

A partir do ponto da história em que Túrin e seus homens se estabeleceram na antiga moradia dos anões-pequenos em Amon Rûdh, não há narrativa completa com o mesmo plano detalhado, até que o *Narn* retome com a viagem de Túrin para o norte após a queda de Nargothrond. De muitos esboços e notas tentativos ou exploratórios, no entanto, podem-se obter alguns vislumbres adicionais além do relato mais resumido no *Silmarillion,* e até mesmo alguns curtos trechos de narrativa coerente na escala do *Narn.*

Um fragmento isolado descreve a vida dos proscritos em Amon Rûdh na época que se seguiu ao estabelecimento deles ali, e dá uma descrição adicional de Bar-en-Danwedh.

> Por muito tempo a vida dos proscritos transcorreu bem a seu gosto. A comida não era escassa, e tinham um bom abrigo, quente e seco, com espaço bastante e até demasiado; pois descobriram que as cavernas poderiam ter alojado cem pessoas ou mais, caso necessário. Havia outra sala menor mais para dentro. Tinha de um dos lados uma lareira, acima da qual subia uma chaminé pela rocha, até uma abertura ardilosamente escondida em uma fenda na encosta do morro. Havia também muitos outros recintos, que davam para as salas ou para o corredor entre elas, alguns para moradia, outros para trabalho ou para servir de depósito. Na armazenagem Mîm possuía mais arte que eles, e tinha grandes recipientes e baús de pedra e madeira, que pareciam ser muito antigos. Mas a maioria dos recintos estava agora desabitada: nos arsenais estavam suspensos machados e outros equipamentos enferrujados e empoeirados; as prateleiras e os armários estavam vazios; e as forjas estavam ociosas. À exceção de uma: um pequeno quarto que se ligava ao salão interno e possuía uma lareira que compartilhava a chaminé da lareira da sala. Lá Mîm às vezes trabalhava, mas não permitia que outros o acompanhassem.
>
> Durante o restante daquele ano não realizaram mais incursões. E, quando saíam para caçar ou coletar alimento, isso ocorria principalmente em grupos pequenos. Mas por muito tempo acharam difícil reencontrar a trilha; e, além de Túrin, não mais de seis dos seus homens chegaram a conhecer o caminho com certeza. Ainda assim, vendo que aqueles que tinham habilidade em tais coisas seriam capazes de chegar ao covil sem a ajuda de Mîm, puseram vigias dia e noite perto da fenda na parede norte. Do sul não esesperavam inimigos, nem havia temor de que alguém escalasse Amon Rûdh por aquele lado; mas de dia havia um vigia postado no cume mais alto a maior parte do tempo, capaz de enxergar longe em toda a volta. Apesar de serem íngremes os lados do cume, seu topo podia ser alcançado, pois a leste da boca da caverna haviam sido escavados degraus grosseiros, que levavam a encostas onde os homens podiam subir sem ajuda.
>
> Assim passou o ano sem prejuízo ou alarme. Mas, à medida que os dias se encurtavam, o lago ficava cinzento e frio, as bétulas perdiam as folhas, e voltavam as fortes chuvas, eles precisavam passar mais tempo abrigados. Então logo se cansaram do escuro

debaixo do morro ou da tênue meia-luz dos salões; e à maioria deles parecia que a vida seria melhor caso não a compartilhassem com Mím. Com demasiada freqüência, ele surgia algum canto sombrio, ou de um portal, quando achavam que estava em outro lugar; e, quando Mím estava por perto, caía um constrangimento sobre sua conversa. Começaram a falar entre si sempre em sussurros.

No entanto, e isso lhes parecia estranho, ocorria o contrário com Túrin. E ele se tornava cada vez mais amigo do velho anão, e cada vez mais escutava seus conselhos. No inverno seguinte, ficava sentado com Mîm horas a fio, ouvindo suas tradições e as histórias de sua vida; e Túrin não o censurava caso falasse mal dos eldar. Mím parecia bem contente, e em retribuição fazia muitos favores a Túrin; apenas a ele permitia às vezes a entrada em sua forja, e ali conversavam em voz baixa. Os homens ficavam menos contentes; e Andróg observava com um olho ciumento.

O texto utilizado no *Silmarillion* não dá indicação de como Beleg conseguiu entrar em Bar-en-Danwedh: ele "de repente surgiu entre eles" "no crepúsculo cinzento de um dia de inverno". Em outros breves esboços, a história conta que, em virtude da improvidência dos proscritos, o alimento escasseou durante o inverno em Bar-en-Danwedh, e Mím de má vontade lhes dava as raízes comestíveis de seu estoque; portanto, no começo do ano saíram da fortaleza numa incursão de caça. Beleg, aproximando-se de Amon Rûdh, encontrou-lhes os rastros, e os acompanhou até um acampamento que foram obrigados a montar em uma nevasca súbita, ou então seguiu-os de volta a Bar-en-Danwedh e lá entrou sorrateiro atrás deles.

Nessa época Andróg, procurando o estoque secreto de alimentos de Mîm, perdeu-se nas cavernas e encontrou uma escadaria oculta que levava ao cume plano de Amon Rûdh (foi por essa escadaria que alguns dos proscritos fugiram de Bar-en-Danwedh quando foi atacada pelos orcs: *O Silmarillion*). E, no ataque recém-mencionado ou então em ocasião posterior, Andróg, que outra vez tomara arco e flecha desafiando a maldição de Mím, foi ferido por uma seta envenenada - e em apenas uma das várias referências ao evento foi mencionado que ela teria sido uma flecha de orc.

Andróg foi curado desse ferimento por Beleg, mas parece que sua aversão e desconfiança do elfo não foi mitigada por isso; e o ódio de Mîm por Beleg tornou-se ainda mais feroz, pois assim ele "desfizera" a maldição lançada sobre Andróg. - Ela voltará a morder - disse ele. Veio a Mím a idéia de que, se também comesse o *lembas* de Melian, renovaria sua juventude e outra vez se fortaleceria; e, visto que não podia consegui-lo furtivamente, fingiu-se de doente e implorou ao inimigo que lho desse. Quando Beleg recusou, foi selado o ódio de Mîm, especialmente por causa do apreço de Túrin pelo elfo.

Pode-se mencionar aqui que. quando Beleg tirou o *lembas* da bolsa (vide *O Silmarillion*), Túrin o recusou:

As folhas prateadas estavam vermelhas à luz do fogo; e quando Túrin viu o selo seus olhos se escureceram. - O que tem aí? - perguntou.

- A maior dádiva que alguém que ainda o ama tem para dar - respondeu Beleg. - Eis *lembas,* o pão-de-viagem dos eldar, que homem nenhum ainda provou.

- O elmo de meus ancestrais eu aceito - disse Túrin - com boa vontade por você tê-lo guardado; mas não receberei presentes vindos de Doriath.

- Então mande de volta sua espada e suas armas - disse Beleg. - Mande de volta também os ensinamentos e a criação de sua juventude. E deixe seus homens morrerem no deserto para agradar ao seu humor. No entanto, este pão-de-viagem não foi um presente para você, e sim para mim, e posso fazer dele o que quiser. Não o coma se entalar em sua

garganta, mas outros aqui podem estar mais famintos e menos orgulhosos.

Então Túrin envergonhou-se e dominou o orgulho quanto a esse assunto.

Encontram-se algumas poucas indicações adicionais acerca de Dor-Cúarthol, a Terra do Arco e do Elmo, onde Beleg e Túrin durante certo tempo, a partir de sua fortaleza em Amon Rûdh, tornaram-se líderes de um forte grupo nas terras ao sul do Teiglin (O *Silmarillion*).

> Túrin recebia de bom grado todos os que vinham a ele, mas a conselho de Beleg não admitia nenhum novato ao seu refúgio em Amon Rûdh (e esse chamava-se agora Echad i Sedryn. Acampamento dos Fiéis); o caminho para lá era conhecido somente pelos da Antiga Companhia, e não se admitiam outros. Mas outros acampamentos e fortes vigiados foram estabelecidos em toda a volta: na floresta ao leste, ou nos planaltos, ou nos charcos ao sul, de Methed-en-glad ("o Fim da Floresta") até Bar-erib, algumas léguas ao sul de Amon Rûdh; e de todos esses lugares os homens podiam ver o topo de Amon Rûdh e, através de sinais, recebiam notícias e comandos.
>
> Dessa forma, antes que tivesse passado o verão, os seguidores de Túrin haviam aumentado e eram um enorme grupo; e o poderio de Angband foi rechaçado. Essas notícias chegaram até mesmo a Nargothrond, e lá muitos se inquietaram, dizendo que, se um Proscrito podia ferir o Inimigo daquele modo, o que não poderia fazer o Senhor do Narog? Mas Orodreth não mudava de opinião. Em todas as coisas seguia Thingol, com quem trocava mensageiros por caminhos secretos; e era um senhor sábio, de acordo com a sabedoria dos que se importam primeiro com seu próprio povo, e com quanto tempo podem preservar suas vidas e suas riquezas contra o desejo do norte. Portanto não permitiu que ninguém de sua gente fosse ter com Túrin, e enviou mensageiros para lhe dizerem que, em tudo que fizesse ou encetasse em sua guerra, não deveria pôr os pés na terra de Nargothrond, nem expulsar orcs para lá. Mas ofereceu aos Dois Capitães auxílio que não era de armas, caso necessitassem (e nisso crê-se que foi movido por Thingol e Melian).

É salientado várias vezes que Beleg sempre permaneceu contrário ao grande plano de Túrin, apesar de lhe dar apoio; que lhe parecia que o Elmo-de-dragão agira com Túrin diferentemente do que ele esperara; e que previa com desassossego o que trariam os dias vindouros. Estão preservados fragmentos das palavras que trocou com Túrin sobre esses assuntos. Em um deles, estavam sentados juntos na fortaleza de Echad i Sedryn, e Túrin disse a Beleg:

> - Por que está triste e pensativo? Não vai tudo bem desde que você voltou a mim? Meu objetivo não demonstrou ser bom?
>
> - Tudo está bem agora - disse Beleg. - Nossos inimigos ainda estão surpresos e temerosos. E ainda há dias bons diante de nós, por um tempo.
>
> - E depois o quê?
>
> - O inverno. E depois disso outro ano, para aqueles que viverem para vê-lo.
>
> - E depois o quê?
>
> - A ira de Angband. Queimamos as pontas dos dedos da Mão Negra, nada mais. Ela não se recolherá.
>
> - Mas a ira de Angband não é nosso objetivo e nosso deleite? - perguntou Túrin. - O que mais deseja que eu faça?
>
> - Você sabe muito bem - disse Beleg. - Mas proibiu-me de falar dessa estrada. Mas escute-me agora. O senhor de um grande exército tem muitas necessidades. Precisa ter um refúgio seguro; e precisa ter riqueza, e muitas pessoas cujo trabalho não seja guerrear.

Com a quantidade, vem a necessidade de alimento, mais do que os ermos proporcionam; e o segredo acaba sendo revelado. Amon Rûdh é um bom lugar para poucos; tem olhos e ouvidos. Mas está isolado e pode ser visto de longe; e não é necessário um grande exército para cercá-lo.

- Ainda assim serei o capitão de meu próprio exército - disse Túrin -; e, se eu tombar, tombarei. Aqui me encontro no caminho de Morgoth; e, enquanto assim permanecer, ele não poderá usar a estrada para o sul. Por isso deveria haver alguma gratidão em Nargothrond, e até mesmo auxílio com coisas necessárias.

Em outro breve trecho de diálogo entre eles, Túrin respondeu aos alertas de Beleg sobre a fragilidade de seu poder com estas palavras:

- Quero dominar uma terra, mas não esta terra. Aqui desejo apenas reunir forças. Meu coração volta-se para a terra de meu pai em Dor-lómin, e para lá hei de ir quando puder.

Também está afirmado que Morgoth durante algum tempo se conteve, e realizou meras fintas de ataque, "para que, através da vitória fácil, a confiança daqueles rebeldes se transformasse em arrogância, como de fato aconteceu".

Andróg aparece mais uma vez em um esboço do transcurso do ataque a Amon Rûdh. Foi só então que ele revelou a Túrin a existência da escadaria interna; e ele foi um dos que por ali alcançaram o cume. Diz-se que lá ele lutou com mais valentia que todos, mas por fim tombou mortalmente ferido por uma flecha; e assim realizou-se a maldição de Mím.

Não há nada notável para ser acrescentado à história no *Silmarillion* sobre a viagem de Beleg em perseguição a Túrin, seu encontro com Gwindor em Taur-nu-Fuin, o resgate de Túrin e a morte de Beleg pelas mãos de Túrin. Sobre o fato de Gwindor possuir uma das "lanternas feanorianas" de luz azul, e o papel que essa lanterna desempenhou em uma versão da história.

Pode-se notar aqui que meu pai tencionava estender a história do Elmo-de-dragão de Dor-lómin até o período da estada de Túrin em Nargothrond e mesmo mais além, mas isso nunca foi incorporado às narrativas. Nas versões existentes, o Elmo desaparece com o fim de Dor-Cúarthol, na destruição da fortaleza dos proscritos em Amon Rûdh, mas de alguma forma deveria reaparecer em posse de Túrin em Nargothrond. Só poderia ter chegado lá caso tivesse sido levado pelos orcs que conduziram Túrin até Angband; mas tirá-lo deles, por ocasião do resgate de Túrin por Beleg e Gwindor, teria requerido algum desenvolvimento da narrativa naquele ponto.

Um fragmento isolado de texto conta que, em Nargothrond, Túrin não voltou a usar o Elmo "para que não o revelasse", mas que o usava quando foi à Batalha de Tumhalad (O *Silmarillion*, onde se diz que usava a máscara de anão que encontrou nos arsenais de Nargothrond). Essa nota continua:

Por temor daquele elmo todos os inimigos o evitavam, e foi desse modo que escapou incólume daquele campo mortífero. Assim foi que voltou a Nargothrond usando o Elmo-de-dragão. e Glaurung, desejando despojar Túrin da sua ajuda e proteção (pois ele mesmo o temia), zombou dele, dizendo que certamente Túrin afirmava ser seu vassalo e servidor, já que portava a efígie de seu senhor na crista do elmo.

Mas Túrin respondeu: - Mentes, e o sabes. Pois esta imagem foi feita para escarnecer-te; e, enquanto houver alguém para portá-la, a dúvida sempre há de te assolar, com o temor de que o portador te imponha teu destino.

- Então a imagem terá de esperar por um dono com outro nome - disse Glaurung -, pois Túrin, filho de Húrin, eu não temo. É o oposto. Pois ele não tem a audácia de olhar-me no rosto abertamente.

Valar mas mantivera abaixada a viseira do capacete, resguardando o rosto, e em seu diálogo não elevara o olhar além dos pés de Glaurung. Porém, diante dessa zombaria, com orgulho e temeridade ergueu a viseira e fitou Glaurung nos olhos.

Em outro lugar há uma nota de que foi quando Morwen ouviu falar em Doriath da aparição do Elmo-de-dragão na Batalha de Tumhalad que ela soube ser verdadeira a história de que o Mormegil era de fato seu filho Túrin.

Por fim, existe uma sugestão de que Túrin usaria o Elmo quando matasse Glaurung, e zombaria do Dragão, à morte deste, com suas palavras em Nargothrond sobre "um dono com outro nome"; mas não há indicação de como a narrativa deveria ser conduzida para que isso acontecesse.

Existe um relato acerca da natureza e substância da oposição de Gwindor às políticas de Túrin em Nargothrond, à qual *O Silmarillion* se refere apenas muito brevemente. Esse relato não está plenamente transformado em narrativa, mas pode ser assim apresentado:

Gwindor sempre se manifestou contrário a Túrin no conselho do Rei, dizendo que havia estado em Angband e sabia algo sobre o poderio de Morgoth, e seus desígnios. - Vitórias miúdas acabarão sendo sem proveito no final - dizia - , pois assim Morgoth descobre onde podem ser encontrados os mais ousados dentre seus inimigos e reúne forças suficientes para destruí-los. Todo o poderio unido dos elfos e dos edain mal bastou para contê-lo, e para ganhar a paz de um cerco; longo de fato, mas longo somente enquanto Morgoth esperava o momento propício para romper a coligação; e nunca mais poderá ser feita tal união. Somente no sigilo há agora alguma esperança; até que venham os Valar.

- Os Valar! - disse Túrin. - Eles os abandonaram e desprezam os homens. De que adianta olhar para o oeste, por sobre o Mar infindo? Há somente um Vala com temos de nos haver, e esse é Morgoth; e, se ao final não conseguirmos vencê-lo, podemos pelo menos feri-lo e impedi-lo. Pois vitória é vitória, por pequena que seja, e seu valor não consiste apenas no que se lhe segue. Mas também é conveniente; pois, se nada fizerem para detê-lo, Beleriand inteira cairá sob sua sombra antes que se passem muitos anos, e então ele os afugentará de suas terras um por um. E depois o quê? Alguns remanescentes dignos de pena fugirão para o sul e para o oeste, para encolher-se às margens do Mar, apanhados, entre Morgoth e Ossê. É melhor, então, ganhar um tempo de glória, por mais que seja efêmera; pois o fim não será pior. Você fala de sigilo e diz que nele reside a única esperança; mas poderia emboscar e assaltar cada batedor e espião de Morgoth, até o último e menor, para que nenhum jamais voltasse a Angband com notícias, e no entanto com isso ele descobriria que você está vivo, e adivinharia onde. E também digo isto: apeesar de os homens mortais possuírem pouca vida em comparação com a duração dos elfos, preferem gastá-la na batalha a fugir ou submeter-se. A rebeldia de Húrin Thalion é um grande feito; e, por mais que Morgoth mate seu autor, não pode fazer com que o feito deixe de existir. Até mesmo os Senhores do Oeste o honrarão; e não está ele escrito na história de Arda, que nem Morgoth nem Manwe podem desescrever?

- Você fala de coisas elevadas - respondeu Gwindor - e é evidente que viveu entre os eldar. Mas há uma treva sobre você se coloca Morgoth e Manwe juntos, ou fala dos Valar como inimigos dos elfos ou dos homens; pois os Valar nada desprezam, e menos que tudo os Filhos de Ilúvatar. Nem você conhece todas as esperanças dos eldar. Existe uma profecia entre nós de que um dia um mensageiro da Terra-média chegará a Valinor através das sombras, e Manwe ouvirá, e Mandos se abrandará. Para a chegada dessa hora

não havemos de tentar preservar a semente dos noldor, e dos edain também? E Círdan habita agora no sul, e há navios sendo construídos; mas o que você sabe de navios ou do Mar? Você pensa em si mesmo e em sua própria glória, e manda que cada um de nós faça o mesmo; mas temos de pensar nos outros além de nós mesmos, pois nem todos podem combater e tombar, e a esses precisamos proteger da guerra e da ruína, enquanto pudermos.

- Então mande-os aos seus navios, enquanto ainda é tempo - disse Túrin.

- Não se apartarão de nós - disse Gwindor -, mesmo que Círdan pudesse sustentá-lo.

O amor de Finduilas por Túrin também receberia um tratamento mais completo:

Finduilas, filha de Orodreth, tinha cabelos dourados à maneira da casa de Finarfin, e Túrin começou a deleitar-se em sua visão e sua companhia, pois ela lhe lembrava sua família e as mulheres de Dor-lómin na casa de seu pai. Inicialmente só se encontrava com ela quando Gwindor estava por perto, mas após algum tempo ela passou a procurá-lo, e às vezes encontravam-se a sós, embora parecesse ser por acaso. Então ela o questionava acerca dos edain, poucos dos quais vira, e raramente, bem como sobre seu país e sua gente.

Então Túrin lhe falava livremente sobre esses assuntos, apesar de não dizer o nome de sua terra natal nem de ninguém da sua família, e certa vez disse-lhe: - Tive uma irmã, Lalaith, assim eu a chamava, e você me faz lembrar dela. Mas Lalaith era uma criança, uma flor amarela na verde relva da primavera; e, se tivesse vivido, sua luz estaria agora, quem sabe, apagada de pesar. Mas você é semelhante a uma rainha, e como uma árvore dourada; oxalá eu tivesse uma irmã tão bela.

- Mas você é semelhante a um rei - disse ela -. exatamente como os senhores do povo de Fingolfin; oxalá eu tivesse um irmão tão valoroso. E não penso que Agarwaen seja seu nome verdadeiro, nem ele lhe convém, Adanedhel. Eu o chamo Thurin, o Secreto.

Diante disso Túrin sobressaltou-se, mas disse: - Não é esse meu nome; e não sou rei, pois nossos reis são dos eldar, como eu não sou.

Túrin notou que a amizade de Gwindor se distanciava dele; e espantou-se também com o fato de que, embora de início o desgosto e horror de Angband começassem a deixá-lo, agora ele parecia recair em ansiedade e pesar. E pensou: talvez esteja triste por eu me opor aos seus conselhos, e por superá-lo; oxalá não fosse assim. Pois amava Gwindor como seu guia e curador, e estava pleno de compaixão por ele. Mas naqueles dias o resplendor de Finduilas também se reduziu, seus passos tornaram-se lentos e seu rosto grave. E Túrin, percebendo isso, deduziu que as palavras de Gwindor tinham instilado em seu coração temor sobre o que poderia ocorrer.

Na verdade Finduilas estava em dúvida. Pois honrava Gwindor, sentia pena dele e não queria acrescentar nem uma lágrima ao seu sofrimento; mas contra sua vontade crescia dia após dia seu amor por Túrin, e ela pensava em Beren e Lúthien. Mas Túrin não era como Beren! Ele não a desprezava, e se alegrava em sua companhia. No entanto ela sabia que ele não possuía amor da espécie que ela desejava. A mente e o coração dele estavam em outra parte, à margem de rios em primaveras há muito desaparecidas.

- Não deixe que as palavras de Gwindor lhe metam medo - d isse então Túrin a Finduilas. - Ele sofreu na escuridão de Angband; e é difícil para alguém tão valoroso estar aleijado dessa maneira, e forçado a ficar para trás. Precisa de todo o consolo e de um tempo maior para curar-se.

- Bem sei disso - disse ela.

- Mas ganharemos esse tempo para ele! - disse Túrin. - Nargothrond há de permanecer de pé! Nunca mais Morgoth, o Covarde, sairá de Angband, e toda a sua con-

fiança terá de repousar em seus servos, assim diz Melian de Doriath. Eles são os dedos de suas mãos; e nós os golpearemos, e os deceparemos, até que ele retraia suas garras. Nargothrond há de permanecer de pé!

- Talvez - disse Finduilas. - Há de permanecer de pé, se você for capaz de realizar isso. Mas tome cuidado, Adanedhel; meu coração pesa quando você sai para a batalha, de medo de que Nargothrond o perca.

E mais tarde Túrin procurou por Gwindor. - Gwindor, caro amigo, você está recaindo na tristeza; não faça isso! Pois sua cura virá nas casas de sua gente e na luz de Finduilas.

Então Gwindor encarou Túrin, mas nada disse, e seu rosto nublou-se.

- Por que me olha desse modo? - perguntou Túrin. - Ultimamente seus olhos têm me fitado de um jeito estranho. Como lhe causei desgosto? Eu me opus aos seus conselhos; mas um homem tem de falar conforme pensa, e não esconder a verdade na qual crê, por nenhum motivo pessoal. Oxalá fôssemos da mesma opinião, pois devo-lhe muito, e não me esquecerei disso.

- Não se esquecerá? - disse Gwindor. - No entanto seus atos e seus conselhos mudaram meu lar e minha gente. Sua sombra paira sobre eles. Por que haveria de me alegrar, eu que tudo perdi para você?

Mas Túrin não compreendeu essas palavras, e apenas imaginou que Gwindor o invejava pelo lugar que ocupava no coração e nos conselhos do Rei.

Segue-se um trecho em que Gwindor alertou Finduilas contra seu amor por Túrin, contando-lhe quem Túrin era, e esse trecho baseia-se de perto no texto apresentado no *Silmarillion*. Mas, ao final da fala de Gwindor, a resposta de Finduilas é bem mais extensa que na outra versão:

- Seus olhos estão turvados, Gwindor - disse ela. - Você não vê nem compreende o que ocorreu aqui. Tenho de envergonhar-me duplamente agora, para revelar-lhe a verdade? Pois eu amo você, Gwindor, e me envergonho de meu amor não ser maior, mas de ter sido dominada por um amor ainda maior, do qual não posso escapar. Não o busquei, e por muito tempo o pus de lado. Mas, se me compadeço de suas feridas, compadeça-se das minhas. Túrin não me ama, nem me amará.

- Você diz isso - disse Gwindor - para tirar a culpa daquele a quem você ama. Por que ele procura por você, senta-se com você por tanto tempo, e a cada vez sai mais contente?

- Porque também ele precisa de consolo - disse Finduilas - e foi despojado da família. Vocês ambos têm suas necessidades. Mas o que dizer de Finduilas? Agora já não basta que eu confesse a você que não sou amada, mas ainda você diz que falo assim para enganar?

- Não, uma mulher não se engana facilmente em tais casos - disse Gwindor. - Nem se encontram muitas que neguem que são amadas, caso isso seja verdade.

- Se um de nós três é infiel, sou eu, mas não voluntariamente. E quanto ao seu destino e aos rumores de Angband? O que dizer da morte e da destruição? O Adanedhel é poderoso na história do Mundo, e sua fama ainda há de chegar a Morgoth em algum longínquo dia que está por vir.

- Ele é orgulhoso - disse Gwindor.

- Mas também é misericordioso - disse Finduilas. - Ainda não despertou, mas ainda assim a piedade sempre consegue atingir-lhe o coração, e ele nunca a nega. Quem sabe a piedade haja de ser sempre a única entrada. Mas ele não tem pena de mim. Ele me reverencia, como se eu fosse ao mesmo tempo sua mãe e uma rainha!

Talvez Finduilas falasse a verdade, por enxergar com os penetrantes olhos dos eldar. E agora Túrin, sem saber o que ocorrera entre Gwindor e Finduilas, era tanto mais

gentil com ela quanto ela parecia mais triste. Mas certa vez Finduilas lhe disse:

- Thurin Adanedhel, por que me escondeu seu nome? Se eu soubesse quem você era, não o teria honrado menos, mas teria compreendido melhor seu pesar.

- O que quer dizer? - perguntou ele. - Por quem me toma?

- Túrin, filho de Húrin Thalion, capitão do norte.

Então Túrin censurou Gwindor por revelar seu nome verdadeiro, como está contado no *Silmarillion*.

Um outro trecho, nessa parte da narrativa, existe em forma mais completa que no *Silmarillion* (sobre a batalha de Tum-halad e o saque de Nargothrond não há outro relato, embora as falas de Túrin e do Dragão estejam registradas com tanto detalhe no *Silmarillion* que parece improvável que tivessem sido expandidas ainda mais). Este trecho é um relato muito mais completo da chegada dos elfos Gelmir e Arminas a Nargothrond no ano de sua queda (O *Silmarillion*); para seu encontro anterior com Tuor em Dor-lómin, a que se faz referência aqui.

Na primavera vieram dois elfos, chamados Gelmir e Arminas do povo de Finarfin, e disseram que tinham um mandado para o Senhor de Nargothrond. Foram trazidos à presença de Túrin, mas Gelmir disse: - É com Orodreth, filho de Finarfin, que desejamos falar.

- Senhor - disse Gelmir, quando Orodreth chegou -, éramos do povo de Angrod, e vagamos longe desde a Dagor Bragollach; mas ultimamente moramos entre os seguidores de Círdan perto das Fozes do Sirion. E certo dia ele nos chamou, e nos mandou vir até você; pois o próprio Ulmo, o Senhor das Águas, lhe havia aparecido e o havia alertado sobre um grande perigo que se aproxima de Nargothrond.

- Então por que vocês vêm do norte para cá? - retrucou Orothreth, desconfiado. - Ou será que também tinham outros mandados?

- Senhor, desde as Nirnaeth venho buscando o reino oculto de Turgon - disse então Arminas -, mas não o encontrei. - E nessa busca temo agora ter atrasado em demasia nosso mandado para cá. Pois Círdan enviou-nos ao longo da costa, de navio, em sigilo e pressa, e fomos deixados na praia em Drengist. Mas entre a gente do mar havia alguns que vieram para o sul, em anos passados, como mensageiros de Turgon, e pareceu-me pela sua fala cautelosa que talvez Turgon ainda habite no norte, e não no sul, como a maioria acredita. Mas não encontramos nem sinal nem rumor do que buscávamos.

- Por que buscam Turgon? - perguntou Orodreth.

- Porque se diz que seu reino há de perdurar mais que todos contra Morgoth - respondeu Arminas. E essas palavras pareceram agourentas a Orodreth, e ele desagradou-se.

- Então não se demorem em Nargothrond - disse -, pois aqui não ouvirão notícias de Turgon. E não preciso que ninguém me ensine que Nargothrond corre perigo.

- Não se enfureça, senhor - disse Gelmir -, se respondemos às suas perguntas com a verdade. E não foi infrutífero nosso desvio do caminho reto para cá, pois passamos além do alcance de seus batedores mais avançados; atravessamos Dor-lómin e todas as terras aos pés de Ered Wethrin, e exploramos a Passagem do Sirion, espionando os movimentos do Inimigo. Há um grande ajuntamento de orcs e criaturas malignas naquelas regiões, e um exército está se concentrando em volta da Ilha de Sauron.

- Eu sei - disse Túrin. - Suas notícias não são frescas. Se a mensagem de Círdan tinha algum propósito, deveria ter vindo mais cedo.

- Pelo menos, senhor, há de escutar a mensagem agora - disse Gelmir a Orodreth. - Ouçam, pois, as palavras do Senhor das Águas! Assim falou a Círdan, o Armador: "O Mal do Norte conspurcou as nascentes do Sirion, e meu poder retira-se dos dedos das águas correntes. Mas o pior ainda está por vir. Diga portanto ao Senhor de Nargothrond: Feche as portas da fortaleza e não saia. Lance as pedras de seu orgulho no rio ruidoso, pa-

ra que o mal rastejante não encontre o portão".

Essas palavras pareceram obscuras a Orodreth; e, como sempre, ele voltou-se a Túrin para se aconselhar. Mas Túrin desconfiava dos mensageiros.

- O que sabe Círdan das nossas guerras, nós que habitamos perto do Inimigo? - perguntou com desprezo. - Que o marinheiro cuide dos seus navios! Mas se em verdade o Senhor das Águas pretende enviar-nos um conselho, que fale mais claro. Pois do contrário parecerá melhor, em nosso caso, reunirmos nossas forças e sairmos com audácia ao encontro de nossos inimigos, antes que se aproximem demais.

- Falei como me foi mandado, senhor - disse Gelmir, curvando-se diante de Orodreth, e se afastou.

- Você é de fato da Casa de Hador, como ouvi dizer? - perguntou Arminas a Túrin.

- Aqui sou chamado Agarwaen, o Espada-Negra de Nargothrond - disse Túrin. - Parece-me, amigo Arminas, que vocês costumam falar de maneira cautelosa; e é bom que o segredo de Turgon esteja oculto de vocês, pois do contrário logo seria ouvido em Angband. O nome de um homem é só dele. e, caso o filho de Húrin descubra que vocês o traíram quando ele preferia permanecer oculto, então que Morgoth os leve e lhes queime a língua!

Consternou-se então Arminas diante da cólera negra de Túrin.

- Ele não há de ser traído por nós, Agarwaen - disse Gelmir. - Não estamos em conselho a portas fechadas, onde a fala pode ser mais clara? E Arminas fez essa pergunta, creio, porque todos que moram perto do Mar sabem que Ulmo tem grande amor pela Casa de Hador, e alguns dizem que Húrin e Huor, seu irmão, certa feita chegaram ao Reino Oculto.

- Se assim fosse, ele não falaria disso a ninguém, nem aos grandes nem aos pequenos, e muito menos a seu filho na infância - respondeu Túrin. - Portanto não creio que Arminas tenha me feito essa pergunta esperando descobrir algo sobre Turgon. Desconfio de tais mensageiros maldosos.

- Poupe sua desconfiança! - disse Arminas, irado . - Gelmir interpretou-me mal. Perguntei porque duvidava do que aqui parecem acreditar; pois na verdade você pouco se parece com a família de Hador, não importa qual seja seu nome.

- E o que sabe deles? - perguntou Túrin.

- Húrin eu vi - respondeu Arminas - e seus antepassados antes dele. E nos ermos de Dor-lómin encontrei Tuor, filho de Huor, irmão de Húrin; e ele é como seus antepassados, ao contrário de você.

- Isso pode ser - disse Túrin -, embora sobre Tuor eu até agora não tenha ouvido palavra. Mas, se minha cabeça é escura e não dourada, não me envergonho disso. Pois não sou o primeiro filho que se parece com a mãe; e através de Morwen Eledhwen descendo da Casa de Béor e da família de Beren Camlost.

- Não falei da diferença entre o negro e o ouro - disse Arminas. - Mas outros da Casa de Hador comportam-se de modo diferente, e Tuor entre eles. Pois usam de cortesia e escutam bons conselhos, reverenciando os Senhores do Oeste. Mas você, ao que parece, aconselha-se com sua própria sabedoria, ou apenas com sua espada; e fala com altivez. E eu lhe digo, Agarwaen Mormegil, que, se assim fizer, seu destino será diverso do que poderia esperar alguém das Casas de Hador e Béor.

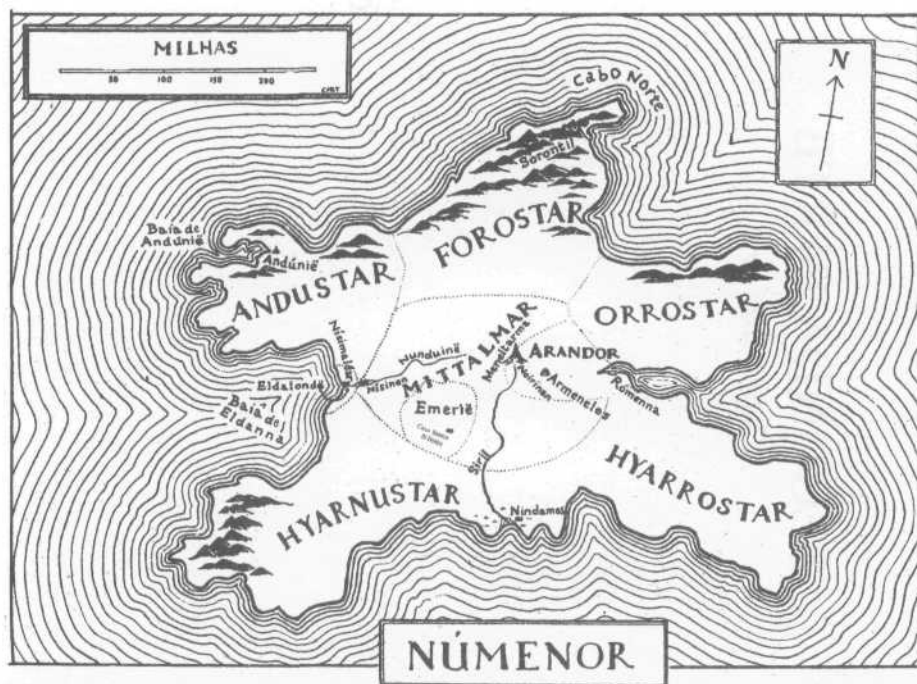
- Sempre foi diverso - respondeu Túrin. - E se. como parece, devo suportar o ódio de Morgoth por causa da valentia de meu pai. hei de agüentar também as zombarias e os agouros de um errante, por muito que ele reivindique ser parente de reis? Eu lhe aconselho: volte para as praias seguras do Mar.

Então Gelmir e Arminas partiram e retornaram ao sul: mas, a despeito das zombarias de Túrin, de bom grado teriam aguardado a batalha ao lado da sua gente. Foram-se somente porque Círdan lhes havia pedido, sob comando de Ulmo, que lhe trouxessem novas de Nargothrond e do cumprimento de sua missão para lá. E Orodreth perturbou-se

muito com as palavras dos mensageiros; mas o humor de Túrin tornou-se ainda mais cruel. De modo algum queria obedecer aos conselhos deles, e menos que tudo iria permitir que fosse demolida a grande ponte. Pois ao menos essa parte das palavras de Ulmo foi corretamente interpretada.

Não está explicado em nenhum lugar por que Gelmir e Arminas, em missão urgente a Nargothrond, foram enviados por Círdan por toda a extensão da costa até o Estuário de Dren-gist. Arminas disse que assim foi por pressa e sigilo; mas certamente ter-se-ia conseguido maior sigilo numa viagem Narog acima, vindo do sul. Poder-se-ia supor que Círdan assim fez em obediência ao comando de Ulmo (para que pudessem encontrar Tuor em Dor-lómin e guiá-lo através do Portão dos Noldor), mas em nenhuma parte isso está sugerido.

SEGUNDA PARTE

A Segunda Era

CAPÍTULO I

Uma descrição da ilha de Númenor

O relato seguinte sobre a ilha de Númenor deriva de descrições e mapas simples que por muito tempo foram conservados nos arquivos dos Reis de Gondor. Representam na verdade apenas uma pequena parcela de tudo que foi escrito outrora, pois muitas histórias naturais e geografias foram compostas por homens eruditos em Númenor; mas estas, como quase tudo o mais das artes e ciências de Númenor em seu apogeu, desapareceram na Queda.

Mesmo documentos como os que se conservaram em Gondor, ou em Imladris (onde foram depositados aos cuidados de Elrond os tesouros remanescentes dos reis númenorianos setentrionais), sofreram perdas e destruição por negligência. Pois, apesar de os sobreviventes na Terra-média "ansiarem", como diziam, por Akallabêth, a Caída, e nunca deixarem de se considerar até certo ponto exilados, nem mesmo depois de longas eras, quando ficou claro que a Terra da Dádiva havia sido removida e que Númenor desaparecera para sempre, ainda assim todos, exceto uns poucos, consideravam o estudo do que restara de sua história como algo vão, que apenas gerava uma lamentação inútil. A história de Ar-Pharazôn e sua ímpia armada foi tudo o que permaneceu no conhecimento geral das eras seguintes.

*

A terra de Númenor assemelhava-se, em seu contorno, a uma estrela de cinco pontas, ou pentagrama, com uma porção central de cerca de 250 milhas de diâmetro, de norte a sul e de leste a oeste, da qual se estendiam cinco grandes promontórios peninsulares. Esses promontórios eram considerados regiões distintas e se chamavam Forostar (Terras Setentrionais), Andustar (Terras Ocidentais), Hyarnustar (Terras de Sudoeste), Hyarrostar (Terras de Sudeste) e Orrostar (Terras Orientais). A porção central era chamada Mittalmar (Terras Interiores), e não tinha costa, exceto a região em torno de Rómenna e a cabeceira de seu braço de mar. Uma pequena parcela do Mittalmar era, no entanto, separada do restante, e se chamava Arandor, a Terra do Rei. Em Arandor ficavam o porto de Rómenna, a Meneltarma e Armenelos, a Cidade dos Reis; e essa foi em todos os tempos a região mais populosa de Númenor.

O Mittalmar erguia-se acima dos promontórios (sem considerar a altura das montanhas e colinas destes); era uma região de prados e planaltos, com poucas árvores. Próximo ao centro do Mittalmar, erguia-se o grande monte chamado Meneltarma, Coluna dos Céus, consagrado à adoração de Eru Ilúvatar. Apesar de as encostas inferiores do monte serem suaves e cobertas de relva, ele se tornava cada vez mais íngreme, e próximo ao pico não podia ser escalado. Foi construída nele, porém, uma estrada em espiral, começando no sopé ao sul e terminando abaixo da borda do pico ao norte. Pois o pico era um tanto achatado e rebaixado, sendo capaz de conter uma grande multidão; mas permaneceu intocado durante toda a história de Númenor. Nenhuma edificação, nenhum altar, nem mesmo uma pilha de pedras brutas jamais se ergueu ali; e os númenorianos nunca tiveram nada que se assemelhasse a um templo, em todos os dias de sua graça, até a chegada de Sauron. Lá jamais se usara ferramenta ou arma; e lá ninguém podia dizer palavra, salvo o Rei. Apenas três vezes a cada ano o Rei falava, oferecendo uma prece pelo ano vindouro no *Erukyerme* nos primeiros dias da primavera, louvor a Eru Ilúvatar no *Erulaitale* no meio do verão e agradecimento a ele no *Eruhantale* no final do outono. Nessas ocasiões, o Rei subia o monte a pé, seguido de grande afluência do povo, trajando branco e usando guirlandas, mas em silêncio. Em outras épocas, as pessoas tinham a liberdade de subir ao pico sozinhas ou acompanhadas; mas diz-se que o silêncio era tão grande que até mesmo um estranho que ignorasse Númenor e toda a sua história, se para lá fosse transportado, não teria ousado falar em voz alta. Nenhuma ave jamais lá chegava, à exceção das águias. Se alguém se aproximasse do pico, imediatamente três águias surgiam e pousavam em três rochedos próximos à borda ocidental; mas nas épocas das Três Preces não desciam, permanecendo no céu e pairando sobre o povo. Eram chamadas Testemunhas de Manwe, e acreditava-se que eram enviadas por ele, de Aman, para vigiar o Monte Sagrado e toda a terra.

A base da Meneltarma inclinava-se suavemente para a planície ao redor, mas estendia ao longe, como se fossem raízes, cinco cristas longas e baixas na direção dos cinco promontórios da terra; e essas chamavam-se Tarmasundar, Raízes da Coluna. Ao longo do topo da crista de sudoeste, a estrada ascendente aproximava-se do monte; e entre essa crista e a de sudeste o terreno descia formando um vale raso. Este chamava-se Noirinan, Vale dos Túmulos; pois em sua extremidade foram talhadas câmaras na rocha da base do monte, onde ficavam os túmulos dos Reis e Rainhas de Númenor.

Mas em sua maior parte o Mittalmar era uma região de pastagens. A sudoeste havia pradarias ondulantes; e lá, em Emerie, ficava a principal região dos Pastores de Ovelhas.

O Forostar era a parte menos fértil; pedregosa, com poucas árvores, a não ser pelos bosques de abetos e lariços que existiam nas encostas ocidentais das charnecas elevadas, cobertas de urzes. Em direção ao Cabo Norte o terreno erguia-se em elevações rochosas, e

lá o grande Sorontil erguia-se escarpado do mar em tremendos penhascos. Lá era a morada de muitas águias; e, nessa região, Tar-Meneldur Elentirmo construiu uma alta torre, de onde podia observar os movimentos das estrelas.

O Andustar era também rochoso nas suas regiões setentrionais, com altas florestas de abetos dando para o mar. Tinha três pequenas baías voltadas para o oeste, encravadas nos planaltos; mas ali em muitos lugares os penhascos não ficavam à beira-mar, e havia a seus pés um terreno inclinado. A mais setentrional delas era chamada Baía de Andúnie. pois lá ficava o grande porto de Andúnie (Ocaso). com sua cidade à beira-mar e muitas outras habitações que subiam pelas encostas íngremes para o interior. Mas grande parte da região meridional do Andustar era fértil, e lá também havia grandes florestas, de bétulas e faias no terreno mais alto, e de carvalhos e olmos nos vales inferiores. Entre os promontórios do Andustar e do Hyarnustar ficava a grande Baía que se chamava Eldanna, pois estava voltada para Eressea. E eram quentes as terras a seu redor, protegidas pelo norte e abertas para os mares a oeste, e era lá que mais chovia. No centro da Baía de Eldanna ficava o mais belo de todos os portos de Númenor, Eldalonde, o Verde; e a ele chegavam com maior freqüência, nos dias tempos de outrora, os velozes navios brancos dos eldar de Eressea.

Em toda a volta desse lugar, subindo pelas encostas marinhas e penetrando longe pelo país, cresciam as árvores perenes e fragrantes que eles trouxeram do Oeste, e tão bem se desenvolveram que os eldar diziam ser lá quase tão belo quanto em um porto de Eressea. Eram elas o maior encanto de Númenor, e eram lembradas em incontáveis canções muito tempo após terem perecido para sempre, pois poucas chegaram a florir a leste da Terra da Dádiva: *oiolaire* e *lairelosse, nessamelda, vardarianna, taniquelasse,* e *yavannamíre* com seus redondos frutos escarlates. Flor, folha e casca dessas árvores exalavam doces perfumes, e toda aquela região estava plena de fragrância mesclada; era portanto chamada Nísimaldar, Árvores Fragrantes. Muitas foram plantadas e cresciam, se bem que em muito menor abundância, em outras regiões de Númenor; mas somente ali crescia a vigorosa árvore dourada *malinorne,* que após cinco séculos atingia uma altura pouco menor do que a alcançada na própria Eressea. Sua casca era prateada e lisa, e seus ramos um tanto ascendentes à maneira da faia; mas sempre crescia apenas com um único tronco. Suas folhas, semelhantes às da faia, porém maiores, eram de um verde-pálido na face superior e prateadas por baixo, cintilando ao sol; no outono não caíam, mas adquiriam um pálido tom dourado. Na primavera, a árvore dava flores douradas, em cachos como cerejas, que continuavam florindo durante o verão. E, assim que as flores se abriam, caíam as folhas, de forma que por toda a primavera e todo o verão um bosque de *malinorni* era atapetado e telhado de ouro, mas suas colunas eram de prata cinzenta. Seu fruto era uma noz com casca de prata; e alguns foram dados de presente por Tar-Aldarion, sexto Rei de Númenor, ao Rei Gil-galad de Lindon. Não se enraizaram naquela terra; mas Gil-galad deu alguns à sua parenta Galadriel; e, sob seu poder, cresceram e vicejaram na terra protegida de Lothlórien à margem do Rio Anduin, até que por fim os Altos-Elfos deixaram a Terra-média; mas não alcançaram a altura ou circunferência dos grandes bosques de Númenor.

O rio Nunduine corria para o mar em Eldalonde e em seu curso formava o pequeno lago de Nísinen, que assim se chamava pela abundância de arbustos e flores de doce fragrância que cresciam em suas margens.

O Hyarnustar era em sua parte ocidental uma região montanhosa, com grandes penhascos nas costas do oeste e do sul; mas a leste havia grandes vinhedos numa terra quente e fértil. Os promontórios do Hyarnustar e do Hyarrostar afastavam-se em ângulo muito aberto, e nessas longas praias o mar e a terra se uniam suavemente como em

nenhum outro lugar de Númenor. Ali corria o Siril, o principal rio da terra (pois todos os demais, exceto o Nunduine a oeste, eram torrentes curtas e velozes que se precipitavam para o mar), que nascia em fontes ao pé da Meneltarma no vale de Noirinan e, correndo através do Mittalmar para o sul, passava a fluir lento e sinuoso em seu curso inferior. Por fim desembocava no mar, entre largos alagados e brejos juncosos, e suas muitas pequenas fozes traçavam caminhos cambiantes através de grandes bancos de areia; por muitas milhas de ambos os lados havia largas praias brancas e cinzentos trechos pedregosos, e ali morava a maioria dos pescadores, em aldeias na terra firme entre os alagados e lagoas, sendo Nindamos a principal delas.

No Hyarrostar crescia uma profusão de árvores de muitas espécies, entre elas o *laurinque,* que as pessoas admiravam por suas flores, pois não tinha outra serventia. Davam-lhe esse nome por causa de seus longos cachos pendentes de flores amarelas; e alguns, que dos eldar haviam ouvido falar de Laurelin, a Árvore Dourada de Valinor, acreditavam que ele provinha daquela grande Árvore, tendo sido trazido até ali pelos eldar em forma de semente; mas não era assim. Desde os tempos de Tar-Aldarion havia grandes plantações no Hyarrostar que forneciam madeira para a construção de navios.

O Orrostar era uma terra mais fria, porém protegida dos gélidos ventos de nordeste por planaltos que subiam na direção da ponta do promontório; e nas regiões do interior do Orrostar cultivava-se muito cereal, em especial nas áreas próximas às divisas de Arandor.

Toda a terra de Númenor estava disposta como se tivesse emergido do mar, mas inclinada para o sul e um pouco para o leste; e, exceto no sul, em quase todos os lugares a terra descia para o mar em penhascos íngremes. Em Númenor, as aves que moram perto do mar, e nele nadam ou mergulham, habitavam em multidões além da conta. Os marinheiros diziam que, mesmo que fossem cegos, ainda assim saberiam que seu navio se aproximava de Númenor pelo grande clamor das aves costeiras; e quando qualquer navio chegava à terra erguiam-se aves marinhas em grandes revoadas, voando sobre ele com boas-vindas e alegria, pois jamais eram mortas ou molestadas propositalmente. Algumas acompanhavam os navios em suas viagens, até mesmo os que iam à Terra-média. Da mesma forma, no interior eram incontáveis as aves de Númenor, desde os *kirinki,* que não eram maiores que carriças, porém escarlates e com vozes que piavam no limite da audição humana, até as grandes águias que eram consideradas sagradas a Manwe, e nunca molestadas até que começassem os dias do mal e do ódio aos Valar. Por dois mil anos, dos tempos de Elros Tar-Minyatur até a época de Tar-Ancalimon, filho de Tar-Atanamir, houve um ninho no alto da torre do palácio do Rei em Armenelos; e ali um casal sempre morou e viveu da liberalidade do Rei.

Em Númenor todos viajavam a cavalo de um lugar a outro. Pois compraziam-se na equitação os númenorianos, tanto homens quanto mulheres, e todo o povo da terra apreciava os cavalos, tratando-os com honra e abrigando-os com nobreza. Eram treinados para ouvir e responder a chamados de muito longe, e contavam as histórias antigas que, nos casos em que havia grande amor entre homens e mulheres e suas montarias favoritas, estas podiam ser chamadas pelo simples pensamento, caso necessário. Por isso as estradas de Númenor eram sem pavimentação em sua maior parte, feitas e mantidas para a equitação, pois os coches e as carruagens eram pouco usados nos primeiros séculos, enquanto as cargas pesadas eram transportadas por mar. A estrada principal e mais antiga, adequada às rodas, ia desde o maior porto, Rómenna no leste, até a cidade real de Armenelos, prosseguindo daí ao Vale dos Túmulos e à Menel-tarma; e essa estrada foi cedo estendida até Ondosto, dentro dos limites do Forostar, e de lá até Andúnie no oeste. Por ela passavam carroças levando pedras das Terras Setentrionais, que eram mais apreciadas na construção, e a madeira que abundava nas Terras Ocidentais.

Os edain trouxeram consigo a Númenor o conhecimento de muitos ofícios bem como muitos artesãos que haviam aprendido com os eldar, e também preservam seu próprio saber e tradições. Mas puderam trazer poucos materiais, à exceção das ferramentas de seus ofícios; e por muito tempo todos os metais de Númenor foram metais preciosos. Trouxeram consigo muitos tesouros de ouro e prata, e pedras preciosas também, mas não encontraram em Númenor esses materiais. Eram amados por sua beleza, e foi esse amor que primeiro despertou neles a cobiça, nos dias em épocas posteriores quando foram dominados pela Sombra e se tornaram altivos e injustos em seus contatos com a gente menor da Terra-média. Dos elfos de Eressea, nos dias de sua amizade, algumas vezes obtiveram presentes de ouro, prata e pedras preciosas; mas tais objetos eram raros e apreciados em todos os primeiros séculos, até que o poderio dos Reis se tivesse espalhado às costas do Leste.

Encontraram em Númenor alguns metais; e, com o veloz aperfeiçoamento de sua habilidade na mineração, na fundição e na forja, os objetos de ferro e cobre tornaram-se comuns. Entre os artesãos dos edain havia armeiros e, com os ensinamentos dos Noldor, eles haviam adquirido grande perícia no forjar de espadas, lâminas de machados, pontas de lança e facas. As espadas ainda eram feitas pela Corporação dos Armeiros, para preservar o ofício, embora a maior parte de seu trabalho fosse dedicada à feitura de ferramentas para usos pacíficos. O Rei e a maior parte dos grandes líderes possuíam espadas como heranças de seus pais, e às vezes ainda davam espadas de presente a seus herdeiros. Fazia-se uma espada nova para o Herdeiro do Rei, que lhe era dada no dia em que se conferia esse título. Mas ninguém portava espada em Númenor, e por muitos anos foram poucas de fato as armas de intenção belicosa que se fizeram naquela terra. Tinham machados, lanças e arcos; e atirar com arco, a pé e a cavalo, era um importante esporte e passatempo dos númenorianos. Em dias posteriores, nas guerras contra a Terra-média, eram os arcos dos númenorianos que mais eram temidos. “Os Homens do Mar”, dizia-se, “enviam diante de si uma grande nuvem, como chuva tornada em serpentes, ou granizo negro com pontas de aço”; e nesses dias as grandes cortes dos Arqueiros do Rei usavam arcos feitos de aço oco, com flechas de penas negras com uma vara de comprimento desde a ponta até a fenda.

Mas durante muito tempo as tripulações dos grandes navios númenorianos desembarcaram desarmadas entre os homens da Terra-média. E embora tivessem a bordo machados e arcos para cortar madeira e caçar seu alimento em praias selvagens que a ninguém pertenciam, não os portavam quando procuravam os homens das terras. Foi de fato motivo para ressentimento, quando a Sombra se esgueirou ao longo das costas e os homens de quem se haviam tornado amigos ficaram temerosos ou hostis, que o ferro fosse usado contra eles por aqueles a quem o tinham revelado.

Mais que em todas as outras atividades os fortes homens de Númenor se deleitavam no Mar, nadando, mergulhando, ou em pequenas embarcações para competições de velocidade a remo ou a vela. Os mais intrépidos entre o povo eram os pescadores. Havia peixe em abundância em todas as costas, e o pescado foi em todas as épocas uma importante fonte de alimento em Númenor. Todos os povoados que congregavam muita gente eram situados no litoral. Era dos pescadores que provinham em sua maioria os Marinheiros, que com o passar dos anos conquistaram enorme importância e estima. Diz-se que, quando os edain primeiro zarparam por sobre o Grande Mar, seguindo a Estrela até Númenor, cada navio élfico que os levava era guiado e comandado por um dos eldar designados por Círdan; e após terem partido os timoneiros élficos, levando consigo a maioria de seus navios, muito tempo passou antes que os próprios númenorianos se aventurassem em alto-mar. Mas existiam armadores entre eles que

haviam sido formados pelos eldar. E por seu próprio estudo e expedientes aperfeiçoaram sua arte até ousarem navegar cada vez mais longe nas águas profundas. Quando haviam passado seiscentos anos desde o início da Segunda Era, Veantur, Capitão dos Navios do Rei no reinado de Tar-Elendil, realizou a primeira viagem à Terra-média. Levou seu navio *Entulesse* (que significa “'Retorno”) a Mithlond com os ventos de primavera que sopravam do oeste; e voltou no outono do ano seguinte. Depois disso a navegação tornou-se o principal empreendimento de audácia e intrepidez entre os homens de Númenor; e Aldarion, filho de Meneldur, cuja esposa era filha de Veantur, formou a Corporação dos Aventureiros, em que se uniram todos os marinheiros experientes de Númenor; como se conta na história seguinte.

CAPÍTULO II
Aldarion e Erendis
A esposa do marinheiro

Meneldur era filho de Tar-Elendil, quarto rei de Númenor. Era o terceiro filho do Rei, pois tinha duas irmãs, chamadas Silmarien e Isilme. A mais velha era casada com Elatan de Andúnie, e o filho deles era Valandil, Senhor de Andúnie, de quem muito mais tarde descenderam as linhagens dos Reis de Gondor e Arnor na Terra-média.

Meneldur era um homem de disposição pacífica, sem orgulho, que mais se exercitava em pensamentos que em feitos corporais. Amava apaixonadamente a terra de Númenor e todas as coisas que ela continha, mas não dava atenção ao Mar que a circundava por todos os lados, pois sua mente olhava para além da Terra-média: era encantado pelas estrelas e pelo firmamento. Estudava tudo o que conseguia reunir sobre as tradições dos eldar e dos edain acerca de Ea e sobre as profundezas que ficavam em volta do Reino de Arda, e seu maior deleite era a observação das estrelas. Construiu uma torre no Forostar (a região mais setentrional da ilha), onde os ares eram mais límpidos, da qual à noite esquadrinhava os céus e observava todos os movimentos das luzes do firmamento.

Quando Meneldur recebeu o Cetro, mudou-se do Forostar como devia, e habitou na grande casa dos Reis em Armenelos. Demonstrou ser um rei bondoso e sábio, embora jamais deixasse de ansiar por dias nos quais pudesse enriquecer seu conhecimento dos céus. Sua esposa era uma mulher de grande beleza, chamada Almarian. Era filha de Veantur, Capitão dos Navios do Rei no reinado de Tar-Elendil; e, apesar de ela não apreciar os navios ou o mar mais do que a maioria das mulheres do país, seu filho seguiu os passos de Veantur, pai dela, e não os de Meneldur.

O filho de Meneldur e Almarian era Anardil. mais tarde renomado entre os Reis de Númenor como Tar-Aldarion. Tinha duas irmãs mais novas: Ailinel e Almiel, a mais velha das quais casou-se com Orchaldor, descendente da Casa de Hador, filho de Hatholdir, que era amigo próximo de Meneldur; e o filho de Orchaldor e Ailinel era Soronto, que aparece mais tarde no conto.

Aldarion, pois é assim que todos os contos o chamam, cresceu depressa até tornar-se um homem de grande estatura, forte e vigoroso de mente e corpo, de cabelos dourados como a mãe, generoso e de disposição alegre, porém mais orgulhoso que o pai e ainda mais insistente em sua própria vontade. Desde o início amava o Mar, e sua mente voltou-se ao ofício da construção de navios. Pouco apreciava a região do norte, e passava à beira-

mar todo o tempo que o pai lhe concedia, em especial perto de Rómenna, onde estavam o principal porto de Númenor, os maiores estaleiros e os armadores mais habilidosos. Seu pai durante muitos anos pouco fez para impedi-lo, pois lhe agradava que Aldarion tivesse um exercício para sua intrepidez e trabalho para o pensamento e as mãos.

Aldarion era muito amado por Veantur, pai de sua mãe, e passava muito tempo na casa de Veantur, na margem sul do estuário de Rómenna. Essa casa tinha seu próprio cais, ao qual estavam sempre atracados muitos pequenos barcos, pois Veantur jamais viajava por terra se pudesse viajar pela água; e ali, na infância, Aldarion aprendeu a remar e mais tarde a manejar as velas. Antes de estar totalmente crescido, já conseguia comandar um navio com muitos homens, velejando de um porto a outro.

Aconteceu certa feita que Veantur disse ao neto: - Anardilya, a primavera se aproxima, e também o dia da sua maioridade - (pois naquele mês de abril Aldarion faria 25 anos). - Estou imaginando uma forma de comemorá-la condignamente. Meus próprios anos são muito mais numerosos, e não creio que muitas outras vezes terei coragem de deixar minha bela casa e as costas abençoadas de Númenor; mas pelo menos mais uma vez gostaria de navegar pelo Grande Mar e encarar o vento norte e o leste. Este ano você há de vir comigo, e iremos a Mithlond para ver as altas montanhas azuis da Terra-média e a verde região dos eldar aos pés delas. Você receberá as boas-vindas de Círdan, o Armador, e do Rei Gil-galad. Fale sobre isso com seu pai.

Quando Aldarion falou dessa aventura e pediu permissão para partir assim que os ventos da primavera fossem favoráveis, Meneldur relutou em concedê-la. Um frio abateu-se sobre ele, como se seu coração adivinhasse que aquilo continha mais do que a sua mente podia prever. Mas, quando contemplou o rosto ávido do filho, não deixou entrever nenhum sinal disso.

- Faça conforme o chamado de seu coração, *onya* - disse. - Sentirei muito sua falta; mas com Veantur como capitão, sob a graça dos Valar, viverei com boas esperanças de seu retorno. Mas não se enamore das Grandes Terras, você que um dia terá de ser Rei e Pai desta Ilha!

Assim aconteceu que, numa manhã de sol claro e vento branco, na reluzente primavera do septingentésimo vigésimo quinto ano da Segunda Era, o filho do Herdeiro do Rei de Númenor zarpou da terra. Antes que o dia terminasse viu-a submergir rebrilhante no mar, e por último o pico da Meneltarma como um dedo escuro diante do pôr-do-sol.

Diz-se que o próprio Aldarion escreveu relatos de todas as suas viagens à Terra-média, e que foram conservados em Rómenna por muito tempo, apesar de todos terem se perdido depois. De sua primeira viagem pouco se sabe, exceto que fez amizade com Círdan e Gil-galad, e percorreu grandes distâncias em Lindon e no oeste de Eriador, maravilhando-se com tudo o que viu. Somente retornou depois de mais de dois anos, e Meneldur ficou muito inquieto. Diz-se que seu atraso foi devido à sua avidez em aprender de Círdan tudo o que pudesse, tanto na feitura e no manejo dos navios quanto na construção de muralhas que resistissem à ânsia do mar.

Houve alegria em Rómenna e Armenelos quando foi visto o grande navio *Númerrámar* (que significa "Asas-do-Oeste") chegando do mar, com as velas douradas tingidas de vermelho pelo pôr-do-sol. O verão estava quase terminado e o *Eruhan-tale* estava próximo Pareceu a Meneldur, quando deu as boas-vindas ao filho em casa de Veantur, que aquele crescera em estatura e que seus olhos estavam mais brilhantes mas fitavam muito ao longe.

- O que viu, *onya,* em suas longínquas viagens, que agora vive principalmente na lembrança?

Mas Aldarion, olhando para o leste em direção à noite, permaneceu em silêncio. Por fim respondeu, mas baixinho, como alguém que fala consigo mesmo.

- O belo povo dos elfos? As verdes margens? As montanhas envoltas em nuvens? As regiões de névoa e sombra além da imaginação? Não sei. - Calou-se. E Meneldur soube que ele não dissera tudo o que pensava. Pois Aldarion se apaixonaria pelo Grande Mar, e por um navio que lá navegasse longe da vista da terra, levado pelos ventos, com espuma ao pescoço, a costas e portos inimagináveis; e aquele amor e desejo jamais o abandonaram até o fim da vida.

Veantur não saiu mais de Númenor em viagem; mas presenteou Aldarion com o Númerrámar. Passados três anos, Aldarion pediu permissão para partir outra vez, e velejou até Lindon. Ficou fora três anos; e pouco tempo depois fez outra viagem, que durou quatro anos, pois diz-se que não se contentava mais em navegar a Mithlond, mas começou a explorar as costas ao sul, passando das fozes do Baranduin, do Gwathló e do Angren, circundou o escuro cabo de Ras Morthil e contemplou a grande Baía de Belfalas e as montanhas do país de Amroth onde ainda habitam os elfos nandor.

No trigésimo nono ano de sua vida, Aldarion retornou a Númenor, trazendo presentes de Gil-galad para seu pai; pois no ano seguinte, como por muito tempo proclamara, Tar-Elendil abriu mão do Cetro em favor do filho, e Tar-Meneldur tornou-se Rei. Então Aldarion refreou seu desejo e permaneceu em casa por algum tempo para consolo do pai. Nessa época fez uso dos conhecimentos que adquirira de Círdan acerca da fabricação de navios, inventando muitas coisas novas por conta própria, e também começou a empregar homens para a melhoria dos portos e dos cais, pois estava sempre ávido por construir embarcações maiores. Mas a saudade do mar o assaltou de novo, e ele partiu de Númeror repetidas vezes. E sua mente voltou-se então para aventuras que não podiam ser realizadas com a tripulação de um só navio. Portanto fundou a Corporação dos Aventureiros, que mais tarde adquiriu grande renome. A essa irmandade juntavam-se todos os marinheiros mais valentes e mais dedicados; e os jovens buscavam ser admitidos mesmo que viessem das regiões do interior de Númenor, e chamavam Aldarion de Grande Capitão. Naquela época ele, que não pretendia viver em terra em Armenelos, fez construir um navio que lhe servisse de habitação. Chamou-o portanto de *Eambar,* e às vezes navegava nele de porto em porto de Númenor, mas a maior parte do tempo estava ancorado ao largo de Tol Uinen: e essa era uma ilhota na baía de Rómenna que lá fora colocada por Uinen, a Senhora dos Mares. A bordo de *Eambar* ficava a sede dos Aventureiros, e lá se mantinham os registros de suas grandes viagens; pois Tar-Meneldur olhava com frieza os empreendimentos do filho, e não se preocupava em ouvir o relato de suas viagens, crendo que ele semeava as sementes da inquietação e o desejo de dominar outras terras.

Naquela época Aldarion apartou-se do pai, e deixou de falar abertamente sobre seus desígnios e desejos; mas Almarian, a Rainha, apoiava o filho em tudo o que fazia, e Meneldur forçosamente deixava as coisas correrem como corriam. Pois os Aventureiros tornavam-se mais numerosos e mais estimados pelos homens, e chamavam-se de *Uinendili,* amantes de Uinen; e seu Capitão tornava-se menos fácil de repreender ou refrear. Os navios dos númenorianos tinham volume e calado cada vez maiores naqueles dias. até que se tornaram capazes de fazer viagens longínquas, levando muitos homens e grandes cargas; e Aldarion costumava passar muito tempo longe de Númenor. Tar-Meneldur opunha-se sempre ao filho e limitou a derrubada de árvores em Númenor para a construção de embarcações.

Ocorreu, assim, a Aldarion a idéia de que encontraria madeira na Terra-média e lá buscaria um porto para reparar seus navios. Em suas viagens pelo litoral ele observava

com assombro as grandes florestas; e na foz do rio que os númenorianos chamavam Gwathir, Rio da Sombra, estabeleceu Vinyalonde, o Porto Novo.

No entanto, quando se haviam passado cerca de oitocentos anos desde o início da Segunda Era, Tar-Meneldur ordenou que o filho permanecesse em Númenor e durante algum tempo interrompesse suas viagens ao leste; pois desejava proclamar Aldarion Herdeiro do Rei, como naquela idade do Herdeiro haviam feito os Reis antes dele. Então Meneldur e seu filho se reconciliaram por algum tempo, e houve paz entre eles. E, em meio a alegria e festas, Aldarion foi proclamado Herdeiro, em seu centésimo ano de vida, e recebeu do pai o título e o poder de Senhor dos Navios e Portos de Númenor. Às festas em Armenelos veio um certo Beregar, de onde habitava no oeste da Ilha, e com ele veio sua filha Erendis. Ali Almarian, a Rainha, observou sua beleza, de uma espécie raramente vista em Númenor; pois Beregar provinha da Casa de Beor por antiga descendência, apesar de não pertencer à linhagem real de Elros, e Erendis possuía cabelos escuros e uma graça esbelta, com os límpidos olhos cinzentos de sua família. Mas Erendis avistou Aldarion que passava a cavalo, e por sua beleza, e pelo esplendor de seu porte, ela quase não tinha olhos para mais nada. Daí em diante Erendis tornou-se dama da casa da Rainha, e caiu também nas graças do Rei; mas pouco via de Aldarion, que se ocupava do cultivo das florestas, tratando de que nos dias vindouros não faltasse madeira em Númenor. Não demorou para que os marinheiros da Corporação dos Aventureiros ficassem inquietos, pois não se satisfaziam com viagens mais curtas e mais raras, sob comandantes menores; e, quando haviam passado seis anos desde a proclamação do Herdeiro do Rei, Aldarion resolveu navegar outra vez à Terra-média. Do Rei obteve apenas uma permissão relutante, pois recusou a recomendação do pai para ficar em Númenor e procurar uma esposa; e zarpou na primavera daquele ano. Mas, quando foi despedir-se de sua mãe, viu Erendis em meio à companhia da Rainha. Contemplando sua beleza, percebeu a força que ela trazia escondida dentro de si.

- Precisa partir de novo, Aldarion, meu filho? - perguntou-lhe então Almarian. - Não há nada que o retenha na mais bela de todas as terras mortais?

- Ainda não - respondeu - mas há em Armenelos mais beleza do que um homem poderia encontrar em outra parte, até mesmo nas terras dos eldar. Mas os marinheiros são pessoas de mente dividida, em combate consigo mesmos, e o desejo do Mar ainda me prende.

Erendis acreditou que essas palavras também haviam sido proferidas para seus ouvidos; e a partir daquele instante seu coração voltou-se totalmente para Aldarion, porém não com esperança. Naquela época não havia necessidade, por lei ou costume, de que os da casa real, nem mesmo o Herdeiro do Rei, se casassem somente com descendentes de Elros Tar-Minyatur; mas Erendis julgava que a posição de Aldarion era elevada demais. No entanto, depois disso, não olhou com estima para nenhum homem, e dispensou todos os pretendentes.

Passaram-se sete anos até Aldarion voltar, trazendo consigo minérios de prata e ouro; e falou com seu pai sobre a viagem e os feitos.

- Preferia tê-lo ao meu lado - disse-lhe Meneldur - a receber quaisquer notícias ou presentes das Terras Escuras. Esse é o papel de mercadores e exploradores, não do Herdeiro do Rei. De que nos adiantam mais prata e ouro, senão para os usarmos com altivez onde outras coisas serviriam do mesmo modo? O que é necessário na casa do Rei é um homem que conheça e ame este terra e este povo que ele irá governar.

- Não estudo os homens todos os meus dias? - perguntou Aldarion. - Sou capaz de liderá-los e governá-los como quiser.

- Diga melhor: alguns homens, de espírito semelhante ao seu - respondeu o Rei. -

Há também mulheres em Númenor, pouco menos que homens; e a não ser por sua mãe, a quem você consegue de fato dominar como quiser, o que sabe delas? No entanto, algum dia deverá tomar uma esposa.

- Algum dia! - disse Aldarion. - Mas não antes de precisar, e mais tarde, se alguém tentar impelir-me ao casamento. Tenho outras coisas para fazer que me são mais urgentes, pois minha mente está ocupada com elas. "Fria é a vida da esposa do marinheiro"; e o marinheiro de propósito único, sem ligações com a terra firme, vai mais longe e melhor aprende a lidar com o mar.

- Mais longe, porém não com mais proveito - disse Meneldur. - E não se 'lida com o mar', Aldarion, meu filho. Está esquecido de que os edain vivem aqui por graça dos Senhores do Oeste, que Uinen nos é favorável e Osse está refreado? Nossos navios são protegidos, e mãos outras que as nossas os guiam. Portanto, não exagere na altivez, ou a graça poderá minguar. E não suponha que ela se estenderá àqueles que se arriscam sem necessidade nos rochedos de praias estranhas ou nas terras dos homens das trevas.

- Qual é então o propósito da graça sobre nossos navios - perguntou Aldarion - se não podem navegar a nenhuma costa, e nada podem buscar que não tenha sido visto antes?

Não falou mais com o pai sobre tais assuntos, mas passava os dias a bordo do navio *Eambar* em companhia dos Aventureiros, e na construção de uma embarcação maior que qualquer outra feita antes: esse navio ele chamou *Palarran,* o Errante ao Longe. No entanto, agora era freqüente que se encontrasse com Erendis (e isso ocorria por trama da Rainha); e o Rei, tomando conhecimento de seus encontros, sentia-se inquieto, porém não contrariado.

- Seria mais bondoso curar Aldarion da sua inquietação - disse - antes que ele conquiste o coração de qualquer mulher.

- De que outra forma pretende curá-lo, senão pelo amor? - perguntou a Rainha.

- Erendis ainda é jovem - disse Meneldur. - A família de Erendis não tem a longa vida que é concedida aos descendentes de Elros - respondeu Almarian - e o coração dela já está conquistado.

Quando, pois, estava construído o grande navio *Palarran,* Aldarion quis partir novamente. Diante disso, Meneldur enfureceu-se; porém, graças à persuasão da Rainha, não usou o poder do Rei para retê-lo. Aqui deve-se contar o costume de que, quando um navio partia de Númenor por sobre o Grande Mar em direção à Terra-média, uma mulher, na maioria das vezes parente do capitão, colocava sobre a proa da embarcação o Ramo Verde do Retorno; ele era cortado da árvore *oiolaire,* que quer dizer "Sempre-Verão", que os eldar deram aos númenoria-nos, dizendo que a colocavam em seus próprios navios como sinal da amizade por Osse e Uinen. As folhas dessa árvore eram perenes, lustrosas e fragrantes; e ela se desenvolvia ao ar marinho. Mas Meneldur proibiu à Rainha e às irmãs de Aldarion que levassem o ramo de *oiolaire* a Rómenna, onde estava o *Palarran,* dizendo que recusava sua bênção ao filho, que saía em aventura contra a sua vontade; e Aldarion, ouvindo isto, disse: - Se tenho de partir sem bênção ou ramo, assim partirei.

Então a Rainha entristeceu-se; mas Erendis lhe disse: - *Tarinya,* se cortar o ramo da árvore élfica, eu o levarei ao porto com sua permissão; pois a mim o Rei não proibiu isso.

Os marinheiros consideraram nefasto que o Capitão tivesse de partir assim; mas, quando tudo estava pronto, e os homens preparados para levantar âncora, Erendis lá chegou, por pouco que apreciasse o ruído e a agitação do grande porto e os gritos das gaivotas. Aldarion saudou-a com espanto e alegria.

- Trouxe-lhe o Ramo do Retorno, senhor, da Rainha - disse ela.

- Da Rainha? - repetiu Aldarion em outro tom.

- Sim, senhor, mas pedi a permissão dela para assim fazer. Outros além da sua própria família hão de alegrar-se com seu retorno, assim que seja possível.

Nesse momento, Aldarion pela primeira vez olhou com amor para Erendis; e por muito tempo ficou de pé na popa, olhando para trás, enquanto o *Palarran* se fazia ao mar. Diz-se que ele apressou sua volta, e ficou em viagem menos tempo do que pretendera. Ao retornar trouxe presentes para a Rainha e as senhoras de sua casa, mas trouxe para Erendis o presente mais rico, que era um diamante. Frios foram então os cumprimentos entre o Rei e seu filho; e Meneldur repreendeu-o, dizendo que um presente semelhante era inadequado para o Herdeiro do Rei, a não ser que fosse um presente de noivado, e exigiu que Aldarion declarasse o que tinha em mente.

- Trouxe-o por gratidão - disse -, por um coração caloroso em meio ao gelo de outros.

- Corações frios não podem inflamar outros para que lhes dêem calor em suas idas e vindas - disse Meneldur; e mais uma vez instou com Aldarion para que pensasse em se casar, apesar de não falar em Erendis. Mas Aldarion não queria saber disso, pois sempre e em todos os assuntos tanto mais se opunha quanto mais insistissem os que o cercavam. E então, tratando Erendis com mais frieza, determinou-se a deixar Númenor e avançar seus planos em Vinyalonde. A vida em terra era-lhe desagradável, pois a bordo do seu navio não se sujeitava a nenhuma outra vontade, e os aventureiros que o acompanhavam conheciam somente amor e admiração pelo Grande Capitão. Mas então Meneldur o proibiu de partir; e Aldarion, antes que o inverno acabasse completamente, içou velas com uma frota de sete navios e a maior parte dos Aventureiros em desafio ao Rei. A Rainha não ousava incorrer na ira de Meneldur; mas à noite uma mulher encapuzada veio ao porto trazendo um ramo, e o entregou às mãos de Aldarion, dizendo: - Isto vem da Senhora das Terras Ocidentais - (pois assim chamavam a Erendis), e partiu na escuridão.

Diante da rebelião aberta de Aldarion, o Rei rescindiu sua autoridade como Senhor dos Navios e Portos de Númenor; fez fechar a Sede dos Aventureiros a bordo de *Eambar* bem como os estaleiros de Rómenna e proibiu a derrubada de qualquer árvore para a construção de navios. Passaram-se cinco anos; e Aldarion voltou com nove navios, pois dois haviam sido construídos em Vinyalonde, e estavam carregados de excelentes madeiras das florestas costeiras da Terra-média. Foi grande a ira de Aldarion quando descobriu o que fora feito.

- Se não posso ter boas-vindas em Númenor, nem trabalho para fazer com minha mãos, e se meus navios não podem ser reparados nos seus portos, então partirei de novo e logo - disse ele ao pai -, pois os ventos foram violentos, e preciso de reaparelhamento. O filho de um Rei não tem nada mais a fazer senão estudar os rostos das mulheres para encontrar uma esposa? Assumi o trabalho da silvicultura, e nele tenho sido prudente. Haverá mais madeira em Númenor antes que terminem meus dias do que há sob o seu cetro. - E, fiel à sua palavra, Aldarion partiu outra vez no mesmo ano, com três navios e os mais audazes dentre os Aventureiros, saindo sem bênção nem ramo; pois Meneldur impôs um interdito sobre todas as mulheres de sua casa e dos Aventureiros, e colocou uma guarda em torno de Rómenna.

Nessa viagem Aldarion ficou tanto tempo fora que as pessoas temeriam por ele; e o próprio Meneldur inquietou-se, a despeito da graça dos Valar que sempre protegera os navios de Númenor. Quando se haviam passado dez anos desde que Aldarion partira, Erendis acabou perdendo a esperança; e, crendo que Aldarion tivesse encontrado alguma fatalidade, ou então que tivesse decidido habitar na Terra-média, e também para escapar aos pretendentes importunos, pediu permissão à Rainha e, partindo de Armenelos, voltou

à sua própria família nas Terras Ocidentais. Porém, após mais quatro anos, Aldarion finalmente retornou, e seus navios estavam danificados e quebrados pelo mar. Velejara primeiro ao porto de Vinyalonde, e de lá fizera uma grande viagem costeira para o sul, muito além de qualquer lugar jamais alcançado pelos navios dos númenorianos; mas, ao voltar para o norte, encontrara ventos contrários e grandes tempestades. Mal tendo escapado ao naufrágio no Harad, encontrou Vinyalonde destroçado por enormes ondas e saqueado por homens hostis. Três vezes foi impedido de atravessar o Grande Mar por ventos fortíssimos vindos do oeste, e seu próprio navio foi atingido por um raio, perdendo os mastros. Somente a duras penas nas águas profundas conseguiu finalmente chegar ao porto em Númenor. Muito consolou-se Meneldur à volta de Aldarion; mas repreendeu-o por sua rebelião contra o rei e pai, pela qual abriu mão da guarda dos Valar e arriscou atrair a ira de Osse, não somente para si, mas também para os homens que a si ligara pela devoção. Então Aldarion abrandou sua disposição e recebeu o perdão de Meneldur, que lhe restituiu o título de Senhor dos Navios e Portos, e acrescentou o de Mestre das Florestas.

Aldarion entristeceu-se ao ver que Erendis deixara Armenelos, mas era demasiado orgulhoso para buscá-la. E de fato não poderia fazer isso, se não fosse para pedi-la em casamento, e ainda era refratário a comprometer-se. Empenhou-se em reparar o que negligenciara em sua longa ausência, pois estivera fora por cerca de vinte anos; e naquela época grandes obras portuárias foram realizadas, especialmente em Rómenna. Descobriu que muitas árvores haviam sido derrubadas para construções e para a fabricação de muitas coisas, mas tudo fora feito de modo imprevidente, e pouco fora plantado para repor o que havia sido tirado. Viajou então por Númenor inteira para inspecionar as florestas existentes.

Certo dia, cavalgando nas florestas das Terras Ocidentais, viu uma mulher cujos cabelos escuros ondulavam ao vento, e ela estava envolta num manto verde preso ao pescoço por uma jóia brilhante. Supôs que ela pertencesse aos eldar, que às vezes vinham àquela parte da Ilha. Mas ela se aproximou; ele reconheceu que era Erendis; e viu que a jóia era a que ele lhe dera. Então subitamente conheceu em si o amor que tinha a ela e sentiu o vazio de seus dias. Erendis empalideceu ao vê-lo e quis fugir cavalgando, mas ele foi muito ligeiro.

- Certamente mereço que você fuja de mim, que tantas vezes e para tão longe fugi! Mas perdoe-me, e fique agora. - Então cavalgaram juntos à casa de Beregar, o pai dela, e lá Aldarion expôs seu desejo de contrair noivado com Erendis; mas agora Erendis relutava, embora estivesse na idade certa para casar-se, conforme o costume e a vida de sua gente. O amor que sentia por ele não diminuíra, nem ela recuou por astúcia; mas agora temia em seu coração que, na guerra entre ela e o Mar pela posse de Aldarion, ela não venceria. Erendis nunca aceitaria menos para não perder tudo. E, temendo o Mar, e culpando todos os navios pela derrubada das árvores que apreciava, decidiu que teria de derrotar totalmente o Mar e os navios, ou então ser ela totalmente derrotada.

Aldarion, entretanto, cortejou Erendis com sinceridade, e ia aonde quer que ela fosse. Deixou de lado os portos e os estaleiros bem como todos os interesses da Corporação dos Aventureiros, sem derrubar árvores, e sim dedicando-se apenas ao seu plantio. Com isso encontrou mais contentamento naquela época do que em qualquer outra de sua vida, apesar de não o saber até se recordar dela, muito depois, quando já estava idoso. Após algum tempo tentou persuadir Erendis a navegar com ele numa viagem em torno da Ilha, no navio *Eambar,* pois já se haviam passado cem anos desde que Aldarion fundara a Corporação dos Aventureiros, e haveria festas em todos os portos de Númenor. Com isso Erendis consentiu, disfarçando a repulsa e o temor; e partiram de Rómenna para

chegar a Andúnie do lado oeste da Ilha. Lá Valandil, Senhor de Andúnie e parente próximo de Aldarion, realizou uma grande festa; e nessa festa bebeu à saúde de Erendis, chamando-a *Uinéniel,* Filha de Uinen, a nova Senhora do Mar. Mas Erendis, que estava sentada ao lado da esposa de Valandil, disse em voz alta: - Não me chame por tal nome! Não sou filha de Uinen: ela é, sim, minha inimiga.

Depois disso, por algum tempo, as dúvidas voltaram a assaltar Erendis, pois Aldarion mais uma vez voltou seus pensamentos às obras em Rómenna, ocupando-se em construir grandes quebra-mares, e em erguer uma alta torre em Tol Uinen: *Calmindon,* a Torre da Luz, era seu nome. Mas quando essas obras estavam prontas Aldarion voltou a Erendis e instou para que noivassem. No entanto ela ainda contemporizou.

- Viajei de navio com você, senhor. Antes de lhe dar minha resposta, não quer viajar comigo em terra firme, aos lugares que amo? Você conhece muito pouco sobre esta terra, para alguém que há de ser Rei dela. - Portanto partiram juntos, e chegaram a Emerie, onde havia ondulantes colinas relvadas, e esse era o principal local de pastoreio de ovelhas em Númenor; e viram as casas brancas dos fazendeiros e dos pastores, e ouviram o balido dos rebanhos.

- Aqui eu poderia ficar em paz! - disse Erendis a Aldarion naquele lugar.

- Você há de morar onde quiser, como esposa do Herdeiro do Rei - disse Aldarion. - E como Rainha em muitas belas casas, conforme desejar.

- Quando você for Rei, serei velha - disse Erendis. - Onde habitará o Herdeiro do Rei enquanto isso?

- Com sua esposa - disse Aldarion -, quando seus trabalhos o permitirem, caso ela não possa compartilhá-los.

- Não compartilharei meu marido com a Senhora Uinen - disse Erendis.

- Essa é uma expressão capciosa - disse Aldarion. - Da mesma forma eu poderia dizer que não compartilharei minha esposa com o Senhor Orome das Florestas, porque ela aprecia as árvores que crescem selvagens.

- De fato você não faria isso - disse Erendis -, pois derrubaria qualquer madeira como dádiva a Uinen, se assim lhe aprouvesse.

- Diga o nome de qualquer árvore que aprecia, e ela há de ficar em pé até morrer - disse Aldarion.

- Aprecio todas as que crescem nesta Ilha - disse Erendis. Então cavalgaram em silêncio por muito tempo. Depois daquele dia separaram-se, e Erendis voltou à casa de seu pai. A ele nada disse, mas a sua mãe, Núneth, contou as palavras que haviam sido pronunciadas entre ela e Aldarion.

- Tudo ou nada, Erendis - disse Núneth. - Assim você era quando criança. Mas você ama esse homem, e é um grande homem, sem falar da sua posição. Você não expulsará seu amor do coração com tanta facilidade, não sem grande mágoa. Uma mulher tem de compartilhar o amor do marido por seu trabalho e o fogo do seu espírito, ou então transformá-lo em algo que não pode ser amado. Mas duvido que você alguma vez compreenda esse conselho. No entanto, estou aflita, pois é mais do que tempo de você casar-se; e, já que dei à luz uma bela criança, eu esperava ver belos netos; e não me desagradaria que tivessem seus berços na casa do Rei.

Esse conselho de fato não comoveu a mente de Erendis. Ainda assim, ela descobriu que seu coração não estava sujeito à sua vontade, e que seus dias eram vazios: mais vazios que nos anos em que Aldarion estivera viajando. Pois ele ainda vivia em Númenor; e no entanto os dias passavam, sem que ele voltasse ao oeste.

Então a Rainha Almarian, tendo sido informada por Núneth do que ocorrera e temendo que Aldarion voltasse a buscar consolo nas viagens (pois estivera em terra por

muito tempo), mandou pedir a Erendis que voltasse a Armenelos; e Erendis, por insistência de Núneth e do seu próprio coração, fez o que lhe foi pedido. Lá ela se reconciliou com Aldarion; e na primavera do ano, quando chegou a época do *Erukyerme,* eles subiram no séquito do Rei até o píncaro da Meneltarma, que era a Montanha Sagrada dos númenorianos. Quando todos haviam descido outra vez, Aldarion e Erendis ficaram para trás; e olharam longe, vendo a seus pés toda a Ilha de Ponente, verdejan-te na primavera. E viram o rebrilhar da luz no oeste, onde ficava a longínqua Avallóne, e as sombras no leste sobre o Grande Mar; e o Menel estava azul sobre eles. Não falaram, pois ninguém, a não ser o Rei, falava nas alturas da Meneltarma; mas, ao descerem, Erendis deteve-se por um momento, olhando em direção a Emerie, e além, para as florestas do seu lar.

- Você não ama o Yôzâyan? - perguntou ela.

- Amo-o de fato - respondeu ele -, porém creio que você duvida disso. Pois também penso no que poderá se tornar em tempos vindouros, e na esperança e no esplendor de seu povo; e acredito que uma dádiva não deveria jazer ociosa no tesouro.

- As dádivas que vêm dos Valar, e do Um através deles, devem ser amadas por si sós agora, e em todos os agoras - disse Erendis, discordando de suas palavras. - Não foram dadas para serem permutadas por mais ou por melhor. Os edain continuam homens mortais, Aldarion, por grandiosos que sejam: e não podemos residir no tempo que está por vir, pois assim perderíamos nosso agora em troca de um fantasma que nós mesmos inventamos. - Então, tirando subitamente a jóia do pescoço, perguntou-lhe: - Gostaria que eu desse esta em troca, para comprar outros bens que desejo?

- Não! - disse ele. - Mas você não a mantém trancada num tesouro. No entanto creio que lhe dá demasiado valor; pois é ofuscada pela luz dos seus olhos. - Então beijou-a nos olhos, e naquele momento ela pôs o temor de lado e o aceitou; e seu casamento foi contratado na íngreme trilha da Meneltarma.

Então retornaram a Armenelos, e Aldarion apresentou Erendis a Tar-Meneldur como noiva do Herdeiro do Rei; e o Rei alegrou-se, e houve festejos na cidade e em toda a Ilha. Como presente de noivado, Meneldur deu a Erendis uma generosa porção de terra em Emerie, e lá fez construir para ela uma casa branca. Mas Aldarion disse a ela: - Tenho outras jóias acumuladas, presentes de reis em terras longínquas a quem os navios de Númenor levaram auxílio. Tenho gemas verdes como a luz do sol nas folhas das árvores que você aprecia.

- Não! - disse Erendis. - Já tenho meu presente de noivado, apesar de tê-lo recebido antecipadamente. É a única jóia que tenho ou desejo ter, e dar-lhe-ei ainda mais valor. - Então ele viu que ela mandara engastar a pedra branca como uma estrela em um filete de prata; e a pedido de Erendis ele lhe atou o filete na testa. Assim Erendis a usou por muitos anos, até que sobreviesse o pesar; e assim a conheciam por toda parte como Tar-Elestirne, a Senhora da Fronte Estrelada. Por algum tempo houve paz e alegria em Armenelos, na casa do Rei, e em toda a Ilha, e está registrado em antigos livros que houve grande fertilidade no verão dourado daquele ano, que foi o octingentésimo qüinquagésimo oitavo da Segunda Era.

Dentre o povo, porém, somente os marinheiros da Corporação dos Aventureiros estavam descontentes. Durante quinze anos Aldarion permanecera em Númenor sem liderar nenhuma expedição ao estrangeiro. E, apesar de haver valorosos capitães treinados por ele, sem a riqueza e a autoridade do filho do Rei, suas viagens tornaram-se mais raras e mais breves, e muito raramente iam além da terra de Gil-galad. Ademais, a madeira tornara-se escassa nos estaleiros, pois Aldarion negligenciara as florestas; e os Aventureiros instaram com ele para que retornasse a esse trabalho. Diante desse pedido,

Aldarion assim fez, e inicialmente Erendis o acompanhava nos bosques; mas ela se entristecia com a visão das árvores derrubadas em seu apogeu, e depois cortadas e serradas. Portanto, logo Aldarion estava indo sozinho, e eles faziam menos companhia um ao outro.

Enfim chegou o ano em que todos esperavam pelo casamento do Herdeiro do Rei; pois não era costume que o noivado durasse muito mais que três anos. Certa manhã daquela primavera, Aldarion subiu a cavalo desde o porto de Andúnie, tomando a estrada para a casa de Beregar; pois ia hospedar-se lá, e para lá Erendis o precedera, vinda de Armenelos pelas estradas da região. Ao chegar ao topo do grande penhasco que se destacava da terra e protegia o porto ao norte, virou-se e olhou para trás, por sobre o mar. Soprava um vento oeste, como era comum naquela estação, preferida pelos que pretendessem velejar à Terra-média, e ondas de cristas brancas marchavam para a praia. Então, de repente, a saudade do mar o acometeu, como se uma grande mão se deitasse sobre sua garganta, seu coração bateu forte, e sua respiração se deteve. Lutou para controlar-se, deu a volta por fim e seguiu viagem. E propositadamente passou pela floresta onde vira Erendis cavalgando como se fosse uma dos eldar, quinze anos antes. Quase ansiava por vê-la de novo daquele modo; mas ela não estava lá, e o desejo de rever seu rosto o apressou, de modo que chegou à casa de Beregar antes do cair da tarde.

Lá ela lhe deu as boas-vindas, contente, e ele se alegrou; mas nada disse acerca do casamento, embora todos imaginassem que isso fazia parte de sua missão às Terras Ocidentais. À medida que os dias passavam, Erendis observou que agora ele costumava ficar em silêncio quando na companhia de outros mais animados; e, quando olhava de repente na sua direção, via que ele a estava contemplando. Então o coração de Erendis abalou-se; pois os olhos azuis de Aldarion agora lhe pareciam cinzentos e frios, e no entanto ela percebia como que uma fome no seu olhar. Essa expressão ela o vira antes com demasiada freqüência, e temia o que preconizava, mas nada disse. Diante disso Núneth, que percebia tudo o que estava acontecendo, alegrou-se, pois “as palavras conseguem abrir feridas”, como dizia. Logo depois Aldarion e Erendis partiram a cavalo, de volta a Armenelos; e, à medida que se afastavam do mar, ele voltou a alegrar-se. Ainda assim nada disse a ela sobre sua perturbação, pois na verdade estava em guerra consigo mesmo, e irresoluto. Assim avançou o ano, e Aldarion não falava nem do mar nem do casamento, mas muitas vezes esteve em Rómenna e na companhia dos Aventureiros. Por fim, quando chegou o ano seguinte, o Rei chamou-o aos seus aposentos. Estavam os dois juntos à vontade, e o amor que tinham um pelo outro não estava mais nublado.

- Meu filho - disse Tar-Meneldur -, quando me dará a filha que desejei por tanto tempo? Agora passaram-se mais de três anos, e isso já basta. Espanto-me de que você consiga suportar tamanha demora.

Então Aldarion permaneceu em silêncio, mas finalmente disse: - Fui atacado outra vez, *Atarinya.* Dezoito anos são um longo jejum. Mal consigo deitar-me quieto na cama, ou manter-me a cavalo, e o chão duro de pedra fere-me os pés.

Então Meneldur afligiu-se, e sentiu pena do filho; mas não compreendia sua perturbação, pois ele mesmo jamais amara os navios.

- Ai! Mas você está noivo. E pelas leis de Númenor e os bons costumes dos eldar e edain um homem não há de ter duas esposas. Você não pode casar-se com o Mar, pois está prometido a Erendis.

Endureceu-se então o coração de Aldarion, pois essas palavras lhe recordavam a conversa com Erendis quando passavam por Emerie; e pensou (porém falsamente) que ela consultara seu pai. Quando achava que os outros estavam em conluio para forçá-lo a seguir por algum caminho que escolheram, sempre era sua tendência afastar-se dele.

- Os ferreiros podem forjar, os cavaleiros cavalgar, e os mineiros escavar, quando estão noivos - disse. - Então por que os marinheiros não podem navegar?

- Se os ferreiros passassem cinco anos na bigorna, seriam poucas as esposas de ferreiros - disse o Rei. - E as esposas de marinheiros são poucas, e suportam o que têm de suportar, pois tal é sua subsistência e sua necessidade. O Herdeiro do Rei não é marinheiro de ofício, nem está sob necessidade.

- Além da subsistência há outras necessidades que impelem um homem - disse Aldarion. - E ainda temos muitos anos pela frente.

- Não, não - disse Meneldur -, você não dá o devido valor à sua graça. Erendis tem esperança mais breve que você, e seus anos fenecem mais depressa. Ela não é da linhagem de Elros, e já o ama há muitos anos.

- Refreou-se por quase doze anos, quando eu estava desejoso - disse Aldarion. - Não peço nem um terço desse tempo.

- Naquela época ela não era noiva - disse Meneldur. -Mas nenhum de vocês está livre agora. E, se ela se refreou, não duvido que fosse por medo do que agora parece provável, caso você não consiga se dominar. De algum modo você deve ter acalmado esse medo; e, embora você possa não ter dito nada às claras, mesmo assim está obrigado, creio eu.

- Seria melhor eu mesmo falar com minha noiva - disse então Aldarion, furioso -, e não parlamentar por procuração. - E saiu da presença do pai. Pouco depois falou com Erendis do seu desejo de voltar a viajar sobre as grandes águas, dizendo que não encontrava nem sono nem repouso. Mas ela permaneceu sentada, pálida e calada.

- Pensei que tivesse vindo falar de nosso casamento - disse ela por fim.

- Falarei - disse Aldarion. - Há de ser logo após meu retorno, se você puder esperar. - Mas, vendo o pesar no rosto da noiva, comoveu-se, e veio-lhe uma idéia. - Há de ser agora - disse. - Há de ser antes que este ano termine. E então equiparei um navio tal como os Aventureiros jamais fizeram, a casa de uma Rainha sobre as águas. E você há de navegar comigo, Erendis, sob a graça dos Valar, de Yavanna e de Orome a quem você ama. Há de navegar a terras onde lhe mostrarei bosques como nunca viu, onde ainda agora cantam os eldar; ou florestas maiores que Númenor, livres e selvagens desde o início dos dias, onde ainda se pode ouvir a grande trompa de Orome, o Senhor.

- Não, Aldarion - disse Erendis, chorando. - Alegro-me de que o mundo ainda contenha essas coisas de que você fala; mas não hei de vê-las jamais. Pois não desejo isso: meu coração está entregue às florestas de Númenor. E ai! Se eu embarcasse por amor a você, não haveria de voltar. É algo que está além de minhas forças suportar; e longe das vistas da terra eu haveria de morrer. O Mar me odeia; e agora ele está vingado porque o mantive longe dele e ainda assim fugi de você. Vá, meu senhor! Mas tenha piedade, e não leve tantos anos quantos antes perdi.

Envergonhou-se então Aldarion; pois, assim como ele falara ao pai em ira incontida, ela agora falava com amor. Não navegou naquele ano, mas encontrou pouca paz e alegria.

- Longe das vistas da terra ela morrerá! - dizia. - Logo morrerei, se vir a terra por mais tempo. Então, se quisermos passar juntos alguns anos, tenho de ir sozinho, e ir logo. - Portanto, aprestou-se afinal para zarpar na primavera; e os Aventureiros estavam contentes, mesmo sendo os únicos na Ilha entre os que sabiam o que estava ocorrendo. Tripularam-se três navios, e no mês cie Víresse partiram. A própria Erendis pôs o ramo verde de *oiolaire* na proa do *Palarran,* e ocultou as lágrimas até que o navio saísse das grandes muralhas novas do porto.

Seis anos e mais passaram-se antes que Aldarion retornasse a Númenor. Encontrou

até mesmo Almarian, a Rainha, mais fria nas boas-vindas, e os Aventureiros haviam caído em desfavor; pois achava-se que ele maltratara Erendis. Mas na verdade estivera fora por mais tempo do que pretendera, pois descobrira que o porto de Vinyalonde estava agora totalmente arruinado, e grandes marés haviam aniquilado toda a sua labuta em restaurá-lo. Os homens próximos à costa começavam a temer os númenorianos, ou tornavam-se abertamente hostis; e Aldarion ouviu rumores sobre um senhor na Terra-média que odiava os homens dos navios. Então, quando estava prestes a voltar para casa, um grande vento veio do sul. e ele foi carregado longe para o norte. Deteve-se algum tempo em Mithlond, mas, quando seus navios outra vez se fizeram ao mar, de novo foram varridos para o norte, impelidos para perigosos ermos congelados, e sofreram com o frio. Finalmente o mar e o vento se abrandaram, mas no mesmo instante em que Aldarion fitava saudoso desde a proa do *Palarran* e enxergou a Meneltarma ao longe, seu olhar recaiu no ramo verde, e viu que ele estava murcho. Então Aldarion ficou consternado, pois jamais ocorrera nada semelhante com o ramo de *oiolaire* enquanto era lavado pela espuma do mar.

- Está congelado, Capitão - disse um marinheiro que estava ao seu lado. - O frio foi demasiado. Estou contente em ver a Coluna.

Quando Aldarion foi ter com Erendis, ela o olhou de modo penetrante, mas não se adiantou para encontrá-lo; e por um tempo ele ficou de pé, sem saber o que dizer, ao contrário do que costumava.

- Sente-se, meu senhor - disse Erendis -, e conte-me primeiro todos os seus feitos. Muito deve ter visto e realizado nesses longos anos!

Então Aldarion começou, hesitante, e ela permaneceu em silêncio, escutando, enquanto ele contava toda a história de suas provações e tardanças; e quando ele terminou ela disse: - Agradeço aos Valar, por cuja graça você finalmente retornou. Mas também lhes agradeço não ter ido com você; pois haveria de murchar mais depressa que qualquer ramo verde.

- Seu ramo verde não viajou até o frio intenso por vontade própria - respondeu ele. - Mas dispense-me agora se quiser, e não creio que ninguém a culpe. No entanto, não devo ousar ter esperança de que seu amor seja capaz de suportar mais do que o belo *oiolaire.*

- Assim é de fato - disse Erendis. - Ele ainda não está morto de frio. Aldarion. Ai! Como posso dispensá-lo, quando outra vez o vejo, retornando belo como o sol após o inverno?

- Então que comecem agora a primavera e o verão! - disse ele.

- E que não volte o inverno - disse Erendis.

Então, para alegria de Meneldur e Almarian, o casamento do Herdeiro do Rei foi proclamado para a primavera seguinte; e assim aconteceu. No octingentésimo septuagésimo ano da Segunda Era, Aldarion e Erendis casaram-se em Armenelos, e em todas as casas havia música, e em todas as ruas os homens e as mulheres cantavam. E depois o Herdeiro do Rei e sua noiva cavalgaram a seu bel-prazer por toda a Ilha, até que no solstício de verão chegaram a Andúnie, onde o último banquete foi preparado por seu senhor, Valandil; e todo o povo das Terras Ocidentais lá estava reunido, por amor a Erendis e orgulho de que haveria de provir deles uma Rainha de Númenor.

Na manhã anterior à comemoração, Aldarion olhou pela janela do quarto de dormir, que dava para o oeste, sobre o mar.

- Veja, Erendis! - exclamou. - Lá está um navio correndo para o porto; e não é um navio de Númenor, mas um navio no qual nem você nem eu jamais haveremos de pôr os pés, mesmo que queiramos. - Então Erendis observou, e viu um alto navio branco, com

aves brancas girando ao sol em toda a volta; e suas velas rebrilhavam prateadas, enquanto ele navegava para o porto com espuma à proa. Assim os eldar homenageavam o casamento de Erendis, por amor ao povo das Terras Ocidentais, que eram os mais próximos na sua amizade. Seu navio estava carregado de flores para adornar a comemoração, de forma que todos os que lá se sentaram, quando chegou a tardinha, estavam coroados de *elanor* e da doce *lissuin,* cuja fragrância traz conforto ao coração. Também trouxeram menestréis, cantores que recordavam canções dos elfos e dos homens dos dias de Nargothrond e Gondolin, muito tempo atrás; e muitos dos eldar, altos e belos, sentavam-se às mesas entre os homens. Mas o povo de Andúnie, observando a feliz companhia, dizia que nenhum deles era mais belo que Erendis; e diziam que seus olhos eram tão luminosos quanto os olhos de Morwen Eledhwen de outrora, ou mesmo quanto os de Avallóne.

Os eldar também trouxeram muitos presentes. A Aldarion deram uma árvore nova cuja casca era branca como neve, e cujo tronco era reto, forte e flexível como se fosse de aço; mas ainda não tinha folhas. - Agradeço-lhes - disse Aldarion aos elfos. - A madeira de tal árvore deve ser preciosa de fato.

- Talvez; não o sabemos - disseram. - Nenhuma delas jamais foi derrubada. Dá folhas frescas no verão, e flores no inverno. É por isso que a apreciamos.

A Erendis deram um casal de aves, cinzentas com bicos e pés dourados. Cantavam docemente uma para a outra, com muitas cadências que nunca se repetiam por todo um longo gorjeio melódico; mas, se fossem apartadas, imediatamente voavam uma para junto da outra, e não cantavam separadas.

- Como hei de guardá-las? - perguntou Erendis.

- Deixe-as voar e ser livres - responderam os eldar. - Pois falamos com elas e mencionamos seu nome; e ficarão onde quer que você more. Formam um par por toda a vida, e têm vida longa. Talvez haja muitas dessas aves a cantar nos jardins dos seus filhos. Naquela noite Erendis despertou, e uma doce fragrância vinha através da treliça; mas a noite estava luminosa, pois a lua cheia estava se pondo. Então, deixando seu leito, Erendis olhou para fora e viu toda a terra a dormir em prata; mas as duas aves estavam sentadas lado a lado no seu peitoril.

Quando terminou a comemoração, Aldarion e Erendis foram passar algum tempo em casa dela; e outra vez as aves empoleiraram-se no peitoril de sua janela. Mais tarde, despediram-se de Beregar e Núneth, e por fim cavalgaram de volta a Armenelos. Pois lá, pelo desejo do Rei, iria morar seu Herdeiro, e uma casa foi-lhes preparada em meio a um jardim de árvores. Lá plantaram a árvore élfica, e as aves élficas cantavam em seus ramos.

Dois anos mais tarde, Erendis concebeu e, na primavera do ano seguinte, deu uma filha a Aldarion. Mesmo desde o nascimento era uma bela criança, e crescia sempre em beleza: a mulher mais linda, como relatam os antigos contos, que um dia nasceu na linhagem de Elros, exceto Ar-Zimraphel, a última. Quando chegou o tempo de lhe dar o primeiro nome, chamaram-na Ancalime. Erendis tinha o coração alegre, pois pensava: - Agora certamente Aldarion desejará um filho para ser seu herdeiro, e por muito tempo ainda habitará comigo. - Pois secretamente ela ainda temia o Mar e seu poder sobre o coração do marido; e, apesar de procurar esconder isso e falar com ele sobre suas antigas aventuras, suas esperanças e planos, observava com ciúme se ele ia ao seu navio-casa ou passava muito tempo com os Aventureiros. Uma vez Aldarion pediu-lhe que fosse a *Bambar,* mas, vendo depressa nos olhos dela que ela não o faria de boa vontade, nunca mais insistiu com ela. O temor de Erendis não era sem causa. Quando Aldarion estivera em terra por cinco anos, começou a se dedicar novamente à sua ocupação de Mestre das

Florestas e freqüentemente passava muitos dias longe de casa. Agora havia de fato madeira bastante em Númenor (e isso se devia principalmente à sua prudência); no entanto, como a população tinha se tornado mais numerosa, havia sempre necessidade de madeira para construções e para o fabrico de muitas outras coisas. Pois naqueles dias de outrora, apesar de muitos serem extremamente habilidosos com pedras e com metais (já que os edain de outrora muito haviam aprendido com os noldor), os númenorianos gostavam de objetos feitos de madeira, fosse para o uso diário, fosse pela beleza do entalhe. Naquela época, Aldarion voltou a dar mais atenção ao futuro, sempre plantando onde se derrubava, e fez plantar novas florestas onde houvesse espaço, terra livre que fosse adequada a árvores de diferentes espécies. Foi então que se tornou mais conhecido como Aldarion, nome pelo qual é lembrado entre os que detiveram o cetro em Númenor. No entanto, a muitos além de Erendis parecia que ele tinha pouco amor pelas árvores em si, e cuidava delas mais como madeira que serviria a seus planos.

Não era muito diversa a sua relação com o Mar. Pois, como Núneth dissera a Erendis muito tempo antes: - Ele pode amar os navios, minha filha, pois eles são feitos pela mente e pelas mãos dos homens; mas creio que não são os ventos nem as grandes águas que fazem seu coração arder dessa maneira, nem a visão de terras estranhas, mas, sim, uma chama na sua mente, ou um sonho que o persegue. - E pode ser que ela tenha se aproximado da verdade; pois Aldarion era homem de grande visão, e previa dias em que o povo precisaria de mais espaço e maior riqueza; e quer ele próprio o soubesse com clareza, quer não, sonhava com a glória de Númenor e o poder de seus reis, e buscava pontos de apoio a partir dos quais pudessem passar a maiores conquistas. Assim ocorreu que antes de passar muito tempo ele de novo se voltou da silvicultura para a construção de navios, e lhe veio uma visão de uma enorme embarcação, como um castelo com altos mastros e grandes velas como nuvens, levando homens e estoques suficientes para uma cidade. Então nos estaleiros de Rómenna as serras e os martelos se atarefaram, enquanto tomava forma entre muitas embarcações menores um enorme casco com nervuras; e os homens se admiravam com ele. *Turuphanto,* a Baleia de Madeira, eles a chamavam, mas não era esse seu nome.

Erendis soube dessas coisas, apesar de Aldarion não lhe ter falado delas, e inquietou-se.

- O que é toda essa ocupação com navios, Senhor dos Portos? - perguntou-lhe, portanto, certo dia. - Não temos o bastante? Quantas belas árvores tiveram suas vidas encurtadas este ano? - Falava com leveza, e sorria ao falar.

- Um homem precisa de trabalho para fazer em terra - respondeu ele -, mesmo que tenha uma bela esposa. As árvores brotam e as árvores tombam. Planto mais do que derrubam.

- Também ele falou em tom leve, mas não lhe olhou no rosto; e não voltaram a tocar nesse assunto.

Mas, quando Ancalime tinha quase quatro anos, Aldarion por fim declarou abertamente a Erendis seu desejo de voltar a navegar a partir de Númenor. Ela permaneceu calada, pois ele nada disse que ela já não soubesse; e as palavras eram em vão. Ele esperou até o aniversário de Ancalime, e muito se ocupou dela nesse dia. Ela ria e estava contente, embora outros naquela casa não estivessem; e ao deitar-se disse ao pai: - Aonde vai levar-me neste verão, *tatanya?* Eu gostaria de ver a casa branca na terra dos carneiros de que *mamil* fala. - Aldarion não respondeu; e no dia seguinte saiu de casa e passou alguns dias fora. Quando tudo estava pronto, voltou e despediu-se de Erendis. Então, contra sua vontade, vieram lágrimas aos olhos de Erendis. Elas o entristeceram, e no entanto o irritaram, pois já estava resolvido, e seu coração se endureceu. - Ora,

Erendis! - disse. -Por oito anos fiquei aqui. Não se pode atar para sempre com amarras delicadas o filho do Rei, do sangue de Tuor e Earendil! E não caminho para minha morte. Breve hei de voltar.

- Breve? - perguntou ela. - Mas os anos são implacáveis, e você não os trará de volta em sua companhia. E os meus são mais curtos que os seus. Minha juventude se escoa; e onde estão meus filhos, e onde está seu herdeiro? Por muito tempo meu leito esteve frio e ultimamente com maior freqüência.

- Ultimamente com freqüência pensei que você o preferisse assim - disse Aldarion. - Mas não nos encolerizemos, mesmo discordando. Olhe em seu espelho, Erendis. Você é bela, e aí não há ainda nenhuma sombra da idade. Você tem tempo de sobra para o que pretendo. Dois anos! Dois anos é tudo o que peço!

- Preferia dizer: "Dois anos tomarei, queira você ou não". - respondeu Erendis. - Tome dois anos então! Porém não mais. O filho de um Rei do sangue de Earendil deveria ser também um homem de palavra.

Na manhã seguinte, Aldarion saiu às pressas. Ergueu Ancalime e a beijou; mas, apesar de ela se agarrar a ele, Aldarion a colocou depressa no chão e partiu a cavalo. Logo depois o grande navio zarpou de Rómenna. *Hirilonde* ele o chamou, Descobridor de Portos; mas partiu de Númenor sem a bênção de Tar-Meneldur; e Erendis não estava no porto para colocar o verde Ramo do Retorno, nem mandou ninguém. O rosto de Aldarion estava sombrio e perturbado enquanto ele estava postado à proa de *Hirilonde,* onde a esposa de seu capitão colocara um grande ramo de *oiolaire;* mas não olhou para trás até que a Meneltarma estivesse muito longe no crepúsculo.

Naquele dia inteiro Erendis ficou sentada em seu quarto, só e aflita; porém mais fundo no coração sentiu uma nova dor de ira fria, e seu amor por Aldarion foi ferido no âmago. Odiava o Mar; e agora até mesmo as árvores, que amara outrora, ela não desejava mais ver, pois lhe lembravam os mastros dos grandes navios. Portanto, dentro em pouco deixou Armenelos, e foi para Emerie no meio da Ilha, onde sempre, longe e perto, o balido dos carneiros era trazido pelo vento.

- É mais doce aos meus ouvidos que o piado das gaivotas - disse ela, parada às portas de sua casa branca, presente do Rei; esta ficava em um declive dando para o oeste, com amplos gramados em toda a volta que se fundiam sem muro nem sebe com as pastagens. Para lá levou Ancalime, e eram sempre a única companhia uma da outra. Pois Erendis só tinha serviçais em sua casa, e todas eram mulheres. E procurava sempre moldar a filha conforme sua própria mente, e alimentá-la com seu próprio rancor contra os homens. Na verdade Ancalime raramente via algum homem, pois Erendis não usava pompa, e seus poucos serviçais da fazenda e pastores tinham uma habitação ao longe. Outros homens lá não chegavam, exceto raramente algum mensageiro do Rei, que logo ia embora e logo partia a cavalo, pois aos homens parecia haver na casa um ar gélico que os punha em fuga, e enquanto estavam lá sentiam-se constrangidos a falar a meia voz.

Certa manhã, logo depois que Erendis chegou a Emerié, despertou com o canto de pássaros, e lá, no peitoril de sua janela, estavam as aves élficas que por muito tempo haviam morado em seu jardim em Armenelos, mas que deixara para trás, esquecidas.

- Bobinhas, vão embora! - disse. - Aqui não é lugar para alegria tal como a sua.

Então cessou seu canto, e elas alçaram vôo acima das árvores; três vezes rodaram sobre o telhado e então foram-se para o oeste. Naquela tardinha, pousaram no peitoril do quarto na casa de seu pai, onde se deitara com Aldarion na volta da comemoração em Andúnie; e lá Núneth e Beregar as encontraram na manhã do dia seguinte. Mas, quando Núneth lhes estendeu as mãos, elas voaram direto para o alto e fugiram, e ela as observou até se tornarem pontinhos à luz do sol, voando velozes para o mar, de volta à terra de

onde haviam vindo.

- Então ele se foi de novo e a deixou - disse Núneth.

- Mas por que ela não deu notícias? - perguntou Beregar. - Ou por que não veio para casa?

- Mandou notícias bastantes - perguntou Núneth. - Pois dispensou as aves élficas, e esse foi um erro. Não é bom presságio. Por quê, por quê, minha filha? Certamente sabia o que tinha de enfrentar? Mas deixe-a a sós, Beregar, onde quer que esteja. Este não é mais o seu lar, e não se curará aqui. Ele há de voltar. E então que os Valar enviem sabedoria a Erendis - ou astúcia, ao menos!

Quando chegou o segundo ano após a partida de Aldarion, por desejo do Rei Erendis mandou que a casa em Armenelos fosse arrumada e aprestada; mas ela própria não se preparou para voltar. Ao Rei mandou uma resposta, dizendo: - Irei se me ordenar, *atar aranya,* Mas tenho o dever de apressar-me agora? Não haverá tempo bastante quando sua vela for avistada no leste? - E consigo mesma dizia: - O Rei pretende que eu espere no cais como a namorada de um marinheiro? Antes o fosse, mas não o sou mais. Desempenhei esse papel até o fim.

Mas aquele ano passou, e não se avistou nenhuma vela; e o ano seguinte chegou e se desfez em outono. Então Erendis tornou-se dura e calada. Ordenou que fechassem a casa em Armenelos, e nunca se afastava mais que algumas horas de jornada da sua casa em Emerie. O amor que tinha era todo dado à filha, e agarrava-se a ela, e não permitia que Ancalime saísse do seu lado, nem mesmo para visitar Núneth e seus parentes nas Terras Ocidentais. Todos os ensinamentos de Ancalime vinham da mãe; e bem aprendeu a escrever e a ler, bem como a falar o idioma élfico com Erendis, à maneira como o usavam os homens nobres de Númenor. Pois nas Terras Ocidentais era a língua quotidiana em casas como a de Beregar, e Erendis raramente usava o idioma númenoriano, que Aldarion apreciava mais. Ancalime também aprendeu muito sobre Númenor e os dias antigos nos livros e rolos que havia na casa, os que conseguia compreender; e conhecimento de outros tipos, do povo e da terra, ela escutava às vezes das mulheres da casa, apesar de Erendis nada saber sobre isso. Mas as mulheres eram cautelosas ao falar com a menina, pois temiam sua senhora; e para Ancalimé havia bem pouco riso na casa branca em Emerie. Esta era calada e sem música, como se há bem pouco tempo alguém tivesse morrido ali; pois em Númenor naquela época era tarefa dos homens tocar instrumentos, e a música que Ancalime ouvia na infância era o canto das mulheres no trabalho, ao ar livre, e longe dos ouvidos da Senhora Branca de Emerie. Mas agora Ancalime estava com sete anos de idade e, sempre que obtinha permissão, saía da casa para as amplas colinas onde podia correr livre; e às vezes ia ter com uma pastora, cuidando dos carneiros e comendo a céu aberto.

Certo dia no verão daquele ano um menino jovem, porém mais velho que ela, veio à casa em missão de uma das fazendas distantes; e Ancalime deu com ele mastigando pão e tomando leite no pátio da fazenda atrás da casa. Ele a olhou sem deferência e continuou bebendo. Então baixou o caneco.

- Pode olhar o quanto quiser, olhuda! - disse ele. - Você é bonita, mas magra demais. Quer comer? - Tirou um pedaço de pão da bolsa.

- Vá embora, Îbal! - gritou uma velha, vinda da porta da queijaria. - E use suas pernas compridas, senão, antes de chegar em casa, vai esquecer a mensagem que lhe dei para sua mãe!

- Não precisam de cão de guarda onde você está, mãe Zamîn! - exclamou o menino, e com um latido e um grito pulou o portão e saiu correndo colina abaixo. Zamîn era uma velha mulher do campo, de língua solta, que não se intimidava com facilidade

nem mesmo pela Senhora Branca.

- Que coisa barulhenta era essa? - perguntou Ancalime.

- Um menino - disse Zamîn -, se é que você sabe o que é isso. Mas como haveria de saber? Eles quebram e devoram, em geral. Esse está sempre comendo, mas não sem motivo. Quando o pai dele voltar, vai encontrar um belo rapaz; mas se não for logo, mal vai reconhecê-lo. Posso dizer o mesmo de outros.

- Então o menino tem um pai também? - perguntou Ancalime.

- É claro - disse Zamîn. - Ulbar, um dos pastores do grande senhor lá para o sul: nós o chamamos Senhor dos Carneiros, um parente do Rei.

- Então por que o pai do menino não está em casa?

- Ora, *hérinke* - disse Zamîn -, porque ouviu falar desses Aventureiros, juntou-se a eles, e foi embora com seu pai, o Senhor Aldarion; mas só os Valar sabem aonde, ou por quê.

Naquela tarde Ancalime de repente disse à mãe: - Meu pai também é chamado de Senhor Aldarion?

- Era - disse Erendis. - Mas por que pergunta? - Sua voz era calma e fria, mas ela se perguntava e estava perturbada, pois nenhuma palavra acerca de Aldarion havia sido dita entre elas antes.

- Quando ele vai voltar? - perguntou Ancalime, sem responder à pergunta.

- Não me pergunte! - disse Erendis. - Não sei. Nunca, talvez. Mas não se preocupe, pois você tem mãe, e ela não fugirá enquanto você a amar.

Ancalime não voltou a falar do pai.

Os dias passaram, trazendo outro ano, e mais outro. Naquela primavera Ancalime fez nove anos. Os cordeiros nasciam e cresciam; a tosa veio e passou; um verão quente queimou a relva. O outono dissolveu-se em chuva. Então, vindo do leste em um vento nebuloso, *Hirilonde* retornou por sobre os mares cinzentos, trazendo Aldarion a Rómenna. Mandaram aviso a Emerie, mas Erendis não falou a respeito. Não havia ninguém para saudar Aldarion no cais. Ele cavalgou através da chuva até Armenelos; e encontrou sua casa fechada. Ficou consternado, mas não quis pedir notícias a ninguém. Resolveu primeiro procurar o Rei, pois acreditava que tinha muito a lhe dizer.

Teve uma recepção não mais calorosa do que esperava; e Meneldur lhe falou como um Rei a um capitão cuja conduta está em questão.

- Passou muito tempo fora - disse-lhe com frieza. - Agora mais de três anos se passaram desde a data que marcou para a volta.

- Ai! - disse Aldarion. - Até mesmo eu me cansei do mar, e há muito tempo meu coração anseia pelo oeste. Mas fui retido contra minha vontade: há muito o que fazer. E tudo anda para trás na minha ausência.

- Não duvido disso - disse Meneldur. - Descobrirá que isso é verdade também aqui, na sua própria terra, receio dizer.

- Isso eu espero reparar - disse Aldarion. - Mas o mundo está mudando outra vez. Lá fora passaram-se cerca de mil anos desde que os Senhores do Oeste enviaram seu poderio contra Angband; e esses dias estão esquecidos, ou envoltos em obscuras lendas entre os homens da Terra-média. Eles estão perturbados de novo, e o medo os assombra. Desejo imensamente consultar-me com você, prestar conta de meus atos e expor meu pensamento acerca do que deve ser feito.

- Há de fazê-lo - disse Meneldur. - Na verdade é o mínimo que espero. Mas há outros assuntos que julgo mais urgentes. "Que um Rei primeiro governe bem sua própria casa antes de corrigir os demais" é o que se diz. Isso vale para todos os homens. Agora vou aconselhá-lo, filho de Meneldur. Você também tem sua própria vida. Metade de si

você sempre negligenciou. A você digo agora: Vá para casa!

Aldarion de repente ficou imóvel, e seu rosto era severo.

- Se sabe, diga-me - disse ele. - Onde é minha casa?

- Onde sua esposa está - disse Meneldur. - Você faltou com sua palavra para com ela, por necessidade ou não. Ela agora habita em Emerie, em sua própria casa, longe do mar. Para lá você tem de ir imediatamente.

- Se tivessem me deixado algum aviso para onde ir, eu teria ido diretamente do porto - disse Aldarion. - Mas agora pelo menos não preciso pedir informações a estranhos. - Então voltou-se para partir, mas se deteve. - O capitão Aldarion esqueceu algo que pertence à sua outra metade, que em sua obstinação ele também considera urgente. Ele tem uma carta que foi encarregado de entregar ao Rei em Armenelos. - Apresentando-a a Meneldur, inclinou-se e saiu do aposento; e em uma hora já tinha montado e partido a cavalo, apesar de estar caindo a noite. Tinha consigo apenas dois companheiros, homens do seu navio: Henderch das Terras Ocidentais e Ulbar. proveniente de Emerie.

Cavalgando depressa, chegaram a Emerie ao cair da noite seguinte, e os homens e cavalos estavam exaustos. Fria e branca parecia a casa na colina, num último brilho do pôr-do-sol sob as nuvens. Deu um toque de trompa assim que a viu de longe.

Ao saltar do cavalo no pátio dianteiro, viu Erendis: trajando branco, estava de pé na escada que subia até as colunas diante da porta. Mantinha-se ereta; mas, ao aproximar-se, ele viu que estava pálida e tinha os olhos demasiado brilhantes.

- Chega tarde, meu senhor - disse ela. - Há muito deixei de esperá-lo. Temo que não haja uma recepção preparada para você tal como fiz quando era sua hora de chegar.

- Os marinheiros não são difíceis de agradar - disse ele.

- Ainda bem - disse ela; e voltou para dentro da casa, deixando-o. Então adiantaram-se duas mulheres, e uma velha enrugada que desceu a escada. Quando Aldarion entrou, ela se dirigiu aos homens em alta voz, de modo que ele pudesse ouvi-la.

- Não há alojamento para vocês aqui. Desçam para a propriedade ao pé da colina!

- Não, Zamîn - disse Ulbar. - Não vou ficar. Vou para casa, com a permissão do Senhor Aldarion. Está tudo bem lá?

- Bastante - disse ela. - Seu filho comeu tanto que o pai lhe saiu da lembrança. Mas vá, e encontre suas próprias respostas! Lá sua acolhida será mais calorosa que a de seu Capitão.

Erendis não veio à mesa no seu jantar tardio, e Aldarion foi servido por mulheres em uma sala à parte. Mas, antes que ele terminasse, ela entrou, e disse diante das mulheres: - Deve estar exausto, meu senhor, depois de tanta pressa. Um quarto de hóspedes está preparado para quando desejar. Minhas mulheres vão servi-lo. Se sentir frio, mande fazer fogo.

Aldarion nada respondeu. Recolheu-se cedo ao quarto de dormir e, como agora estava exausto de fato, jogou-se na cama e logo esqueceu as sombras da Terra-média e de Númenor em um sono pesado. Mas ao cantar do galo despertou em grande inquietação e raiva. Levantou-se imediatamente, e pensou em sair da casa sem ruído. Pretendia encontrar seu companheiro Henderch e os cavalos, para cavalgar até seu parente Hallatan, o senhor dos carneiros de Hyarastorni. Mais tarde intimaria Erendis a trazer sua filha a Armenelos, e não trataria com ela em seu próprio terreno. Mas, quando se dirigia para a porta, Erendis adiantou-se. Não se deitara na cama naquela noite e postou-se diante dele na soleira.

- Parte mais rápido do que chegou, meu senhor - disse ela. - Espero que (sendo um marinheiro) já não tenha achado maçante esta casa de mulheres, para partir assim antes de

resolver seus negócios. Por sinal, que negócios o trouxeram aqui? Posso sabê-lo antes que parta?

- Disseram-me em Armenelos que minha esposa estava aqui e que para cá havia trazido minha filha - respondeu ele. - Enganei-me quanto à esposa, ao que parece, mas não tenho uma filha?

- Você tinha uma alguns anos atrás - disse ela. - Mas minha filha ainda não se levantou.

- Então ela que se levante, enquanto vou buscar meu cavalo - disse Aldarion.

Erendis teria evitado que Ancalime se encontrasse com ele naquela ocasião; mas temia chegar a ponto de perder a estima do Rei, e o Conselho havia muito tempo demonstrara seu descontentamento pela educação da criança no interior. Portanto, quando Aldarion voltou a cavalo, com Henderch a seu lado, Ancalime estava de pé ao lado da mãe, na soleira. Mantinha-se ereta e firme como a mãe, e não lhe fez reverência quando ele apeou e subiu a escada em sua direção.

- Quem é você? - perguntou ela. - E por que me faz levantar tão cedo, antes que haja movimento na casa?

Aldarion olhou-a incisivo e, embora seu rosto estivesse severo, ele sorria por dentro: pois via ali uma filha à sua maneira, e não de Erendis, a despeito todos os seus ensinamentos.

- Você me conheceu outrora, Senhora Ancalime - disse ele -, mas não importa. Hoje sou apenas um mensageiro de Armenelos, para lembrá-la de que é a filha do Herdeiro do Rei; e (até onde me seja dado ver agora) há de ser Herdeira dele por sua vez. Não morará sempre aqui. Mas agora volte à sua cama, minha senhora, se assim desejar, até que sua aia desperte. Apresso-me a ir ao encontro do Rei. Adeus! - Beijou a mão de Ancalime e desceu a escadaria. Montou então e partiu, com um aceno de mão.

Erendis, sozinha à janela, observou-o descendo a colina, e notou que cavalgava para Hyarastorni, e não para Armenelos. Então chorou de pesar, porém ainda mais de raiva. Esperara alguma penitência, para que após a censura ela pudesse conceder um perdão, caso fosse pedido; mas ele a tratara como se fosse ela a ofensora, e a ignorara diante de sua filha.

Tarde demais recordou as palavras de Núneth de muito tempo atrás, e agora via Aldarion como algo grande, que não podia ser domado, impelido por uma vontade feroz, mais perigoso quando frio. Ergueu-se e deu as costas à janela, pensando nas injustiças sofridas. - Perigoso! - disse. - Mas eu sou de aço duro de quebrar. Isso ele descobriria mesmo que fosse o Rei de Númenor.

Então Aldarion despediu-se das pessoas que lá estavam e partiu, já sem intenção de ficar naquela casa. Quando Hallatan ouviu falar dessa estranha ida e vinda, assombrou-se, até que outras notícias percorressem a região.

Aldarion pouco se afastara de Hyarastorni quando fez o cavalo parar e falou com seu companheiro Henderch.

- Seja qual for a recepção que o aguarde lá no oeste, amigo, não vou privá-lo dela.

Agora siga para casa com meus agradecimentos. Pretendo seguir sozinho.

- Não é apropriado, Senhor Capitão - disse Henderch.

- Não é - disse Aldarion. - Mas é assim que será. Adeus! Cavalgou então sozinho até Armenelos, e nunca mais pôs os pés em Emerié.

Quando Aldarion saiu do aposento, Meneldur olhou, intrigado, para a carta que o filho lhe dera; pois viu que vinha do Rei Gil-galad em Lindon. Estava lacrada e trazia seu emblema de estrelas brancas sobre um círculo azul. Na dobra externa estava escrito:

Dada em Mithlond em mão ao Senhor Aldarion, Herdeiro do Rei de Númenóre, para ser entregue em pessoa ao Rei Supremo em Armenelos.

Então Meneldur rompeu o lacre e leu:

Ereinion Gil-galad, filho de Fingon, a Tar-Meneldur da linhagem de Earendil, saudação: que os Valar o protejam e nenhuma sombra caia sobre a Ilha dos Reis.

Há muito tempo devo-lhe gratidão, por tantas vezes ter-me enviado seu filho Anardil Aldarion, o maior amigo-dos-Elfos que existe agora entre os homens, segundo creio. Neste momento, peço-lhe perdão se o retive demasiado a meu serviço, pois eu tinha grande necessidade do conhecimento dos homens e de seus idiomas que somente ele possui. Muitos perigos ele enfrentou para trazer-me conselhos. Da minha necessidade ele lhe falará; no entanto, por ser jovem e cheio de esperança, ele não suspeita de sua real extensão. Portanto escrevo estas linhas para os olhos do Rei de Númenóre apenas.

Uma nova sombra ergue-se no leste. Não é tirania de homens maus, como crê seu filho; mas um servo de Morgoth se agita, e coisas perversas voltam a despertar. A cada ano ganha forças, pois a maioria dos homens está madura para seu propósito. Não está longe o dia, segundo julgo, em que se tomará forte demais para que os eldar lhe resistam sem auxilio. Portanto, toda vez que avisto um alto navio dos Reis dos Homens, meu coração se alivia. E agora atrevo-me a solicitar sua ajuda. Se tiver disponível alguma tropa de homens, peço-lhe que a ceda a mim.

Seu filho lhe fará um relato, se assim desejar, de todas as nossas razões. Mas em suma ele julga (e julga sempre com sabedoria) que, quando vier o ataque, como certamente virá, deveríamos tentar manter as Terras Ocidentais, onde ainda habitam os eldar, e homens de sua raça, cujos corações ainda não se obscureceram. Ao menos devemos defender Eriador em volta dos longos rios a oeste das montanhas que chamamos de Hithaeglir, nossa principal defesa. Mas nessa muralha de montanhas há uma grande falha ao sul, na terra de Calenardhon; e por essa via deverá vir a incursão do leste. A hostilidade já se esgueira ao longo da costa naquela direção. Poderia ser defendida e o ataque ser impedido, se dominássemos alguma posição de poder na praia próxima.

Assim viu há muito tempo o Senhor Aldarion. Em Vinyalonde na foz do Gwathló muito empenhou-se ele para estabelecer um tal porto, seguro contra o mar e a terra; mas suas enormes obras foram em vão. Ele tem grandes conhecimentos em tais assuntos, pois muito aprendeu com Círdan, e conhece melhor que ninguém as necessidades de seus grandes navios. Mas nunca tem homens suficientes, enquanto Círdan não tem artesãos ou pedreiros que possa ceder.

O Rei conhecerá suas próprias necessidades; mas, se escutar favoravelmente o Senhor Aldarion, e o apoiar como puder, então a esperança crescerá no mundo. As lembranças da Primeira Era são indistintas, e todas as coisas na Terra-média tornam-se mais frias. Que não decline também a antiga amizade entre os eldar e os dúnedain.

Eis que a escuridão vindoura está plena de ódio por nós, mas os odeia igualmente. O Grande Mar não será amplo demais para suas asas, se permitirmos que ela se desenvolva plenamente.

Que Manwe o mantenha sob o Um, e que envie bons ventos às suas velas.

Meneldur deixou o pergaminho cair no colo. Grandes nuvens carregadas por um vento vindo do leste traziam uma escuridão precoce, e os altos círios a seu lado pareciam minguar na penumbra que enchia seu aposento.

- Que Eru me chame antes de chegar um tempo desses! - exclamou em voz alta. Então, disse consigo mesmo: - Ai! Que seu orgulho e minha frieza por tanto tempo tenham mantido nossas mentes separadas. Mas agora, antes do que eu pretendia, a decisão sábia será renunciar ao Cetro em favor dele. Pois esses assuntos estão além de meu

alcance.

“Quando os Valar nos concederam a Terra da Dádiva, não nos fizeram seus representantes: recebemos o Reino de Númenor, não o mundo. Eles são os Senhores. Aqui devíamos afastar o ódio e a guerra; pois a guerra terminara, e Morgoth havia sido expulso de Arda. Assim julguei, e assim me ensinaram”.

“No entanto, se o mundo novamente se obscurece, os Senhores devem sabê-lo; e não me enviaram nenhum sinal. A não ser que este seja o sinal. E então o quê? Nossos pais foram recompensados pelo auxílio que prestaram na derrota da Grande Sombra. Seus filhos hão de ficar à parte, caso o mal volte a erguer-se?”

“Não posso governar com tantas dúvidas. Fazer preparativos ou deixar como está? Fazer preparativos para a guerra, que por enquanto é apenas suspeitada: treinar artesãos e lavradores em meio à paz para derramamento de sangue e batalha; pôr o ferro nas mãos de capitães cobiçosos que amam somente a conquista, e contam os mortos como sua glória? Dirão a Eru: *Ao menos seus inimigos estavam entre eles?* Ou cruzar as mãos enquanto os amigos morrem injustamente: permitir que os homens vivam numa paz cega, até que o invasor esteja diante do portão? Então o que farão: enfrentarão as armas com as mãos nuas e morrerão por nada, ou fugirão deixando atrás de si os gritos das mulheres? Dirão a Eru: *Ao menos não derramei sangue?”*

“Quando ambos os caminhos podem conduzir ao mal, de que vale a escolha? Que os Valar governem sob Eru! Renunciarei ao Cetro em favor de Aldarion. Porém também isso é uma escolha, pois bem sei qual caminho tomará. A não ser que Erendis...”

Então o pensamento de Meneldur voltou-se, inquieto, para Erendis em Emerie.

- Mas lá há pouca esperança (se é que pode ser chamada esperança). Ele não se curvará em assuntos tão graves. Conheço a escolha de Erendis, mesmo que ela se dispusesse a escutar o bastante para compreender. Pois seu coração não tem asas além de Númenor, e ela não imagina o custo. Se sua escolha a levasse à morte no seu próprio tempo, ela morreria com bravura. Mas o que fará com a vida, e com outras vontades? Os próprios Valar, assim como eu, terão de esperar para descobrir.

Aldarion retornou a Rómenna no quarto dia depois que *Hirilonde* voltara ao porto. Estava sujo da viagem e exausto, e foi imediatamente até *Eambar,* a bordo do qual agora pretendia morar. Àquela altura, como descobriu para seu amargor, muitas línguas já tagarelavam na Cidade. No dia seguinte, reuniu homens em Rómenna e os levou a Armenelos. Lá mandou alguns derrubarem todas as árvores, salvo uma, em seu jardim, e levarem-nas aos estaleiros; outros mandou arrasarem sua casa. Apenas poupou a branca árvore élfica; e, quando os lenhadores haviam partido, olhou para ela. de pé em meio à desolação, e viu pela primeira vez que era bela por si só. No seu lento crescimento élfico, ainda se erguia somente a doze pés, reta, esguia, jovem, agora carregada de botões das suas flores de inverno em ramos levantados que apontavam o céu. Lembrava-lhe sua filha, e ele disse: - Chamá-la-ei também de Ancalime. Que você e ela assim se ergam em vida longa, sem se dobrarem diante do vento nem da vontade, e sem serem podadas!

No terceiro dia depois de retornar de Emerie, Aldarion foi ter com o Rei. Tar-Meneldur permanecia imóvel em sua cadeira e esperava. Contemplando o filho, sentiu medo; pois Aldarion mudara: seu rosto se tornara cinzento, frio e hostil, como o mar quando o sol é subitamente envolvido por nuvens opacas. Em pé diante do pai, falou lentamente em tom de desprezo, e não de ira.

- Você mesmo sabe melhor do que ninguém o papel que desempenhou neste caso - disse. - Mas um Rei deveria levar em consideração quanto um homem suporta, por muito que seja súdito, até mesmo seu filho. Se pretendia agrilhoarme a esta Ilha, então escolheu mal sua corrente. Agora não me resta nem esposa, nem amor por esta terra. Partirei desta

mal-encantada ilha de ilusões onde as mulheres, em sua insolência, querem fazer com que os homens se encolham. Usarei meus dias para alguma finalidade em outro lugar, onde não sou desdenhado e recebido com mais honras. Poderá encontrar outro Herdeiro mais adequado ao papel de criado doméstico. Da minha herança exijo apenas isto: o navio *Hirilonde* e tantos homens quantos ele comportar. Também levaria minha filha, se fosse mais velha: mas vou confiá-la à minha mãe. A não ser que tenha um fraco por carneiros, você não o impedirá, e não permitirá que a criança tenha seu desenvolvimento prejudicado, criada entre mulheres mudas em fria insolência e desprezo por sua família. Ela pertence à Linhagem de Elros, e você não terá outro descendente através de seu filho. Terminei. Agora vou tratar de negócios mais lucrativos.

Até esse ponto Meneldur permanecera sentado paciente, de olhos baixos, e não fizera nenhum sinal. Mas então suspirou e ergueu os olhos.

- Aldarion, meu filho - disse com tristeza - o Rei diria que também você demonstra fria insolência e desprezo por sua família, e que você próprio condena os outros sem ouvi-los; mas seu pai, que o ama e se aflige por você, perdoará isso. Não é apenas culpa minha que até agora eu não tenha entendido seus propósitos. Mas quanto ao que você sofreu (assunto sobre o qual gente demais agora está falando), não tenho culpa. Amei Erendis e, como nossos corações têm inclinação semelhante, pensei que ela teve muitas dificuldades para suportar. Agora seus propósitos, meu filho, tornaram-se claros para mim, embora, caso você esteja disposto a ouvir algo diverso de elogios, eu diria que inicialmente também seu próprio prazer o conduziu. E pode ser que as coisas tivessem tomado outro rumo se você tivesse falado com maior franqueza muito tempo atrás.

- O Rei pode ter aí algum agravo - exclamou Aldarion, agora com mais veemência - mas não aquela da qual você fala! Com ela, pelo menos, falei longa e freqüentemente: a ouvidos frios e incompreensivos. Do mesmo modo um menino gazeteiro falaria de subir em árvores a uma ama que só se preocupasse com roupas rasgadas e o horário certo das refeições! Eu a amo, ou haveria de me importar menos. Manterei o passado em meu coração; o futuro está morto. Ela não me ama, nem a nada mais. Ela ama a si mesma, com Númenor por pano de fundo, e a mim como a um cão manso que cochila perto do fogão até que ela decida caminhar nos seus próprios campos. Mas, como os cães agora parecem demasiado vulgares, ela quer ter Ancalime para piar numa gaiola. Mas basta disto. Tenho permissão do Rei para partir? Ou ele tem algum comando?

- O Rei - respondeu Tar-Meneldur - muito pensou sobre esses assuntos, no que parecem ser os longos dias desde que você esteve em Armenelos pela última vez. Ele leu a carta de Gil-galad, que tem um tom sincero e grave. Infelizmente, ao pedido dele e aos seus desejos o Rei de Númenor tem de dizer *não*. Ele não pode fazer outra coisa, de acordo com sua compreensão dos riscos de um e outro caminho: preparar-se para a guerra, ou não se preparar.

Aldarion deu de ombros e deu um passo, como se fosse partir. Mas Meneldur ergueu a mão, exigindo atenção, e prosseguiu: - No entanto, o Rei, apesar de agora ter governado a terra de Númenor por cento e quarenta e dois anos, não tem certeza de que sua compreensão do assunto seja suficiente para uma decisão justa em casos de tão grande importância e risco. - Fez uma pausa, e tomando um pergaminho escrito de próprio punho, leu-o com voz clara:

> Portanto: primeiramente pela honra de seu filho bem-amado; e em segundo lugar para a melhor direção do reino em cursos que seu filho compreende com maior clareza, o Rei resolveu: que renunciará imediatamente ao Cetro em favor de seu filho, que há de tornar-se agora Tar-Aldarion, o Rei.

- Isto - disse Meneldur -, quando for proclamado, tornará conhecido de todos meu pensamento acerca da presente situação. Vai elevá-lo acima do desdém; e libertará seus poderes de forma que outras perdas pareçam mais fáceis de suportar. A carta de Gil-galad, você, quando for Rei, há de respondê-la como achar mais conveniente ao detentor do Cetro.

Aldarion ficou imóvel por um momento, estupefato. Preparara-se para enfrentar a ira do Rei que ele voluntariamente se dispusera a inflamar. Agora via-se desconcertado. Então, como alguém que é arrebatado por um vento súbito de direção inesperada, caiu de joelhos diante do pai; porém um momento depois ergueu a cabeça que inclinara e riu - sempre fazia assim quando ouvia falar de algum ato de grande generosidade, pois isso lhe alegrava o coração.

- Pai - disse -, peça ao Rei que esqueça minha insolência diante dele. Pois ele é um grande Rei, e sua humildade o coloca muito acima de meu orgulho. Estou dominado: submeto-me totalmente. É inconcebível que um tal Rei haja de renunciar ao Cetro enquanto goza de vigor e sabedoria.

- No entanto, assim está resolvido - disse Meneldur. - O Conselho há de ser convocado imediatamente.

Quando o Conselho se reuniu, depois de passados sete dias, Tar-Meneldur deu-lhes a conhecer sua resolução, e pôs diante deles o rolo. Todos se espantaram então, sem saber ainda quais eram os cursos de que o Rei falava; e todos objetaram, pedindo-lhe que postergasse sua decisão, exceto Hallatan de Hyarastorni. Pois ele havia muito tinha em estima seu parente Aldarion, embora sua própria vida e preferências fossem bem diversas; e julgou que o ato do Rei era nobre e calculado com astúcia, já que tinha de ser.

Mas aos demais, que propunham isto ou aquilo contra sua resolução, Meneldur respondeu: - Não foi sem pensar que cheguei a esta resolução, e em meu pensamento considerei todas as razões que vocês sabiamente apresentam. É agora e não mais tarde a hora mais adequada para que se publique minha vontade, por motivos que todos devem imaginar, apesar de nenhum
dos presentes tê-los pronunciado. Portanto, que este decreto seja proclamado imediatamente. Mas, se quiserem, ele não há cie ter efeito até o tempo do *Erukyerme* na primavera. Até lá, deterei o Cetro.

Quando chegaram notícias a Emerie sobre a proclamação do decreto, Erendis ficou consternada; pois lia nele uma repreensão vinda do Rei em cujo favor confiara. Percebia-o corretamente, mas não imaginava que houvesse por trás algo de maior importância. Logo depois chegou uma mensagem de Tar-Meneldur, um comando na verdade, apesar de expresso de modo elegante. Ela era convidada a vir a Armenelos e trazer consigo a senhora Ancalime, para que lá morassem pelo menos até o *Erukyerme* e a proclamação do novo Rei.

- É rápido no golpe - pensou ela. - Eu devia tê-lo previsto. Vai despojar-me de tudo. Mas a mim não há de comandar, por muito que seja, através da boca de seu pai.
Portanto respondeu a Tar-Meneldur: - Rei e pai, minha filha Ancalime deve ir de fato, já que você o ordena. Peço que considere sua idade, e cuide para que ela seja alojada com tranqüilidade. Quanto a mim, peço que me desculpe. Ouvi dizer que minha casa em Armenelos foi destruída; e neste momento não apreciaria ser hóspede, especialmente num navio-residência entre marinheiros. Permita-me pois permanecer aqui em minha solidão, a não ser que seja vontade do Rei retomar também esta casa.

Tar-Meneldur leu esta carta com preocupação, mas ela errou o alvo em seu coração. Mostrou-a a Aldarion, a quem parecia dirigida mormente. Então Aldarion leu a carta; e o Rei, contemplando o rosto do filho, disse: - Sem dúvida você está aflito. Porém

o que mais esperava?

- Não isso pelo menos - disse Aldarion. - Está muito abaixo da esperança que depositava nela. Ela minguou; e, se provoquei isto, então é negra minha culpa. Mas os grandes diminuem na adversidade? Não era esta a maneira, nem mesmo por ódio ou vingança! Ela devia ter exigido que lhe fosse preparada uma grande casa, solicitado uma escolta de Rainha e voltado a Armenelos com sua beleza adornada, regiamente, com a estrela em sua fronte. Poderia então ter enfeitiçado quase toda a Ilha de Númenor em seu favor, e ter-me feito parecer um louco e um grosseirão. Que os Valar sejam minhas testemunhas, eu preferiria que fosse assim: antes uma bela Rainha para me frustrar e escarnecer de mim do que a liberdade de governar enquanto a Senhora Elestirne recai, obscura, em seu próprio crepúsculo.

Então, com um riso amargo, devolveu a carta ao Rei. - Bem, assim é - disse. - Mas se a uma pessoa desagrada morar num navio entre marinheiros, a outra pode-se desculpar a ojeriza por uma fazenda de carneiros entre criadas. Mas não permitirei que minha filha seja educada assim. Ao menos ela há de escolher com conhecimento. - Ergueu-se e pediu licença para partir.

O desenrolar posterior da narrativa

A partir do ponto em que Aldarion leu a carta em que Erendis se recusava a voltar a Armenelos, a história só pode ser acompanhada em vislumbres e pedaços, de notas e rascunhos: e até mesmo estes não constituem fragmentos de uma história totalmente consistente, visto que foram compostos em épocas diferentes e que freqüentemente se contradizem.

> Parece que, quando se tornou Rei de Númenor no ano de 883, Aldarion decidiu revisitar a Terra-média imediatamente, e partiu para Mithlond no mesmo ano ou no seguinte. Está registrado que não colocou na proa de *Hirilonde* nenhum ramo de *oiolaire,* e sim a imagem de uma águia de bico dourado e olhos feitos de pedras preciosas, que era presente de Círdan.

Lá estava pousada, pela arte de quem a fizera, como que pronta a voar certeira até uma meta distante que divisara. - Este sinal há de nos conduzir ao nosso alvo - disse ele. - Da nossa volta que cuidem os Valar, se nossos atos não lhes desagradarem.

Também está dito que "agora não restam relatos das viagens posteriores que Aldarion fez", mas que "sabe-se que foi longe por terra assim como por mar, e subiu o Rio Gwathló até Tharbad, onde se encontrou com Galadriel". Não há menção desse encontro em outra parte; mas naquela época Galadriel e Celeborn habitavam em Eregion, não muito longe de Tharbad.

> Mas todos os esforços de Aldarion foram anulados. As obras que reiniciou em Vinyalonde nunca foram completadas, e o mar as corroeu. No entanto, estabeleceu as bases para o empreendimento de Tar-Minastir muitos anos após, na primeira guerra contra Sauron, e não fosse por suas obras, as frotas de Númenor não poderiam ter trazido seu poderio a tempo ao lugar certo - como ele previa. A hostilidade já crescia, e homens obscuros vindos das montanhas forçavam entrada em Enedwaith. Mas, no tempo de

Aldarion, os númenorianos ainda não desejavam mais espaço, e seus Aventureiros continuaram sendo um grupo pequeno, admirado mas pouco imitado.

Não há menção de nenhuma evolução posterior da aliança com Gil-galad, ou do envio do auxílio que ele pedira na carta a Tar-Meneldur. Na verdade, está dito que

> Aldarion chegou tarde demais, ou cedo demais. Tarde demais: pois o poder que odiava Númenor já despertara. Cedo demais: pois ainda não era hora de Númenor mostrar seu poderio ou retornar à batalha pelo mundo.

Houve uma comoção em Númenor quando Aldarion resolveu voltar à Terra-média em 883 ou 884, pois nenhum Rei jamais deixara a Ilha antes, e o Conselho não tinha precedente. Parece que a regência foi oferecida a Meneldur, que a recusou, e que Hallatan de Hyarastorni se tornou regente, quer nomeado pelo Conselho, quer pelo próprio Tar-Aldarion.

Da história de Ancalime durante os anos de seu crescimento não há forma certa. Há menos dúvidas acerca do seu caráter um tanto ambíguo, e da influência que a mãe exercia sobre ela. Era menos rígida que Erendis, e por natureza apreciava ostentação, jóias, música, admiração e deferência. No entanto, apreciava-as quando tinha vontade e não ininterruptamente, e fazia da mãe e da casa branca em Emerie uma desculpa para escapar. Aprovava, por assim dizer, tanto o tratamento de Aldarion por Erendis quando aquele retornou tarde, como também a ira de Aldarion, sua impenitência e sua subseqüente rejeição implacável a Erendis, que a excluiu de seu coração e de sua consideração. Desagradava profundamente a Ancalime o casamento obrigatório, e no casamento lhe desagradava qualquer restrição da sua vontade. Sua mãe falara incessantemente contra os homens, e de fato está preservado um notável exemplo dos ensinamentos de Erendis a esse respeito:

> Os homens de Númenor são meios-elfos (disse Erendis), em especial os nobres; não são nem uma coisa nem outra. A vida longa que lhes foi concedida engana-os, e brincam no mundo, crianças na mente, até que a velhice os encontre - e então muitos só abandonam o jogo ao ar livre pelo jogo em suas casas. Transformaram sua brincadeira em assuntos importantes e assuntos importantes em brincadeira. Gostariam de ser artesãos, mestres das tradições e heróis, tudo ao mesmo tempo; e as mulheres são para eles apenas chamas na lareira - para outros cuidarem até que eles se cansem de brincar, à tardinha.
>
> Todas as coisas foram feitas para servi-los: as colinas são para pedreiras, os rios para fornecer água ou girar rodas, as árvores para tábuas, as mulheres para a necessidade de seu corpo ou, se forem belas, para adornar sua mesa e seu lar; e crianças para serem provocadas quando não há mais nada para fazer - mas brincariam da mesma forma com as crias dos seus cães. São corteses e bondosos com todos, joviais como cotovias pela manhã (se brilhar o sol), pois nunca se encolerizam se puderem evitá-lo. Os homens devem ser alegres, afirmam, generosos como os ricos, dando o que não necessitam. Mostram ira somente quando se dão conta, de repente, de que existem outras vontades no mundo além da sua. Então são implacáveis como o vento do mar se qualquer coisa ousar se opor a eles.
>
> Assim é, Ancalime, e não podemos alterar isso. Pois os homens formaram Númenor: os homens, esses heróis de outrora dos quais eles cantam - de suas mulheres ouvimos falar menos, exceto que choravam quando seus homens eram mortos. Númenor devia ser um repouso após a guerra. Mas. quando se cansam do repouso e dos jogos da paz, logo voltam ao seu grande jogo, assassinato e guerra. Assim é; e fomos postas aqui entre eles. Mas não temos de consentir. Se também nós amamos Númenor. vamos des-

frutá-la antes que eles a arruinem. Também nós somos filhas dos grandes, e temos nossas próprias vontades e coragem. Portanto não se curve. Ancalime. Curve-se um pouco uma vez, e eles a curvarão mais até que você esteja inclinada até o chão. Deite suas raízes na rocha, e enfrente o vento, por muito que ele leve todas as suas folhas.

Além disso, e com influência mais forte, Erendis acostumara Ancalime à companhia de mulheres: a vida fresca, tranqüila, suave em Emerie, sem interrupções ou alarmes. Os meninos, como Îbal, gritavam. Os homens vinham cavalgando, tocando trompas em horas estranhas, e eram alimentados com grande barulho. Geravam filhos e os deixavam aos cuidados das mulheres quando davam trabalho. E. embora o parto tivesse menos males e perigos, Númenor não era um "paraíso terrestre", e a exaustão do trabalho ou de todo o fazer não fora removida.

Ancalime, assim como o pai, era resoluta na consecução de suas políticas; e, assim corno ele, era obstinada, tomando o caminho oposto a qualquer um que lhe aconselhasse. Tinha um pouco da frieza e do sentido de ofensa pessoal da mãe; e no fundo de seu coração, quase mas não totalmente esquecida, estava a firmeza com que Aldarion soltara sua mão e a pusera no chão quando ele estava com pressa de partir. Amava apaixonadamente as colinas de seu lar, e (como dizia) nunca em sua vida conseguia dormir tranqüila longe do som dos carneiros. Mas não recusou o título de Herdeira, e determinou que, quando chegasse seu dia, seria uma poderosa Rainha Governante: e, quando assim fosse, viveria onde e como lhe agradasse.

Parece que, por durante uns dezoito anos depois de tornar-se Rei, Aldarion freqüentemente deixava Númenor; e durante esse tempo Ancalime passava os dias tanto em Emerie quanto em Armenelos, pois a Rainha Almarian muito se afeiçoou a ela e lhe fazia as vontades como fizera as vontades de Aldarion em sua juventude. Em Armenelos todos, e Aldarion não menos, a tratavam com deferência; e apesar de ela inicialmente se sentir pouco à vontade, sentindo falta dos amplos ares de seu lar, acabou por não se sentir mais embaraçada, e se deu conta de que os homens contemplavam maravilhados sua beleza, que agora alcançara a plenitude. À medida que amadurecia, tornava-se cada vez mais voluntariosa e considerava irritante a companhia de Erendis, que se comportava como viúva e não queria ser Rainha. Continuava, porém, a retornar a Emerie, tanto para refugiar-se de Armenelos quanto por desejar com isso aborrecer Aldarion. Era esperta e maliciosa, e via a possibilidade de se divertir no papel do troféu pelo qual competiam sua mãe e seu pai.

No ano de 892, pois, quando Ancalime tinha dezenove anos de idade, foi proclamada Herdeira do Rei (em idade muito mais precoce do que ocorrera antes, e naquela época Tar-Aldarion fez com que fosse alterada a lei da sucessão em Númenor. Está dito especificamente que Tar-Aldarion agiu assim "por motivos de consideração particular, mais que por política", e movido por "sua antiga resolução de derrotar Erendis"'. A mudança da lei está mencionada no *Senhor dos Anéis,* Apêndice A, I, i:

> O sexto rei [Tar-Aldarion] deixou apenas um descendente, uma filha. Ela tornou-se a primeira rainha [isto é, Rainha Governante]; pois foi nessa época que se promulgou uma lei da casa real, segundo a qual o descendente mais velho do rei, fosse ele homem ou mulher, deveria assumir o trono.

Mas em outro lugar a nova lei é formulada de outra maneira. O relato mais completo e claro afirma primeiro que a "antiga lei", como se chamou depois disso, não era de fato uma "lei" númenoriana, e sim um costume herdado que as circunstâncias ainda

não haviam questionado; e de acordo com esse costume o filho mais velho do Governante herdava o Cetro. Entendia-se que, caso não houvesse filho, o parente homem maispróximo *descendente* de Elros Tar-Minyatur *pela linha masculina* seria o Herdeiro. Assim, se Tar-Meneldur não tivesse tido filho, o Herdeiro não teria sido seu sobrinho Valandil (filho de sua irmã Silmarien), mas sim seu primo Malantur (neto de Ea-rendur, irmão mais novo de Tar-Elendil). Mas pela "nova lei" a filha (mais velha) do Governante herdava o Cetro, caso ele não tivesse filho (o que está, evidentemente, em contradição com o que se diz no *Senhor dos Anéis).* Por sugestão do Conselho acrescentou-se que ela teria a liberdade de recusar. Em tal caso, de acordo com a "nova lei", o herdeiro do Governante era o parente homem mais próximo, fosse pela linha masculina, fosse pela feminina. Assim, se Ancalime tivesse recusado o Cetro, o herdeiro de Tar-Aldarion teria sido Soronto, filho de sua irmã Ailinel; e, se Ancalime tivesse renunciado ao Cetro ou morrido sem filhos, Soronto da mesma forma teria sido seu herdeiro.

Também foi estabelecido, por insistência do Conselho, que uma herdeira teria de renunciar se permanecesse solteira além de determinada idade; e a essas provisões Tar-Aldarion acrescentou que o Herdeiro do Rei não deveria se casar, a não ser na Linhagem de Elros, e que todos os que fizessem o contrário deixariam de ser elegíveis à posição de Herdeiro. Diz-se que essa estipulação decorreu diretamente do casamento desastroso de Aldarion com Erendis, e de suas reflexões a respeito; pois Erendis, não sendo da Linhagem de Elros, tinha um tempo de vida mais reduzido, e Aldarion cria que nisso residia a raiz de todos os seus aborrecimentos.

Inquestionavelmente essas provisões da "nova lei" foram registradas em tanto detalhe porque teriam influência significativa na história posterior desses reinados; mas infelizmente muito pouco pode-se agora dizer sobre isso.

Em alguma ocasião posterior Tar-Aldarion revogou a lei de que uma Rainha Governante teria de se casar ou então renunciar (e isso certamente foi devido à relutância de Ancalime de enfrentar qualquer das duas alternativas), mas o casamento do Herdeiro com outro membro da Linhagem de Elros continuou sendo o costume desde então.

Seja como for. logo começaram a surgir em Emerie pretendentes à mão de Ancalime, e não somente por causa da mudança em sua posição, pois a fama de sua beleza, sua altivez e seu desdém, bem como da estranheza de sua criação correra o país. Naquela época o povo começou a se referir a ela como Emerwen Aranel, a Princesa Pastora. Para escapar dos importu-nos, Ancalime, auxiliada pela velha Zamîn, escondeu-se em uma fazenda na fronteira das terras de Hallatan de Hyarastorni, onde viveu por certo tempo uma vida de pastora. Os relatos (que na verdade nada mais são do que anotações apressadas) variam no modo como seus pais reagiram a este estado de coisas. De acordo com um desses relatos, a própria Erendis sabia onde Ancalime estava, e aprovava o motivo de sua fuga, enquanto Aldarion impediu que o Conselho a procurasse, pois concordava que sua filha agisse assim de forma independente. De acordo com outro, no entanto, Erendis perturbou-se com a fuga de Ancalime, e o Rei ficou furioso; e nessa época Erendis tentou uma reconciliação com ele, ao menos no que dizia respeito a Ancalime. Mas Aldarion não se comoveu, declarando que o Rei não tinha esposa, mas que tinha uma filha e herdeira, e que não cria que Erendis ignorasse seu esconderijo.

O que é certo é que Ancalime encontrou um pastor que cuidava dos rebanhos na mesma região; e a ela esse homem disse que se chamava Mámandil. Ancalime estava totalmente desacostumada a companhias como a dele, e se deleitava quando ele cantava, o que fazia com habilidade. Cantava-lhe canções que vinham de dias longínquos, quando os edain pastoreavam seus rebanhos em Eriador, muito tempo atrás, ainda antes de conhecerem os eldar. Assim se encontravam nas pastagens muitas e muitas vezes, e ele

alterava as canções dos amantes de outrora e incluía nelas os nomes de Emerwen e Mámandil; e Ancalimé fingia que não compreendia a tendência das palavras. Mas ele acabou declarando abertamente seu amor por ela, e ela se retraiu e o rechaçou, dizendo que o destino dela se interpunha entre eles, pois era Herdeira do Rei. Mas Mámandil não se perturbou, e riu. Contou-lhe então que seu nome verdadeiro era Hallacar, filho de Hallatan de Hyarastorni, da linhagem de Elros Tar-Minyatur.

- E de que outro modo algum pretendente poderia encontrá-la? - perguntou ele.

Então Ancalime irritou-se, porque ele a enganara, sabendo desde o início quem era ela.

- Isso é verdade em parte - respondeu ele. - De fato tramei para encontrar a Senhora cujos modos eram tão estranhos que fiquei curioso para vê-la mais. Mas então apaixonei-me por Emerwen, e não me importa quem ela possa ser. Não pense que eu cobice sua alta posição; pois muito preferiria que você fosse apenas Emerwen. Alegro-me somente com o fato de que também sou da Linhagem de Elros, porque do contrário creio que não poderíamos nos casar.

- Poderíamos - disse Ancalime - se eu tivesse alguma pretensão a tal estado. Eu poderia renunciar à minha realeza e ser livre. Mas, se assim fizesse, haveria de ser livre para casar-me com quem quisesse; e esse seria Úner (que é "Homem Nenhum"), a quem prefiro acima de todos os demais.

No entanto, foi com Hallacar que Ancalime acabou se casando. De acordo com uma versão parece que a persistência de Hallacar em sua corte, a despeito de ela rejeitá-lo, e a insistência do Conselho para que ela escolhesse um marido pela tranqüilidade do reino, conduziram ao seu casamento não muitos anos após seu primeiro encontro entre os rebanhos em Emerié. No entanto, em outro lugar diz-se que ela permaneceu solteira por tanto tempo que seu primo Soronto, confiando na provisão da nova lei, insistiu com ela

para que entregasse a posição de Herdeira, e que ela então se casou com Hallacar para contrariar Soronto. Em mais outra breve nota está implícito que ela se casou com Hallacar depois que Aldarion revogou a provisão, para acabar com a esperança que Soronto tinha de se tornar Rei caso Ancalime morresse sem filhos.

Seja como for, está clara a história de que Ancalime não desejava amor, nem queria ter um filho; e dizia: - Tenho de me tornar como a Rainha Almarian, e ser louca por ele? - Sua vida com Hallacar foi infeliz, e ela encarava com má vontade a ligação de seu filho, Anárion, com o pai, e houve discórdia entre eles desde então. Ela tentou sujeitá-lo, afirmando ser a proprietária das terras dele, e proibindo-lhe morar nelas, pois, conforme dizia, não queria ter por marido um administrador de fazenda. Vem dessa época a última história registrada sobre esses fatos infelizes. Pois Ancalime não queria permitir que nenhuma de suas mulheres se casasse; e, apesar de a maioria se conter por temor a ela, elas provinham da região em volta e tinham amantes com quem queriam se casar. Mas Hallacar em segredo providenciou para que elas se casassem; e declarou que faria um último banquete em sua própria casa antes de abandoná-la. Convidou Ancalime para esse banquete, dizendo que era a casa de sua família, e deveria receber uma despedida de cortesia.

Ancalime foi, acompanhada por todas as suas mulheres, pois não apreciava ser servida por homens. Encontrou a casa toda iluminada e enfeitada como para um grande banquete; os homens da casa, adornados de grinaldas como se fossem casar-se, e cada um deles com outra grinalda nas mãos, para a noiva. - Venham! - disse Hallacar. - Os casamentos estão preparados, e os aposentos nupciais estão prontos. Mas, como não se pode pensar que pediríamos à Senhora Ancalime, Herdeira do Rei, para se deitar com um administrador de fazenda, então, infelizmente! ela terá de dormir sozinha esta noite. - E Ancalime foi obrigada a lá permanecer, pois era muito longe para voltar a cavalo, e nem queria ela partir desassistida. Nem os homens nem as mulheres esconderam seus sorrisos; e Ancalime não quis participar do banquete, mas ficou deitada na cama ouvindo os risos ao longe, pensando que eram destinados a ela. No dia seguinte partiu a cavalo, em fúria gélida, e Hallacar enviou três homens para escoltá-la. Assim ele se vingou, pois Ancalime jamais retornou a Emerie, onde os próprios carneiros pareciam fazer pouco dela. Mas perseguiu Hallacar com ódio daí em diante.

Dos últimos anos de Tar-Aldarion nada se pode dizer agora, exceto que ele parece ter continuado suas viagens à Terra-média e que mais de uma vez deixou Ancalime como sua regente. Sua última viagem ocorreu por volta do fim do primeiro milênio da Segunda Era; e no ano de 1075 Ancalime tornou-se a primeira Rainha Governante de Númenor. Conta-se que, após a morte de Tar-Aldarion em 1098, Tar-Ancalime negligenciou todas as políticas de seu pai e não prestou mais auxílio a Gilgalad em Lindon. Seu filho, Anárion, que mais tarde foi o oitavo Governante de Númenor, teve primeiro duas filhas. Não gostavam da Rainha, e a temiam. Recusaram a posição de Herdeiras, permanecendo solteiras, já que a Rainha por vingança não lhes permitia que se casassem. Súrion, filho de Anárion, nasceu por último, e foi o nono Governante de Númenor.

De Erendis está dito que, quando a velhice se abateu sobre ela, negligenciada por Ancalime e em amarga solidão, ela voltou a ansiar por Aldarion; e, sabendo que ele partira de Númenor naquela que acabaria sendo sua última viagem, mas que se esperava que ele logo retornasse, ela por fim deixou Emerie e viajou incógnita e desconhecida até o porto de Rómenna. Lá parece que encontrou seu destino; mas somente as palavras "Erendis pereceu na água no ano de 985" permanecem para indicar como isso ocorreu.

CAPITULO III

A linhagem de Elros: Reis de Númenor da fundação da Cidade de Armenelos até a queda

Considera-se que o Reino de Númenor começou no trigésimo segundo ano da Segunda Era, quando Elros, filho de Earendil, ascendeu ao trono na Cidade de Armenelos, tendo então nov anos de idade. Daí em diante ficou conhecido no Pergaminho dos Reis pelo nome de Tar-Minyatur; pois era costume dos Reis assumirem seus títulos nas formas do idioma quenya ou alto-élfi-co, visto que esse era o idioma mais nobre do mundo, e esse costume perdurou até os dias de Ar-Adü-nakhôr (Tar-Herunúmen). Elros Tar-Minyatur reinou sobre os númenorianos por 410 anos. Pois aos númenorianos fora concedida uma longa vida, e permaneciam infatigáveis pelo triplo da duração dos homens mortais na Terra-média. Ao filho de Earendil, porém, foi dada a vida mais longa de qualquer homem, e a seus descendentes uma duração menor, e no entanto maior que a de outros mesmo dentre os númenorianos. Assim foi até a chegada da Sombra, quando os anos dos númenorianos começaram a minguar.

I *Elros Tar-Minyatur*
Nasceu 58 anos antes de se iniciar a Segunda Era: permaneceu infatigável até a idade de quinhentos anos e então renunciou à vida, no ano de 442, tendo reinado por 410 anos.

II *Vardamir Nólimon*
Nasceu no ano de 61 da Segunda Era e morreu em 471. Era chamado Nólimon pelo fato de sua principal predileção serem as
antigas tradições, que recolhia entre os elfos e os homens. Quando Elros partiu, tendo ele então 381 anos de idade, não ascendeu ao trono, mas deu o cetro ao filho. Não obstante, é contado como o segundo dos Reis, e considera-se que reinou por um ano. Depois disso tornou-se costumeiro, até os dias de Tar-Atanamir, que o Rei entregasse o cetro ao sucessor antes de morrer; e os Reis morriam de própria vontade enquanto ainda estavam no vigor da mente.

III *Tar-Amandil*
Era filho de Vardamir Nólimon e nasceu no ano de 192. Reinou por 148 anos, e entregou o cetro em 590; morreu em 603.

IV *Tar-Elendil*
Era filho de Tar-Amandil e nasceu no ano de 350. Reinou por 150 anos, e entregou o cetro em 740; morreu em 751. Também era chamado Parmaitê, pois com sua própria mão fez muitos livros e lendas da tradição recolhida por seu avô. Casou-se tarde na vida, e sua descendente mais velha foi uma filha, Silmarien, nascida no ano de 521', cujo filho foi Valandil. De Valandil vieram os Senhores de Andúnie, o último dos quais foi Amandil, pai de Elendil, o Alto, que chegou à Terra-média após a Queda. No reinado de Tar-Elendil os navios dos númenorianos retornaram pela primeira vez à Terra-média.

V *Tar-Meneldur*
Era o único filho homem e terceiro descendente de Tar-Elendil, e nasceu no ano de 543. Reinou por 143 anos, e entregou o cetro em 883; morreu em 942. Seu “'nome próprio” era

Írimon; assumiu o título de Meneldur por seu amor pelo estudo das estrelas. Casou-se com Almarian, filha de Veantur, Capitão dos Navios no reinado de Tar-Elendil. Era sábio, porém gentil e paciente. Renunciou em favor do filho, subitamente e muito antes do tempo devido, como ato político, em distúrbios que surgiram, decorrentes da inquietação de Gil-galad em Lindon, quando este começou a se dar conta de que um espírito maligno, hostil aos eldar e aos dúnedain, se agitava na Terra-média.

VI *Tar-Aldarion*
Era o descendente mais velho e único filho homem de Tar-Meneldur, e nasceu no ano de 700. Reinou por 192 anos e renunciou ao cetro em favor de sua filha em 1075; morreu em 1098. Seu "nome próprio" era Anardil; mas cedo tornou-se conhecido como Aldarion, porque se ocupava muito de árvores e plantou grandes florestas para fornecerem madeira aos estaleiros. Foi um grande marinheiro e armador; e ele próprio muitas vezes navegou até a Terra-média, onde se tornou amigo e conselheiro de Gilgalad. Em decorrência de suas longas ausências no estrangeiro, sua esposa Erendis encolerizou-se, e separaram-se no ano de 882. Seu único descendente direto foi uma filha, muito bela, Ancalime. Em seu favor Aldarion alterou a lei da sucessão, de modo que a filha (mais velha) do Rei haveria de lhe suceder caso ele não tivesse filhos homens. Essa mudança desagradou aos descendentes de Elros, em especial ao herdeiro pela antiga lei, Soronto, sobrinho de Aldarion, filho de sua irmã mais velha Ailinel.

VII *Tar-Ancalime*
Era a única descendente direta de Tar-Aldarion, e foi a primeira Rainha Governante de Númenor. Nasceu no ano de 873, e reinou por 205 anos, mais do qualquer monarca depois de Elros; renunciou ao cetro em 1280. e morreu em 1285. Por muito tempo permaneceu solteira; mas, quando foi pressionada a renunciar por Soronto, para afrontá-lo, no ano 1000 casou-se com Hallacar, filho de Hallatan, um descendente de Vardamir. Após o nascimento de seu filho, Anárion, houve discórdia entre Ancalime e Hallacar. Ela era altiva e voluntariosa. Após a morte de Aldarion, negligenciou todas as suas políticas e não deu mais auxílio a Gil-galad.

VIII *Tar-Anárion*
Era filho de Tar-Ancalime e nasceu no ano de 1003. Reinou por 114 anos, e renunciou ao cetro em 1394; morreu em 1404.

IX *Tar-Súrion*
Era o terceiro filho de Tar-Anárion; suas irmãs recusaram o cetro. Nasceu no ano de 1174, e reinou por 162 anos; renunciou ao cetro em 1556 e morreu em 1574.

X *Tar-Telperien*
Foi a segunda Rainha Governante de Númenor. Foi longeva (pois as mulheres dos númenorianos tinham a vida mais longa, ou abriam mão dela com menos facilidade), e não se casou com nenhum homem. Portanto, depois dos seus dias. o cetro passou a Minastir; ele era filho de Isilmo, segundo descendente direto de Tar-Súrion. Tar-Telperien nasceu no ano de 1320; reinou por 175 anos, até 1731, e morreu nesse mesmo ano.

XI *Tar-Minastir*
Levava este nome porque construiu uma alta torre na colina de Oromet, perto de Andúnie

e das costas ocidentais, e passava boa parte de seus dias olhando de lá para o oeste. Pois o anseio tornara-se forte no coração dos númenorianos. Amava os eldar, mas os invejava. Foi ele quem enviou uma grande frota em auxílio de Gil-galad na primeira guerra contra Sauron. Nasceu no ano de 1474, e reinou por 138 anos; renunciou ao cetro em 1869, e morreu em 1873.

XII *Tar-Ciryatan*
Nasceu no ano de 1634 e reinou por 160 anos; renunciou ao cetro em 2029 e morreu em 2035. Foi um Rei poderoso, mas ávido de riquezas. Construiu uma grande frota de navios reais, e seus servos trouxeram de volta grande quantidade de metais e pedras preciosas, e oprimiram os homens da Terra-média. Desprezava os anseios de seu pai, e aliviava a inquietude de seu coração viajando, para o leste, o norte e o sul, até assumir o cetro. Diz-se que constrangeu seu pai a lhe ceder o cetro antes que este o fizesse de livre vontade. Desse modo (afirma-se), pôde ser vista a primeira chegada da Sombra sobre a bem-aventurança de Númenor.

XIII *Tar-Atanamir, o Grande*
Nasceu no ano de 1800 e reinou por 192 anos, até 2221, que foi o ano de sua morte. Muito se diz deste Rei nos Anais que sobreviveram à Queda. Pois era, assim como seu pai, orgulhoso e ávido de riquezas, e os númenorianos a seu serviço exigiam pesados tributos dos homens das costas da Terra-média. No seu reinado, a Sombra caiu sobre Númenor; e o Rei e aqueles que seguiam seu saber falavam abertamente contra a interdição dos Valar; e seus corações voltaram-se contra os Valar e os eldar; mas ainda conservavam sabedoria, pois temiam os Senhores do Oeste e não os desafiavam. Atanamir também é chamado de o Relutante, pois foi o primeiro dos Reis a recusar-se a abandonar a vida, ou a renunciar ao cetro; e viveu até que a morte o levasse à força, senil.

XIV *Tar-Ancalimon*
Nasceu no ano de 1986 e reinou por 165 anos, até sua morte em 2386. No seu tempo, ampliou-se a cisão entre os Homens do Rei (a maioria) e aqueles que mantinham sua antiga amizade com os eldar. Muitos dos Homens do Rei começaram a abandonar o uso dos idiomas élficos, e a não ensiná-los mais a seus filhos. Mas os títulos reais ainda eram dados em quenya, mais por antigo costume que por amor, por temerem que o abandono de um velho uso trouxesse má sorte.

XV *Tar-Telemmaitê*
Nasceu no ano de 2136 e reinou por 140 anos, até sua morte em 2526. A partir dele, cada Rei passou a reinar em termos nominais desde a morte de seu pai até sua própria morte, embora o poder efetivo muitas vezes passasse a seus filhos ou conselheiros, e os dias dos descendentes de Elros minguaram sob a Sombra. Este Rei era assim chamado em virtude de seu amor pela prata, e mandava seus servos procurarem sempre por *mithril.*

XVI *Tar-Vanimeldê*
Foi a terceira Rainha Governante; nasceu no ano de 2277 e reinou por 111 anos até sua morte em 2637. Pouco se importava com o governo, apreciando mais a música e a dança; e o poder era exercido por seu marido Herucalmo, mais jovem que ela, porém descendente de Tar-Atanamir no mesmo grau. Herucalmo assumiu o cetro após a morte da esposa, chamando-se Tar-Anducal, e recusando o reinado a seu filho Alcarin. Há, porém, quem não o conte na Linhagem dos Reis como o décimo sétimo, e passe a

Alcarin. Tar-Anducal nasceu no ano de 2286 e morreu em 2657.

XVII *Tar-Alcarin*
Nasceu no ano de 2406, e reinou por 80 anos até sua morte em 2737, tendo sido rei de direito por cem anos.

XVIII *Tar-Calmacil*
Nasceu no ano de 2516 e reinou por 88 anos até sua morte em 2825. Tomou esse nome porque na juventude foi um grande capitão e conquistou vastas regiões ao longo do litoral da Terra-média. Assim insuflou o ódio de Sauron, que, não obstante, se retirou para construir seu poderio no leste, longe da costa, à espera do momento propício. Nos dias de Tar-Calmacil o nome do Rei foi pela primeira vez pronunciado em adûnaico, e pelos Homens do Rei ele era chamado Ar-Belzagar.

XIX *Tar-Ardamin*
Nasceu no ano de 2618 e reinou por 74 anos até sua morte em 2899. Seu nome em adûnaico era Ar-Abattârik.

XX *Ar-Adûnakhôr (Tar-Herunúmen)*
Nasceu no ano de 2709 e reinou por 63 anos até sua morte em 2962. Foi o primeiro Rei a assumir o cetro com um título em língua adûnaica; porém, por medo (como se disse acima), um nome em quenya foi inscrito nos Pergaminhos. Mas esses títulos eram considerados blasfemos pelos Fiéis, pois significavam "Senhor do Oeste", título pelo qual costumavam nomear somente um dos grandes Valar, Manwe em especial. Nesse reinado, os idiomas élficos não foram mais usados, nem se permitiu que fossem ensinados, mas foram mantidos em segredo pelos Fiéis. E daí em diante os navios de Eressea passaram a vir às praias ocidentais de Númenor raramente e em segredo.

XXI *Ar-Zimrathôn (Tar-Hostamir)*
Nasceu no ano de 2798 e reinou por 71 anos até sua morte em 3033.

XXII *Ar-Sakalthôr (Tar-Falassion)*
Nasceu no ano de 2876 e reinou por 69 anos até sua morte em 3102.

XXIII *Ar-Gimilzôr (Tar-Telemnar)*
Nasceu no ano de 2960 e reinou por 75 anos até sua morte em 3177. Foi o maior inimigo dos Fiéis que já surgira. Proibiu totalmente o uso dos idiomas eldarin, não permitia que nenhum dos eldar viesse ao país e punia aqueles que os recebiam. Não reverenciava nada e nunca ia ao Local Sagrado de Eru. Casou-se com Inzilbêth, uma senhora descendente de Tar-Calmacil; mas ela pertencia secretamente aos Fiéis, pois sua mãe era Lindórië da Casa dos Senhores de Andúnie. Havia pouco amor entre eles, e discórdia entre seus filhos. Pois Inziladûn, o mais velho, era amado por sua mãe e compartilhava suas idéias; mas Gimilkhâd, o mais novo, saíra ao pai, e a ele Ar-Gimilzôr de bom grado teria nomeado seu Herdeiro, caso as leis o permitissem. Gimilkhâd nasceu no ano de 3044 e morreu em 3243.

XXIV *Tar-Palantir (Ar-Inziladûn)*
Nasceu no ano de 3035 e reinou por 78 anos até sua morte em 3255. Tar-Palantir

arrependeu-se dos costumes dos Reis que o precederam, e de bom grado teria retornado à amizade dos eldar e dos Senhores do Oeste. Inziladûn assumiu esse nome porque tinha visão longínqua, tanto nos olhos como na mente, e até mesmo aqueles que o odiavam temiam suas palavras como as de um vidente. Também passava boa parte de seus dias em Andúnie, visto que Lindórië, mãe de sua mãe, era aparentada dos Senhores, por ser de fato irmã de Earendur, o décimo quinto Senhor e avô de Númendil, que era Senhor de Andúnie nos dias de seu primo Tar-Palantir; e Tar-Palantir costumava subir à antiga torre do Rei Minastir, e fitava o oeste ansioso, talvez na esperança de ver alguma vela chegando de Eressea. Mas nenhum navio jamais voltou a chegar do oeste, em decorrência da insolência dos Reis, e porque o coração da maioria dos númenorianos ainda estava endurecido. Pois Gimilkhâd seguia os costumes de Ar-Gimilzôr, e tornou-se líder do Partido do Rei, e resistia à vontade de Tar-Palantir de modo tão explícito quanto ousava, e mais ainda em segredo. Mas por algum tempo os Fiéis tiveram paz; e o Rei sempre ia, nas épocas devidas, ao Local Sagrado na Meneltarma, e a Árvore Branca voltou a receber cuidados e honras. Pois Tar-Palantir fez uma profecia de que, quando a Árvore morresse, a linhagem dos Reis pereceria também. Tar-Palantir casou-se tarde, não teve filho homem e chamou sua filha Míriel no idioma élfico. Mas, quando o Rei morreu, ela foi desposada por Pharazôn, filho de Gimilkhâd (que também morrera), contra sua vontade e contra a lei de Númenor, visto que ela era filha do irmão do pai de Pharazôn. E ele então tomou o cetro em suas próprias mãos, assumindo o título de Ar-Pharazôn (Tar-Calion); e Míriel foi chamada de Ar-Zimraphel.

XXV *Ar-Pharazôn (Tar-Calion)*
O mais poderoso, e o último Rei de Númenor. Nasceu no ano de 3118, reinou por 64 anos e morreu na Queda no ano de 3319, usurpando o cetro de *Tar-Míriel (Ar-Zimraphel)*
Nasceu no ano de 3117 e morreu na Queda.
Dos feitos de Ar-Pharazôn, de sua glória e sua loucura, conta-se mais na história da Queda de Númenor, que foi escrita por Elendil, e que foi preservada em Gondor.

CAPÍTULO IV

A história de Galadriel e Celeborn e de Amroth, Rei de Lórien

Não há nenhuma parte da história da Terra-média mais repleta de problemas que a história de Galadriel e Celeborn, e deve-se admitir que há graves inconsistências "embutidas nas tradições"; ou, olhando o assunto de outro ponto de vista, que o papel e a importância de Galadriel emergiram apenas lentamente, e que sua história sofreu contínuas readaptações.

Assim, de início, é certo que a concepção mais antiga era que Galadriel atravessou sozinha as montanhas desde Beleriand para o leste, antes do fim da Primeira Era, e encontrou Celeborn em sua própria terra de Lórien. Isso está explicitamente afirmado em escritos inéditos, e a mesma idéia forma a base das palavras de Galadriel a Frodo, em *A Sociedade do Anel.* II, VII, onde ela diz de Celeborn que "Ele mora no Oeste desde os dias da aurora, e eu moro com ele há anos sem conta; pois, antes da queda de

Nargothrond ou Gondolin, atravessei as montanhas, e juntos, através de eras do mundo, combatemos a longa derrota". É muito provável que Celeborn nessa concepção fosse um elfo nan-dorin (isto é, um dos teleri que se recusaram a atravessar as Montanhas da Névoa na Grande Viagem a partir de Cuiviénen).

Por outro lado, no Apêndice B do *Senhor dos Anéis,* aparece uma versão posterior da história; pois lá se afirma que no início da Segunda Era "Em Lindon, ao sul de Lûn, morou por um tempo Celeborn, parente de Thingol; sua mulher era Galadriel, a maior das mulheres élficas". E nas notas de *The Road Goes*

Ever On (1968, p. 60) está dito que Galadriel "passou sobre as Montanhas de Eredluin com seu esposo Celeborn (um dos sindar) e foi para Eregion".

No *Silmarillion* há uma menção do encontro de Galadriel e Celeborn em Doriath, e do parentesco dele com Thingol; bem como do fato de que pertenciam àqueles eldar que permaneceram na Terra-média após o fim da Primeira Era.

As razões e os motivos dados para Galadriel permanecer na Terra-média são vários. O trecho que foi acabado de citar, de *The Road Goes Ever On,* diz explicitamente: "Após a derrota de Morgoth ao fim da Primeira Era, uma interdição fora imposta ao retorno dela, e ela replicara altivamente que não desejava retornar". Não há afirmativa tão explícita no *Senhor dos Anéis;* mas em uma carta escrita em 1967 meu pai declarou:

> Aos Exilados foi permitido retornar, à exceção de alguns protagonistas da rebelião, dos quais apenas Galadriel restava ao tempo do *Senhor dos Anéis.* À época do seu Lamento em Lórien, ela acreditava que isso seria perene, enquanto durasse a Terra. Por isso, conclui seu lamento com o desejo, ou súplica, de que a Frodo possa ser concedida, por graça especial, uma permanência purgatorial (mas não penal) em Eressea, a ilha solitária à vista de Aman, embora o caminho esteja fechado para ela. Sua súplica foi atendida - mas também foi anulada sua interdição pessoal, como recompensa por seus serviços contra Sauron, e acima de tudo por ela ter rejeitado a tentação de tomar o Anel quando este lhe foi oferecido. Assim, ao final, vemo-la embarcar.

Esta afirmativa, no entanto, muito positiva em si mesma, não demonstra que a concepção de uma interdição ao retorno de Galadriel para o Oeste estivesse presente quando o capítulo "Adeus a Lórien" foi composto, muitos anos antes, e inclino-me a pensar que não estava.

Em um ensaio muito tardio e essencialmente filológico, escrito sem dúvida depois da publicação de *The Road Goes Ever On,* a história é distintamente diversa:

> Galadriel e seu irmão Finrod eram filhos de Finarfin, segundo filho de Indis. Finarfin era semelhante à sua mãe em mente e corpo e possuía o cabelo dourado dos vanyar, seu temperamento nobre e gentil e seu amor pelos Valar. Mantinha-se tanto quanto podia afastado da contenda de seus irmãos e de sua alienação dos Valar, e muitas vezes buscou a paz entre os teleri, cuja língua aprendera. Casou-se com Earwen, filha do Rei Olwe de Alqualonde, e assim seus filhos eram aparentados com o Rei Elu Thingol de Doriath em Beleriand, pois este era irmão de Olwe, E esse parentesco influenciou sua decisão de participarem do Exílio, e mais tarde em Beleriand demonstrou ser de grande importância.
>
> Finrod saíra ao pai no belo rosto e cabelos dourados, bem como no coração nobre e generoso, apesar de apresentar a extrema coragem dos noldor e, na juventude, sua impaciência e inquietação; e de sua mãe telerin herdara também o amor pelo mar e sonhos com terras longínquas que jamais vira. Galadriel era a maior dos noldor, a não ser talvez por Fêanor, se bem que fosse mais sábia que ele, e sua sabedoria aumentava com os longos anos.
>
> Seu nome materno era Nerwen ("donzela-homem"), e ela atingiu uma altura além

> da medida até mesmo das mulheres dos noldor; era forte de corpo, mente e vontade, rivalizando tanto com os sábios quanto com os atletas dos eldar nos dias da juventude destes. Era considerada bela mesmo entre os eldar, e seu cabelo era tido como maravilha sem par. Era dourado como o cabelo de seu pai e de sua ancestral Indis, porém mais rico e mais radiante, pois seu ouro continha alguma lembrança da prata estelar de sua mãe; e os eldar diziam que a luz das Duas Árvores, Laurelin e Telperion, havia sido apanhada em seus cachos. Muitos pensavam que foi essa expressão que deu primeiro a Fêanor a idéia de aprisionar e misturar a luz das Árvores que mais tarde tomou forma em suas mãos como as Silmarils. Pois Fêanor contemplava o cabelo de Galadriel com maravilha e deleite. Três vezes implorou por um cacho, mas Galadriel não lhe deu nem mesmo um fio de cabelo. Esses dois parentes, os maiores dentre os eldar de Valinor, ficaram sendo inimigos para sempre.
>
> Galadriel nasceu na bem-aventurança de Valinor, mas não passou muito tempo, pela contagem do Reino Abençoado, até que esta minguasse; e daquele ponto em diante ela não teve paz interior. Pois naqueles tempos difíceis, em meio à contenda dos noldor, ela era arrastada de um lado para o outro. Era orgulhosa, forte e voluntariosa, assim como todos os descendentes de Finwe, salvo Finarfin; e como seu irmão Finrod, o mais próximo ao seu coração de toda a família, tinha sonhos de terras longínquas e domínios que poderiam lhe pertencer, para governá-los como quisesse, sem tutela. Porém ainda mais fundo habitava nela o nobre e generoso espírito dos vanyar, bem como uma reverência pelos Valar que não podia esquecer. Desde os primeiros anos, tinha um maravilhoso dom de penetrar na mente alheia, mas julgava os outros com compaixão e compreensão, e a ninguém negava sua boa vontade, à unica exceção de Fêanor. Nele, ela percebia uma escuridão que odiava e temia, embora não se desse conta de que a sombra do mesmo mal recaíra sobre a mente de todos os noldor, e sobre a sua própria.
>
> Assim aconteceu que, quando se desvaneceu a luz de Valinor, para sempre, como pensavam os noldor, ela se uniu à rebelião contra os Valar que os mandavam ficar. E, uma vez que pôs os pés nesse caminho, não quis voltar atrás e rejeitou a última mensagem dos Valar, incorrendo, assim, na Condenação de Mandos. Mesmo após o implacável ataque aos teleri e o rapto de seus navios, apesar de ter lutado ferozmente contra Fêanor em defesa da família de sua mãe, ela não recuou. Seu orgulho recusava-se a permitir que retornasse derrotada, suplicante por perdão. Agora, porém, ela ardia com o desejo de seguir Fêanor, irada, a quaisquer terras às quais ele chegasse e de frustrá-lo de todas as maneiras que pudesse. O orgulho ainda a movia quando, ao final dos Dias Antigos, após a derrocada final de Morgoth, ela recusou o perdão dos Valar para todos os que o haviam combatido, e permaneceu na Terra-média. Somente depois de se passarem mais duas longas eras, quando finalmente tudo o que desejara na juventude lhe chegou às mãos, o Anel do Poder e o domínio da Terra-média com o qual sonhara, foi que sua sabedoria se tornou plena e ela tudo rejeitou. E, ao passar por esse último teste, partiu para sempre da Terra-média.

Esta última frase está intimamente relacionada com a cena em Lothlórien em que Frodo ofereceu o Um Anel a Galadriel *(A Sociedade do Anel,* II, VII): “E agora finalmente ele chega. Você me oferece o Anel livremente! No lugar do Senhor do Escuro, você coloca uma Rainha”.

No *Silmarillion* conta-se que, à época da rebelião dos noldor em Valinor, Galadriel

> estava ansiosa por partir. Não fez nenhum juramento, mas as palavras de Fêanor acerca da Terra-média haviam reverberado em seu coração, pois ela ansiava por ver os vastos territórios desprotegidos e estabelecer ali um reino a seu gosto.

Existem, porém, no presente relato, vários traços dos quais não há vestígio no *Silmarillion:* o parentesco dos filhos de Finarfin com Thingol como fator que influenciou sua decisão de se unirem à rebelião de Fêanor; a peculiar ojeriza e desconfiança de Galadriel por Fêanor desde o começo, e o efeito que Galadriel exercia sobre ele; e a luta em Alqualonde entre os próprios noldor. Angrod garantiu a Thingol em Menegroth apenas que a família de Finarfin era inocente da matança dos teleri (O *Silmarillion,* p. 158). No entanto, o que é mais notável no trecho recém-citado é a afirmativa explícita de que Galadriel *recusou o perdão dos Valar* ao final da Primeira Era.

Mais adiante nesse ensaio diz-se que, embora fosse chamada Nerwen pela mãe e Artanis ("mulher nobre") pelo pai, o nome que escolheu como seu próprio nome em sindarin foi Galadriel, "pois era o mais belo de seus nomes, e lhe fora dado pelo seu amor, Teleporno dos teleri, com quem mais tarde se casou em Beleriand". Teleporno é Celeborn, que aqui recebe uma história diferente, conforme se discute abaixo; sobre o nome propriamente dito, vide o Apêndice E.

Uma história totalmente diferente, esboçada mas nunca desenvolvida, sobre a conduta de Galadriel à época da rebelião dos noldor aparece em uma nota muito tardia e parcialmente ilegível: o último escrito de meu pai sobre o tema de Galadriel e Celeborn, e provavelmente o último sobre a Terra-média e Valinor, redigido no seu último mês de vida. Ali ele salientava a estatura imponente que Galadriel já tinha em Valinor, equivalente à de Feanor, se bem que diversa em dons; e ali está dito que, longe de se unir à revolta de Fêanor, ela se opôs a ele de todas as maneiras. Na verdade desejava partir de Valinor e ir ao amplo mundo da Terra-média para exercer seus talentos, pois "como era brilhante na mente e veloz na ação. cedo absorvera tudo o que fora capaz dos ensinamentos que os Valar julgavam conveniente transmitir aos eldar", e sentia-se confinada na tutela de Aman. Esse desejo de Galadriel era, ao que parece, do conhecimento de Manwe, e ele não lhe proibira nada, mas ela também não recebera permissão formal para partir. Ponderando o que poderia fazer, os pensamentos de Galadriel voltaram-se para os navios dos teleri, e por algum tempo ela foi morar com a família de sua mãe em Alqualonde. Lá encontrou Celeborn, que aqui é novamente um príncipe telerin, neto de Olwe de Alqualonde e portanto parente próximo dela. Juntos planejaram construir um navio e nele navegar até a Terra-média. Estavam a ponto de pedir permissão aos Valar para sua aventura quando Melkor fugiu de Valmar e. voltando com Ungoliant. destruiu a luz das Árvores. Na revolta de Fêanor, que se seguiu ao Ocaso de Valinor, Galadriel não tomou parte: na realidade ela e Celeborn lutaram heroicamente em defesa de Alqualonde contra o ataque dos noldor, e o navio de Celeborn foi salvo deles. Galadriel, agora desesperançada de Valinor e horrorizada com a violência e a crueldade de Fêanor, velejou pelas trevas sem esperar pela permissão de Manwe, que naquela hora sem dúvida lhe teria sido negada, por muito que seu desejo fosse legítimo em si. Dessa forma foi incluída na interdição de todas as partidas, e Valinor fechou-se ao seu retorno. Mas, na companhia de Celeborn, ela chegou à Terra-média um pouco antes que Fêanor e navegou para o porto cujo senhor era Círdan. Lá foram recebidos com alegria, visto que eram da família de Elwe (Thingol). Nos anos seguintes, não se juntaram à guerra contra Angband, que julgavam sem esperanças sob a interdição dos Valar e sem auxílio deles. E seu conselho era retirar-se de Beleriand e construir um poderio a leste (de onde temiam que Morgoth buscaria reforços), amparando e ensinando os elfos escuros e os homens daquelas regiões. Mas, como tal política não tinha chance de ser aceita pelos elfos de Beleriand, Galadriel e Celeborn partiram para transpor Ered Lindon antes do fim da Primeira Era. E, quando receberam a permissão dos Valar para retornar ao Oeste, eles

a rejeitaram.

Essa história, que exclui Galadriel de qualquer associação com a rebelião de Feanor, mesmo a ponto de lhe conceder uma partida em separado (com Celeborn) de Aman, diverge profundamente de tudo o que se diz em outros lugares. Ela decorreu de considerações "filosóficas" (e não "históricas"), por um lado acerca da precisa natureza da desobediência de Galadriel em Valinor, e por outro acerca de sua condição e seu poder na Terra-média. É evidente que isso teria implicado inúmeras alterações na narrativa do *Silmarillion,* mas meu pai sem dúvida pretendia realizá-las. Pode-se notar aqui que Galadriel não aparecia na história original da rebelião e fuga dos noldor, que existia muito antes dela; e também, naturalmente, que após sua aparição nas histórias da Primeira Era seus atos ainda poderiam sofrer transformações radicais, visto que *O Silmarillion* não fora publicado. O livro tal como se publicou foi, no entanto, formado a partir de narrativas terminadas, e eu não podia levar em conta revisões meramente projetadas.

Por outro lado. a transformação de Celeborn em um elfo telerin de Aman contradiz não apenas afirmativas feitas no *Silmarillion,* mas também aquelas já mencionadas de *The Road Goes Ever On* e do Apêndice B do *Senhor dos Anéis,* pelos quais Celeborn é um elfo sindarin de Beleriand. Quanto à pergunta sobre o motivo pelo qual deveria ser feita essa alteração fundamental na história de Celeborn, poder-se-ia responder que ela resultou do novo elemento narrativo da partida de Galadriel de Aman *separadamente* das hostes dos noldor rebeldes; mas Celeborn já está transformado em elfo telerin no texto, em que Galadriel tomou parte na revolta de Fêanor e em sua marcha desde Valinor, e onde não há indicação de como Celeborn chegou ã Terra-média.

A história anterior (à parte da questão da interdição e do perdão), à qual se referem as afirmativas no *Silmarillion,* em *The Road Goes Ever On* e no Apêndice B do *Senhor dos Anéis,* é bastante clara: Galadriel, chegando à Terra-média como um dos líderes da segunda hoste dos noldor, encontrou Celeborn em Doriath, e mais tarde casou-se com ele. Ele era neto de Elmo, irmão de Thingol - uma figura obscura sobre a qual nada se diz, exceto que era o irmão mais novo de Elwe (Thingol) e Olwe, e era "amado por Elwe, com quem permaneceu. (O filho de Elmo chamava-se Galadhon, e seus filhos eram Celeborn e Galathil. Galathil era pai de Nimloth, que se casou com Dior, Herdeiro de Thingol, e era mãe de Elwing. De acordo com essa genealogia, Celeborn era parente de Galadriel, neta de Olwê de Alqualonde, porém não tão próximo quanto na genealogia em que se tornou neto de Olwê.) É uma presunção natural que Celeborn e Galadriel estivessem presentes na ruína de Doriath (diz-se em um lugar que Celeborn "escapou do saque de Doriath"), e talvez tenham ajudado Elwing a escapar para os Portos do Sirion com a Silmaril - mas em nenhum lugar isso está afirmado. Celeborn é mencionado no Apêndice B do *Senhor dos Anéis* como tendo habitado por algum tempo em Lindon ao sul do Lûn; mas no início da Segunda Era eles transpuseram as montanhas para entrar em Eriador. Sua história subseqüente, na mesma fase (por assim dizer) da escrita de meu pai, está contada na breve narrativa que se segue.

Acerca de Galadriel e Celeborn

O texto que leva esse título é um esboço curto e apressado, composto de forma muito tosca, mas que ainda assim é praticamente a única fonte narrativa para os eventos no oeste da Terra-média até a derrota e expulsão de Sauron de Eriador, no ano de 1701 da

Segunda Era. Afora esse texto, pouco existe além dos registros, breves e infreqüentes, no Conto dos Anos, e do relato muito mais generalizado e seletivo em *Dos Anéis de Poder e da Terceira Era* (publicado no *Silmarillion).* É certo que o texto presente foi composto após a publicação do *Senhor dos Anéis,* tanto por existir uma referência ao livro quanto pelo fato de Galadriel ser chamada de filha de Finarfin e irmã de Finrod Felagund (pois esses são os nomes posteriores desses príncipes, introduzidos na edição revisada. O texto está muito emendado, e nem sempre é possível ver o que pertence à época da composição do manuscrito e o que é indefinidamente posterior. É esse o caso daquelas referências a Amroth que fazem dele o filho de Galadriel e Celeborn. No entanto, não importa quando essas referências tenham sido inseridas, creio ser praticamente certo que essa era uma criação nova, posterior à redação do *Senhor dos Anéis.* Se ele tivesse constado como filho deles quando esse livro foi escrito, com certeza o fato teria sido mencionado.

É extremamente notável que não somente esse texto deixa de mencionar uma interdição sobre o retorno de Galadriel ao Oeste, mas um trecho no início do relato até mesmo faz crer que nenhuma idéia semelhante estava presente; ao passo que, mais adiante na narrativa, o fato de Galadriel permanecer na Terra-média após a derrota de Sauron em Eriador é atribuído ao seu julgamento de ser seu dever não partir enquanto ele ainda não estivesse derrotado de forma definitiva. Este é um importante sustentáculo da (hesitante) opinião expressa acima de que a história da interdição era posterior à redação do *Senhor dos Anéis;* cf. também um trecho da história da Elessar.

O que se segue aqui é recontado a partir desse texto, com alguns comentários intercalados indicados por colchetes.

Galadriel era a filha de Finarfin e irmã de Finrod Felagund. Era bem-vinda em Doriath porque sua mãe Earwen, filha de Olwe, era telerin e sobrinha de Thingol, e porque o povo de Finarfin não participara do Fratricídio de Alqualonde; e ela tornou-se amiga de Melian. Em Doriath conheceu Celeborn, neto de Elmo irmão de Thingol. Por amor a Celeborn, que não desejava abandonar a Terra-média (e provavelmente com algum orgulho próprio seu, pois ela estivera entre os que ansiavam por viver aventuras lá), ela não foi para o Oeste por ocasião da Queda de Melkor, mas atravessou Ered Lindon com Celeborn e chegou a Eriador. Quando entraram naquela região, havia muitos noldor em seu séquito, além de elfos cinzentos e elfos verdes; e por algum tempo habitaram na região em volta do Lago Nenuial (Vesperturvo. ao norte do Condado). Celeborn e Galadriel chegaram a ser considerados Senhor e Senhora dos Eldar em Eriador, aí incluídos os grupos errantes de origem nandorin que nunca haviam passado para o oeste por sobre Ered Lindon para chegar a Ossiriand [vide *O Silmarillion,* p. 110]. Durante o tempo em que moraram perto de Nenuial, em algum momento entre os anos de 350 e 400, nasceu seu filho Amroth. [A época e o lugar do nascimento de Celebrían, seja ali, mais tarde em Eregion, seja ainda mais tarde em Lórien, não são definidos.]

Mas com o tempo Galadriel deu-se conta de que Sauron fora outra vez deixado para trás, tal como nos antigos dias do cativeiro de Melkor [vide *O Silmarillion,* p. 51]. Ou melhor, visto que Sauron ainda não tinha um nome único, e não se percebera que suas operações procediam de um único espírito malévolo, servo principal de Melkor, ela notou que havia um maligno propósito controlador à solta no mundo, e que parecia provir de uma fonte mais a leste, além de Eriador e das Montanhas da Névoa.

Portanto Celeborn e Galadriel foram para o leste, cerca do ano de 700 da Segunda Era. e estabeleceram o reino de Eregion de natureza primordialmente mas não exclusivamente noldorin. Pode ser que Galadriel o tenha escolhido por ter conhecimento dos anões de Khazad-dûm (Moria). Havia, e sempre ali permaneceram, alguns anões do lado oriental de Ered Lindon, onde outrora se encontravam as antiqüíssimas mansões de

Nogrod e Belegost - não longe de Nenuial; mas eles haviam transferido a maior parte de suas forças para Khazad-dúm. Celeborn não tinha simpatia pelos anões de qualquer raça (como mostrou a Gimli em Lothlórien), e nunca lhes perdoou seu papel na destruição de Doriath; mas foi apenas a hoste de Nogrod que tomou parte naquele ataque, e ela foi destruída na batalha de Sam Athrad *[O Silmarillion,* pp. 299-300]. Os anões de Belegost encheram-se de consternação com a calamidade e temor por seu desfecho, e isso apressou sua partida para o leste, para Khazad-dûm. Assim pode-se presumir que os anões de Moria fossem inocentes da ruína de Doriath e não hostis aos elfos. De qualquer maneira. Galadriel tinha nesse ponto mais perspicácia que Celeborn; e ela percebeu desde logo que a Terra-média não podia ser salva do "resíduo do mal" que Morgoth deixara para trás, a não ser por uma união de todos os povos que à sua maneira e em sua medida se opunham a ele. Também enxergava os anões com olhos de comandante, vendo neles os melhores guerreiros para serem enviados contra os orcs. Ademais, Galadriel era uma noldo, e tinha uma natural afinidade com suas mentes e seu amor apaixonado pelos trabalhos das mãos, afinidade muito maior que a encontrada entre muitos eldar: os anões eram "os Filhos de Aule", e Galadriel, como outros dentre os noldor, fora pupila de Aule e Yavanna em Valinor.

Galadriel e Celeborn tinham em sua companhia um artesão noldorin chamado Celebrimbor. [Aqui se diz que ele era um dos sobreviventes de Gondolin, que estivera entre os maiores artífices de Turgon; mas o texto foi emendado para adequar-se à história posterior que fazia dele um descendente de Fêanor, como está mencionado no Apêndice B do *Senhor dos Anéis* (somente na edição revisada), e detalhado mais plenamente no *Silmarillion* (pp. 222. 365), onde se diz que ele era o filho de Curufin, quinto filho de Fêanor, que se apartou do pai e permaneceu em Nargothrond quando Celegorm e Curufin foram expulsos.] Celebrimbor tinha "uma obsessão quase 'de anão' pelos ofícios", e logo tornou-se artífice-mor de Eregion, passando a relacionar-se de perto com os anões de Khazad-dûm, entre os quais seu maior amigo era Narvi. [Na inscrição da Porta Oeste de Moria, Gandalf leu as palavras: *Im Narvi hain echant: Celebrimbor o Eregion teihant i thiw him* "Eu, Narvi, as fiz. Celebrimbor de Azevim desenhou estes sinais". *A Sociedade do Anel,* II, IV.] Tanto os elfos quanto os anões ganharam muito com essa associação: dessa forma Eregion tornou-se muito mais forte, e Khazad-dûm, muito mais bela do que qualquer das duas teria sido sozinha.

[Este relato sobre a origem de Eregion concorda com o que se conta em *Dos Anéis de Poder (O Silmarillion,* pp. 364-5), mas nem aí, nem nas breves referências no Apêndice B do *Senhor dos Anéis,* há nenhuma menção da presença de Galadriel e Celeborn.

De fato, nesta última obra (novamente, apenas na edição revisada) Celebrimbor é chamado de Senhor de Eregion.]

A construção da principal cidade de Eregion, Ost-in-Edhil, foi iniciada por volta do ano de 750 da Segunda Era [a data indicada no Conto dos Anos para a fundação de Eregion pelos noldor]. Notícias desses fatos chegaram aos ouvidos de Sauron e aumentaram seu temor acerca da chegada dos númenorianos a Lindon e às costas mais ao sul, bem como de sua amizade com Gil-galad. E ele também ouviu falar de Aldarion, filho de Tar-Meneldur, Rei de Númenor, que agora se tornara um grande armador e aportava suas embarcações bem longe no Harad. Portanto Sauron deixou Eriador em paz por algum tempo, e escolheu a terra de Mordor, como mais tarde se chamou, como fortaleza para se opor à ameaça dos desembarques númenorianos [isso está datado *c.* 1000 no Conto dos Anos]. Quando se sentiu seguro, enviou emissários a Eriador, e finalmente, por volta do ano de 1200 da Segunda Era, foi para lá ele mesmo, envergando a forma

mais bela que pôde inventar.

Nesse meio tempo, entretanto, o poder de Galadriel e Celeborn havia crescido, e Galadriel, auxiliada nisso por sua amizade com os anões de Moria, entrara em contato com o reino nandorin de Lórinand, do outro lado das Montanhas da Névoa'. Ele era povoado por aqueles elfos que renunciaram à Grande Viagem dos eldar desde Cuiviénen e se estabeleceram nas florestas do Vale do Anduin [O *Silmarillion,* p. 109]; e se estendia às florestas de ambos os lados do Grande Rio, incluindo a região onde mais tarde foi Dol Guldur. Esses elfos não tinham príncipes ou governantes, e levavam suas vidas livres de preocupação, enquanto todo o poder de Morgoth se concentrava no noroeste de Terra-média; "mas muitos sindar e noldor vieram morar com eles, e começou sua 'sindarinizaçâo' sob o impacto da cultura beleriândica". [Não fica claro quando ocorreu este movimento para Lórinand; pode ser que viessem de Eregion através de Khazad-dûm e sob os auspícios de Galadriel.] Galadriel, nos esforços para neutralizar as maquinações de Sauron, teve sucesso em Lórinand; enquanto isso, em Lindon, Gil-galad expulsou os emissários de Sauron e até mesmo o próprio Sauron [como se relata mais plenamente em *Dos Anéis de Poderio Silmarillion,* p. 365)]. Mas Sauron teve mais sorte com os noldor de Eregion, em especial com Celebrimbor, que em seu coração desejava se equiparar à habilidade e à fama de Fêanor. [A forma pela qual Sauron logrou os artífices de Eregion, e o nome de Annatar, Senhor dos Presentes, que assumiu, estão relatados em *Dos Anéis de Poder,* mas lá não há menção a Galadriel.]

Em Eregion, Sauron fez-se passar por emissário dos Valar, enviado por eles à Terra-média ("adiantando-se assim aos Istari") ou mandado por eles para lá permanecer e auxiliar os elfos. Percebeu imediatamente que Galadriel seria sua principal adversária e obstáculo e, portanto, esforçou-se por aplacá-la, suportando o desprezo dela com aparente paciência e cortesia. [Neste rápido esboço não se dá explicação do motivo por que Galadriel desprezava Sauron, a não ser que conseguisse enxergar por trás de seu disfarce, ou por que, caso percebesse sua verdadeira natureza, lhe permitia ficar em Eregion7] Sauron usou todas as suas artes em Celebrimbor e seus co-artífices, que haviam formado uma sociedade ou irmandade muito poderosa em Eregion, a Gwaith-i-Mírdain; mas trabalhava em segredo, oculto de Galadriel e Celeborn. Em pouco tempo, Sauron tinha a Gwaith-i-Mírdain sob sua influência, pois de início muito lucraram com sua instrução em assuntos secretos de seu ofício. Tornou-se tão grande sua dominação dos Mírdain que finalmente os persuadiu a se revoltarem contra Galadriel e Celeborn e tomarem o poder em Eregion. Isso ocorreu em alguma época entre 1350 e 1400 da Segunda Era. Diante disso, Galadriel deixou Eregion e passou por Khazad-dûm para chegar a Lórinand, levando consigo Amroth e Celebrían; mas Celeborn não quis entrar nas mansões dos anões, e ficou para trás em Eregion, desconsiderado por Celebrimbor. Em Lórinand, Galadriel assumiu o poder e a defesa contra Sauron.

O próprio Sauron partiu de Eregion por volta do ano de 1500, depois que os Mírdain haviam iniciado o fabrico dos Anéis de Poder. Agora, Celebrimbor não estava corrompido no coração nem na fé. mas aceitara Sauron como aquilo que este fingia ser. Quando, por fim, descobriu a existência do Um Anel, revoltou-se contra Sauron, e foi a Lórinand para se aconselhar mais uma vez com Galadriel. Deveriam ter destruído todos os Anéis de Poder nessa ocasião, "mas não conseguiram reunir as forças". Galadriel aconselhou-o a esconder os Três Anéis dos Elfos, a jamais usá-los e a dispersá-los, longe de Eregion, onde Sauron cria que estivessem. Foi então que de Celebrimbor ela recebeu Nenya, o Anel Branco, e pelo seu poder o reino de Lórinand foi fortificado e embelezado; mas o poder que exercia sobre ela era também grande e imprevisto, pois aumentou seu desejo latente do Mar e de voltar para o Oeste, de modo que diminuiu sua alegria na

Terra-média. Celebrimbor seguiu seu conselho para enviar o Anel do Ar e o Anel do Fogo para fora de Eregion; e confiou-os a Gil-galad em Lindon. (Aqui se diz que nessa época Gil-galad deu Narya, o Anel Vermelho, a Círdan, Senhor dos Portos, porém mais adiante na narrativa há uma nota marginal dizendo que ele mesmo o guardou até partir para a Guerra da Última Aliança.)

Quando Sauron ouviu falar do arrependimento e da revolta de Celebrimbor, seu disfarce caiu e sua ira se revelou. E. reunindo um grande exército, avançou sobre Calenardhon (Rohan) para invadir Eriador no ano de 1695. Quando Gil-galad recebeu notícias disso, enviou um exército comandado por Elrond Meio-Elfo; mas Elrond tinha um longo caminho a percorrer, e Sauron voltou-se para o norte prosseguindo imediatamente para Eregion. Os batedores e a vanguarda da hoste de Sauron já se aproximavam quando Celeborn fez uma investida e os rechaçou; mas, embora conseguisse reunir suas forças ás de Elrond, não puderam voltar a Eregion, pois a hoste de Sauron era muito maior que a deles, grande o suficiente para mantê-los à distância e ao mesmo tempo atacar Eregion com vigor. Finalmente os atacantes irromperam em Eregion com ruína e devastação e capturaram o principal objeto do ataque de Sauron, a Casa dos Mírdain, onde estavam suas forjas e seus tesouros. Celebrimbor. desesperado, enfrentou Sauron ele mesmo na escadaria da grande porta dos Mírdain; mas foi agarrado e feito prisioneiro, e a Casa foi saqueada. Lá Sauron apossou-se dos Nove Anéis e de outras obras menores dos Mírdain; mas não conseguiu encontrar os Sete e os Três. Então Celebrimbor foi torturado, e Sauron descobriu por ele a quem haviam sido confiados os Sete. Isso foi revelado por Celebrimbor porque nem os Sete nem os Nove tinham tanto valor para ele quanto os Três. Os Sete e os Nove foram feitos com o auxílio de Sauron, ao passo que os Três foram feitos por Celebrimbor sozinho, com poder e propósito diversos. [Aqui não se diz efetivamente que Sauron nessa época tenha tomado posse dos Sete Anéis, embora esteja claramente implícito que o fez. No Apêndice A (III) do *Senhor dos Anéis* diz-se que havia uma crença entre os anões do Povo de Durin de que o anel de Durin III, Rei de Khazad-dûm, lhe fora dado pelos próprios artífices élficos, e não por Sauron; mas no presente texto nada é dito sobre a forma pela qual os Sete Anéis chegaram à posse dos anões.] Acerca dos Três Anéis. Sauron nada pôde saber por Celebrimbor; e mandou matá-lo. Mas adivinhava a verdade, de que os Três haviam sido confiados a guardiães élficos: e isso devia significar a Galadriel e Gil-galad.

Numa fúria sinistra voltou à batalha; e, levando como estandarte o corpo de Celebrimbor suspenso num mastro, trespassado de flechas de orcs, investiu contra o exército de Elrond. Elrond reunira os poucos elfos de Eregion que haviam escapado, mas não tinha forças para fazer frente ao ataque. Com efeito teria sido derrotado não tivesse a hoste de Sauron sido atacada pela retaguarda; pois Durin enviou um exército de anões de Khazad-dûm, e com eles vieram elfos de Lórinand liderados por Amroth. Elrond conseguiu desenredar-se, mas foi forçado a fugir para o norte, e foi nessa época [no ano de 1697, de acordo com o Conto dos Anos] que estabeleceu um refúgio e uma fortaleza em Imladris (Valfenda). Sauron abandonou a perseguição a Elrond e voltou-se contra os anões e os elfos de Lórinand, que rechaçou; mas os Portões de Moria foram fechados, e ele não conseguiu entrar. Daí em diante, Moria passou a ter o ódio eterno de Sauron, e todos os orcs recebiam ordens de molestar os anões sempre que pudessem.

Agora, porém. Sauron tentava obter o domínio sobre Eriador: Lórinand podia esperar. Mas. enquanto assolava as terras, matando ou expulsando todos os pequenos grupos de homens e caçando os elfos remanescentes, muitos fugiram para engrossar a hoste de Elrond ao norte. Ora, o objetivo imediato de Sauron era capturar Lindon, onde cria ter a maior chance de se apoderar de um ou mais dos Três Anéis. Chamou, portanto,

para junto de si suas forças dispersas e marchou para o oeste em direção à terra de Gil-galad, devastando tudo pelo caminho. Mas seu exército foi enfraquecido pela necessidade de deixar para trás um forte destacamento, destinado a reter Elrond e evitar que ele se abatesse sobre sua retaguarda.

Já havia muitos anos os númenorianos vinham trazendo seus navios aos Portos Cinzentos, e lá eram bem-vindos. Assim que Gil-galad começou a temer que Sauron invadisse Eriador em guerra aberta, enviou mensagens a Númenor; e no litoral de Lindon os númenorianos começaram a reunir um exército e suprimentos de guerra. Em 1695, quando Sauron invadiu Eriador, Gil-galad pediu auxílio a Númenor. Então o Rei Tar-Minastir enviou uma grande armada; mas esta atrasou-se e só chegou às costas da Terra-média no ano de 1700. Àquela altura Sauron dominara Eriador inteira, à única exceção da sitiada Imladris, e alcançara a linha do Rio Lün. Havia convocado muitos exércitos, que se aproximavam pelo sudeste, e estavam na verdade em Enedwaith, na Travessia de Tharbad, cuja defesa era fraca. Gil-galad e os númenorianos mantinham o Lûn em defesa desesperada dos Portos Cinzentos, quando na última hora chegou o grande armamento de Tar-Minastir; e a hoste de Sauron sofreu pesada derrota e foi repelida. O almirante númenoriano Ciryatur enviou parte de seus navios para um desembarque mais ao sul.

Sauron foi expulso para o sudeste após uma grande carnificina no Vau Sarn (a travessia do Baranduin); e, embora reforçado por seu exército de Tharbad, de repente voltou a encontrar uma hoste númenoriana na sua retaguarda, pois Ciryatur fizera desembarcar um grande exército na foz do Gwathló (Rio Cinzento), "onde havia um pequeno porto númenoriano". [Este era Vinyalonde de Tar-Aldarion, mais tarde chamado de Lond Daer; vide Apêndice D]. Na Batalha do Gwathló, Sauron foi totalmente derrotado, e ele próprio só escapou por bem pouco. Seu pequeno exército remanescente foi atacado no leste de Calenardhon, e ele, sem mais que uma guarda pessoal, fugiu para a região mais tarde chamada de Dagorlad (Planície da Batalha), de onde retornou, quebrado e humilhado, a Mordor, e jurou vingança contra Númenor. O exército que sitiava Imladris foi apanhado entre Elrond e Gil-galad, sendo totalmente destruído. Eriador estava livre do inimigo, mas estava em grande parte destroçada.

Nessa época realizou-se o primeiro Conselho, e lá foi determinado que uma fortaleza élfica no leste de Eriador deveria ser mantida em Imladris, e não em Eregion. Também nessa época Gil-galad deu Vilya, o Anel Azul, a Elrond, e o nomeou seu vice-regente em Eriador; mas reteve o Anel Vermelho, até que o deu a Círdan quando partiu de Lindon nos dias da Última Aliança. Por muitos anos as Terras Ocidentais tiveram paz e tempo para cicatrizar as feridas; mas os númenorianos haviam provado o poder na Terra-média, e dessa época em diante começaram a construir povoados permanentes nas costas ocidentais [datado de "c. 1800" no Conto dos Anos], tornando-se demasiado poderosos para que Sauron tentasse sair de Mordor para o oeste durante muito tempo.

No seu trecho final, a narrativa retorna a Galadriel, contando que o anseio do mar tanto aumentou em seu íntimo que (apesar de ela considerar seu dever permanecer na Terra-média enquanto Sauron ainda não estivesse subjugado) ela se dispôs a deixar Lórinand e a morar perto do mar. Confiou Lórinand a Amroth; e, atravessando Moria outra vez com Celebrían, chegou a Imladris, em busca de Celeborn. Lá (ao que consta) encontrou-o, e lá moraram juntos por muito tempo; e foi então que Elrond viu Celebrían pela primeira vez, e a amou, apesar de nada dizer a respeito. Foi enquanto Galadriel estava em Imladris que ocorreu o Conselho mencionado acima. Mas em algum momento posterior [não há indicação da data] Galadriel e Celeborn, na companhia de Celebrían, partiram de Imladris e foram para as terras esparsamente habitadas entre a foz do Gwathló e Ethir Anduin. Ali moraram em Belfalas, no lugar que mais tarde se chamou Dol Amroth. Ali seu filho

Amroth às vezes os visitava, e sua companhia era aumentada por elfos nandorin de Lórinand. Foi somente quando a Terceira Era estava bem avançada, quando Amroth se perdeu e Lórinand estava em perigo, que Galadriel retornou para lá, no ano de 1981. Aqui termina o texto "Acerca de Galadriel e Celeborn".

***

Pode-se notar aqui que a ausência de qualquer indicação em contrário no *Senhor dos Anéis* conduziu os comentaristas à presunção natural de que Galadriel e Celeborn teriam passado a segunda metade da Segunda Era e toda a Terceira em Lothlórien; mas não foi assim, apesar de sua história, como esboçada em "Acerca de Galadriel e Celeborn", ter sido muito modificada depois, como será mostrado abaixo.

Amroth e Nimrodel

Já disse antes que, se Amroth realmente fosse tido como filho de Galadriel e Celeborn quando *O Senhor dos Anéis* foi escrito, uma conexão tão importante dificilmente teria deixado de ser mencionada. Mas, fosse ou não, essa visão sobre seus genitores foi rejeitada mais tarde. Apresento em seguida um pequeno conto (datado de 1969 ou mais tarde) intitulado "Parte da lenda de Amroth e Nimrodel brevemente relatada".

> Amroth foi Rei de Lórien depois que seu pai, Amdír, foi morto na Batalha de Dagorlad [no ano de 3434 da Segunda Era]. Sua terra teve paz por muitos anos após a derrota de Sauron. Apesar de ser de ascendência sindarin, vivia à maneira dos elfos silvestres e se alojava nas altas árvores de uma grande colina verde, que depois sempre se chamou Cerin Amroth. Fazia isso por causa de seu amor por Nimrodel. Durante longos anos ele a amara, e não tomara esposa, visto que ela não queria se casar com ele. Ela o amava de fato, pois ele era belo mesmo para um dos eldar, além de valoroso e sábio; mas ela pertencia aos elfos silvestres, e se ressentia da chegada dos elfos do oeste, que (como dizia) traziam guerras e destruíam a paz de antigamente. Falava apenas o idioma silvestre, mesmo após este ter caído em desuso entre o povo de Lórien; e morava sozinha ao lado da cascata do rio Nimrodel, ao qual deu seu nome. Mas, quando o terror veio de Moria e os anões foram expulsos, e no lugar deles os orcs entraram sorrateiros, ela fugiu sozinha para o sul, atormentada. para as terras vazias [no ano de 1981 da Terceira Era]. Amroth seguiu-a e por fim a encontrou à beira de Fangorn, que naquela época ficava muito mais próximo de Lórien. Ela não ousou entrar na floresta, pois as árvores, dizia, a ameaçavam, e algumas se moviam para lhe impedir o caminho.
>
> Lá Amroth e Nimrodel tiveram uma longa conversa; e finalmente comprometeram-se a se casar.
>
> - Cumprirei minha palavra - disse ela -. e havemos de nos casar quando você me levar a uma terra de paz. - Amroth prometeu por amor a ela deixar seu povo. mesmo em tempo de necessidade, e buscar com ela uma terra assim.
>
> - Mas agora não há nenhuma na Terra-média - disse ele - e não haverá nunca mais para o povo élfico. Precisamos buscar uma passagem sobre o Grande Mar. até o antigo Oeste. - Então contou-lhe sobre o porto no sul. aonde muitos da sua própria gente haviam

chegado tempos atrás. - Minguaram agora, pois a maioria velejou para o Oeste; mas o remanescente deles ainda constrói navios e oferece passagem para qualquer um da sua espécie que venha a eles. cansado da Terra-média. Dizem que a graça que os Valar nos deram, de passar sobre o Mar, agora também é concedida a quem quer que tenha feito a Grande Viagem, mesmo que em eras passadas não tenha chegado às praias e não tenha ainda contemplado a Terra Abençoada.

Não há espaço aqui para contar sobre sua viagem à terra de Gondor. Eram os dias do Rei Earnil Segundo, o penúltimo dos Reis do Reino do Sul, e suas terras estavam inquietas. [Earnil II reinou em Gondor de 1945 a 2043.] Em outro lugar está contado [mas não em nenhum escrito existente] como se separaram, e como Amroth, após buscá-la em vão, foi ao porto élfico e descobriu que apenas uns poucos ainda restavam lá. Menos que a capacidade de um navio; e tinham somente um navio em condições de navegar. Nele agora preparavam-se para partir e abandonar a Terra-média. Deram as boas-vindas a Amroth, contentes em reforçar seu pequeno grupo, mas relutavam em esperar por Nimrodel, cuja vinda agora lhes parecia sem esperança.

- Se ela viesse através das terras povoadas de Gondor - disseram -, não seria molestada e poderia receber ajuda, pois os homens de Gondor são bondosos, e são governados pelos descendentes dos amigos-dos-elfos de outrora, que ainda sabem falar nossa língua de certa maneira; mas nas montanhas há muitos homens hostis e criaturas malignas.

O ano perdia-se no outono, e grandes ventos eram esperados para logo, hostis e perigosos, mesmo para os navios élficos, enquanto ainda estivessem próximos à Terra-média. Mas o pesar de Amroth era tão grande que ainda assim retardaram a partida por muitas semanas; e viviam a bordo do navio, pois suas casas na costa estavam desmontadas e vazias. Então, no outono, veio uma grande noite de tempestade, uma das mais ferozes nos anais de Gondor. Chegou dos frios Ermos do Norte, e desceu rugindo através de Eriador até as terras de Gondor, produzindo grande destruição; as Montanhas Brancas não serviam de escudo contra ela, e muitos dos navios dos homens foram arrastados à Baía de Belfalas e se perderam. O leve navio élfico foi arrancado de suas amarras e impelido para as águas bravias em direção à costa de Umbar. Nunca mais se ouviram notícias dele na Terra-média; mas os navios élficos feitos para essa viagem não afundavam, e sem dúvida ele deixou os Círculos do Mundo e chegou por fim a Eressea. Mas não levou Amroth até lá. A tempestade abateu-se sobre as costas de Gondor no momento em que a aurora espiava através das nuvens em vôo; mas, quando Amroth despertou, o navio já estava longe da terra. Gritando em alta voz, desesperado, *NimrodeU,* Amroth saltou no mar e nadou em direção ao litoral que desaparecia. Por muito tempo os marinheiros, com sua visão élfica, conseguiram vê-lo lutando contra as ondas, até que o sol nascente brilhou através das nuvens e bem longe iluminou seus cabelos brilhantes como uma centelha de ouro. Nenhum olho de elfo ou homem voltou a vê-lo na Terra-média. Do que aconteceu a Nimrodel nada se diz aqui, apesar de haver muitas lendas acerca de seu destino.

A narrativa acima foi na verdade composta como uma ramificação de uma discussão etimológica dos nomes de certos rios da Terra-média, neste caso o Gilrain, um rio de Lebennin em Gondor, que desaguava na Baía de Belfalas a oeste de Ethir Anduin, e outra faceta da lenda de Nimrodel emerge da discussão do elemento *rain.* Este provavelmente derivava da raiz *ran-* "vagar, errar, tomar curso incerto" (como em *Mithrandir,* e no nome *Rána* da Lua).

Isso não pareceria adequado a nenhum dos rios de Gondor; mas com freqüência os nomes dos rios podem aplicar-se apenas a parte de seu curso, à sua nascente, ao seu trecho inferior ou a outras características que chamaram a atenção dos exploradores que lhes deram o nome. Nesse caso, no entanto, os fragmentos da lenda de Amroth e Nim-

rodel fornecem uma explicação. O Gilrain descia veloz das montanhas, assim como os demais rios daquela região; mas, ao alcançar a extremidade dos contrafortes de Ered Nimrais que o separavam do Celos [vide o mapa que acompanha o Volume 3 do *Senhor dos Anéis],* ele entrava numa ampla depressão rasa. Vagava nela por algum tempo, e formava uma pequena lagoa na extremidade sul, antes de atravessar uma crista e voltar a prosseguir veloz até se encontrar com o Serni. Quando Nimrodel fugiu de Lórien, diz-se que, procurando pelo mar, perdeu-se nas Montanhas Brancas, até que finalmente (não está dito por qual estrada ou passagem) chegou a um rio que lhe recordava seu próprio regato em Lórien. Seu coração aliviou-se, e ela se sentou à margem de uma lagoa, vendo as estrelas refletidas nas águas sombrias, e ouvindo as cascatas pelas quais o rio prosseguia em sua descida para o mar. Ali caiu em profundo sono de exaustão, e dormiu tanto tempo que não desceu a Belfalas antes que o navio de Amroth fosse soprado para alto-mar, e ele se perdesse tentando voltar para Belfalas a nado. Esta lenda era bem conhecida no Dor-en-Ernil (a Terra do Príncipe), e sem dúvida o nome foi dado como lembrança disso.

O ensaio continua com uma breve explicação de como Amroth, como Rei de Lórien, estava relacionado com o reinado de Celeborn e Galadriel naquela terra:

O povo de Lórien era mesmo naquela época [isto é, ao tempo da perda de Amroth] muito semelhante ao que era no fim da Terceira Era: elfos silvestres na origem, mas governados por príncipes de ascendência sindarin (assim como o reino de Thran-duil nas regiões setentrionais da Floresta das Trevas; se bem que agora não se saiba se Thranduil e Amroth eram parentes). No entanto, haviam se misturado muito aos noldor (de fala sindarin) que passaram por Moria após a destruição de Eregion por Sauron no ano de 1697 da Segunda Era. Naquela época Elrond foi para o oeste *[sic:* provavelmente significa apenas que ele não atravessou as Montanhas da Névoa] e estabeleceu o refúgio de Imladris: mas Celeborn foi primeiro a Lórien e a fortificou contra quaisquer outras tentativas de Sauron de atravessar o Anduin. Quando, no entanto. Sauron se retirou para Mordor e (como se relata) se ocupou exclusivamente de conquistas no leste, Celeborn reuniu-se a Galadriel em Lindon.

Lórien teve então longos anos de paz e obscuridade sob o domínio de seu próprio rei Amdír, até a Queda de Númenor e a súbita volta de Sauron à Terra-média. Amdír obedeceu à convocação de Gil-galad e levou à Última Aliança um exército tão grande quanto conseguiu reunir, mas foi morto na Batalha de Dagorlad. e com ele a maior parte de sua companhia. Amroth, seu filho, tornou-se rei.

Esse relato, naturalmente, diverge muito daquele contido em “Acerca de Galadriel e Celeborn”. Amroth não é mais filho de Galadriel e Celeborn, e sim de Amdír, um príncipe de origem sindarin. A história mais antiga, das relações de Galadriel e Celeborn com Eregion e Lórien, parece ter sido modificada sob muitos aspectos importantes, mas não se pode dizer quanto dela teria sido mantido em qualquer narrativa plenamente redigida. A associação de Celeborn com Lórien está agora situada muito mais longe no passado (pois em “Acerca de Galadriel e Celeborn” ele nunca chegou a ir a Lórien durante a Segunda Era); e aqui ficamos sabendo que muitos elfos noldorin passaram por Moria a caminho de Lórien *após* a destruição de Eregion. No relato anterior não há sugestão disso, e o movimento de elfos “beleriândicos” para Lórien ocorreu em condições pacíficas muitos anos antes. A implicação do excerto recém-mencionado é que, após a queda de Eregion, Celeborn liderou essa migração para Lórien, enquanto Galadriel se uniu a Gil-galad em Lindon; mas em outra parte, num escrito contemporâneo a esse. diz-se explicitamente que ambos naquela época “passaram através de Moria com um considerável séquito de exilados noldorin. e moraram por muitos anos em Lórien”. Não

está nem afirmado nem negado nesses escritos tardios que Galadriel (ou Celeborn) tivesse relações com Lórien antes de 1697, e não há outras referências fora de "Acerca de Galadriel e Celeborn" à revolta de Celebrimbor (em alguma época entre 1350 e 1400) contra seu reinado em Eregion, nem à partida de Galadriel para Lórien naquela época, ou ao fato de ela assumir O poder ali. enquanto Celeborn ficava para trás em Eregion. Nos relatos tardios não fica claro onde Galadriel e Celeborn passaram os longos anos da Segunda Era após a derrota de Sauron em Eriador; seja como for, não há outras menções à sua estada secular em Belfalas.

A discussão sobre Amroth continua:

> Mas, durante a Terceira Era, Galadriel encheu-se de presságios e com Celeborn viajou a Lórien, lá permanecendo com Amroth por muito tempo, especialmente interessada em saber de todas as notícias e rumores da crescente sombra na Floresta das Trevas e da escura fortaleza em Dol Guldur. Mas o povo de Amroth estava contente com ele; ele era valoroso e sábio, e seu pequeno reino ainda era próspero e belo. Portanto, após longas viagens de investigação em Rhovanion, de Gondor e dos limites de Mordor até Thranduil no norte, Celeborn e Galadriel passaram sobre as montanhas para Imladris, e lá moraram por muitos anos; pois Elrond era seu parente, visto que se casara com sua filha Celebrían no começo da Terceira Era [no ano de 109, de acordo com o Conto dos Anos].
>
> Após o desastre em Moria [no ano de 1980] e os pesares de Lórien, que estava agora sem monarca (pois Amroth morrera afogado no mar na Baía de Belfalas sem deixar herdeiro), Celeborn e Galadriel voltaram a Lórien, e receberam as boas-vindas do povo.
>
> Lá habitaram enquanto durou a Terceira Era, mas não assumiram títulos de Rei nem Rainha, pois diziam que eram apenas guardiães daquele reino pequeno mas belo, o último posto avançado dos elfos a leste.

Em outro lugar existe mais uma referência a seus movimentos durante aqueles anos:

> A Lórien, Celeborn e Galadriel retornaram duas vezes antes da Última Aliança e do fim da Segunda Era. E, na Terceira Era, quando a sombra da recuperação de Sauron se ergueu, lá moraram novamente por muito tempo. Em sua sabedoria Galadriel viu que Lórien seria uma fortaleza e um reduto de poder para evitar que a Sombra atravessasse o Anduin na guerra que inevitavelmente teria de vir, antes que fosse derrotada outra vez (caso isso fosse possível); mas que necessitava de um governo de maior força e discernimento do que o povo silvestre possuía. Não obstante, foi só após o desastre em Moria, quando o poder de Sauron, por meios além da capacidade de previsão de Galadriel, realmente atravessou o Anduin e Lórien se encontrou em grande perigo, com o rei perdido, o povo em fuga e arriscando deixar a terra deserta para ser ocupada pelos orcs, foi somente então que Galadriel e Celeborn assumiram sua morada permanente em Lórien, e seu governo. Mas não assumiram títulos de Rei nem Rainha, e foram os guardiães que por fim a conduziram inviolada por toda a Guerra do Anel.

Em outra discussão etimológica do mesmo período, há uma explicação de que o nome Amroth é um apelido derivado do fato de que morava em um alto *talan ou flet,* plataformas de madeira, construídas no alto das árvores de Lothlórien, nas quais moravam os galadhrim (vide *A Sociedade do Anel,* II, VI): significava "escalador, escalador do alto". Diz-se aqui que o costume de morar em árvores não era hábito dos elfos silvestres em geral, mas se desenvolvera em Lórien em virtude da natureza e situação da região: uma terra plana sem boas pedras, exceto as que podiam ser extraídas nas montanhas a oeste e trazidas com dificuldade descendo pelo Veio de Prata abaixo. Sua principal

riqueza eram suas árvores, um remanescente das grandes florestas dos Dias Antigos. Mas habitar nas árvores não era universal mesmo em Lórien, e os *telain* ou *flets* eram originariamente refúgios para serem usados em caso de ataque, ou então, com maior freqüência (em especial aqueles que ficavam bem alto nas grandes árvores) postos de vigia de onde a terra e seus limites podiam ser inspecionados por olhos élficos: pois Lórien, após o fim do primeiro milênio da Terceira Era, tornou-se uma terra de vigilância e desassossego; e Amroth deve ter vivido em crescente inquietação a partir do momento em que Dol Guldur foi construído na Floresta das Trevas.

> Um desses postos de vigia, usado pelos guardiães das fronteiras do norte, era o *flet* onde Frodo passou a noite. A morada de Celeborn em Caras Galadhon também tinha a mesma origem: seu *flet* superior, que a Sociedade do Anel não viu, era o ponto mais alto da região. Anteriormente *o flet de* Amroth, no topo do grande morro ou colina de Cerin Amroth, erguido pelo trabalho de muitas mãos, fora o mais alto, e destinava-se principalmente à observação de Dol Guldur do outro lado do Anduin. A conversão desses *telain* em habitações permanentes foi um desenvolvimento posterior, e somente em Caras Galadhon tais habitações eram numerosas. Mas a própria Caras Galadhon era uma fortaleza, e apenas uma pequena parte dos galadhrim morava entre seus muros. Sem dúvida viver em casas tão elevadas foi inicialmente considerado extraordinário, e Amroth provavelmente foi o primeiro a fazê-lo. Assim, é muito provável que seu nome - o único que mais tarde foi lembrado na lenda - tenha se derivado do fato de sua morada ser em um alto *talan.*

Uma nota sobre as palavras "Amroth provavelmente foi o primeiro a fazê-lo" afirma:

> A não ser que fosse Nimrodel. Seus motivos eram diferentes. Ela amava as águas e as cascatas de Nimrodel, das quais não gostava de se afastar por muito tempo; mas com o entenebreci-mento dos tempos, viu-se que o rio era demasiado próximo da fronteira do norte, e em uma região onde moravam então poucos galadhrim. Talvez tenha sido dela que Amroth tomou a idéia de morar num alto *flet.*

Retornando à lenda de Amroth e Nimrodel apresentada acima, qual era o "porto no sul" onde Amroth aguardou Nimrodel, e aonde (como ele lhe contou) "muitos da sua própria gente haviam chegado tempos atrás"? Dois trechos do *Senhor dos Anéis* tratam desta questão. Um deles está em *A Sociedade do Anel,* II, VI, no qual Legolas. após cantar a canção de Amroth e Nimrodel, fala da "Baía de Belfalas, de onde os elfos de Lórien partiram em suas embarcações". O outro está em *O Retorno do Rei,* V, IX, no qual Legolas, olhando para o Príncipe Imrahil de Dol Amroth, viu que ele "tinha nas veias o sangue dos elfos", e lhe disse: "Já faz muito tempo que o povo de Nimrodel deixou as florestas de Lórien, e mesmo assim ainda se pode ver que nem todos partiram do porto de Amroth, navegando para o oeste". Ao que o Príncipe Imrahil respondeu: "Assim conta a tradição de minha terra".

Notas tardias e fragmentárias dão alguma contribuição para explicar essas referências. Assim, em um estudo das inter-relações lingüísticas e políticas da Terra-média (datado de 1969 ou mais tarde), há uma referência de passagem ao fato de que, nos dias das primeiras povoações de Númenor, as costas da Baía de Belfalas ainda estavam em grande medida desertas, "à exceção de um porto e uma pequena povoação de elfos ao sul da confluência do Morthond e do Ringló" (isto é, logo ao norte de Dol Amroth).

> Este, de acordo com as tradições de Dol Amroth, fora estabelecido por navegantes sindar dos portos ocidentais de Beleriand, que fugiram em três pequenos navios quando o poderio de Morgoth sobrepujou os eldar e os atani; mas foi depois aumentado por aventureiros dos elfos silvestres, que vieram descendo o Anduin em busca do mar.

Os elfos silvestres (observa-se aqui) “nunca se livraram totalmente de uma inquietação e de um anseio pelo Mar que às vezes impelia alguns deles a vagar longe de suas casas”. Para relacionarmos esta história dos “três pequenos navios” com as tradições registradas no *Silmarillion,* provavelmente teríamos de presumir que escaparam de Brithombar ou Eglarest (os Portos do Falas na costa oeste de Beleriand) quando estes foram destruídos no ano posterior às Nirnaeth Arnoediad (O *Silmarillion,* p. 247), mas que. enquanto Círdan e Gil-galad se refugiaram na Ilha de Balar, as companhias desses três navios navegaram muito mais para o sul. descendo a costa, até Belfalas.

Mas um relato bastante diverso, que situa em época mais tardia o estabelecimento do porto élfico, aparece em um fragmento inacabado sobre a origem do nome *Belfalas.* Aqui se diz que, enquanto o elemento *Bel-* certamente deriva de um nome pré-númenoriano. sua fonte era na verdade sindarin. A nota se acaba antes que seja dada qualquer informação adicional sobre *Bel-,* mas a razão dada para sua origem sindarin é que “havia em Gondor um elemento pequeno, mas importante, de natureza totalmente extraordinária: uma povoação eldarin”. Após a destruição de Thangorodrim, os elfos de Beleriand, caso não zarpassem pelo Grande Mar afora ou permanecessem em Lindon, vagaram para o leste por sobre as Montanhas Azuis, chegando a Eriador. No entanto, ainda assim parece ter havido um grupo de sindar que foi para o sul no início da Segunda Era. Era um remanescente do povo de Doriath que ainda guardava rancor contra os noldor; e, tendo permanecido por algum tempo nos Portos Cinzentos, onde aprenderam o ofício da construção de navios, “foram ao longo de anos buscando um lugar para levar sua própria vida, e por fim estabeleceram-se na foz do Morthond. Lá já havia um primitivo porto de pescadores, mas estes, temendo os eldar, fugiram para as montanhas”.

Em nota escrita em dezembro de 1972 ou mais tarde, e entre os últimos escritos de meu pai sobre o tema da Terra-média, há um exame do traço élfico entre os homens, com relação ao fato de que é observável por serem imberbes aqueles de tal ascendência (ser imberbe era característica de todos os elfos); e aqui se observa, em relação à casa principesca de Dol Amroth, que “essa linhagem tinha um traço élfico especial, de acordo com suas próprias lendas” (com uma referência ao diálogo entre Legolas e Imrahil em O *Retorno do Rei,* V, IX, citado acima).

> Como mostra a menção a Nimrodel feita por Legolas. havia um antigo porto élfico perto de Dol Amroth, e lá existia uma pequena povoação de elfos silvestres de Lórien. A lenda da linhagem do príncipe era que um dos seus ancestrais mais remotos se casara com uma donzela élfica: em algumas versões dizia-se de fato (evidentemente com pouca probabilidade) que fora a própria Nimrodel.
>
> Em outros contos, e com maior probabilidade, era uma das companheiras de Nimrodel que se perdeu nas ravinas no alto das montanhas.

Esta última versão da lenda aparece em forma mais detalhada numa nota anexa a uma genealogia inédita da linhagem de Dol Amroth, desde Angelimar, o vigésimo príncipe, pai de Adrahil, pai de Imrahil, príncipe de Dol Amroth à época da Guerra do Anel:

Na tradição de sua casa, Angelimar era o vigésimo na descendência direta de Galador. primeiro Senhor de Dol Amroth (c. 2004-2129 Terceira Era). De acordo com as mesmas tradições, Galador era filho de Imrazôr, o Númenoriano, que morava em Belfalas, e da senhora élfica Mithrellas. Ela era uma das companheiras de Nimrodel, entre muitos dos elfos que fugiram para a costa por volta do ano de 1980 da Terceira Era, quando o mal se ergueu em Moria; e Nimrodel e suas donzelas desgarraram-se nas colinas cobertas de florestas, e se perderam. Nesse conto, porém, diz-se que Imrazôr acolheu Mithrellas, e a desposou. Mas, quando lhe dera um filho, Galador, e uma filha, Gilmith, Mithrellas fugiu de noite, e ele nunca mais a viu. No entanto, embora Mithrellas pertencesse à raça menor dos silvestres (e não aos altos-elfos ou aos cinzentos), sempre se afirmou que a casa e a família dos Senhores de Dol Amroth eram tão nobres no sangue quanto eram belos de rosto e mente.

A Elessar

Em escritos inéditos pouco mais se encontra acerca da história de Celeborn e Galadriel, a não ser um manuscrito muito tosco de quatro páginas, intitulado “A Elessar”. Está na primeira etapa de composição, mas traz algumas correções a lápis; não há outras versões. Com algumas emendas editoriais muito ligeiras, o seu teor é o seguinte:

Havia em Gondolin um palheiro chamado Enerdhil. o maior desse ofício entre os noldor após a morte de Fêanor. Enerdhil amava todas as coisas verdes que cresciam, e sua maior alegria era ver a luz do sol através das folhas das árvores. Veio-lhe ao coração a idéia de fazer uma jóia dentro da qual a luz límpida do sol estivesse aprisionada, mas a jóia deveria ser verde como as folhas. E fez esse objeto, e até mesmo os noldor se maravilhavam com ele. Pois diz-se que aqueles que olhavam através dessa pedra viam coisas que haviam murchado ou queimado novamente sãs, ou tais como eram na graça de sua juventude, e que as mãos de quem a segurasse levavam a cura dos ferimentos a todos que tocassem. Essa gema Enerdhil deu a Idril, filha do Rei, e ela a usava sobre o peito; e assim foi salva do incêndio de Gondolin. E, antes de zarpar, Idril disse a seu filho, Earendil:

- A Elessar deixo contigo, pois há feridas atrozes na Terra-média que tu talvez hajas de curar. Mas não hás de entregá-la a ninguém mais. - E de fato no Porto do Sirion havia muitos ferimentos a curar, tanto de homens como de elfos, e de animais que lá se refugiavam do horror do norte. E, enquanto Earendil lá morou, eles foram curados e prosperaram; e todas as coisas por um tempo estiveram verdes e belas. Mas, quando Earendil começou suas grandes viagens pelo Mar, usava a Elessar sobre o peito, pois entre todas as suas buscas sempre este pensamento estava diante dele: que talvez pudesse reencontrar Idril. E sua primeira lembrança da Terra-média era a pedra verde no colo de Idril, quando ela cantava sobre seu berço enquanto Gondolin ainda estava em flor. Assim aconteceu que a Elessar se foi, quando Earendil não mais retornou à Terra-média.

Em épocas posteriores houve novamente uma Elessar, e a respeito dela contam-se duas histórias, embora somente aqueles Sábios que agora se foram pudessem dizer qual é a verdadeira. Pois alguns dizem que a segunda era de fato apenas a primeira que retornou, pela graça dos Valar; e que Olórin (que na Terra-média era conhecido como Mithrandir) a trouxe consigo do Oeste. E certa feita Olórin veio ter com Galadriel, que então habitava sob as árvores da Grande Floresta Verde; e tiveram uma longa conversa. Pois os anos de seu exílio começavam a pesar sobre a Senhora dos Noldor, e ela ansiava por notícias de sua gente e pela sua abençoada terra natal. Relutava, porém, em abandonar a Terra-média

[esta frase foi alterada para a seguinte redação: mas ainda não tinha permissão de abandonar a Terra-média]. E, quando Olórin lhe contou muitas novas, ela suspirou e disse: - Aflijo-me na Terra-média, pois as folhas caem e as flores murcham; e meu coração sente saudades das árvores e da relva que não morrem. Queria tê-las em meu lar. - Então Olórin perguntou: - Gostaria então de ter a Elessar?

E Galadriel perguntou: - Onde está agora a Pedra de Earendil? E já se foi Enerdhil, que a fez. - E Olórin disse: - Quem sabe?

- Certamente - disse Galadriel - passaram além do Mar. como quase todas as demais coisas belas. E então a Terra-média terá de minguar e perecer para sempre?

- Esse é seu destino - disse Olórin. - No entanto, por algum tempo isso poderia ser corrigido, caso a Elessar retornasse. Por algum tempo, até que cheguem os Dias dos Homens.

- Caso... e no entanto como poderia ser isso? - perguntou Galadriel. - Pois certamente os Valar agora estão afastados; a Terra-média, longe de seu pensamento, e todos que se agarram a ela estão debaixo de uma sombra.

- Não é assim - disse Olórin. - Os olhos dos Valar não se toldaram, nem seus corações estão endurecidos. Como testemunho do que digo, contemple isto! - E segurou diante dela a Elessar, e ela a contemplou com assombro. E Olórin disse: - Isto eu lhe trago de Yavanna. Use-a como puder, e por algum tempo há de transformar a região onde mora no lugar mais belo da Terra-média. Mas não é para ser de sua propriedade. Você há de passá-lo adiante quando chegar a hora. Pois antes que você fique exausta e finalmente abandone a Terra-média, virá alguém que deverá recebê-la, e seu nome há de ser o da pedra: há de ser chamado Elessar.

O *outro conto diz* o *seguinte:* que há muito tempo, antes que Sauron iludisse os artífices de Eregion, Galadriel lá chegou e disse a Celebrimbor, o principal artífice élfico:

- Aflijo-me na Terra-média, pois as folhas caem, e murcham as flores que amei, de forma que a região onde habito está plena de uma tristeza que nenhuma primavera pode aplacar.

- Como pode ser de outra maneira para os elfos, se se agarram à Terra-média? - perguntou Celebrimbor. - Então agora quer passar para além do Mar?

- Não - disse ela. - Angrod foi-se, e Aegnor foi-se, e Felagund não mais existe. Dentre os filhos de Finarfin, eu sou a última20, Mas meu coração ainda tem orgulho. Que mal fez a casa dourada de Finarfin para que eu tenha de pedir o perdão dos Valar, ou de me contentar com uma ilha no mar. eu. cuja terra natal foi Aman, a Abençoada? Aqui sou mais poderosa.

- Do que gostaria então? - perguntou Celebrimbor.

- Gostaria de ter ao meu redor árvores e relva que não morressem, aqui na terra que é minha - respondeu ela. - O que foi feito da habilidade dos eldar? - E Celebrimbor disse: - Onde está agora a Pedra de Earendil? E Enerdhil, que a fez. foi-se.

- Passaram para além do Mar - disse Galadriel - com quase todas as demais coisas belas. Mas a Terra-média então terá de minguar e perecer para sempre?

- Esse é seu destino, segundo julgo - disse Celebrimbor. - Mas você sabe que a (apesar de você ter-se voltado para Celeborn das Árvores), e por esse amor farei o que puder, caso seu pesar possa ser mitigado por minha arte. - Mas não disse a Galadriel que ele mesmo viera de Gondolin muito tempo atrás e que fora amigo de Enerdhil, embora seu amigo o superasse na maioria das atividades. No entanto, se Enerdhil não tivesse existido, então Celebrimbor teria tido maior renome. Meditou, portanto, e iniciou um trabalho longo e delicado, e assim fez para Galadriel a maior de suas obras (a única exceção dos Três Anéis). E diz-se que a gema verde que fez era mais sutil e mais límpida que a de Enerdhil, mas ainda assim sua luz tinha menor poder. Pois, enquanto a de Enerdhil era iluminada pelo Sol em sua juventude, já se haviam passado muitos anos quando Celebrimbor começou seu trabalho, e em nenhum lugar da Terra-média a luz era tão clara como havia sido, pois, apesar de Morgoth ter sido expulso para o Nada e não poder entrar

novamente, sua sombra longínqua pairava sobre ela. Ainda assim era radiante a Elessar de Celebrimbor; e ele a montou em um grande broche de prata, à semelhança de uma águia que se erguia com asas estendidas. Com o uso da Elessar, todas as coisas tornavam-se belas em torno de Galadriel, até a Sombra chegar à Floresta. Porém mais tarde, quando Nenya. o principal dos Três, lhe foi enviado por Celebrimbor, Galadriel (conforme pensava.) não mais precisava dela, e a deu a sua filha Celebrían. Foi assim que ela chegou a Arwen e a Aragorn, que foi chamado Elessar.

Ao final está escrito:

A Elessar foi feita em Gondolin por Celebrimbor. e assim chegou a Idril e assim a Earendil. Mas essa desapareceu. Já a segunda Elessar foi também feita por Celebrimbor em Eregion, a pedido da Senhora Galadriel (a quem ele amava), e não estava sujeita ao Um, pois fora feita antes que Sauron se reerguesse.

Essa narrativa acompanha "Acerca de Galadriel e Celeborn" em certas características, e provavelmente foi escrita mais ou menos na mesma época, ou um pouco antes. Aqui Celebrimbor é de novo um palheiro de Gondolin, e não um dos fêanorianos; e menciona-se que Galadriel *não queria* abandonar a Terra-média - embora o texto depois tenha sido emendado, tendo sido introduzido o conceito da interdição, e em um ponto mais adiante na narrativa ela fala do perdão dos Valar.

Enerdhil não aparece em nenhum outro escrito; e as palavras finais do texto mostram que Celebrimbor deveria tomar seu lugar como fabricante da *Elessar em* Gondolin. Do amor de Celebrimbor por Galadriel não há vestígio em nenhuma outra parte. Em "Acerca de Galadriel e Celeborn" há a sugestão de que ele teria vindo para Eregion com eles; mas nesse texto, como no *Silmarillion,* Galadriel encontrou Celeborn em Doriath, e é difícil compreender as palavras de Celebrimbor "apesar de você ter-se voltado para Celeborn das Árvores". Também é obscura a referência ao fato de Galadriel habitar "sob as árvores da Grande Floresta Verde". Poder-se-ia interpretar isto como um emprego lato (do qual não há evidências em nenhuma outra parte) da expressão, de modo que incluísse a floresta de Lórien, do outro lado do Anduin; mas "a Sombra chegar à Floresta" sem dúvida refere-se ao surgimento de Sauron em Dol Guldur, que no Apêndice A (III) do *Senhor dos Anéis* é chamado de "A Sombra na Floresta". Isso pode sugerir que o poder de Galadriel em certa época se estendia até a parte meridional da Grande Floresta Verde; e pode-se encontrar sustentação para isso em "Acerca de Galadriel e Celeborn", onde se diz que o reino de Lórinand (Lórien) "se estendia às florestas de ambos os lados do Grande Rio, incluindo a região onde mais tarde foi Dol Guldur". É possível também que o mesmo conceito esteja na base da afirmativa no Apêndice B do *Senhor dos Anéis,* na nota que encabeça o Conto dos Anos da Segunda Era, tal como constava da primeira edição: "muitos dos sindar foram para o leste e estabeleceram reinos nas florestas longínquas. Os principais destes eram Thranduil, no norte da Grande Floresta Verde, e Celeborn no sul da floresta". Na edição revisada, essa observação sobre Celeborn foi omitida, e em seu lugar aparece uma referência ao fato de ele morar em Lindon (citada acima).

Por último, pode-se observar que o poder curativo que aqui se atribui à *Elessar nos* Portos do Sirion é, no *Silmarillion* (p. 314), atribuído à Silmaril.

APÊNDICES

APÊNDICE A
OS ELFOS SILVESTRES E SUA FALA

De acordo com *O Silmarillion* (p. 109) alguns dos nandor, os elfos telerin que abandonaram a marcha dos eldar do lado oriental das Montanhas da Névoa, "habitaram por muito tempo os bosques do Vale do Grande Rio" (enquanto outros, segundo se diz, desceram o Anduin até as fozes, e outros ainda entraram em Eriador: destes últimos vieram os elfos-verdes de Ossiriand).

Em uma discussão etimológica tardia dos nomes Galadriel, Celeborn e Lórien, declara-se especificamente que os elfos silvestres da Floresta das Trevas e de Lórien descendiam dos elfos telerin que permaneceram no Vale do Anduin:

> Os elfos silvestres *(Tawarwaith)* eram originalmente teleri, e assim parentes mais remotos dos sindar, apesar de separados deles por mais tempo ainda que os teleri de Valinor. Descendiam daqueles teleri que, na Grande Viagem, se intimidaram com as Montanhas da Névoa e se demoraram no Vale do Anduin, dessa forma jamais tendo chegado a Beleriand ou ao Mar. Eram portanto mais próximos aos nandor (de outro modo chamados de elfos-verdes) de Ossiriand, que acabaram atravessando as montanhas e finalmente chegaram a Beleriand.

Os elfos silvestres esconderam-se em fortalezas na floresta, além das Montanhas da Névoa, e se tornaram povos diminutos e esparsos, mal distinguíveis dos avari,

> mas ainda recordavam que eram eldar na origem, membros do Terceiro Clã, e davam as boas-vindas àqueles noldor e especialmente sindar que não atravessaram o Mar, mas migraram para o leste [isto é, no início da Segunda Era]. Sob a liderança destes, tornaram-se novamente um povo ordenado e cresceram em sabedoria. Thranduil, pai de Legolas dos Nove Caminhantes, era sindarin, e esse idioma era usado em sua casa, se bem que não por toda a sua gente.
>
> Em Lórien. onde grande parte do povo era de origem sindarin, ou noldor, sobreviventes de Eregion, o sindarin tornara-se a língua de todo o povo. Agora, naturalmente não se sabe de que maneira o sindarin deles diferia das formas de Beleriand - vide*A Sociedade do Anel,* II VI, onde Frodo relata que a fala do povo silvestre, que usavam entre si, era diferente da do oeste. É provável que diferisse em pouco mais do que hoje seria popularmente chamado de "sotaque": principalmente diferenças nos sons das vogais e na entoação, bastantes para induzir em erro alguém que, como Frodo, não estivesse bem familiarizado com o sindarin mais puro. É evidente que também podem ter existido alguns regionalismos e outras características que decorressem em última análise da influência da antiga língua silvestre. Lórien estivera extremamente isolada, por muito tempo, do mundo externo. Certamente alguns nomes preservados do passado, tais como *Amroth* e *Nimrodel,* não podem ser totalmente explicados através do sindarin, apesar de terem formas adequadas. *Caras* parece ser uma palavra antiga para uma fortaleza com fosso, não encontrada em sindarin. *Lórien* é provavelmente uma alteração de um nome mais antigo, agora perdido [embora tenha sido afirmado anteriormente que o nome original, silvestre ou nandorin, era *Lórinand*].

Com estas observações sobre os nomes silvestres, compare o Apêndice F (I) do *Senhor dos Anéis,* seção "Dos elfos", nota de rodapé (que consta apenas da edição

revisada).
Outra afirmativa geral acerca do élfico silvestre encontra-se em uma discussão lingüístico-histórica que data do mesmo período tardio que a recém-citada:

> Quando os elfos silvestres voltaram a se encontrar com seus parentes de quem havia muito estavam afastados, embora seus dialetos divergissem tanto do sindarin ao ponto de serem quase ininteligíveis, pouco estudo foi necessário para revelar seu parentesco como idiomas eldarin. Se bem que a comparação dos dialetos silvestres com sua própria fala despertasse enorme interesse nos mestres das tradições, especialmente naqueles de origem noldorin, pouco se sabe agora do élfico silvestre. Os elfos silvestres não haviam inventado formas de escrita, e aqueles que aprenderam essa arte com os sindar escreviam em sindarin na medida do possível. No fim da Terceira Era, os idiomas silvestres provavelmente já não eram mais falados nas duas regiões que tinham importância ao tempo da Guerra do Anel: Lórien e o reino de Thranduil na Floresta das Trevas setentrional. Tudo que deles sobrevivia nos registros eram algumas palavras e diversos nome de pessoas e lugares.

APÊNDICE B
OS PRÍNCIPES SINDARIN DOS ELFOS SILVESTRES

No Apêndice B do *Senhor dos Anéis,* na nota inicial do Conto dos Anos da Segunda Era, consta que "antes da construção de Barad-dûr muitos dos sindar foram para o leste, e alguns estabeleceram reinos nas florestas distantes, onde a maior parte do povo se compunha de elfos da Floresta. Thranduil, rei no norte da Grande Floresta Verde, era um destes".

Algo mais sobre a história desses príncipes sindarin dos elfos silvestres encontra-se nos escritos filológicos tardios de meu pai. Assim, em um ensaio, diz-se que o reino de Thranduil

> estendia-se às florestas que circundavam a Montanha Solitária e cresciam ao longo das costas ocidentais do Lago Comprido, antes da chegada dos Anões exilados de Moria e da invasão do Dragão. O povo élfico desse reino migrara do sul, pois eram parentes e vizinhos dos elfos de Lórien; mas haviam habitado na Grande Floresta Verde a leste do Anduin. Na Segunda Era seu rei. Oropher [pai de Thranduil, pai de Legolas], retirara-se para o norte, além dos Campos de Lis. Fez isso para livrar-se do poder e das transgressões dos anões de Moria, que se tornara a maior das mansões dos anões registrada na história; e também se ressentia das intrusões de Celeborn e Galadriel em Lórien. Mas na época pouco havia a temer entre a Floresta Verde e as Montanhas, e havia constante intercâmbio entre sua gente e seus parentes do outro lado do Rio, até a Guerra da Última Aliança.
>
> A despeito do desejo dos elfos silvestres de se intrometerem o mínimo possível nos assuntos dos noldor e sindar, ou de quaisquer outros povos, anões, homens ou orcs, Oropher teve a sabedoria de prever que a paz somente voltaria se Sauron fosse derrotado.
>
> Reuniu, portanto, um grande exército do seu povo, agora numeroso, e, unindo-se ao exército menor de Malgalad de Lórien, liderou a hoste dos elfos silvestres à batalha.
>
> Os elfos silvestres eram vigorosos e valentes, mas mal equipados com couraças ou armas, em comparação com os eldar do oeste. Eram também independentes e não estavam dispostos a se submeter ao comando supremo de Gil-galad. Assim, suas perdas foram

mais sérias do que precisavam ser, mesmo naquela guerra terrível. Malgalad e mais da metade de seus seguidores pereceram na grande batalha de Dagorlad, pois foram apartados da hoste principal e expulsos para os Pântanos Mortos. Oropher foi morto no primeiro ataque a Mordor, precipitando-se à frente de seus guerreiros mais audazes antes que Gil-galad tivesse dado o sinal para avançar. Seu filho Thranduil sobreviveu; mas, quando a guerra terminou e Sauron foi morto (ao que parecia), ele levou de volta para casa menos de um terço do exército que marchara para a guerra.

Malgalad de Lórien não ocorre em nenhum outro lugar, e aqui não se diz que tenha sido o pai de Amroth. Por outro lado, há duas menções de que Amdír, pai de Amroth, teria sido morto na Batalha de Dagorlad. Parece, portanto, que Malgalad pode ser simplesmente identificado com Amdír. Mas sou incapaz de dizer qual nome substituiu o outro. Esse ensaio continua:

Seguiu-se uma longa paz, em que os elfos silvestres mais uma vez se multiplicaram; mas estavam inquietos e ansiosos, sentindo a mudança do mundo que a Terceira Era traria consigo. Também os homens se multiplicavam, e seu poder crescia. O domínio dos reis númenorianos de Gondor estendia-se para o norte, em direção dos limites de Lórien e da Floresta Verde. Os Homens Livres do Norte (assim chamados pelos elfos porque não estavam sob a dominação dos dúnedain e, na maior parte, não tinham sido subjugados por Sauron ou seus servos) espalhavam-se para o sul: mormente a leste da Floresta Verde, apesar de alguns estarem se estabelecendo nas bordas da floresta e nas pastagens dos Vales do Anduin. O mais ameaçador eram os rumores do leste mais distante: os Homens Selvagens estavam inquietos. Antigos servos e adoradores de Sauron, eles agora haviam sido libertados de sua tirania, mas não do mal e das trevas que ele colocara em seus corações. Guerras cruéis grassavam entre eles, e alguns se retiravam delas para o oeste, com a mente cheia de ódio, considerando todos os que habitavam no oeste como seus inimigos, para serem mortos e saqueados. Mas havia no coração de Thranduil uma sombra ainda mais profunda. Ele vira o horror de Mordor e não podia esquecê-lo. Todas as vezes que olhava para o sul, essa lembrança obscurecia a luz do Sol, e apesar de ele saber que agora estava destruída e deserta, sob a vigilância dos Reis dos Homens, o temor dizia em seu coração que não estava derrotada para sempre: erguer-se-ia de novo.

Em outro trecho escrito na mesma época que o anterior, consta que, quando haviam passado mil anos da Terceira Era e a Sombra recaiu sobre a Grande Floresta Verde, os elfos silvestres governados por Thranduil

recuaram diante dela à medida que se alastrava cada vez mais para o norte, até que por fim Thranduil estabeleceu seu reino no nordeste da floresta, e lá escavou uma fortaleza e grandes salões subterrâneos. Oropher era de origem sindarin, e sem dúvida seu filho Thranduil estava seguindo o exemplo do Rei Thingol de outrora, em Doriath; apesar de seus salões não se compararem com Menegroth. Thranduil não tinha as artes, nem a riqueza nem o auxílio dos anões; e em comparação com os elfos de Doriath sua gente silvestre era rude e rústica. Oropher viera ter com eles, apenas com um punhado de sindar, que logo se misturaram aos elfos silvestres, adotando sua língua e assumindo nomes de forma e estilo silvestres. Fizeram isso deliberadamente, pois eles (e outros aventureiros semelhantes esquecidos nas lendas ou mencionados apenas brevemente) vinham de Doriath após sua ruína e não tinham o desejo de abandonar a Terra-média, nem de se misturarem aos demais sindar de Beleriand, dominados pelos Exilados Noldorin pelos quais a gente de Doriath não sentia grande apreço. Desejavam na verdade tornar-se gente silvestre e voltar, conforme diziam, à vida simples, natural aos elfos antes que o convite dos Valar a tivesse perturbado.

Em nenhum lugar (segundo creio) está esclarecido como a adoção da fala silvestre pelos governantes sindarin dos elfos silvestres da Floresta das Trevas, conforme descrito aqui, deve ser relacionada com a afirmativa citada, de que ao final da Terceira Era o élfico silvestre não era mais falado no reino de Thranduil.
Vide ademais a nota de "O desastre dos campos de Lis".

APÊNDICE C

OS LIMITES DE LÓRIEN

No Apêndice A (I, IV) do *Senhor dos Anéis,* consta que o reino de Gondor, no apogeu de seu poder nos dias do Rei Hyarmendacil I (1015-1149 Terceira Era), estendia-se ao norte "até Celebrant e as fronteiras ao sul* da Floresta das Trevas". Meu pai afirmou diversas vezes que havia aí um erro: a leitura correta deveria ser "até o Campo de Celebrant". De acordo com seus escritos tardios sobre as inter-relações das línguas da Terra-média,

* Na edição brasileira do *Senhor dos Anéis,* está "a sudoeste". (N. da R.)

> O rio Celebrant (Veio de Prata) ficava dentro dos limites do reino de Lórien, e a fronteira efetiva do reino de Gondor ao norte (a oeste do Anduin) era o rio Limclaro.
>
> Todas as pastagens entre o Veio de Prata e o Limclaro, sobre as quais as florestas de Lórien antigamente se estendiam mais ao sul, eram conhecidas em Lórien como Parth Celebrant (isto é, o campo, ou pastagem cercada, do Veio de Prata) e consideradas parte de seu reino, mesmo que não habitadas por sua gente élfica além das bordas da floresta.
>
> Mais tarde Gondor construiu uma ponte sobre o Limclaro superior e muitas vezes ocupou a estreita região entre o Limclaro inferior e o Anduin como parte de suas defesas orientais, visto que as grandes voltas do Anduin (onde descia veloz, passando por Lórien, e entrava em baixadas planas antes de voltar a cair pelo desfiladeiro de Emyn Muil) tinham muitos trechos rasos e amplos baixios pelos quais um inimigo decidido e bem equipado podia forçar a passagem com balsas ou pontões, especialmente nas duas curvas para o oeste, conhecidas como Meandros Norte e Sul. Essa era a terra à qual o nome de Parth Celebrant era aplicado em Gondor; daí o seu uso na definição da antiga fronteira norte. A época da Guerra do Anel, quando toda a região ao norte das Montanhas Brancas (exceto Anórien) até o Limclaro se tornara parte do Reino de Rohan, o nome Parth (Campo de) Celebrant era aplicado somente à grande batalha na qual Eorl, o Jovem, destruiu os invasores de Gondor.

Em outro ensaio meu pai salientou que, enquanto a leste e a oeste a terra de Lórien era limitada pelo Anduin e pelas montanhas (e ele nada diz sobre qualquer extensão do reino de Lórien ao outro lado do Anduin, ela não tinha limites claramente definidos ao norte ou ao sul.

> Outrora os galadhrim afirmavam governar a floresta até as cascatas do Veio de Prata onde Frodo foi banhado; ao sul ela se estendia muito além do Veio de Prata, até os bosques mais abertos de árvores menores que se confundiam com a Floresta de Fangorn, embora o núcleo do reino sempre tivesse estado no ângulo entre o Veio de Prata e o Anduin, onde ficava Caras Galadhon. Não havia fronteiras visíveis entre Lórien e Fangorn, porém nem os ents nem os galadhrim jamais as atravessavam. Pois a lenda relatava que o

próprio Fangorn se encontrara com o Rei dos Galadhrim em dias antigos, e Fangorn dissera: - Conheço o meu, e você conhece o seu; que nenhum dos lados moleste o que é do outro. Mas, se um elfo desejar caminhar na minha terra por prazer, será bem-vindo; e se um ent for avistado na sua terra não tema nenhum mal. - Longos anos haviam passado, no entanto, desde que um ent ou um elfo pusera os pés na outra terra.

APÊNDICE D
O PORTO DE LOND DAER

Foi dito em "Acerca de Galadriel e Celeborn" que na guerra contra Sauron em Eriador, ao fim do décimo sétimo século da Segunda Era, o almirante númenoriano Ciryatur mandou desembarcar um grande exército na foz do Gwathló (Rio Cinzento), onde havia "um pequeno porto númenoriano". Essa parece ser a primeira referência a esse porto, do qual muito se conta em escritos posteriores.

O relato mais completo está no ensaio filológico acerca dos nomes de rios, que já foi citado a propósito da lenda de Amroth e Nimrodel. Nesse ensaio, o nome Gwathló é analisado como segue:

> O rio Gwathló é traduzido como "Rio Cinzento". Mas *gwath* é uma palavra sindarin para "sombra", no sentido de luz obscurecida, em decorrência de uma nuvem ou nevoeiro, ou em vales profundos. Isto não parece adequar-se à geografia. As vastas terras divididas pelo Gwathló nas regiões chamadas pelos númenorianos de Minhiriath ("Entre os Rios", Baranduin e Gwathló) e Enedwaith ("Povo do Meio") eram em sua maioria planícies, abertas e desprovidas de montanhas. No ponto da confluência do Glanduin e do Mitheithel [Fontegris] a terra era quase plana, e as águas se tornavam preguiçosas e tendiam a se espalhar em brejos*. Mas umas cem milhas abaixo de Tharbad o declive aumentava. O Gwathló, no entanto, nunca se tornava veloz, e navios de menor calado, fossem a vela, fossem a remo, conseguiam chegar sem dificuldade até Tharbad.
>
> A origem do nome Gwathló deve ser buscada na história. À época da Guerra do Anel as terras ainda eram bastante cobertas de florestas em certos trechos, especialmente em Minhiriath e no sudeste de Enedwaith; mas as planícies eram em sua maior parte pastagens. Desde a Grande Peste do ano de 1636 da Terceira Era, Minhiriath estivera quase totalmente deserta, embora alguns caçadores furtivos vivessem nas florestas. Em Enedwaith os remanescentes dos Terrapardenses viviam no leste, no sopé das Montanhas da Névoa; e um grupo bastante numeroso, mas bárbaro, de pescadores morava entre as fozes do Gwathló e do Angren (Isen).
>
> Nos tempos mais remotos, porém, à época das primeiras explorações dos númenorianos, a situação era bem diferente. Minhiriath e Enedwaith eram ocupadas por florestas vastas e quase contínuas, exceto a região central dos Grandes Pântanos. As mudanças que se seguiram foram mormente devidas às operações de Tar-Aldarion, o Rei-Marinheiro, que fez amizade e aliança com Gil-galad. Aldarion tinha enorme avidez por madeira, pois desejava transformar Númenor em uma grande potência naval.

* O Glanduin ("rio-limite"") descia das Montanhas da Névoa ao sul de Moria para se unir ao Mitheithel acima de Tharbad. No mapa original do *Senhor dos Anéis,* o nome não foi marcado (ocorre apenas uma vez no livro. no Apêndice A (I, iii). Em 1969 meu pai comunicou à srta. Pauline Baynes certos nomes adicionais para serem incluídos no seu mapa ilustrado da Terra-média: "Edhellond", "Andrast", "Drúwaith Iaur (Velha Terra Púkel)", "Lond Daer (ruínas)", "Eryn Vorn", "R. Adorn", "Cisnefrota" e "R. Glanduin". Os três últimos desses nomes foram

então inscritos no mapa original que acompanha o livro, mas não consegui descobrir por que isso foi feito; e, enquanto "R. Adorn" está colocado corretamente, "Cisnefrota" e "Rio Glandin" *[sic]* estão equivocadamente apostos ao curso superior do Isen. Para a interpretação correta da relação entre os nomes *Glanduin* e *Cisnefrota*.

> Sua derrubada de árvores em Númenor havia causado enorme controvérsia. Em viagens ao longo do litoral viu maravilhado as grandes florestas e escolheu o estuário do Gwathló para local de um novo porto, inteiramente sob controle númenoriano (Gondor naturalmente ainda não existia). Lá iniciou grandes obras que continuaram a ser estendidas após os seus dias. Esta entrada em Eriador demonstrou mais tarde ser de grande importância na guerra contra Sauron (1693-1701 Segunda Era); mas era na origem um porto para madeira e construção de navios. O povo nativo era bastante numeroso e aguerrido, mas eram habitantes das florestas, comunidades esparsas sem liderança central. Estavam estupefatos diante dos númenorianos, mas só passaram a ser hostis quando a derrubada de árvores se tornou devastadora. Então atacavam e emboscavam os númenorianos quando podiam; e os númenorianos os tratavam como inimigos, fazendo suas derrubadas de modo implacável, sem atentarem para o cultivo ou o replantio. Inicialmente as derrubadas haviam ocorrido ao longo de ambas as margens do Gwathló, e a madeira descia boiando até o porto (Lond Daer); mas agora os númenorianos abriam grandes trilhas e estradas florestas adentro, ao norte e ao sul do Gwathló. Com isso, o povo nativo que havia sobrevivido fugiu de Minhiriath para as escuras florestas do grande Cabo de Eryn Vorn, ao sul da foz do Baranduin, que não ousavam atravessar, mesmo que o conseguissem, por temor ao povo élfico. De Enedwaith refugiaram-se nas montanhas a leste, onde mais tarde foi a Terra Parda; não atravessaram o Isen nem se refugiaram no grande promontório entre o Isen e o Lefnui, que formava a margem norte da Baía de Belfalas [Ras Morthil ou Andrast], por causa dos "Homens-Púkel" [...]
>
> A devastação produzida pelos númenorianos foi incalculável. Por muitos anos aquelas terras foram sua principal fonte de madeira, não apenas para seus estaleiros em Lond Daer e em outros locais, mas também para a própria Númenor. Inúmeras cargas de navio passaram para o oeste, atravessando o mar. O desnudamento das terras aumentou durante a guerra em Eriador, pois os nativos exilados deram as boas-vindas a Sauron e esperavam que ele derrotasse os Homens do Mar. Sauron conhecia a importância do Grande Porto e de seus estaleiros para seus inimigos, e usou os que detestavam Númenor como espiões e guias para seus atacantes. Não tinha forças bastantes para qualquer investida contra as fortalezas no Porto ou ao longo das margens do Gwathló, mas seus atacantes causaram muita destruição na borda das florestas, ateando fogo nos bosques e queimando muitos dos grandes depósitos de madeira dos númenorianos.
>
> Quando Sauron finalmente foi derrotado e expulso para o leste, para fora de Eriador, a maioria das antigas florestas havia sido destruída. O Gwathló corria por uma terra que, longe em ambas as margens, se tornara deserta, sem árvores mas sem cultivo.
>
> Não era assim quando ele recebeu seu nome original dos audazes exploradores do navio de Tar-Aldarion, que se aventuraram a subir o rio em pequenos botes. Assim que era deixada para trás a região costeira, de ar salgado e grandes ventos, a floresta descia até as margens do rio; e, por larga que fosse a corrente, as enormes árvores lançavam grandes sombras sobre as águas, debaixo das quais os botes dos aventureiros se esgueiravam em silêncio para o interior da terra desconhecida. Portanto, o primeiro nome que lhe deram foi "Rio da Sombra", *Gwath-hîr, Gwathir.* Mais tarde, porém, penetraram para o norte, até o começo dos grandes pantanais; muito embora ainda faltasse muito tempo para que sentissem necessidade ou dispusessem de homens bastantes para empreender as grandes obras de drenagem e construção de diques que fizeram um grande porto no local onde se erguia Tharbad nos dias dos Dois Reinos. A palavra sindarin que usaram para o pantanal foi *lô,* primitivamente *loga* [de uma raiz *log-* que significa "molhado, encharcado, pantanoso"]; e pensaram inicialmente que se tratava das nascentes do rio da floresta, pois ainda

não conheciam o Mitheithel que descia das montanhas ao norte, e, reunindo as correntezas do Bruinen [Ruido-ságua] e do Glanduin, lançava águas de inundação na planície. O nome *Gwathir* foi assim mudado em *Gwathló,* o rio sombrio vindo dos pântanos. O Gwathló tinha um dos poucos nomes geográficos que se tornaram do conhecimento geral de outros em Númenor além dos marinheiros, e recebeu uma tradução adûnaica. Esta era *Agathunish.*

A história de Lond Daer e Tharbad é mencionada também nesse mesmo ensaio, em uma análise do nome *Glanduin.*

Glanduin significa "rio da fronteira". Foi o primeiro nome dado (na Segunda Era), já que o rio formava o limite meridional de Eregion, além do qual viviam povos pré-númenorianos e geralmente hostis, tais como os ancestrais dos Terrapardenses. Mais tarde ele, juntamente com o Gwathló, que era formado por sua confluência com o Mitheithel, representou o limite sul do Reino do Norte. A terra mais além, entre o Gwathló e o Isen (Sîr Angren), era chamada de Enedwaith ("Povo do Meio"); não pertencia a nenhum dos reinos e não recebeu povoação permanente de homens de origem númenoriana. Mas a grande Estrada Norte-Sul, que era a principal rota de comunicação entre os Dois Reinos, à exceção do mar, cortava essa terra de Tharbad até os Vaus do Isen (Ethraid Engrin). Antes da decadência do Reino do Norte e das catástrofes que assolaram Gondor, na verdade até a chegada da Grande Peste em 1636 Terceira Era, ambos os reinos tinham um interesse compartilhado nessa região, e juntos construíram e mantiveram a Ponte de Tharbad bem como os longos diques que levavam a estrada até ela, de ambos os lados do Gwathló e do Mitheithel, atravessando os pântanos das planícies de Minhiriath e Enedwaith*. Uma considerável guarnição de soldados, marinheiros e engenheiros fora mantida lá até o décimo sétimo século da Terceira Era. Mas daí em diante a região caiu rapidamente em decadência; e, muito antes da época do *Senhor dos Anéis,* ela havia retrocedido à condição de pantanal selvagem. Quando Boromir fez sua grande viagem de Gondor a Valfenda - a coragem e a resistência requeridas não são plenamente reconhecidas na narrativa - a Estrada Norte-Sul não mais existia a não ser pelos restos desmoronados dos diques, pelos quais se podia empreender uma perigosa aproximação a Tharbad, apenas para encontrar ruínas sobre morros minguantes, e um arriscado vau formado pelas ruínas da ponte, que seria impossível de atravessar não fosse o rio naquele trecho lento e raso, mas largo.

* Nos primórdios dos reinos, descobriu-se que a rota mais expedita de um até o outro (exceto para grandes exércitos) era por mar até o antigo porto na extremidade do estuário do Gwathló, continuando até o porto fluvial de Tharbad, e de lá pela Estrada. O antigo porto marítimo e seus grandes cais estavam em ruínas, mas com intenso trabalho fora construído em Tharbad um porto capaz de receber embarcações de alto-mar, e lá se erguera um forte sobre grandes aterros de ambos os lados do rio, para vigiar a outrora famosa Ponte de Tharbad. O antigo porto era um dos primeiros dos númenorianos, começado pelo renomado rei-marinheiro Tar-Aldarion, e mais tarde ampliado e fortificado. Era chamado de Lond Daer Enedh, o Grande Porto do Meio (visto que ficava entre Lindon ao norte e Pelargir no Anduin). [N. do A.]

Se o nome Glanduin chegava a ser recordado, o era somente em Valfenda, e aplicava-se apenas ao curso superior do rio, onde ainda corria veloz, para logo se perder nas planícies e desaparecer nos pântanos: um emaranhado de brejos, lagoas e ilhotas, cujos únicos habitantes eram bandos de cisnes, e muitas outras aves aquáticas. Se o rio tinha algum nome, era na língua dos Terrapardenses. Em O *Retorno do Rei,* VI, VI é chamado de rio (não Rio) Cisnefrota, sendo simplesmente o rio que descia para Nín-in-Eilph, "as Terras Úmidas dos Cisnes"*.

* Sindarin *alph,* ura cisne, plural *eilpb;* quenya *alqua,* como em *Alqua-londê.* O ramo telerin do eldarin transformou o *kw* original em *p* (mas o *p* original permaneceu inalterado). O sindarin da Terra-média, muito modificado, transformou as oclusivas em fricativas após *ler.* Assim, o *alkwa* original tornou-se *alpa* em telerin, e *alf* (transcrito como *alph)* em sindarin.

Era a intenção de meu pai inscrever, num mapa revisado do *Senhor dos Anéis, Glanduin* como nome do curso superior do rio, e marcar os pântanos como tais, com o nome *Nîn-in-Eilph* (ou *Cisnefrota).* Sua intenção acabou sendo mal compreendida, pois no mapa de Pauline Baynes o curso inferior está marcado como "R. Cisnefrota", enquanto no mapa do livro, conforme mencionado em nota anterior, os nomes estão apostos ao rio errado.

Pode-se notar que Tharbad está mencionada como "as ruínas de uma cidade"' em *A Sociedade do Anel,* II, III, e que Boromir contou em Lothlórien que perdeu seu cavalo em Tharbad, ao vadear o Rio Cinzento *(ibid.,* II, VIII). No Conto dos Anos, a atina e a deserção de Tharbad estão datadas com o ano 2912 da Terceira Era, quando grandes inundações devastaram Enedwaith e Minhiriath.

A partir dessas considerações, pode-se ver que a concepção do porto númenoriano na foz do Gwathló tinha sido expandida desde a época em que foi escrito "Acerca de Galadriel e Celeborn", a partir de "um pequeno porto númenoriano" para Lond Daer, o Grande Porto. Trata-se evidentemente do Vinyalonde ou Porto Novo de "Aldarion e Erendis", apesar de esse nome não constar dos estudos recém-mencionados. Consta em "Aldarion e Erendis" que as obras que Aldarion reiniciou em Vinyalonde após tornar-se Rei "nunca foram completadas". Isto provavelmente significa apenas que nunca foram completadas por ele, pois a história posterior de Lond Daer pressupõe que o porto tenha acabado sendo restaurado, e tornado seguro contra os ataques do mar. Com efeito o mesmo trecho de "Aldarion e Erendis" prossegue dizendo que Aldarion "estabeleceu as bases para o empreendimento de Tar-Minastir muitos anos após, na primeira guerra contra Sauron; e, não fosse por suas obras, as frotas de Númenor não poderiam ter trazido seu poderio a tempo ao lugar certo - como ele previa".

A afirmativa, no estudo do termo *Glanduin* em nota anterior, de que o porto foi chamado de Lond Daer Enedh "o Grande Porto do Meio", visto que ficava entre os portos de Lindon ao norte e Pelargir no Anduin, deve referir-se a uma época muito posterior à intervenção númenoriana na guerra contra Sauron em Eriador; pois, de acordo com o Conto dos Anos, Pelargir somente foi construído no ano de 2350 da Segunda Era, e tornou-se o principal porto dos Númenorianos Fiéis.

APÊNDICE E

OS NOMES DE CELEBORN E GALADRIEL

Em um ensaio acerca dos costumes da atribuição de nomes entre os eldar em Valinor, consta que eles tinham dois "nomes próprios" *(essi),* o primeiro dos quais era dado pelo pai por ocasião do nascimento; e este normalmente lembrava o próprio nome do pai, assemelhando-se a ele no sentido ou na forma, ou podendo até mesmo ser igual ao nome do pai, ao qual algum prefixo distintivo lhe poderia ser acrescentado mais tarde, quando a criança estivesse crescida. O segundo nome era dado depois, às vezes muito

depois, mas às vezes logo após o nascimento, pela mãe; e esses nomes maternos tinham grande significado, pois as mães dos eldar possuíam um discernimento das características e habilidades dos filhos, e muitas possuíam também o dom da previsão profética. Além disso, qualquer elda podia adquirir um *epesse* ("pós-nome"), não necessariamente dado pela sua própria família, um apelido - geralmente dado como título de admiração ou honra; e um *epesse* podia tornar-se o nome geralmente usado e reconhecido nas canções e histórias posteriores (como foi o caso, por exemplo, de Ereinion, sempre conhecido por seu *epesse* Gil-galad).

Assim, o nome *Alatáriel,* que, de acordo com a versão tardia da história da sua relação, foi dado a Galadriel por Celeborn em Aman, era um *epesse* (para sua etimologia vide o Apêndice do *Silmarillion,* verbete *kal-),* que ela resolveu usar na Terra-média, vertido para o sindarin como *Galadriel,* de preferência a seu "nome paterno" *Artanis,* ou a seu "nome materno" *Nerwen.*

Evidentemente é apenas na versão tardia que Celeborn aparece com um nome alto-élfico, e não sindarin: *Teleporno.* Afirma-se que ele é na verdade de forma telerin; a antiga raiz da palavra élfica para "prata" era *kyelep-,* que se tornou *celeb* em sindarin, *telep-, telpe* em telerin, e *tyelep-, tyelpe* em quenya. Mas em quenya a forma *telpe* tornou-se usual, através da influência do telerin; pois os teleri prezavam a prata mais que o ouro, e sua habilidade como artífices de prata era apreciada até mesmo pelos noldor. Assim, *Telperion* era de uso mais comum que *Tyelperion* como o nome da Árvore Branca de Valinor. *{Alatáriel* também era telerin; sua forma quenya era *Altáriel.)*

O nome Celeborn foi inventado inicialmente com a intenção de significar "Árvore de Prata"; era também o nome da Árvore de Tol Eressea (O *Silmarillion,* p. 62). Os parentes próximos de Celeborn tinham "nomes arbóreos" seu pai Galadhon, seu irmão Galathil e sua sobrinha Nimloth, que tinha o mesmo nome da Árvore Branca de Númenor. Nos últimos escritos filológicos de meu pai, no entanto, o significado de "Árvore de Prata" foi abandonado; o segundo elemento de *Celeborn* (como nome de pessoa) foi derivado da antiga forma adjetiva *ornã,* "ascendente, alto", e não do substantivo cognato *orne,* "árvore". *(Orne* aplicava-se originalmente a árvores mais retas e delgadas, como bétulas, ao passo que árvores mais robustas e largas, como carvalhos e faias, eram chamadas, na língua antiga, de *galadã, "*grande crescimento"; mas esta distinção não era sempre observada em quenya, e desapareceu em sindarin, idioma no qual todas as árvores passaram a ser chamadas de *galadh,* e *orn* saiu do uso comum, sobrevivendo apenas em versos e canções, bem como em muitos nomes, tanto de pessoas quanto de árvores.) O fato de Celeborn ser alto é mencionado em uma nota incluída no estudo das Medidas Lineares Númenorianas.

Sobre a eventual confusão ocasional do nome de Galadriel com a palavra *galadh,* meu pai escreveu:

> Quando Celeborn e Galadriel se tornaram governantes dos elfos de Lórien (que na origem eram principalmente elfos silvestres e se chamavam de galadhrim), o nome de Galadriel ficou associado às árvores, uma associação que foi auxiliada pelo nome de seu marido, que também parecia conter uma palavra arbórea. Desse modo, fora de Lórien e entre aqueles cujas lembranças dos dias antigos e da história de Galadriel se haviam embaçado, o nome dela costumava ser alterado para Galadhriel. Não na própria Lórien.

Pode-se mencionar aqui que *galadhrim* é a grafia correta do nome dos elfos de Lórien, e de modo semelhante *Caras Ga-ladhon.* Meu pai originalmente alterou a forma sonora do *th* (como em *then,* em inglês moderno) nos nomes élficos para *d,* visto que

(como ele escreveu) *dh* não se usa em inglês e parece desajeitado. Depois mudou de idéia sobre esse ponto, mas *galadrim* e *Caras Galadon* permaneceram sem correção enquanto não foi publicada a edição revisada do *Senhor dos Anéis* (em reimpressões recentes a alteração foi feita). Esses nomes estão grafados de forma incorreta no verbete *alda* do Apêndice do *Silmarillion**.

* Na tradução do *Silmarillion* da editora Martins Fontes, Caras Galadhon e galadhrim estão grafados corretamente no verbete em questão. (N. da R.)

TERCEIRA PARTE
A Terceira Era

CAPITULO I
O *desastre dos Campos de Lis*

Depois da queda de Sauron, Isildur, o filho e herdeiro de Elendil, retornou a Gondor. Lá assumiu a Elendilmir como Rei de Arnor e proclamou seu domínio soberano sobre todos os dúnedain no norte e no sul; pois era homem de grande orgulho e vigor. Permaneceu em Gondor durante um ano, restaurando sua ordem e definindo seus limites; porém a maior parte do exército de Arnor retornou a Eriador pela estrada númenoriana desde os Vaus do Isen a Fornost.

Quando por fim se sentiu livre para voltar ao seu próprio reino, estava apressado, e desejava ir primeiro a Imladris, pois lá havia deixado sua esposa e seu filho mais jovem, e ademais tinha necessidade urgente de se aconselhar com Elrond. Portanto, decidiu seguir caminho para o norte partindo de Osgiliath, pelos Vales do Anduin acima até Cirith Forn en Andrath, a alta passagem do norte, que descia até Imladris. Isildur conhecia bem a região, pois muitas vezes viajara ali antes da Guerra da Aliança, e por essa via marchara à guerra, com homens de Arnor oriental, em companhia de Elrond.

Era uma viagem longa, mas o único caminho alternativo, para o oeste, depois para o norte até o encontro das estradas em Arnor, e em seguida para o leste até Imladris, era muito mais longo. Talvez fosse igualmente rápido para homens montados, mas ele não dispunha de cavalos em condições; talvez mais seguro em dias passados, mas Sauron fora derrotado, e os povos dos Vales haviam sido seus aliados na vitória. Nada temia, exceto as intempéries e a exaustão, mas essas têm de ser suportadas pelos homens a quem a necessidade envia a lugares longínquos da Terra-média.

Assim foi, como se conta nas lendas de dias posteriores, que estava terminando o segundo ano da Terceira Era quando Isildur partiu de Osgiliath no início de Ivanneth, esperando alcançar Imladris em quarenta dias, em meados de Narbeleth, antes que o inverno se aproximasse no norte. No Portão Leste da Ponte, numa clara manhã, Meneldil despediu-se dele. - Vá agora e boa viagem! Que o Sol da sua partida nunca deixe de brilhar sobre sua estrada!

Com Isildur foram seus três filhos, Elendur, Aratan e Ciryon, e sua Guarda de duzentos cavaleiros e soldados, homens de Arnor severos e endurecidos pela guerra. Nada se relata de sua viagem até que tivessem passado sobre a Dagorlad, e prosseguido para o norte entrando nas terras amplas e desertas ao sul da Grande Floresta Verde. No vigésimo

dia, quando já avistavam ao longe a floresta coroando o planalto diante deles com um distante brilho do vermelho e ouro de Ivanneth, toldou-se o céu e veio um vento escuro do Mar de Rhûn, carregado de chuva. A chuva durou quatro dias. Quando chegaram à entrada dos Vales, entre Lórien e Amon Lanc, Isildur desviou-se, portanto, do Anduin, inchado de águas velozes, e subiu as íngremes encostas em seu lado leste para alcançar as antigas trilhas dos elfos silvestres que passavam perto da borda da Floresta.

Assim ocorreu que, ao cair da tarde do trigésimo dia de sua viagem, passavam pela borda norte dos Campos de Lis, marchando por uma trilha que levava ao reino de Thranduil, tal como era então. O dia claro terminava. Acima das montanhas distantes, juntavam-se nuvens, tingidas de vermelho pelo sol enevoado, que descia em direção delas. O fundo do vale já estava em sombra cinzenta. Os dúnedain cantavam, pois a marcha do dia se aproximava do fim, e tinham deixado para trás três quartos da longa estrada até Imladris. À sua direita, a Floresta se erguia acima deles no alto das encostas íngremes que desciam até a sua trilha, abaixo da qual era mais suave a descida até o fundo do vale.

De repente, quando o sol mergulhava nas nuvens, ouviram o horrendo clamor de orcs e os viram sair da Floresta e mover-se encostas abaixo, emitindo seus gritos de guerra. Naquela penumbra, podia-se apenas estimar quantos eram, mas evidentemente superavam em muito os dúnedain, até mesmo dez vezes. Isildur ordenou que se formasse um *thangail* um muro de escudos com duas fileiras compactas que podiam ser dobradas para trás em ambas as extremidades caso fossem flanqueadas, até formarem, se necessário, um anel fechado. Se o terreno fosse plano ou a encosta estivesse a seu favor, teria formado com sua companhia uma *dírnaitb* e acometido os orcs, esperando poder, pela grande força dos dúnedain e de suas armas, cortar caminho através deles e dispersá-los atarantados; mas agora não era possível fazê-lo. Uma sombra de presságio abateu-se sobre o seu coração.

- A vingança de Sauron continua viva, embora ele esteja morto - disse a Elendur, que estava a seu lado. - Aqui há astúcia e propósito! Não temos esperança de auxílio: Moria e Lórien agora ficaram muito para trás, e Thranduil está quatro dias de marcha à frente.

- E trazemos cargas de valor incalculável - disse Elendur, pois era confidente do pai.

Agora os orcs se aproximavam. Isildur voltou-se para seu escudeiro: - Ohtar, agora confio isto à sua guarda - disse, entregando-lhe a grande bainha e os fragmentos de Narsil, a espada de Elendil. - Salve-o da captura por todos os meios que puder encontrar e a qualquer custo; até mesmo ao custo de ser considerado um covarde que me desertou. Leve seu companheiro consigo e fuja! Vá! Eu lhe ordeno! - Então Ohtar ajoelhou-se e lhe beijou a mão, e os dois jovens fugiram, descendo ao vale escuro.

Se os orcs de visão aguçada perceberam sua fuga, não lhe deram importância. Detiveram-se brevemente, preparando seu ataque. Primeiro soltaram uma saraivada de flechas, e então, de súbito, com um grande grito, fizeram o que Isildur teria feito, e pela última encosta lançaram uma grande massa dos seus principais guerreiros contra os dúnedain, esperando romper seu muro de escudos. Mas este permaneceu firme. As flechas não haviam sido de nenhuma valia contra as armaduras númenorianas. Os homens imponentes elevavam-se acima dos orcs mais altos, e suas espadas e lanças alcançavam muito mais longe que as armas de seus inimigos. O ataque vacilou, rompeu-se e recuou, tendo causado poucos danos aos defensores, inabalados, por trás de montes de orcs tombados.

Pareceu a Isildur que o inimigo se retirava em direção à Floresta. Olhou para trás.

A borda vermelha do sol brilhou de dentro das nuvens, enquanto mergulhava por trás das montanhas; logo cairia a noite. Deu ordens para retomar a marcha imediatamente, mas para desviar o trajeto em direção ao terreno mais baixo e plano, onde os orcs teriam menor vantagem. Talvez acreditasse que, depois de serem rechaçados com danos, eles se retrairiam, apesar de seus batedores talvez o seguirem durante a noite e vigiarem seu acampamento. Essa era a maneira dos orcs, que geralmente ficavam intimidados quando sua presa dava a volta e mordia.

Mas enganava-se. Não somente havia astúcia no ataque, mas também ódio feroz e implacável. Os Orcs das Montanhas eram obstinados e comandados por cruéis servos de Barad-dûr, enviados havia muito tempo para vigiarem as passagens; e, apesar de não o saberem, o Anel, cortado dois anos antes de sua mão negra, ainda estava carregado da vontade malévola de Sauron, e clamava por ajuda a todos os seus servos. Os dúnedain mal haviam avançado uma milha quando os orcs se moveram novamente. Dessa vez não investiram, mas usaram todas as suas forças. Desceram em uma ampla frente, que se alinhou em meia-lua e logo fechou uma roda ininterrupta em volta dos dúnedain. Agora estavam em silêncio e se mantinham a uma distância fora do alcance dos temidos arcos de aço de Númenor, apesar de a luz estar diminuindo depressa e Isildur ter muito menos arqueiros do que precisava. Ele se deteve.

Houve uma pausa, embora os dúnedain de visão mais aguçada dissessem que os orcs estavam se aproximando sorrateiros, passo a passo. Elendur foi ter com seu pai, que estava de pé, soturno e sozinho, como que perdido em pensamentos.

- *Atarinya* - disse - e quanto ao poder que intimidaria essas criaturas imundas e lhes ordenaria que obedecessem a você? Então de nada serve?

- Infelizmente não, *senya.* Não posso usá-lo. Temo a dor de tocá-lo. E ainda não encontrei forças para dobrá-lo à minha vontade. Para isso é preciso alguém maior do que eu agora sei que sou. Meu orgulho foi-se. Ele deveria ir para os Guardiães dos Três.

Nesse momento soou um repentino toque de trompas, e os orcs se aproximaram por todos os lados, arremessando-se contra os dúnedain com ferocidade temerária. A noite caíra, e a esperança se apagava. Os homens tombavam; pois alguns dos orcs maiores saltavam, dois de cada vez, e, mortos ou vivos, derrubavam um dúnedan com seu peso, de forma que outras garras fortes o pudessem arrastar para fora e matar. Os orcs podiam perder cinco para um nessa permuta, mas ainda saía muito barato. Ciryon foi morto desse modo e Aratan mortalmente ferido em uma tentativa de resgatá-lo.

Elendur, ainda incólume, buscou Isildur. Ele reunia seus homens do lado leste, onde o ataque era mais intenso, pois os orcs ainda temiam a Elendilmir que trazia na fronte e o evitavam. Elendur tocou seu ombro e Isildur se virou feroz, pensando que um orc se esgueirara por trás dele.

- Meu Rei - disse Elendur -, Ciryon morreu e Aratan está morrendo. Seu último conselheiro tem de lhe recomendar, não ordenar, como você ordenou a Ohtar. Vá! Tome sua carga e a leve a qualquer custo até os Guardiães, até mesmo ao custo de abandonar seus homens e a mim!

- Filho do Rei - disse Isildur -, eu sabia que teria de fazer isso, mas temia a dor. Nem poderia partir sem sua permissão. Perdoe a mim e a meu orgulho que o trouxe a este destino.

- Elendur beijou-o. - Vá! Vá agora! - disse.

Isildur voltou-se para o oeste e, tirando o Anel de uma bolsinha que pendia de uma fina corrente em torno de seu pescoço, colocou-o no dedo com um grito de dor, e nunca mais foi visto por pessoa alguma na Terra-média. Mas a Elendilmir do Oeste não podia ser apagada e de repente resplandeceu vermelha e irada como uma estrela em chamas. Os

homens e os orcs recuaram de pavor; e Isildur, puxando um capuz sobre a cabeça, desapareceu noite adentro.

Do que aconteceu aos dúnedain, só isto se soube depois: não demorou muito para que estivessem todos mortos, à exceção de um, um jovem escudeiro atordoado e sepultado sob homens tombados. Assim pereceu Elendur, que mais tarde deveria ter sido Rei, e, como predisseram todos os que o conheciam, em sua força e sabedoria, e sua majestade sem orgulho, um dos maiores, dos mais belos da estirpe de Elendil, o mais semelhante ao seu ancestral.

Já de Isildur conta-se que sofreu grande dor e angústia no coração, mas de início correu como um cervo perseguido pelos cães, até chegar ao fundo do vale. Lá parou para se assegurar de que não estava sendo perseguido; pois os orcs conseguiam rastrear um fugitivo no escuro pelo faro, e não precisavam dos olhos. Então prosseguiu com mais cautela, pois uma ampla baixada se estendia na escuridão diante dele, irregular e sem trilhas, com muitas armadilhas para pés errantes.

Assim foi que finalmente chegou à margem do Anduin no meio da noite, e estava exausto; pois fizera um trajeto que os dúnedain, em terreno semelhante, não fariam mais depressa, marchando sem parar e de dia. O rio turbilhonava, escuro e veloz, à sua frente. Ficou parado por algum tempo, em solidão e desespero. Então, apressado, lançou fora toda a sua couraça e suas armas, exceto uma espada curta presa ao cinto, e mergulhou na água. Era um homem de força e resistência que, mesmo entre os dúnedain daquela época, poucos conseguiam igualar, mas tinha pouca esperança de atingir a margem oposta. Antes de avançar muito, foi forçado a se virar quase para o norte, contra a corrente; e, por mais que se esforçasse, sempre era arrastado para baixo, em direção aos emaranhados dos Campos de Lis. Estavam mais perto do que ele pensara; e, no mesmo instante em que sentiu a correnteza enfraquecer, e quase havia atravessado, estava se debatendo em meio a grandes juncos e plantas pegajosas. Ali deu-se conta subitamente de que o Anel se fora. Por azar. ou por um acaso feliz, o anel saíra de sua mão e fora aonde Isildur jamais poderia esperar reencontrá-lo. Inicialmente seu sentimento de perda foi tão avassalador que ele não se debateu mais, e teria submergido e se afogado. Mas, ligeiro como havia chegado, esse humor passou. A dor o abandonara. Uma grande carga fora removida. Seus pés encontraram o leito do rio, e ele, erguendo-se da lama, atravessou trôpego o juncal até uma ilhota pantanosa próxima da margem oeste. Ali levantou-se da água: apenas um homem mortal, uma pequena criatura perdida e abandonada nos ermos da Terra-média. Mas para os orcs de visão noturna que se escondiam à espreita, ele se erguia como uma monstruosa sombra de pavor, com um olho penetrante como uma estrela. Atiraram nele suas flechas envenenadas e fugiram. Desnecessariamente, pois Isildur, desarmado, foi trespassado no coração e na garganta, e sem um grito caiu para trás na água. Nenhum vestígio de seu corpo jamais foi encontrado por elfos ou homens. Assim terminou a primeira vítima da malícia do Anel sem dono: Isildur, segundo Rei de todos os dúnedain, senhor de Arnor e Gondor, e o último naquela era do Mundo.

As fontes da lenda da morte de Isildur

Houve testemunhas oculares do ocorrido. Ohtar e seu companheiro escaparam, levando consigo os fragmentos de Narsil. A história menciona um jovem que sobreviveu à carnificina: era o escudeiro de Elendur, chamado Estelmo, e ele foi um dos últimos a

tombar, mas foi atordoado por uma maça e não morreu, tendo sido encontrado vivo sob o corpo de Elendur. Ouviu as palavras de Isildur e Elendur quando se separaram. Houve um grupo de socorro que chegou à cena tarde demais, mas a tempo de perturbar os orcs e evitar que mutilassem os corpos: pois havia certos homens da floresta que levaram notícias a Thranduil através de mensageiros, e eles próprios reuniram uma tropa para emboscar os orcs - do que estes ficaram sabendo e se dispersaram, pois, apesar da vitória, suas perdas haviam sido grandes, e quase todos os grandes orcs haviam tombado. Por muitos anos eles não voltaram a tentar nenhum ataque semelhante.

A história das últimas horas de Isildur e de sua morte baseou-se em suposições, mas bem fundadas. A lenda em sua forma plena somente foi composta no reinado de Elessar na Quarta Era, quando se descobriram outras evidências. Até então sabia-se, primeiro, que Isildur tinha o Anel, e que fugira para o Rio; segundo, que sua cota de malha, seu elmo, seu escudo e sua grande espada (mas nada mais) haviam sido encontrados na margem pouco acima dos Campos de Lis; terceiro, que os orcs haviam deixado vigias na margem oeste, armados com arcos, para interceptarem quem quer que escapasse da batalha e fugisse para o Rio (pois encontraram-se vestígios dos seus acampamentos, um próximo aos limites dos Campos de Lis); e quarto, que Isildur e o Anel, separados ou juntos, deviam ter se perdido no Rio, pois, se Isildur tivesse atingido a margem oeste usando o Anel, ele teria iludido os vigias, e um homem tão intrépido e de tão grande resistência não poderia então deixar de chegar a Lórien ou Moria antes de sucumbir. Apesar de ser uma longa viagem, cada um dos dúnedain levava, em uma bolsa selada suspensa ao cinto, um pequeno frasco de licor e fatias de um pão-de-viagem que lhes sustentaria a vida por muitos dias - na verdade nem o *miruvor* nem o *lembas* dos eldar, mas algo semelhante, pois a medicina e outras artes de Númenor eram poderosas e ainda não haviam sido esquecidas. Não havia nenhum cinto ou bolsa entre os equipamentos descartados por Isildur.

Muito tempo depois, ao terminar a Terceira Era do Mundo Élfico e aproximar-se a Guerra do Anel, foi revelado ao Conselho de Elrond que o Anel fora encontrado, submerso perto da beira dos Campos de Lis e próximo à margem oeste; apesar de jamais ter sido descoberto vestígio do corpo de Isildur. Então deram-se conta também de que Saruman secretamente estivera fazendo buscas na mesma região; mas embora ele não tivesse encontrado o Anel (que muito antes havia sido levado para longe), ainda não sabiam o que mais ele poderia ter descoberto.

O Rei Elessar, no entanto, ao ser coroado em Gondor, começou a reordenar seu reino, e uma de suas primeiras tarefas foi a restauração de Orthanc, onde pretendia instalar novamente o *palantír* recuperado de Saruman. Foram então vasculhados todos os segredos da torre. Muitas coisas de valor foram encontradas, jóias e relíquias de Eorl, furtadas de Edoras por intermédio de Língua de Cobra durante o declínio do Rei Théoden, e outras coisas semelhantes, mais antigas e belas, de morros e túmulos em toda a volta. Saruman, em sua degradação, tornara-se não um dragão, mas uma gralha gatuna. Por fim, atrás de uma porta oculta que não poderiam ter encontrado ou aberto se Elessar não tivesse o auxílio do anão Gimli, foi revelado um armário de aço. Talvez tivesse sido planejado para receber o Anel; mas estava quase vazio. Em uma arca numa prateleira alta estavam guardados dois objetos. Um era um pequeno estojo de ouro, preso a uma corrente fina; estava vazio e não trazia letra nem sinal, mas fora de qualquer dúvida contivera outrora o Anel suspenso ao pescoço de Isildur. Ao lado estava um tesouro sem preço, pranteado por muito tempo como algo perdido para sempre: a própria Elendilmir, a estrela branca de cristal élfico sobre um filete de *mithril,* que chegara de Silmarien a Elendil e fora tomada por ele como sinal de realeza no Reino do Norte. Todos os reis e líderes que

se seguiram a eles em Arnor haviam usado a Elendilmir, até o próprio Elessar; mas apesar de ser uma pedra de grande beleza, feita por artesãos élficos em Imladris para Valandil, filho de Isildur, não tinha a antiguidade nem a potência daquela que fora perdida quando Isildur fugiu para as trevas e não mais voltou.

Elessar tomou-a para si com reverência, e, quando retornou ao norte e reassumiu a monarquia plena de Arnor, Arwen cingiu-lhe a fronte com a pedra, e os homens silenciavam de espanto ao ver seu esplendor. Mas Elessar não a pôs de novo em risco e somente a usava em dias festivos no Reino do Norte. Em outras ocasiões, quando envergava vestes reais usava a Elendilmir que lhe fora legada. - E também esta é objeto de reverência - dizia - e acima do meu valor; quarenta cabeças a usaram antes.

Quando ponderaram mais detidamente sobre aquele tesouro secreto, os homens ficaram consternados. Pois parecia-lhes que aquelas coisas, e certamente a Elendilmir, não poderiam ter sido encontradas, a não ser que estivessem no corpo de Isildur quando este afundou. No entanto, se isso tivesse ocorrido em água profunda, de forte correnteza, com o tempo elas teriam sido arrastadas para bem longe. Portanto, Isildur não teria caído no rio profundo, mas sim em água rasa. não acima da altura dos ombros. Então por que, apesar de ter se passado uma Era, não havia vestígios dos seus ossos? Saruman os encontrara e os aviltara - queimando-os com desonra em uma das suas fornalhas? Se assim fosse, seria um feito vergonhoso, mas não o pior dele.

APÊNDICE
MEDIDAS LINEARES NÚMENORIANAS

Uma nota associada ao o trecho em “O desastre dos Campos de Lis”, que trata das diferentes rotas de Osgiliath a Imladris, diz o seguinte:

As medidas de distância estão convertidas com a exatidão possível em termos modernos. Usa-se “légua” porque essa era a mais longa medida de distância: no sistema númenoriano (que era decimal) cinco mil *rangar* (passos completos) perfaziam um *lár,* que equivalia muito aproximadamente a três das nossas milhas. *Lár* significava “pausa”, porque, exceto em marchas forçadas, normalmente se fazia uma breve parada após percorrer essa distância. O *ranga* númenoriano era um pouco maior que nossa jarda, cerca de 38 polegadas, em virtude de sua maior estatura. Portanto cinco mil *rangar* equivaleriam quase exatamente a 5.280 jardas, nossa “légua”: 5.277 jardas, dois pés e quatro polegadas, supondo que a equivalência acima fosse exata. Isso não pode ser determinado, pois tem como base os comprimentos que as histórias dão de várias coisas, e distâncias que podem ser comparadas com as de nossos tempos. Tem-se de levar em conta a maior estatura dos númenorianos (visto que as mãos, os pés, os dedos e os passos são origens prováveis dos nomes das unidades de comprimento), e também as variações dessas médias ou normas no processo de fixação e organização de um sistema de medidas, tanto para o uso diário quanto para cálculos exatos. Assim, costumava-se chamar dois *rangar* “altura de homem”, o que com base em 38 polegadas dá uma altura média de seis pés e quatro polegadas; mas isso foi em uma época mais tardia, quando a estatura dos dúnedain parece ter diminuído, e também não se pretendia que fosse uma medida exata da média observada da estatura masculina entre eles, mas sim um comprimento aproximado expresso na unidade bem conhecida *ranga.* (Muitas vezes se diz que o *ranga* era o comprimento do passo, do calcanhar traseiro até o artelho dianteiro, de um homem adulto marchando depressa, mas à vontade; um passo largo “podia ser aproximadamente um *ranga* e meio”.) No entanto, diz-se das grandes pessoas do passado que

tinham mais que uma altura de homem. Afirma-se que Elendil "era maior que uma altura de homem em quase meio *ranga*"*;* mas ele era considerado o mais alto de todos os númenorianos que escaparam da Queda [e de fato era geralmente conhecido como Elendil, o Alto]. Os eldar dos Dias Antigos também eram muito altos. Diz-se que Galadriel, "a mais alta de todas as mulheres dos eldar de quem falam os contos", media uma altura de homem, mas está observado "de acordo com a medida dos dúnedain e dos homens de outrora", indicando uma altura de cerca de seis pés e quatro polegadas.

Os rohirrim eram em geral mais baixos, pois em sua ascendência remota haviam se misturado com homens de compleição mais larga e mais pesada. Diz-se que Éomer era alto, da mesma estatura que Aragorn; mas ele e outros descendentes do Rei Thengel eram mais altos que a norma de Rohan, derivando esta característica (em alguns casos junto com cabelos mais escuros) de Morwen, esposa de Thengel, uma senhora de Gondor de alta ascendência númenoriana.

Uma nota ao texto recém-citado acrescenta algumas informações sobre Morwen àquilo que se diz no *Senhor dos Anéis* (Apêndice A (II), "Os reis da Terra dos cavaleiros"):

> Ela era conhecida como Morwen de Lossamach, pois lá vivia; mas não pertencia ao povo daquela terra. Seu pai mudara-se de Belfalas para lá, por amor aos seus vales floridos; ele descendia de um antigo Príncipe daquele feudo, e era portanto parente do Príncipe Imrahil. Seu parentesco com Éomer de Rohan, apesar de distante, era reconhecido por Imrahil, e grande amizade cresceu entre eles. Éomer casou-se com a filha de Imrahil [Lothíriel], e o filho deles, Elfwine, o Belo. era notavelmente parecido com o pai de sua mãe.

Outra nota sobre Celeborn afirma que ele era "um linda de Valinor" (isto é, um dos teleri, cujo nome para si mesmos era Lindar, os Cantores), e que

> Era considerado alto por eles, como indica seu nome ("alto de prata"); mas os teleri eram em geral um tanto menores de compleição e estatura que os noldor.

Essa é a versão tardia da história da origem de Celeborn e do significado de seu nome.

Em outro lugar meu pai escreveu sobre a estatura dos hobbits em relação à dos númenorianos e sobre a origem do nome Pequenos*:

As observações [sobre a estatura dos hobbits] no Prólogo do *Senhor dos Anéis* são desnecessariamente vagas e complicadas, em virtude da inclusão de referências à sobrevivência da raça em tempos posteriores; mas no que concerne ao *Senhor dos Anéis* elas se resumem ao seguinte: os hobbits do Condado tinham uma altura entre três e quatro pés, nunca menos e raramente mais. É claro que não se chamavam de Pequenos; esse era o termo númenoriano para eles. O termo evidentemente se referia à sua altura em comparação com os homens númenorianos, e era bastante exato quando foi dado. Aplicou-se primeiro aos Pés-Peludos, que se tornaram conhecidos dos governantes de Arnor no século XI [cf. o registro de 1050 no Conto dos Anos], e depois, mais tarde, também aos Cascalvas e Grados. Os Reinos do Norte e do Sul permaneciam em estreita comunicação naquela época, e de fato até muito depois, e cada um deles estava bem informado de todos os acontecimentos na outra região, em especial da migração de todos os tipos de povos. Assim, apesar de nenhum "pequeno" ter efetivamente surgido em Gondor antes de Peregrin Tûk, ao que se saiba a existência desse povo no reino de Arthedain era

conhecida em Gondor, e cada um deles era chamado de Pequeno, ou em sindarin *perian.* Assim que Frodo foi trazido ao conhecimento de Boromir [no Conselho de Elrond], este o reconheceu como membro daquela raça. É provável que até então ele os tivesse considerado criaturas daquilo que nós chamaríamos de contos de fadas ou folclore. Parece evidente, pela recepção de Pippin em Gondor, que os "pequenos" de fato eram lembrados ali.

* No original *halflings,* palavra derivada do inglês *half,* "metade". [N. do T.]

Em outra versão dessa nota diz-se mais sobre a estatura minguante, tanto dos Pequenos quanto dos númenorianos:

> O decréscimo na estatura dos dúnedain não era uma tendência normal, compartilhada por povos cujo lar normal era a Terra-média; mas era decorrente da perda de sua antiga terra, no longínquo oeste, de todas as terras mortais a mais próxima do Reino Imortal. O decréscimo na estatura dos hobbits, muito mais tarde, deve ser devido a uma mudança em seu estado e modo de vida; tornaram-se um povo fugitivo e secreto, impelido (à medida que os homens, as Pessoas Grandes, se tornavam cada vez mais numerosos, usurpando as terras mais férteis e habitáveis) ao refúgio na floresta ou nos ermos, um povo errante e pobre, esquecido de suas artes, vivendo uma vida precária, dedicado à busca por alimento e temeroso de ser visto.

CAPÍTULO II
Cirion e Eorl e a amizade entre Gondor e Rohan

(i)

Os Homens do Norte e os Carroceiros

A Crônica de Cirion e Eorl só se inicia com o primeiro encontro entre Cirion, Regente de Gondor, e Eorl, Senhor dos Éothéod, depois de encerrada a Batalha do Campo de Celebrant com a destruição dos invasores de Gondor. Mas houve baladas e lendas da grande cavalgada dos rohirrim do norte, tanto em Rohan quanto em Gondor, de onde foram tirados relatos que aparecem em Crônicas posteriores, junto com muitos outros textos a respeito dos Éothéod. Aqui eles são reunidos brevemente em forma de crônica.

Os Éothéod primeiro se tornaram conhecidos com esse nome nos dias do Rei Calimehtar de Gondor (que morreu no ano de 1936 da Terceira Era), época em que eram um pequeno povo que vivia nos Vales do Anduin entre o Carrock e os Campos de Lis, na sua maioria do lado oeste do rio. Eram um remanescente dos Homens do Norte, que outrora haviam sido uma numerosa e potente confederação de povos que viviam nas amplas planícies entre a Floresta das Trevas e o Rio Corrente, grandes criadores de cavalos e cavaleiros renomados por sua habilidade e resistência, apesar de seus lares estabelecidos ficarem nas beiras da Floresta, e especialmente na Angra Leste, que fora produzida em sua maior parte pela derrubada de árvores.

Esses Homens do Norte eram descendentes da mesma raça de homens dos que na Primeira Era chegaram ao oeste da Terra-média e se tornaram os aliados dos eldar em

suas guerras contra Morgoth. Portanto, eram parentes distantes dos dúnedain ou númenorianos, e havia grande amizade entre eles e o povo de Gondor. Eram na verdade um baluarte de Gondor, protegendo de invasões suas fronteiras norte e leste, embora isso só viesse a ser plenamente percebido pelos Reis quando o baluarte enfraqueceu e foi por fim destruído. O declínio dos Homens do Norte de Rhovanion começou com a Grande Peste, que surgiu ali no inverno do ano de 1635 e logo se estendeu até Gondor. Em Gondor a mortalidade foi grande, em especial entre os que moravam em cidades. Foi maior em Rhovanion, pois, apesar de o povo viver mais ao ar livre e não ter grandes cidades, a Peste veio com um inverno frio, que forçou os cavalos e os homens a se abrigarem, e eles apinharam suas casas e seus estábulos baixos, de madeira. Ademais tinham poucas habilidades nas artes da cura e da medicina, muitas das quais ainda eram conhecidas em Gondor, preservadas da sabedoria de Númenor. Quando a Peste passou, diz-se que havia perecido mais da metade das pessoas de Rhovanion, e também dos seus cavalos.

A recuperação foi lenta, mas sua fraqueza não foi posta à prova por muito tempo. Sem dúvida os povos mais a leste tinham sido igualmente atingidos, de modo que os inimigos de Gondor vinham principalmente do sul ou pelo mar. Mas, quando as invasões dos Carroceiros começaram e envolveram Gondor em guerras que duraram quase cem anos, os Homens do Norte suportaram o pior impacto dos primeiros ataques. O Rei Narmacil II levou um grande exército para o norte, às planícies ao sul da Floresta das Trevas, e reuniu todos os remanescentes dispersos dos Homens do Norte que conseguiu. Foi derrotado, porém, e ele mesmo tombou na batalha. O resto de seu exército recuou atravessando a Dagorlad até Ithilien, e Gondor abandonou todas as terras a leste do Anduin, salvo Ithilien.

Quanto aos Homens do Norte, diz-se que alguns fugiram atravessando o Celduin (Rio Corrente) e se misturaram ao povo de Valle aos pés do Erebor (com quem eram aparentados), alguns se refugiaram em Gondor e outros foram reunidos por Marhwini, filho de Marhari (que tombou na ação de retaguarda após a Batalha das Planícies). Passando ao norte entre a Floresta das Trevas e o Anduin, estabeleceram-se nos Vales do Anduin, onde se reuniram a eles muitos fugitivos que vieram através da Floresta. Esse foi o começo dos Éothéod, embora nada se soubesse a seu respeito em Gondor por muitos anos. A maioria dos Homens do Norte caiu na servidão, e todas as suas antigas terras foram ocupadas pelos Carroceiros.

Mas por fim o Rei Calimehtar, filho de Narmacil II, vendo-se livre de outros perigos, dispôs-se a vingar a derrota na Batalha das Planícies. Chegaram a ele mensageiros de Marhwini, com o aviso de que os Carroceiros planejavam atacar Calenardhon passando pelos Meandros; mas disseram também que estava em preparação uma revolta dos Homens do Norte que haviam sido escravizados, e que esta irromperia caso os Carroceiros se envolvessem em alguma guerra. Portanto Calimehtar, assim que pôde, saiu de Ithilien com um exército, cuidando para que sua aproximação fosse bem conhecida do inimigo. Os Carroceiros abateram-se sobre eles com todas as forças que puderam reunir, e Calimehtar recuou, atraindo-os para longe de suas casas. Finalmente a batalha foi travada na Dagorlad, e o resultado por muito tempo permaneceu duvidoso. Mas, no auge da batalha, os cavaleiros que Calimehtar havia mandado atravessar os Meandros (que o inimigo deixara desguarnecidos), unidos a um grande *éored* liderado por Marhwini, atacaram os Carroceiros pelo flanco e pela retaguarda. A vitória de Gondor foi avassaladora -porém acabou não sendo decisiva. Quando o inimigo se dispersou e logo fugiu desordenadamente para o norte, em direção de suas casas, Calimehtar sabiamente não os perseguiu. Haviam deixado mortos cerca de um terço de sua hoste, para apodrecer

na Dagorlad entre os ossos de outras, mais nobres, batalhas do passado. Mas os cavaleiros de Marhwini assolaram os fugitivos e lhes infligiram grandes perdas em sua longa debandada pelas planícies, até chegarem a avistar ao longe a Floresta das Trevas. Lá os abandonaram, com provocações: - Fujam para o leste, não para o norte, povo de Sauron! Vejam, os lares que vocês roubaram estão em chamas! - Pois subia uma grande fumaça.

A revolta planejada e auxiliada por Marhwini de fato havia irrompido; proscritos desesperados, vindos da Floresta, haviam sublevado os escravos, e juntos haviam conseguido incendiar muitas das habitações dos Carroceiros, seus depósitos e seus acampamentos fortificados de carroças. Porém a maioria deles havia perecido na tentativa, pois estavam mal armados, e o inimigo não deixara seus lares indefesos: seus jovens e velhos eram ajudados pelas mulheres mais moças, que naquele povo também eram treinadas em armas e lutavam ferozmente em defesa de seus lares e filhos. Assim, ao final Marhwini foi obrigado a se retirar novamente à sua terra à margem do Anduin, e os Homens do Norte de sua raça nunca mais retornaram aos seus antigos lares. Calimehtar recolheu-se em Gondor, que por algum tempo (de 1899 a 1944) gozou de uma trégua antes do grande ataque no qual a linhagem de seus reis quase terminou.

Ainda assim, a aliança de Calimehtar e Marhwini não fora em vão. Se não tivesse sido rompido o poderio dos Carroceiros de Rhovanion, esse ataque teria vindo mais cedo e com maior força, e o reino de Gondor poderia ter sido destruído. Porém o maior efeito da aliança estava longe, em um futuro que ninguém poderia prever então: as duas grandes cavalgadas dos rohirrim para a salvação de Gondor, a chegada de Eorl ao Campo de Celebrant, e as trompas do Rei Théoden no Pelennor, sem as quais o retorno do Rei teria sido em vão.

Entretanto, os Carroceiros lambiam suas feridas e tramavam vingança. Além do alcance das armas de Gondor, em terras a leste do Mar de Rhûn de onde nenhuma notícia chegava a seus Reis, sua gente se espalhava e se multiplicava, ávida de conquistas e presas, e cheia de ódio por Gondor, que se interpunha diante deles. Passou muito tempo, porém, antes que se movessem. Por um lado temiam o poderio de Gondor e, nada sabendo do que acontecia a oeste do Anduin, criam que seu reino era maior e mais populoso do que realmente era naquela época. Por outro lado. os Carroceiros orientais haviam-se espalhado para o sul, além de Mordor, e estavam em conflito com os povos de Khand e seus vizinhos mais ao sul. Uma paz e aliança acabou surgindo entre esses inimigos de Gondor, e preparou-se um ataque que deveria ocorrer ao mesmo tempo pelo norte e pelo sul.

Evidentemente, pouco ou nada se sabia em Gondor desses planos e movimentos. O que se diz aqui foi deduzido a partir dos eventos muito tempo depois, pelos historiadores, para quem também ficou claro que o ódio a Gondor e a aliança de seus inimigos em ação concertada (para a qual eles próprios não tinham nem a vontade, nem a sabedoria) eram devidos às maquinações de Sauron. Forthwini, filho de Marhwini, com efeito alertou o Rei Ondoher (que sucedeu a seu pai Calimehtar no ano de 1936) para o fato de que os Carroceiros de Rhovanion estavam se recuperando de sua fraqueza e seu temor, e de que ele suspeitava de que recebiam novas forças do leste, pois muito o perturbavam incursões no sul de sua terra, que vinham rio acima e também através dos Estreitos da Floresta. Mas Gondor nessa época nada mais podia fazer senão reunir e treinar o maior exército que pudesse encontrar ou que tivesse condições de manter. Assim, quando o ataque por fim sobreveio, não encontrou Gondor despreparada, apesar de sua força ser inferior à que seria necessária.

Ondoher dava-se conta de que seus inimigos ao sul se preparavam para a guerra, e teve a sabedoria de dividir suas forças em um exército do norte e um do sul. Este último

era o menor, pois o perigo daquele lado era considerado menos grave. Estava sob o comando de Earnil, um membro da Casa Real que era descendente do Rei Telumehtar, pai de Narmacil II. Sua base ficava em Pelargir. O exército do norte era comandado pelo próprio Rei Ondoher. Este sempre fora o costume de Gondor, de que o Rei, se quisesse, comandasse seu exército em uma batalha importante, contanto que fosse deixado para trás um herdeiro com direito indisputado ao trono. Ondoher descendia de uma linhagem aguerrida, era amado e estimado pelo seu exército e tinha dois filhos, ambos em idade de portar armas: Artamir, o mais velho, e Faramir, cerca de três anos mais jovem.

As notícias da aproximação do inimigo chegaram a Pelargir no nono dia de Cermie do ano de 1944. Earnil já fizera seus arranjos: atravessara o Anduin com metade de suas forças e, deixando os Vaus do Poros propositadamente indefesos, montara acampamento umas quarenta milhas ao norte, em Ithilien do Sul. O Rei Ondoher pretendia conduzir sua hoste para o norte, através de Ithilien, e dispô-la na Dagorlad, um campo de mau agouro para os inimigos de Gondor. (Naquela época os fortes na linha do Anduin ao norte de Sarn Gebir, que haviam sido construídos por Narmacil I, ainda estavam em boas condições e guarnecidos por suficientes soldados de Calenardhon para evitar qualquer tentativa por parte de algum inimigo de atravessar o rio nos Meandros.) Mas as notícias do ataque ao norte somente chegaram a Ondoher na manhã do décimo segundo dia de Cermie, e a essa altura o inimigo já se aproximava, ao passo que o exército de Gondor estivera se movimentando mais devagar do que faria caso Ondoher tivesse sido avisado com maior antecedência, e sua vanguarda ainda não alcançara os Portões de Mordor. O grupo principal ia à frente com o Rei e seus Guardas, seguido pelos soldados da Ala Direita e da Ala Esquerda, que tomariam seus lugares quando saíssem de Ithilien e se aproximassem da Dagorlad. Lá esperavam que o ataque viesse do norte ou do nordeste, como acontecera antes na Batalha das Planícies e na vitória de Calimehtar na Dagorlad.

Mas não foi assim. Os Carroceiros haviam alistado uma grande hoste perto das margens meridionais do Mar interior de Rhûn, reforçada por homens dos seus parentes em Rhovanion e dos seus novos aliados em Khand. Quando tudo estava pronto, partiram para Gondor vindos do leste, movendo-se a toda a velocidade possível ao longo da linha de Ered Lithui, onde sua aproximação só foi observada quando já era tarde demais. Assim ocorreu que a cabeça do exército de Gondor acabava apenas de alinhar-se com os Portões de Mordor (o Morannon) quando uma grande poeira, trazida por um vento do leste, anunciou a chegada da vanguarda inimiga. Esta compunha-se não só dos carros de guerra dos Carroceiros, mas também de uma cavalaria muito maior que qualquer força que tivessem esperado. Ondoher só teve tempo de se virar e enfrentar o ataque com seu flanco direito próximo ao Morannon, e de mandar ordens a Minohtar, Capitão da Ala Direita, atrás dele, para cobrir seu flanco esquerdo o mais depressa possível, quando os carros e os cavaleiros investiram contra sua linha desordenada. Da confusão do desastre que se seguiu, poucos relatos claros chegaram a ser levados a Gondor.

Ondoher estava totalmente despreparado para enfrentar uma carga de cavaleiros e carros em grande número. Com sua Guarda e seu estandarte, havia ocupado às pressas uma posição numa colina baixa, mas isso de nada lhe adiantou. O ataque principal foi lançado contra seu estandarte, e este foi capturado. Sua Guarda foi quase aniquilada, e ele próprio foi morto, bem como seu filho Artamir a seu lado. Seus corpos jamais foram recuperados. O assalto do inimigo passou sobre eles e em volta de ambos os lados da colina, penetrando fundo nas desordenadas fileiras de Gondor, arremessando-as de volta em confusão sobre os que vinham atrás, e dispersando e perseguindo muitos outros para o oeste, para dentro dos Pântanos Mortos.

Minohtar assumiu o comando. Era um homem ao mesmo tempo valente e

experimentado na guerra. A primeira fúria da investida consumira-se, com muito menos perdas e maior sucesso que o inimigo esperara. A cavalaria e os carros retiraram-se então, pois a hoste principal dos Carroceiros se aproximava. No tempo que lhe restava, Minohtar, erguendo seu próprio estandarte, reagrupou os homens restantes do Centro e aqueles do seu próprio comando que estavam por perto. Imediatamente enviou mensageiros a Adrahil de Dol Amroth, o Capitão da Ala Esquerda, ordenando-lhe que retirasse com toda a pressa possível tanto seus próprios comandados como aqueles, na retaguarda da Ala Direita, que ainda não haviam travado combate. Com essas forças, devia assumir uma posição defensiva entre Cair Andros (que estava guarnecida) e as montanhas de Ephel Dúath, onde o terreno era mais estreito em virtude da grande curva do Anduin para o leste, para cobrir pelo máximo tempo possível os acessos a Minas Tirith. O próprio Minohtar, para dar tempo a essa retirada, formaria uma retaguarda e tentaria deter o avanço da principal hoste dos Carroceiros. Adrahil devia imediatamente enviar mensageiros para encontrarem Earnil, caso conseguissem, e informá-lo do desastre do Morannon e da posição do exército do norte, em retirada.

Quando a hoste principal dos Carroceiros avançou para o ataque, passavam duas horas do meio-dia, e Minohtar havia recuado sua linha até a extremidade da grande Estrada do Norte de Ithilien, meia milha além do ponto onde ela se voltava para o leste, em direção das Torres de Vigia do Morannon. O primeiro triunfo dos Carroceiros era agora o começo de sua derrocada. Ignorando os números e a disposição do exército defensor, haviam lançado sua primeira investida cedo demais, antes que a maior parte do exército inimigo tivesse saído da região estreita de Ithilien, e a carga de seus carros e sua cavalaria tivera um sucesso muito mais rápido e avassalador do que esperavam. Sua investida principal foi então demasiado retardada, e eles não puderam mais se valer plenamente de sua superioridade numérica, de acordo com a tática que pretendiam, pois estavam acostumados à guerra em terrenos abertos. Bem pode-se supor que, entusiasmados com a queda do Rei e a debandada de grande parte do Centro oponente, imaginassem já ter derrotado o exército defensor, e que seu próprio exército principal pouco mais tinha a fazer além de avançar para a invasão e ocupação de Gondor. Se era assim, estavam enganados.

Os Carroceiros avançaram de modo pouco ordenado, ainda exultantes e entoando canções de vitória, não vendo ainda sinais de nenhum defensor que se opusesse a eles, até descobrirem que a estrada que conduzia a Gondor se virava para o sul, entrando em uma estreita terra de árvores à sombra escura de Ephel Dúath, onde um exército podia marchar ou cavalgar em boa ordem apenas acompanhando uma grande estrada. Esta estendia-se diante deles através de um profundo corte [...]

Aqui o texto se interrompe abruptamente, e as notas e rascunhos para sua continuação são ilegíveis em sua maior parte. É possível, no entanto, deduzir que os homens dos Éothéod lutaram ao lado de Ondoher; e também que Faramir, o segundo filho de Ondoher, recebeu ordens para permanecer em Minas Tirith como regente, pois a lei não permitia que ambos os seus filhos fossem combater ao mesmo tempo (uma observação semelhante é feita anteriormente na narrativa). Mas Faramir não fez isso: foi à guerra disfarçado e foi morto. Aqui é quase impossível decifrar a escrita, mas parece que Faramir juntou-se aos Éothéod e foi capturado com um grupo deles ao recuarem em direção dos Pântanos Mortos. O líder dos Éothéod (cujo nome é indecifrável depois do primeiro elemento Marh-) veio em socorro deles, mas Faramir morreu nos seus braços, e foi somente ao revistar o corpo que encontrou sinais de que era o Príncipe. O líder dos Éothéod foi então reunir-se na extremidade da Estrada do Norte em Ithilien com Minohtar, que naquele mesmo momento ordenava que uma mensagem fosse levada ao Príncipe em Minas Tirith, que agora havia se tornado Rei. Foi então que o líder dos Éothéod lhe deu a notícia de que

o Príncipe fora à batalha disfarçado, e que fora morto.

A presença dos Éothéod e o papel desempenhado por seu líder pode explicar a inclusão da elaborada história da batalha entre o exército de Gondor e os Carroceiros nessa narrativa, com a intenção ostensiva de ser um relato dos primórdios da amizade entre Gondor e os rohirrim.

O trecho final do texto plenamente redigido dá a impressão de que a hoste dos Carroceiros estava prestes a ter frustradas sua exaltação e sua ufania, ao descer pela estrada que entrava no corte profundo; mas as notas no fim mostram que não foram detidos por muito tempo pela defesa de retaguarda de Minohtar. "Os Carroceiros abateram-se implacavelmente sobre Ithilien", e "ao final do décimo terceiro dia de Cermie esmagaram Minohtar", que foi morto por uma flecha. Aqui diz-se que ele era o filho da irmã do Rei Ondoher. "Seus homens carregaram-no para fora do embate, e todos os que restavam da retaguarda fugiram para o sul em busca de Adrahil". O comandante principal dos Carroceiros mandou então interromper o avanço, e deu um banquete. Nada mais pode ser deduzido; mas o breve relato no Apêndice A do *Senhor dos Anéis* conta como Earnil veio do sul para derrotá-los:

Em 1944, o rei Ondoher e seus dois filhos, Artamir e Faramir, caíram em batalha ao norte do Morannon, e o inimigo invadiu Ithilien. Mas Earnil, Capitão do Exército do Sul, obteve uma grande vitória em Ithilien do Sul e destruiu o exército de Harad que tinha cruzado o rio Poros. Avançando rapidamente para o norte, ele arrebanhou todo o restante do Exército do Norte, que batia em retirada, e atacou o principal acampamento dos Carroceiros, enquanto estes se divertiam num banquete, na crença de que Gondor fora derrotada e de que nada restava a não ser saquear. Earnil tomou de assalto o acampamento e ateou fogo às carroças, expulsando o inimigo de Ithilien em meio a um grande tumulto. Boa parte daqueles que fugiram de sua perseguição pereceu nos Pântanos Mortos.

> No Conto dos Anos a vitória de Earnil é chamada de Batalha do Acampamento.
>
> Depois das mortes de Ondoher e seus dois filhos no Morannon, Arvedui. o último rei do reino do norte, reivindicou a coroa de Gondor; mas sua reivindicação foi rejeitada, e, no ano seguinte à Batalha do Acampamento, Earnil tornou-se Rei. Seu filho foi Earnur, que morreu em Minas Morgul depois de aceitar o desafio do Senhor dos Nazgûl, e foi o último Rei do reino do sul.

(ii)

A cavalgada de Eorl

Enquanto os Éothéod ainda habitavam em seu antigo lar, eram bem conhecidos em Gondor como um povo confiável, de quem recebiam notícias de tudo o que se passava naquela região. Eram um remanescente dos Homens do Norte, que se consideravam aparentados, em eras passadas, com os dúnedain, e que nos dias dos grandes Reis haviam sido seus aliados e contribuído com muito do seu sangue para o povo de Gondor. Assim, foi para Gondor motivo de grande preocupação quando os Éothéod se mudaram para o extremo norte, nos dias de Earnil II, penúltimo dos Reis do reino do sul.

A nova terra dos Éothéod ficava ao norte da Floresta das Trevas, entre as Montanhas da Névoa a oeste e o Rio da Floresta a leste. Para o sul, estendia-se até a confluência dos dois rios curtos que chamavam de Cinzalin e Fontelonga. O Cinzalin descia de Ered Mithrin, as Montanhas Cinzentas, mas o Fontelonga vinha das Montanhas da Névoa, e levava este nome porque era o nascedouro do Anduin, que desde sua junção

com o Cinzalin chamavam de Fluxolongo.

Ainda transitavam mensageiros entre Gondor e os Éothéod depois da partida destes; mas havia cerca de quatrocentas e cinqüenta das nossas milhas entre a confluência do Cinzalin e do Fontelonga (onde ficava seu único *burg* fortificado) e o ponto onde o Limclaro entrava no Anduin, em linha reta como voaria um pássaro, e muitas mais para aqueles que viajavam por terra; e do mesmo modo cerca de oitocentas milhas até Minas Tirith.

A Crônica de Cirion e Eorl não relata nenhum evento antes da Batalha do Campo de Celebrant; mas a partir de outras fontes pode-se deduzir que tenham sido desta maneira.

As amplas terras ao sul da Floresta das Trevas, desde as Terras Castanhas até o Mar de Rhûn. que não ofereciam obstáculo aos invasores do leste até que chegassem ao Anduin, eram a principal fonte de preocupações e inquietação dos governantes de Gondor. Mas, durante a Paz Vigilante, as fortalezas ao longo do Anduin, especialmente na margem oeste dos Meandros, haviam ficado desertas e abandonadas. Depois dessa época, Gondor era assaltada tanto por orcs vindos de Mordor (que por muito tempo ficara descuidada) quanto pelos Corsários de Umbar, e não tinha homens nem oportunidade para guarnecer a linha do Anduin ao norte das Emyn Muil.

Cirion tornou-se Regente de Gondor no ano de 2489. Tinha sempre em mente a ameaça do norte, e muito pensava em criar maneiras que pudessem evitar o risco de invasão daquele lado, à medida que minguava o poderio de Gondor. Colocou alguns homens nos velhos fortes, para vigiar os Meandros, e enviou batedores e espiões às terras entre a Floresta das Trevas e Dagorlad. Assim logo deu-se conta de que novos e perigosos inimigos, vindos do leste, de além do Mar de Rhûn. chegavam em fluxo contínuo. Matavam ou expulsavam para o norte, pelo Rio Corrente acima e pela Floresta adentro, o remanescente dos Homens do Norte, amigos de Gondor que ainda viviam a leste da Floresta das Trevas. Mas nada podia fazer para ajudá-los, e tornou-se cada vez mais perigoso obter notícias. Um número excessivo de seus batedores jamais retornava.

Assim, foi só quando terminou o inverno do ano de 2509 que Cirion se deu conta da preparação de um grande movimento contra Gondor: hostes de homens estavam se concentrando em toda a margem meridional da Floresta das Trevas. Estavam apenas toscamente armados e não tinham grande número de cavalos de montaria, empregando estes principalmente para tiro, visto que tinham muitas grandes carroças, à semelhança dos Carroceiros (com quem sem dúvida eram aparentados) que haviam atacado Gondor nos últimos dias dos Reis. Mas o que lhes faltava em equipamentos bélicos era compensado pelo número de homens, conforme se podia estimar.

Diante desse risco, o pensamento de Cirion voltou-se por fim, desesperado, para os Éothéod, e ele resolveu mandar-lhes mensageiros. Mas esses teriam de atravessar Calenardhon e passar pelos Meandros, para depois seguir por terras que já eram vigiadas e patrulhadas pelos Balchoth, antes que pudessem atingir os Vales do Anduin. Isso significaria uma viagem de cerca de quatrocentas e cinqüenta milhas até os Meandros, e mais de quinhentas de lá até os Éothéod. E, a partir dos Meandros, seriam forçados a viajar com cautela e principalmente à noite até passarem da sombra de Dol Guldur. Cirion tinha poucas esperanças de que algum deles conseguisse atravessar. Pediu voluntários e, escolhendo seis cavaleiros de grande coragem e resistência, enviou-os aos pares com um dia de intervalo entre eles. Cada um levava uma mensagem decorada e também uma pequena pedra gravada com o selo dos Regentes, para ser entregue ao Senhor dos Éothéod em pessoa, caso conseguisse alcançar aquela terra. A mensagem era dirigida a Eorl, filho de Léod, pois Cirion sabia que ele sucedera ao pai alguns anos antes, quando

era apenas um jovem de dezesseis anos de idade, e agora, apesar de não ter mais de 25, era louvado em todas as notícias que chegavam a Gondor como homem de grande coragem e sabedoria para sua idade. No entanto, Cirion tinha apenas uma tênue esperança de que a mensagem fosse respondida, mesmo que a recebessem. Não tinha nenhuma autoridade sobre os Éothéod, além de sua antiga amizade com Gondor, para trazê-los de tão longe com alguma força que fosse de serventia. A notícia de que os Balchoth estavam destruindo o restante de sua gente no sul. caso já não a soubessem, poderia dar peso ao apelo de Cirion, mesmo que os próprios Éothéod não fossem ameaçados por nenhum ataque. Cirion nada mais disse, e reuniu as forças que tinha para enfrentar a tempestade. Convocou todos os homens possíveis e, assumindo ele mesmo o comando, aprestou-se o mais depressa que pôde para levá-los ao norte, até Calenardhon. Deixou seu filho Hallas no comando em Minas Tirith.

O primeiro par de mensageiros partiu no décimo dia de Súlime; e acabou sendo um deles, o único dentre os seis, que chegou até os Éothéod. Era Borondir, um grande cavaleiro de uma família que afirmava descender de um capitão dos Homens do Norte a serviço dos Reis de outrora. Dos outros jamais se ouviram notícias, exceto do companheiro de Borondir. Foi morto a flechadas numa emboscada, quando passavam perto de Dol Guldur, da qual Borondir escapou por sorte e graças à velocidade de seu cavalo. Foi perseguido em direção ao norte, até os Campos de Lis, e muitas vezes atocaiado por homens que saíam da Floresta e o forçavam a se afastar muito do caminho direto. Por fim alcançou os Éothéod após quinze dias, os dois últimos sem comida; e estava tão exausto que mal conseguiu dizer sua mensagem a Eorl.

Era então o vigésimo quinto dia de Súlime. Eorl aconselhou-se consigo mesmo em silêncio; mas não por muito tempo. Logo ergueu-se e disse: - Eu irei. Se o Mundburg cair, aonde haveremos de fugir da Escuridão? - Então tomou a mão de Borondir como sinal de sua promessa.

Eorl imediatamente convocou seu conselho dos Anciãos e começou a fazer preparativos para a grande cavalgada. Mas isso levou muitos dias, pois a hoste tinha de ser reunida e recrutada, e era necessário pensar no ordenamento do povo e na defesa da terra. Naquela época, os Éothéod estavam em paz e não temiam a guerra. Poderia ocorrer o contrário, porém, quando se tornasse conhecido que seu senhor partira a cavalo para uma batalha no sul longínquo. Não obstante, Eorl percebeu claramente que de nada valeria levar menos que o total de suas forças, e que teria de arriscar tudo ou recuar e quebrar sua promessa.

Finalmente toda a hoste estava reunida; e só foram deixadas para trás algumas centenas de homens para apoiar aqueles que a juventude ou a idade avançada tornava inadequados para uma aventura tão desesperada. Era então o sexto dia do mês de Víresse. Naquele dia o grande *éohere* partiu em silêncio, deixando medo atrás de si, e levando consigo pouca esperança; pois não sabiam o que os aguardava nem na estrada nem no fim desta. Diz-se que Eorl levou consigo cerca de sete mil cavaleiros completamente armados, e algumas centenas de arqueiros montados. À sua direita cavalgava Borondir, para servir de guia na medida do possível, visto que recentemente passara pela região. Mas essa grande hoste não foi ameaçada nem assaltada durante sua longa viagem pelos Vales do Anduin abaixo. As gentes de natureza boa ou má que a viam chegar fugiam de seu trajeto por temor a seu poderio e esplendor. Quando foram se aproximando do sul e passaram pela Floresta das Trevas meridional (abaixo da grande Angra Leste), que estava agora infestada de Balchoth, ainda não havia sinal de homens, em exército ou grupos de batedores, que lhes barrassem a estrada ou espionassem sua chegada. Isso em parte decorria de eventos que eles desconheciam, e que haviam ocorrido depois que Borondir

partira; mas também havia outros poderes em atividade. Pois, quando a hoste finalmente se aproximou de Dol Guldur, Eorl voltou-se para o oeste por medo da sombra escura e da nuvem que de lá fluíam, e então seguiu cavalgando à vista do Anduin. Muitos cavaleiros voltaram os olhares para lá, meio temerosos e meio esperançosos de avistar de longe o brilho de Dwimordene, a perigosa terra que as lendas do seu povo diziam reluzir como ouro na primavera. Mas ela parecia agora envolta em uma névoa cintilante; e para sua consternação a névoa atravessou o rio e se espalhou pela terra à sua frente Eorl não parou. - Continuem cavalgando! - ordenou. - Não há outro caminho a tomar. Depois de uma estrada tão longa, haveremos de ser afastados da batalha por uma névoa de rio?

Quando se aproximaram, viram que a névoa branca fazia recuar as trevas de Dol Guldur, e logo penetraram nela, inicialmente cavalgando devagar e com cautela. Mas sob aquele teto tudo estava iluminado com uma luz límpida e sem sombras, enquanto pela esquerda e pela direita estavam como que protegidos por paredes brancas de sigilo.

- A Senhora do Bosque Dourado está do nosso lado, parece - disse Borondir.

- Talvez - disse Eorl. - Mas pelo menos confiarei na sabedoria de Felaróf. Ele não fareja nenhum mal. Seu coração está contente, e sua exaustão está curada: ele está forçando para que eu o deixe correr. Assim seja! Pois nunca precisei tanto de sigilo e pressa.

Então Felaróf lançou-se em disparada, e toda a hoste seguiu atrás como um grande vento, mas em estranho silêncio, como se seus cascos não tocassem o chão. Assim seguiram, confiantes e animados como na manhã da partida, por todo aquele dia e o dia seguinte; mas, ao amanhecer do terceiro dia, quando se levantaram do repouso, subitamente a névoa desapareceu, e viram que muito haviam avançado nas terras abertas. O Anduin corria perto à sua direita, mas haviam quase passado pela sua grande curva para o leste, e os Meandros estavam à vista. Era a manhã do décimo quinto dia de Víresse, e haviam chegado até ali a uma velocidade inesperada.

Aqui o texto termina, com uma nota dizendo que se seguiria uma descrição da Batalha do Campo de Celebrant. No Apêndice A (II) do *Senhor dos Anéis* há um relato sumário da guerra:

Um grande exército de bárbaros do nordeste se espalhou em Rhovanion e, descendo das Terras Castanhas, atravessou o Anduin em jangadas. Ao mesmo tempo, por acaso ou por estratégia, os orcs (que naquela época, antes de sua guerra contra os anões, formavam um poderoso exército) desceram das Montanhas. Os invasores assolaram Calenardhon, e Cirion, regente de Gondor, pediu a ajuda do norte [...]

Quando Eorl e seus Cavaleiros chegaram ao Campo de Celebrant

o exército do norte de Gondor corria perigo. Derrotados no Descampado e isolados do sul, seus homens tinham sido forçados a atravessar o Limclaro, e foram subitamente atacados pelo exército dos orcs que os empurrava na direção do Anduin. Não havia mais esperanças quando, inesperadamente, os Cavaleiros surgiram do norte e investiram contra a retaguarda do inimigo. Então as chances da batalha se inverteram, e o inimigo foi expulso através do Limclaro com muitas baixas. Eorl conduziu seus homens numa perseguição, e tão grande era o medo que precedia os cavaleiros do norte que os invasores do Descampado também ficaram em pânico, e foram perseguidos pelos homens de Eorl através das planícies de Calenardhon.

Um relato semelhante, mais curto, é dado em outro lugar do Apêndice A (I, iv).

Talvez nenhum deles deixe perfeitamente claro o decurso da batalha, mas parece certo que os Cavaleiros, depois de passarem pelos Meandros, atravessaram então o Limclaro e se abateram sobre a retaguarda do inimigo no Campo de Celebrant; e que "o inimigo foi expulso através do Limclaro com muitas baixas" significa que os Balchoth foram rechaçados rumo ao sul, para o Descampado.

(iii)

Cirion e Eorl

A história é precedida por uma nota sobre o Halifirien, o mais ocidental dos faróis de Gondor ao longo da linha de Ered Nimrais.

O Halifirien era o mais alto dos faróis e, como Eilenach, o segundo em altura, parecia erguer-se solitário de dentro de uma grande floresta; pois atrás dele havia uma profunda fenda, o escuro Vale Firien, no longo esporão de Ered Nimrais que se estendia para o norte, do qual formava o ponto mais alto. Subia da fenda como uma muralha íngreme, mas suas encostas exteriores, especialmente ao norte, eram extensas e sem aclives acentuados, e nelas cresciam árvores quase até o topo. À medida que desciam, as árvores ficavam cada vez mais densas, em especial ao longo do Ribeirão Mering (que nascia na fenda) e rumo ao norte, saindo pela planície que o Ribeirão atravessava a caminho do Entágua. A grande estrada do Oeste passava através de um longo corte na floresta para evitar o terreno alagadiço além da sua borda norte. No entanto, essa estrada fora feita nos dias antigos; e, após a partida de Isildur, nenhuma árvore jamais foi derrubada na Floresta Firien, exceto apenas pelos Guardiães dos Faróis, cuja tarefa era manter aberta a grande estrada e a trilha até o topo da colina. Essa trilha saía da Estrada perto do ponto onde esta entrava na Floresta, e subia serpenteando até o fim das árvores, além do qual havia uma antiga escadaria de pedra que conduzia ao lugar do farol, um amplo círculo nivelado por aqueles que haviam feito a escadaria. Os Guardiães dos Faróis eram os únicos habitantes da Floresta, além dos animais selvagens. Moravam em cabanas nas árvores perto do topo, mas não ficavam por muito tempo, a não ser que o tempo ruim os retivesse, e iam e vinham em turnos de serviço. Em sua maioria ficavam contentes de voltar para casa. Não por causa do perigo dos animais selvagens, nem persistia na Floresta alguma sombra maligna dos dias escuros; mas, por trás dos sons dos ventos, dos gritos das aves e dos animais ou às vezes do barulho de cavaleiros correndo pela Estrada, pairava um silêncio, e um homem se flagrava falando aos sussurros com os companheiros, como se esperasse ouvir o eco de uma grande voz que chamasse de muito longe e muito tempo atrás.

O nome Halifirien significava, na língua dos rohirrim, "montanha sagrada". Antes de sua chegada era conhecida em sindarin como Amon Anwar, "Colina da Admiração"; por qual razão em Gondor ninguém sabia, exceto apenas (como mais tarde ficou evidente) o Rei ou Regente governante. Para os poucos que se aventuravam a deixar a Estrada e vagar sob as árvores, a própria Floresta parecia razão suficiente: na Língua Geral era chamada de "a Floresta Sussurrante". Nos grandes dias de Gondor, não foi construído

farol sobre a Colina enquanto os *palantíri* ainda mantinham a comunicação entre Osgiliath e as três torres do reino, sem necessidade de mensagens ou sinais. Posteriormente, pouca ajuda podia ser esperada do norte, à medida que declinavam os povos de Calenardhon, nem era mandada força armada para lá, visto que Minas Tirith tinha cada vez mais dificuldade para manter a linha do Anduin e proteger sua costa meridional. Em Anórien ainda vivia muita gente, que tinha a tarefa de guardar os acessos pelo noite, fosse por Calenardhon, fosse através do Anduin em Cair Andros. Para a comunicação com eles os três faróis mais antigos (Amon Dîn, Eilenach e Min-Rimmon) foram construídos e mantidos; mas, apesar de ser fortificada a linha do Ribeirão Mering (entre os pântanos intransitáveis de sua confluência com o Entágua e a ponte onde a Estrada saía da Floresta Firien rumo ao oeste), não era permitido que nenhum forte ou farol fosse construído sobre Amon Anwar.

Nos dias do regente Cirion, houve um grande ataque dos Balchoth, que, aliados aos orcs, atravessaram o Anduin Descampado adentro e começaram a conquista de Calenardhon. Desse perigo mortal, que teria trazido a ruína sobre Gondor, o reino foi salvo pela chegada de Eorl, o Jovem, e dos rohirrim.

Quando a guerra terminou todos se perguntaram de que maneira o regente honraria Eorl e o recompensaria, e esperavam que se fizesse um grande banquete em Minas Tirith durante o qual isso seria revelado. Mas Cirion era homem de guardar suas idéias. Quando o exército reduzido de Gondor seguiu para o sul, ele foi acompanhado por Eorl e um *éored* dos Cavaleiros do Norte. Ao chegar ao Ribeirão Mering, Cirion voltou-se para Eorl e disse, para espanto de todos:

- Agora adeus, Eorl, filho de Léod. Voltarei a meu lar, onde muito precisa ser posto em ordem. Por enquanto, confio Calenardhon aos seus cuidados, se não estiver com pressa de retornar a seu próprio reino. Daqui a três meses vou reencontrá-lo aqui, e então trocaremos idéias.

- Virei - respondeu Eorl; e assim se separaram.

Assim que Cirion chegou a Minas Tirith, convocou alguns de seus servidores mais confiáveis. - Vão agora á Floresta Sussurrante - disse ele. - Lá deverão reabrir a antiga trilha para Amon Anwar. Há muito ela está coberta pela vegetação; mas a entrada ainda está marcada por uma pedra fincada ao lado da Estrada, no ponto onde a região norte da Floresta se fecha sobre ela. A trilha faz curvas para lá e para cá, mas há uma pedra fincada em cada volta. Seguindo-as, vocês acabarão chegando ao fim das árvores e encontrarão uma escadaria de pedra que conduz para o alto. Encarrego-os de não ir mais adiante. Façam este trabalho o mais depressa possível e depois voltem a mim. Não derrubem nenhuma árvore; apenas limpem um caminho pelo qual alguns homens a pé possam subir com facilidade. Deixem ainda encoberto o acesso perto da Estrada, para que ninguém que use a Estrada seja tentado a usar a trilha antes que eu mesmo lá chegue. Não contem a ninguém aonde vão ou o que fizeram. Se alguém perguntar, digam apenas que o Senhor Regente deseja que se prepare um local para seu encontro com o Senhor dos Cavaleiros.

No devido tempo Cirion partiu com seu filho Hallas e o Senhor de Dol Amroth, além de dois outros de seu Conselho; e encontrou Eorl na travessia do Ribeirão Mering. Estavam com Eorl três dos seus principais capitães. - Vamos agora ao local que preparei - disse Cirion. Então deixaram uma guarda de Cavaleiros na ponte, e voltaram pela Estrada sombreada de árvores até chegar à pedra fincada. Lá deixaram seus cavalos e outra forte guarda de soldados de Gondor; e Cirion, de pé ao lado da pedra, encarou seus companheiros e disse: - Vou agora à Colina da Admiração. Sigam-me se quiserem. Há de vir comigo um escudeiro, e outro com Eorl, para levarem nossas armas; todos os demais

hão de ir desarmados, como testemunhas de nossas palavras e nossos atos no local elevado. A trilha foi preparada, apesar de ninguém a ter usado desde que aqui vim com meu pai.

Então Cirion conduziu Eorl por entre as árvores, e os demais os seguiram em ordem. Depois que passaram pela primeira das pedras interiores, suas vozes se calaram, e caminharam com cautela como se relutassem em produzir qualquer som. Assim, chegaram finalmente às encostas superiores da Colina, atravessaram um cinturão de bétulas brancas e viram a escadaria cie pedra que subia para o topo. Após a sombra da Floresta, o sol parecia quente e brilhante, pois era o mês de Úrime; no entanto, o cume da Colina estava verde como se o ano ainda estivesse em Lótesse.

Ao pé da escadaria, havia uma pequena plataforma ou recesso feito na encosta com montes baixos de relva. Ali a companhia sentou-se por alguns instantes, até que Cirion se ergueu e tomou do seu escudeiro o bastão branco de seu cargo e o manto branco dos Regentes de Gondor. Então, de pé no primeiro degrau da escadaria, rompeu o silêncio, dizendo em voz baixa, mas nítida:

- Agora declararei o que resolvi, com a autoridade dos Regentes dos Reis, oferecer a Eorl, filho de Léod, Senhor dos Éothéod, em reconhecimento pelo valor de seu povo e pelo auxílio superior a qualquer esperança que ele trouxe a Gondor em tempos de terrível necessidade. A Eorl darei, como dádiva espontânea, toda a grande terra de Calenardhon do Anduin até o Isen. Ali, se quiser, há de ser rei, e seus herdeiros depois dele, e seu povo há de habitar em liberdade enquanto durar a autoridade dos Regentes, até que retorne o Grande Rei. Nenhuma obrigação há de lhes ser imposta, a não ser suas próprias leis e sua vontade, à única exceção do seguinte: hão de viver em amizade perpétua com Gondor, e os inimigos dela hão de ser seus inimigos enquanto ambos os reinos perdurarem. Mas a mesma obrigação há de ser imposta também ao povo de Gondor.

Então Eorl ergueu-se, mas permaneceu em silêncio por algum tempo. Pois estava perplexo com a grande generosidade da dádiva e os nobres termos com os quais fora ofertada; e viu a sabedoria de Cirion tanto em seu próprio interesse, como governante de Gondor, buscando proteger o que restava do seu reino, quanto como amigo dos Éothéod, de cujas necessidades tinha consciência. Pois agora haviam se multiplicado, tornando-se um povo demasiado numeroso para sua terra no norte, e ansiavam por voltar ao sul, a seu antigo lar, mas eram reprimidos pelo temor a Dol Guldur. Mas em Calenardhon teriam mais espaço do que esperavam, e ainda assim estariam longe das sombras da Floresta das Trevas.

Porém, além da sabedoria e da política, tanto Cirion quanto Eorl eram movidos naquela época pela grande amizade que unia seus povos, e pelo amor que havia entre eles como verdadeiros homens. Por parte de Cirion, o amor era o de um pai sábio, envelhecido nos cuidados do mundo, por um filho na força e esperança de sua juventude; enquanto, em Cirion, Eorl via o mais elevado e nobre homem do mundo que conhecia, e o mais sábio, em quem se assentava a majestade dos Reis dos Homens de outrora.

Por fim, quando Eorl havia rapidamente repassado tudo isso em pensamento, ele falou, dizendo: - Senhor Regente do Grande Rei, por mim e por meu povo aceito a dádiva que oferece. Ela excede em muito qualquer recompensa que nossos feitos possam merecer, não tivessem sido eles próprios uma livre dádiva de amizade. Mas agora selarei essa amizade com um juramento que não há de ser esquecido.

- Então vamos agora ao local elevado - disse Cirion - e façamos diante destas testemunhas os juramentos que considerarmos adequados.

Então Cirion subiu a escadaria com Eorl, e os demais os seguiram; e, quando chegaram ao topo, viram ali uma ampla área oval de relva plana, sem cerca, mas tendo na

extremidade leste um montículo baixo no qual cresciam as flores brancas de *alfirin,* e o sol poente as retocava de ouro. Então o Senhor de Dol Amroth, o mais importante da companhia de Cirion, aproximou-se do montículo e viu, deitada na relva em frente, e no entanto sem dano de planta ou intempérie, uma pedra negra; e na pedra estavam gravadas três letras. Disse então a Cirion:

- Então isto é um túmulo? Mas qual grande homem de outrora jaz aqui?

- Não leu as letras? - perguntou Cirion.

- Li-as - disse o Príncipe - e por isso me espanto; pois as letras são *lambe, ando, lambe,* mas não há túmulo para Elendil, nem homem algum desde os dias dele atreveu-se a usar esse nome.

- Entretanto este é seu túmulo - disse Cirion -, e dele vem a admiração que reside nesta colina e na floresta abaixo. Desde Isildur que o ergueu até Meneldil que lhe sucedeu, e por toda a linhagem dos Reis, bem como pela linhagem dos Regentes até chegar a mim, este túmulo foi mantido em segredo por ordem de Isildur. Pois ele disse: "Aqui fica o ponto central do Reino do Sul, e aqui há de permanecer o memorial de Elendil, o Fiel, aos cuidados dos Valar, enquanto durar o Reino. Esta colina há de ser um local sagrado, e que ninguém perturbe sua paz e seu silêncio, a não ser que seja herdeiro de Elendil". Eu os trouxe aqui para que os juramentos que aqui fizermos possam assumir a mais profunda solenidade para nós mesmos e para nossos herdeiros de ambos os lados.

Então todos os presentes ficaram em silêncio por alguns instantes, de cabeça baixa, até que Cirion disse a Eorl: - Se estiver pronto, faça agora seu juramento da forma que lhe parecer adequada, de acordo com os costumes de seu povo.

Eorl adiantou-se então, e, tomando sua lança do escudeiro, fincou-a ereta no solo. Então puxou da espada e a lançou para cima, rebrilhando ao sol, e ao retomá-la deu um passo para a frente e deitou a lâmina sobre o montículo, mas ainda com a mão na empunhadura. Então proferiu em alta voz o Juramento de Eorl. Este foi feito no idioma dos Éothéod, que se interpreta na Língua Geral:

> Ouçam agora todos os povos que não se inclinam diante da Sombra no Leste; por dádiva do Senhor do Mundburg viremos habitar na terra que ele chama de Calenardhon, e portanto prometo em meu próprio nome e em nome dos Éothéod do Norte que entre nós e o Grande Povo do Oeste há de existir amizade para sempre: seus inimigos hão de ser nossos inimigos, sua necessidade há de ser nossa necessidade, e não importa que mal, ameaça ou ataque possa acometê-los, havemos de auxiliá-los até o derradeiro extremo de nossas forças. Este juramento há de passar a meus herdeiros, todos os que possam me suceder em nossa nova terra, e que eles o mantenham com fé ininterrupta, para que a Sombra não recaia sobre eles e não se tornem malditos.

Eorl então embainhou a espada, fez uma reverência e voltou a seus capitães.

Cirion em seguida replicou. Erguendo-se à sua plena estatura, pôs a mão sobre o túmulo, e na direita levantou o bastão branco dos Regentes, pronunciando palavras que encheram de admiração todos os que as ouviram. Pois, enquanto estava de pé, o sol desceu em chamas no oeste, e sua túnica branca pareceu inflamar-se; e, depois de jurar que Gondor haveria de se obrigar a uma semelhante ligação de amizade e auxílio em todas as necessidades, ergueu a voz e disse em quenya:

> *Vanda sina termaruva Elenna nóreo alcar enyalien ar Elendil Vorondo voronwe. Nai tiruvantes i hárar mahalmassen mi Númen ar i Eru i or ilye mahalmar ea tennoio.*

E disse de novo, na Língua Geral:

> Este juramento há de permanecer em memória da glória da Terra da Estrela, e da fé de Elendil, o Fiel, aos cuidados daqueles que se assentam sobre os tronos do Oeste e do Um que está acima de todos os tronos para sempre.

Um juramento semelhante não se ouvira na Terra-média desde que o próprio Elendil havia jurado aliança com Gil-galad, Rei dos Eldar.

Quando tudo estava terminado e caíam as sombras da tarde, Cirion e Eorl, com suas companhias, voltaram a descer em silêncio através da Floresta sombria e retornaram ao acampamento à margem do Ribeirão Mering onde haviam sido preparadas tendas para eles. Depois de comerem, Cirion e Eorl, com o Príncipe de Dol Amroth e Éomund, principal capitão da hoste dos Éothéod, sentaram-se juntos e definiram as fronteiras da autoridade do Rei dos Éothéod e do Regente de Gondor.

Os limites do reino de Eorl seriam os seguintes: a oeste o rio Angren desde sua confluência com o Adorn, de lá rumo ao norte até as muralhas exteriores de Angrenost e de lá rumo ao oeste e ao norte, seguindo as bordas da Floresta de Fangorn até o rio Limclaro; e esse rio era sua fronteira setentrional, pois a terra da outra margem nunca fora reivindicada por Gondor. A leste seus limites eram o Anduin e o penhasco ocidental das Emyn Muil, descendo até os pântanos das Fozes do Onodló, e além desse rio o curso do Glanhír que corria através da Floresta de Anwar para unir-se ao Onodló; e ao sul seus limites eram Ered Nimrais até o fim de seu braço setentrional, mas todos os vales e aberturas que davam para o norte deveriam pertencer aos Éothéod, assim como a terra ao sul das Hithaeglir que ficava entre os rios Angren e Adorn.

Em todas essas regiões, Gondor retinha ainda, sob seu próprio comando, somente a fortaleza de Angrenost, em cujo interior ficava a terceira Torre de Gondor, a inexpugnável Orthanc onde se mantinha o quarto dos *palantíri* do reino do sul. Nos dias de Cirion, Angrenost ainda era guarnecida por uma guarda de gondorianos, mas eles haviam se transformado em uma gente pouco numerosa e assentada, governada por um Capitão hereditário, e as chaves de Orthanc estavam aos cuidados do Regente de Gondor. As "muralhas exteriores" nomeadas na descrição dos limites do reino de Eorl eram um muro e um dique que corriam cerca de duas milhas ao sul dos portões de Angrenost, entre as colinas onde terminavam as Montanhas da Névoa; para além delas ficavam as terras cultivadas do povo da fortaleza.

Combinou-se também que a Grande Estrada que outrora passara por Anórien e Calenardhon a caminho de Athrad Angren (os Vaus do Isen), e dali rumo ao norte, em direção a Arnor, deveria ficar aberta a viajantes de ambos os povos sem impedimento em tempos de paz, e que sua manutenção desde o Ribeirão Mering até os Vaus do Isen estava a cargo dos Éothéod.

Por esse pacto, apenas uma pequena parte da Floresta de Anwar, a oeste do Ribeirão Mering, foi incluída no reino de Eorl; mas Cirion declarou que a Colina de Anwar era agora um local sagrado de ambos os povos, e os eorlings e os Regentes deveriam daí em diante compartilhar sua guarda e manutenção. No entanto, em dias posteriores, quando os rohirrim cresceram em poder e população enquanto Gondor declinava e era sempre ameaçada pelo leste e pelo mar, os guardiões de Anwar vinham inteiramente do povo do Folde Oriental, e a Floresta tornou-se por costume parte do domínio real dos Reis da Terra dos cavaleiros. Chamaram a Colina de Halifirien, e a Floresta de Firienholt.

Em épocas posteriores, o dia do Juramento foi considerado o primeiro dia do novo

reino, quando Eorl assumiu o título de Rei da Terra dos Cavaleiros. Mas acabou levando algum tempo até que os rohirrim tomassem posse da terra, e durante sua vida Eorl foi conhecido como Senhor dos Éothéod e Rei de Calenardhon. O termo Mark significava uma região fronteiriça, em especial uma que servia de defesa às terras interiores de um reino. Os nomes sindarin Rohan, para a terra dos Cavaleiros, e rohirrim, para o povo, foram criados primeiramente por Hallas, filho e sucessor de Cirion, mas costumavam ser usados tanto em Gondor quanto pelos próprios Éothéod.

No dia seguinte ao Juramento, Cirion e Eorl se abraçaram e se despediram a contragosto. Pois Eorl disse: - Senhor Regente, tenho muito para fazer às pressas. Esta terra está agora livre de inimigos; mas eles não estão destruídos na raiz, e além do Anduin e sob as beiradas da Floresta das Trevas ainda não sabemos que perigo espreita. Ontem à tardinha enviei três mensageiros para o norte, cavaleiros bravos e habilidosos, na esperança de que um pelo menos alcance meu lar antes de mim. Pois agora eu mesmo preciso voltar, e com alguma força. Minha terra foi deixada com poucos homens, os jovens demais e os velhos demais; e, se tiverem de empreender tão grande viagem, nossas mulheres e crianças, com os bens de que não podemos abrir mão, têm de ser protegidas, e só seguirão o próprio Senhor dos Éothéod. Deixarei atrás de mim todas as forças de que posso abrir mão, quase metade da hoste que está agora em Calenardhon. Haverá algumas companhias de arqueiros montados, para irem aonde a necessidade chamar, caso algum bando de inimigos ainda espreite na terra. Mas a força principal há de ficar no nordeste, para guardar principalmente o lugar onde os Balchoth fizeram uma travessia do Anduin, vindo das Terras Castanhas; pois ali está ainda o maior perigo, e ali está também minha principal esperança, caso eu retorne, de conduzir meu povo à sua nova terra com o mínimo possível de pesar e perda. Caso eu retorne, digo, mas tenha a certeza de que hei de retornar, para cumprir meu juramento, a não ser que a desgraça nos acometa e eu pereça com minha gente na longa estrada. Pois essa tem de ser do lado leste do Anduin, sempre sob a ameaça da Floresta das Trevas, e terá de passar afinal pelo vale que é assombrado pela sombra da colina que vocês chamam de Dol Guldur. Do lado oeste, não há estrada para cavaleiros, nem para uma grande hoste de gente e carroças, mesmo que as Montanhas não estivessem infestadas de orcs; e ninguém pode passar, nem poucos nem muitos, através de Dwimordene onde a Senhora Branca habita e tece teias que nenhum mortal consegue atravessar*. Pela estrada do leste virei, como vim a Celebrant; e que aqueles que invocamos como testemunhas de nossos juramentos zelem por nós. Separemo-nos agora com esperança! Tenho sua permissão?

- Tem minha permissão de fato - disse Cirion -. pois agora vejo que não pode ser de outra maneira. Percebo que, no risco que corríamos, atentei de menos para os perigos que vocês enfrentaram e a maravilha de sua chegada, depois de percorrer longas léguas desde o norte, quando não nos restava mais esperança. A recompensa que ofereci, na alegria e plenitude do coração por nossa salvação, agora parece pequena. Mas creio que as palavras de meu juramento, que não planejei antes de serem pronunciadas, não foram postas na minha boca em vão. Separar-nos-emos, então, com esperança.

Ao modo das Crônicas, sem dúvida muito do que aqui se atribui a Eorl e Cirion ao se separarem foi dito e considerado no debate da noite anterior; mas é certo que Cirion disse na
partida suas palavras acerca da inspiração de seu juramento, pois era homem de pouco orgulho e grande coragem e generosidade do coração, o mais nobre dos regentes de Gondor.

(iv)

A tradição de Isildur

Diz-se que, quando Isildur voltou da Guerra da Última Aliança, permaneceu por algum tempo em Gondor, ordenando o reino e instruindo seu sobrinho Meneldil, antes de partir ele mesmo para assumir o reino de Arnor. Com Meneldil e uma companhia de amigos confiáveis, viajou pelos limites de todas as terras que Gondor reivindicava; e, quando voltavam da fronteira norte para Anórien, chegaram à alta colina que então se chamava Eilenaer, mas chamou-se depois Amon Anwar, "Colina da Admiração". Ficava próxima ao centro das terras de Gondor. Abriram uma trilha através da densa floresta de suas encostas setentrionais, e assim alcançaram o topo, que era verde e sem árvores. Lá fizeram uma área plana, e na sua extremidade leste ergueram um montículo; no interior deste Isildur depositou uma urna que trazia consigo. Disse então: - Este é um túmulo e memorial de Elendil, o Fiel. Aqui há de permanecer, no ponto central do Reino do Sul, aos cuidados dos Valar, enquanto durar o Reino; e este lugar há de ser sagrado e ninguém o há de profanar. Que nenhum homem perturbe seu silêncio e sua paz, a não ser que seja herdeiro de Elendil.

Construíram uma escadaria de pedra desde a borda da floresta até o topo da colina; e Isildur disse: - Que nenhum homem suba por esta escadaria, exceto o Rei. e aqueles que trouxer consigo, se lhes ordenar que o sigam. - Então todos os presentes juraram segredo; mas Isildur deu a Meneldil o conselho de que o Rei deveria visitar o local sagrado de tempos em tempos, e especialmente quando sentisse necessidade de sabedoria em dias de perigo ou distúrbio; e que também levasse até lá seu herdeiro, quando este tivesse atingido a plena maioridade, e lhe relatasse a feitura do local sagrado, além de lhe revelar os segredos do reino e outros assuntos que tivesse de saber.

Meneldil seguiu o conselho de Isildur. assim como todos os Reis que se sucederam a ele até Rómendacil (o quinto após Meneldil). No tempo deste, Gondor foi primeiro atacada pelos Orientais; e, para que a tradição não fosse interrompida em virtude de guerra, morte súbita ou outro infortúnio, ele ordenou que a "Tradição de Isildur" fosse registrada em um rolo lacrado, junto com outras informações que um novo Rei deveria saber-, e esse rolo era entregue pelo Regente ao Rei. antes que este fosse coroado. Daí em diante essa entrega sempre se realizou, embora o costume de visitar o local sagrado de Amon Anwar com seu herdeiro fosse mantido por quase todos os Reis de Gondor.

Quando os dias dos Reis chegaram ao fim, e Gondor foi governada pelos Regentes descendentes de Húrin, regente do Rei Minardil, considerou-se que eles assumiriam todos os direitos e deveres dos Reis "até que o Grande Rei retornasse". Mas quanto à "Tradição de Isildur" somente eles eram os juizes, visto que apenas eles a conheciam. Julgavam que as palavras de Isildur "herdeiro de Elendil" significavam alguém da linhagem real que descendesse de Elendil e tivesse herdado o trono: mas que ele não previra o governo dos regentes. Se Mardil, portanto. tinha exercido a autoridade do Rei em sua ausência, os herdeiros de Mardil que haviam herdado a Regência tinham o mesmo direito e dever até que retomasse um Rei; portanto cada Regente tinha o direito de visitar o local sagrado quando quisesse, e lá admitir os que o acompanhavam, conforme achasse conveniente. Quanto às palavras "enquanto durar o Reino", diziam que Gondor era ainda um "reino", governado por um vice-monarca, e que portanto as palavras deviam ser interpretadas com o significado de "enquanto durar o estado de Gondor".

Não obstante, os regentes, em parte por respeito e em parte pelas preocupações do

reino, muito raramente iam ao local sagrado na Colina de Anwar, exceto quando levavam seu herdeiro ao topo. de acordo com o costume dos reis. Às vezes ele permanecia sem ser visitado durante vários anos e. conforme Isildur pedira, estava aos cuidados dos Valar. Pois, apesar de a floresta crescer emaranhada e ser evitada pelos homens por causa do silêncio, de modo que a trilha ascendente se perdeu, ainda assim, quando foi reaberto o caminho, encontrou-se o local sagrado intocado pelas intempéries e sem profanação, sempre verde e em paz sob o firmamento, até que se transformasse o Reino de Gondor.

Pois aconteceu que Cirion, o décimo segundo Regente Governante, enfrentou um novo grande perigo: invasores ameaçavam conquistar todas as terras de Gondor ao norte das Montanhas Brancas, e se isso ocorresse, a queda e a destruição de todo o reino logo se seguiria. Conforme se sabe pelas histórias, esse perigo só foi evitado graças ao auxílio dos rohirrim; e a eles Cirion, com grande sabedoria, concedeu todas as terras do norte, exceto Anórien, para as tomarem sob seu próprio governo e rei, porém em aliança perpétua com Gondor. Não havia mais gente bastante no reino para povoar a região setentrional, nem mesmo para manter guarnecida a linha de fortes ao longo do Anduin que havia guardado sua fronteira do leste. Cirion muito pensou sobre este assunto antes de conceder Calenardhon aos cavaleiros do Norte; e julgou que sua cessão deveria alterar totalmente a "Tradição de Isildur" com respeito ao local sagrado de Amon Anwar. Àquele lugar ele levou o Senhor dos Rohirrim, e lá, ao lado do túmulo de Elendil, este fez com a maior solenidade o Juramento de Eorl, e foi respondido pelo Juramento de Cirion. confirmando para sempre a aliança dos Reinos dos Rohirrim e de Gondor.

No entanto, depois dos juramentos e quando Eorl retornara ao norte para trazer todo o seu povo de volta à sua nova morada, Cirion removeu o túmulo de Elendil. Pois julgava que a "Tradição de Isildur" estava agora anulada. O local sagrado não ficava mais "no ponto central do Reino do Sul", e sim na fronteira de outro reino; e ademais as palavras "enquanto durar o Reino" referiam-se ao Reino tal como era quando Isildur falara, após inspecionar seus limites e defini-los. Era verdade que outras partes do Reino haviam sido perdidas desde aqueles dias: Minas Ithil estava nas mãos dos Nazgûl, e Ithilien estava desolada; mas Gondor não abdicara a seu direito sobre elas. A Calenardhon renunciara para sempre sob juramento. Portanto, a urna que Isildur depositara no montículo foi removida por Cirion para os Fanos de Minas Tirith; mas o montículo verde permaneceu como memorial de um memorial. Não obstante, mesmo quando se tornara o lugar de um grande farol, a Colina de Anwar ainda era lugar de reverência para Gondor e os rohirrim, que na sua própria língua a chamavam de Halifirien, o Monte Sagrado.

CAPITULO III
A busca de Erebor

Para sua plena compreensão, esta história depende da narrativa dada no Apêndice A (III, *O Povo de Durin)* do *Senhor dos Anéis,* da qual este é um resumo:

Os anões Thrór e seu filho Thráin (juntamente com Thorin. filho de Thráin, mais tarde chamado de Escudo de Carvalho) escaparam da Montanha Solitária (Erebor) por uma porta secreta quando o dragão Smaug desceu sobre ela. Thrór retornou a Moria depois de dar a Thráin o último dos Sete Anéis dos Anões, e ali foi morto pelo orc Azog, que marcou seu nome a fogo na fronte de Thrór. Foi isso que levou à Guerra dos Anões e dos Orcs, que terminou na grande Batalha de Azanulbizar (Nanduhirion) diante do Portão Leste de Moria no ano de 2799. Mais tarde Thráin e Thorin Escudo de Carvalho moraram em Ered Luin, mas no ano de 2841 Thráin partiu de lá para voltar à Montanha Solitária. Enquanto vagava nas terras a leste do Anduin, ele foi capturado e aprisionado em Dol Guldur, onde o anel lhe foi tomado. Em 2850 Gandalf penetrou em Dol Guldur e descobriu que seu senhor era de fato Sauron; e lá topou com Thráin antes que este morresse.

Há mais de uma versão de "A busca de Erebor", como está explicado em um Apêndice que se segue ao texto, onde são também apresentados extratos substanciais de uma versão anterior.

Não encontrei nenhum escrito que preceda as palavras iniciais do texto presente ("Naquele dia ele nada mais quis dizer)". O "ele" da frase inicial é Gandalf; "nós" são Frodo, Peregrin, Meriadoc e Gimli; e "eu" é Frodo, que registra a conversa; o cenário é uma casa em Minas Tirith, depois da coroação do Rei Elessar.

Naquele dia ele nada mais quis dizer. Porém mais tarde voltamos ao assunto, e ele nos contou toda a estranha história; como chegou a arranjar a viagem a Erebor, por que pensou em Bilbo, e como persuadiu o altivo Thorin Escudo de Carvalho a admiti-lo em sua companhia. Agora não consigo me lembrar de toda a história, mas deduzimos que no começo Gandalf estava pensando apenas na defesa do Oeste contra a Sombra.

- Eu estava muito perturbado naquela época - disse -, pois Saruman estava impedindo todos os meus planos. Eu sabia que Sauron se erguera de novo e logo iria declarar-se, e sabia que ele se preparava para uma grande guerra. Como começaria? Tentaria primeiro reocupar Mordor, ou primeiro atacaria as principais fortalezas de seus inimigos? Pensei na época, e agora tenho certeza disso, que atacar Lórien e Valfenda, assim que estivesse forte o bastante, era seu plano original. Teria sido um plano muito melhor para ele, e muito pior para nós.

"Vocês podem pensar que Valfenda estava fora de seu alcance, mas eu não pensava assim. O estado de coisas no norte estava muito ruim. O Reino sob a Montanha e os fortes homens de Valle não existiam mais. Para resistir a qualquer tropa que Sauron pudesse enviar para recuperar as passagens do norte nas montanhas e as antigas terras de Angmar, havia apenas os anões das Colinas de Ferro, e atrás deles estendia-se uma desolação e um Dragão. O Dragão poderia ser usado por Sauron com efeito terrível. Muitas vezes disse para mim mesmo; 'Preciso encontrar algum meio de lidar com Smaug. Mas um golpe direto contra Dol Guldur é ainda mais necessário. Temos de perturbar os planos de Sauron. Tenho de fazer o Conselho enxergar isso."

"Estes eram meus pensamentos sombrios enquanto eu seguia pela estrada. Estava cansado, e ia ao Condado para um breve descanso, depois de ter passado mais de vinte anos longe de lá. Pensava que, se eu as tirasse da cabeça por algum tempo, eu talvez pudesse achar algum modo de lidar com essas preocupações. E de fato foi o que fiz,

porém não me foi permitido tirá-las da cabeça.”

“Pois exatamente quando eu me aproximava de Bri fui alcançado por Thorin Escudo de Carvalho, que então vivia no exílio além da fronteira noroeste do Condado. Para minha surpresa ele falou comigo; e foi nesse momento que a maré começou a virar.”

“Ele também estava preocupado, tanto que chegou a pedir meu conselho. Assim, fui com ele até seus salões nas Montanhas Azuis e escutei sua longa história. Logo compreendi que seu coração estava agitado de tanto remoer injustiças sofridas e a perda do tesouro de seus ancestrais, além de estar também sobrecarregado com o dever da vingança contra Smaug, que ele herdara. Os anões levam tais deveres muito a sério”.

“Prometi ajudá-lo caso pudesse. Eu estava tão ansioso quanto ele por ver o fim de Smaug, mas Thorin estava entusiasmado com planos de batalha e guerra, como se realmente fosse o Rei Thorin Segundo, e nisso eu não conseguia ver esperança. Assim deixei-o, fui ao Condado e apanhei o fio da meada das notícias. Era um negócio estranho. Nada mais fiz que seguir a deixa da 'sorte', e cometi muitos erros pelo caminho”.

“De algum modo eu havia sido atraído por Bilbo há muito tempo, quando ele era criança, e um jovem hobbit: ele não tinha ainda alcançado a maioridade quando eu. o vira pela última vez. Ficara em meus pensamentos desde então, com sua avidez e seus olhos brilhantes, seu amor por histórias e suas perguntas sobre o grande mundo fora do Condado. Assim que entrei no Condado ouvi novas dele. Ele estava na boca de todos, ao que parecia. Seus dois pais haviam morrido cedo para gente do Condado, com oitenta anos mais ou menos; e ele nunca se casara. Já estava se tornando um tanto esquisito, diziam, e saía sozinho durante dias. Podia ser visto falando com estranhos, até mesmo com anões”.

“'Até mesmo com anões!' De repente estas três coisas se juntaram em minha mente: o grande Dragão com sua concupiscência, e sua audição e faro aguçados; os robustos anões de botas pesadas com seu velho rancor ardente; e o hobbit rápido, de passos leves, com o coração aflito (eu achava) por uma visão do grande mundo. Ri para mim mesmo; mas parti imediatamente para dar uma olhada em Bilbo, para ver o que vinte anos haviam feito dele, e se ele era tão promissor quanto os mexericos pareciam sugerir. Mas ele não estava em casa. Balançaram as cabeças na Vila dos Hobbits quando perguntei por ele. 'Foi-se de novo' disse um hobbit. Era Holman, o jardineiro, creio eu. 'Foi-se de novo. Um dia desses irá para valer, se não tomar cuidado. Ora, eu lhe perguntei aonde ia, e quando ia voltar, e ele disse *não sei;* e então olhou para mim de um jeito esquisito. *Depende de eu encontrar algum, Holman,* disse ele. *Amanhã é o Ano Novo dos Elfos!* É pena, e ele é um sujeito tão bondoso. Não se pode achar melhor das Colinas até o Rio.'”

“'Cada vez melhor!', pensei eu. 'Acho que vou arriscar.' O tempo estava passando. Eu tinha de me reunir com o Conselho Branco em agosto, o mais tardar, ou Saruman teria sua vontade satisfeita e nada seria feito. E, bem à parte dos assuntos mais importantes, isso poderia demonstrar ser fatal para a busca: o poder em Dol Guldur não deixaria de obstruir nenhuma tentativa contra Erebor, a não ser que tivesse algo diferente com que lidar.”

“Assim, cavalguei apressado de volta a Thorin, para enfrentar a difícil tarefa de persuadi-lo a pôr de lado seus elevados desígnios e partir em segredo - levando Bilbo consigo. Sem ver Bilbo antes. Foi um erro, e ele quase provou ser desastroso. Pois Bilbo mudara, naturalmente. Pelo menos, estava ficando bastante avarento e gordo, e seus antigos desejos haviam se reduzido a uma espécie de sonho particular. Nada poderia ser mais consternador do que descobrir que ele corria o risco de se realizar de verdade! Ele ficou totalmente desorientado e se comportou de maneira ridícula. Thorin teria partido

raivoso, não fosse por outra estranha coincidência que mencionarei num momento".

"Mas vocês sabem como as coisas aconteceram, ao menos como Bilbo as viu. A história soaria bem diferente se eu a tivesse escrito. Por um lado. ele não percebia em absoluto até que ponto os anões o consideraram néscio, nem como ficaram furiosos comigo. De fato Thorin ficou muito mais indignado e desdenhoso do que ele mesmo percebia. Na verdade, estava desdenhoso desde o começo, e então pensou que eu havia planejado todo o caso simplesmente para fazê-lo de tolo. Foram só o mapa e a chave que salvaram a situação".

"Mas eu não pensara neles durante anos. Foi só quando cheguei ao Condado e tive tempo de refletir sobre a história de Thorin que de repente me lembrei da estranha coincidência que os pusera em minhas mãos; e agora aquilo começava a parecer menos uma coincidência. Recordei uma perigosa viagem que fizera, noventa e um anos antes, quando penetrei disfarçado em Dol Guldur e lá encontrei um infeliz anão morrendo nos poços. Eu não tinha idéia de quem ele era. Ele possuía um mapa que pertencera ao povo de Durin em Moria e uma chave que parecia acompanhá-lo, mas estava demasiado fraco para explicar. E disse que tinha possuído um grande Anel".

"Quase todos os seus delírios eram sobre isso. *O último dos Sete,* ele dizia e repetia. Mas todos aqueles objetos podiam ter chegado a ele de muitas maneiras. Poderia ter sido um mensageiro capturado ao fugir, ou mesmo um ladrão apanhado por um ladrão maior. Mas deu-me o mapa e a chave. 'Para meu filho', disse; e então morreu, e logo depois eu mesmo escapei. Escondi os objetos e, graças a algum aviso do coração, sempre os mantive comigo, a salvo mas logo quase esquecidos. Eu tinha outros negócios em Dol Guldur, mais importantes e perigosos que todos os tesouros de Erebor".

'Agora eu relembrava tudo, e parecia claro que tinha ouvido as últimas palavras de Thráin Segundo, apesar de ele não ter dado seu nome, nem o do filho; e Thorin naturalmente não sabia o que fora feito do seu pai, nem jamais mencionou 'o último dos Sete Anéis'. Eu tinha o plano e a chave da entrada secreta de Erebor, pela qual Thrór e Thráin haviam escapado, de acordo com a história de Thorin. E eu os tinha guardado, se bem que sem qualquer desígnio meu. até o momento em que se revelariam mais úteis.

"Felizmente, não cometi nenhum erro ao usá-los. Mantive-os na manga, como vocês dizem no Condado, até que parecesse não haver mais esperança. Assim que Thorin os viu, ele realmente se decidiu a seguir meu plano, pelo menos no que dizia respeito à expedição secreta. Não obstante o que pensasse de Bilbo, ele mesmo teria partido. A existência de uma porta secreta que só os anões poderiam encontrar fazia com que parecesse ao menos possível descobrir algo sobre os atos do Dragão, talvez até recuperar algum ouro. ou algum objeto herdado para aplacar a saudade em seu coração".

"Mas isso não me bastava. Eu sabia no fundo do coração que Bilbo tinha de ir com ele, pois do contrário toda a busca seria um fracasso - ou. como eu diria agora, os acontecimentos muito mais importantes durante o caminho não iriam ocorrer. Assim eu ainda precisava persuadir Thorin a levá-lo. Houve muitas dificuldades no percurso depois disso, mas para mim essa foi a parte mais difícil de todo o caso. Apesar de eu discutir com ele até de madrugada depois que Bilbo foi dormir, a questão somente foi decidida de fato ao amanhecer do dia seguinte".

"Thorin estava cheio de menosprezo e suspeita. 'Ele é mole', bufou. 'Mole como a lama do seu Condado, e tolo. Sua mãe morreu cedo demais. Você está armando alguma das suas, Mestre Gandalf. Tenho certeza de que você tem outros propósitos além de me ajudar'".

"'Você tem toda a razão', disse eu. 'Se eu não tivesse outros propósitos, nem o estaria ajudando. Por muito que seus negócios lhe possam parecer importantes, eles são

apenas um pequeno fio na grande teia. Eu me ocupo de muitos fios. Mas isso deveria dar mais peso a meu conselho, não menos.' Por fim falei irado. 'Escute-me. Thorin Escudo de Carvalho!', disse eu. 'Se esse hobbit for com você. você terá êxito. Se não for, você fracassará. Tenho esse presságio, e o estou prevenindo".

"'Conheço sua fama', respondeu Thorin. 'Espero que seja merecida. Mas toda essa bobagem com seu hobbit faz com que eu me pergunte se é mesmo um presságio o que você tem e se você não está maluco em vez de presciente. Tantas preocupações podem ter desordenado seu juízo".

"'Com certeza tive suficientes para isso acontecer', disse eu. 'E, entre elas, a que acho mais irritante é um anão orgulhoso que me pede um conselho (sem nenhum direito sobre mim, que eu saiba) e depois me retribui com insolência. Trilhe seu próprio caminho se quiser, Thorin Escudo de Carvalho. Mas, se menosprezar meu conselho, caminhará para um desastre. E não vai mais receber conselhos nem ajuda minha até que a Sombra se abata sobre você. E controle seu orgulho e sua ganância, ou vai tombar ao fim de qualquer caminho que tomar, por muito que tenha as mãos cheias de ouro'".

"A estas palavras ele empalideceu um pouco; mas seus olhos estavam em brasa. 'Não me ameace!', disse. 'Usarei meu próprio discernimento neste caso, como faço em tudo que me diz respeito'".

"'Então faça isso!', disse eu. 'Nada mais posso dizer a não ser o seguinte: não dou meu amor nem minha confiança à toa, Thorin; mas gosto desse hobbit e quero o bem dele. Trate-o bem e você há de ter minha amizade até o fim de seus dias'".

"Disse isso sem esperança de persuadi-lo; mas não poderia ter dito nada melhor. Os anões compreendem a devoção aos amigos e a gratidão aos que os ajudam. 'Muito bem', disse Thorin finalmente, depois de um período em silêncio. 'Ele há de partir com minha companhia, se tiver coragem para isso (do que duvido). Mas, se você insistir em me sobrecarregar com ele, você também terá de vir para cuidar do seu favorito'".

"'Bom!', respondi. 'Irei e permanecerei com vocês o quanto puder: pelo menos até você descobrir o quanto ele vale.' Acabou sendo bom, mas naquele momento fiquei preocupado, pois tinha nas mãos o assunto urgente do Conselho Branco".

"Foi assim que partiu a Busca de Erebor. Imagino que, quando começou, Thorin não tivesse esperança real de destruir Smaug. Não havia esperança. No entanto aconteceu. Mas ai! Thorin não viveu para desfrutar seu triunfo nem seu tesouro. O orgulho e a ganância o venceram a despeito de meu aviso".

- Mas certamente - disse eu - ele não poderia ter tombado em batalha de um modo ou de outro? Teria ocorrido um ataque de orcs por mais generoso que Thorin tivesse sido com seu tesouro.

- Isso é verdade - disse Gandalf. - Pobre Thorin! Foi um grande anão de uma grande Casa. não importam seus defeitos; e. apesar de ele ter caído ao fim da viagem, foi principalmente graças a ele que o Reino sob a Montanha foi restaurado, como eu desejava. Mas Dáin Pé-de-Ferro foi um sucessor à altura. E agora ouvimos que ele tombou em outra guerra diante de Erebor. ao mesmo tempo em que lutávamos aqui. Eu diria que foi uma grande perda, se não tivesse sido espantoso que ele, em na sua idade avançada, ainda conseguisse brandir o machado com tanta força quanto disseram, de pé sobre o corpo do Rei Brand diante do Portão de Erebor, até cair a noite.

"'De fato tudo poderia ter acabado de modo muito diferente. O ataque principal foi desviado para o sul, é verdade; mas ainda assim, com sua mão direita bem estendida, Sauron poderia ter causado danos terríveis no norte enquanto nós defendíamos Gondor, se o Rei Brand e o Rei Dáin não se tivessem interposto em seu caminho. Quando pensarem na grande Batalha de Pelennor, não se esqueçam da Batalha de Valle. Imaginem como

poderia ter sido. Fogo de dragão e espadas selvagens em Eriador! Poderia não haver Rainha em Gondor. Agora somente poderíamos esperar voltar da vitória daqui para minas e cinzas. Mas isso foi evitado - porque me encontrei com Thorin Escudo de Carvalho certo dia ao anoitecer, à beira da primavera, não longe de Bri. Um encontro casual, como dizemos na Terra-média".

APÊNDICE
NOTA SOBRE OS TEXTOS DE "A BUSCA DE EREBOR"

A situação textual desta peça é complexa e difícil de desemaranhar. A versão mais antiga é um manuscrito completo, mas tosco e muito emendado, que aqui chamarei de A. Ele leva o título de "A história dos tratos de Gandalf com Thráin e Thorin Escudo de Carvalho". A partir dele foi feita uma versão datilografada, B, com muitas alterações adicionais, porém em sua maioria de caráter bem secundário. Essa está intitulada "A busca de Erebor", e também "'Relato de Gandalf sobre como veio a arranjar a Expedição a Erebor e mandar Bilbo com os anões". Alguns extratos extensos do texto datilografado estão apresentados abaixo.

Além de A e B ("a versão mais antiga"), existe outro manuscrito, C, sem título, que conta a história em forma mais econômica e de construção mais compacta, omitindo muitos pontos da primeira versão e introduzindo alguns elementos novos, mas também (especialmente na parte final) mantendo em grande medida a escrita original. Parece-me bastante certo que C seja posterior a B, e C é a versão que foi dada acima, embora pareça ter sido perdida uma parte do texto inicial, que estabelece a cena em Minas Tirith para as reminiscências de Gandalf.

Os parágrafos iniciais de B (dados abaixo) são quase idênticos a um trecho no Apêndice A (III, O *Povo de Durin)* do *Senhor dos Anéis,* e obviamente dependem da narrativa acerca de Thrór e Thráin que os precede no Apêndice A; enquanto o final de "A busca de Erebor" também se encontra, quase exatamente com as mesmas palavras, no Apêndice A (III), aí de novo nas palavras de Gandalf, falando a Frodo e Gimli em Minas Tirith. À vista da carta citada na Introdução está claro que meu pai escreveu "A busca de Erebor" para fazer parte da narrativa em *O Povo de Durin* no Apêndice A.

Extratos da versão mais antiga

O texto datilografado B da versão mais antiga começa assim:

> Desse modo Thorin Escudo de Carvalho tornou-se Herdeiro de Durin, mas herdeiro sem esperança. No saque de Erebor, ele era jovem demais para portar armas, mas em Azanulbizar lutara na vanguarda do ataque. E, quando Thráin se perdeu, ele estava com noventa e cinco anos de idade, um grande anão de porte altivo. Não tinha Anel, e (talvez por essa razão) parecia contente em permanecer em Eriador. Ali labutou por muito tempo, e ganhou a riqueza que pôde. E seu povo cresceu com o acréscimo de muitos do errante Povo de Durin que ouviram falar de sua morada e vieram ter com ele. Agora

dispunham de belos salões nas montanhas, e depósitos de mercadorias, e seus dias não pareciam tão difíceis, apesar de sempre falarem em suas canções da longínqua Montanha Solitária, do tesouro e da alegria do Grande Salão à luz da Pedra Arken.

Os anos passaram. As brasas no coração de Thorin inflamaram-se de novo à medida que ele meditava sobre as injustiças sofridas por sua Casa e a vingança contra o Dragão que lhe fora legada. Pensava em armas, exércitos e alianças enquanto seu grande martelo ressoava na forja; mas os exércitos estavam dispersos, as alianças rompidas e os machados de seu povo eram poucos. E uma enorme ira sem esperança o consumia quando ele golpeava o ferro rubro na bigorna.

Gandalf ainda não desempenhara nenhum papel na sorte da Casa de Durin. Não tinha muitos tratos com os anões; porém era amigo dos de boa vontade e gostava bastante dos exilados do Povo de Durin que viviam no oeste. Mas certa vez ocorreu que ele passava por Eriador (a caminho do Condado, que ele não vira por alguns anos) quando topou com Thorin Escudo de Carvalho. Conversaram na estrada, e repousaram naquela noite em Bri.

Pela manhã Thorin disse a Gandalf: - Tenho muitas coisas a me preocupar, e dizem que você é sábio e conhece mais do que a maioria sobre o que se passa no mundo. Quer vir a minha casa para me ouvir e dar seu conselho?

A isso Gandalf assentiu e, quando chegaram ao salão de Thorin, sentou-se e escutou toda a história dos agravos sofridos por ele.

Desse encontro decorreram muitos feitos e eventos de grande importância; na verdade o achamento do Um Anel. sua vinda ao Condado e a escolha do Portador do Anel. Portanto, muitos supõem que Gandalf previra todas essas coisas e escolhera o momento para se encontrar com Thorin. Acreditamos porém que não foi assim. Pois. em sua história da Guerra do Anel, Frodo, o Portador do Anel, deixou um registro das palavras de Gandalf sobre este mesmo ponto. Foi isto o que ele escreveu:

No lugar das palavras "Foi isto o que ele escreveu". A, o manuscrito mais antigo, tem: "Esse trecho foi omitido da história, pois parecia longo; mas agora apresentamos aqui a maior parte".

Após a coroação, moramos com Gandalf em uma bela casa em Minas Tirith, e ele estava muito alegre, e, por muito que lhe fizéssemos perguntas sobre tudo o que nos ocorria, sua paciência parecia tão infinita quanto seu conhecimento. Agora não consigo relembrar a maioria das coisas que ele nos contou; muitas vezes não as compreendíamos. Mas lembro-me muito claramente desta conversa. Gimli estava lá conosco, e ele disse a Peregrin:

- Há uma coisa que preciso fazer um dia destes; preciso visitar esse seu Condado*. Não para ver mais hobbits! Duvido que possa aprender algo sobre eles que eu já não saiba. Mas nenhum anão da Casa de Durin pode deixar de olhar aquela terra com assombro. Não começou lá a recuperação do Reino sob a Montanha e a queda de Smaug? Sem mencionar o fim de Barad-dûr, apesar de que ambos estavam estranhamente enredados. Estranho, muito estranho - disse, e fez uma pausa.

Então, olhando firme para Gandalf, prosseguiu: - Mas quem teceu a teia? Não creio que eu jamais tenha ponderado isso antes. Então você planejou tudo isso, Gandalf? Se não, por que levou Thorin Escudo de Carvalho a uma porta tão improvável? Encontrar o Anel, levá-lo longe rumo ao oeste para escondê-lo e depois escolher o Portador do Anel (e restaurar o Reino da Montanha como um mero ato à margem do caminho) não era esse seu intento?

Gandalf não respondeu de pronto. Levantou-se e olhou pela janela, para o oeste, em direção ao mar; o sol estava se pondo, e havia um brilho em seu rosto. Por bastante tempo permaneceu assim, em silêncio. Mas finalmente voltou-se para Gimli e disse: -

Não sei a resposta. Pois mudei desde aqueles dias, e não estou mais entravado pelo fardo da Terra-média como estava então. Naquela época eu lhe teria respondido com palavras como as que disse a Frodo, ainda na primavera do ano passado. Ainda no ano passado! Mas tais medidas não têm significado. Naquela época extremamente distante eu disse a um pequeno hobbit amedrontado: Bilbo foi *designado* a encontrar o Anel, e *não* por quem o fez, e portanto você foi *designado* a portá-lo. E eu poderia ter acrescentado: e eu fui *designado* a conduzi-los a ambos a esses pontos.

Para fazer isso, usei em minha mente desperta somente aqueles meios que me eram permitidos, fazendo o que estava à mão de acordo com as razões que tinha. Mas o que eu sabia em meu coração, ou sabia antes de pisar nesta costa cinzenta: isso é outro assunto. Olórin eu era no Oeste que está esquecido, e somente aos que lá estão hei de falar mais abertamente.

* Gimli deve pelo menos ter atravessado o Condado em viagens desde seu lar original nas Montanhas Azuis.

A tem aqui: "e somente aos que lá estão (ou que talvez possam retornar comigo para lá) hei de falar mais abertamente".

Então eu disse: - Agora, Gandalf, compreendo-o um pouco melhor do que compreendia antes. Porém suponho que, *designado* ou não, Bilbo poderia ter-se recusado a sair de casa, e eu também. Você não podia nos compelir. Você nem tinha permissão para tentar. Mas ainda estou curioso para saber por que você fez o que fez, assim como você era então, aparentemente um ancião grisalho.

Então Gandalf lhes explicou suas dúvidas daquela época a respeito do primeiro movimento de Sauron, e seus temores por Lórien e Valfenda. Nesta versão, depois de dizer que um golpe direto contra Sauron era ainda mais urgente que a questão de Smaug, ele prosseguiu:

- Para dar um salto adiante, foi por isso que parti assim que estava bem encaminhada a expedição contra Smaug, e persuadi o Conselho a atacar Dol Guldur primeiro, antes que ele atacasse Lórien. Fizemos isso, e Sauron fugiu. Mas ele sempre estava à nossa frente em seus planos. Preciso confessar que pensei que ele realmente se retraíra, e que poderíamos ter outro período de paz vigilante. Mas não durou muito. Sauron decidiu dar o próximo passo. Retornou imediatamente a Mordor, e em dez anos declarou-se.

"Então tudo ficou escuro. E no entanto não era esse seu plano original; e ao final foi um erro. A resistência ainda tinha um lugar onde podia se aconselhar livre da Sombra. Como poderia ter escapado o Portador do Anel se não houvesse Lórien nem Valfenda? E esses lugares poderiam ter caído, penso eu, se Sauron tivesse lançado todo o seu poder contra eles primeiro, e não gasto mais de metade no ataque a Gondor".

"Bem, aí está. Essa foi minha razão principal. Mas é uma coisa ver o que precisa ser feito, e outra bem diferente encontrar os meios. Eu começava a me preocupar seriamente com a situação no norte quando encontrei Thorin Escudo de Carvalho certo dia: em meados de março de 2941, eu acho. Ouvi toda a sua história e pensei: Bem, eis pelo menos um inimigo de Smaug! E um que é digno de ajuda. Preciso fazer o que puder. Devia ter pensado nos anões antes".

"E havia o povo do Condado. Comecei a ter uma pontinha de afeto por eles em meu coração durante o Inverno Longo, que nenhum de vocês consegue recordar*".

Sofreram muito naquela ocasião: um dos piores apertos em que estiveram, morrendo de frio e passando fome na terrível escassez que se seguiu. Mas essa foi a hora de ver sua coragem e compaixão de uns pelos outros. Foi por sua compaixão, tanto quanto

por sua dura coragem sem queixas, que sobreviveram. Eu queria que sobrevivessem ainda. Mas vi que as Terras do Oeste ainda viveriam situações muito ruins, mais cedo ou mais tarde, porém de um tipo bem diferente: uma guerra impiedosa. Para superar essa dificuldade pensei que necessitariam de algo mais do que tinham então. Não é fácil dizer o quê. Bem. precisariam de saber um pouco mais, compreender com um pouco mais de clareza do que se tratava e qual era sua situação.

"Haviam começado a esquecer: esquecer seus próprios primórdios e suas lendas, esquecer o pouco que tinham conhecido da grandeza do mundo. Ainda não se fora, mas estava sendo sepultada: a lembrança do sublime e do perigoso. Mas não se pode ensinar essa espécie de coisa rapidamente a todo um povo. Não havia tempo. E de qualquer modo é preciso começar em algum ponto, com alguma pessoa determinada. Atrevo-me a dizer que ele foi escolhido' e eu apenas fui escolhido para escolhê-lo: mas dei a preferência a Bilbo".

* Há um relato do Inverno Longo de 2758-9. no que afetou Rohan, no Apêndice A (II) do *Senhor dos Anéis*- e o registro no Conto dos Anos menciona que "Gandalf vem em socorro do povo do Condado".

- Ora, é bem isso o que quero saber - disse Peregrin. - Por que fez isso?

- Como selecionar um certo hobbit para tal propósito? - perguntou Gandalf. - Eu não tinha tempo de testá-los a todos; mas a essa altura conhecia muito bem o Condado, apesar de, quando encontrei Thorin, ter estado afastado por mais de vinte anos em atividades menos agradáveis. Assim, repassando naturalmente os hobbits que conhecia, disse a mim mesmo: "Quero uma pitada de Tûk" (porém não demais, Mestre Peregrin) "e quero uma boa fundação do tipo mais impassível, quem sabe um Bolseiro". Isso apontava para Bilbo imediatamente. E eu o conhecera muito bem, quase até ele chegar à maioridade, melhor do que ele me conhecia. Gostava dele então. E agora descobria que ele estava "solteiro" (saltando adiante mais uma vez), pois evidentemente eu não sabia de tudo isso antes de voltar ao Condado. Descobri que ele nunca se casara. Achei isso esquisito, apesar de imaginar por quê; e o motivo que suspeitei *não* era o que a maioria dos hobbits me dava; que cedo ele ficara bem de vida e era seu próprio patrão. Não, imaginei que ele queria permanecer "solteiro" por alguma razão bem profunda, que ele mesmo não compreendia ou não queria reconhecer, pois ela o alarmava. Queria, rnesmo assim, ser livre para partir quando surgisse a oportunidade ou quando ele tivesse reunido coragem. Lembro-me de como costumava me atormentar com perguntas, quando era jovem, sobre os hobbits que às vezes "tinham-se ido", como dizem no Condado. Havia pelo menos dois tios seus, do lado Tûk, que tinham feito isso.

Esses tios eram Hildifons Tûk, que "saiu para uma viagem e jamais voltou", e Isengar Tûk (o mais novo dos doze filhos do Velho Tûk), do qual diziam "que 'se fez ao mar' quando jovem" (O *Senhor dos Anéis,* Apêndice C, Árvore genealógica dos Tûk de Grandes Smials).
Quando Gandalf aceitou o convite de Thorin para acompanhá-lo até seu lar nas Montanhas Azuis

- nós de fato passamos através do Condado, embora Thorin não quisesse se deter o bastante para que isso fosse útil. Na verdade, penso que foi a irritação com seu altivo menosprezo pelos hobbits que primeiro me deu a idéia de enredá-lo com eles. No que lhe tangia, tratava-se de meros produtores de alimentos que por acaso cultivavam os campos de ambos os lados da ancestral estrada dos anões para as Montanhas.

Nesta versão mais antiga, Gandalf fazia um longo relato de como, após sua visita

ao Condado, voltou a Thorin e o persuadiu “a pôr de lado seus elevados desígnios e partir em segredo - levando Bilbo consigo” - sendo que essa frase é tudo o que se diz a respeito na versão posterior.

- Por fim decidi-me e voltei a Thorin. Encontrei-o em conclave com alguns de seus parentes. Balin e Glóin estavam lá, bem como vários outros.

“'Bem, o que tem a dizer?', perguntou-me Thorin assim que entrei”.

“'Primeiro isto', respondi. 'Suas próprias idéias são as de um rei, Thorin Escudo de Carvalho; mas seu reino foi-se. Se for para ser restaurado, do que duvido, isso tem de acontecer a partir de um pequeno começo. Eu me pergunto se você, aqui tão longe, compreende plenamente a força de um grande Dragão. Mas isso não é tudo: há uma Sombra muito mais terrível crescendo depressa no mundo. Eles se ajudarão entre si.' E certamente já o teriam feito, se eu não tivesse atacado Dol Guldur ao mesmo tempo. 'A guerra aberta seria totalmente inútil; e de qualquer forma para você é impossível organizá-la. Você terá de tentar algo mais simples e no entanto mais ousado, na verdade algo desesperado'”.

“'Você é ao mesmo tempo vago e inquietante', disse Thorin. 'Fale mais claro!'”

“'Bem, por um lado', disse eu, 'você próprio terá de ir nesta busca, e terá de ir *secretamente.* Sem mensageiros, arautos ou desafios, Thorin Escudo de Carvalho. No máximo poderá levar consigo alguns parentes ou seguidores fiéis. Mas precisará de algo mais, algo inesperado'”.

“'Diga o que é!', disse Thorin”.

“'Um momento!', disse eu. 'Você espera lidar com um Dragão; e ele não apenas é muito grande, mas agora também é muito velho e astucioso. Desde o começo de sua aventura você terá de levar isso em conta: a memória e o olfato dele'”.

“'Naturalmente', disse Thorin. 'Os anões trataram mais com Dragões que a maioria, e você não está instruindo um ignorante'”.

“'Muito bem', respondi; mas seus próprios planos não me pareciam considerar este ponto. Meu plano é de dissimulação. *Dissimulação**. Smaug não se deita sem sonhos em seu precioso leito, Thorin Escudo de Carvalho. Ele sonha com anões! Pode ter certeza de que ele explora seu palácio dia após dia, noite após noite, até se certificar de que não haja por perto nem o mais tênue ar de anão, antes de buscar o sono; seu meio-sono com as orelhas em pé para o som de... pés de anões'”.

“Você faz sua *dissimulação* soar tão difícil e sem esperança quanto qualquer ataque aberto', disse Balin. 'Impossivelmente difícil!'”

“'Sim. é difícil', respondi eu. 'Mas não *impossivelmente* difícil, do contrário eu não perderia meu tempo aqui. Eu diria *absurdamente* difícil. Portanto, vou sugerir uma solução absurda para o problema. Levem consigo um hobbit! Smaug provavelmente nunca ouviu falar de hobbits e certamente nunca os farejou'”.

“'O quê!', exclamou Glóin. 'Um desses simplórios lá do Condado? De que poderia servir um deles na face da terra, ou debaixo dela? Não importa o cheiro que tenha, ele nunca se atreveria a chegar à distância de faro do mais pelado dragonete recém-saído da casca!'”.

“'Vamos lá!', disse eu, 'Isso é bem injusto. Você não sabe muito sobre o povo do Condado, Glóin. Suponho que você os considere simplórios porque são generosos e não barganham; e os considere tímidos porque nunca lhes vende armas. Você está errado. Seja como for. existe um que estou destinando a ser seu companheiro, Thorin. Tem mãos hábeis e é esperto, porém astuto e nem um pouco precipitado. E creio que tem coragem Grande coragem, eu acho, conforme a maneira do seu povo. Poderíamos dizer que são “bravos no aperto”. É preciso pôr esses hobbits num lugar apertado para descobrir como são de fato?.'

* Neste ponto uma frase no manuscrito A foi omitida no texto datilografado, talvez não

propositadamente, à vista da observação subseqüente de Gandalf sobre Smaug nunca ter farejado um hobbit: “Também um odor que não pode ser identificado, pelo menos não por Smaug. o inimigo dos anões”.

“'O teste não pode ser feito', respondeu Thorin. 'Pelo que observei, eles fazem o possível para evitar lugares apertados'”.

“'É bem verdade' disse eu. 'São um povo muito sensato. Mas este hobbit é bastante incomum. Penso que ele possa ser persuadido a entrar em um lugar apertado. Creio que no fundo do coração ele de fato deseja isso - viver, como ele diria, uma aventura'”.

“'Não à minha custa!' disse Thorin, levantando-se e andando furioso de um lado para o outro. 'Isto não é conselho, é tolice! Não consigo ver o que qualquer hobbit, bom ou mau, poderia fazer que me compensasse o sustento de um dia, mesmo que ele pudesse ser persuadido a partir'”.

“'Não consegue ver! O mais provável é que não consiga ouvir' respondi. 'Hobbits movem-se sem esforço em maior silêncio que qualquer anão do mundo conseguiria, mesmo que sua vida dependesse disso. Suponho que tenham os passos mais leves de todas as espécies mortais. De qualquer forma você, Thorin Escudo de Carvalho, não parece ter observado isso ao marchar pelo Condado, fazendo um barulho (devo dizê-lo) que os habitantes escutavam a uma milha de distância. Quando eu disse que você precisaria de dissimulação, foi isso o que quis dizer: dissimulação profissional'”.

“Dissimulação profissional?', exclamou Balin, interpretado minhas palavras de modo bem diverso do que eu pretendia. 'Quer dizer um caçador de tesouros treinado? Ainda se pode encontrá-los?'”

“Hesitei. Essa era uma faceta nova, e eu não tinha certeza de como encará-la. 'Penso que sim' respondi afinal. Mediante um prêmio, eles entram onde você não se atreve, ou quem sabe não consegue, e obtêm o que você desejar”.

“Os olhos de Thorin brilharam à medida que as lembranças de tesouros perdidos se agitavam em sua mente; mas comentou com desdém, 'Um ladrão pago, você quer dizer. Isso poderá ser considerado, se o prêmio não for alto demais. Mas o que tudo isso tem a ver com um desses aldeões? Eles bebem em recipientes de barro, e não distinguem uma pedra preciosa de uma conta de vidro'”.

“Gostaria que você não falasse sempre com tanta confiança sem conhecimento' disse eu com aspereza. 'Esses aldeões moram no Condado há uns mil e quatrocentos anos, e aprenderam muitas coisas nesse tempo. Tratavam com os elfos e com os anões, mil anos antes de Smaug chegar a Erebor. Nenhum deles é rico como seus antepassados julgavam a riqueza, mas você descobrirá que algumas das suas moradias contêm coisas mais belas do que você pode vangloriar-se aqui, Thorin. O hobbit em quem estou pensando possui ornamentos de ouro. come com talheres de prata e bebe vinho em cristais elegantes'”.

“'Ah! Finalmente percebo aonde quer chegar', disse Balin. 'Então é um ladrão? É por isso que você o recomenda?'”

“Diante desse medo perdi minha paciência e minha cautela. Essa presunção dos anões, de que ninguém pode ter ou fazer nada 'de valor' exceto eles próprios, e de que todos os objetos refinados em mãos alheias devem ter sido obtidos, se não roubados, dos anões em alguma ocasião, era mais do que eu podia suportar naquele momento. 'Um ladrão?, disse eu, rindo. Ora, sim, um ladrão profissional, é claro! De que outro modo um hobbit conseguiria uma colher de prata? Vou pôr a marca dos ladrões em sua porta, e assim vocês a encontrarão.' Então levantei-me, já que estava com raiva, e disse com uma veemência que me surpreendeu a mim mesmo: 'Você tem de procurar essa porta, Thorin Escudo de Carvalho! Falo *sério.* ' E de repente senti que de fato eu estava sendo extremamente sincero. Essa minha idéia esquisita não era piada, estava *certa.* Era desesperadoramente importante que se realizasse. Os anões tinham de deixar de ser cabeçudos”.

“'Escutem-me, Povo de Durin!', exclamei. Se persuadirem esse hobbit a se unir a vocês, vocês terão êxito. Se não, fracassarão. Se se recusarem mesmo a tentar, não vou

mais querer saber de vocês. Não vão mais receber conselhos nem ajuda minha até que a Sombra se abata sobre vocês!'”

“Thorin voltou-se e me olhou espantado, como era de esperar. 'Palavras vigorosas!', disse ele. 'Muito bem, irei. Você teve algum presságio, se não estiver simplesmente maluco'”.

“'Ótimo!', disse eu. 'Mas você tem de ir de boa vontade, não apenas esperando demonstrar que sou um tolo. Precisa ter paciência e não desistir facilmente, caso nem a coragem nem o desejo de aventura dos quais falei estejam evidentes à primeira vista. Ele os negará. Ele tentará esquivar-se; mas *você não pode* deixá-lo fazer isso'”.

“'Barganhar não vai lhe adiantar nada, se é isso o que você quer dizer' disse Thorin. 'Eu lhe oferecerei um prêmio justo por tudo o que recuperar, e nada mais'”.

“Não era o que eu queria dizer, mas parecia inútil tentar esclarecer. 'Mais uma coisa', prossegui, 'você tem de fazer todos os seus planos e preparativos com antecedência. Apronte tudo! Uma vez persuadido, ele não pode ter tempo para pensar melhor. Vocês têm de partir direto do Condado, para leste em sua busca'”.

“'Parece ser uma criatura muito estranha, esse seu ladrão', disse um anão jovem chamado Fili (um sobrinho de Thorin, como descobri depois). Como se chama, ou que nome ele usa?'”

“'Os hobbits usam seus verdadeiros nomes', disse eu. O único que ele tem é Bilbo Bolseiro.' Que nome!' disse Fili, e riu.”

“'Ele o considera muito respeitável' disse eu. 'E lhe assenta bastante bem; pois Bilbo é um solteirão de meia-idade, e está ficando um tanto flácido e gordo. Talvez a comida seja seu principal interesse no momento. Dizem que mantém uma excelente despensa, e talvez mais de uma. Pelo menos serão bem servidos'”.

“Já basta' disse Thorin. 'Se não tivesse dado minha palavra, eu não iria agora. Não estou com humor para ser feito de tolo. Pois eu também falo sério. Muito sério, e meu coração está quente aqui'”.

“Não dei atenção a isso. 'Agora veja, Thorin', disse eu, 'abril está passando e a primavera chegou. Apronte tudo assim que puder. Tenho alguns assuntos a resolver, mas estarei de volta em uma semana. Quando eu voltar, se tudo estiver em ordem, cavalgarei na frente para preparar o terreno. Então todos nós o visitaremos juntos no dia seguinte'”.

“E com essas palavras despedi-me, sem querer dar a Thorin mais oportunidades do que Bilbo teria para pensar melhor. O resto da história é bem conhecido de vocês - do ponto de vista de Bilbo. Se eu tivesse escrito o relato, teria soado bem diferente. Ele não sabia tudo o que estava acontecendo: o cuidado que tomei, por exemplo, para que a chegada em Beirágua de um grande grupo de anões, fora da estrada principal e de seu trajeto usual, não lhe chegasse aos ouvidos cedo demais”.

“Foi na manhã da terça-feira, 25 de abril de 2941. que fiz uma visita a Bilbo; e, apesar de saber mais ou menos o que esperar, devo dizer que minha confiança ficou abalada. Vi que as coisas seriam muito mais difíceis do que eu pensara. Mas perseverei. No dia seguinte, quarta-feira, 26 de abril, levei Thorin e seus companheiros a Bolsão; com grande dificuldade, no que tangia a Thorin - ele relutou na última hora. E é claro que Bilbo ficou completamente aturdido e se comportou de modo ridículo. Na verdade tudo correu extremamente mal para mim desde o princípio; e aquela história infeliz do 'ladrão profissional', que os anões haviam metido firmemente na cabeça, só piorou as coisas. Fiquei grato por ter dito a Thorin que devíamos todos passar a noite em Bolsão, pois precisaríamos de tempo para discutir os aspectos práticos. Isso me deu uma última chance. Se Thorin tivesse saído de Bolsão antes que eu pudesse falar com ele a sós, meu plano teria sido arruinado”.

Ver-se-á que alguns elementos dessa conversa foram utilizados na versão posterior, na discussão entre Gandalf e Thorin em Bolsão.

A partir desse ponto, a narrativa da versão posterior segue a antiga muito de perto, e esta portanto não é mais citada aqui, exceto um trecho ao final. Na anterior, quando Gandalf parou de falar, Frodo registra que Gimli riu.

> - Ainda parece absurdo - disse ele -, mesmo agora que tudo saiu mais do que bem. Conheci Thorin, é claro; e gostaria de ter estado lá, mas eu estava longe na ocasião da primeira visita que nos fez. E não me foi permitido partir na busca: jovem demais, disseram, embora aos sessenta e dois anos eu me considerasse apto a qualquer coisa. Bem, estou contente de ter ouvido a história completa. Se é que é completa. Na verdade não acho que mesmo agora você esteja nos contando tudo o que sabe.
> - Claro que não - disse Gandalf.

E depois disso Meriadoc fez mais perguntas a Gandalf acerca do mapa e da chave de Thráin; e no decorrer de sua resposta (a maior parte da qual está mantida na versão posterior, em ponto diferente da narrativa) Gandalf disse:

> - Fazia nove anos que Thráin havia deixado seu povo quando o encontrei, e estava nos poços de Dol Guldur havia cinco anos pelo menos. Não sei como suportou tanto tempo, nem como mantivera aqueles objetos escondidos ao longo de todas as torturas. Penso que o Poder escuro nada desejava dele além do Anel e, quando o tomou, não se importou mais, mas somente lançou o prisioneiro alquebrado nos poços, para delirar até morrer. Um pequeno descuido; mas que demonstrou ser fatal. E o que costuma acontecer com pequenos descuidos.

CAPÍTULO IV
A caçada ao Anel

(i)
Da viagem dos Cavaleiros Negros, de acordo com o relato que Gandalf fez a Frodo

Gollum foi capturado em Mordor no ano de 3017 e levado a Barad-dûr, tendo lá sido interrogado e torturado. Quando descobriu dele o que queria, Sauron o soltou e o mandou embora outra vez. Não confiava em Gollum, pois adivinhava nele algo indomável que não podia ser derrotado, nem pela Sombra do Medo, a não ser pela destruição. Mas Sauron percebeu a profundidade do rancor de Gollum contra os que o haviam "roubado" e, imaginando que ele iria em busca deles para se vingar, Sauron esperava que seus espiões assim fossem conduzidos ao Anel.

Gollum, no entanto, foi logo capturado por Aragorn e levado ao norte da Floresta das Trevas; e, apesar de seguido, não pôde ser resgatado antes de estar sob custódia segura. Ora, Sauron jamais havia atentado para os "pequenos", mesmo tendo ouvido falar deles, e ainda não sabia onde ficava sua terra. De Gollum, mesmo submetido a dor, não conseguiu obter nenhum relato claro, tanto porque o próprio Gollum de fato não tinha um conhecimento certo quanto porque falsificava o que sabia.

Ele era em última análise indomável, exceto pela morte, como Sauron imaginava,

tanto por sua natureza de pequeno quanto por uma causa que Sauron não compreendia plenamente, visto que ele mesmo era consumido pelo desejo do Anel. Então Gollum se encheu de um ódio por Sauron ainda maior que seu terror, pois nele via de fato seu maior inimigo e rival. Foi assim que ele ousou fingir acreditar que a terra dos Pequenos ficava próxima aos locais onde morara outrora, às margens do Rio de Lis.

Ora, Sauron, sabendo da captura de Gollum por seus principais inimigos, foi tomado de grande pressa e temor. No entanto, todos os seus espiões e emissários costumeiros não conseguiam lhe trazer notícias. E isso em grande parte decorria tanto da vigilância dos dúnedain quanto da traição de Saruman, cujos próprios servos emboscavam ou extraviavam os servos de Sauron. Sauron deu-se conta disso, mas seu braço ainda não era bastante longo para alcançar Saruman em Isengard. Portanto escondeu seu conhecimento da duplicidade de Saruman e ocultou sua ira, aguardando o tempo propício e preparando-se para a grande guerra em que planejava varrer todos os seus inimigos para o mar ocidental. Por fim, resolveu que naquele caso só lhe serviriam os seus servos mais poderosos, os Espectros do Anel, que não tinham vontade senão a dele próprio, já que cada um deles era totalmente subserviente ao anel que o escravizara, que Sauron detinha.

Ora, poucos podiam resistir até mesmo a uma só daquelas cruéis criaturas, e (como Sauron julgava) ninguém podia resistir-lhes quando estavam reunidos sob o comando de seu terrível capitão, o Senhor de Morgul. No entanto, para o propósito atual de Sauron, tinham o seguinte ponto fraco: era tão grande o terror que os acompanhava (mesmo invisíveis e despidos) que sua chegada podia logo ser pressentida, e sua missão adivinhada, pelos Sábios.

Assim foi que Sauron preparou dois golpes - nos quais mais tarde muitos viram as origens da Guerra do Anel. Foram desferidos juntos. Os orcs atacaram o reino de Thranduil com ordens de recapturar Gollum; e o Senhor de Morgul foi enviado abertamente para combater contra Gondor. Essas ações ocorreram perto do final de junho de 3018. Assim Sauron testou a força e o preparo de Denethor, e descobriu que eram maiores do que esperara. Mas isso pouco o perturbou, pois usara pouca força no ataque, e seu principal objetivo era que o surgimento dos Nazgûl parecesse apenas parte de sua política de guerra contra Gondor.

Portanto, quando Osgiliath foi tomada e a ponte foi destruída, Sauron deteve o ataque e ordenou aos Nazgûl que iniciassem a busca do Anel. Mas Sauron não subestimava os poderes e a vigilância dos Sábios, e mandou que os Nazgûl agissem com o máximo sigilo possível. Naquela época, o Líder dos Espectros do Anel habitava em Minas Morgul com seis companheiros enquanto seu segundo, Khamûl, a Sombra do Leste, habitava em Dol Guldur como lugar-tenente de Sauron, com mais um como seu mensageiro.

O Senhor de Morgul, portanto, atravessou o Anduin, conduzindo seus companheiros, despidos, desmontados e invisíveis aos olhos, e no entanto terríveis para todos os seres vivos que passavam por perto. Era talvez o primeiro dia de julho quando partiram. Passaram devagar e furtivos, através de Anórien, sobre o Vau Ent e pelo Descampado e um rumor de trevas e um terror não se sabia de quê os precediam. Alcançaram a margem oeste do Anduin um pouco ao norte de Sarn Gebir, como haviam combinado; e ali receberam cavalos e trajes que atravessaram o Rio secretamente numa balsa. Isso foi (pensa-se) por volta de 17 de julho. Então saíram rumo ao norte buscando o Condado, a terra dos Pequenos.

Por volta de 22 de julho, encontraram seus companheiros, os Nazgûl de Dol Guldur, no Campo de Celebrant. Lá souberam que Gollum havia escapado tanto aos orcs que o recapturaram quanto aos elfos que os perseguiam, e tinha desaparecido. Também

ficaram sabendo por Khamûl que nenhuma habitação de Pequenos podia ser descoberta nos Vales do Anduin, e que as aldeias dos Grados junto ao Rio de Lis estavam desertas havia muito. Mas o senhor de Morgul, não vendo melhor alternativa, ainda insistia em buscar ao norte, talvez esperando topar com Gollum e também descobrir o Condado. Não lhe parecia improvável que este ficasse perto da odiada terra de Lórien, se é que não estava de fato no interior das cercas de Galadriel. Mas não desejava desafiar o poder do Anel Branco, nem ainda penetrar em Lórien. Portanto, passando entre Lórien e as Montanhas, os Nove cavalgaram sempre para o norte; e o terror os precedia e subsistia atrás deles; mas não encontraram o que buscavam nem souberam de nenhuma notícia que lhes fosse útil.

Por fim retornaram; mas agora havia muito que o verão acabara, e a ira e o temor de Sauron aumentavam. Quando voltaram ao Descampado, setembro chegara; e ali encontraram mensageiros de Barad-dûr que transmitiam ameaças de seu Mestre, que encheram de pavor até mesmo o Senhor de Morgul. Pois Sauron já havia ouvido falar das palavras proféticas escutadas em Gondor, da partida de Boromir, dos atos de Saruman, e da captura de Gandalf. De tudo isso concluiu de fato que nem Saruman, nem qualquer outro dos Sábios, ainda estava de posse do Anel, mas que Saruman ao menos sabia onde ele poderia estar escondido. Agora só a velocidade serviria, e o sigilo teria de ser abandonado.

Portanto, os Espectros do Anel receberam ordens de ir direto a Isengard. Atravessaram, então, Rohan às pressas, e o terror de sua passagem era tão grande que muita gente fugiu da região e partiu em debandada para o norte e o oeste, crendo que a guerra oriunda do leste seguia de perto os cavalos negros.

Dois dias depois de Gandalf ter partido de Orthanc, o Senhor de Morgul deteve-se diante do Portão de Isengard. Então Saruman, já pleno de ira e temor em decorrência da fuga de Gandalf, percebeu o risco de se interpor entre inimigos, sendo traidor conhecido de ambos. Seu pavor era enorme, pois sua esperança de enganar Sauron, ou pelo menos receber seu favor em caso de vitória, perdeu-se totalmente. Agora ele próprio teria de conquistar o Anel ou então cair na ruína e no tormento. Mas ainda era alerta e astuto, e tinha organizado Isengard exatamente para enfrentar uma tal falta de sorte. O Círculo de Isengard era forte demais até mesmo para ser atacado pelo Senhor de Morgul e sua companhia sem grande força militar. Portanto seus desafios e suas exigências foram respondidos apenas pela voz de Saruman, que por alguma arte falava como se viesse do próprio Portão.

- Não é uma terra que buscam - dizia ela. - Sei o que procuram, mesmo que vocês não lhe pronunciem o nome. Eu não o possuo, como seus servos certamente percebem sem o dizer; pois, se o tivesse, vocês se inclinariam diante de mim e me chamariam de Senhor. E, se eu soubesse onde esse objeto está oculto, eu não estaria aqui, mas teria partido muito antes de vocês para tomá-lo. Só há uma pessoa que imagino tenha esse conhecimento-. Mithrandir, inimigo de Sauron. E, já que faz apenas dois dias que ele partiu de Isengard, procurem por ele aqui perto.

O poder da voz de Saruman ainda era tamanho que nem mesmo o Senhor dos Nazgûl questionou o que ela dizia, quer suas palavras fossem falsas, quer estivessem aquém da plena verdade. Ele se afastou de imediato do Portão e começou a caçar Gandalf em Rohan. Assim foi que, na tardinha do dia seguinte, os Cavaleiros Negros toparam com Gríma Língua de Cobra, que se apressava a levar notícias a Saruman de que Gandalf chegara a Edoras, e alertara o Rei Théoden dos desígnios traiçoeiros de Isengard. Naquela hora, o Língua de Cobra quase morreu de terror; mas, habituado à traição, teria dito tudo o que sabia diante de ameaças menores.

- Sim, sim, em verdade posso dizer-lhe, Senhor - disse. - Escutei o que conversavam em Isengard. A terra dos Pequenos: era de lá que Gandalf vinha, e para onde deseja voltar. Agora ele apenas busca um cavalo.

“Poupe-me! Falo com a rapidez possível. Para o oeste atravessando o desfiladeiro de Rohan mais além, e depois rumo ao norte e um pouco a oeste, até que o próximo grande rio impeça o caminho. Chama-se Rio Cinzento. De lá, pela travessia em Tharbad, a antiga estrada os levará à fronteira. 'O Condado', é como o chamam”.

- Sim, em verdade Saruman sabe a respeito. Chegaram-lhe mercadorias dessa terra pela estrada. Poupe-me, Senhor! De fato nada direi sobre nosso encontro a qualquer vivente.

O Senhor dos Nazgûl poupou a vida do Língua de Cobra, não por compaixão, mas porque julgava que ele fora acometido de tão grande terror que jamais ousaria falar de seu encontro (como de fato ocorreu), e via que a criatura era malévola e provavelmente ainda causaria grandes danos a Saruman, caso vivesse. Por isso. deixou-o prostrado no chão e seguiu a cavalo, sem se preocupar em voltar a Isengard. A vingança de Sauron podia esperar.

Dividiu então sua companhia em quatro pares, que cavalgariam separados, mas ele próprio seguiu à frente com o par mais veloz. Assim, saíram de Rohan pelo oeste e exploraram a desolação de Enedwaith, chegando por fim a Tharbad. De lá atravessaram Minhiriath; e, apesar de ainda não estarem reunidos, um rumor de medo se espalhou ao seu redor, e as criaturas selvagens se esconderam, e os homens solitários bateram em fuga. Mas capturaram alguns fugitivos na estrada; e, para deleite do Capitão, descobriram que dois deles eram espiões e servos de Saruman. Um fora freqüentemente empregado no tráfico entre Isengard e o Condado, e, apesar de ele mesmo não ter passado além da Quarta Sul, possuía mapas preparados por Saruman que claramente representavam e descreviam o Condado. Os Nazgûl apossaram-se deles e o mandaram prosseguir até Bri para continuar espionando; mas o preveniram de que estava agora a serviço de Mordor; e, se um dia tentasse voltar a Isengard, eles o matariam sob tortura.

A noite estava terminando no dia 22 de setembro quando, reunindo-se outra vez, chegaram ao Vau Sarn e aos limites mais meridionais do Condado. Encontraram-nos vigiados, pois os Guardiões lhes impediam o caminho. Mas essa era uma tarefa além do poder dos dúnedain; e talvez assim tivesse sido mesmo que seu capitão Aragorn estivesse com eles. Mas ele estava longe no norte, na Estrada Leste perto de Bri; e o coração dos próprios dúnedain os deixou apreensivos. Alguns fugiram para o norte, esperando levar notícias a Aragorn, mas foram perseguidos e mortos ou expulsos para os ermos. Alguns ainda se atreveram a fechar o vau e mantiveram posição enquanto durou o dia, mas à noite o Senhor de Morgul os arrasou, e os Cavaleiros Negros entraram no Condado. Antes que os galos cantassem na madrugada do dia 23 de setembro, alguns cavalgavam para o norte através da região, ao mesmo tempo em que Gandalf, montado em Scadufax, cavalgava por Rohan muito atrás deles.

(ii)

Outras versões da história

Decidi publicar a versão apresentada acima por ser a narrativa mais bem acabada; mas há muitos outros escritos que dizem respeito a esses eventos, fazendo acréscimos ou modificando a história em detalhes importantes. Esses manuscritos são confusos e suas relações são obscuras, apesar de todos sem dúvida derivarem do mesmo período, e é suficiente notar a existência de dois outros relatos básicos além do recém-mencionado (chamado aqui, por conveniência, de ("A"). Uma segunda versão ("B") concorda em geral com A na estrutura narrativa, mas uma terceira ("C"), em forma de esboço de enredo, com início num ponto posterior da história, introduz algumas diferenças substanciais, e inclino-me a crer que ela seja a mais recente em ordem de composição. Existe ainda algum material ("D") que trata mais de perto do papel de Gollum nos acontecimentos, bem como várias outras notas acerca dessa parte da história.

Em D consta que o que Gollum revelou a Sauron sobre o Anel e o lugar onde foi encontrado foi suficiente para prevenir Sauron de que aquele era de fato o Um, mas que, sobre seu paradeiro atual, só conseguiu descobrir que fora roubado nas Montanhas da Névoa por uma criatura chamada *Bolsem,* e que *Boiseiro* vinha de uma terra chamada *Condado.* Os temores de Sauron foram bastante minorados quando percebeu, pelo relato de Gollum, que *Bolseiro* devia ser uma criatura da mesma espécie.

Gollum não conheceria o termo "hobbit", que era local e não uma palavra universal em westron. Provavelmente não usaria "Pequeno", visto que ele mesmo era um, e os hobbits não gostavam desse nome. Foi por isso que, ao que parece, os Cavaleiros só tinham duas informações principais a norteá-los: *Condado* e *Bolseiro.*

Por todos os relatos está claro que Gollum sabia pelo menos em que direção ficava o Condado; mas, se bem que a tortura certamente pudesse arrancar mais dele. Sauron evidentemente não fazia idéia de que *Bolseiro* vinha de uma região muito distante das Montanhas da Névoa, nem de que Gollum sabia onde ela ficava, e presumiu que ele seria encontrado nos Vales do Anduin, na mesma região em que o próprio Gollum vivera outrora.

Esse foi um engano muito pequeno e natural - mas possivelmente o erro mais importante que Sauron cometeu em todo o caso. Não fosse por ele, os Cavaleiros Negros teriam chegado ao Condado semanas antes.

No texto B conta-se mais sobre a viagem de Aragorn, com Gollum capturado, rumo ao norte até o reino de Thranduil, e consideram-se com maior atenção as dúvidas de Sauron acerca do uso dos Espectros do Anel na busca do Anel.

[Após sua libertação de Mordor] Gollum logo desapareceu nos Pântanos Mortos, aonde os emissários de Sauron não puderam ou não quiseram segui-lo. Nenhum outro espião de Sauron pôde trazer-lhe qualquer notícia. (Sauron provavelmente ainda tinha muito pouco poder em Eriador, e poucos agentes; e os que enviava eram freqüentemente tolhidos ou enganados pelos servos de Saruman.) Assim, por fim ele resolveu usar os Espectros do Anel. Relutara em fazê-lo até saber precisamente onde estava o Anel, por várias razões. Eles eram de longe os mais poderosos dentre seus servos, e os mais adequados para uma tal missão, pois estavam inteiramente escravizados por seus Nove Anéis, que ele mesmo detinha agora; eram totalmente incapazes de agir contra sua

vontade; e, se um deles, mesmo seu capitão, o Rei dos Bruxos, tivesse se apossado do Um Anel, ele o teria trazido de volta a seu Mestre. Mas apresentavam desvantagens enquanto não começasse a guerra aberta (para a qual Sauron ainda não estava preparado). Todos, exceto o Rei dos Bruxos, estavam sujeitos a se extraviar andando a sós durante o dia; e todos, mais uma vez à exceção do Rei dos Bruxos, temiam a água e relutavam, salvo na mais extrema necessidade, em entrar nela ou atravessar correntezas, a não ser que uma ponte lhes garantisse fazê-lo a seco. Ademais, sua principal arma era o terror. Este era de fato maior quando estavam despidos e invisíveis; e era também maior quando estavam todos juntos. Assim, qualquer missão na qual fossem enviados dificilmente poderia ser executada em segredo, enquanto a travessia do Anduin e de outros rios representava um obstáculo. Por essas razões, Sauron hesitou muito tempo, pois não desejava que seus principais inimigos se dessem conta do mandado de seus servos. Deve-se supor que Sauron inicialmente não sabia que alguém, além de Gollum e do “'ladrão Bolseiro”, tinha qualquer conhecimento sobre o Anel. Até Gandalf chegar e interrogá-lo, Gollum não sabia que Gandalf tinha qualquer ligação com Bilbo. Nem sabia da existência de Gandalf.

Mas, quando Sauron soube da captura de Gollum por seus inimigos, a situação sofreu uma drástica mudança. Evidentemente não se pode saber com certeza quando e como isso aconteceu. É provável que tenha sido muito tempo depois. De acordo com Aragorn, Gollum foi capturado ao cair da noite em 1 de fevereiro. Esperando evitar ser detectado por algum dos espiões de Sauron, ele levou Gollum através do extremo norte das Emyn Muil, e atravessou o Anduin logo acima de Sarn Gebir. Era freqüente que ali houvesse madeira flutuante lançada sobre os baixios perto da margem leste; e, amarrando Gollum a um tronco, Aragorn atravessou a nado com ele. Continuou sua viagem rumo ao norte, pelas trilhas mais ocidentais que pôde encontrar, seguindo pelas beiradas de Fangorn, atravessando o Limclaro, depois o Nimrodel e o Veio de Prata, passando pelas bordas de Lórien, e seguindo adiante, evitando Moria e o Vale do Riacho Escuro, atravessou o Rio de Lis até se aproximar do Carrock. Lá voltou a atravessar o Anduin com a ajuda dos beornings e penetrou na Floresta. Toda a viagem, a pé, não ficou muito abaixo de novecentas milhas, e Aragorn a realizou com exaustão em cinqüenta dias, alcançando Thranduil no dia 21 de março.

Assim, o mais provável é que as primeiras notícias sobre Gollum tivessem chegado aos servos de Dol Guldur depois de Aragorn entrar na Floresta; pois, embora o poder de Dol Guldur supostamente terminasse na Velha Estrada da Floresta, eram muitos seus espiões no bosque. É claro que a notícia levou algum tempo para chegar ao comandante Nazgûl de Dol Guldur, e ele provavelmente só informou Barad-dûr depois de tentar saber mais sobre o paradeiro de Gollum. Então teria sido sem dúvida no final de abril que Sauron ouviu dizer que Gollum fora visto de novo, aparentemente prisioneiro nas mãos de um homem. Isso podia significar pouca coisa. Nem Sauron nem qualquer dos seus servos ainda tinham conhecimento de Aragorn ou de quem ele era. Porém evidentemente mais tarde (visto que as terras de Thranduil estariam então sob vigilância estrita), talvez um mês mais tarde, Sauron tenha ouvido a notícia inquietante de que os Sábios sabiam de Gollum e de que Gandalf havia entrado no reino de Thranduil.

Então Sauron deve ter-se enchido de ira e apreensão. Decidiu usar os Espectros do Anel assim que fosse possível, pois agora a velocidade era mais importante que o sigilo. Esperando assustar seus inimigos e perturbar seus conselhos com o temor da guerra (que ele não pretendia deflagrar por algum tempo), atacou Thranduil e Gondor quase ao mesmo tempo. Tinha estes dois objetivos adicionais: capturar ou matar Gollum, ou pelo menos privar dele seus inimigos; e forçar a passagem da ponte de Osgiliath, de forma que os Nazgûl pudessem atravessar, enquanto testava a força de Gondor.

Gollum acabou escapando. Mas a passagem da ponte ocorreu. As forças ali empregadas foram provavelmente muito menores do que pensavam os homens de Gondor. No pânico do primeiro ataque, quando foi permitido ao Rei dos Bruxos revelar-se brevemente em seu pleno terror, os Nazgûl atravessaram a ponte à noite e se dispersaram ramo ao norte. Sem menosprezar o valor de Gondor, que Sauron de fato considerou muito maior do que esperara, está claro que Boromir e Faramir conseguiram rechaçar o inimigo e destruir a ponte, apenas porque o ataque agora alcançara seu objetivo principal.

Em nenhum lugar meu pai explicou o terror que os Espectros do Anel sentiam pela água. No relato recém-mencionado este torna-se um importante motivo para o ataque de Sauron a Osgiliath, e ele ressurge em notas detalhadas sobre os movimentos dos Cavaleiros Negros no Condado: assim, diz-se do Cavaleiro (que era de fato Khamûl de Dol Guldur, vide nota 1) visto do lado oposto da Balsa de Buqueburgo, logo depois que os hobbits atravessaram *(A Sociedade do Anel,* I, V), que "ele estava bem consciente de que o Anel atravessara o rio; mas o rio era uma barreira ao seu senso de movimento", e os Nazgûl não queriam tocar as águas "élficas" do Baranduin. Mas não está claro como atravessaram outros rios que ficavam em seu caminho, tais como o Rio Cinzento, onde havia apenas "um arriscado vau formado pelas ruínas da ponte". De fato, meu pai observou que a idéia era difícil de sustentar.

O relato, na versão B, da vã viagem dos Nazgûl pelos Vales do Anduin acima, é bem parecido com o apresentado acima na íntegra (A), mas com a diferença de que em B os povoados dos Grados não estavam inteiramente desertos naquela época; e os Grados que ali viviam foram mortos ou expulsos pelos Nazgúl'. Em todos os textos, as datas precisas divergem ligeiramente entre si e das indicadas no Conto dos Anos. Essas diferenças não são consideradas aqui.

Em D encontra-se um relato de como Gollum viveu após escapar dos orcs de Dol Guldur e antes que a Sociedade entrasse pelo Portão Oeste de Moria. Está mal-acabado e necessitou de algumas pequenas revisões editoriais.

Parece claro que, perseguido tanto pelos elfos quanto pelos orcs, Gollum atravessou o Anduin, provavelmente a nado, e assim esquivou-se da caçada de Sauron; mas, visto que era ainda caçado pelos elfos e não ousava passar perto de Lórien (somente a atração do próprio Anel fez com que mais tarde ousasse fazer isso), escondeu-se em Moria. Isso foi provavelmente no outono daquele ano; daí em diante perderam-se todos os vestígios dele.

Evidentemente não se pode saber ao certo o que aconteceu com Gollum em seguida. Gollum possuía uma aptidão peculiar para sobreviver em tais apuros, mesmo que à custa de grande aflição; mas corria enorme risco de ser descoberto pelos servos de Sauron que espreitavam em Moria, especialmente porque a pouca comida de que necessitava só podia ser obtida por meio de furtos arriscados. Sem dúvida pretendera usar Moria simplesmente como passagem secreta rumo ao oeste, tendo como propósito encontrar o "Condado" o mais depressa possível; mas perdeu-se, e passou muito tempo antes que conseguisse se orientar. Assim, parece provável que não alcançara o Portão Oeste havia muito tempo quando os Nove Andantes chegaram. Nada sabia, é claro, sobre a ação das portas. A ele deviam parecer enormes e imóveis; e, apesar de não terem fechadura nem tranca, e se abrirem para fora quando empurradas, ele não descobriu isso. Fosse como fosse, estava agora longe de qualquer fonte de comida, pois os orcs ficavam principalmente na extremidade leste de Moria, e tornara-se fraco e desesperado, de forma que, mesmo que soubesse tudo acerca das portas, ainda assim não teria conseguido abri-las. Foi portanto uma sorte singular para Gollum que os Nove Andantes chegassem quando chegaram.

A história da chegada dos Cavaleiros Negros a Isengard em setembro de 3018, e da subseqüente captura de Gríma Língua de Cobra, conforme contada em A e B, está muito alterada na versão C, que só retoma a narrativa quando eles voltam rumo ao sul na travessia do Limclaro. Em A e B foi dois dias após a fuga de Gandalf de Orthanc que os Nazgûl chegaram a Isengard; Saruman disse-lhes que Gandalf se fora. e negou qualquer conhecimento do Condado, mas foi traído por Gríma. que eles capturaram no dia seguinte enquanto corria para Isengard com notícias da chegada de Gandalf a Edoras. Em C, por outro lado, os Cavaleiros Negros chegaram ao Portão de Isengard enquanto Gandalf ainda estava prisioneiro na torre. Nesse relato, Saruman, temeroso e desesperado, e percebendo o pleno horror da servidão a Mordor, resolveu subitamente ceder diante de Gandalf e implorar seu perdão e sua ajuda. Contemporizando ao Portão, confessou que Gandalf estava dentro e disse que tentaria descobrir o que este sabia. Se isso de nada adiantasse, entregaria Gandalf a eles. Então Saruman foi às pressas ao topo de Orthanc – e descobriu que Gandalf se fora. Para o sul. com a lua poente ao fundo, ele viu uma grande Águia voando em direção a Edoras.

Agora o caso de Saruman piorara. Se Gandalf tinha escapado, ainda havia uma probabilidade real de que Sauron não conseguiria o Anel e seria derrotado. Em seu coração, Saruman reconhecia o grande poder e a estranha "boa sorte" que acompanhavam Gandalf. Mas agora estava sozinho para lidar com os Nove. Sua disposição mudou, e seu orgulho reafirmou-se em ira aliada a um acesso de inveja diante da fuga de Gandalf da impenetrável Isengard. Voltou ao Portão e mentiu, dizendo que fizera Gandalf confessar. Não admitiu que aquele era seu próprio conhecimento, pois não estava a par do quanto Sauron sabia da sua mente e do seu coração. - Eu mesmo relatarei isto ao Senhor de Barad-dûr - disse altivo -, a quem falo de longe sobre assuntos importantes que nos dizem respeito. Mas tudo o que precisam saber na missão que lhes confiou é onde fica "o Condado". Isso, diz Mithrandir, é a noroeste daqui, a umas seiscentas milhas, nos limites da região élfica perto do mar. - Para seu prazer. Saruman viu que isso não agradou nem mesmo ao Rei dos Bruxos. - Precisam atravessar o Isen pelos Vaus, e depois, contornando o fim das Montanhas, dirigir-se a Tharbad no Rio Cinzento. Vão depressa, e relatarei ao seu Mestre que assim fizeram.

Essa hábil fala convenceu até mesmo o Rei dos Bruxos, por aquele momento, de que Saruman era um aliado fiel, de extrema confiança de Sauron. Os Cavaleiros deixaram o Portão imediatamente e cavalgaram a toda para os Vaus do Isen. Atrás deles, Saruman mandou lobos e orcs em vã perseguição a Gandalf; mas nisso tinha também outros propósitos: o de impressionar os Nazgûl com seu poderio, talvez também o de evitar que se detivessem por perto; e em sua ira desejava causar algum dano a Rohan, e aumentar o medo dele que seu agente Língua de Cobra estava construindo no coração de Théoden.

Língua de Cobra estivera em Isengard fazia pouco, e estava então retornando a Edoras; entre os perseguidores havia alguns que lhe levavam mensagens.

Quando se livrou dos Cavaleiros, Saruman fechou-se em Orthanc e permaneceu sentado em meditação austera e terrível. Parece que se decidiu a contemporizar ainda, e ainda a esperar obter o Anel para si. Pensava que, dirigindo os Cavaleiros para o Condado, haveria de impedi-los, não ajudá-los, pois sabia da vigia dos Guardiões, e cria também (conhecendo as palavras oraculares do sonho e a missão de Boromir) que o Anel se fora e já estava a caminho de Valfenda. Imediatamente reuniu e enviou para Eriador todos os espiões, pássaros sentinelas e agentes que pôde convocar.

Nessa versão, portanto, está ausente o elemento da captura de Gríma pelos Espectros do Anel e de sua traição contra Saruman; pois, de acordo com esse relato, está claro que não há tempo suficiente para Gandalf alcançar Edoras e tentar avisar o Rei Théoden, nem para Gríma, por sua vez, partir para Isengard para avisar Saruman, antes de os Cavaleiros Negros deixarem Rohan.

Aqui a revelação de que Saruman lhes mentira acontece através do homem que capturaram e descobriram levar mapas do Condado; e diz-se mais sobre esse homem e os

negócios de Saruman com o Condado.

Quando os Cavaleiros Negros haviam avançado muito Enedwaith adentro e se aproximavam por fim de Tharbad, tiveram o que foi um grande golpe de sorte para eles, porém desastroso para Saruman, e mortalmente arriscado para Frodo.

Por muito tempo. Saruman sentira interesse pelo Condado - porque Gandalf se interessava, e Saruman suspeitava dele. Também porque (mais uma vez imitando Gandalf em segredo) passara a apreciar a "folha dos Pequenos", e precisava de suprimentos, mas por orgulho (visto que certa vez zombara do uso da erva por Gandalf.) mantinha o máximo segredo a esse respeito. Em épocas mais recentes acrescentaram-se outros motivos. Gostava de estender seu poderio, especialmente para invadir a espera de ação de Gandalf, e descobriu que o dinheiro que podia fornecer para a compra da "erva" lhe dava poder, e corrompia alguns dos hobbits, em especial os Justa-Correias, que possuíam muitas plantações, e da mesma forma os Sacola-Bolseiros. Mas também começara a ter certeza de que, de algum modo, o Condado estava ligado ao Anel na mente de Gandalf. Por que essa forte guarda em seu redor? Portanto começou a coletar informações detalhadas sobre o Condado, suas pessoas e famílias principais, suas estradas e outros assuntos. Para tanto usava hobbits de dentro do Condado, a soldo dos Justa-Correias e dos Sacola-Bolseiros, mas seus agentes eram homens, de origem terrapardense. Quando Gandalf se recusara a negociar com ele, Saruman redobrara seus esforços. Os Guardiões tinham suspeitas, mas não chegavam a proibir a entrada aos servos de Saruman - pois Gandalf não estava disponível para avisá-los; e, quando se fora a Isengard, Saruman ainda era reconhecido como aliado.

Algum tempo antes, um dos servos mais confiáveis de Saruman (porém um indivíduo desordeiro, um proscrito da Terra Parda, onde muitos diziam que tinha sangue de orc) voltara das fronteiras do Condado, onde estivera negociando a compra de "erva" e outros suprimentos. Saruman começava a abastecer Isengard para o caso de guerra. Aquele homem estava então voltando para dar prosseguimento aos negócios e para organizar o transporte de muitas mercadorias antes que o outono acabasse. Também tinha ordens para entrar no Condado, se possível, e descobrir se houvera alguma partida recente de pessoas bem conhecidas. Estava bem suprido de mapas, listas de nomes e notas acerca do Condado.

Esse terrapardense foi alcançado por vários Cavaleiros Negros quando estes se aproximavam da travessia de Tharbad. Em extremo terror, foi arrastado até o Rei dos Bruxos e interrogado. Salvou a vida traindo Saruman. Assim, o Rei dos Bruxos descobriu que Saruman sabia muito bem, todo o tempo, onde ficava o Condado, e sabia muitas coisas a seu respeito que poderia e deveria ter contado aos servos de Sauron se fosse um aliado fiel. O Rei dos Bruxos também obteve muitas informações, incluindo algumas sobre o único nome que lhe interessava: *Bolseiro.* Foi por essa razão que a Vila dos Hobbits foi designada como um dos pontos para visita e interrogatório imediatos.

O Rei dos Bruxos tinha agora uma compreensão mais clara do assunto. Muito tempo atrás conhecera algo sobre a região, em suas guerras contra os dúnedain, e especialmente sobre as Tyrn Gorthad de Cardolan, agora as Colinas dos Túmulos, cujos espíritos malignos ele mesmo mandara para lá. Vendo que seu Mestre suspeitava de algum movimento entre o Condado e Valfenda, viu também que Bri (cuja posição conhecia) seria um ponto importante, ao menos para informações. Portanto lançou a Sombra do terror sobre o terrapardense e o enviou a Bri como agente. Era ele o sulista vesgo na estalagem.

Na versão B está mencionado que o Capitão Negro não sabia se o Anel ainda estava no Condado; que tinha de descobrir.

O Condado era muito grande para uma investida violenta como a que fizera contra os Grados. Precisava recorrer ao máximo de segredo e ao mínimo de terror possível, e ainda assim vigiar os limites do leste. Portanto mandou alguns Cavaleiros entrar no Condado, com ordens de se dispersarem ao atravessá-lo; e entre eles Khamûl deveria encon-

trar a Vila dos Hobbits (vide nota 1), onde vivia “Bolseiro”, de acordo com os papéis de Saruman. Mas o Capitão Negro estabeleceu um acampamento em Andrath, onde o Caminho Verde passava por um desfiladeiro entre as Colinas dos Túmulos e as Colinas do Sul; e de lá outros foram enviados para vigiar e patrulhar os limites do leste, enquanto ele próprio visitava as Colinas dos Túmulos. Em notas sobre os movimentos dos Cavaleiros Negros naquela época está dito que o Capitão Negro permaneceu lá por alguns dias, e que as Criaturas Tumulares foram despertadas, e todas as coisas de espírito maligno, hostis aos elfos e aos homens, estavam em alerta com malevolência na Floresta Velha e nas Colinas dos Túmulos.

(iii)

Acerca de Gandalf, de Saruman e do Condado

Outro conjunto de papéis do mesmo período consiste em um grande número de relatos inacabados sobre os negócios anteriores entre Saruman e o Condado. Especialmente no que diziam respeito à “'erva dos Pequenos”, assunto que com relação ao “sulista vesgo”. O texto seguinte é uma versão dentre muitas, mas é a mais bem-acabada, apesar de mais breve que outras.

Saruman logo ficou com inveja de Gandalf, e essa rivalidade por fim se transformou em ódio, mais profundo por estar oculto, e mais amargo porque Saruman sabia em seu coração que o Caminheiro Cinzento tinha maior força e maior influência sobre os habitantes da Terra-média, embora escondesse seu poder e não desejasse nem temor nem reverência. Saruman não o reverenciava, mas passou a temê-lo, pois estava sempre inseguro quanto até que ponto Gandalf percebia o íntimo de sua mente perturbando-se mais com seus silêncios que com suas palavras. Assim era que abertamente tratava Gandalf com menos respeito que outros dentre os Sábios, e estava sempre pronto a contradizê-lo ou a fazer pouco de seus conselhos. Em segredo, porém, notava e ponderava tudo o que ele dizia, mantendo guarda, o mais que podia, sobre todos os seus movimentos.

Foi dessa maneira que Saruman veio a reparar nos Pequenos e no Condado, que de outro modo teria julgado indignos de sua atenção. Inicialmente não imaginava que o interesse de seu rival por aquele povo estivesse de algum modo relacionado às grandes preocupações do Conselho, e muito menos aos Anéis de Poder. Pois de fato no começo tal relação não existia, e o interesse de Gandalf devia-se apenas ao amor que sentia pelo Povo Pequeno, a não ser que seu coração tivesse alguma premonição profunda fora do alcance de seus pensamentos despertos. Por muitos anos, visitou o Condado abertamente e falava sobre sua gente a quem quisesse ouvir; e Saruman sorria, como que ante as histórias ociosas de um velho andarilho, mas prestava atenção ainda assim.

Vendo então que Gandalf considerava o Condado digno de uma visita, o próprio Saruman o visitou, porém disfarçado e no mais absoluto sigilo, até ter explorado e observado todos os seus costumes e terras, e pensar que descobrira tudo o que havia para saber a respeito. E, mesmo quando lhe pareceu que ir até lá não era mais nem prudente nem proveitoso, ainda tinha espiões e serviçais que lá entravam ou mantinham sob vigilância suas fronteiras. Pois ainda tinha suspeitas. Ele mesmo decaíra tanto que cria que cada um dos demais membros do Conselho tinha suas políticas profundas e de longo alcance para o próprio engrandecimento, e que tudo o que faziam de algum modo se

referia a elas. Assim, quando muito tempo depois descobriu algo sobre o achamento do Anel de Gollum pelo Pequeno, só conseguia acreditar que Gandalf soubera disso o tempo todo; e esse era seu maior ressentimento, pois considerava território seu tudo o que dissesse respeito aos Anéis. Sua ira não foi nem um pouco diminuída por ser merecida e justa a desconfiança que Gandalf sentia dele.

Na realidade, porém, na verdade a espionagem e o grande sigilo de Saruman não tinham no começo um propósito maligno, mas eram tão-somente uma insensatez nascida do orgulho. Assuntos pequenos, aparentemente indignos de serem relatados, podem ainda demonstrar sua grande importância antes do fim. Para dizer a verdade, ao observar a predileção de Gandalf pela erva que chamava de "erva-de-fumo" (pela qual, dizia, se não por nada mais, o Povo Pequeno deveria merecer honrarias). Saruman fingira zombar dela, mas em particular a experimentou, e logo passou a usá-la. Por esse motivo, o Condado mantinha sua importância para ele. No entanto, ele temia que isso fosse descoberto, e que sua própria zombaria se voltasse contra ele, de forma que seria ridicularizado por imitar Gandalf, e desprezado por fazê-lo em segredo. Essa era portanto a razão para seu grande sigilo em todos os seus negócios com o Condado, mesmo desde o início, antes que qualquer sombra de dúvida tivesse surgido a respeito do local, quando era pouco vigiado, livre para os que desejassem entrar. Também por esse motivo Saruman deixou de ir até lá em pessoa; pois ficou sabendo que não passara inteiramente despercebido dos Pequenos de vista aguçada, e alguns, vendo o vulto como que de um velho em traje cinzento ou castanho-avermelhado, esgueirando-se pelos bosques ou passando pela penumbra, haviam-no confundido com Gandalf.

Depois disso, Saruman não foi mais ao Condado, temendo que tais histórias se espalhassem e talvez chegassem aos ouvidos de Gandalf. Mas Gandalf sabia dessas visitas, e adivinhava seu objetivo. E ria, pensando que esse era o mais inofensivo dos segredos de Saruman; mas nada disse aos outros, pois nunca era seu desejo envergonhar qualquer pessoa. No entanto, não ficou desagradado quando as visitas de Saruman cessaram, pois já suspeitava dele; mas nem o próprio Gandalf era capaz de prever que chegaria uma época em que o conhecimento de Saruman sobre o Condado demonstraria ser perigoso e da maior utilidade para o Inimigo, trazendo a vitória até muito perto do seu alcance.

Em outra versão está descrita a ocasião em que Saruman zombou abertamente do uso da "erva-de-fumo" por Gandalf:

Ora, por causa de sua aversão e seu medo, nos tempos posteriores, Saruman evitava Gandalf, e os dois raramente se encontravam, salvo nas assembléias do Conselho Branco. Foi no grande Conselho realizado em 2851 que pela primeira vez se falou na "erva dos Pequenos", e na época o assunto foi considerado divertido, apesar de mais tarde ser relembrado a uma luz diferente. O Conselho reuniu-se em Valfenda, e Gandalf ficou sentado à parte, em silêncio, mas fumando prodigiosamente (algo que nunca fizera até então em ocasiões semelhantes), enquanto Saruman falava contra ele, e insistia em que, contrariando o conselho de Gandalf, Dol Guldur ainda não fosse molestado. Tanto o silêncio quanto a fumaça pareciam incomodar Saruman enormemente; e, antes que o Conselho se dispersasse, ele disse a Gandalf: - Quando assuntos de peso estão em debate, Mithrandir, espanta-me um pouco que você se divirta com seus brinquedos de fogo e fumaça, enquanto outros debatem a sério.

Mas Gandalf riu e respondeu: - Não se espantaria se você mesmo usasse esta erva. Descobriria que a fumaça soprada limpa sua mente das sombras interiores. Seja como for,

ela confere paciência, para escutar os desacertos sem se enraivecer. Mas não é um dos meus brinquedos. É uma arte do Povo Pequeno lá no oeste: gente alegre e valorosa, apesar de ter pouca importância, quem sabe, nas suas altas políticas.

Saruman ficou pouco aplacado com esta resposta (pois odiava a zombaria, por muito comedida que fosse), e disse então com frieza: - Está brincando, Senhor Mithrandir, como costuma fazer. Sei muito bem que se tornou um curioso explorador do miúdo: plantinhas, criaturas selvagens e gente pueril. Gaste seu tempo como quiser, se não tem nada de mais valia para fazer; e pode fazer os amigos que bem entender. Mas a ocasião me parece demasiado sombria para histórias de viandantes, e não tenho tempo para as ervas dos camponeses.

Gandalf não riu outra vez e não respondeu, mas, olhando atentamente para Saruman, deu uma tragada no cachimbo e emitiu um grande anel de fumaça, com muitos anéis menores a segui-lo. Então ergueu a mão como quem quisesse agarrá-los, e eles desapareceram. Com isso. levantou-se e deixou Saruman sem mais palavra; mas Saruman permaneceu em silêncio por algum tempo, e seu rosto estava carregado de dúvida e desagrado.

Essa história aparece em meia dúzia de manuscritos diferentes, e em um deles consta que Saruman tinha suspeitas,

imaginando se interpretara corretamente o significado do gesto de Gandalf com os anéis de fumaça (acima de tudo, se demonstrava alguma conexão ente os Pequenos e o importante assunto dos Anéis de Poder, por muito improvável que isso parecesse); e duvidando que alguém tão importante pudesse se ocupar de um povo como os Pequenos, apenas em consideração a eles próprios.

Em outro trecho (riscado), o propósito de Gandalf é explicitado:

Foi uma estranha coincidência que, irado com sua insolência. Gandalf tivesse escolhido aquele modo de mostrar a Saruman sua suspeita de que o desejo de possuí-los houvesse começado a entrar em suas políticas e seu estudo da tradição dos Anéis; e de avisá-lo de que eles lhe escapariam. Pois não se pode duvidar de que Gandalf ainda não imaginasse que os Pequenos (e muito menos seu hábito de fumar) tivessem qualquer conexão com os Anéis. Se tivesse alguma idéia nesse sentido, certamente não teria feito o que fez então. No entanto, mais tarde, quando os Pequenos de fato foram envolvidos naquele assunto importantíssimo, Saruman só pôde acreditar que Gandalf tivera conhecimento ou premonição dele, e escondera o conhecimento dele e do Conselho - exatamente com a finalidade que Saruman conceberia: obter a posse e adiantar-se a ele.

No Conto dos Anos, o registro de 2851 refere-se à reunião do Conselho Branco naquele ano, quando Gandalf recomendou um ataque a Dol Guldur, mas seu voto foi indeferido por Saruman; e uma nota de rodapé desse registro diz: "Posteriormente ficou claro que Saruman começara então a desejar o Um Anel para si próprio, e esperava que ele pudesse se revelar, procurando seu mestre, se Sauron fosse deixado em paz por um tempo". A história precedente demonstra que o próprio Gandalf suspeitava de que Saruman tivesse esse desejo à época do Conselho de 2851; porém meu pai mais tarde comentou que parecia, pela história contada por Gandalf ao Conselho de Elrond sobre seu encontro com Radagast, que ele não tinha sérias suspeitas de que Saruman fosse um traidor (ou desejasse o Anel para si) antes que ele, Galdalf, fosse aprisionado em Orthanc.

CAPÍTULO V
As batalhas dos Vaus do Isen

Os principais obstáculos a uma conquista fácil de Rohan por Saruman eram Théodred e Éomer: homens vigorosos, devotados ao Rei e detentores de seu alto afeto, como seu filho único e filho de sua irmã. Fizeram tudo o que puderam para frustrar a influência que Gríma obteve sobre o Rei quando a saúde deste começou a se deteriorar. Isso ocorreu no início do ano de 3014, quando Théoden estava com 66 anos de idade. Seu mal pode portanto ter decorrido de causas naturais, embora os rohirrim normalmente vivessem até perto dos oitenta anos ou ainda mais. Mas pode muito bem ter sido induzido ou agravado por venenos sutis administrados por Gríma. Seja como for, o sentido que Théoden tinha de debilidade e dependência de Gríma derivava mormente da esperteza e habilidade das sugestões desse conselheiro malévolo. Era sua política desacreditar seus principais oponentes diante de Théoden, e livrar-se deles, se possível. Demonstrou ser impossível criar rivalidade entre eles: Théoden, antes de sua "doença", fora muito amado por toda a sua família e seu povo, e a lealdade de Théodred e Éomer permaneceu firme, mesmo na sua aparente senilidade. Tampouco era Éomer um homem ambicioso, e seu amor e respeito por Théodred (treze anos mais velho que ele) só ficava atrás de seu amor pelo pai de criação. Portanto, Gríma tentou jogá-los um contra o outro na mente de Théoden, mostrando Éomer como sempre ávido por aumentar sua própria autoridade e por agir sem consultar o Rei nem seu Herdeiro. Nisso teve algum sucesso, que deu frutos quando Saruman finalmente conseguiu obter a morte de Théodred.

Foi visto claramente em Rohan, quando ficaram conhecidos os relatos verdadeiros das batalhas nos Vaus, que Saruman dera ordens especiais para que Théodred fosse morto a qualquer custo. Na primeira batalha, todos os seus guerreiros mais ferozes foram engajados em ataques implacáveis a Théodred e sua guarda, sem dar atenção aos demais acontecimentos da batalha, que de outra forma poderia ter resultado em uma derrota muito mais danosa para os rohirrim. Quando Théodred foi morto afinal, o comandante de Saruman (sem dúvida obedecendo a ordens) pareceu satisfeito por ora, e Saruman cometeu o erro, que demonstrou ser fatal, de não introduzir imediatamente novas forças e não empreender de pronto uma invasão maciça do Folde Ocidental; embora o valor de Grimbold e Elfhelm contribuísse para o atraso. Se a invasão do Folde Ocidental tivesse começado cinco dias antes, há pouca dúvida de que os reforços de Edoras jamais teriam se aproximado do Abismo de Helm, mas teriam sido cercados e derrotados na planície aberta; isso, se na verdade a própria Edoras não fosse atacada e capturada antes da chegada de Gandalf.

Foi dito que o valor de Grimbold e Elfhelm contribuiu para o atraso de Saruman, que demonstrou ser desastroso para ele. O relato acima talvez subestime sua importância.

O Isen descia veloz desde sua nascente acima de Isengard, mas na região plana do desfiladeiro tornava-se lento até voltar-se para o oeste; então prosseguia através de terras que desciam em longas encostas até as baixadas costeiras da Gondor mais distante e de Enedwaith, e tornava-se fundo e rápido. Logo acima dessa curva para o oeste ficavam os Vaus do Isen. Ali o rio era largo e raso, passando em dois ramos à volta de uma ampla ilhota, sobre uma plataforma rochosa coberta de pedras e seixos arrastados do norte. Somente aqui, ao sul de Isengard, era possível que grandes tropas atravessassem o rio, especialmente se portassem armas pesadas ou estivessem montadas. Assim, Saruman tinha esta vantagem: podia mandar suas tropas descer por qualquer margem do Isen e atacar os Vaus, caso fossem guarnecidos contra ele, por ambos os lados. Qualquer força

sua a oeste do Isen podia, se necessário, recuar até Isengard. Por outro lado, Théodred podia mandar homens atravessar os Vaus, quer com força suficiente para enfrentar as tropas de Saruman, quer para defender a cabeça de ponte ocidental; mas se fossem derrotados não teriam como recuar, a não ser voltando pelos Vaus com o inimigo nos calcanhares, e possivelmente também esperando por eles na margem leste. Ao sul e a oeste, ao longo do Isen, não tinham como voltar para casa, salvo se estivessem aprovisionados para uma longa viagem através de Gondor Ocidental.

O ataque de Saruman não foi imprevisto, mas chegou antes do que se esperava. Os batedores de Théodred o haviam avisado de uma concentração de tropas diante dos Portões de Isengard, principalmente (conforme parecia) na margem oeste do Isen. Portanto, ele guarneceu os acessos aos Vaus, do leste e do oeste, com robustos homens a pé recrutados no Folde Ocidental. Deixando três companhias de Cavaleiros, com manadas de cavalos e montarias de reserva, na margem leste, ele próprio atravessou com a força principal de sua cavalaria: oito companhias e uma companhia de arqueiros, com a intenção de aniquilar o exército de Saruman antes que este estivesse plenamente preparado.

Mas Saruman não tinha revelado suas intenções, nem a plena força de suas tropas. Já estavam em marcha quando Théodred partiu. A cerca de vinte milhas ao norte dos Vaus, Théodred encontrou a vanguarda deles e a dispersou com perdas. Mas, quando seguiu cavalgando para atacar a hoste principal, a resistência recrudesceu. O inimigo estava de fato em posições preparadas para o evento, atrás de trincheiras guarnecidas com lanceiros, e Théodred, no *éored* dianteiro, foi detido e quase cercado, pois novas forças vindas às pressas de Isengard agora o flanqueavam pelo oeste.

Desvencilhou-se com a chegada das companhias que vinham por trás dele; mas, quando olhou em direção ao leste, ficou consternado. A manhã havia sido turva e nevoenta, mas as brumas se afastavam através do desfiladeiro, levadas por uma brisa do oeste, e longe, a leste do rio. ele divisou outras forças que agora se apressavam na direção dos vaus, se bem que não se podia adivinhar sua grandeza. Ordenou uma retirada imediata. Esta foi realizada em boa ordem e com poucas perdas adicionais pelos Cavaleiros, bem treinados na manobra: mas não se livraram do inimigo nem se afastaram muito dele, pois a retirada sofreu muitos atrasos, quando a retaguarda sob o comando de Grimbold foi obrigada a encarar os perseguidores e rechaçar os mais agressivos.

Quando Théodred alcançou os Vaus. o dia estava terminando. Pôs Grimbold no comando da guarnição da margem oeste, reforçada com cinqüenta Cavaleiros a pé. O resto de seus Cavaleiros e todos os cavalos foram imediatamente mandados ao lado oposto do rio, exceto sua própria companhia: com estes, a pé, guarneceu a ilhota para cobrir a retirada de Grimbold. caso fosse rechaçado. Isso mal estava feito quando o desastre ocorreu. A tropa oriental de Saruman atacou com velocidade insuspeitada. Era muito menor que a tropa ocidental, porém mais perigosa. Na vanguarda estavam alguns cavaleiros terrapardenses e uma grande matilha dos terríveis orcs montados em lobos, temidos pelos cavalos. Atrás deles vinham dois batalhões dos ferozes uruks, com armamento pesado e treinados para se movimentarem a grande velocidade por muitas milhas. Os cavaleiros e os orcs montados em lobos acometeram as manadas de cavalos e cercaram os animais para matá-los ou dispersá-los. A guarnição da margem leste, surpreendida pelo súbito ataque dos uruks em massa, foi aniquilada, e os Cavaleiros que tinham acabado de atravessar do oeste foram apanhados ainda desorganizados. Embora lutassem desesperadamente, foram expulsos dos Vaus ao longo da linha do Isen, com os uruks a persegui-los.

Assim que o inimigo se apossou da extremidade leste dos Vaus, surgiu uma

companhia de homens ou homens-orcs (evidentemente despachados com esse fim), ferozes, trajando cotas de malha e armados com machados. Correram até a ilhota e a atacaram por ambos os lados. Ao mesmo tempo Grimbold, na margem oeste, foi atacado pelas forças de Saruman daquele lado do Isen. Olhando para o leste, aturdido com os ruídos da batalha e os hediondos gritos de vitória dos orcs, Grimbold viu os homens com machados expulsando os de Théodred das margens da ilhota em direção ao pequeno outeiro em seu centro, e ouviu a forte voz de Théodred gritando *A mim, Eorlingas!* Imediatamente Grimbold, tomando alguns homens que estavam próximos, voltou correndo à ilhota. Foi tão feroz sua investida por trás dos atacantes que Grimbold, homem de grande força e estatura, abriu caminho a golpes de espada, até que com dois outros alcançou Théodred, acuado no outeiro. Tarde demais. Quando chegou a seu lado, Théodred tombou, golpeado por um grande homem-orc. Grimbold matou-o e ficou de pé sobre o corpo de Théodred, crendo-o morto; e lá ele mesmo logo teria morrido, não fosse a vinda de Elfhelm.

Em obediência à convocação de Théodred, Elfhelm vinha apressado de Edoras pela estrada dos cavalos, liderando quatro companhias. E esperava uma batalha, porém só após alguns dias. Mas, perto da junção daquela estrada com outra que descia do Abismo, seus batedores do flanco direito relataram que haviam visto dois orcs montados em lobos à solta nos campos. Pressentindo que algo estava errado, não se desviou para o Abismo de Helm por aquela noite, como pretendia, mas cavalgou a toda velocidade a para os Vaus. A estrada dos cavalos voltava-se para o noroeste depois de se encontrar com a estrada do Abismo, mas fazia outra curva fechada para o oeste quando atingia o nível dos Vaus, dos quais se aproximava em um trecho reto de cerca de duas milhas. Assim, Elfhelm nada ouviu nem viu das lutas entre a guarnição em retirada e os uruks ao sul dos Vaus. O sol havia descido e a luz era escassa quando se aproximou da última curva da estrada, e ali encontrou alguns cavalos correndo soltos e uns poucos fugitivos que lhe falaram do desastre. Apesar de ter agora homens e cavalos exaustos, cavalgou pela reta com a máxima velocidade possível e, ao chegar à vista da margem leste, ordenou a suas companhias que atacassem.

Foi a vez de as tropas de Isengard ficarem atônitas. Ouviram o trovejar dos cascos e viram, chegando como sombras negras diante do leste que escurecia, uma grande hoste (assim parecia) com Elfhelm à cabeça, e a seu lado um estandarte branco levado para guiar os que vinham atrás. Poucos agüentaram firmes. A maioria fugiu rumo ao norte, perseguida por duas das companhias de Elfhelm. As demais ele fez desmontar para guardarem a margem leste, mas imediatamente, com os homens de sua própria companhia, correu para a ilhota. Os homens armados com machados estavam agora apanhados entre os defensores sobreviventes e a investida de Elfhelm, com ambas as margens ainda mantidas pelos rohirrim. Continuaram lutando, mas antes do fim foram todos mortos. O próprio Elfhelm, no entanto, saltou sobre o outeiro; e lá encontrou Grimbold combatendo contra dois grandes homens com machados pela posse do corpo de Théodred. Um foi morto imediatamente por Elfhelm, e o outro tombou diante de Grimbold.

Pararam então para erguer o corpo, e descobriram que Théodred ainda respirava; mas só viveu o bastante para pronunciar suas últimas palavras: *Deixem-me deitado aqui... para manter os Vaus até Éomer chegar!* Caiu a noite. Soou uma trompa estridente, e depois tudo ficou em silêncio. O ataque na margem oeste cessou, e ali o inimigo dissolveu-se na escuridão. Os rohirrim dominavam os Vaus do Isen; mas suas perdas eram pesadas, mesmo as de cavalos. O filho do Rei estava morto, eles não tinham líder e não sabiam o que ainda poderia acontecer.

Quando, após uma noite fria e sem sono, voltou a luz cinzenta, não havia vestígio das tropas de Isengard, a não ser os muitos que haviam sido deixados mortos no campo. Lobos uivavam ao longe, esperando que os homens vivos partissem. Muitos homens dispersos pelo súbito ataque de Isengard começaram a voltar, alguns ainda montados, alguns conduzindo cavalos recapturados. Mais tarde naquela manhã, a maior parte dos Cavaleiros de Théodred que havia sido expulsa rumo ao sul, ao longo do rio, por um batalhão de uruks negros, voltou desgastada pelo combate, mas em boa ordem. Tinham uma história semelhante para contar. Haviam parado em uma colina baixa e se prepararam para defendê-la. Apesar de terem atraído para longe parte da força de ataque de Isengard, a retirada para o sul sem provisões era finalmente sem esperança. Os uruks haviam resistido a todas as tentativas de fuga para o leste, e os impeliam em direção da região, agora hostil, do "marco ocidental" da Terra Parda. Mas, quando os cavaleiros se preparavam para resistir a seu ataque, apesar de já ser noite alta, soou uma trompa; e logo descobriram que o inimigo se fora. Tinham muito poucos cavalos para tentar uma perseguição, ou mesmo para atuar como batedores, na medida em que isso lhes teria adiantado de noite. Após algum tempo começaram cautelosos a avançar outra vez rumo ao norte, mas não encontraram oposição. Pensavam que os uruks haviam voltado para reforçar a dominação dos Vaus, e lá esperavam travar combate outra vez. Grande foi seu espanto ao encontrar os rohirrim no comando. Foi só mais tarde que descobriram aonde haviam ido os uruks.

Assim terminou a Primeira Batalha dos Vaus do Isen. Da Segunda Batalha jamais foram feitos relatos tão claros, em virtude dos eventos muito mais importantes que se seguiram imediatamente. Erkenbrand do Folde Ocidental assumiu o comando da Fronteira Ocidental quando as notícias da morte de Théodred lhe chegaram no Forte da Trombeta no dia seguinte. Enviou mensageiros a Edoras para anunciar isso e para levar a Théoden as últimas palavras de seu filho, acrescentando seu próprio pedido de que Éomer fosse enviado de pronto com todo o auxílio de que pudesse dispor. - Que a defesa de Edoras seja feita aqui no oeste - disse - e que não se espere até que ela mesma esteja sitiada. - Mas Gríma usou o tom abrupto desse conselho para reforçar sua política de tardança. Foi só quando ele foi derrotado por Gandalf que se empreendeu qualquer ação. Os reforços, com Éomer e o próprio Rei, partiram na tarde de 2 de março, mas naquela noite a Segunda Batalha dos Vaus foi travada e perdida, e a invasão de Rohan começou.

Erkenbrand não seguiu ele mesmo de imediato para o campo de batalha. Tudo estava em confusão. Não sabia que tropas podia recrutar às pressas; nem podia ainda estimar as perdas que as tropas de Théodred efetivamente tinham sofrido. Julgou, com acerto, que a invasão era iminente, mas que Saruman não usaria passar para o leste para atacar Edoras enquanto o Forte Ha Trombeta permanecesse invicto, caso estivesse guarnecido e bem abastecido. Com esse assunto e a reunião do maior contingente possível de homens do Folde Ocidental, ocupou-se por três dias. Deu o comando em campo a Grimbold, até que ele mesmo pudesse ir; mas não assumiu comando sobre Elfhelm e seus Cavaleiros, que pertenciam à Tropa de Edoras. Os dois comandantes eram amigos, porém, e ambos homens leais sábios, não havendo dissensão entre eles. A organização de suas tropas era um acordo conciliatório entre suas opiniões divergentes. Elfhelm afirmava que os Vaus não eram mais importantes, mas sim uma armadilha para prender homens que em outro lugar estariam mais bem empregados, visto que Saruman evidentemente podia mandar tropas descerem por qualquer margem do Isen, conforme lhe conviesse; e seu propósito imediato seria sem dúvida devastar o Folde Ocidental e investir contra o Forte da Trombeta, antes que qualquer ajuda efetiva pudesse chegar de Edoras. Seu exército, ou a maior parte dele, desceria portanto pela margem leste do Isen; pois, embora daquele

lado, por terreno mais acidentado e sem estradas, sua aproximação fosse mais lenta, não teriam de forçar a travessia dos Vaus. Elfhelm recomendou, portanto, que os Vaus fossem abandonados; que todos os homens de infantaria disponíveis fossem reunidos na margem leste e dispostos em posição adequada para deter o avanço do inimigo: uma longa linha de terreno em aclive que corria do oeste para o leste algumas milhas ao norte dos Vaus; mas que a cavalaria se retirasse rumo ao leste, até um ponto de onde, quando o inimigo em avanço estivesse em combate com a defesa, uma investida com o maior impacto pudesse ser efetuada contra seu flanco e os impelisse para dentro do rio. - Que o Isen seja a armadilha para eles e não para nós!

Grimbold, por outro lado, não desejava abandonar os Vaus. Isso se devia em parte à tradição do Folde Ocidental, na qual ele e Erkenbrand haviam sido criados; mas não era totalmente sem razão. - Não sabemos - disse - que tropa Saruman ainda tem sob seu comando. Mas se de fato seu propósito for assolar o Folde Ocidental, expulsar seus defensores para o Abismo de Helm e contê-los lá, então ela deve ser muito grande. É improvável que ele a exiba toda de uma vez. Assim que adivinhe ou descubra como dispusemos nossa defesa, certamente enviará grande força a toda a pressa pela estrada de Isengard e, atravessando os Vaus indefesos, nos atacará pelas costas, se estivermos todos reunidos no norte.

Por fim, Grimbold guarneceu a extremidade oeste dos Vaus com a maior parte de seus soldados de infantaria; ali estavam em posição vantajosa nos fortes de terra que guardavam os acessos. Ele permaneceu com o restante de seus homens, incluindo o que lhe restava da cavalaria de Théodred, na margem leste. Deixou a ilhota desguarnecida. Elfhelm, porém, retirou seus Cavaleiros e assumiu posição na linha onde desejara dispor a defesa principal; seu propósito era divisar o mais depressa possível qualquer ataque que descesse ao leste do rio, e dispersá-lo antes que pudesse alcançar os Vaus.

Tudo transcorreu mal, como era muito provável que tivesse transcorrido de qualquer maneira: a força de Saruman era demasiadamente grande. Iniciou seu ataque durante o dia, e antes do meio-dia de 2 de março uma forte tropa de seus melhores combatentes, descendo a Estrada de Isengard, atacou os fortes a oeste dos Vaus. Essa tropa era na verdade apenas uma pequena parte daquilo de que dispunha, não mais do que julgava suficiente para dar cabo da defesa debilitada. Mas a guarnição dos Vaus, embora em número muito menor, resistiu com obstinação. Por fim, porém, quando ambos os fortes estavam em franco combate, uma tropa de uruks forçou passagem entre eles e começou a atravessar os Vaus. Grimbold, confiando em que Elfhelm deteria o ataque do lado leste, cruzou com todos os homens que lhe restavam e os rechaçou - por algum tempo. Mas então o comandante inimigo lançou mão de um batalhão que não estivera comprometido e rompeu as defesas. Grimbold foi obrigado a se retirar para o lado oposto do Isen. Já era quase a hora do pôr-do-sol. Ele sofrera grandes perdas, mas infligira perdas muito mais pesadas ao inimigo (principalmente orcs), e ainda dominava a margem leste. O inimigo não tentou atravessar os Vaus e subir combatendo as encostas íngremes para deslocá-lo; ainda não.

Elfhelm não conseguira participar nessa ação. No crepúsculo retirou suas companhias e retrocedeu até o acampamento de Grimbold, dispondo seus homens em grupos a alguma distância, para agirem como anteparo contra ataques do norte e do leste. Pelo sul não temiam mal nenhum, e esperavam por auxílio. Depois da retirada pelos Vaus. imediatamente haviam sido despachados mensageiros para Erkenbrand e para Edoras, com notícias de seus apuros. Temendo, em verdade sabendo, que um mal maior os acometeria dentro em breve, a não ser que logo os alcançasse um auxílio do que já não tinham esperança, os defensores prepararam-se para fazer o possível para deter o avanço

de Saruman antes de serem esmagados. A maior parte ficou de prontidão, e apenas alguns de cada vez tentavam repousar brevemente e dormir o quanto pudessem. Grimbold e Elfhelm estavam insones, aguardando a aurora e temendo o que ela haveria de trazer.

Não tiveram de esperar tanto. Ainda não era meia-noite quando pontos de luz vermelha foram vistos, chegando do norte e já se aproximando pelo oeste do rio. Era a vanguarda de todas as tropas restantes de Saruman, que ele agora lançava na batalha para a conquista do Folde Ocidental. Vinham a grande velocidade, e de repente pareceu que toda a hoste irrompeu em chamas. Centenas de tochas foram acesas com aquelas levadas pelos líderes das tropas, e, reunindo ao seu fluxo as forças que já guarneciam a margem oeste, precipitaram-se por sobre os Vaus como um rio de fogo, com grande clamor de ódio. Uma grande companhia de arqueiros poderia tê-los feito arrepender-se da luz de suas tochas, mas Grimbold tinha apenas um punhado de arqueiros. Não conseguiria manter a margem leste, e retirou-se dela, formando uma grande muralha de escudos em torno de seu acampamento. Logo este estava cercado, e os atacantes jogavam tochas entre eles, e lançavam algumas por sobre o topo da muralha de escudos, esperando atear fogo entre as provisões e aterrorizar os cavalos que Grimbold ainda possuía. Mas a muralha de escudos agüentava. Então, visto que os orcs eram de menor valia em tais combates por causa de sua estatura, ferozes companhias dos homens terrapardenses das colinas foram arremessadas contra ela. No entanto, apesar de todo o seu ódio os terrapardenses ainda temiam os rohirrim quando os encontravam face a face, além de serem menos hábeis no combate e menos bem armados. A muralha de escudos ainda agüentava.

Grimbold em vão esperou que viesse auxílio de Elfhelm. Não veio nenhum. Então por fim resolveu realizar, se pudesse, o plano que já fizera para o caso de se encontrar em tal situação desesperadora. Finalmente reconhecera a sabedoria de Elfhelm, e compreendeu que. por muito que seus homens lutassem até estarem todos mortos, e isso fariam se ele ordenasse, um tal valor não ajudaria Erkenbrand: cada homem que conseguisse escapar e fugir para o sul seria mais útil, embora pudesse parecer inglório.

A noite fora encoberta e escura, mas agora a lua crescente começava a luzir através das nuvens em movimento. Vinha um vento do leste: o precursor da grande tempestade que, chegado o dia, passaria por cima de Rohan e romperia sobre o Abismo de Helm na noite seguinte. Grimbold deu-se conta de repente de que a maioria das tochas havia sido apagada e a fúria do ataque se extinguira. Portanto fez montar imediatamente os cavaleiros para os quais havia montarias disponíveis, não muito mais que meio *éored,* e os pôs sob o comando de Dúnhere. A muralha de escudos foi aberta do lado leste e os Cavaleiros passaram, rechaçando seus atacantes daquele lado; depois, dividindo-se e dando a volta, investiram contra o inimigo ao norte e ao sul do acampamento. A súbita manobra teve êxito durante algum tempo. O inimigo ficou confuso e atônito; muitos pensaram inicialmente que viera uma grande tropa de Cavaleiros do leste. O próprio Grimbold permaneceu a pé, com uma retaguarda de homens seletos, já escolhidos, e, cobertos naquele momento por eles e pelos Cavaleiros sob o comando de Dúnhere, os remanescentes recuaram o mais depressa que puderam. Mas o comandante de Saruman logo percebeu que a muralha de escudos estava rompida e os defensores estavam em fuga. Felizmente a lua foi encoberta por nuvens, deixando tudo escuro mais uma vez, e ele se apressou. Não permitiu que suas tropas prolongassem a perseguição dos fugitivos muito longe na escuridão, agora que os Vaus haviam sido capturados. Reuniu suas forças da melhor maneira que pôde e se dirigiu à estrada rumo ao sul. Foi assim que sobreviveu a maior parte dos homens de Grimbold. Foram dispersos na noite, mas, conforme ele ordenara, seguiram seus caminhos longe da Estrada, a leste da grande curva onde ela se voltava para o oeste, em direção ao Isen. Ficaram aliviados, mas espantados, de não

encontrar inimigos, sem saber que um grande exército já havia algumas horas passara rumo ao sul, e que Isengard estava agora protegida por pouco mais do que seus próprios reforços de muralha e portão.

Foi por essa razão que não viera ajuda de Elfhelm. Mais da metade das tropas de Saruman fora na verdade enviada para o leste do Isen. Chegaram mais devagar que a divisão ocidental, pois o terreno era mais acidentado e desprovido de estradas; e não levavam luzes. Mas diante deles, velozes e silenciosos, iam vários grupos dos temidos orcs montados em lobos. Antes que Elfhelm tivesse qualquer aviso da aproximação dos inimigos pelo seu lado do rio, os orcs montados em lobos estavam entre ele e o acampamento de Grimbold; e também tentavam cercar cada um dos seus pequenos grupos de cavaleiros. Estava escuro, e toda a sua tropa estava desorganizada. Reuniu todos os que pôde em um grupo compacto de cavaleiros, mas foi obrigado a recuar para o leste. Não podia alcançar Grimbold, apesar de saber que este estava em apuros e estivera prestes a vir em sua ajuda quando fora atacado pelos orcs montados em lobos. Mas também teve a impressão correta de que os orcs montados em lobos eram apenas os precursores de uma força numerosa demais para ser enfrentada, que se dirigiria para a estrada rumo ao sul. A noite estava terminando; só lhe restava aguardar a aurora.

O que se seguiu está menos claro, pois apenas Gandalf tinha pleno conhecimento a esse respeito. Recebeu notícias do desastre somente no final da tarde de 3 de março. O Rei estava então em um ponto não longe a leste do entroncamento da Estrada com o ramal que ia para o Forte da Trombeta. De lá, eram cerca de noventa milhas em linha reta até Isengard; e Gandalf deve ter cavalgado até lá à maior velocidade de que Scadufax era capaz. Alcançou Isengard quando começava a escurecer, e partiu de novo não mais de vinte minutos depois. Tanto na viagem de ida, quando sua rota direta o faria passar perto dos Vaus, quanto na volta para o sul ao encontro de Erkenbrand, deve ter encontrado Grimbold e Elfhelm. Estavam convencidos de que ele agia em nome do Rei, não somente pela sua aparição montado em Scadufax, mas também porque conhecia o nome do mensageiro, Ceorl, e a mensagem que ele levara; e aceitaram como ordens o conselho que deu. Mandou os homens de Grimbold para o sul para se unirem a Erkenbrand [...]

APÊNDICE

(i)

Em escritos associados com o presente texto, dão-se alguns detalhes adicionais a respeito dos Marechais da Terra dos Cavaleiros no ano de 3019 e após o fim da Guerra do Anel:

> Marechal da Terra dos Cavaleiros era o mais alto posto militar, e o título dos lugar-tenentes do Rei (originalmente três), comandantes das tropas reais de Cavaleiros totalmente equipados e treinados. O distrito do Primeiro Marechal era a capital, Edoras, com as Terras do Rei adjacentes (incluindo o Vale Harg). Ele comandava os Cavaleiros da Tropa de Edoras, recrutados daquele distrito, e de algumas partes da Fronteira Oeste e da Fronteira Leste* para as quais Edoras era o lugar de reunião mais conveniente. O Segundo e o Terceiro Marechal recebiam comandos de acordo com as necessidades da

época. No começo do ano de 3019, a ameaça de Saruman era a mais urgente, e o Segundo Marechal, Théodred, filho do Rei, tinha o comando da Fronteira Oeste, com sua base no Abismo de Helm; o Terceiro Marechal, Éomer, sobrinho do Rei, tinha por distrito a Fronteira Leste, com base no seu lar, Aldburg no Folde**.

* Estes eram termos usados apenas com referência à organização militar. Seu limite era o Riacho de Neve até sua confluência com o Entágua, e de lá rumo ao norte pelo Entágua. [N. do A.]

** Aqui ficava a casa de Eorl. Depois que Brego, filho de Eorl, se mudou Para Edoras, ela passou às mãos de Eofor, terceiro filho de Brego, de quem descendia Éomund, pai de Éomer. O Folde era parte das Terras do Rei, mas Aldburg continuava sendo a base mais conveniente para a Tropa da Fronteira Leste. [N. do A.]

Nos dias de Théoden ninguém detinha o posto de Primeiro Marechal. Ele assumiu o trono ainda jovem (com 32 anos), vigoroso e com espírito marcial, além de ser grande cavaleiro. Se viesse a guerra, ele mesmo comandaria a Tropa de Edoras; mas seu reino esteve em paz por muitos anos, e ele saía com seus cavaleiros e sua Tropa somente em exercícios e exibições, embora a sombra de Mordor novamente desperta crescesse continuamente desde sua infância até sua velhice. Nessa paz, os Cavaleiros e outros homens armados da guarnição de Edoras eram governados por um oficial da patente de marechal (nos anos de 3012-19 era Elfhelm). Quando Théoden envelheceu, prematuramente, ao que parecia, essa situação continuou, e não havia comando central efetivo: um estado de coisas encorajado por seu conselheiro Gríma. O Rei, caindo em decrepitude e raramente deixando sua casa, adquiriu o hábito de expedir ordens a Háma, Capitão de sua Casa, a Elfhelm, e até mesmo aos Marechais da Terra dos Cavaleiros, através da boca de Gríma Língua de Cobra. Havia ressentimento contra isso, mas as ordens eram obedecidas, no interior de Edoras. Quanto ao combate, quando começou a guerra contra Saruman, Théodred assumiu o comando geral sem receber ordens. Recrutou tropas em Edoras e enviou grande parte de seus Cavaleiros sob o comando de Elfhelm para reforçar a Tropa da Fronteira Oeste e ajudar a resistir à invasão.

Em tempos de guerra ou distúrbios, cada Marechal da Terra dos Cavaleiros tinha sob suas ordens imediatas, como parte de sua "casa" (isto é, aquartelado em armas em sua residência), um *éored* preparado para combate, que em caso de emergência podia usar a seu próprio critério. Era isso que Éomer fizera de fato*; mas a acusação contra ele, pronunciada por Gríma, era que naquele caso o Rei o proibira de levar qualquer uma das tropas ainda não comprometidas da Fronteira Leste para longe de Edoras, que estava com defesas insuficientes; que ele sabia do desastre dos Vaus do Isen e da morte de Théodred antes de perseguir os orcs para o remoto Descampado; e que também tinha permitido, contra as ordens gerais, que estranhos andassem livres, e até lhes emprestara cavalos.

Após a morte de Théodred, o comando da Fronteira Oeste (mais uma vez sem ordens de Edoras) foi assumido por Erkenbrand, Senhor da Garganta do Abismo e de muitas outras terras no Folde Ocidental. Na juventude fora, como a maioria dos senhores, um oficial dos Cavaleiros do Rei, mas não era mais. Era, no entanto, o principal senhor da Fronteira Oeste, e, como seu povo estava em perigo, era seu direito e sua obrigação reunir todos dentre eles que fossem capazes de portar armas para resistir à invasão. Assim assumiu também o comando dos Cavaleiros da Tropa Ocidental; mas Elfhelm permaneceu no comando independente dos Cavaleiros da Tropa de Edoras que Théodred convocara em seu auxílio.

Após a cura de Théoden por Gandalf, a situação mudou. O Rei voltou a assumir o comando pessoalmente. Éomer foi reempossado e tornou-se virtualmente Primeiro Marechal, pronto a tomar o comando caso o Rei tombasse ou sua força falhasse; mas o título não era usado, e na presença do Rei em armas ele podia apenas aconselhar e não emitir

ordens. O papel que ele efetivamente desempenhava era, portanto, muito semelhante ao de Aragorn: um temível campeão entre os companheiros do Rei*².

Quando a Tropa Completa se reuniu no Vale Harg, e a "linha de viagem" e a ordem de batalha foram consideradas e determinadas na medida do possível*³, Éomer permaneceu nessa posição, cavalgando com o Rei (como comandante do *éored* líder, a Companhia do Rei) e agindo como seu principal conselheiro. Elfhelm tornou-se Marechal da Terra dos Cavaleiros, liderando o primeiro *éored* da tropa da Fronteira Leste.

Grimbold (não mencionado antes na narrativa) tinha a função, mas não o título, de Terceiro Marechal, e comandava a tropa da Fronteira Oeste. Grimbold morreu na Batalha dos Campos de Pelennor, e Elfhelm tornou-se lugar-tenente de Éomer como Rei** . Foi deixado no comando de todos os rohirrim em Gondor quando Éomer foi ao Portão Negro, e derrotou o exército hostil que invadira Anórien (O *Retomo do Rei,* V, final do capítulo IX e início do X). Ele é mencionado como uma das principais testemunhas da coroação de Aragorn (*ibid.,* VI, V).

Está registrado que após o funeral de Théoden, quando Éomer reorganizou seu reino, Erkenbrand foi nomeado Marechal da Fronteira Oeste, e Elfhelm Marechal da Fronteira Leste, e esses títulos foram mantidos, em vez de Primeiro e Segundo Marechal, sendo que nenhum deles tinha precedência sobre o outro. Em tempos de guerra, fazia-se uma nomeação especial ao cargo de Sub-Rei: seu detentor governava o reino enquanto o Rei estivesse ausente com o exército, ou então assumia o comando no campo se o Rei, por qualquer razão, permanecesse em casa. Em tempos de paz. o cargo só era preenchido quando o Rei delegava sua autoridade em virtude de doença ou velhice; o detentor era então o Herdeiro natural do trono, caso fosse homem de idade suficiente. Mas na guerra o Conselho não concordava que um Rei idoso enviasse seu Herdeiro à batalha fora do reino, a não ser que tivesse pelo menos mais um filho.

* Isto é, quando Éomer perseguiu os orcs, captores de Meriadoc e Peregrin, que haviam descido a Rohan das Emyn Muil. As palavras que Éomer usou com Aragorn foram: "Conduzi meu *éored,* homens de minha própria casa" *(As Duas Torres,* III, II).

*² Os que não conheciam os acontecimentos da corte naturalmente presumiam que os reforços enviados para o oeste estavam sob o comando de Éomer, como único Marechal da Terra dos Cavaleiros remanescente. [N. do A.] - Aqui a referência é às palavras de Ceorl, o Cavaleiro, que encontrou os reforços vindos de Edoras e lhes contou o que ocorrera na Segunda Batalha dos Vaus do Isen *(As Duas Torres,* III, VII).

*³ Théoden convocou um conselho dos "marechais e capitães" imediatamente, e antes de fazer sua refeição; mas este não está descrito, pois Meriadoc não estava presente ("Gostaria de saber sobre o que estão conversando"). [N. do A.] - A referência é a O *Retorno do Rei.* V, III.

** Grimbold era um marechal menor dos Cavaleiros da Fronteira Oeste sob comando de Théodred, e recebeu esse posto, como homem valoroso em ambas as batalhas dos Vaus, porque Erkenbrand era mais velho, e o Rei sentia que era necessário alguém com dignidade e autoridade para ser deixado no comando das tropas de que podia dispor para a defesa de Rohan. [N. do A.] - Grimbold não é mencionado na narrativa do *Senhor dos Anéis* antes da organização final dos rohirrim diante de Minas Tirith *(O Retorno do Rei,* V. V).

(ii)

Uma longa nota sobre o texto (na parte em que se discutem as opiniões divergentes dos comandantes sobre a importância dos Vaus do Isen, é apresentada aqui. Seu primeiro trecho repete em larga medida a história relatada em outro lugar deste livro, mas julguei melhor publicá-la na íntegra.

> Nos dias antigos, o limite meridional e oriental do Reino do Norte havia sido o Rio Cinzento; o limite ocidental do Reino do Sul era o Isen. À terra entre eles (a Enedwaith ou "região média") poucos númenorianos jamais haviam ido, e nenhum se estabelecera ali. Nos dias dos Reis era parte do reino de Gondor*, mas era de pouca importância para eles, exceto para a patrulha e manutenção da grande Estrada Real. Esta se estendia desde Osgiliath e Minas Tirith até Fornost no norte longínquo, atravessava os Vaus do Isen e cruzava Enedwaith, mantendo-se nas terras mais altas no centro e no nordeste até precisar descer à região ocidental em torno do baixo Rio Cinzento, que atravessava por um dique elevado que levava a uma grande ponte em Tharbad. Naquela época, a região era pouco populosa. Nos pântanos das fozes do Rio Cinzento e do Isen viviam algumas tribos de "Homens Selvagens", pescadores e caçadores de aves, mas aparentados, na raça e no idioma, com os drúedain das florestas de Anórien**. Nos sopés ocidentais das Montanhas da Névoa morava o remanescente do povo que os rohirrim mais tarde chamaram de terrapardenses: um povo taciturno, aparentado com os antigos habitantes dos vales das Montanhas Brancas que foram amaldiçoados por Isildur*[3]. Tinham pouco apreço por Gondor, mas, apesar de bastante intrépidos e ousados, eram muito poucos e tinham excessivo respeito pelo poderio dos Reis para incomodá-los, ou para desviar os olhos de leste, de onde vinham todos os seus principais perigos. Os terrapardenses sofreram, como todos os povos de Arnor e Gondor, na Grande Peste dos anos de 1636-37 da Terceira Era, porém menos que a maioria, visto que moravam separados e pouco tratavam com outros homens. Quando terminaram os dias dos Reis (1975-2050) e começou o declínio de Gondor, deixaram efetivamente de ser súditos de Gondor. A Estrada Real não era mantida em Enedwaith, e a Ponte de Tharbad, arruinada, foi substituída apenas por um perigoso vau. Os limites de Gondor eram o Isen e o Desfiladeiro de Calenardhon (como se chamava então). O Desfiladeiro era vigiado pelas fortalezas de Aglarond (o Forte da Trombeta) e Angrenost (Isengard); e os Vaus do Isen, o único acesso fácil a Gondor, eram sempre guardados contra qualquer incursão vinda das "Terras Selvagens".

* A afirmativa de que Enedwaith, nos dias dos Reis, era parte do reino de Gondor parece conflitar com a imediatamente anterior, de que "o limite ocidental do Reino do Sul era o Isen". Em outro lugar consta que Enedwaith "'não pertencia a nenhum dos reinos".
** Cf. p. 297. onde se diz que "um grupo bastante numeroso, mas bárbaro, de pescadores morava entre as fozes do Gwathló e do Angren (Isen)". Lá não se faz menção a qualquer parentesco entre esses povos e os drúedain, embora conste que estes viviam (e lá sobreviveram até a Terceira Era) no promontório de Andrast, ao sul das fozes do Isen.

> Mas, durante a Paz Vigilante (de 2063 a 2460), o povo de Calenardhon minguou: os mais vigorosos, ano após ano, iam para o leste para manter a linha do Anduin; os que ficavam tornaram-se rústicos e muito afastados das preocupações de Minas Tirith. As guarnições dos fortes não eram renovadas, e eram deixadas aos cuidados de chefes hereditários locais cujos súditos tinham sangue cada vez mais misto. Pois os terrapardenses continuamente atravessavam o Isen, sem serem detidos. Era assim quando se renovaram os ataques a Gondor vindos do leste, e orcs e Orientais invadiram Calenardhon e sitiaram os fortes, que não teriam resistido por muito tempo. Então chegaram os rohirrim: e, após a

vitória de Eorl no Campo de Celebrant no ano de 2510, seu povo numeroso e aguerrido precipitou-se Calenardhon adentro com inúmeros cavalos, expulsando ou destruindo os invasores do leste. Cirion, o Regente, deu-lhes a posse de Calenardhon, que daí em diante foi chamada de Terra dos Cavaleiros, ou em Gondor Rochand (mais tarde Rohan). Os rohirrim começaram imediatamente a povoar aquela região, porém durante o reinado de Eorl suas fronteiras orientais, ao longo das Emyn Muil e do Anduin, estavam ainda sob ataque. Mas no tempo de Brego e Aldor os terrapardenses foram outra vez desenraizados e expulsos para além do Isen, e os Vaus do Isen foram guardados. Assim os rohirrim atraíram o ódio dos terrapardenses, que somente seria apaziguado quando do retorno do Rei, então ainda num futuro longínquo. Sempre que os rohirrim estavam fracos ou em apuros, os terrapardenses renovavam seus ataques.

*[3] Cf. *O Senhor dos Anéis,* Apêndice F (Dos homens): "Estes [os habitantes da Terra Parda] eram remanescentes dos povos que haviam habitado os vales das Montanhas Brancas em épocas passadas. Os Mortos do Templo da Colina eram da sua estirpe. Mas nos Anos Escuros outros se haviam mudado para os vales meridionais das Montanhas Sombrias, e de lá alguns haviam migrado para as terras vazias ao norte, até as Colinas dos Túmulos. Deles descendiam os homens de Bri. mas havia muito tempo eles se tinham sujeitado ao Reino do Norte de Arnor, adotando a língua westron. Somente na Terra Parda os homens dessa raça se ativeram à sua antiga fala e costumes: um povo reservado, hostil aos dúnedain, que odiava os rohirrim".

Jamais houve uma aliança entre povos observada mais à risca por ambos os lados que a aliança entre Gondor e Rohan sob o Juramento de Cirion e Eorl; nem jamais houve guardião das amplas planícies relvadas de Rohan que fosse mais condizente com sua terra que os Cavaleiros. Não obstante, havia em sua posição uma grave fraqueza, como se demonstrou com maior clareza nos dias da Guerra do Anel, quando ela quase causou a ruína de Rohan e de Gondor. Era decorrente de muitos fatores. O principal era que os olhos de Gondor sempre tinham-se voltado para o leste, de onde vinham todos os seus perigos; a inimizade dos terrapardenses "selvagens" parecia aos Regentes ter pouca importância. Outro fator era que os Regentes mantinham sob seu próprio domínio a Torre de Orthanc e o Círculo de Isengard (Angrenost); as chaves de Orthanc foram levadas para Minas Tirith, a Torre foi fechada, e o Círculo de Isengard ficou guarnecido apenas por um chefe hereditário gondoriano e seu reduzido povo, aos quais se uniram os antigos guardas hereditários de Aglarond. A fortaleza dali foi reparada com a ajuda de pedreiros de Gondor, e depois entregue aos rohirrim*. Dali eram supridos os guardas dos Vaus. A maior parte de suas habitações estabeleceu-se em volta dos sopés das Montanhas Brancas e nas ravinas e vales do sul. Aos limites setentrionais do Folde Ocidental só iam raramente e se fosse necessário, encarando com temor as beiras de Fangorn (a Floresta Ent) e as muralhas sombrias de Isengard. Pouco interferiam com o "Senhor de Isengard" e sua gente secreta, que acreditavam ser praticantes de magia negra. E de Minas Tirith era cada vez mais raro que viessem emissários a Isengard, até que cessaram. Parecia que, em meio às suas preocupações, os Regentes haviam esquecido a Torre, apesar de guardarem as chaves.

* Que a chamavam de *Glôemscrafu,* mas à fortaleza de Súthburg, e após os dias do Rei Helm de Forte da Trombeta. (N. do A.) - *Glôemscrafu* (onde o *sc* é pronunciado como *sh)* é anglo-saxão, "cavernas de radiância", com o mesmo significado de *Aglarond.*

No entanto, a fronteira ocidental e a linha do Isen eram naturalmente comandadas por Isengard, e isso evidentemente fora bem compreendido pelos Reis de Gondor. O Isen descia da nascente ao longo da muralha oriental do Círculo e, enquanto seguia rumo ao sul, era ainda um rio jovem que não oferecia grande obstáculo a invasores, apesar de suas águas serem ainda muito velozes e estranhamente frias. Mas o Grande Portão de Angre-

nost abria-se a oeste do Isen; e, se a fortaleza estivesse bem guarnecida, os inimigos das terras do oeste teriam de ser muito numerosos para pretender penetrar no Folde Ocidental. Ademais, Angrenost distava dos Vaus menos da metade da distância de Aglarond. e uma ampla estrada para cavalos levava dos Portões aos Vaus, na maior parte do percurso sobre terreno plano. O temor que assombrava a grande Torre e o medo das trevas de Fangorn, que se estendia atrás, poderiam protegê-la por algum tempo; mas, se estivesse desguarnecida e abandonada, como ficou nos últimos dias dos Regentes, essa proteção não valeria muito.

E foi o que aconteceu. No reinado do Rei Déor (2699 a 2718), os rohirrim descobriram que não bastava vigiar os Vaus. Já que nem Rohan nem Gondor davam importância àquele canto afastado do reino, só mais tarde foi que se soube o que acontecera ali. A linhagem dos chefes gondorianos de Angrenost terminara, e o comando da fortaleza passou às mãos de uma família do povo. Estes, como se disse, já havia muito eram de sangue misto e tinham agora mais simpatia pelos terrapardenses que pelos "homens selvagens do norte" que haviam usurpado a terra. Não se ocupavam mais da longínqua Minas Tirith. Após a morte do Rei Aldor. que havia expulsado os últimos terrapardenses e até mesmo assolado suas terras em Enedwaith à guisa de represália, os terrapardenses, sem serem notados por Rohan, mas com a conivência de Isengard, começaram a infiltrar-se outra vez no norte do Folde Ocidental, estabelecendo povoados nas ravinas das montanhas a oeste e a leste de Isengard, e até mesmo nas bordas meridionais de Fangorn. No reinado de Déor, tornaram-se abertamente hostis, atacando as manadas e coudelarias dos rohirrim no Folde Ocidental. Logo ficou claro para os rohirrim que esses atacantes não haviam atravessado o Isen pelos Vaus ou em qualquer ponto muito ao sul de Isengard, pois os Vaus estavam vigiados*. Déor liderou, portanto, uma expedição rumo ao norte e topou com uma hoste de terrapardenses. Derrotou-os; mas ficou atônito ao descobrir que Isengard também era hostil. Pensando ter libertado Isengard de um cerco terrapardense, enviou mensageiros a seus Portões com palavras de boa vontade, mas os Portões se fecharam diante deles, e a única resposta que receberam foram flechadas. Como se soube mais tarde, os terrapardenses, tendo sido recebidos como amigos, haviam tomado o Círculo de Isengard, matando os poucos sobreviventes de seus antigos guardas que não queriam (como a maioria) se misturar ao povo terrapardense. Déor imediatamente mandou notícias ao regente em Minas Tirith (à época, no ano de 2710, Egalmoth), mas este não pôde enviar auxílio, e os terrapardenses permaneceram ocupando Isengard até que, reduzidos pela grande penúria após o Inverno Longo (2758-59), renderam-se à fome e capitularam a Fréaláf (mais tarde primeiro Rei da Segunda Linhagem). Déor, entretanto, não tinha forças para assaltar ou sitiar Isengard; e por muitos anos os rohirrim tiveram de deixar uma forte tropa de Cavaleiros no norte do Folde Ocidental. Esta foi mantida até as grandes invasões de 2758**.

Assim, é fácil compreender as boas-vindas que Saruman recebeu tanto do Rei Fréaláf quanto de Beren, o Regente, quando se ofereceu para assumir o comando de Isengard, repará-la e reorganizá-la como parte das defesas do Oeste. Portanto, quando Saruman fixou residência em Isengard, e Beren lhe deu as chaves de Orthanc, os rohirrim voltaram à sua política de guardar os Vaus do Isen como ponto mais vulnerável da sua fronteira ocidental.

Pouca dúvida pode haver de que Saruman fez sua oferta de boa-fé, ou pelo menos com boa vontade em relação à defesa cio Oeste, desde que ele próprio permanecesse como principal pessoa dessa defesa, e chefe do seu conselho. Era sábio e percebia claramente que Isengard, com sua posição e grande força, natural e artificial, era da máxima importância. A linha do Isen, entre as pinças de Isengard e do Forte da Trombeta, era um baluarte contra invasões do leste (fossem incitadas e guiadas por Sauron ou outras), que se destinassem a circundar Gondor ou a invadir Eriador. Acabou, porém, voltando-se para o mal e se tornou um inimigo. No entanto, os rohirrim, apesar de terem avisos de sua crescente hostilidade a eles. continuaram a concentrar nos Vaus sua força principal no

oeste, até que Saruman, em guerra aberta, lhes mostrou que os Vaus ofereciam pouca proteção sem Isengard, e menos ainda contra ela.

* Muitas vezes faziam-se ataques contra a guarnição da margem oeste, mas não eram levados adiante: na verdade só eram feitos para desviar do norte a atenção dos rohirrim. (N. do A.)
** Um relato dessas invasões de Gondor e Rohan é apresentado em *O Senhor dos Anéis,* Apêndice A (I, iv e II).

QUARTA PARTE
CAPÍTULO I
Os drúedain

O Povo de Haleth era estranho aos demais atani, pois falava um idioma alienígena; e, apesar de se unirem a eles em aliança com os eldar, permaneciam como um povo separado. Entre si mantinham-se fiéis a seu próprio idioma, e, embora aprendessem por necessidade o sindarin para se comunicarem com os eldar e os demais atani, muitos falavam essa língua com hesitação, e alguns dentre os que raramente ultrapassavam os limites de suas próprias florestas não a usavam em absoluto. Não adotavam de bom grado objetos ou costumes novos e mantinham muitas práticas que pareciam estranhas aos eldar e aos demais atani, com quem pouco tratavam, salvo na guerra. No entanto, eram estimados como aliados leais e guerreiros temíveis, se bem que fossem pequenas as companhias que mandavam para combater fora de suas fronteiras. Pois eram, e permaneceram até seu fim, um povo diminuto, preocupado mormente em proteger suas próprias florestas, e destacavam-se no combate nos bosques. Na verdade, por muito tempo nem mesmo os orcs especialmente treinados para essa atividade ousavam aproximar-se de suas fronteiras. Uma das estranhas práticas mencionadas era que muitos de seus guerreiros eram mulheres, apesar de poucas irem a campo para lutar nas grandes batalhas. Esse costume era evidentemente antigo; pois sua chefe Haleth era uma renomada amazona com uma seleta escolta de mulheres.

O mais estranho de todos os costumes do Povo de Haleth era a presença entre eles de um povo de espécie totalmente diversa, tal como nem os eldar em Beleriand nem os demais atani jamais haviam visto. Não eram muitos, talvez algumas centenas, vivendo separados em famílias ou pequenas tribos, mas em amizade, como membros da mesma comunidade. O Povo de Haleth chamava-os pelo nome *drûg,* que era uma palavra de sua própria língua. Aos olhos dos elfos e dos outros homens tinham aspecto desgracioso: eram atarracados (com cerca de quatro pés de altura), mas muito espadaúdos, com nádegas pesadas e pernas curtas e grossas. Seus rostos largos tinham olhos profundos com sobrancelhas espessas e nariz chatos, e não apresentavam pêlos abaixo das sobrancelhas, exceto no caso de alguns homens (que se orgulhavam da distinção), que tinham um pequeno tufo de pêlos negros no meio do queixo. Suas feições eram em geral impassíveis, sendo a boca larga o que mais se movia; e o movimento de seus olhos alertas só podia ser observado de perto, pois eram tão negros que as pupilas não podiam ser distinguidas, mas na ira tinham um fulgor vermelho. A voz era grave e gutural, mas seu riso era uma surpresa: era cheio e retumbante, e fazia com que todos que o ouvissem, elfos ou homens, rissem também por seu puro regozijo sem contaminação de zombaria ou maldade. Na paz,

freqüentemente riam enquanto trabalhavam ou brincavam, quando outros homens talvez cantassem. Mas podiam ser inimigos inexoráveis. E sua ira rubra, uma vez inflamada, esfriava devagar, apesar de não demonstrar sinal, exceto a luz em seus olhos; pois lutavam em silêncio e não exultavam na vitória, nem mesmo contra os orcs, as únicas criaturas pelas quais tinham ódio implacável.

Os eldar os chamavam de drúedain, admitindo-os na classe dos atani, pois foram muito amados enquanto duraram. Ai deles! Não tinham vida longa e sempre foram poucos, tendo suas perdas sido pesadas na contenda com os orcs, que retribuíam seu ódio e se deleitavam em capturá-los e torturá-los. Quando as vitórias de Morgoth destruíram todos os reinos e baluartes dos elfos e dos homens em Beleriand, diz-se que haviam minguado, restando apenas algumas famílias, mormente de mulheres e crianças, algumas das quais foram ter com os últimos refugiados nas Fozes do Sirion.

Nos tempos de outrora, haviam sido de grande valia àqueles entre quem viviam, e eram muito requisitados; porém poucos chegaram a abandonar a terra do Povo de Haleth. Tinham urna maravilhosa habilidade para seguir a pista de todas as criaturas viventes e ensinavam aos amigos o que pudessem de seu ofício: mas seus pupilos não os igualavam, pois os drúedain usavam o faro como cães, só que também tinham a visão aguçada. Gabavam-se de ser capazes de farejar um orc a favor do vento mais longe do que outros homens os conseguiam ver, e podiam seguir seu rastro por semanas, exceto através da água corrente. Seu conhecimento de todas as coisas que crescem era quase igual ao dos elfos (porém não ensinado por estes); e diz-se que, quando se mudavam para uma nova região, em pouco tempo conheciam todas as coisas que lá cresciam, grandes ou diminutas, e davam nomes àquelas que lhes eram novas, distinguindo as venenosas e as úteis para a alimentação.

Os drúedain, assim como os demais atani, não tinham forma de escrita até encontrarem os eldar; mas nunca aprenderam as runas e as escritas dos eldar. Não chegaram mais perto da escrita, pela sua própria invenção, do que o uso de uma série de sinais, simples na maior parte, para marcar trilhas ou dar informações e avisos. No passado remoto, parece que já possuíam pequenos implementos de sílex para raspar e cortar, e ainda os usavam, pois, embora os atani conhecessem metais e alguma arte da forja antes de chegarem a Beleriand, os metais eram difíceis de conseguir e as armas e ferramentas forjadas eram muito custosas. Mas quando, em Beleriand, pela associação com os eldar e o comércio com os anões de Ered Lindon, tais objetos se tornaram mais comuns, os drúedain demonstraram grande talento para o entalhe em madeira ou pedra. Já tinham conhecimento de pigmentos, principalmente derivados de plantas, e desenhavam figuras e motivos na madeira ou em superfícies planas de pedra; e às vezes raspavam nós de madeira para formar rostos que podiam ser pintados. Mas com ferramentas mais afiadas e mais fortes deleitavam-se em esculpir figuras de homens e animais, fossem brinquedos e ornamentos, fossem imagens grandes, às quais os mais habilidosos dentre eles conseguiam imprimir um vigoroso aspecto de vida. Às vezes essas imagens eram estranhas e fantásticas, ou mesmo terríveis: entre as brincadeiras cruéis em que empregavam sua habilidade estava a feitura de formas de orcs que punham nas fronteiras da região, com aspecto de quem está fugindo dali, uivando de terror. Também faziam imagens de si próprios e as colocavam nas entradas de trilhas ou nas curvas de caminhos da floresta. Chamavam-nas de “pedras de vigia”. As mais notáveis delas estavam dispostas perto das Travessias do Teiglin, cada uma representando um drúadan. maior que o tamanho natural, agachado com todo o peso sobre um orc morto. Essas figuras não serviam meramente como insultos a seus inimigos; pois os orcs as temiam e criam que estavam cheias do rancor dos *Oghor-hai* (pois assim chamavam os drúedain), e que

podiam se comunicar com eles. Portanto, raramente ousavam tocá-las ou tentar destruí-las; e, exceto quando eram numerosos, davam a volta diante da “pedra de vigia” e não iam adiante.

No entanto, entre os poderes desse estranho povo talvez o mais notável fosse sua capacidade de total silêncio e imobilidade, que às vezes podiam suportar por muitos dias a fio, sentados de pernas cruzadas, mãos nos joelhos ou no colo, e olhos fechados ou fitando o chão. Acerca disso relatava-se um conto entre o Povo de Haleth:

> Certa vez, um dos mais hábeis escultores de pedra entre os drûgs fez uma imagem de seu pai, que havia morrido; e colocou-a ao lado de um caminho próximo à sua morada. Então sentou-se ao seu lado e caiu num profundo silêncio de recordação. Ocorreu que, pouco tempo depois, um homem da floresta passou por ali em viagem a uma aldeia distante; e, vendo dois drûgs, fez uma reverência e lhes desejou um bom dia. Mas não recebeu resposta e ficou parado por algum tempo, surpreso, olhando-os atentamente. Então seguiu caminho, dizendo consigo: - Grande habilidade têm eles ao trabalhar a pedra, mas nunca vi estátua mais natural. - Três dias depois voltou e, como estava muito cansado, sentou-se e apoiou as costas em uma das figuras. Jogou-lhe o manto em torno dos ombros para secar, pois chovera, mas agora o sol brilhava forte. Ali caiu no sono; mas após algum tempo foi despertado por uma voz atrás dele. - Espero que tenha repousado - dizia -, porém, se deseja dormir mais, peço-lhe que se mude para o outro. Ele nunca mais vai precisar esticar as pernas; e seu manto ao sol está quente demais para mim.

Consta que os drúedain muitas vezes se sentavam assim, em tempos de pesar ou perda, mas às vezes pelo prazer de pensar, ou fazendo planos. Mas também podiam usar essa imobilidade quando estavam de guarda. E então sentavam-se ou ficavam em pé, ocultos na sombra. Apesar de seus olhos parecerem fechados ou fixos com um olhar vazio, nada passava ou se aproximava que não fosse notado e lembrado. Era tão intensa sua vigilância invisível que podia ser sentida como ameaça hostil pelos intrusos, que recuavam de temor antes que fosse dado qualquer alerta; mas, se passasse alguma criatura malévola, emitiam como sinal um assobio estridente, doloroso de suportar a curta distância e ouvido ao longe. O serviço dos drúedain como vigias era muito estimado pelo Povo de Haleth em tempos de perigo; e, se tais vigias não estivessem disponíveis, mandavam esculpir figuras à sua semelhança, para serem postas perto de suas casas, crendo que (como eram feitas pelos próprios drúedain com esse fim) continham parte da ameaça dos homens viventes.

De fato, apesar de terem pelos drúedain amor e confiança, muitos dentre o Povo de Haleth acreditavam que eles possuíam poderes misteriosos e mágicos; e entre suas histórias maravilhosas havia diversas que falavam desses aspectos. Uma delas está registrada aqui.

A pedra fiel

Era uma vez um drûg chamado Aghan, famoso como curandeiro. Tinha grande amizade com Barach, um homem da floresta pertencente ao Povo, que vivia em uma casa no bosque a duas milhas ou mais da aldeia mais próxima. Como as moradias da família de Aghan ficavam mais perto, ele passava a maior parte do seu tempo com Barach e sua esposa, e as crianças gostavam muito dele. Veio uma época de dificuldades, pois alguns orcs atrevidos haviam em segredo penetrado na floresta nas redondezas e se haviam dispersado em grupos de dois ou três, emboscando todos os que saíam sozinhos e atacando à noite casas afastadas dos vizinhos. A família de Barach não temia muito, pois Aghan passava a noite com eles e vigiava do lado de fora. Mas certa manhã Aghan veio ter com Barach e disse: - Amigo, tenho más novas da minha família e lamento precisar deixá-lo por algum tempo. Meu irmão foi ferido. Agora jaz em grande sofrimento e chama por mim, pois sou habilidoso no tratamento de feridas infligidas pelos orcs. Voltarei assim que puder. - Barach ficou muito preocupado, e sua esposa e filhos choraram, mas Aghan disse: - Farei o que puder. Mandei trazer para cá uma pedra de vigia, que foi colocada perto de sua casa. - Barach saiu com Aghan e observou a pedra de vigia. Era grande e pesada, e estava debaixo de alguns arbustos, não longe das suas portas. Aghan apoiou a mão nela, e após um instante de silêncio disse: - Veja, deixei nela alguns dos meus poderes. Que ela o proteja do mal!

Nada desfavorável aconteceu por duas noites, mas na terceira noite Barach ouviu o estridente chamado de alerta dos drûgs - ou sonhou que o ouvira, pois ninguém mais despertou com ele. Saindo da cama, pegou o arco suspenso à parede e foi até uma janela estreita. Dali viu dois orcs encostando à casa material combustível, e preparando-se para lhe atear fogo. Então Barach tremeu de medo, pois os orcs saqueadores levavam consigo enxofre ou outra substância diabólica que se inflamava depressa e não podia ser apagada com água. Recuperando-se, armou o arco, mas naquele momento, bem quando as chamas começavam a saltar, viu um drûg chegar correndo por trás dos orcs. O drûg abateu um deles com um soco, e o outro fugiu. Então lançou-se descalço no fogo, espalhando o combustível que ardia e pisoteando as chamas de orc que corriam pelo chão. Barach apressou-se a abrir as portas, mas, quando havia tirado a trava e saltado para fora, o drûg desaparecera. Não havia vestígio do orc derrubado. O fogo morrera, e restavam apenas fumaça e mau cheiro.

Barach voltou para dentro para consolar a família, que fora despertada pelo barulho e pelo cheiro do incêndio; mas à luz do dia saiu de novo e olhou em volta. Descobriu que a pedra de vigia desaparecera, mas manteve o fato em segredo. - Hoje à noite eu terei de ser o vigia - pensou; porém mais tarde naquele dia Aghan retornou, e foi recebido com alegria. Calçava borzeguins altos, que os drûgs às vezes usavam em terrenos bravios, entre espinhos ou rochedos, e estava exausto. Mas sorria e parecia contente; e disse: - Trago boas novas. Meu irmão não sente mais dor e não morrerá, pois cheguei a tempo de neutralizar o veneno. E agora ouvi dizer que os saqueadores foram mortos, ou que fugiram. Como têm passado?

- Ainda estamos vivos - disse Barach. - Mas venha comigo, e vou mostrar-lhe e contar-lhe mais. - Então levou Aghan ao lugar do fogo, e lhe falou do ataque noturno. - A pedra de vigia sumiu - obra dos orcs. eu acho. O que você tem a dizer sobre isso?

- Falarei quando tiver observado e pensado por mais tempo - disse Aghan; e então andou para cá e para lá esquadrinhando o chão, seguido por Barach. Por fim. Aghan levou-o até uma moita à beira da clareira onde ficava a casa. Lá estava a pedra de vigia, sentada sobre um orc morto; mas suas pernas estavam todas enegrecidas e rachadas, e um dos pés se partira e estava jogado solto a seu lado. Aghan pareceu aflito; mas disse: - Ora, bem! Ele fez o que podia. E é melhor que as pernas dele pisoteiem o fogo dos orcs que as minhas.

Então sentou-se e desamarrou os borzeguins, e Barach viu q ue por baixo deles

havia ataduras em suas pernas. Aghan soltou-as. - Já estão sarando - disse. - Mantive vigília junto a meu irmão por duas noites, e na noite passada dormi. Acordei antes que raiasse a manhã, sentindo dor, e descobri que minhas pernas estavam cheias de bolhas. Então adivinhei o que ocorrera. Ai de mim! Quando se transmite algum poder para algum objeto que se fez, tem-se de compartilhar seu sofrimento.

Notas adicionais sobre os drúedain

Meu pai esforçou-se para ressaltar a diferença radical entre os drúedain e os hobbits. Tinham forma física e aparência bem diferentes. Os drúedain eram mais altos e de constituição mais pesada e mais forte. Seus traços faciais eram desgraciosos (julgados pelos padrões humanos gerais); e, enquanto os cabelos da cabeça dos hobbits eram abundantes (mas densos e encaracolados), os drúedain tinham apenas cabelos esparsos e lisos na cabeça, e nenhum pêlo nas pernas e nos pés. Eram às vezes risonhos e alegres, como os hobbits, mas sua natureza possuía um lado mais sinistro, e eles podiam ser sardônicos e cruéis; e tinham, ou se lhes creditavam, poderes estranhos ou mágicos. Eram ademais um povo frugal, que se alimentava parcamente mesmo em épocas de abundância e nada bebia além de água. Sob alguns aspectos pareciam-se mais com os anões: na constituição, na estatura e na resistência; na habilidade de esculpir a pedra; no lado ríspido de seu caráter; e em seus estranhos poderes. Mas as habilidades "mágicas" atribuídas aos anões eram bem diferentes; e os anões eram muito mais ríspidos, além de também viver mais tempo, enquanto os drúedain tinham vida curta em comparação com outras espécies de homens.

Apenas uma vez, em uma nota isolada, há menção explícita ao relacionamento entre os drúedain de Beleriand na Primeira Era, que vigiavam as casas do Povo de Haleth na Floresta de Brethil, e os ancestrais remotos de Ghân-buri-Ghân, que guiou os rohirrim pelo Vale das Carroças de Pedra a caminho de Minas Tirith (O *Retorno do Rei,* V, V), ou os criadores das imagens na estrada para o Templo da Colina *(ibid.,* V, III). Essa nota afirma:

> Um ramo emigrante dos drúedain acompanhou o Povo de Haleth ao final da Primeira Era, e habitou na Floresta [de Brethil] com eles. Mas a maioria havia permanecido nas Montanhas Brancas, a despeito da perseguição pelos homens que chegaram depois, que haviam recaído no serviço das Trevas.

Também se diz aqui que a identidade das estátuas do Templo da Colina com os remanescentes dos drúath (percebida por Meriadoc Brandebuque quando pôs os olhos pela primeira vez em Ghân-buri-Ghân) era reconhecida originalmente em Gondor, embora à época do estabelecimento do reino númenoriano por Isildur eles sobrevivessem somente na Floresta de Drúadan e em Drúwaith Iaur (vide abaixo).

Assim, se quisermos, podemos elaborar a antiga lenda da chegada dos edain em O *Silmarillion* (pp. 175-80) com a adição dos drúedain, descendo de Ered Lindon para Ossiriand com os haladin (o Povo de Haleth). Outra nota diz que os historiadores de Gondor acreditavam que os primeiros homens a atravessar o Anduin foram de fato os drúedain. Vieram (cria-se) de terras ao sul de Mordor, mas, antes de alcançarem as costas de Harad-waith, voltaram-se rumo ao norte para Ithilien, e por fim, encontrando um caminho para atravessar o Anduin (provavelmente perto de Cair Andros), estabeleceram-se nos vales das Montanhas Brancas e nas terras arborizadas em seus sopés setentrionais.

"Eram um povo reservado, que suspeitava das outras espécies de homens, pelas

quais haviam sido oprimidos e perseguidos desde suas lembranças mais antigas, e haviam vagueado para o oeste em busca de uma terra onde pudessem esconder-se e ter paz". Mas nada mais se diz. aqui ou em outro lugar, acerca da história de sua associação com o Povo de Haleth.

Em um ensaio, previamente mencionado, sobre os nomes dos rios na Terra-média, vislumbram-se os drúedain na Segunda Era. Lá se diz que o povo nativo de Enedwaith, fugindo das devastações dos númenorianos ao longo do curso do Gwathló,

não atravessaram o Isen nem se refugiaram no grande promontório entre o Isen e o Lefnui, que formava a margem norte da Baía de Belfalas, por causa dos "Homens-Púkel", que eram um povo reservado e cruel, caçadores incansáveis e silenciosos, que usavam dardos envenenados. Diziam que sempre haviam estado ali, e outrora haviam vivido também nas Montanhas Brancas. Em eras passadas, não haviam dado atenção ao Grande Escuro (Morgoth), nem mais tarde se aliaram a Sauron, pois odiavam todos os invasores do leste. Do leste, diziam, haviam vindo os homens altos que os expulsaram das Montanhas Brancas, homens que tinham maldade no coração. Talvez até mesmo nos dias da Guerra do Anel alguns dentre o povo drû restassem nas montanhas de Andrast, a extensão ocidental das Montanhas Brancas, mas apenas o remanescente nos bosques de Anórien era conhecido pelo povo de Gondor.

Essa região entre o Isen e o Lefnui era Drúwaith Iaur; e, em mais outro fragmento de escrita sobre esse assunto, afirma-se que a palavra *Iaur,* "velho", nesse nome não significa "original", e sim "anterior":

Os "Homens-Púkel" ocuparam as Montanhas Brancas (de ambos os lados) na Primeira Era. Quando começou a ocupação das terras costeiras pelos númenorianos, na Segunda Era, sobreviveram nas montanhas do promontório [de Andrast], que jamais foi ocupado pelos númenorianos. Outro remanescente sobreviveu na extremidade leste da cadeia de montanhas [em Anórien]. Ao fim da Terceira Era acreditava-se que estes últimos, muito reduzidos em número, fossem os únicos sobreviventes; por isso a outra região foi chamada "o Antigo Ermo dos Púkel" (Drúwaith Iaur). Permanecia como "ermo", e não era habitada por homens de Gondor ou de Rohan, e raramente algum deles lá entrava; mas os homens do Anfalas acreditam que alguns dos antigos "homens selvagens" ainda vivessem lá em segredo.
Mas em Rohan a identidade das estátuas do Templo da Colina, chamadas de "Homens-Púkel", com os "homens selvagens" da Floresta de Drúadan não era reconhecida, nem sua "humanidade"; vem daí a referência de Ghân-buri-Ghân à perseguição dos "homens selvagens" pelos rohirrim, no passado ["deixar homens selvagens em paz na floresta e nunca mais caçar eles como bichos"]. Visto que Ghân-buri-Ghân estava tentando usar a Língua Geral, ele chamava sua gente de "homens selvagens" (não sem ironia); mas este evidentemente não era o nome que usavam para si mesmos.

CAPÍTULO II

Os Istari

O relato mais completo sobre os Istari foi escrito, ao que parece, em 1954 (vide a Introdução, para uma indicação da sua origem). Apresento-o aqui na íntegra e subseqüentemente referir-me-ei a ele como "o ensaio sobre os Istari".

Mago é uma tradução do quenya *istar* (sindarin *ithron):* um dos membros de uma "ordem" (como eles a chamavam), que alegava possuir e demonstrava eminente conhecimento da história e natureza do Mundo. A tradução (apesar de adequada, por relacionar-se com "wise"* e outras antigas palavras de conhecimento, de modo semelhante a *istar* em quenya) talvez não seja feliz, visto que a *Heren Istarion* ou "Ordem dos Magos" era bem diversa dos "magos" e "mágicos" de lendas posteriores. Eles pertenciam unicamente à Terceira Era e depois partiram, e ninguém, exceto talvez Elrond, Círdan e Galadriel, descobriu de que espécie eram ou de onde vieram.

Entre os homens (inicialmente), aqueles que tratavam com eles supunham que eram homens que haviam adquirido tradições e artes através de estudos longos e secretos. Apareceram pela primeira vez na Terra-média por volta do ano 1000 da Terceira Era, mas por muito tempo andaram com aparência simples, como de homens já velhos, mas sãos de corpo, viajantes e Caminhantes, adquirindo conhecimento da Terra-média e de todos os que ali habitavam, porém sem revelar a ninguém seus poderes e propósitos. Naquela época, os homens raramente os viam e pouca atenção lhes davam. No entanto, à medida que a sombra de Sauron começou a crescer e tomar forma outra vez, tornaram-se mais ativos e buscavam sempre opor-se ao avanço da Sombra, bem como a levar os elfos e os homens a se prevenirem contra seu perigo. Então espalhou-se por toda parte, entre os homens, o rumor de suas idas e vindas, bem como de sua interferência em muitos assuntos; e os homens perceberam que eles não morriam, mas permaneciam iguais (a não ser pelo fato de que envelheciam um pouco no aspecto), enquanto os pais e os filhos dos homens se acabavam. Os homens, portanto, começaram a temê-los, mesmo quando os amavam, e consideravam que eles fossem da raça dos elfos (com os quais de fato muitas vezes se associavam).

* Os Magos são chamados em inglês de w*izards,* termo cognato com w*ise,* - sábio, [N. do T.]

Porém não o eram. Pois vinham do outro lado do Mar, desde o Extremo Oeste. Por muito tempo, no entanto, isso só foi do conhecimento de Círdan, Guardião do Terceiro Anel, mestre dos Portos Cinzentos, que viu seus desembarques nas praias ocidentais. Eram emissários dos Senhores do Oeste, os Valar, que ainda deliberavam sobre o governo da Terra-média e que, quando a sombra de Sauron começou a se agitar novamente, empreenderam esse meio de lhe resistir. Pois. com o consentimento de Eru, enviaram membros de sua própria elevada ordem, porém vestidos de corpos como os dos homens, reais e não ilusórios, mas sujeitos aos medos, às dores e à exaustão da terra, capazes de sentirem fome e sede, e de serem mortos; embora, por causa de sua nobreza de espírito, não morressem, e só envelhecessem em decorrência das preocupações e labutas de muitos e muitos anos. E isso foi feito pelos Valar porque desejavam emendar os erros de outrora, especialmente a tentativa de proteger e isolar os eldar pela plena revelação de seu próprio poderio e glória. Agora, no entanto, seus emissários estavam proibidos de se revelar em formas de majestade, ou de procurar dominar as vontades dos homens ou dos elfos através da demonstração aberta de poder; mas, vindos em formas débeis e humildes,

tinham a incumbência de aconselhar e persuadir os homens e os elfos para o bem, e procurar unir no amor e na compreensão todos aqueles que Sauron, caso retornasse, tentaria dominar e corromper.

Dessa Ordem o número de membros é desconhecido; mas daqueles que chegaram ao Norte da Terra-média, onde havia mais esperança (por causa do remanescente dos dúnedain e dos eldar que lá habitavam), os principais eram cinco. O primeiro a chegar tinha nobre semblante e porte, com cabelos negros e uma bela voz, e trajava branco. Tinha grande habilidade nos trabalhos das mãos, e era considerado por quase todos, mesmo pelos eldar, o chefe da Ordem. Também havia outros: dois trajados de azul do mar, e um do castanho da terra; e por último chegou um que parecia o menos importante, menos alto que os demais, e de aspecto mais idoso, de cabelos grisalhos, trajado de cinza e apoiado em um cajado. Mas Círdan, desde seu primeiro encontro nos Portos Cinzentos, adivinhou nele o maior e mais sábio espírito. Deu-lhe as boas-vindas com reverência e entregou a seus cuidados o Terceiro Anel, Narya, o Vermelho.

- Pois - disse ele - grandes labutas e perigos estão diante de você; e, para que sua tarefa não demonstre ser demasiado grande e exaustiva, tome este Anel para seu auxílio e conforto. Foi-me confiado apenas para ser mantido em segredo, e aqui nas costas do oeste está ocioso; mas julgo que em dias que não tardarão ele deverá estar em mãos mais nobres que as minhas, que poderão usá-lo para acender a coragem em todos os corações. - E o Mensageiro Cinzento tomou o Anel, e sempre o manteve em segredo. No entanto o Mensageiro Branco (que tinha habilidade para descobrir todos os segredos) após certo tempo se deu conta desse presente, e teve inveja. Foi esse o começo da malevolência oculta que tinha em relação ao Cinzento, e que mais tarde se tornou manifesta.

Ora, em dias posteriores, o Mensageiro Branco tornou-se conhecido entre os elfos como Curunír, o Homem Habilidoso, e Saruman nas línguas dos homens do norte; mas isso foi depois que ele retornou de suas numerosas viagens, entrou no reino de Gondor e lá morou. Dos Azuis pouco se conhecia no oeste, e não tinham nomes, exceto *Ithryn Luin,* "os Magos Azuis"; pois foram ao leste com Curunír, mas jamais voltaram, e se permaneceram no leste, lá seguindo os propósitos para os quais haviam sido enviados; ou pereceram; ou ainda, como afirmam alguns, foram apanhados por Sauron e se tornaram seus servos, não se sabe agora. Mas nenhuma dessas alternativas era impossível de acontecer; pois, por muito que isso possa parecer estranho, os Istari, visto que trajavam corpos da Terra-média, podiam afastar-se de seus propósitos exatamente como os homens e os elfos, e fazer o mal, esquecendo-se do bem na busca pelo poder de realizá-lo.

Um trecho separado, escrito na margem, sem dúvida encaixa-se aqui:

Pois de fato diz-se que, por possuírem corpos, os Istari necessitavam aprender de novo muitas coisas, pela lenta experiência e, apesar de saberem de onde vinham, a lembrança do Reino Abençoado era para eles uma visão de muito longe, pela qual (enquanto permanecessem fiéis à sua missão) ansiavam intensamente. Assim, por suportarem de livre vontade as angústias do exílio e as fraudes de Sauron, poderiam corrigir os males daquele tempo.

De fato, de todos os Istari apenas um permaneceu fiel, e esse foi o último a chegar. Pois Radagast, o quarto, apaixonou-se pelos muitos animais e aves que viviam na Terra-média, e abandonou os elfos e os homens para passar seus dias entre as criaturas selvagens. Assim obteve seu nome (que é do idioma de Númenor de outrora, e significa, dizem, "o que cuida dos animais"). E Curunír 'Lân, Saruman, o Branco, decaiu da sua elevada missão, e, tornando-se orgulhoso, impaciente e apaixonado pelo poder, buscou

fazer sua própria vontade pela força, e desalojar Sauron; mas foi apanhado por aquele espírito sinistro, mais poderoso que ele.

Mas o último a chegar era chamado entre os elfos de Mithrandir, o Peregrino Cinzento, pois não morava em nenhum lugar e não reunia em torno de si nem riquezas nem seguidores, mas andava sempre para lá e para cá nas Terras Ocidentais, de Gondor a Angmar, e de Lindon a Lórien, fazendo-se amigo de toda a gente em tempos de necessidade. Era cordial e sério seu espírito (e era reforçado pelo anel Narya), pois ele era o Inimigo de Sauron, que opunha ao fogo que devora e destrói o fogo que anima, e socorre na desesperança e no infortúnio. No entanto, sua alegria e sua ira repentina estavam veladas em trajes da cor da cinza, de modo que apenas os que o conheciam bem entreviam a chama que ardia no seu íntimo. Podia ser jovial além de bondoso com os jovens e os simples; e ainda assim, às vezes, dispunha-se rapidamente a falar com rispidez e a repreender a insensatez. Não era orgulhoso porém, não buscava nem o poder nem o elogio, e assim, por toda parte, era caro a todos aqueles que não eram eles próprios orgulhosos. Na maioria das vezes viajava a pé, incansável, apoiado num cajado; e assim era chamado entre os homens do norte de Gandalf, "o Elfo do Cajado". Pois consideravam (embora erradamente, como se disse) que pertencia à espécie dos elfos, visto que às vezes fazia maravilhas entre eles, por apreciar em especial a beleza do fogo. Realizava porém tais maravilhas principalmente para o contentamento e o deleite, sem desejar que ninguém sentisse reverência por ele ou seguisse seus conselhos por temor.

Em outro lugar conta-se como, quando Sauron voltou a se erguer, também ele se ergueu e parcialmente revelou seu poder. E, tornando-se o principal autor da resistência contra Sauron, foi por fim vitorioso; e, pela vigilância e labuta, conduziu tudo àquele fim que fora pretendido pelos Valar sob o comando do Um que está acima deles. No entanto, diz-se que sofreu imensamente ao acabar a tarefa para a qual viera, e foi morto. E, tendo sido devolvido da morte, esteve então por um curto espaço de tempo trajado de branco, antes de se transformar em uma chama radiante (ainda velada, exceto na necessidade extrema). E, quando tudo estava terminado e a Sombra de Sauron tinha sido eliminada, partiu para sempre por sobre o Mar; ao passo que Curunír foi derrubado e totalmente humilhado, e pereceu afinal pela mão de um escravo oprimido; tendo seu espírito ido aonde quer que estivesse condenado a ir, e à Terra-média, quer despido quer corporificado, jamais voltou.

No *Senhor dos Anéis* a única afirmativa geral sobre os Istari encontra-se na nota introdutória do Conto dos Anos da Terceira Era no Apêndice B:

Quando cerca de mil anos haviam passado, e a primeira sombra cobriu a Grande Floresta Verde, os *Istari* ou magos apareceram na Terra-média. Posteriormente comentou-se que eles tinham vindo do Extremo Oeste e eram mensageiros enviados para fazer frente ao poder de Sauron, e para unir todos aqueles que tinham vontade de resistir a ele; mas os magos estavam proibidos de enfrentar o poder dele com o seu poder, ou de procurar dominar os elfos ou os homens usando de força ou medo.

Portanto vieram na forma de homens, embora nunca fossem jovens e envelhecessem vagarosamente, e detinham muitos poderes na mente e nas mãos. Revelavam seus verdadeiros nomes a poucos, mas usavam os nomes que lhes eram dados. Os dois maiores dessa ordem (da qual se diz que era composta de cinco) eram chamados pelos eldar de Curunír, "o Homem Habilidoso", e Mithrandir, "o Peregrino Cinzento", mas os homens do norte chamavam-nos respectivamente de Saruman e Gandalf. Curunír viajava freqüentemente para o leste, mas por fim passou a morar em Isengard. Mithrandir

tinha uma amizade mais estreita com os eldar, e vagava principalmente no oeste, nunca fixando uma residência permanente.

Segue-se um relato da custódia dos Três Anéis dos Elfos, no qual consta que Círdan deu o Anel Vermelho a Gandalf quando este primeiro chegou aos Portos Cinzentos vindo do outro lado do Mar (pois "Círdan enxergava mais longe e mais fundo que qualquer outro na Terra-média").

Assim, o ensaio recém-mencionado a respeito dos Istari conta muitas coisas sobre eles e sua origem que não aparecem no *Senhor dos Anéis* (*e* também contém algumas observações incidentais de grande interesse sobre os Valar, sua preocupação contínua com a Terra-média e seu reconhecimento do antigo erro, que não podem ser discutidas aqui). O mais notável é a descrição dos Istari como "membros de sua própria elevada ordem"(a ordem dos Valar), bem como as afirmativas sobre sua corporificação física. Mas também são dignas de nota a chegada dos Istari à Terra-média em épocas diferentes; a percepção de Círdan de que Gandalf era o maior deles; o conhecimento de Saruman de que Gandalf possuía o Anel Vermelho, e sua inveja; a visão que temos de Radagast, como alguém que não permaneceu fiel à sua missão; os outros dois "Magos Azuis", sem nome, que foram com Saruman para o leste, mas, ao contrário dele, jamais voltaram às Terras Ocidentais; o número de membros da ordem dos Istari (que aqui se diz ser desconhecido, apesar de serem cinco "os principais" dos que chegaram ao norte da Terra-média); a explicação dos nomes Gandalf e Radagast; e a palavra sindarin *ithron,* plural *ithryn.*

O trecho acerca dos Istari em *Dos Anéis de Poder* (no *Silmarillion,* p. 382) é de fato muito próximo da afirmativa no Apêndice B do *Senhor dos Anéis,* mencionada acima, até mesmo nas palavras; mas inclui a seguinte frase, que concorda com o ensaio sobre os Istari:

Curunír era o mais velho e o que chegara primeiro; e depois dele vieram Mithrandir e Radagast, bem como outros dos Istari que passaram para o leste da Terra-média e não entram nestas histórias.

A maior parte dos demais escritos sobre os Istari (como grupo) infelizmente nada mais é que anotações muito rápidas, freqüentemente ilegíveis. No entanto, é de extremo interesse um esboço breve e muito apressado de uma narrativa que fala de um conselho dos Valar, ao que parece convocado por Manwe ("e talvez tenha invocado Eru para aconselhá-los?"), no qual foi resolvido que enviariam três emissários à Terra-média. "Quem haveria de ir? Pois teriam de ser poderosos, pares de Sauron, mas teriam de renunciar ao poder e se trajar em carne para tratar com igualdade e conquistar a confiança dos elfos e dos homens. Mas isso os poria em risco, obscurecendo sua sabedoria e seu conhecimento, e confundindo-os com temores, preocupações e exaustões derivadas da carne". Mas só dois se apresentaram: Curumo, que foi escolhido por Aule, e Alatar, que foi enviado por Orome. Então Manwe perguntou onde estava Olórin. E Olórin, que trajava cinzento e, por acabar de voltar de uma viagem, se sentara à beira do conselho, perguntou o que Manwe queria dele. Manwe respondeu que desejava que Olórin fosse como terceiro mensageiro à Terra-média (e está observado entre parênteses que 'Olórin amava os eldar que restavam, aparentemente para explicar a escolha de Manwe). Mas Olórin declarou que era demasiado fraco para tal tarefa e que temia Sauron. Então Manwe disse que essa era ainda mais razão para que ele fosse, e que ordenava a Olórin (seguem-se palavras ilegíveis que parecem conter a palavra "terceiro"). Mas a essas palavras Varda ergueu o olhar e disse: - Não como terceiro -; e Curumo lembrou-se disso.

A nota termina com a afirmativa de que Curumo [Saruman] levou Aiwendil [Radagast] porque Yavanna lhe implorou que o fizesse, e que Alatar levou Paliando como amigo.

Em outra página de anotações, claramente pertencente ao mesmo período, diz-se que "Curumo foi obrigado a levar Aiwendil para agradar a Yavanna, esposa de Aule". Ali há também alguns esboços de tabelas que relacionam os nomes dos Istari com os nomes idos Valar: Olórin com Manwe e Varda, Curumo com Aule, Aiwendil com Yavanna, Alatar com Orome, e Paliando também com Orome (mas isso substitui a relação de Paliando com Mandos e Nienna).

À luz da breve narrativa recém-mencionada, essas relações entre os Istari e os Valar significam claramente que cada Istar foi escolhido por um Vala por suas características inatas - talvez mesmo por serem membros do "povo" daquele Vala, no mesmo sentido do que se diz de Sauron no *Valaquenta* (*O Silmarillion,* p. 23), que "no início, ele pertencia aos Maiar de Aule e continuou poderoso na tradição daquele povo". Assim, é muito notável que Curumo (Saruman) fosse escolhido por Aule. Não há vestígio de explicação do motivo pelo qual o evidente desejo de Yavanna, de que os Istari deveriam incluir alguém com um amor especial pelas coisas que ela fizera, só podia ser realizado pela imposição da companhia de Radagast a Saruman; enquanto a sugestão no ensaio sobre os Istari de que. apaixonando-se pelas criaturas selvagens da Terra-média, Radagast abandonou o propósito para o qual fora enviado, talvez não esteja em perfeita harmonia com a idéia de que foi especialmente escolhido por Yavanna. Ademais, tanto no ensaio sobre os Istari quanto em Dos *Anéis de Poder,* Saruman chegou primeiro e sozinho. Por outro lado, é possível ver uma sugestão da história da companhia indesejável de Radagast no extremo desprezo que Saruman tinha por ele, conforme foi relatado por Gandalf ao Conselho de Elrond.

- "Radagast, o Castanho!", riu Saruman, não mais escondendo o desprezo que sentia. "Radagast, o Domador de Pássaros! Radagast, o Simplório! Radagast, o Tolo! Mas pelo menos teve a capacidade de desempenhar a função que lhe designei".

Ao passo que no ensaio sobre os Istari consta que os dois que foram ao leste não tinham nomes, exceto *Ithryn Luin,* "os Magos Azuis" (com o evidente significado de que não tinham nomes no oeste da Terra-média), aqui eles são designados, como Alatar e Paliando, e estão associados com Orome, embora não se dê nenhuma sugestão do motivo dessa relação. Pode ser (apesar de se tratar da mais pura conjetura) que Orome, dentre todos os Valar, tivesse o maior conhecimento das regiões remotas da Terra-média, e que os Magos Azuis estivessem destinados a viajar nessas regiões e lá ficar.

Além do fato de que estas notas sobre a escolha dos Istari certamente são posteriores à conclusão do *Senhor dos Anéis,* não consigo encontrar nenhuma prova de sua relação, em termos de época de composição, com o ensaio sobre os Istari.

Não conheço nenhum outro escrito sobre os Istari. a não ser algumas notas muito rudimentares e parcialmente impossíveis de interpretar, que certamente são muito posteriores às dadas acima, e provavelmente datam de 1972:

Temos de presumir que eles [os Istari] eram todos Maiar, isto é, pessoas da ordem "angelical", mas não necessariamente da mesma classe. Os Maiar eram "espíritos", porém capazes de auto-encarnação, e podiam assumir formas "humanóides" (especialmente élficas). Diz-se (por exemplo, o próprio Gandalf afirma) que Saruman era o chefe dos Istari - isto é, mais elevado na estatura valinoreana que os demais. Gandalf era evidentemente o próximo na ordem. Radagast é apresentado como uma pessoa de muito menor poder e sabedoria. Dos outros dois nada se diz em obras publicadas, exceto a referência aos Cinco Magos na altercação entre Gandalf e Saruman *[As Duas Torres,* III X], Ora, esses Maiar foram enviados pelos Valar em um momento crucial da história da Terra-média para reforçar a resistência dos elfos do oeste, cujo poder minguava, e dos

homens incorruptos do oeste, em número muito menor que os do leste e do sul. Pode-se ver que cada um deles era livre para fazer o que podia nessa missão; que não eram comandados nem se esperava que agissem *juntos* como um pequeno corpo central de poder e sabedoria; que cada um tinha poderes e inclinações diferentes, e que foram escolhidos pelos Valar com essa intenção.

Outros escritos tratam exclusivamente de Gandalf (Olórin, Mithrandir). No verso da página isolada que contém a narrativa da escolha dos Istari pelos Valar, aparece a seguinte nota curiosíssima:

Elendil e Gil-galad eram parceiros; mas essa foi "a Última Aliança" entre elfos e homens. Na derrocada final de Sauron, os elfos não estavam efetivamente envolvidos no ponto da ação. Legolas provavelmente foi o que menos realizou dentre os Nove Andantes. Galadriel, a maior dos eldar que sobreviviam na Terra-média, tinha sua principal potência na sabedoria e na bondade, como diretora ou conselheira no combate, inconquistável na *resistência* (em especial na mente e no espírito), mas incapaz de *ação* punitiva. Na sua escala, tornara-se como Manwe com respeito à grande ação total. Manwe, no entanto, mesmo após a Queda de Númenor e a destruição do mundo antigo, mesmo na Terceira Era, quando o Reino Abençoado fora remo-
vido dos "Círculos do Mundo", ainda não era um mero observador. Foi claramente de Valinor que vieram os emissários que eram chamados de Istari (ou Magos), e entre eles Gandalf, que demonstrou ser o diretor e coordenador tanto do ataque quanto da defesa.

Quem era Gandalf? Diz-se que em dias posteriores (quando outra vez se ergueu uma sombra do mal no Reino) muitos dos "Fiéis" daquele tempo acreditavam que "'Gandalf" era a última aparição do próprio Manwe, antes de seu retraimento final à torre de vigia de Taniquetil. (O fato de Gandalf ter dito que seu nome "no Ocidente" fora Olórin era, de acordo com essa crença, a adoção de um codinome, uma mera alcunha.) Eu (é claro) não conheço a verdade neste caso; e, se a conhecesse, seria um erro ser mais explícito do que Gandalf foi. Mas creio que não era assim. Manwe não descerá da Montanha antes da Dagor Dagorath, e a chegada do Fim, quando Melkor retornará. Para vencer Morgoth, ele enviou seu arauto Eonwe. Para derrotar Sauron, então, não mandaria algum espírito menor (mas poderoso) do povo angélico, alguém coevo e igual, sem dúvida, a Sauron nos seus primórdios, porém não mais? Olórin era seu nome. Mas de Olórin nunca saberemos mais do que aquilo que ele revelou em Gandalf.

Seguem-se dezesseis linhas de um poema em versos aliterativos:

Saberás a ciência   há muito secreta
Dos Cinco que saíram   de solo distante?
Um só voltou.   Os outros não mais
Trilharão a Terra-média   sob tutela dos homens
Até Dagor Dagorath   e o Destino chegar.
Como o conheces: o conselho oculto
Dos Senhores do Oeste   na terra de Aman?
Longas vias se foram   que até lá levavam,
E aos homens mortais   Manwe não se manifesta.
Do Oeste-que-Era   uma aragem o trouxe
Ao ouvido do sono.   em meio aos silêncios
Na sombra da noite,   quando trazem notícias
De terras olvidadas   e extintas eras

Por mares de anos à mente minuciosa.
Restam os que recorda o Rei Mais Velho.
Enxergou a Sauron como sutil ameaça [...]

Aqui há muitas coisas que dizem respeito à questão maior, da preocupação de Manwe e dos Valar com o destino da Terra-média após a Queda de Númenor, e que devem escapar totalmente ao âmbito deste livro.

Depois das palavras "Mas de Olórin nunca saberemos mais do que aquilo que ele revelou em Gandalf", meu pai acrescentou mais tarde:

exceto que Olórin é um nome alto-élfico, e portanto deve ter sido dado a ele em Valinor pelos eldar, ou deve ser uma "tradução" com a intenção de ser significativa a eles. Em qualquer um dos casos, qual era o significado do nome, conferido ou adotado? *Olor* é uma palavra freqüentemente traduzida como "sonho", mas que não se refere aos "sonhos" humanos (em sua maioria), certamente não aos sonhos do sono. Para os eldar, incluía o conteúdo vivido de sua *memória,* assim como de sua *imaginação:* referia-se de fato à *visão clara,* na mente, de coisas não fisicamente presentes na situação do corpo. Porém não somente a uma idéia, mas a um pleno revestimento dela com forma e detalhe particulares.

Uma nota etimológica isolada explica o significado de modo semelhante:

olo-s: visão, "fantasia": Nome élfico comum para "construção da mente" não realmente (pré-)existente em Ea à parte da construção, mas capaz de ser tornada visível e sensível pelos eldar, através da Arte *(Karme). Olos* normalmente se aplica a construções *belas* que têm somente um objetivo artístico (isto é, não têm o objetivo do engano, ou de adquirir poder).

São citadas palavras derivadas desta raiz: quenya *olos* "sonho, visão", plural *olozi/ olori; õla-* (impessoal) "sonhar"; *olosta* "sonhador". É feita então uma referência a *Olofantur,* que era o primitivo nome "verdadeiro" de Lórien, o Vala que era "mestre das visões e dos sonhos", antes de ser alterado para *Irmo* no *Silmarillion* (como *Nurufantur* foi alterado para *Námo* (Mandos): embora o plural *Fêanturi* para esses dois "irmãos" tenha sobrevivido no *Valaquenta).*

Essas discussões de *olos, olor* claramente devem estar ligadas ao trecho do *Valaquenta (O Silmarillion,* p. 22) em que se diz que Olórin habitava em Lórien em Valinor, e que.

embora ele amasse os elfos, caminhava invisível em seu meio ou na forma de um deles, e eles não sabiam de onde vinham as belas visões ou as sugestões de sabedoria que ele instilava em seus corações.

Em uma versão anterior desse trecho consta que Olórin era "conselheiro de Irmo". e que no coração daqueles que o escutavam despertavam pensamentos "de coisas belas que ainda não haviam existido, mas podiam ainda ser feitas para o enriquecimento de Arda".

Há uma longa nota para elucidar o trecho em *As Duas Torres,* IV. V, em que Faramir, em Henneth Annûn. contou que Gandalf dissera:

Tenho muitos nomes em diferentes lugares. Mithrandir entre os elfos, Tharkûn para os anões; eu era Olórin em minha juventude no Ocidente que está esquecido; no sul,

Incánus, no norte, Gandalf; para o leste eu nunca vou.

Esta nota é anterior à publicação da segunda edição do *Senhor dos Anéis em* 1966, e diz o seguinte:

A data da chegada de Gandalf é incerta. Ele veio de além do Mar, aparentemente mais ou menos ao mesmo tempo em que se notaram os primeiros sinais do ressurgimento da "Sombra": a reaparição e a difusão de criaturas malignas. Mas ele raramente é mencionado em quaisquer anais ou registros durante o segundo milênio da Terceira Era. Provavelmente vagueou por muito tempo (com vários aspectos), não empenhado em feitos e acontecimentos, mas em explorar o coração dos elfos e homens que haviam estado e ainda se podia esperar estivessem opostos a Sauron. Está preservada sua própria afirmativa (ou uma versão dela, e de qualquer maneira não plenamente compreendida) de que seu nome na juventude era Olórin no Ocidente, mas era chamado de Mithrandir pelos elfos (Caminheiro Cinzento), Tharkûn pelos anões (que alegadamente significava "Homem do Cajado"), Incánus no sul, e Gandalf no norte, mas "para o leste eu nunca vou".

"O Ocidente" aqui claramente significa o Extremo Oeste além do Mar, não parte da Terra-média; o nome Olórin é de forma alto-élfica. "O norte" deve referir-se às regiões do noroeste da Terra-média, onde a maioria dos habitantes ou povos falantes eram, e permaneciam, incorruptos por Morgoth ou Sauron. Nessas regiões seria mais forte a resistência aos males deixados para trás pelo Inimigo, ou a seu servo Sauron, caso este reaparecesse. Os limites dessa região eram naturalmente vagos; sua fronteira leste era aproximadamente o Rio Carnen até sua junção com o Celduin (o Rio Corrente), e além até Númen, e de lá rumo ao sul até os antigos confins de Gondor Meridional. (Originariamente não excluía Mordor, que estava ocupada por Sauron, mesmo que fora de seus reinos originais "no leste", como ameaça deliberada ao oeste e aos númenorianos.) "O norte" inclui portanto toda esta grande área: uma fronteira imprecisa do oeste para o leste desde o Golfo de Lûn até Númen, e do norte para o sul desde Carn Dûm até os limites meridionais da antiga Gondor, entre esta e o Harad Próximo. Além de Númen, Gandalf jamais fora.

Esse trecho é a única prova que resta acerca da extensão de suas viagens mais para o sul. Aragorn afirma ter chegado "às regiões distantes de Rhûn e Harad, onde as estrelas são estranhas" *(A Sociedade do Anel,* II, II). Não é necessário supor que Gandalf tenha feito o mesmo. Essas lendas são centradas no norte - porque está representado como fato histórico que o combate contra Morgoth e seus servos ocorreu principalmente no norte, e especialmente no noroeste, da Terra-média, e isso foi assim porque o movimento dos elfos, e depois dos homens escapando de Morgoth, fora inevitavelmente *rumo ao oeste,* na direção do Reino Abençoado, e *rumo ao noroeste* porque naquele ponto as costas da Terra-média estavam mais próximas de Aman. *Harad* "sul" é portanto um termo vago; e, apesar de os homens de Númenor, antes de sua queda, terem explorado as costas da Terra-média muito ao sul, suas povoações além de Umbar haviam sido absorvidas, ou, tendo sido estabelecidas por homens que já em Númenor tinham sido corrompidos por Sauron, haviam se tornado hostis e parte dos domínios de Sauron. Mas as regiões meridionais em contato com Gondor (e chamadas pelos homens de Gondor simplesmente de Harad "sul", Próximo ou Extremo) eram provavelmente mais propensas a serem convertidos à "Resistência", e também lugares onde Sauron estava mais ocupado na Terceira Era, visto que eram para ele uma fonte de mão-de-obra muito prontamente utilizada contra Gondor. Para essas regiões, Gandalf pode muito bem ter viajado nos

primeiros dias de suas labutas.

Mas sua principal província era o "norte", e nele acima de tudo o noroeste, Lindon, Eriador e os Vales do Anduin. Sua aliança era primariamente com Elrond e os dúnedain do norte (Guardiões). Era-lhe peculiar seu amor e conhecimento dos "Pequenos", pois sua sabedoria tinha um presságio da importância deles em última análise, e ao mesmo tempo percebia seu valor inerente. Gondor atraía menos sua atenção, pela mesma razão que a tornava mais interessante para Saruman: era um centro de conhecimento e poder. Seus governantes, pela ascendência e todas as suas tradições, opunham-se irrevogavelmente a Sauron, certamente do ponto de vista político: o reino de Gondor erguia-se como ameaça a ele, e continuava a existir somente até onde e até quando a ameaça de Sauron a eles pudesse ser enfrentada pelo poder armado. Gandalf pouco podia fazer para guiar seus altivos governantes ou instruí-los, e foi somente na decadência do seu poder, quando foram enobrecidos pela coragem e pela perseverança no que parecia uma causa perdida, que ele começou a se preocupar profundamente com eles.

O nome *Incánus* é aparentemente "alienígena", isto é, nem westron nem élfico (sindarin ou quenya); nem é explicável pelos idiomas remanescentes dos homens do norte. Uma nota no Livro do Thain diz que é uma forma, adaptada ao quenya, de uma palavra do idioma dos Haradrim que significa simplesmente "espião do norte" *(Ink.ã + nus).*

Gandalf é uma substituição, na narrativa em inglês, nas mesmas linhas do tratamento dado a nomes dos hobbits e dos anões. É um nome nórdico verdadeiro (encontrado, aplicado a um anão, em *Voluspá),* usado por mim por parecer conter *gandr,* um cajado, especialmente um usado em "mágica", e por ser possível supor que signifique "indivíduo élfico com um cajado (mágico)". Gandalf não era elfo, mas pelos homens poderia ser associado com eles. visto que sua aliança e sua amizade com eles eram bem conhecidas. Como o nome é associado com "o norte" em geral, deve-se supor que *Gandalf* represente um nome em westron, porém composto de elementos não derivados dos idiomas élficos.

Uma visão totalmente diferente do significado das palavras de Gandalf "no sul, Incánus", e da etimologia do nome, aparece em uma nota escrita em 1967:

É muito obscuro o que significava "no sul". Gandalf negou jamais ter visitado "o leste", mas na verdade parece ter limitado suas viagens e sua tutela às terras ocidentais, habitadas pelos elfos e por povos em geral hostis a Sauron. De qualquer forma, parece improvável que alguma vez tenha viajado ou permanecido bastante tempo no Harad (ou Extremo Harad!) para lá ter adquirido um nome especial em uma das línguas alienígenas daquelas regiões pouco conhecidas. Assim, o sul deve significar Gondor (no sentido mais amplo, as terras sob a suserania de Gondor no píncaro do poder). À época do Conto, porém, encontramos Gandalf sempre chamado de Mithrandir em Gondor (por homens de classe alta ou origem númenoriana, como Denethor. Faramir etc). Isto é sindarin, e é dado como o nome usado pelos elfos; mas os homens de classe alta em Gondor conheciam e usavam essa língua. O nome "popular" em westron ou Língua Geral era evidentemente um com o significado de "Manto-Cinzento", mas como havia sido inventado muito tempo atrás já possuía uma forma arcaica. Esta talvez esteja representada pelo *Capa-Cinzenta* usado por Éomer em Rohan.

Meu pai concluiu aqui que "no sul" se referia a Gondor, e que Incánus era (como Olórin) um nome em quenya, porém inventado em Gondor nos tempos antigos, quando o

quenya ainda era muito usado pelos eruditos e era a língua de muitos registros históricos, como havia sido em Númenor.

Gandalf, diz-se no Conto dos Anos, surgiu no oeste no início do século XI da Terceira Era. Se presumirmos que ele primeiro visitou Gondor, bastantes vezes e por tempo suficiente para ali adquirir um nome ou nomes - digamos no reinado de Atanatar Alcarin, cerca de 1.800 anos antes da Guerra do Anel -. seria possível tomar Incánus como um nome em quenya inventado para ele, que mais tarde se tornou obsoleto e era lembrado apenas pelos eruditos.

Com base nessa suposição, é proposta uma etimologia a partir dos elementos quenya *in(id)-* "mente" e *kan-* "soberano", em especial em *cáno. cánu,* "soberano, governador, chefe"(este último constitui o segundo elemento nos nomes *Turgon* e *Fingon).* Nessa nota, meu pai referiu-se à palavra latina *Incánus.* "grisalho", de maneira a sugerir que esta fosse a origem real deste nome de Gandalf quando *O Senhor dos Anéis* foi escrito, o que, caso verdadeiro, seria muito surpreendente. E, ao final da discussão, observou que a coincidência de formas entre o nome em quenya e a palavra latina deve ser vista como um "acidente", do mesmo modo que o sindarin *Orthanc* "elevação bifurcada". por acaso coincide com a palavra anglo-saxã *Orthanc* , "invenção astuciosa", que é a tradução do nome real na língua dos rohirrim.

CAPITULO III
Os palantíri

Os *palantíri* sem dúvida nunca foram objetos de uso comum ou conhecimento comum, mesmo em Númenor. Na Terra-média eram mantidos em salas vigiadas, no alto de torres fortificadas. Somente reis e governantes, além de seus guardiões designados, tinham acesso a eles; e jamais eram consultados, nem exibidos, em público. Mas até o desaparecimento dos Reis não eram segredos sinistros. Seu uso não envolvia risco, e nenhum rei ou outra pessoa autorizada a consultá-los teria hesitado em revelar a fonte de seu conhecimento sobre os atos ou as opiniões de governantes distantes, caso fosse obtido através das Pedras.

Depois dos dias dos Reis. e a perda de Minas Ithil, não há mais menção de seu uso aberto e oficial. Não restava no norte Pedra que respondesse após o naufrágio de Arvedui Último-Rei no ano cie 1975. Em 2002 a pedra de Ithil foi perdida. Restavam então somente a Pedra de Anor em Minas Tirith e a Pedra de Orthanc.

Dois fatores contribuíram então para as pedras serem negligenciadas e desaparecerem da memória geral do povo. O primeiro foi a ignorância do que ocorrera com a Pedra de Ithil: supunha-se razoavelmente que tivesse sido destruída pelos defensores antes que Minas Ithil fosse capturada e saqueada; mas evidentemente era possível que tivesse sido apanhada e chegado à posse de Sauron, e alguns dos mais sábios e previdentes podem ter considerado isso. Parece que assim fizeram e perceberam que a Pedra de pouco lhe valeria para causar dano a Gondor, a não ser que fizesse contato com outra Pedra que estivesse em consonância com ela. Foi por essa razão, pode-se supor, que a Pedra de Anor, acerca da qual todos os registros dos Regentes silenciam até a Guerra do Anel, foi mantida sob o mais estrito sigilo, acessível apenas aos Regentes Governantes e

nunca usada por eles (ao que conste) antes de Denethor II.

A segunda razão foi a decadência de Gondor e a diminuição do interesse pela história antiga, ou conhecimento dela, entre todos, exceto alguns, mesmo entre a elite do reino, salvo no que dizia respeito às suas genealogias: sua ascendência e seus parentescos. Depois dos Reis, Gondor declinou e caiu em uma "Idade Média" de conhecimento minguante e habilidades mais simples. As comunicações dependiam de mensageiros e estafetas, ou, em tempos de urgência, de faróis. E. se as Pedras de Anor e Orthanc ainda eram guardadas como tesouros do passado, cuja existência era do conhecimento de somente alguns, as Sete Pedras de outrora estavam em geral esquecidas pelo povo, e os versos tradicionais que as mencionavam, caso lembrados, não eram mais compreendidos. Nas lendas, suas operações foram transformadas nos poderes élficos dos antigos reis. com seus olhos penetrantes, e nos velozes espíritos semelhantes a aves que os serviam, trazendo-lhes notícias ou portando suas mensagens.

Nessa época, parece que os Regentes havia muito tempo descuravam da Pedra de Orthanc: ela não tinha mais nenhuma serventia para eles e estava segura em sua torre impenetrável. Mesmo que também ela não tivesse sido obscurecida pela dúvida acerca da Pedra de Ithil, ficava em uma região de que Gondor cada vez menos se ocupava diretamente. Calenardhon, nunca densamente povoada, havia sido devastada pela Peste Negra de 1636, e depois disso foi continuamente privada de habitantes de ascendência númenoriana pela migração a Ithilien e terras mais próximas ao Anduin. Isengard permanecia como propriedade pessoal dos Regentes, mas Orthanc propriamente dita ficara deserta, e acabou sendo fechada, tendo suas chaves sido levadas para Minas Tirith. Se o Regente Beren teve alguma recordação da Pedra quando as entregou a Saruman, provavelmente pensou que ela não podia estar em mãos mais seguras que as do chefe do Conselho oposto a Sauron.

Saruman sem dúvida obtivera. por suas investigações, um conhecimento especial das Pedras, objetos que lhe atrairiam a atenção, e se convencera de que a Pedra de Orthanc estava ainda intacta em sua torre. Conseguiu as chaves de Orthanc em 2759, nominalmente como guardião da torre e lugar-tenente do Regente de Gondor. Naquela época, o assunto da Pedra de Orthanc dificilmente preocuparia o Conselho Branco. Apenas Saruman, tendo conquistado o favor dos Regentes, já tinha efetuado estudos suficientes dos registros de Gondor para perceber o interesse dos *palantíri* e os possíveis usos dos que restavam; mas nada disse sobre isso a seus colegas. Em decorrência da inveja e do ódio que sentia por Gandalf, Saruman deixou de cooperar com o Conselho, que se reuniu pela última vez em 2953. Sem qualquer declaração formal, Saruman apossou-se então de Isengard como seu próprio domínio e não deu mais atenção a Gondor. O Conselho sem dúvida reprovou esse ato; mas Saruman era independente e tinha o direito, caso desejasse, de agir com autonomia de acordo com sua própria política na resistência contra Sauron.

O Conselho em geral deve de outro modo ter tido conhecimento das Pedras e sua antiga disposição, mas não considerava que tivessem muita importância no presente: eram objetos que pertenciam à história dos Reinos dos Dúnedain, maravilhosos e admiráveis, mas agora, em sua maioria, perdidos ou tornados de pouco uso. Deve-se recordar que as Pedras originalmente eram "inocentes" e não serviam a propósitos malignos. Foi Sauron quem as tornou sinistras, e instrumentos de dominação e fraude.

Embora o Conselho (alertado por Gandalf) possa ter começado a duvidar das intenções de Saruman a respeito dos Anéis. nem mesmo Gandalf sabia que ele se tornara um aliado, ou servo, de Sauron. Isso só foi descoberto por Gandalf em julho de 3018 Mas, apesar de Gandalf nos últimos anos ter ampliado seu conhecimento, e o do Conselho,

sobre a história de Gondor pelo estudo de seus documentos, a principal preocupação de Gandalf e do Conselho ainda era o Anel: as possibilidades latentes nas Pedras não eram percebidas. É evidente que, à época da Guerra do Anel, não fazia muito tempo que o Conselho se dera conta da dúvida acerca do destino da Pedra de Ithil, e deixou (algo compreensível até em pessoas tais como Elrond, Galadriel e Gandalf, sob o peso de suas preocupações) de avaliar seu significado, de considerar o que poderia resultar caso Sauron se apossasse de uma das Pedras, e qualquer outra pessoa então fizesse uso de outra. Foi necessária a demonstração em Dol Baran dos efeitos da Pedra de Orthanc sobre Peregrin para revelar subitamente que a "ligação" entre Isengard e Barad-dûr (cuja existência foi comprovada depois que se descobriu que tropas de Isengard haviam se unido a outras dirigidas por Sauron no ataque à Sociedade em Parth Galen) era de fato a Pedra de Orthanc - e um outro *palantír.*

Em sua fala a Peregrin, ambos cavalgando em Scadufax a partir de Dol Baran *(As Duas Torres,* III, XI), o objetivo imediato de Gandalf foi dar ao hobbit alguma idéia da história dos *palantíri,* para que pudesse começar a perceber a antigüidade, a dignidade e o poder das coisas com que tivera a presunção de interferir. Não estava preocupado em exibir seus próprios processos de descoberta e dedução, exceto em seu último ponto: explicar como Sauron chegara a controlá-las, de forma que era perigoso para *qualquer um* usá-las, por muito nobre que fosse. Mas a mente de Gandalf ao mesmo tempo ocupava-se seriamente das Pedras, considerando a influência da revelação de Dol Baran sobre muitas coisas que observara e ponderara: tais como o amplo conhecimento de eventos longínquos que Denethor possuía, e sua aparência de velhice prematura, que primeiro se observou quando não tinha muito mais que sessenta anos, embora pertencesse a uma raça e a uma família que ainda tinham normalmente vida mais longa que outros homens. Sem dúvida, a pressa de Gandalf em chegar a Minas Tirith, além da urgência do tempo e da iminência da guerra, foi aumentada por seu súbito temor de que Denethor também tivesse feito uso de um *palantír,* a Pedra de Anor, e por seu desejo de avaliar que efeito isso tivera sobre ele: se no teste crucial da guerra desesperada não seria demonstrado que ele (como Saruman) não mais merecia confiança e poderia se render a Mordor. As conversas de Gandalf com Denethor quando chegou em Minas Tirith e nos dias seguintes, e tudo que se relata que dialogaram, devem ser vistas à luz dessa dúvida na mente de Gandalf*.

A importância do *palantír* de Minas Tirith em seus pensamentos começara portanto apenas com a experiência de Peregrin em Dol Baran. Mas seu conhecimento ou suposições sobre sua existência eram naturalmente muito mais antigos. Pouco se sabe da história de Gandalf antes do fim da Paz Vigilante (2460) e da formação do Conselho Branco (2463), e seu interesse especial por Gondor parece ter-se mostrado somente depois que Bilbo encontrou o Anel (2941) e Sauron retornou abertamente a Mordor (2951). Sua atenção estava então (como a de Saruman) concentrada no Anel de Isildur; mas em suas leituras nos arquivos de Minas Tirith pode-se supor que tenha aprendido muito sobre os *palantíri* de Gondor, porém com apreciação menos imediata de sua possível importância do que a demonstrada por Saruman, cuja mente, em contraste com a de Gandalf, sempre fora mais atraída por artefatos e instrumentos de poder que por pessoas. Ainda assim, àquela época Gandalf provavelmente já sabia mais que Saruman sobre a natureza e origem primeira dos *palantíri,* pois tudo que dizia respeito ao antigo reino de Arnor e à história posterior daquelas regiões era sua província especial, e Gandalf estava em estreita aliança com Elrond.

Mas a Pedra de Anor tornara-se um segredo: nenhuma menção de seu destino após a queda de Minas Ithil aparecia em qualquer dos anais ou registros dos Regentes. A

história de fato esclareceria que nem Orthanc nem a Torre Branca de Minas Tirith jamais haviam sido capturadas nem saqueadas por inimigos, e que, portanto, seria possível supor haver grande probabilidade de as Pedras estarem intactas e permanecerem em seus antigos locais; mas não se podia ter certeza de que não haviam sido removidas pelos Regentes, e talvez "enterradas" fundo em alguma câmara secreta de tesouro, até mesmo em algum último refúgio oculto nas montanhas, comparável ao Templo da Colina.

Devia ter sido relatado que Gandalf disse que não *pensara* que Denethor ousara usá-la, até perder sua sabedoria. Não podia afirmar isso como fato conhecido, pois quando e por que motivo Denethor se atrevera a usar a Pedra era e ainda é assunto para conjetura. Gandalf bem podia ter a opinião que tinha sobre esse assunto, mas é provável, considerando Denethor e o que se diz dele, que este tenha começado a usar a Pedra de Anor muitos anos antes de 3019, e antes de Saruman ousar ou crer útil usar a Pedra de Orthanc. Denethor assumiu a Regência em 2984, tendo então a idade de 54 anos: um homem autoritário, ao mesmo tempo sábio e erudito além da medida daqueles tempos, e voluntarioso, confiante em seus próprios poderes, e intrépido. Aos outros seu lado "sombrio" passou a ser observável depois que sua esposa Finduilas morreu em 2988, mas parece bastante evidente que se voltara para a Pedra de *imediato,* assim que assumiu o poder, tendo estudado por muito tempo o assunto dos *palantíri* e as tradições a respeito deles e de seu uso, preservadas nos arquivos especiais dos Regentes, aos quais tinha acesso, além do Regente Governante, apenas seu herdeiro. Durante o final do governo de seu pai, Ecthelion II, ele deve ter desejado muito consultar a Pedra, à medida que aumentava a ansiedade em Gondor, enquanto sua própria posição se enfraquecia pela fama de "Thorongil" e os favores que seu pai lhe concedia. Pelo menos um dos seus motivos deve ter sido a inveja de Thorongil, bem como a hostilidade a Gandalf, ao qual seu pai dava muita atenção durante a influência de Thorongil. Denethor desejava exceder esses "usurpadores" em conhecimento e informação, e também, se possível, mantê-los sob vigilância quando estavam em outros lugares.

É preciso distinguir a tensão alquebrante de quando Denethor se defrontou com Sauron da tensão geral do uso da Pedra. Esta última Denethor acreditava poder suportar (e não sem razão). É quase certo que o confronto com Sauron não ocorreu por muitos anos, e é provável que, de início, nunca tenha sido contemplado por Denethor. Para os usos dos *palantíri,* e a diferença entre seu uso solitário para "ver" e seu uso para inter-comunicaçào com outra Pedra e seu "observador"'. Depois de adquirir a técnica, Denethor pôde descobrir muito sobre eventos distantes apenas pelo uso da Pedra de Anor e. mesmo depois de Sauron se dar conta de suas operações, ainda podia fazê-lo, enquanto mantivesse a força para controlar sua Pedra para seus próprios fins, a despeito da tentativa de Sauron de "arrancar" a Pedra de Anor sempre em sua direção. Também deve ser considerado que as Pedras eram apenas um pequeno item nos vastos desígnios e operações de Sauron: um meio de dominar e iludir dois de seus oponentes, mas ele não pretendia (e não podia) ter a Pedra de Ithil sob observação perpétua. Não era seu estilo entregar tais instrumentos ao uso de subordinados; nem tinha qualquer servo cujos poderes mentais fossem superiores aos de Saruman ou mesmo aos de Denethor. No caso de Denethor, o Regente foi fortalecido, até mesmo contra o próprio Sauron, pelo fato de serem as Pedras muito mais receptivas a usuários legítimos; principalmente aos verdadeiros "Herdeiros de Elendil" (como Aragorn), mas também a alguém com autoridade hereditária (como Denethor), em comparação com Saruman ou Sauron. Pode-se notar que os efeitos foram diferentes. Saruman caiu sob a dominação de Sauron e desejava sua vitória, ou não mais se opunha a ela. Denethor permaneceu firme em sua rejeição a Sauron, mas foi levado a acreditar que a vitória deste era inevitável, e assim

caiu no desespero. As razões para essa diferença eram sem dúvida que, em primeiro lugar, Denethor era homem de grande força de vontade, e manteve sua personalidade íntegra até o golpe final do ferimento (aparentemente) mortal de seu único filho sobrevivente. Era orgulhoso, mas isso de modo algum tinha cunho meramente pessoal: amava Gondor e seu povo, e julgava-se indicado pelo destino para conduzi-los naquela época sem esperanças. E, em segundo lugar, a Pedra de Anor era sua *de direito,* e nada, a não ser a conveniência, se opunha a que ele a usasse em suas graves ansiedades. Denethor deve ter adivinhado que a Pedra de Ithil estava em mãos malévolas, e arriscou entrar em contato com ela. confiando em sua força. Sua confiança não era inteiramente injustificada. Sauron não conseguiu dominá-lo e pôde apenas influenciá-lo com enganos. É provável que no começo não tenha olhado em direção a Mordor, mas tenha se contentado com as "visões longínquas" que a Pedra oferecia. Daí vinha seu surpreendente conhecimento de acontecimentos distantes. Não está dito se alguma vez fez contato desse modo com a Pedra de Orthanc e Saruman. Provavelmente sim, e o fez com proveito para si próprio. Sauron não podia invadir essas conferências: somente o observador que usasse a Pedra Mestra de Osgiliath podia "bisbilhotar". Enquanto duas das outras Pedras estavam em contato, a terceira as enxergaria ambas em branco.

Deve ter existido um considerável conjunto de tradições acerca dos *palantíri,* preservado em Gondor pelos Reis e Regentes, e repassado mesmo depois que não se fazia mais uso deles. Essas Pedras eram um presente inalienável a Elendil e seus herdeiros, somente aos quais pertenciam de direito. Mas isso não significa que podiam ser usadas com legitimidade apenas por um desses "herdeiros". Legalmente podiam ser usadas por qualquer pessoa autorizada pelo "herdeiro de Anárion" ou pelo "herdeiro de Isildur", isto é, um Rei legítimo de Gondor ou Arnor. Na verdade, devem ter sido usadas normalmente por tais representantes. Cada Pedra tinha seu próprio guardião, e entre seus deveres estava o de "observar a Pedra" a intervalos regulares, quando lhe fosse ordenado ou em tempos de necessidade. Outras pessoas também eram designadas para visitar as Pedras, e ministros da Coroa ocupados com "informações secretas" faziam-lhes inspeções regulares e especiais, relatando as informações assim obtidas ao Rei e ao Conselho, ou ao Rei em caráter privado, conforme o caso exigisse. Em Gondor, ultimamente, como o cargo de Regente cresceu em importância e se tornou hereditário, proporcionando por assim dizer um "suplente" permanente do Rei e um vice-rei imediato caso preciso, o comando e o uso das Pedras parece ter estado principalmente nas mãos dos Regentes, e as tradições sobre sua natureza e seu uso devem ter sido mantidas e transmitidas em sua Casa. Visto que a Regência se tornara hereditária desde 1998, a autoridade de fazer uso ou ainda de delegar o uso das Pedras foi legalmente transmitida em sua linhagem e, portanto, pertencia plenamente a Denethor.

No entanto, deve-se ressaltar com respeito à narrativa do *Senhor dos Anéis* que muito além de tal autoridade delegada, mesmo hereditária, qualquer "herdeiro de Elendil" (isto é, um descendente reconhecido que ocupasse um trono ou senhorio nos reinos númenorianos em virtude dessa ascendência) tinha o *direito* de usar qualquer um dos *palantíri.* Assim, Aragorn reivindicou o direito de tomar posse da Pedra de Orthanc, visto que ela na época não tinha temporariamente proprietário nem guardião; e também porque ele era *de jure* o legítimo Rei tanto de Gondor quanto de Arnor, e podia, se quisesse, cancelar em seu próprio favor, por justa causa, todas as concessões anteriores.

O "conjunto de tradições sobre as Pedras" está agora esquecido e só pode ser recuperado em parte por conjeturas e a partir de fatos registrados a respeito delas. Eram esferas perfeitas, que em repouso aparentavam ser feitas de vidro ou cristal sólido, de tonalidade negra profunda. As menores tinham cerca de um pé de diâmetro, mas algumas,

certamente as Pedras de Osgiliath e Amon Sûl, eram muito maiores e não podiam ser erguidas por uma só pessoa. Originalmente eram colocadas em lugares adequados ao seu tamanho e aos aos quais se destinavam, localizando-se em mesas redondas baixas, de mármore negro, em uma concavidade ou depressão central, onde podiam, caso necessário, ser giradas à mão. Eram muito pesadas, mas perfeitamente lisas, e não sofriam dano se, por acidente ou com má intenção, fossem desalojadas e roladas de suas mesas. Eram de fato inquebráveis por qualquer violência que na época os homens tivessem sob seu controle então, apesar de alguns acreditarem que um grande calor, tal como o de Orodruin, pudesse despedaçá-las, e supunham que esse fora o destino da Pedra de Ithil na queda de Barad-dûr.

Apesar de não terem marcas externas de qualquer tipo. tinham *pólos* permanentes, e originariamente eram colocadas em seus lugares de tal modo que ficassem "em pé": seu diâmetro de um pólo ao outro apontava para o centro da Terra, mas o pólo inferior permanente tinha então de estar por baixo. As faces ao longo da circunferência, nessa posição, eram as faces de visualização, que recebiam as visões do exterior, mas as transmitiam ao olho de um "observador" do lado oposto. Portanto, um observador que desejasse olhar para o oeste colocar-se-ia do lado leste da Pedra, e, se quisesse deslocar sua visão para o norte, teria de mover-se para sua esquerda, rumo ao sul. Mas as Pedras menores, as de Orthanc, Ithil e Anor, e provavelmente Annúminas, também tinham orientações fixas em sua situação original, de forma que (por exemplo) sua face oeste apenas olharia para o oeste e, voltada para outras direções, ficaria em branco. Se uma Pedra se desencaixasse ou fosse perturbada, podia ser reassentada por observação, e então era útil girá-la. Mas quando era removida e lançada ao chão, como foi a Pedra de Orthanc, não era tão fácil acertá-la. Assim, foi "por acaso", como os homens dizem (como Gandalf teria dito), que Peregrin, manuseando a Pedra desajeitadamente, deve tê-la colocado no solo mais ou menos "em pé" e, sentado a oeste dela, ter tido a face fixa com visão para o leste na posição correta. As Pedras maiores não eram fixas desse modo: sua circunferência podia ser girada e ainda assim podiam "ver" em qualquer direção.

Por si sós, os *palantíri* podiam apenas "ver": não transmitiam sons. Sem serem governados por uma mente diretora, eram instáveis, e suas visões eram (pelo menos aparentemente) fortuitas. De um lugar alto, sua face do oeste, por exemplo, enxergava a vastas distâncias, com a visão embaçada e distorcida de ambos os lados, e acima e abaixo, e com o primeiro plano obscurecido por objetos mais atrás, que perdiam em clareza à medida que a distância aumentava. O que "viam" era também dirigido ou impedido pelo acaso, pela escuridão, ou por "cobertura" (vide abaixo). A visão dos *palantíri* não era "cegada" nem "obstruída" por obstáculos físicos, mas apenas pela escuridão; de forma que podiam enxergar *através* de uma montanha do mesmo modo como podiam enxergar *através* de uma mancha de escuridão ou sombra, mas sem ver dentro nada que não recebesse alguma luz. Podiam ver através de paredes, mas nada enxergar dentro de recintos, cavernas ou locais subterrâneos fechados, a não ser que alguma luz incidisse ali; e eles próprios não podiam proporcionar nem projetar luz. Era possível evitar sua visão pelo processo chamado de "cobertura", pelo qual certos objetos ou áreas eram vistos em uma Pedra apenas como sombras ou névoas profundas. Corno isso era feito (por aqueles que estavam conscientes das Pedras e da possibilidade de serem observados por elas) é um dos mistérios perdidos dos *palantíri.*

Um observador podia, por sua vontade, fazer com que a visão da Pedra fosse *concentrada* em algum ponto, em sua linha direta ou perto dela. As "visões" sem controle eram pequenas, especialmente nas Pedras menores, apesar de serem muito maiores aos olhos de um observador que se colocasse a certa distância da superfície do *palantír*

(idealmente cerca de três pés). Mas sob controle de um observador habilidoso e forte, objetos mais remotos podiam ser ampliados, de certa forma trazidos mais para perto e com maior clareza, enquanto seu segundo plano era quase suprimido. Assim, um homem a distância considerável podia ser visto como uma figura minúscula, com meia polegada de altura, difícil de isolar em meio a uma paisagem ou uma multidão de outros homens; mas a concentração podia ampliar e clarificar a visão até que ele fosse visto em detalhes nítidos, embora reduzidos, como uma imagem aparentemente com um pé ou mais de altura, e seria reconhecido se o observador o conhecesse. Uma grande concentração podia até mesmo ampliar algum detalhe que interessasse ao observador, de modo que se poderia ver (por exemplo) se ele tinha um anel na mão.

Essa "concentração" era. porém, muito cansativa e podia tornar-se exaustiva. Por conseguinte, só era empreendida quando se desejavam informações urgentes, e o acaso (talvez auxiliado por outras informações) possibilitava ao observador distinguir itens (significativos para ele e de seu interesse imediato) em meio à confusão das visões da Pedra. Por exemplo, Denethor, sentado diante da Pedra de Anor, ansioso a respeito de Rohan, e decidindo se deveria ou não ordenar que os faróis fossem imediatamente acesos e que a "flecha" fosse enviada, poderia colocar-se em linha direta, olhando para o oés-noroeste através de Rohan, passando perto de Edoras e prosseguindo rumo aos Vaus do Isen. Naquela hora, poderia haver movimentos de homens (visíveis naquela linha. Caso assim fosse, ele poderia concentrar-se (digamos) em um grupo, enxergá-lo como Cavaleiros, e finalmente descobrir algum vulto que lhe fosse conhecido: Gandalf, por exemplo, cavalgando com os reforços rumo ao Abismo de Helm, e subitamente desgarrando-se deles para correr rumo ao norte.

Os *palantíri* não podiam por si sós observar as mentes dos homens, apanhados de surpresa ou a contragosto; pois a transferência do pensamento dependia das *vontades* dos usuários de ambos os lados, e o pensamento (recebido como fala) só era transmissível por uma pedra para outra em concordância.

FIM